UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939):

Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino

Maria Cristina de Carvalho dos Anjos

Doutoramento em História

Especialidade em História Regional e Local

Novembro de 2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

O TURISMO NO EIXO COSTEIRO ESTORIL-CASCAIS (1929-1939):

Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino

Maria Cristina de Carvalho dos Anjos

Tese orientada pelos Professores Doutores Pedro Gomes Barbosa e Sérgio Campos Matos, especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor em História, especialidade em História Regional e Local

Novembro de 2012

DEDICATÓRIA

"Meu velho Fausto, nós só somos imortais pelo que amamos na vida! A imortalidade começa onde um grande sonho acaba."[1]

[1] Augusto de Castro – *Fausto de Figueiredo – Discurso Pronunciado em 16 de Setembro de 1951, por Ocasião da Trasladação do seu Corpo para o Cemitério do Estoril*, Lisboa, Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade, s/d, p.8.

AGRADECIMENTOS

Pela orientação científica durante o processo doutoral começo por agradecer, sobretudo, ao Professor Doutor Pedro Gomes Barbosa pela constante disponibilidade, pela bonomia e pelos diálogos frutíferos mantidos ao longo de vários meses, e ao Professor Doutor Sérgio Campos Matos pelas perspectivas alternativas e pela revisão atenta. Saúdo ainda os Professores Doutores José Varandas e Hermenegildo Fernandes pela agilização da redacção desta tese no âmbito dos seminários leccionados e dos conselhos facultados para a sua consecução.

Pelo apoio à investigação agradeço, por ordem alfabética, ao Sr. Alfredo Santos, à Drª. Anabela Almeida, à Mestre Ana Cláudia Gonçalves, ao Mestre António Gonçalves, à Mestre Cândida Cadavez, à Drª. Carla Faria, à Professora Doutora Isilda Leitão, ao Professor Doutor Nuno Gustavo, à Mestre Isabel Baptista, à Drª. Manuela Fonseca, à Mestre Teresa Costa e a todos os membros dos arquivos, bibliotecas e centros afins visitados.

Pelo apoio espiritual agradeço a confiança insuflada por amigos, família e por Gustavo Nolasco.

RESUMO

Quando em finais de 1928 a Sociedade de Propaganda da Costa do Sol surgiu alterava-se o rótulo de «Riviera Portuguesa» de Estoril, Monte e Cascais, e o climatismo como motivação de viagem para estrangeiros. Firmavam-se a «Era do Bronzeado» e a diversificação de atracções nos *resorts*, e homens como Fausto Figueiredo, Guilherme Cardim, Joaquim Ereira, Ávila Madruga e Marques Mata laborariam pela melhoria das condições de acolhimento de visitantes e da qualidade de vida de residentes.

A ditadura militar inaugurou equipamentos e o campo de Golfe, resgatou a prática náutica e legalizou o feitiço das roletas do Casino Estoril (o único autorizado na Grande Lisboa). Atento às receitas da actividade turística, depressa o Estado Novo dominou a gestão privada da Sociedade Estoril-*Plage* e utilizou o seu *know how* para desenvolver o Turismo nos Açores. O surgimento do Secretariado de Propaganda Nacional, a proximidade de gestores turísticos à ditadura civil e a adesão local a ideais de direita conduziu à divulgação da «Política do Espírito» (nacionalista e conservadora) nos programas de lazer ofertados, do palco do Casino às águas da Baía de Cascais.

Em meados da década de 1930 a presença britânica nos meses de Inverno foi balançada com o mercado espanhol na época de Verão. Esse fluxo iniciou-se com a chegada de refugiados políticos a partir de 1931, os quais eram visitados por familiares e amigos durante a estação quente. Foi o caso do General Sanjurjo que planearia o golpe de Estado que, em Julho de 1936, se converteria na Guerra Civil de Espanha. Rumores e jogos políticos afectariam então gravemente a chegada de turistas ao destino, cuja imagem internacional seria reformulada, reforçando-se ainda a aposta no turismo interno e concretizando-se a revolução urbana planeada pelo ministro Duarte Pacheco (o PUCS). Seria graças aos equipamentos, infra-estruturas, lazeres e imagem legados pelos Anos 30 que o eixo Estoril-Cascais vingaria como recreio das elites europeias durante e após a Segunda Guerra Mundial.

Palavras-Chave: História do Turismo, Estoril, Cascais, Estado Novo, PUCS.

ABSTRACT

When in late 1928 the *Sociedade de Propaganda da Costa do Sol* appeared it changed the «Portuguese Riviera» label dubbed to the towns of Estoril, Monte and Cascais, along with the idea that the climate was the travel motivation for foreigners. The «Sun Tan Era» and the diversification of attractions at the resorts were then settled, and men like Fausto Figueiredo, Guilherme Cardim, Joaquim Ereira, Ávila Madruga and Marques Mata would work on the improvement of hosting conditions for visitors and of the life quality of the residents.

The military dictatorship inaugurated equipments and the Golf course, recovered nautical practices, and legalised the spell of the *roulettes* at the Estoril Casino (the only permitted across Greater Lisbon). Aware of the revenue of the tourist activity the New State soon took over the private management of the *Sociedade Estoril-Plage* and used its know how to develop Tourism in the Azores. The creation of the *Secretariado de Propaganda Nacional*, the proximity of tourist managers to the civilian dictatorship and the local acceptance of the right-wing ideals led to the promotion of the (nationalist and conservative) *«Política do Espírito»* on the events offered from the Casino's stage to the waters of the Cascais Bay.

In the mid-1930s the British presence in wintertime was balanced with the Spanish market in the summertime. That flow began after the arrival of political refugees since 1931 that were visited by relatives and friends during the hot season. It was the case of General Sanjurjo who planned the *coup d'état* that in July 1936 started the Spanish Civil War. Rumours and innuendo would then seriously affect the arrival of tourists at the destination, whose international image was reformulated, along with the increase of domestic tourism, and the accomplishment of the urban revolution planned by the minister Duarte Pacheco (the *PUCS*). It was thanks to the equipments, infrastructures, leisure and image inherited from the 1930s that the Estoril-Cascais axis would succeed as playground of the European elites during and after the 2nd World War.

Key words: History of Tourism, Estoril, Cascais, New State, *PUCS*.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACICC – Associação Comercial e Industrial do Concelho de Cascais

ACP – Automóvel Clube de Portugal

AEV – Associação Escolar de Vanguarda

AHMC – Arquivo Histórico Municipal de Cascais

AIP – Associação Industrial Portuguesa

ANL – Associação Naval de Lisboa

ANTT – Arquivo Nacional Torre do Tombo

BNP – Biblioteca Nacional de Portugal

CGDCP – Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

CITC – Comissão de Iniciativa e Turismo de Cascais

CMC – Câmara Municipal de Cascais

CNC – Caixa Nacional de Crédito

CNL – *Club* Naval de Lisboa

CNP – *Club* Náutico de Portugal

CNT – Conselho Nacional de Turismo

CP – Caminhos-de-ferro Portugueses

CPC – Comissão de Propaganda de Cascais

CPDL – Comissão de Propaganda e Desportos da Linha de Cascais

CPTPE – Comissão de Propaganda do Turismo de Portugal no Estrangeiro

DHT – Divisão Hidráulica do Tejo

FLUL – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

FNAT – Federação Nacional da Alegria no Trabalho

GDEP – Grupo Desportivo Estoril-*Plage*

GDSC – Grupo Dramático e *Sportivo* de Cascais

INE – Instituto Nacional de Estatística

JAE – Junta Autónoma das Estradas

JTC – Junta de Turismo de Cascais

KdF – Kraft durch Freude

LP – Legião Portuguesa

MCC – Ministério do Comércio e Comunicações

MCCG – Museu Condes de Castro Guimarães

MI – Ministério do Interior

MM – Ministério da Marinha

MNE – Ministério dos Negócios Estrangeiros

MOPC – Ministério das Obras Públicas e Comunicações

MP – Mocidade Portuguesa

MPF - Mocidade Portuguesa Feminina

OMEN – Obra das Mães pela Educação Nacional

OMT – Organização Mundial de Turismo

PUCS – Plano de Urbanização da Costa do Sol

RCP – Rádio Clube Português

RJT – Repartição de Jogos e Turismo

SAI – Sociedade Arrendatária Internacional

SAME – Sociedade de Amigos do Monte Estoril

SCC – *Sporting Club* de Cascais (ou Clube da Parada)

SCME – *Sporting Club* do Monte Estoril

SE – Sociedade Estoril

SEP – Sociedade Estoril-*Plage*

SHP – Sociedade Hípica Portuguesa

SMC – Sociedade Musical de Cascais

SPCS – Sociedade de Propaganda da Costa do Sol

SPC – Sociedade de Propaganda de Cascais

SPN – Secretariado de Propaganda Nacional

SPP – Sociedade de Propaganda de Portugal

STN – Sociedade *Terra Nostra*

UHP – União Hoteleira de Portugal

ÍNDICE

Introdução_____ P.1

I. Caracterização do concelho de Cascais entre as duas Guerras Mundiais___ P.9

1. Súmula dos antecedentes históricos do Turismo no concelho (1870-1918)

2. Território e população municipais

3 A hegemonia turística do eixo costeiro Estoril-Cascais face ao concelho

4. As dinâmicas estabelecidas entre a autarquia e a capital

II. Fausto e pompa instalam-se no Estoril: 1929-1933_____P.38

1. A brochura de Fausto Figueiredo

2. Climatologia e termalismo

3. A prática do Golfe e o mercado britânico

4. Modernidades(s) num Estado em renovação

5. Inaugurações estivais e Hotelaria (1930-1931)

6. Modalidades de Lazer e património(s)

7. Turismo Científico e a promoção *in loco*

8. Entidades e iniciativas promocionais

9. Urbanismo e urbanidade

III. Rumo a uma nova orgânica do Turismo: 1934-1936_____P.155

1. A reformulação da Sociedade Estoril-*Plage*

2. As motivações do mercado britânico

3. A crescente presença de Espanhóis

4. Transportes, telecomunicações e tecnologia aplicada ao Lazer

5. Hotelaria, Restauração e espaços de convívio social

6. Modalidades de Lazer e património(s)

7. Turismo Científico e a promoção *in loco*

8. Entidades e iniciativas promocionais

9. Urbanismo e urbanidade

IV. Crise turística e esforços de superação: 1937- 1939_____P.229

1. Crise turística e a reformulação promocional do destino

2. Principais produtos turísticos do eixo Estoril-Cascais

3. Transportes, telecomunicações e tecnologia aplicada ao Lazer

4. Hotelaria, Restauração e espaços de convívio social

5. Turismo Científico e a promoção *in loco*

6. Urbanismo e urbanidade

Reflexões finais_____ P.283

Fontes _____P.289

Bibliografia _____ P.309

Outras referências _____ P.331

Anexos

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Temperaturas médias entre Biarritz, Nice e a Costa do Sol (ºC)._____P.14

Quadro 2 – Evolução da população residente total e parcial (por freguesia)._____P.17

Quadro 3 – Principais profissões no concelho de Cascais (%)._____P.19

Quadro 4 – Naturalidade dos habitantes, por freguesia (%)._____P.20

Quadro 5 – Nacionalidades residentes no concelho (recenseamentos de 1930 e 1940)._____ P.22

Quadro 6 – A alfabetização do concelho: recenseamentos de 1920, 1930 e 1940._____P.24

Quadro 7 – Movimento no estabelecimento termal do Estoril (1929-1933)._____ P.52

Quadro 8 – Movimento de hóspedes no Hotel do Parque (1930-1933)._____P.53

Quadro 9 – Serviço da *Anglo-Portuguese Telephone Company* no Estoril (1929-1933)._____ P.71

Quadro 10 – Serviço da *Anglo-Portuguese Telephone Company* em Cascais (1929-1933)._____ P.72

Quadro 11 – Telegramas trocados no serviço semafórico de Oitavos (1929-1933)._____ P.72

Quadro 12 – Movimento de hóspedes no Hotel Palácio (Agosto 1930-Março 1933)._____ P.77

Quadro 13 – Tráfego de passageiros na Linha de Cascais (1929-1933)._____ P.81

Quadro 14 – Valores dos impostos pagos ao Estado (1928-1933)._____ P.90

Quadro 15 – Museu Condes de Castro Guimarães (1931-1933)._____ P.115

Quadro 16 – Campos de acção da Sociedade de Propaganda de Portugal._____ P.123

Quadro 17 – A orgânica do Turismo português (1929-1933)._____P.125

Quadro 18 – Presidentes da CITC (1929-1933)._____ P.127

Quadro 19 – Movimento no estabelecimento termal do Estoril (1934-1936).___P.164

Quadro 20 – Tráfego de passageiros na Linha de Cascais (1934-1936)._____P.176

Quadro 21 – Serviço da *Anglo-Portuguese Telephone Company* no Estoril (1934-1936)._____P.177

Quadro 22 – Serviço da *Anglo-Portuguese Telephone Company* em Cascais (1934-1936)._____P.177

Quadro 23 – Telegramas trocados no serviço semafórico de Oitavos (1934-1936)._____P.178

Quadro 24 – Museu Condes de Castro Guimarães (1934-1936)._____P.200

Quadro 25 – Última equipa da CITC (1933-1937)._____P.211

Quadro 26 – Membros da CPC listados no *Anuário Comercial de Portugal*.___P.213

Quadro 27 – Equipas da JTC (1937-1939)._____ P.236

Quadro 28 – Equipas da SPCS (1937-1939)._____P.239

Quadro 29 – Movimento no estabelecimento termal do Estoril (1936-1937).___P.244

Quadro 30 – Museu Condes de Castro Guimarães (1937-1939)._____P.254

Quadro 31 – Museu Tiflológico (1938-1939)._____P.254

Quadro 32 – Tráfego de passageiros na Linha de Cascais (1937-1939)._____P.257

Quadro 33 – Rendimento, despesas e receitas da SE em 1929, 1935 e 1939._____ P.258

Quadro 34 – Serviço da *Anglo-Portuguese Telephone Company* no Estoril (1937-1939)._____P.258

Quadro 35 – Serviço da *Anglo-Portuguese Telephone Company* em Cascais (1937-1939)._____P.259

Quadro 36 – Principais nacionalidades no Estoril (1939)._____P.263

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Temperaturas médias entre Biarritz, Nice e a Costa do Sol (ºC)._____P.14

Gráfico 2 – Evolução da população residente do concelho de Cascais._____ P.17

Gráfico 3 – Evolução da população permanente, por freguesia._____ P.18

Gráfico 4 – Naturais do concelho, por freguesias (%)._____ P.21

Gráfico 5 – Estrangeiros residentes do concelho, por freguesias (%)._____P.21

Gráfico 6 – Principais nacionalidades residentes em Cascais (Anos 30 e 40).____ P.23

Gráfico 7 – Evolução gráfica da alfabetização de Cascais entre 1920 e 1940.____P.24

INTRODUÇÃO

> "Um trabalho de investigação é sempre o reflexo do percurso pessoal do seu autor."[2]

Ponderando a nossa progressão académica e profissional, após concluir o mestrado iniciámos leituras diversas no ramo da História do Turismo. Perante a prolífica produção relativa a Cascais desde as origens da actividade ao lançamento do projecto de Fausto Figueiredo e ao período da Segunda Guerra Mundial, notámos uma lacuna nos estudos do fenómeno: os Anos 30. Ao pioneirismo por patrocínio real e do ousado plano faustino, as obras encontradas preteriam essa década para incidir no *glamour* e no jogo diplomático derivado da estada de espiões e refugiados europeus, mas pouco se revelava sobre o decénio nomeado, pelo que iniciámos a pesquisa que conduziu a esta tese. Assim, o objectivo do estudo aqui apresentado será a análise histórica do impacto do fenómeno turístico no eixo Estoril-Cascais, entre 1929 e 1939. O nosso contributo tem como título *O Turismo no Eixo Costeiro Estoril-Cascais (1929-1939): Equipamentos, Eventos e Promoção do Destino*.

Apesar de desde finais do século XIX o concelho cativar visitantes sazonais para áreas costeiras em Parede, São Pedro, São João e Monte Estoril, esses fluxos (sobretudo de origem interna) associavam-se a questões de saúde. Ao invés, esta investigação incidirá sobre o triângulo Estoril-Monte Estoril-Cascais por motivos turísticos plurais, apresentando-se diferentes produtos, equipamentos, práticas de lazer e esforços promocionais de abrangência internacional e nacional, indissociáveis a uma actividade civilizacional que, no início do século XX, era já basilar para a vitalidade financeira de territórios como Mónaco e Suíça[3]. O termo «Turismo» provém do inglês *tourism* (por si derivado do francês *tourisme* e *tour*[4]), enraizando-se nas práticas socio-culturais e educativas do *Grand Tour* britânico de Setecentos que, com o advento da Revolução Industrial, transformaria a viagem não laboral considerando meios de transporte, distâncias percorridas, serviços e destinos em expansão oferecidos aos clientes; até à

[2] Ema Cláudia Pires – *O Bailado do Turismo – Turismo e Propaganda no Estado Novo*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2003, p.13.
[3] Cf. *Estoril – Estação Marítima, Climaterica, Thermal e Sportiva*, Lisboa, Typografia A Editora Limitada,1914, s/p..
[4] José Pedro Machado (coord.) – "Turismo", *Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa*, Quinto Volume Q-Z, 3ª ed., Lisboa, Livros Horizonte, 1977, p.353.

Segunda Guerra Mundial verificou-se a hegemonia de viajantes abastados (membros das sociedades tecnológicas do Hemisfério Norte). Em Janeiro de 1932 José de Ataíde definiria o termo «Turismo» como sinónimo de prazer, de hedonismo. Como esclarecia,

> Mas o que é afinal o turismo? Rigorosamente o turismo consiste nas viagens por mero prazer… Por conseguinte, o homem de negócios… não é um turista… Um indivíduo que vá fazer uma cura numa estancia termal não é um turista… Os que fazem uma viagem de estudo não são turistas… Fileas Fogg dando a volta ao mundo não é um turista.[5]

O erudito português limitava o Turismo à «viagem pela viagem»[6], igual posição defendida em 1936 na revista *Mexico-Rotario* que o classificaria como "um fenómeno moderno[7]" que, a nível académico, abarcava duas acepções: a do viajante sibarita (Procura) e a da organização da viagem (Oferta). Por seu turno, nos meios intelectuais anglo-saxónicos o conceito «Turismo» era, desde 1930, defendido por Arthur Bormann como uma prática ligada a intentos hedonistas, comerciais, profissionais e afins, alargando-se o leque de motivações e tendo em conta a ausência demorada da residência habitual[8]. A disseminação da viagem como prática socio-cultural iniciada, havia décadas, na Grã-Bretanha, justificava a visão abrangente do fenómeno face a estados onde a industrialização fora posterior e lenta. Noutro extremo da Europa, uma enciclopédia italiana de 1937 apresentava uma definição de espectro múltiplo ao referir que "Fare del turismo è propriamente viaggare per diporto"[9], complementando que o neologismo de origem inglesa abraçava todas as formas de viagem e de desporto (turismo activo), além de intentos de cura, de instrução, motivos religiosos e outros não utilitários. A última categoria englobava campismo, termalismo, modalidades de alojamento, viagem ferroviária e marítima, restauração, entre outras variáveis, acentuando-se o pendor no acolhimento *in situ*. Em suma, tal como Licínio Cunha defende, há cerca de um século se tenta conceptualizar o fenómeno «Turismo», mas a

---

[5] José de Ataíde – "Algumas Notas sobre Turismo em Portugal", *Turismo – Separata do Anuário Comercial de Portugal*, Lisboa, Emprêsa do Anuário Comercial, 1932, p.307.

[6] Visão que vigoraria na década seguinte, como se lê em enciclopédia de língua portuguesa que assim definia «Turismo»: "*s.m.* Gosto por viagens; viagens para recreio, excursionismo". Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* – "Turismo", Vol. XXXIII Trit-Vale, Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Limitada, 1945, p.248. Na inauguração do posto de turismo de Vilar Formoso, em Novembro de 1939, António Ferro recordaria a premência em libertar-se "a palavra turismo da sua falsa indumentária de ociosidade e luxo". Cf. António Ferro – *Turismo Fonte de Riqueza e de Poesia*, Lisboa, Edições SNI, 1949, p.33.

[7] *O Volante*, 5 de Fevereiro de 1936, p.6.

[8] A. Bormann apud José Rafael Sirgado – *Turismo e Desenvolvimento Local e Regional: O Caso do Concelho de Lagos na Região do Algarve e no País*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado, 1990, p.39.

[9] *Enciclopedia Italiana di Scienzie, Lettere ed Arti* – "Turismo", XXXIV Topo-Ved, Roma, Instituto della Enciclopedia Italiana, 1937, pp.556-559.

verdade é que nenhuma proposta tem reunido consenso entre os teóricos[10]. De facto, em 2001, a própria Organização Mundial do Turismo (OMT) admitiria a dificuldade de definição do vocábulo face à sua multidisciplinaridade[11]. Respeitando a posição oficializada, em 1991, pela mesma OMT, Scott McCabe recorda-nos que a classificação de viajantes internacionais comummente aceite abarca hoje dois grupos:

1) os visitantes contabilizados nas estatísticas do Turismo – sejam eles «excursionistas» (deslocando-se ao destino por um lapso temporal inferior a 24 horas) ou «turistas» (com estada superior a 24 horas e inferior a um ano);
2) as situações não incluídas nas estatísticas do Turismo – tais como «refugiados», «imigrantes», «passageiros em trânsito», entre outros.[12]

Vila estival da Corte desde 1870, a imagem de Cascais perderia fulgor nos primórdios da República, mas a aristocracia de outrora ali mantinha propriedades e o culto de práticas sociais e desportivas em pontos de ambiência monárquica, como o Casino da Praia e o *Sporting Club* da Parada. Falar de Cascais é recordar que a fixação da sede concelhia data do século XIV e que, na década de 1930, a supremacia da gestão municipal derivaria da publicação do Código Administrativo de 1936. Na prática, a filosofia de centralização emanada do documento legislativo extinguiria a Comissão de Iniciativa e Turismo do Concelho de Cascais, surgindo (com os mesmos intentos promocionais, mas agora em total dependência da edilidade) a Junta de Turismo de Cascais. Foi ainda nos Anos 30 que Cascais testemunhou a fundação da Comissão de Propaganda homónima, entidade promocional e benemérita privada na senda de similar que, desde finais de 1927, existia para divulgar, sobretudo, os destinos (hoteleiros) Monte e Estoril: a Sociedade de Propaganda da Costa do Sol. A missão de ambas as instituições privadas era complementar a actividade da congénere pública e empreender medidas de elevação da qualidade de vida das populações residentes, visando ainda o usufruto do litoral por populações flutuantes (domésticas e internacionais).

Em confronto com uma vila secular de tradições marítimas enraizadas, Monte e Estoril eram pólos urbanos artificiais baseados em planos urbanísticos de dimensão pontual encetados pela Companhia do Monte Estoril e pela Sociedade Estoril,

[10] Licínio Cunha – *Economia e Política do Turismo*, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 2006, p.21.
[11] Organização Mundial do Turismo – *Introdução ao Turismo*, trad. Dolores Martin Rodriguez Corner, São Paulo, Editora Roca Ltda, 2001, p.35.
[12] S. McCabe apud John Tribe – "Who is a Tourist? Conceptual and Theoretical Developments", *Philosophical Issues in Tourism*, John Tribe (ed.), Bristol, Channel View Publications, 2009, p.27.

respectivamente. Estas fixariam em Portugal as fundações para a criação de estâncias turísticas, apoiando-se nas benesses naturais existentes *in situ*, quais enclaves aninhados entre o Atlântico e a Serra de Sintra. Em finais da centúria de Oitocentos as práticas turísticas no Monte Estoril começaram por associar-se à construção de residências secundárias, visando a deslocação sazonal de lisboetas, à imagem do que sucedia em Parede. Contudo, a uma primeira vaga estival de forasteiros nacionais seguir-se-iam importantes fluxos de britânicos durante o Inverno, em busca de curas climáticas e de repouso num país pouco industrializado, erigindo-se hotéis e casinos, e encetando-se a crescente divulgação da colina. O clima foi, portanto, o primeiro factor de atractividade para convencer britânicos a suportar os incómodos de uma penosa viagem ferroviária (tripartida entre Londres-Paris, Paris-Lisboa e Cais do Sodré-Monte Estoril) ou marítima. O sucesso do Monte como *resort* de Inverno apelaria a sucessivas vagas de turistas estrangeiros e nacionais, alguns dos quais acabariam por fixar-se, como aconteceu com Fausto Figueiredo, em 1910.

Seria ainda no Monte Estoril que, durante anos, alojar-se-ia a Comissão de Iniciativa e Turismo do Concelho de Cascais; apesar dos obstáculos administrativos e culturais com que se debateu para impor o nome, fixar sede própria e melhorar as condições de urbanidade e o desenvolvimento social das populações locais, este organismo empreendeu obras que ainda hoje são palco de usufruto. O melhor exemplo é o Jardim Carlos Anjos, no coração da localidade. Também ali se fixaria, no Pavilhão Estoril, a Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, anos antes do surgimento da congénere da vila. A esta entidade estavam ligados os concessionários hoteleiros de Monte e Estoril, trabalhando em prol da divulgação de um território classificado como «Costa do Sol» pela Sociedade de Propaganda de Portugal, desde finais dos Anos 20, e oficializada, a partir de 1935, pela lei nº1:909 de 22 de Maio, abarcando agora uma vasta extensão costeira dos concelhos de Cascais, Oeiras e Lisboa.

Em relação ao Estoril, a sua criação tratou-se da primeira revolução urbana de fomento turístico total encetada em Portugal: um verdadeiro paradigma de modernidade. Fausto Figueiredo era um capitalista que, como os seus pares, se deslocava com regularidade a estâncias de saúde como Biarritz, Cannes ou Ostende em busca de cura para maleitas pessoais ou de familiares. Diplomado em Farmácia e mantendo contacto com profissionais da área da Saúde, depressa constatou as potencialidades das especificidades climáticas, marítimas e paisagísticas da orla costeira

junto ao Vale de Santo António do Estoril. O extenso pinhal era passível de tornar-se a *tabua rasa* onde poderia delinear-se uma estância de luxo à altura de congéneres europeias. Nesta tese recordaremos o primor artístico e social de equipamentos como hotéis e Casino, práticas de saúde e lazer como o Termalismo e o Golfe, eventos concretos como a Feira de Amostras de 1929, a inauguração do ramal do *Sud-Express* que entre 1930-1939 ligaria Estoril-Lisboa-Paris(-Londres), eventos culturais e desportivos pioneiros, e o Plano de Urbanização da Costa do Sol, entre outros aspectos. Dois guias turísticos editados, em Londres, em 1930, auxiliam a nossa preferência pelo eixo Estoril-Cascais nessa década:

1) o *Satchel Guide* aconselhava as três estâncias (Estoril, Monte e Cascais), acessíveis por linha-férrea e detentoras de clima primaveril anual, nelas fixando a Baía como elemento agregador desta "Portuguese Riviera"[13];
2) o reputado *Cook's Traveller's Handbook* facultava igual informação sobre locomoção e, embora referindo atractivos dos núcleos populacionais de Santos a Cascais, empregava maiúsculas na nomeação do triângulo escolhido, descrevendo atributos e detalhando equipamentos e lazeres oferecidos no Estoril, alojamento e flora odorífera do Monte[14], e a identidade histórica de Cascais.[15]

A reduzida delimitação geográfica da nossa tese poderá, pois, surpreender, mas as justificações para essa decisão são várias. A saber:

1) face às assimetrias (económicas e sociais) concelhias, recorde-se que este estudo não é de teor municipal, mas, sim, turístico, argumento reforçado pela atracção do eixo escolhido a nível internacional;
2) embora a extensão costeira da edilidade ligue Carcavelos ao Guincho, foi no troço Estoril-Cascais que se centraram o jogo do desenvolvimento civilizacional, parte da remodelação da imagem de Portugal[16], a gestão efectiva de produção legislativa central (derivada dos impactos do Turismo na área em causa), além da génese de um fenómeno moderno pleno de pragmatismo e pluralidade promocionais, o profissionalismo de acolhimento

[13]William Day Crockett e Sarah Gates Crockett – *A Satchel Guide to Spain and Portugal*, London, George Allen & Unwin, Ltd, 1930, p.389.
[14] Salvaguardado como "the most expensive of the resorts." Cf. Roy Elston – *Cook's Traveller's Handbook to Spain & Portugal*, London, Simpkin Marshall, Ltd, 1930, p.535.
[15] Restringindo o interesse de visita à Cidadela e à Boca do Inferno, no caso de Cascais.
[16] Perceptível na leitura de diários, roteiros e guias de viagem publicados por estrangeiros.

e uma visão empresarial com intentos de sustentabilidade e rentabilização a médio/longo prazo;

3) foi no eixo litoral Estoril-Cascais que, desde finais do século XIX, se ergueram equipamentos e fomentaram modalidades de lazer, bem como inovações estruturais e viárias de fundo para melhor acolher visitantes (internos e internacionais) e que permitiriam amenizar a vida da comunidade anfitriã (na sua maioria analfabeta, miserável e ligada ao sector primário);
4) a designação «Costa do Sol» não se manteve geograficamente confinada à área (oficiosa) associada à génese da atribuição inicial, pois ao longo da década de 30 diplomas legais a redefiniriam;
5) aliada à alínea anterior, até a bolha de influência de concessionários hoteleiros estorilistas estender-se-ia a Açores e Sintra, numa dispersão que será referida, embora sem fazer perigar o fio condutor da análise do fenómeno turístico no eixo nuclear.

As balizas temporais por nós definidas situam-se entre 1929 e 1939. No primeiro ano assistiu-se à inauguração do campo de golfe e do Hotel do Parque, no Estoril, além da criação do Conselho Nacional de Turismo por iniciativa governamental; no último testemunhou-se o dealbar da Segunda Guerra Mundial e, apesar da neutralidade oficial portuguesa, os viajantes que cá passaram não podem ser entendidos enquanto turistas, mas sim enquanto refugiados em trânsito rumo à(s) América(s). O ano de 1939 seria ainda pautado pela reformulação da actividade turística, pois o Secretariado de Propaganda Nacional ficaria encarregue da gestão do turismo central em concertação directa com a presidência do conselho, enquanto que a realidade concelhia continuaria sob alçada do Ministério do Interior, originando o que Paulo Pina denominou de "*bicefalismo* orgânico das tutelas central e local do turismo"[17]. Os onze anos que compreendem este lapso associaram-se a três fases de entendimento e reformulação da actividade no eixo Estoril-Cascais, estando o corpo de trabalho dividido nos seguintes momentos cronológicos:

1) começaremos por uma caracterização geral do concelho entre as duas grandes guerras, revendo os antecedentes históricos do Turismo na edilidade

[17] Paulo Pina – *Portugal: O Turismo no Século XX*, Lisboa, Lucidus Publicações Ltd. e Paulo Pina, 1988, p.91.

e separando as freguesias de pendor rural das que revelavam esforços de terciarização de práticas ditas de civilização (Estoril e Cascais);

2) em seguida abordaremos o período entre 1929-1933 apresentando inaugurações, atracções e eventos vários, e a associação ao que hoje se designa de «Turismo Científico», ligado a congressos realizados no eixo de estudo ou que o incluíam como ponto de visita obrigatória no programa social que complementava as reuniões de trabalho, sem esquecer as modalidades promocionais então aplicadas na divulgação do destino;
3) no capítulo seguinte surgirão indícios da gestão instalada entre 1934-1936, quer devido à participação directa do Estado Novo na vitalidade financeira da Sociedade Estoril-*Plage* e à participação desta no aprumo do Casino e do hotel da Sociedade *Terra Nostra*, nos Açores, quer à crescente vaga de refugiados espanhóis que ajudariam a promover o Estoril como estância estival no país vizinho, quer ainda ao I Congresso Nacional de Turismo e às alterações definidas no Código Administrativo de 1936[18];
4) por fim, analisaremos o triénio 1937-1939 onde se recordará que as flutuações do fenómeno turístico escaparão sempre ao controlo de governos, regimes e nações quando conflitos bélicos e rumores políticos derivados fazem perigar a imagem de excelência dos destinos, restando-lhes o envidar de esforços de reformulação promocional que ultrapassassem a maleita (paradoxalmente, foi graças aos equipamentos e à imagem criados nos Anos 30 que, a partir de 1945, retornariam ao eixo costeiro Estoril-Cascais estrangeiros em busca do usufruto das benesses que, no período de guerra, haviam brevemente experimentado, então, como refugiados ou viajantes em trânsito e, depois, como turistas).

Ao longo da tese tentaremos responder a diversas questões; evitando a sua mera listagem exaustiva, concentraremos a investigação em três interrogações. A saber:

1) de que forma a actividade turística alterou a paisagem física local entre 1929 e 1939? – enfoque territorial;
2) como reagiram as populações anfitriãs às mudanças implementadas? – enfoque social;

[18] O governo central começava a percepcionar o Turismo como um bálsamo para as finanças nacionais, logo, apetecível de controlar.

3) que impressões transmitiam os estrangeiros, auxiliando ou atrasando a definição da imagem de marca do destino? – perspectiva do cliente.

Ao passo que a tese do Doutor João Miguel Henriques sobre os primórdios do Turismo em Cascais[19] focou com acuidade as alterações urbanas, sociais e económicas basilares verificadas em todo o concelho durante a criação da «Riviera Portuguesa», entre 1850 e 1930, a nossa investigação pretende provar que foi graças aos esforços edificadores, promocionais e legislativos realizados nos conturbados Anos 30 que a imagem de marca[20] do triângulo composto pelos vértices Estoril (*resort* plural), Monte Estoril (*resort* climático) e Cascais (*resort* paisagístico e etnográfico) se consolidou numa de elegância, qualidade e primor que se mantém.

Em termos científicos, a base de investigação assenta na consulta de obras diversas em arquivos históricos, bibliotecas e centros de documentação: neles acedemos a registos manuscritos, iconográficos, legislativos, estatísticos, promocionais, propagandísticos, jornalísticos e teóricos. A problemática será reflexiva e terá em conta uma visão integrada do impacto do Turismo que não tem apenas em conta o ponto de vista dos promotores e beneficiários, mas também a complexidade das fracturas sociais do eixo Estoril-Cascais. Apesar do cariz local do estudo, momentos haverá em que se aflorarão os contextos regional, nacional e internacional, sobretudo devido à promoção e colaboração das entidades turísticas (privadas e públicas) cascalenses e à participação directa de elementos locais na Guerra Civil de Espanha. Para facilitar a leitura da tese listámos acima as abreviaturas recorrentes. O estudo terminará com a apresentação de Fontes e peças bibliográficas consultadas, além de imagens resgatadas, entre outros, de guias e postais coevos, pois a investigadora tem reunido colecção própria, de forma a reforçar a especialização que o título de «Doutor» implica. Apresentadas que estão as linhas mestras de organização do documento aqui entregue, esperamos acolher a aprovação das suas instâncias avaliativas, acolhendo, com humildade, toda e qualquer indicação que ajude a melhorar o nosso percurso de investigação. Quaisquer erros e omissões detectados são da inteira responsabilidade da autora.

[19] João Miguel Henriques – *Da Riviera Portuguesa à Costa do Sol: Fundação, Desenvolvimento e Afirmação de uma Estância Turística (Cascais, 1850-1930)*, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado, 2008.

[20] Nos últimos anos o *branding* dos destinos tem sido abordada por especialistas de *Marketing* Turístico, pelo que deixaremos essa análise para quem de direito, numa outra ocasião.

I. CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO DE CASCAIS ENTRE AS DUAS GUERRAS MUNDIAIS

> Portugal sem a vida dos modernos Estoris, sem a sua «Costa do Sol», seria hoje muito menos conhecido no estrangeiro. Sem a vida cosmopolita dos Estoris, o nosso país seria qualquer coisa a menos… o velho Portugal continuaria com o seu relógio bastante atrazado da hora marcada nos moderníssimos cronómetros da Europa.[21]

1. Súmula dos antecedentes históricos do Turismo no concelho (1870-1918)

A presença humana no território cascalense remonta à Pré-história, como o comprovam grutas e achados arqueológicos, mas seria com os romanos que a dualidade produtiva marcaria a vida económica local. Na costa Oeste eram dois os portos de suporte à exploração do espaço: a Baía, enquanto plataforma de exportação dos recursos costeiros, e Porto Touro, nas franjas de Sintra, de onde se expediam os produtos agrícolas dos lugares interiores. A dualidade produtiva do sector primário (agricultura-pesca) manter-se-ia até 1870, quando D. Luís I iniciaria as estadas de final de Verão, introduzindo a prática sazonal de uma actividade sintomática do desenvolvimento civilizacional que pautava a Europa coeva: o Turismo, na vertente de vilegiatura balnear[22]. A atractividade exercida pela costa sobre um monarca que fora oficial de Marinha levá-lo-ia a remodelar a residência dos governadores da Cidadela num espaço condigno. Segundo Branca Colaço e Maria Archer, "Cascais saiu da obscuridade e do seu bucolismo de aldeia de pescadores pelo influxo de El-Rei D. Luis. A nobreza não tardou em segui-lo na paixão pela formosa baía que domina a barra de Lisboa."[23]

A deslocação fora propiciada pela criação das estradas Cascais-Oeiras(-Lisboa) e Cascais-Sintra na década anterior, sob alçada do Visconde da Luz, então director das Obras Públicas[24], aproximando-se a sede concelhia das capitais política e estival coevas, apesar da falta de condições para albergar o estrato social oposto à realidade quotidiana da autarquia. De facto, para lá do tráfego caótico, "as ruas estão sujas, as fossas

[21] *Turismo – Revista de Hoteis, Viagens e Actualidades*, Outubro/Dezembro de 1939, s/p.
[22] Sobre esta tipologia leia-se a alínea II.5.4..
[23] Branca Gonta Colaço e Maria Archer, 1943 – *Memórias da Linha de Cascais*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Cascais e Câmara Municipal de Oeiras, 1999, p.339.
[24] Raquel Henriques da Silva – *Cascais*, Cidades e Vilas de Portugal, Lisboa, Editorial Presença, 1988, p.58.

transbordam… há cães vadios por todo o lado, a água escasseia.[25]" Para satisfazer o conforto de uma clientela exigente, as décadas de transição entre os séculos XIX e XX testemunhariam a construção de residências secundárias[26] por uma elite que procurava manter-se perto do rei, pelo que "Tôda a aristocracia desejou ter uma casa própria em Cascais. Era o facto uma nota de bom gosto que fazia parte do luxo de certas famílias. As melhores casas de Cascais foram construídas sobre as rochas da beira-mar."[27]

O novo fôlego arquitectónico manifestar-se-ia ainda na criação de equipamentos de lazer como casinos, praça de touros, campos de jogos[28] e porto de recreio[29]. No campo tecnológico, a 28 de Setembro de 1878 e por ocasião do aniversário do Príncipe Carlos, inaugurou-se a iluminação eléctrica, e, em 1889, o ramal ferroviário Cascais-Pedrouços[30]. Em simultâneo, na década de 1870, a cerca de 1,5km, na encosta arborizada conhecida como Pinhal da Andreza o capitalista lisboeta José Jorge de Andrade Torrezão construiria quatro *chalets*[31], mas a utopia de urbanização da colina não cativaria investidores. A situação seria revertida em 1889 após a fundação da Companhia do Monte Estoril por Carlos Anjos[32] e pelo 2º Conde de Moser[33]; esta derrubaria pinheiros, abriria artérias, criaria redes de esgotos, de água canalizada e de luz eléctrica, empreendendo um esforço colossal e cujo centro de expansão foi o Jardim Carlos Anjos[34]. Segundo João Miguel Henriques, "[esta foi] a verdadeira responsável

[25] Margarida de Magalhães Ramalho – *Uma Corte à Beira-Mar*, Lisboa, Quetzal Editores e Bertrand Editora Lda, 2003, p.69.
[26] A título de exemplo refiram-se: o *Chalet* do Duque de Loulé, datado de 1873 (hoje Hotel Albatroz), o *Chalet* dos duques de Palmela, de 1874 (erguido sobre o forte da Conceição desmilitarizado em 1889), a Casa Leitão, de 1896 (na Avenida D. Carlos I e que prima pelas varandas em ferro forjado), além da Torre de São Sebastião, de 1900, e da Casa de Santa Maria, de 1902, entre outros.
[27] Branca Gonta Colaço e Maria Archer, *Op. Cit.*, p.341.
[28] Com destaque para o *Sporting Club* da Parada, inaugurado pelo Príncipe Carlos, em 1879, e cujas instalações incluíam *courts* de ténis, campo de tiro, de futebol e a sede do clube.
[29] A 3 de Setembro de 1865 realizara-se um *picnic* marítimo entre Cascais e Setúbal a bordo de um vapor, mas a referência à 1ª regata organizada na Baía de Cascais teria lugar a 31 de Agosto de 1871, na presença do soberano. Cf. António Carvalho (coord.) – *A História da Vela/The History of Sailing*, trad. David Alan Prescott, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2007, pp.7-9.
[30] José D'Encarnação, 1972 – *História e Geografia de Cascais*, 3ª ed., Cascais, Publigráfica, 1979, p.28.
[31]Edifícios demolidos poucos anos após a construção para dar lugar a outras tipologias arquitectónicas. Cf. Branca Gonta Colaço e Maria Archer, *Op. Cit.*, pp.312-314.
[32] Empresário agrícola cujas propriedades no Alentejo e em Lisboa se distinguiam na produção de azeite e vinho. Para urbanizar o Monte Estoril procedeu à canalização da água que corria no subsolo da Quinta de Vale de Cavalos, junto à Serra de Sintra. Cf. Alexandra de Carvalho Antunes – *O Veraneio da Família Anjos: Diário de Maria Leonor Anjos (1885-1887)*, s/l, Câmara Municipal de Oeiras, 2007, pp.40-42.
[33]Henrique Jorge de Moser, presidente da Companhia dos Caminhos de Ferro.
[34] Hoje conhecido como Jardim dos Passarinhos. Cf. Eduardo Silvestre Farracho – *História e Evolução Urbanística do Monte Estoril*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa, policopiado, 2008, p.61.

pelo nascimento de uma estância de veraneio que viverá cerca de quinze anos de glória. Porém, muitos dos seus projectos nunca serão transpostos do papel para a realidade."[35]

Além de moradias burguesas, o Monte seria polvilhado de casinos e hotéis cujas reputações ecoariam durante anos. No entanto, em acta camarária de 12 de Maio de 1909 regista-se a cedência das ruas, avenidas e sistemas subterrâneos de esgotos, água e electricidade por parte da (agora falida) Companhia do Monte Estoril ao município[36]. O novo século marcaria a expansão de outros lugares costeiros do concelho cujas arribas atlânticas situadas a Sul da via-férrea atrairiam capitalistas e profissionais liberais. A título de exemplo, enquanto Carcavelos mantinha o cariz aristocrático nas propriedades agrícolas[37] e na presença imperial da colónia britânica[38] instalada na Quinta de Santo António, Parede[39]dividia-se entre a secular terra de canteiros (habitando e explorando as pedreiras, no Alto) e a moda europeia de estância sanatorial[40]marítima (a Sul da ferrovia). Benesses naturais conduziriam ao desenvolvimento de Cae Água e de São João do Estoril: a primeira na continuidade do desenvolvimento de Parede; a segunda graças às nascentes da Poça[41], sitas em edifício imponente junto ao Forte de Cadaveira. À manutenção da tradição agrícola no interior concelhio contrapunha-se o desenvolvimento do turismo balnear costeiro, onde o pinhal do Vale de Santo António balizava redutos de republicanos como Parede e a estância real (a vila).

Com a queda da Monarquia em 1910 Cascais perderia a aura de estância de Corte: segundo Margarida Ramalho, "são agora a Parede e Carcavelos e posteriormente

---

[35] João Miguel Henriques – *Cascais: Do Final da Monarquia ao Alvorecer da República (1908-1914),* Lisboa, Edições Colibri e Câmara Municipal de Cascais, 2001, p.76.
[36]*Idem,* p.78.
[37] Com destaque para a produção vitivinícola das quintas do Barão, da Alagoa, do Junqueiro**,** entre outras.
[38] A presença insular associava-se à exploração e manutenção do cabo submarino estabelecido em 1870 e a prática de lazeres comuns às ilhas britânicas, como o futebol e o *cricket*, seriam assimilados pelas populações locais que ali se deslocavam aos fins-de-semana para assistir aos jogos. Cf. Jorge Miranda, Guilherme Cardoso e Carlos Teixeira – *Registo Fotográfico de Carcavelos e Alguns Apontamentos Histórico-Administrativos*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1988, p.73.
[39] A revolução urbanística de Parede começara com Nunes da Matta, ao comprar terrenos sobre as falésias para erguer moradias unifamiliares; a predilecção por espaços quase estéreis a nível produtivo surpreendera os agricultores que lhos venderam. Cf. Carlos Ferreira – *Os Sanatórios Marítimos: Construção Social da Vila de Parede como Estância Sanatorial*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, policopiado, 1996, p.111.
[40] Os primeiros edifícios erigidos para prevenir/melhorar sintomas de tuberculose pulmonar ou óssea foram o Sanatório Marítimo de Carcavelos, em 1902, na Ponta de Rana (sobre forte homónimo), e o Sanatório de Santana, erigido de raiz, em 1904, a poucos metros de distância.
[41] Sobretudo apreciadas a partir de 1830, o velho edifício termal daria lugar, em 1895, a um plano de quatro torreões, mas a gestão verificada nos anos de 1921 e 1922 levaria ao seu encerramento. Cf. Luísa Vilarinho – *De Lisboa a Cascais – Rostos, Liberdade e Medicina,* Lisboa, Dislivro, 2008, pp.114-115.

o Estoril que vão passar a estar na moda"[42]. De facto, não só o exílio de D. Manuel II, mas também a construção do projecto turístico no Estoril marcariam o destino institucional e a imagem do Turismo em Portugal. As nascentes termais do Estoril eram conhecidas há gerações, sendo a concessão autorizada pelo governo a José Viana Carvalho da Silva, em 1894.O empresário ergueria um balneário em estilo neo-árabe, além de casas de aluguer e de serviços de apoio a uma população flutuante de pacientes. De entre os primeiros membros da sociedade lisboeta a apreciar as características da área destacamos Ernesto Schrötter e João Martins de Barros, que transformariam os fortes de Santo António e da Cruz em elegantes residências defronte à então Praia do Juncal. Em 1910, Fausto Figueiredo, detentor de contactos científicos, políticos e financeiros, adquiriria terrenos outrora pertencentes a José Torrezão para erguer a residência familiar (o Pinhal Manso[43]), comprando ainda a quinta do Viana[44] à viúva e demais parcelas privadas adjacentes, para nelas instalar uma estância à semelhança de reputados destinos europeus como Nice, Biarritz, Ostende ou Brighton.

Figueiredo submeteu a proposta *Estoril – Estação Maritima, Climatica, Thermal e Sportiva* a avaliação governamental e firmou parceria com o cunhado Augusto Carreira de Sousa, nascendo a Sociedade Estoril (SE)[45]. Após meses de derrube de pinheiros, nivelamento de terrenos e estabelecimento de fundações, a primeira pedra do Casino seria colocada a 16 de Janeiro de 1916 na presença do então Presidente da República, Bernardino Machado. Em discurso proferido José Nunes da Matta enalteceu a iniciativa como notável sinal de progresso face à adversa situação económica do país. Para Matta, "As obras notáveis já iniciadas vieram, neste momento difícil da nação, em que, a par da crise de alimentação, há a crise da falta de trabalho, dar o pão e o conforto a centenas ou antes milhares de pessoas que, sem estas obras, teriam sofrido misérias e privações.[46]" Dois anos depois, na senda do concurso lançado pelo Ministério do Fomento através do decreto nº1:046 de 14 de Novembro de 1914 para electrificação do ramal de Cascais, o contrato[47] entre o Estado, a Companhia de Caminhos de Ferro Portugueses (CP) e a SE seria assinado a 7 de Agosto de 1918, com validade de 50

[42] Margarida de Magalhães Ramalho, *Op. Cit.*, p.78.
[43] Branca Gonta Colaço e Maria Archer, *Op. Cit.*, p.312.
[44] Luísa Vilarinho, *Op. Cit.*, p.106.
[45] Os estatutos foram, inclusivé, publicados em jornal nacional. Cf. *O Século*, 31 de Março de 1915, p.6.
[46] José Nunes da Matta – *OFuturo do Concelho de Cascais e do Porto de Lisboa*, Lisboa, Tipografia da Livraria Férin, 1916, p.4.
[47] Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses – *Linha de Cascais: Contrato de 7 de Agosto de 1918*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1918.

anos. Contudo, a promessa de exequibilidade do empreendimento Estoril no prazo de 2 anos seria constantemente protelado[48] face a adversidades de ordem política, económica e social, no contexto da participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial. Até 1926 o sonho de Figueiredo prosseguiria a um ritmo perto da inactividade.

2. Território e população municipais

O concelho de Cascais tem como limites administrativos os municípios de Oeiras, a Este, e de Sintra, a Norte, além do oceano, a Sul e a Oeste. O grande defensor do microclima de incidência mediterrânica foi o Dr. Daniel Dalgado, cuja palestra realizada no 15º Congresso Internacional de Medicina, em 1906, primou pela apologia da especificidade, baseando-se em valores facultados pelo Observatório Infante D. Luís quanto ao clima de Lisboa, visto não haver dados concretos sobre Cascais. Como recorda Amorim Ferreira[49], as razões para a defesa do clima da Costa do Sol[50] eram: (1) a proximidade do mar, (2) a exposição a Sul, (3) a barreira protectora que a Serra de Sintra marcava face aos ventos Norte, Leste e Oeste, e (4) a influência da corrente quente do Golfo do México. Entre Março de 1913 e Março de 1915 existiria no Monte Estoril uma estação meteorológica, mas só na década de 1930 se procederia ao estudo científico das condições naturais locais. Essa premência derivaria dos trabalhos do 13º Congresso Internacional de Hidrologia, Climatologia e Geologia que reuniu em Lisboa, em Outubro de 1930, e no qual o Delegado de Saúde do concelho de Cascais, Manuel Marques Mata, e o Professor de Hidrologia Armando Narciso apresentariam uma tese sobre o clima da Costa do Sol. Segundo os clínicos, "the climate of the Costa do Sol has an advantage by the combination of the thermal regularity of the Atlantic, without its fogs, with the thermal regularity of the Mediterranean, without its Mistral, which accounts for all its mildness and softness.[51]" A dupla científica prosseguia o estudo facultando valores médios de temperatura, humidade e nebulosidade, provando a superioridade local face a estâncias de renome. Recorrendo às temperaturas médias enumeradas no Quadro 1 e ilustradas no gráfico abaixo, os autores comprovam que,

[48] João Miguel Henriques, *Cascais,* p.85.
[49] H. Amorim Ferreira – *Elementos para o Conhecimento do Clima do Estoril*, Cascais, Junta de Turismo de Cascais, 1941, pp.3-4.
[50] Mais dados sobre a Sociedade de Propaganda da Costa do Sol (SPCS) serão facultados no Capítulo II.
[51] Armando Narciso e Marques da Mata – *The Climate of Costa do Sol (Sun Coast)*, s/l, Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, 1930, p.26.

comparando Biarritz e a Costa do Sol, a estância portuguesa apresentava quase mais 3ºC em Janeiro e Fevereiro, cerca de mais 2ºC em Julho e Agosto e de 2,5ºC em Novembro de Dezembro. Igual paralelo entre Nice e a Costa do Sol resultava em novo destaque para o destino nacional, por apresentar mais 2ºC em Janeiro e Fevereiro, valores próximos em plena época estival e mais 1ºC em Novembro de Dezembro. Atente-se:

Temperaturas Médias	Janeiro e Fevereiro	Julho e Agosto	Novembro e Dezembro
Biarritz	8,5	20,5	10,3
Costa do Sol	11,2	22,3	12,7
Nice	9,3	22,6	11,7

Quadro 1 – Temperaturas médias entre Biarritz, Nice e a Costa do Sol (ºC).

(Fonte: autora inspirada em Armando Narciso e Marques da Mata – *The Climate of Costa do Sol (Sun Coast)*, s/l, Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, 1930, p.26)

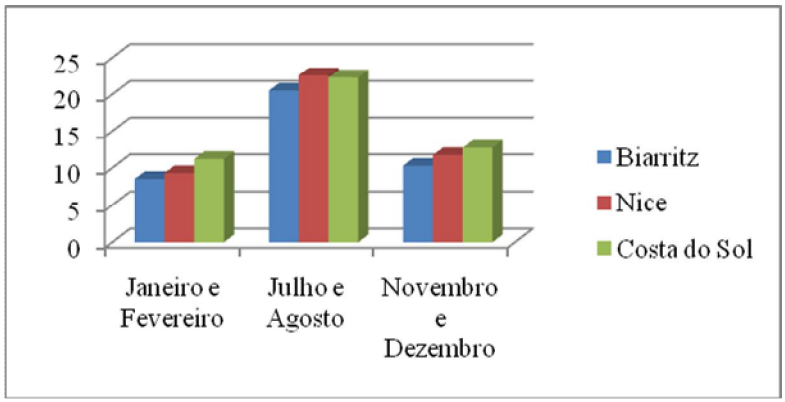


Gráfico 1 – Temperaturas médias entre Biarritz, Nice e a Costa do Sol (ºC).

(Fonte: *Idem*)

Os autores rematavam o quadro comparativo afirmando "that there is no winter at the Costa do Sol, but only a precocious spring, that there is almost no autumn, but only a prolonged summer."[52]José D'Encarnação recorda que, em Parede, o ar apresenta ainda elementos apenas comparáveis aos de outra praia no Japão[53]devido à incidência

[52]*Idem*, p.35.
[53] José D'Encarnação, *História e Geografia*, p.8.

dos raios solares e à abundância de algas, justificando o odor a iodo que predomina nas praias. A paisagem do concelho não apresenta(va) grandes relevos e as suaves colinas eram/são perpendiculares à linha de costa. O litoral revela(va) três baías em Carcavelos, Cascais e Guincho, sendo a extensão costeira entre a Ponta de Rana e a foz da Ribeira das Vinhas recortada por enseadas encaixadas entre falésias; a Oeste da Cidadela destaca(va)-se uma muralha de esporões submarinos e imponentes blocos rochosos que termina(va) perto do cordão dunal do Guincho, onde os ventos Atlânticos diariamente altera(va)m a sua configuração da praia. Mencione-se o Marégrafo implantado na Baía desde finais do século XIX, e que, qual meridiano marítimo, regista(va) o «grau zero» das marés, como se entende na seguinte citação:

> Em Portugal, a hora da preia-mar nas diversas secções de costa é referida à indicada pelo marégrafo de Cascais. Em geral, a preia-mar ocorre mais cedo no litoral situado ao Sul de Cascais, do que neste ponto de referência: por exemplo, a hora da preia-mar em Lagos tem o valor de -25 minutos, em Sagres de -10, em Peniche de +15… a onda da maré progride portanto do sul para o norte ao longo das costas do país.[54]

No solo da autarquia predomina(va) o calcário, explorando-se pedreiras em Birre, Alvide, Torre e (Alto de) Parede[55]; no concelho ha(via) ainda argilas avermelhadas, arenitos e afloramentos basálticos. Não sendo um território de inúmeros cursos de água doce, nele corriam as ribeiras[56] de Soeiros (formando um lago na Quinta da Alagoa), das Marianas (que descia até à Quinta do Junqueiro), de Bicesse (que corria até São João do Estoril) e de Caparide (que percorria um vale de pomares e vinhas, rumo à Baía). Em relação a nascentes de água termal destacavam-se os três olhos de água dos Estoris situados: (1) junto à cerca do antigo convento[57], (2) no complexo termal reformulado por Figueiredo, e (3) junto à Praia da Poça (já em São João). Em termos de flora e fauna, a amenidade levara o Dr. Dalgado a apelidar o Estoril de *Terra das 2 Primaveras*[58]. Segundo Ferreira de Andrade[59], o coberto vegetal da autarquia contabilizava cerca de 62% de espécies mediterrâneas, 7% de espécies atlânticas, 3% de endemismos e as 28% restantes de origens europeia e asiática. Na orla marítima

[54] Orlando Ribeiro, Hermann Lautensach e Suzanne Daveau – *Geografia de Portugal*, Volume I – A Posição Geográfica e o Território, Lisboa, Edições José Sá da Costa, 1987, p.57.
[55] *Idem*, p.9.
[56] Carlos Branquinho Monteiro – *Ribeiras dos Concelhos de Oeiras e de Cascais*, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 1989.
[57] Ocupado pela Escola Salesiana a partir de 1933.
[58] Daniel Gelasio Dalgado – *The Thermal Springs and the Climate of Estoril in Chronic Rheumatism and Gout during Winter*, Paris, Henri Jouve, 1910, p.37.
[59] Ferreira de Andrade – *Monografia de Cascais*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1969, p.94-99.

predominavam os pinhais (na Marinha e no Vale de Santo António), além de urze, rosmaninho e carqueja; nos solos basálticos, a murta, e, nos calcários e arenosos, a sabina-da-praia, o estorno e o narciso-das-areias. A toponímia de lugares interiores ajudava a percepcionar a vegetação original em Murtal, Matos Cheirinhos e Malveira da Serra. Das plantas exóticas introduzidas em finais de Oitocentos sobressaíam a palmeira, o tamarindo, o hibisco, a buganvília e a acácia. Na fauna autóctone destaca(va)m-se a águia pesqueira, o falcão peregrino e o guincho comum, além de coelhos, rolas e galinholas; as águas oceânicas cascalenses revela(va)m-se férteis em sardinha, sargo, polvo, crustáceos e bivalves.

Quanto à geografia humana constata-se que, até cerca de 1890, a fixação de populações foi espontânea, sendo o advento da ferrovia o elemento (des)agregador de lugares que passaram a vivenciar distintas dinâmicas espaciais, económicas e culturais entre os centros históricos e as arribas atlânticas. A uma primeira e tímida planificação urbana encetada pela Companhia do Monte do Estoril seguir-se-ia o projecto Estoril, cuja construção de residências privadas obedeceria a regras de supervisão por comissão própria, antes da submissão dos planos perante as autoridades camarárias[60]. Um esforço urbanístico à escala regional teria apenas lugar nas décadas de 1930 e 1940 através do Plano de Urbanização da Costa do Sol (PUCS).

2.1. Realidades demográfica, económica e social

A 1 de Outubro de 1926, o decreto-lei nº12:403 elevou o concelho de Cascais à categoria de 2ª ordem, informação reiterada, dez anos depois, através do Mapa I anexo ao diploma nº27:424 de 31 de Dezembro de 1936, no qual se aprovou o Código Administrativo. Em 1935 uma edição sobre o município, apresentava-o como "um concelho de 2ª ordem, da Extremadura e fiscal de 1ª classe"[61], englobando cinco freguesias: (1) Alcabideche, (2) Carcavelos, (3) Cascais, (4) Estoril e (5) São Domingos de Rana. Numa breve análise à evolução demográfica, tendo por base os censos de 1911, 1920, 1930 e 1940 consultados do Instituto Nacional de Estatística (INE) apresentados no Quadro 2, a primeira conclusão retirada é a de que a população

[60] Maria da Graça Briz – "A Arquitectura Modernista do Estoril: 1930-1940", *Arquivo de Cascais: Boletim Cultural do Município*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, nº10, 1991, pp.61-72.
[61] "Concelho de Cascais: As suas 5 Freguesias, o seu Comércio, a sua Indústria e os seus Proprietários e Agricultores mais Importantes", Cascais, *A Hora*, 1934, p.1.

residente duplicou entre 1911 e 1940, passando de 14.308 para 29.641 habitantes, conforme ilustrado no Gráfico 2. Observem-se os mesmos:

	1911	**1920**	**1930**	**1940**
Concelho de Cascais	14.308	15.251	22.932	29.641
Alcabideche	3.868	3.723	4.201	5.451
Carcavelos	969	457	1.592	1.812
Cascais	5.270	6.059	6.980	8.549
Estoril[62]	---	684	3.572	5.514
S. Domingos de Rana	4.201	4.328	6.587	8.315

Quadro 2 – Evolução da população residente total e parcial (por Freguesia).

(Fonte:*vide* nota de rodapé[63])

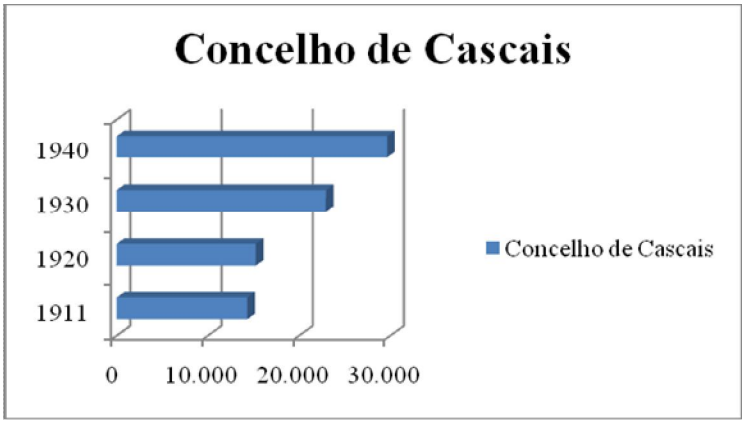


Gráfico 2 – Evolução da população residente do concelho de Cascais.

(Fonte: *Idem*)

[62] Não há dados sobre a freguesia do Estoril no Censo de 1911, uma vez que esta só seria criada pela Lei nº477 de 18 de Setembro de 1915, incluindo, entre outros, os lugares de São Pedro e São João do Estoril.
[63] Instituto Nacional de Estatística – *X Recenseamento Geral da População no Continente e Ilhas Adjacentes (Às 0 horas de 15 de Dezembro de 1960)*, Tomo I, Volume 1º Prédios e Fogos; População – Dados Retrospectivos (Distritos, Concelhos e Freguesias), Lisboa, INE, 1964, p.60; *Cascais em Números*, Cascais, Centro de Informação e Documentação Técnica da Câmara Municipal de Cascais, 1993, p.11.

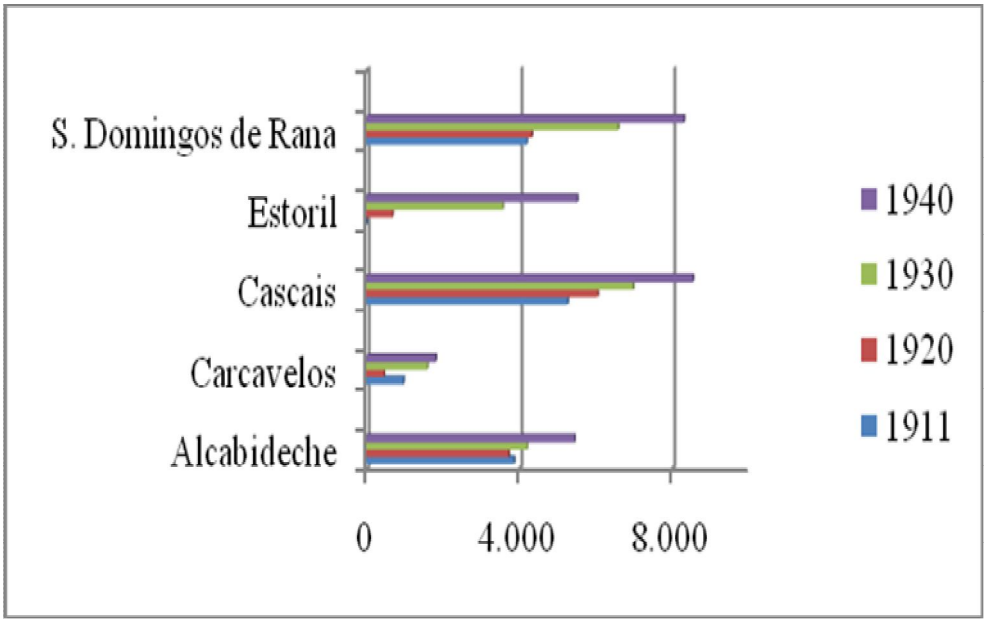


Gráfico 3 – Evolução da população permanente, por freguesia.

(Fonte: *Ibidem*)

Segundo o mesmo Quadro 2, mas numa óptica de particularidade tendo em conta a realidade de cada freguesia (conforme visualizado no Gráfico 3), Carcavelos foi a freguesia mais dissonante por, entre 1911 e 1920, sofrer uma redução de efectivos a rondar os 50%, para seguir-se a quase quadruplicação de habitantes, entre 1920 e 1930, acreditamos que associada ao cabo submarino. Admirável foi o crescimento do Estoril entre 1920 e 1940, tendo a população aumentado cerca de 8 vezes numa (ainda) mancha de pinhal urbanizada de forma selecta. Das restantes freguesias, a tónica ascendente foi denominador comum a Alcabideche, Cascais e São Domingos de Rana (com destaque para o lugar de Parede). No Quadro 3 apresentaremos as principais profissões existentes no concelho, entre 1920 e 1940, por percentagens. Atente-se:

Profissões	1920	1940
Trabalhador, Jornaleiro, Jardineiro	32,8	40,6
Moleiro e Padeiro	2,2	---
Pescador, Marítimo	6,5	6,9
Pedreiro, Estucador, Construtor Civil	9,7	7,9
Carpinteiro, Pintor	6,0	10,9
Canteiro	10,9	1,0
Comércio por grosso e a retalho	7,1	7,9
Telegrafista, Empregado de caminhos-de-ferro e do cabo submarino	1,6	3,0
Empregado de Hotelaria	---	3,0
Outros	24,8	21,8

Quadro 3 – Principais profissões no concelho de Cascais (%).

(Fonte: Carminda Cavaco – *A Costa do Estoril – Esboço Geográfico*, Lisboa, Editorial Progresso Social e Democracia SARL, 1983, p.82)

Apesar de tímida, a terciarização do concelho insinuou-se no desaparecimento estatístico dos ofícios de Moleiro e Padeiro e no reconhecimento do de Empregado de Hotelaria[64], verificando-se ainda a duplicação de efectivos ligados a serviços de comunicação e transportes (de 1,6 a 3%); já a actividade comercial manteve-se na casa dos 7%. No sector primário, embora a comunidade piscatória tenha mantido valores na casa dos 6%, entre 1920 e 1940, nota-se que, à categoria Trabalhador e Jornaleiro, adicionar-se-ia a função de Jardineiro que, no intervalo de 20 anos cresceu perto dos 8%, mercê do embelezamento de residências privadas e de jardins públicos[65]. A

[64] Segundo Américo Nunes, apesar de a Lei de 1919 manter os trabalhadores hoteleiros classificados como «domésticos», o seu reconhecimento mudaria com o decreto nº24:402 de 24 de Agosto de 1934. Cf.Américo Nunes – *Diálogos com a História Sindical: Hotelaria, de Criados Domésticos a Trabalhadores Assalariados*, Lisboa, Edições Avante, 2007, p.266. A título de curiosidade quanto à valorização indirecta da hotelaria e profissões apensas a nível internacional, em 1929 Vicki Baum publicou *Menschen im Hotel* que, em 1932, inspirou o filme *Grand Hotel*protagonizado por Greta Garbo e Joan Crawford. Em finais desse ano a película receberia o Óscar da Academia para «Melhor Filme».

[65] No rescaldo do decreto nº19:252 de 19 de Janeiro de 1931, sobre arborização e embelezamento do já então triângulo turístico Lisboa-Sintra-Cascais.

profissão de Canteiro sofreu sério decréscimo de 10,9% para 1%, o que contrastava pela preferência por Carpinteiros e Pintores (de 6% para 10,9%), o que cremos revelar interesses decorativos posteriores à construção de edifícios privados. A categoria de Pedreiros, Estucadores e Construtores Civis sofreria um decréscimo de quase 2%, mas manter-se-ia estatisticamente visível.

No Quadro 4 registamos a naturalidade dos habitantes de cada freguesia, entre 1911, 1920 e 1930, segundo as categorias: (1) oriundos do concelho[66], (2) provenientes de outros concelhos do distrito de Lisboa, (3) oriundos de outras naturalidades e (4) estrangeiros. Dele retiraremos dados para ilustrar gráficos relativos à primeira e à última categoria indicadas: os elementos oriundos do concelho e o oposto, isto é, os estrangeiros que viviam em Cascais segundo os censos de 1920 e de 1930. A análise dos elementos (quadro e gráficos) será realizada textualmente após os mesmos.

Freguesias	**1911**	**1920**	**1930**
Alcabideche			
Pax do concelho	77,8	82,4	77,3
De outros concelhos do distrito	10,4	7,7	10,6
Outras naturalidades	11,2	9,20	11,7
Estrangeiros	0,6	0,7	0,4
Carcavelos			
Pax do concelho	30,2	35,2	41,5
De outros concelhos do distrito	31,3	32,8	22,2
Outras naturalidades	26,5	17,2	23,9
Estrangeiros	12,3	14,8	12,3
Cascais			
Pax do concelho	59,3	44,1	54,6
De outros concelhos do distrito	26,8	21,3	16,8
Outras naturalidades	13,5	30,6	25,4
Estrangeiros	0,4	3,0	3,2
Estoril			
Pax do concelho	---	24,2	29,3
De outros concelhos do distrito		28,6	21,4
Outras naturalidades	---	40,8	42,5
Estrangeiros	---	6,4	6,9
S. Domingos de Rana			
Pax do concelho	69,2	64,9	62,5
De outros concelhos do distrito	12,9	16,8	15,8
Outras naturalidades	17,4	16,8	19,9
Estrangeiros	0,5	1,5	1,4

Quadro 4 – Naturalidade dos habitantes, por freguesia (%).

(Fonte: Carminda Cavaco, *Op. Cit.*, p.97)

[66] No Quadro 4 utilizaremos a nomenclatura turística para referir pessoas, ou seja, o termo *Pax*, visto tratar-se de uma representação esquemática seguida de análise textual.

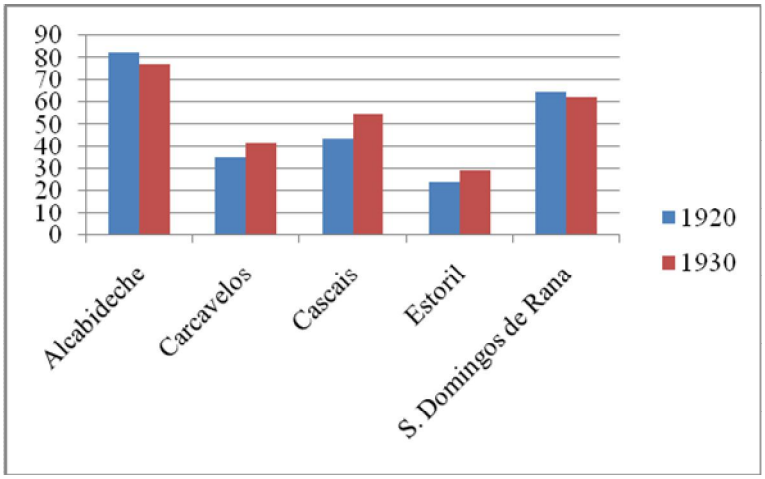


Gráfico 4 – Naturais do concelho, por freguesias (%).

(Fonte: *Idem*)

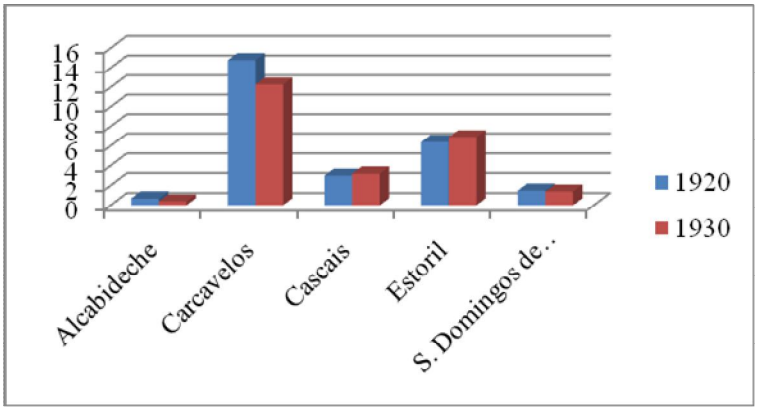


Gráfico 5 – Estrangeiros residentes do concelho, por freguesias (%).

(Fonte: *Ibidem*)

O perfil de continuidade populacional manifestou-se na evidência das duas freguesias mais interiores apresentarem valores estáveis acima dos 60%, destacando-se Alcabideche com 77,8% de população autóctone em 1911, 82,4% em 1920 e 77,3% em 1930. Também São Domingos de Rana manteve 69,2% dos naturais em 1911, 64,9% em 1920 e 62,5% em 1930. Já a sede concelhia manteve c.50% da população natural entre 1911 e 1930, observando um acréscimo na chegada de residentes de outras naturalidades, que acreditamos resultar do desenvolvimento urbano costeiro e das ofertas profissionais inerentes. Mais interessantes quanto à fixação de estrangeiros (gráfico 5) foram Carcavelos e Estoril, mas por razões diversas: no primeiro caso

recorde-se a exploração do cabo submarino por britânicos na Quinta de Santo António (cujos valores se situavam entre os 12% e os cerca de 15% do total da freguesia); no segundo caso foram climáticas e lúdicas as razões de fixação de estrangeiros (muitos com interesses financeiros em empresas sediadas na capital). Por outro lado, recorrendo aos censos de 1930 e 1940, numa breve análise às nacionalidades residentes comecemos por observar os dados do quadro 5 para obter a percepção numérica, e o gráfico 6 para a compreensão visual do texto que desfiaremos em seguida.

Nacionalidades	**1930**	**1940**
Alemães	52	270
Americanos	10	136
Belgas	16	192
Brasileiros	76	70
Espanhóis	187	407
Franceses	58	171
Ingleses	272	583
Italianos	13	93
Polacos	1	77
Suíços	20	67
Outras Nacionalidades	32	310
Total de Cascais	737	2495

Quadro 5 – Nacionalidades residentes no concelho (recenseamentos de 1930 e 1940).

(Fonte: *vide* nota de rodapé [67])

[67] Direcção Geral de Estatística – *Censo da População de Portugal no 1º de Dezembro de 1930* (7º *Recenseamento Geral da População)*, Volume I – Fogos. População de Residência Habitual e População de Facto, distinguindo Sexo, Nacionalidade, Naturalidade, Estado Civil e Instrução, Lisboa, Imprensa Nacional, 1933, p.250; Instituto Nacional de Estatística – *VIII Recenseamento Geral da População no Continente e Ilhas Adjacentes em 13 de Dezembro de 1940*, Volume XII – Distrito de Lisboa, Lisboa, Sociedade Tipográfica, Limitada, 1945, pp.58-63.

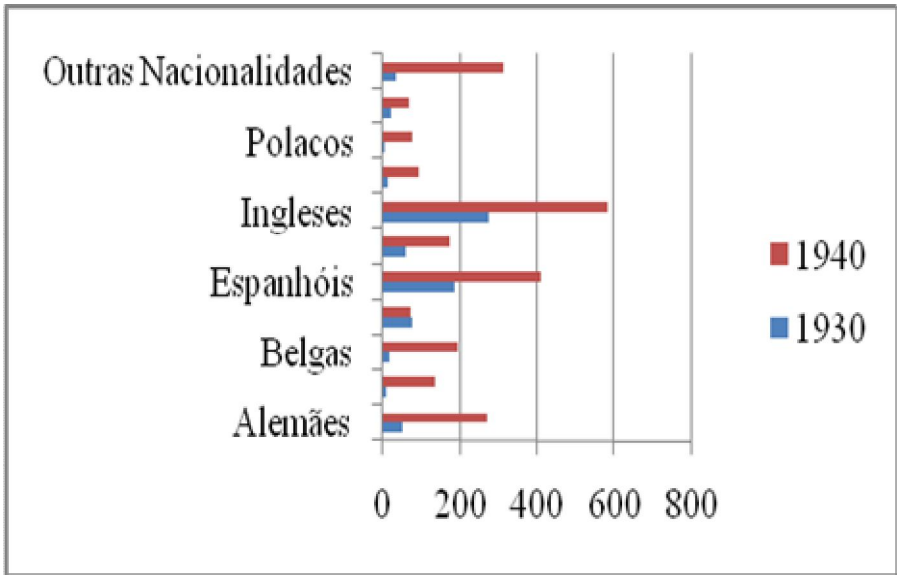


Gráfico 6 – Principais nacionalidades residentes em Cascais (Anos 30 e 40).

(Fonte: *Idem*)

No cômputo geral, no curto espaço de um decénio a edilidade viu mais do que triplicar o número de estrangeiros residentes, começando 1930 com 737 efectivos e terminando a década com 2495 elementos. Esmiuçando as principais origens, o município atraiu europeus e americanos (com destaque para norte-americanos e brasileiros); circunscrevendo-nos ao «Velho Continente», as duas nacionalidades em evidência são a inglesa e a espanhola (gráfico 6). Os ingleses estabeleceram-se, desde finais de Oitocentos, por questões de saúde (clima), telecomunicações (cabo submarino) e negócios (sediados em Lisboa, onde muitas companhias de navegação e de seguros eram controladas por estes imigrantes); no caso dos espanhóis, agregada à óbvia proximidade geográfica, foi a convulsão política vizinha que justificou a fixação de refugiados a partir de 1931. Na casa das centenas de conterrâneos contabilizavam-se ainda presenças alemã, belga e francesa, embora o maior salto quantitativo tenha pertencido à polaca que, de um indivíduo referenciado em 1930, atingira um crescimento rumo a setenta e sete elementos dez anos depois.

Terminamos esta análise da realidade social concelhia com indicadores numéricos relativos à alfabetização e à densidade populacional de Cascais. A saber:

Alfabetização	1920	1930	1940
Sabem Ler	6.984	10.663	17.961
Analfabetos	8.882	11.880	12.835
População de Facto – Total	15.866	22.543	30.796

Quadro 6 – A alfabetização do concelho: recenseamentos de 1920, 1930 e 1940.

(Fonte: autora inspirada em dados retirados dos Censos de 1920, 1930 e 1940)

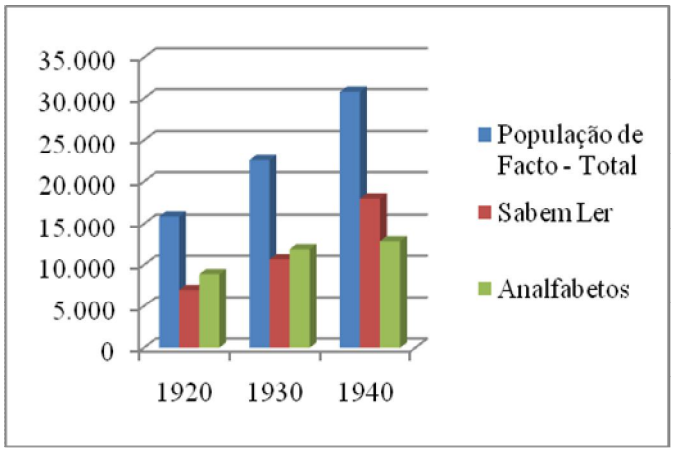


Gráfico 7 – Evolução gráfica da alfabetização de Cascais entre 1920 e 1940.

(Fonte:*Idem*)

Observando o quadro 6 e os valores relativos à população de facto da edilidade, verificamos um crescimento em ambas as categorias de letrados e de iletrados. Contudo, o fosso existente entre as duas saldou-se numa progressão positiva para o campo dos indivíduos com instrução. Na verdade, entre 1920 e 1940, a este grupo correspondeu um acréscimo de 10.977 pessoas face ao crescendo de 3.953 munícipes ainda analfabetos, em igual período; a este facto não foram alheios os estrangeiros e a classe média lisboeta instalados, mercê da atractividade residencial, promocional e turística do troço Estoril-Cascais. Observando o gráfico 7 e a evolução entre os Anos 30 e os 40 regista-se, pela primeira vez, o suplantar da presença de elementos instruídos face a

analfabetos. Ainda de acordo com o Censo de 1940, a densidade da população distribuída pelo território concelhio era de 312,5 habitantes por quilómetro quadrado.[68]

2.2. Enfoque nas freguesias limítrofes

Começando no interior, as freguesias de (São Vicente de) Alcabideche e de São Domingos de Rana mantiveram a faceta agrícola onde predominavam culturas de sequeiro[69], com destaque para o trigo, além de produzir-se fava, feijão e batata. De fraca arborização e domínio de herbáceas, o verde da paisagem era conferido por manchas de olival, pomares e produtos hortícolas (parte para auto-consumo dos saloios, parte para venda nos mercados locais, sobretudo nos crescentes centros costeiros). A exploração pecuária incidia sobre o gado leiteiro bovino e a avicultura. Das duas, Alcabideche era, não só a freguesia mais extensa da autarquia, como se manteve à margem da dinâmica urbanística do litoral[70]; segundo Maria Isabel Figueiredo, "nos primeiros decénios do Século XX, [Alcabideche] foi a freguesia mais agrícola de todo o concelho.[71]" Inserido no domínio de São Domingos de Rana, o lugar de Parede cresceria de forma bipartida[72] ao longo da ferrovia até meados de 1900, numa dinâmica populacional, comercial e medicinal que justificaria a autonomização administrativa em 1953[73]. Se até aos Anos 20 imperaram casas erguidas por locais e de gosto regional, a década de 30 seria marcada pela estética modernista[74] da classe média lisboeta e cosmopolita.

A terceira freguesia limítrofe a considerar é Carcavelos, a mais pequena do concelho, conhecida pela produção agrícola, com enfoque na vertente vitivinícola[75] em quintas que no ocaso do século XX marcariam a toponímia de urbanizações, como:

---

[68] Cf. Censo de 1940, p.14.
[69] Ferreira de Andrade, *Op. Cit.*, p.102.
[70] Paulo Gomes (coord.) – *Cascais Memórias e Percursos*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2003, p.150.
[71] Maria Isabel Figueiredo – *Cascais Passado e Presente*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1991, p.49.
[72] Nas palavras de Carlos Ferreira, "a estrutura social de Parede modifica-se. Acentua-se a dicotomia entre a área a sul da linha-férrea, local de residência de médicos, de doentes e respectivas famílias pertencentes às classes sociais mais favorecidas, e o Alto de Parede, zona de habitação, por excelência das classes populares". Cf. Carlos Ferreira, *Op. Cit.*, pp.139-140. Junto às praias, casas como a do almirante Azevedo Gomes tinham, por exemplo, *courts* de ténis.
[73] Concretamente, em Maio de 1953. Cf.Ferreira de Andrade, *Op. Cit.*, p.69.
[74] Paulo Gomes, *Op. Cit.*, p.125.
[75]Criada em 1906, a Adega Social de Carcavelos não vingaria, levando à organização da Comissão de Viticultura de Carcavelos, em 1931, e à publicação do decreto nº23:230 a 17 de Novembro de 1933 para defesa do vinho local das falsificações. Cf. António Carvalho (coord.) – *A Vinha e o Vinho em Carcavelos*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais e Turismo de Portugal, 2007, p.49.

Quinta da Alagoa[76], do Barão, da Bela Vista, do Junqueiro, das Palmeiras, entre outras. Carcavelos era outro exemplo da bicefalia entre o centro histórico de *Rocio* a circundar a matriz de azulejos Seiscentistas e o núcleo costeiro quase exclusivo da colónia estrangeira, uma vez que o acordo acertado em 1914 entre a edilidade e a *Eastern Telegraph Company* para a conclusão da Avenida Jorge V (que atravessaria a Quinta de Santo António rumo à praia) não seria aplicado antes de 1936[77]. Em 1943 Branca Colaço e Maria Archer descreviam assim Carcavelos: "Hotéis ou pensões, nem amostra. De Verão aluga-se algumas casas aos banhistas… Carcavelos é baluarte de aristocratas e estrangeiros"[78]. A presença britânica não era, portanto, composta por visitantes, mas por imigrantes com intuitos profissionais definidos e que, apesar das inovadoras actividades desportivas realizadas no perímetro da Quinta, cedo se renderiam aos lazeres oferecidos no complexo turístico do Estoril, o que nos leva a concordar com Isabel Prudêncio, para quem "O desenvolvimento do Estoril e Cascais a partir dos anos 30 veio, sem qualquer dúvida, agravar o abandono que esta freguesia, cuja situação de extremo do concelho não facilita, passou a sofrer."[79]

3. A hegemonia turística do eixo Estoril-Cascais face ao concelho

A reduzida delimitação territorial anunciada como objecto de tese tem como prisma a matriz turistico-propagandística da linha costeira entre Estoril-Monte Estoril-Cascais, e não a dimensão geográfica ou administrativa de um concelho de faceta rural. O nosso interesse é o de apresentar e analisar os equipamentos, eventos e promoção turísticos inerentes a este triângulo, e como a imagem e fulgor económicos do destino o tornariam qual laboratório de ensaios para a definição de parte da gestão política e da produção legislativa para o Turismo no Portugal coevo. Desde 1364 que Cascais era sede concelhia e seria aí que, cinco séculos depois, D. Luís I fixaria a capital balnear da

[76] Galardoada com medalhas de ouro na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, em 1922, e na Exposição das Caldas da Rainha, em 1927. Cf. Jorge Miranda *et al*, *Op. Cit.*, p.86.
[77] Isabel Prudêncio – *Carcavelos, Uma Abordagem Antropológica do Espaço Vivido*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais e Junta de Freguesia de Carcavelos, 1992, p.51.
[78] Branca Gonta Colaço e Maria Archer, *Op. Cit.*, p.228.
[79] Isabel Prudêncio – "Carcavelos: O Destino de uma Freguesia Duplamente Periférica", *Arquivo de Cascais: Boletim Cultural do Município*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, nº7, 1988, p.254.

Coroa. A 1,5km seria no Monte Estoril que, a 13 de Dezembro de 1927[80], se estabeleceria a Comissão de Iniciativa e Turismo do Concelho de Cascais (CITC). Criada pela lei nº8:177 de 5 de Junho de 1922, a CITC começou por ter instalações provisórias na Cidadela até arrendar a *Villa* das Palmeiras[81],na Avenida de Sabóia[82]. Em termos de promoção, a Sociedade de Propaganda de Portugal[83] (SPP) expressaria, por ofício[84], o intento de fixar, em Cascais, um escritório de informações (a Sociedade de Propaganda da Costa do Sol ou SPCS) que, não só seria estabelecido no Pavilhão Estoril (Avenida de Sabóia), como a partir de 1 de Agosto de 1929 publicaria a *Costa do Sol – Revista Quinzenal de Propaganda e Turismo*. Só na década seguinte Cascais teria a sua própria entidade de propaganda[85]. Como recorda José D'Encarnação:

> A década de 30 corresponde… a intensa propaganda, numa acção conjunta dos particulares (nomeadamente das empresas de Fausto Figueiredo) e dos dois organismos especialmente vocacionados para tal:
>
> A Comissão de Iniciativa do Concelho e Cascais e a Sociedade de Propaganda da Costa do Sol.[86]

Para lá da macrocefalia política e promocional da freguesia de Cascais[87], o Turismo no concelho deveu imenso à SE[88]face à transformação de um vale arborizado na melhor estância do país. A primeira atracção (re-)inaugurada foram as termas[89]; por

---

[80] Comissão de Iniciativa e Turismo do Concelho de Cascais (ed.) – *Relatório do Ano de 1936 e 1º Semestre de 1937. Conta de Gerência do Ano de 1936.* Monte Estoril, Comissão de Iniciativa e Turismo do Concelho de Cascais, 1937, p.30.

[81]Então conhecido como *Chalet* Americano, o edifício seria arrendado a 10 de Maio de 1928. Cf. Contrato de Arrendamento do *Chalet* Americano pela Comissão de Iniciativa do Concelho de Cascais, datado de 10 de Maio de 1928 (não catalogado).

[82] Nas palavras de Eduardo Farruncho esta artéria era "um arruamento, que serve de ligação entre os dois extremos da povoação, o nascente e o poente, funcionando como importante eixo rodoviário de atravessamento do povoado." Cf. Eduardo Silvestre Farruncho, *Op. Cit.*, p.65.

[83] Fundada em 28 de Fevereiro de 1906 e sedeada no Chiado, a Sociedade de Propaganda de Portugal (SPP) foi considerada entidade de utilidade pública pelo decreto nº6:440 de 3 de Março de 1920.

[84] Ofício nº1350-C/95 de 16 de Dezembro de 1927, dirigido pela Sociedade de Propaganda de Portugal à Comissão de Iniciativa de Cascais (não catalogado).

[85] A Sociedade de Propaganda de Cascais (SPC) surgiria em Março de 1934, na senda da criação do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), em Setembro de 1933. Cf. Paula Lopes – *Da Tradição ao Turismo: Os Pescadores como Argumento na Vila de Cascais*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, policopiado, 2004, p.38.

[86] José D'Encarnação – "Para Uma História do Turismo no Estoril – IV: Quando o "Sud-Express" tinha o "Terminus" no Estoril", *A Zona*, Cascais/Mafra/Oeiras/Sintra, 24 de Dezembro de 1991, pp.10-11.

[87] A que não eram alheios os exemplos de arte urbana inaugurados, como os monumentos aos Mortos da Grande Guerra e ao Regimento de Infantaria nº19 (ambos a 12 de Abril de 1925), e à Travessia Aérea que ligara Lisboa-Rio de Janeiro (30 de Abril de 1928). Cf. João Miguel Henriques, *Da Riviera*, p.237.

[88] Em 1930, o Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) criou a Comissão de Portugal no Estrangeiro e Fausto Figueiredo era um dos administradores. À Comissão se deveria a criação das Casas de Portugal em Paris, Londres e Antuérpia. Cf. Paulo Pina – *Portugal: O Turismo no Século XX*, Lisboa, Lucidus Publicações Ltd. e Paulo Pina, 1988, p.73.

[89] Festejada a 25 de Agosto de 1918, ainda em fase de acabamentos. Na década seguinte, as termas ligar-se-iam ao Hotel do Parque e no piso inferior existiam serviços de belezacomo barbearia, *manicure* e

outro lado, das primeiras iniciativas realizadas no Parque Estoril destacamos o concurso de Outubro de 1920 organizado pela Sociedade Hípica Portuguesa (SHP)[90]. O fulgor do progresso invadia de tal forma os Estoris internacionais (o Monte e o *resort* faustino), que, em 1926, habitantes ilustres da povoação de Cae Água juntaram-se para ver alterada a designação para São Pedro do Estoril[91]. Ou seja, um dos Estoris de eminência doméstica[92] reclamava algum *glamour*, conseguindo-o através do decreto nº12:228 de 31 de Agosto. Ao invés, São João e o Alto do Estoril decairiam em importância após o encerramento dos banhos da Poça, em Novembro de 1922.

À estabilidade política derivada da imposição da ditadura militar em 1926 corresponderia o acelerar de obras que há perto de 8 anos estavam quase paradas. O compromisso de electrificação do ramal de Cascais seria apenas possível pela parceria firmada entre a SE e a *Société Financière de Bruxelles*[93], à falta de investidores portugueses, incrédulos com a iniciativa. No entanto, embora segura dos lucros ferroviários, a *Société* belga receava o fracasso da estância, impondo como condição a criação de outra empresa para gerir o *resort*, surgindo a Sociedade Estoril-*Plage* (SEP)[94]. Em Agosto de 1926 publicar-se-ia artigo[95] a elogiar o feito tecnológico, o nível de conforto e a melhoria da acessibilidade derivados da inovadora electrificação de linha ferroviária em Portugal e que permitia ligar Lisboa-Estoril em 23 minutos. O serviço sofreria reduções de aplicação devido às perturbações magnéticas causadas no

---

cabeleireiro. Na óptica de Ana Maria Ferreira, "as Termas dispunham de todos os serviços exigíveis por uma clientela habituada a frequentar estabelecimentos europeus congéneres." Cf Ana Maria Ferreira – *A Arquitectura Hoteleira de Lisboa (1892-1959)*, Volume I – Texto, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, policopiado, 1994, p.106. O Hotel do Parque resultaria de versão simplificada por Silva Júnior do plano de Martinet, tratando-se de um hotel de 2ª categoria destinado a uma clientela mais abrangente do que o Palácio. A reinauguração do complexo termal teria lugar a 20 de Junho de 1926. Cf. João Miguel Henriques, *Da Riviera*, p.228.

[90] Sociedade Hípica Portuguesa – *Estoril, Grande Concurso Hípico* Oficial, Lisboa, Centro Typographico Colonial, 1920. Por outro lado, o apelo da velocidade levaria a que, em 1931, o Estoril fosse palco do primeiro *Grand Prix* em motociclismo que o Automóvel Clube de Portugal (ACP) organizaria, no seguimento da apologia publicada quanto à necessidade de uma estrada de turismo Lisboa-Cascais. Cf. Helena Matos (coord.) – *Costa do Estoril: Um Século de Turismo/A Century of Tourism*, Barcelos, Junta de Turismo da Costa do Estoril, 2000, p.74.

[91] Fora Abílio Nunes dos Santos, dono dos Grandes Armazéns do Chiado, o primeiro investidor a adquirir terras e construir casas e apeadeiro no início do século XX. Cf. Ana Brites Antunes *et al – De Cae Água a S. Pedro do Estoril*, Lisboa, Edições Colibri e Câmara Municipal de Cascais, 2005, p.56.

[92] A associação entre São Pedro do Estoril e o turismo interno e de saúde seria reforçada em 1927com a transformação da antiga fábrica de conservas de Carlos Correia em colónia balnear e infantil (para crianças pobres) gerida pelo jornal *O Século*. Cf. João Miguel Henriques, *Da Riviera*, p.249.

[93] Graças aos contactos profissionais de António Centeno, membro da direcção da empresa nacional, da SE e da SEP. Cf. *Indústria Portuguesa*, Setembro de 1928, p.34.

[94] António Amaral de Figueiredo – *50 Anos da Sociedade Estoril*, Lisboa, Litografia António Coelho Dias, Lda, 1971, p.10.

[95] *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 16 de Agosto de 1926, p.245.

cabo submarino; defendendo os interesses do Estado, o governo formaria uma comissão para estudar o fenómeno e encontrar soluções que satisfizessem as empresas, pois algo similar ocorrera em França[96]; a circulação eléctrica seria normalizada em Dezembro de 1926. No decénio seguinte vários artigos debateriam a crise derivada da concorrência rodoviária ligada à disseminação do automóvel e do camião de transporte de carga.

Em Agosto de 1928 inaugurar-se-ia o renovado terminal do Cais do Sodré, edifício modernista de Porfírio Pardal Monteiro[97], substituindo a decadente estrutura Oitocentista que não servia os interesses do Turismo e da imagem do destino «Riviera Portuguesa»[98] que pretendia divulgar-se no exterior. A nível artístico a gare[99] era claro sinal do progresso do país, como se lê em artigo do *Diário de Lisboa*, referindo-se que "Pardal Monteiro… soube conciliar as necessidades do fim a que se destina… com a arquitectura modernissima que se afirmou na Exposição das Artes Decorativas, de Paris.[100]" Perante as mais altas individualidades, Fausto Figueiredo recordou que a estrada rumo a Cascais necessitava de atenção[101] e, nos Anos 30, parte da secular rodovia que bordejava a frente oceânica seria convertida na primeira estrada turística de Portugal, a *Marginal*; nesse decénio projectar-se-ia ainda a auto-estrada Lisboa-Cascais.

Em relação ao Jogo (que o ministro Hintze Ribeiro proibira em 1906), o governo regulamentaria a sua prática pela Lei nº14:643 de 3 de Dezembro de 1927. No prazo de seis meses seria lançado concurso no *Diário do Governo* de 17 de Abril de 1928, II Série, escolhida a concessionária e feita pública a acta do contrato entre o Estado e a SEP (através do *Diário do Governo*, a 29 de Junho[102]). O ano de 1929 pautou-se pela inauguração do campo de golfe (equipamento benquisto para o turista britânico) e do Hotel do Parque; no Verão seguinte verificar-se-iam a abertura do Hotel Palácio, a

[96] Concretamente, no *Midi* francês. Cf. Gazeta *dos Caminhos de Ferro*, 1 de Setembro de 1926, p.261.
[97] Em gosto *Art Déco* inspirado na Escola da *Secession* vienense. Cf. Paulo Pereira (dir.) – *História da Arte Portuguesa*, Vol. III – Do Barroco à Contemporaneidade, Lisboa, Círculo de Leitores, 1997, p.466.
[98] Termo fixado por Raúl Proença, em 1924, em *Guia de Portugal*. Cf. Fontes.
[99] As linhas modernistas seriam seguidas na renovação de outro portal de entrada na capital: a estação de vapores do Sul e Sueste (Terreiro do Paço-Barreiro). O projecto do arquitecto Cotinelli Telmo fora encomendado pela Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e aprovado em portaria de 31 de Dezembro de 1928. Cf. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 1 de Junho de 1932, pp.269-273.
[100] *Diário de Lisboa*, 18 de Agosto de 1928, p.6.
[101] Assertivo, Figueiredo não deixou escapar a ocasião pública para tal reparo. Cf. *Indústria Portuguesa*, Setembro de 1928, p.34.
[102] Após o lançamento da primeira pedra em Janeiro de 1916, o Casino do Estoril seria inaugurado em Agosto em 1931. Em exposição organizada em Maio de 2011 no Espaço Memória dos Exílios observámos um exemplar de caixa, cápsula e auto de lançamento assinado pelos intervenientes, tendo outro sido enterrado sob o edifício. Cf. António Carvalho e João Miguel Henriques (coord.) – *O Estoril e as Origens do Turismo em Portugal/ Estoril and the Origins of Tourism in Portugal*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2011, p.50.

chegada do *Sud-Express* que uniria (Londres-)Paris-Lisboa-Estoril, e regatas associadas à dupla celebração. Em 1931 o Casino seria terminado e, com ele, a maioria das linhas de orientação definidas no plano de 1914, em cujo perímetro se usufruía de equipamentos e práticas de lazer comparáveis a qualquer estância cosmopolita, não só por uma clientela nacional de estratos médio e alto, mas sobretudo por uma população flutuante e endinheirada que se visava cativar: (1) pela promoção dos tesouros climáticos que o Dr. Dalgado anunciara desde 1906, (2) pelas estruturas hoteleiras erguidas, (3) pelo cartaz de eventos e actividades anuais, (4) e pela proximidade geográfica simulada com a extensão da ligação ferroviária ao coração da Europa. O que ajuda a compreender a perspectiva de Teresa Rodrigues, para quem

> Há que esperar pelo estabelecimento da via férrea regular das ligações com Lisboa em 1926 para assistir à terceira fase de arranque populacional concelhio. Retenha-se que o conjunto de população residente ao longo do Eixo Lisboa-Oeiras-Estoril-Cascais aumentou 58% entre 1920 e 1930. De facto, nos anos 30 toda a linha até Cascais se afirma como espaço de lazer, embora em termos de crescimento populacional esse facto não tenha sido demasiado relevante.[103]

A assertividade de Isabel Prudêncio no campo dos lazeres, leva-a a afirmar que, na terceira década de 1900,

> A moda do Estoril irá retirar a Cascais aquele mundanismo que a caracterizou no início de século, e a Carcavelos quase a exclusividade de colónias estrangeiras residentes. O Estoril irá funcionar como pólo de atracção de nacionais e estrangeiros e o próprio desenvolvimento de povoações mais antigas da costa ficará comprometido em favor do Estoril.[104]

Terminamos a apologia territorial de base turística desta tese de doutoramento recorrendo às palavras de Manuel de Ávila Madruga, último presidente da CITC; no relatório final ele imprimiu a crença de que "foram os Estoris a razão fundamental da existência, de facto, duma zona de turismo no concelho de Cascais.[105]" O redactor explicava a alusão directa ao Estoril e ao Monte, visto as duas localidades concentrarem em si 817 quartos (entre hotéis e boas pensões) dos 860 contabilizados na faixa costeira do concelho, durante o ano de 1936. Recorde-se que a concepção moderna de Turismo derivou da Revolução Industrial e da remodelação social em que, ao tempo produtivo/profano e ao tempo religioso se somou um terceiro, o tempo de lazer que, na

[103] Teresa Rodrigues – "Cascais no Último Século – Um Caso de franca Expansão Populacional na Área Metropolitana de Lisboa", *Arquivo de Cascais: Boletim Cultural do Município,* Cascais, Câmara Municipal de Cascais, nº12, 1996, p.149.
[104] Isabel Prudêncio, *Op. Cit.*, p.51.
[105] Comissão de Iniciativa e Turismo do Concelho de Cascais, *Op. Cit.*, p.30.

década de 1930, seria legislado por toda a Europa com a concessão de férias pagas[106]. É o que Eduardo Brito Henriques veicula ao escrever que

> o turismo propriamente dito… é um produto da sociedade moderna, capitalista e industrial… [pois] à medida que a fábrica substituía a oficina de produção artesanal… assistia-se também a uma separação cada vez mais evidente dos espaços de produção e reprodução social.[107]

4. As dinâmicas estabelecidas entre a autarquia e a capital

Na óptica política da relação Cascais-Lisboa refira-se a subordinação administrativa do município[108] ao governo central. Contudo, enquanto o executivo[109] laborava na capital, o Chefe de Estado preferia alojar-se com regularidade na Cidadela de Cascais (lembre-se a audiência cedida, em 1929, ao general Baden Powell[110]). Em termos turísticos, em Dezembro de 1936 o espírito centralizador do Código Administrativo extinguiria a CITC[111], substituindo-a por uma Junta de Turismo subjugada à edilidade. Três anos depois, o vigor financeiro do sector levaria a que a sua gestão ao nível decisor central transitasse da tutela do Ministério do Interior (MI)[112] para a do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), embora as questões municipais

[106] A sua menção surge já em acta da CITC, relativamente aos operários que laboravam nas obras da Praia da Conceição, antes da fixação legal nacional. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 17 de Maio de 1935, p.141.

[107] Eduardo Brito Henriques – *Lisboa Turística, entre o Imaginário e a Cidade: A Construção de um Lugar Turístico Urbano*, Lisboa, Edições Colibri, 1996, p.28.

[108] Consultados exemplares do *Anuário Comercial de Portugal* publicados entre 1929 e 1939 constatam-se: (1) a estabilidade do posto de Administrador do Concelho sob a égide do Tenente António Rodrigues Cardoso (1929-1937), assumindo, em simultâneo, o cargo de presidente da Comissão Administrativa (edil) entre 1930-1937; (2) a indicação de Franklin Lamas e Francisco Romano Esteves como membros da segunda entidade ao longo do período em causa.

[109] A 28 de Maio de 1926 a instabilidade nacional conduzira Gomes da Costa e Mendes Cabeçadas a golpe militar não baseado em "movimento político ou ideológico organizado" (Cf. Manuel Braga da Cruz – *Monárquicos e Republicanos no Estado Novo*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1986, p.59), mas que não resolveria as aflições da Primeira República (Cf. Douglas Wheeler – *História Política de Portugal 1910-1926*, trad. J. O. M. e Cristina Correia, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1978, p.273). Isso levaria o General Carmona a procurar ajuda num técnico civil, resgatando António de Oliveira Salazar da Universidade de Coimbra, o qual provaria competência, apesar das medidas draconianas adoptadas e da imagem catedrática que "em nada se assemelhava ao modelo do ditador em voga na Europa"(Cf. João Medina – *Salazar, Hitler e Franco – Estudos sobre Salazar e a Ditadura*, Lisboa, Livros Horizonte, 2000, p.233). Em Janeiro de 1930 o General Ivens Ferraz demitir-se-ia da liderança do governo, face a incompatibilidade com Salazar, que depressa lançaria as sementes do Estado Novo, vencendo eleições em 1932 e publicando nova Constituição em 1933.

[110] *O Notícias Ilustrado*, 10 de Março de 1929, p.21.

[111] Cf. Decreto-lei nº27:424 de 31de Dezembro de 1936.

[112] Cf. Lei nº30:251 de 30 de Dezembro de 1939.

permanecessem subjugadas às câmaras e ao MI: esta proximidade ao Presidente do Conselho inaugurou o que Pina intitulou como "O Consulado de António Ferro".[113]

Ao nível das acessibilidades, da tecnologia e das comunicações, João Viegas[114] defende que o estabelecimento da ferrovia em 1889 levou ao desaparecimento dos *ómnibus*, dos *chars-à-bancs* e das viagens de barco (a vapor) entre Cascais-Lisboa, conduzindo ao desenvolvimento costeiro de núcleos habitacionais perto dos apeadeiros criados, como foram os casos de Carcavelos e Parede. Por outro lado, interessante contraste era o verificado entre a produção energética e os serviços de telecomunicação realizados; apesar de, em 1878, a Cidadela ter acolhido a primeira iluminação eléctrica em Portugal e de, em 1891, terem surgido as Companhias Reunidas Gás e Electricidade, a verdade é que a distribuição municipal dos mesmos dependia da empresa sediada na capital, concretamente da produção de gás da fábrica sita em terrenos anexos à Torre de Belém[115], e da produção eléctrica[116] que, a partir de 1921, se realizaria na Central Tejo[117]. O serviço prestado nunca satisfez a autarquia cascalense, como se depreende num artigo de 1930 onde se lia: "já se vê um poucochinho melhor"[118] no concelho. Ao invés, a experiência da instalação, em 1870, em Carcavelos, do cabo submarino, permitiu que, em 1912, o governo e a empresa Marconi[119] assinassem um contrato que visava ligar Portugal (entre si e ao mundo) através do inovador sistema da telegrafia sem fios (TSF). Quanto ao telefone, desde 1882 que a *Edison Gower Telephone Company of Europe* detinha o monopólio das redes de Lisboa e do Porto, o qual seria depois transferido para a *The Anglo-PortugueseTelephone Company* e alargada a um raio de 30km ao redor das duas cidades (embora o equipamento continuasse a ser um produto de luxo). No concelho de Cascais a primeira estação telefónica abrira, em 1899, no Estoril, e a segunda, em 1929, na vila, sendo ambas melhoradas na década de 1930.

---

[113] Paulo Pina, *Op. Cit.*, p.85.

[114] João da Cruz Viegas – *As Comunicações de Cascais para Lisboa: Terrestres, Ferroviárias, Marítima, Postal, Telegráficas e Telefónica*, Cascais, Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães, 1940, p.26.

[115] Em 1934 escolher-se-ia a Quinta da Matinha para sede da fábrica, mas as obras de aterro da praia apenas se iniciariam em 1938 face aos preparativos dos Centenários em 1940. A importância cenográfica da Torre manuelina justificava a remoção da fábrica. Cf. José Alves da Costa – *Gás de Lisboa: da Iluminação Pública a Gás na Lisboa Romântica ao Gás Natural*, Lisboa, Lello Editores, 1996, p.79.

[116]Ligação referida em entrevista ao engenheiro Manuel Belo da Sociedade Estoril (SE). Cf. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 1 de Agosto de 1926, p.228.

[117] José Alves da Costa, *Op. Cit.*, p.65.

[118]*O Estoril*, 19 de Outubro de 1930, p.3.

[119] Álvaro Silva, Ana Matos e Bruno Cordeiro – "Ciência, Tecnologia e Indústria nos Primórdios da Electricidade em Portugal", *Momentos de Inovação e Engenharia em Portugal no Século XX*, Volume II – Grandes Temas, Manuel Heitor, José Brandão de Brito e Maria Fernanda Rollo (coord.), Lisboa, Publicações D. Quixote, 2004, p.54.

Na verdade, suplantando a estética da Estação Central da Trindade, o edifício modernista delineado por Adelino Nunes para as imediações do Tamariz respeitava as linhas estéticas do Parque Estoril, sendo legendada pela empresa como "uma Estação do nosso tempo"[120]. Ainda no campo das acessibilidades, da tecnologia e das comunicações, as edições do *Anuário Estatístico* publicadas entre 1930[121] e 1941[122] permitem-nos revelar a importância estratégica de Cascais para o tráfego marítimo de entradas e saídas de embarcações no Tejo. Desta feita, na linha de costa da edilidade existiam três faróis (no Cabo raso, na Guia e em Santa Marta), aos quais associamos o do Cabo da Roca (Sintra), pela articulação luminosa no perímetro Roca/Cidadela; quanto ao contacto terra/mar, existia em Oitavos uma estação semafórica que enviava e recebia telegramas, visando a perfeita navegabilidade rumo ao porto de Lisboa.

No âmbito residencial, tanto os *chalets* de finais de Oitocentos, quanto as moradias posteriores mantinham-se na posse das elites comercial e financeira que ali se dirigia no período estival, embora se tenham fixado elementos devido ao *upgrade* do conforto dos comboios pela SE e à proliferação da circulação automóvel[123] em finais da década de 1920. Exemplo de capitalista financeiro residente em Cascais, mas cuja sede laboral (bancária) se situava em Lisboa, foi o de Manuel de Castro Guimarães[124]. No domínio imobiliário, Raquel Henriques da Silva refere que a reforma da contribuição predial de 1928[125] trouxera alento às companhias de urbanização sediadas em Lisboa, tornando-se muito activas no Estoril após a electrificação da linha e face às parcelas de terrenos disponibilizados a privados: várias seriam as residências de gosto modernista que, a partir de 1929, pontuariam a paisagem do Parque.

---

[120] The Anglo-Portuguese Telephone C.º Ltd – *História Breve da Companhia dos Telefones*, Lisboa, 1937, p.24.

[121] Direcção Geral de Estatística – *Anuário Estatístico de Portugal – Ano de 1929*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1930. Para a questão dos faróis Cf. p.307; para a estação semafórica de Oitavos, Cf.p.328.

[122] Direcção Geral de Estatística – *Anuário Estatístico – Ano de 1939*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1941.

[123] O primeiro Código da Estrada surgiu pelo decreto nº14:988 de 30 de Janeiro de 1928 e, mau grado a crise energética inerente à Depressão de 1929, o aumento do fluxo automóvel levaria à fundação da Junta Autónoma das Estradas pelo diploma nº16:866 de 22 de Maio de 1929.

[124] Bibliófilo, desportista, filantropo e membro da direcção do Banco Lisboa & Açores. Em 1924, viúvo e sem filhos, redigiu testamento legando os bens à população de Cascais através de gestão camarária (Cf. Maria Margarida Sequeira – *Um Mecenas em Cascais no Século XX: Manuel de Castro Guimarães*, Lisboa, Trabalho Final de curso apresentado à Escola Superior de Artes Decorativas/Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, 1998, pp.22-24). O palácio transformar-se-ia em museu e as cozinhas em biblioteca; o donativo facultado à Misericórdia permitiu a inauguração, em 1941, do novo hospital baptizado com o seu nome e que, até Fevereiro de 2010, funcionou no centro da vila.

[125] Raquel Henriques da Silva – "*Estoril, Estação Marítima, Climatica, Thermal e Sportiva – As Etapas* de um Projecto: 1914-1932", *Arquivo de Cascais: Boletim Cultural do Município*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, nº10, 1991, pp.41-60.

Urge inserir um parágrafo sobre as condições de vida da população anfitriã. À semelhança da instalação súbita da corte em 1870, nas primeiras décadas de 1900 o município continuava a padecer de graves falhas ao nível de: (1) abastecimento e qualidade da água, (2) estradas e acessos, (3) redes de esgotos e salubridade, (4) desemprego e mendicidade, e (5) condições de assistência e educação. Das entidades e individualidades concelhias que alertavam para os factos destacamos o semanário *O Estoril*, que dedicou a capa da edição de 14 de Dezembro de 1930 à questão "Problemas Urgentes a Resolver"[126]; em 1931, o Dr. Ruy Canas[127] publicaria uma conferência em prol da urbanidade, declarando que, no concelho de Cascais, "as nossas deficiências são muitas e muito graves"[128]. O clínico desfiaria os atrasos civilizacionais, estabelecendo paralelos entre as falhas estruturais e culturais e as más práticas turísticas, devendo ambas ser arredadas. Em tom poético-propagandístico o orador exortou que

> Turismo sem higiene é uma peta, porque quem convida para sua casa tem obrigação de ter a casa em ordem.
>
> Turismo sem assistência é um descrédito, porque o grau de cultura de um povo não se aufere só por palácios e casinos, mas principalmente pelas instituições de alcance social.[129]

As questões de urbanidade serão abordadas e a sua superação ficaria, em parte, a dever-se à liderança do Tenente Rodrigues Cardoso[130] na Comissão Administrativa do concelho de Cascais. A estabilidade política derivada da sua gestão permitiu o termo de obras por si iniciadas, e o facto de ter sido vogal da CITC (de 29 de Novembro de 1929 a 9 de Outubro de 1931[131])sensibilizá-lo-ia quanto às necessidades e benesses inerentes ao sector. O eixo de estudo crescera como estância de Inverno devido a clientela britânica e, na década de 1930, como estância estival de turistas espanhóis, o que marcaria sazonalidade do destino. Por contraponto, o cliente interno (lisboeta)

[126] *O Estoril,* 14 de Dezembro de 1930, p.1.
[127] Em Novembro de 1930 publicar-se-ia um artigo sobre a abertura da Policlínica de Cascais com consultas a preços acessíveis, sendo o Dr. Ruy Canas um dos associados (Cf. *O* Estoril, 23 de Novembro de 1930, p.3). O mesmo médico seria nomeado pelo Ministério do Interior (MI) como membro da Comissão de Iniciativa e Turismo de Cascais (CITC) em portaria de 25 de Janeiro de 1933 e eleito presidente do organismo oficial de turismo pelos pares. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 4 de Fevereiro de 1931, p.43v.
[128] Ruy Canas – *Cascaes Antigo e Cascaes Moderno,* Lisboa, Escola Tipográfica Oficinas de S. José, 1931, p.11.
[129] *Idem,* p.32.
[130] Pertencendo à espinha dorsal da ditadura militar que governava desde 1926, o edil não cairia com o Código Administrativo de 1936, resignando por decisão pessoal. Cardoso foi presidente da Comissão Administrativa do Concelho entre 2/12/1930 e 30/12/1937. Cf. António Carvalho e Conceição Santos (coord.) – *A Casa dos Azulejos de Cascais – de Palácio dos Condes da Guarda a Paços do Concelho,* Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2009, p.289.
[131] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931).

destacava-se pela periodicidade dos fluxos de fim-de-semana, mercê dos eventos publicitados/realizados entre Parque Estoril-Baía-Guincho, cativando-se um nicho desejoso de experiências fora da capital, numa época em que se destacava o (compacto) clube nocturno *Maxim's*[132]. O grande trunfo do Estoril residia no feitiço que as roletas exerciam, sendo a única área de Jogo concessionado na Grande Lisboa, desde 1928. A edificação de hotéis e Casino no Parque elevariam o destino através do que hoje designamos como Turismo Científico.[133]

Se, por um lado, foram os produtos tecnológicos e estruturais resultantes da actividade humana que complementaram a atractividade natural de Estoril e Monte, por outro, Cascais seduzia pelas tradições da comunidade piscatória que Carlos Bonvalot pintaria em telas várias[134] e pelo carácter primordial (quase genésico) do trecho de costa entre Cidadela-Sintra, num complemento à artificialidade dos Estoris. Similar ideia é apresentada na obra *Cartas de Cascais*[135], concretamente na II Carta, redigida nos Anos 20, na qual Alfredo Pinto invoca diálogo mantido na esplanada do Tamariz com uma senhora francesa recém-chegada de Paris, para quem "aqui existe mais a imitação do que vemos lá fora. Já não direi o mesmo de Cascais. A *Bôca do Inferno* e a praia do *Guincho*são imponentes em toda a parte.[136]"Para Paula Lopes, na linha da Constituição de 1933 que oficializou o Estado Novo reforçar-se-ia a gestão oficial nacionalista de base historicista e tradicionalista[137] defendida por António de Oliveira Salazar, exaltando-se o *modus vivendi* dos marinhos cascalenses. A população humilde seria louvada como a herdeira directa dos navegantes que desbravaram mares, apologia que, no fundo, era uma reacção oficial à monumentalidade dos grandes centros artísticos internacionais (recorde-se quão incómodo era o mundanismo do Estoril para o conservadorismo do regime). Exemplo da valorização da identidade nacional foram os Cursos de Verão de Cascais. Iniciados em 1934, sob organização da Faculdade de

[132] Cuja concessionária era a mesma dos equipamentos do Estoril: a Sociedade Arrendatária Internacional (SAI), à qual a Sociedade Estoril-*Plage* (SEP) concedera a exploração dos espaços inseridos no perímetro do Parque. Cf. ANTT/AOS/CO/FI-5, pt.18 [folha 493].

[133]Recorde-se o V Congresso Internacional da Crítica, em Setembro de 1931, o III Congresso Rádio-electricidade três anos depois, o I Congresso Nacional de Turismo, em Janeiro de 1936, ou a Conferência do Tráfego Ferroviário Internacional Franco-Hispano-Português, em Junho de 1939.

[134]Em retratos individuais de pescadores nomeados ou em composições de grupo como *A Lota* (de 1933), onde se vislumbram o pescado variado, a população (jovens e adultos), e a prática da Árte Xávega na Baía. Cf. António Carvalho e Carla Varela Fernandes (coord.) – *Cascais de Carlos Bonvalot*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais e Turismo de Portugal, 2009.

[135] Na qual, vinte anos volvidos, Alfredo Pinto compilaria as epístolas remetidas ao amigo Álvaro.

[136] Alfredo Pinto – *Cartas de Cascais*, Lisboa, Livraria Férin, 1943, p.20.

[137] Paula Lopes, *Op. Cit*, pp.53-74.

Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), as formações começaram por realizar-se no Museu Condes de Castro Guimarães (MCCG)[138], em Agosto de 1934. Em meados de 1930 seriam implementados dispositivos do Estado corporativo, nacionalista e cristão, tanto na conduta estratégica de ilustres[139], como nos lazeres usufruídos[140], sem esquecer manifestações de cariz anti-comunista e pró-Estado Novo. Interessante é constatar a crescente rivalidade entre o mundanismo das práticas sociais no Estoril, e a revitalização do tradicionalismo[141] das condutas em Cascais, isto é, embora os Estoris internacionais fossem divulgados pela SPCS desde o termo de 1928, a partir de 1934 a sede de concelho seria promovida com base no que melhor guardara ao longo de séculos: a brava comunidade piscatória e a paisagem costeira. O cosmopolitismo dos Estoris internacionais cresceria após o exílio de espanhóis[142] como Sanjurjo (instalado em 1934), adquirindo as localidades a aura de sede oficiosa da resistência (da direita) espanhola. Ralph Fox[143] indica que era prática corrente avistar-se oficiais franquistas a gozar licença ou membros da Falange com contactos em Lisboa. Segundo o autor,

> O Estoril… é o paraíso de um exilado. Os grandes de Espanha, os condes, marqueses e duques, apaixonaram-se pelo Estoril. Enchem o casino todas as noites, nas suas elegantes roupas inglesas; sentam-se na esplanada à tarde, [e] apanham banhos de sol… de manhã. [144]

O concelho de Cascais participaria de forma diversa no conflito vizinho, pois: (1) em Parede, o Rádio Clube Português (RCP) aumentaria a potência das antenas e emitiria apoioaos combatentes; (2) no Estoril se retemperavam as forças dos militares

---

[138] *Diário de Lisboa*, 20 de Julho de 1934, p.5.

[139]Como a inserção de Fausto Figueiredo como membro da Câmara Corporativa. Não esquecer que, em Janeiro de 1934, o governo passaria a fazer parte da administração da SEP.

[140]Recordem-se competições como regatas internacionais que exemplificaram a fase de endurecimento do regime (de índole fascizante) face ao conflito espanhol. A estas iniciativas ligaram-se Mocidade e Legião portuguesas, criadas em 1936 para acautelar a defesa da integridade territorial nacional.

[141] Fernando Rosas recorda que a ideologia ultra-conservadora e ruralista do Estado Novo propagaria uma imagem oficial de pacatez e humildade, recusando a intrusão derivada de qualquer expansão industrial, urbanística e tecnológica – e turística, acrescentamos – (Cf. Fernando Rosas – *O Estado Novo nos Anos Trinta: 1928-1938,* 2ª ed., Lisboa, Editorial Estampa, 1996, p.115). Pela rivalidade Estoril-Cascais note-se que "Durante o regime de Salazar, a independência e a identidade remeteram em uníssono para o isolamento, que será alimentado pela rusticidade da população camponesa, livre das *aviltantes* marcas do progresso e da abastança." Cf. Jorge Ramos do Ó – *Os Anos de Ferro: O Dispositivo Cultural durante a «Política do Espírito» 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, p.67.

[142] Em Espanha a Monarquia fora abolida em 1931, dando lugar à República, mas a instabilidade vizinha era seguida atentamente por Salazar, perante o perigo de uma investida conjunta entre políticos espanhóis e republicanos portugueses exilados em Paris e Madrid. De Portugal seguiriam os «Viriatos», voluntários ansiosos por ajudar Franco contra a Frente Popular e os comunistas (em suma, a esquerda).

[143] Jornalista e comunista inglês que, em 1936, chegara a Lisboa para estudar a organização da resistência espanhola, rumando ao país vizinho para juntar-se à XIV Brigada Internacional contra o Fascismo, perecendo, perto de Córdova, em Dezembro desse mesmo ano.

[144] Ralph Fox, 1936 – *Portugal Now*, trad. Rui Lopes, Lisboa, Tinta da China, 2006, pp. 65-66.

oposicionistas; (3) no Monte viveriam, na *Villa* Leocadia, Sanjurjo[145] e a família; (4) no campo da Marinha faleceria esse general em desastre aéreo quando partia para liderar a revolta em Espanha. Malgrado o pesar falangista, a morte de Sanjurjo transformar-se-ia num precioso golpe promocional graças à divulgação de imagens pelos *Media* internacionais quanto ao local fatídico e ao Estoril. Ali estaria em câmara ardente o corpo do defunto[146]; ali decorreria o cortejo fúnebre que atravessaria a estrada nacional rumo ao cemitério local (de onde seria trasladado, após a Guerra Civil): a tragédia divulgaria o eixo a custo zero. Por outro lado, o fluxo de espanhóis (quer refugiados, quer turistas estivais) levaria as autoridades a redefinir a política sanitária cascalense, implementando-se a campanha de combate a moscas e mosquitos, a partir de 1938. Além disso, a centralização verificada durante a ditadura salazarista levaria a que o Estado se imiscuísse nos preceitos de gestão da actividade turística, recorrendo à experiência da SEP para, em 1936, apoiar o florescimento de São Miguel, nos Açores. Em suma, como indica Colin Michael Hall, "no matter what type of political structure a country has, there is invariably some form of government intervention in tourism."[147]

[145] *Diário de Lisboa*, 21 de Julho de 1936, p.4.
[146] Na igreja de Santo António, onde o filho mais velho casara e a filha mais nova fora baptizada.
[147] Colin Michael Hall – *Tourism and Politics: Policy, Power and Place*, Chichester, John Wiley & Sons, 1999, p.30.

II. FAUSTO E POMPA INSTALAM-SE NO ESTORIL: 1929-1933

> Quem ha umas dezenas d'annos adregasse de passar por este então alcantilado torrão, cheio de rumurosos pinheiros, deserto quasi bravio e voltasse agora… julgar-se-hia transportado subitamente a novas regiões ou teria a ilusão que ressuscitara d'um profundo sono… E quem foi o mago que fez este «milagre» que não vem no livro de S. Cypriano?!... Fausto de Figueirêdo!... Elle é o Sol creador d'esta Costa de Sol![148]

1. A brochura de Fausto Figueiredo

Quando em Outubro de 1992, enquanto estudante de 1º ano do bacharelato em Guias-Intérpretes Nacionais na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, os colegas mais velhos conduziram os «caloiros» ao jardim do Casino para homenagear a estátua[149] central, todos nos interrogámos: quem foi o ilustre? Semanas depois, em *Introdução à Problemática do Turismo*, fomos academicamente apresentados a Fausto Figueiredo, o tenaz idealista que mudara a imagem e a gestão institucional da actividade turística em Portugal. Passaram os anos e visando esta produção permitir a nossa progressão profissional, impõe-se, por factualidade científica no âmbito da História (do Turismo) Local e até por questões de «familiaridade», apresentar uma resenha biográfica sobre o criador do Estoril.

Fausto Cardoso de Figueiredo nasceu a 17 de Setembro de 1880, na freguesia de Baraçal, concelho de Celorico da Beira, distrito da Guarda. Cedo este beirão de poucas palavras rumaria à capital para trabalhar na Farmácia Veiga[150] (Rua dos Retroseiros), terminando, em 1900, o curso correspondente na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa[151]. Num dos andares superiores do estabelecimento onde trabalhava ficavam os escritórios de José Ferreira do Amaral[152], roceiro de cacau que, em 1910, se tornaria seu sogro e o introduziria num palco social no qual acederia a contactos de remonta. No plano

---

[148] *Casino*, 14 de Outubro de 1928, p.18. Este «Semanario de Elegancias e Arte» tinha redacção e administração no Casino Internacional; adiante abordaremos o Jogo e a importância do equipamento no Monte Estoril antes da inauguração do Casino no Estoril.

[149] Bronze de Leopoldo de Almeida inaugurado a 17 de Setembro de 1971 na presença do Presidente da República e do edil cascalense, para imortalizar o extinto empresário no dia de aniversário natalício. Nessa manhã, pelas 11h00, fora lançada a primeira pedra do Bairro Fausto de Figueiredo, no Estoril, destinado a alojar funcionários da SE e da SEP. Cf. *Diário de Notícias*, 17 de Setembro de 1971, p.1.

[150] *O Século*, 6 de Abril de 1950, p.8.

[151] Luísa Vilarinho, *Op. Cit.*, p.300.

[152] "Abastado proprietário de São Tomé", onde a filha Clotilde nascera. Cf. João Miguel Henriques, *Da Riviera*, p.223.

político, a sua adaptabilidade[153] às facções no poder permitiu-lhe atingir objectivos empresariais e turísticos. Figueiredo realizou curtas passagens pela Câmara Municipal de Cascais (CMC) entre 1911/1913 e 1919/1922para fazer avançar as obras projectadas, escapando ao golpe da «Noite Sangrenta» de 19 de Outubro de 1921 ao esconder-se em casa de um amigo; foi Provedor da Assistência (1923-1928)[154], presidente do Conselho Fiscal da Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira (1929-1933)[155]e procurador à Câmara Corporativa, na secção «Turismo». A nível profissional, as suas áreas de incidência variaram entre os planos ferroviário[156], colonialista[157], turístico e dos *Media*[158]. Além de projectar a estância Estoril, a ele se deveu a idealização da Casa de Portugal em Paris[159] e a organização do I Congresso Nacional de Turismo; foi ainda membro da Comissão Peninsular de Turismo.[160]

Figueiredo escaparia ileso a atentado perpetrado no Tamariz, em 1937, mas um acidente de automóvel frente ao Aquário Vasco da Gama, em 1944, deixaria marcas indeléveis. Fausto Figueiredo faleceria a 6 de Abril de 1950 na casa do Pinhal Manso, na encosta entre Monte e Estoril: tinha 70 anos. Em sessão camarária de 27 de Fevereiro de 1959 foi deliberada a atribuição do seu nome à artéria onde se situa a residência[161]. Em artigo de 1928 consultado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), saúda-se a conduta de Figueiredo em prol do desenvolvimento nacional, pois "em vez de lançar o seu dinheiro para o exílio, atrai[u] a Portugal o capital estrangeiro depois de

[153]Em prefácio de João Medina a um catálogo o historiador passa em revista as afiliações franquista, republicana, afonsista e salazarista de Figueiredo, rotulando-o com um termo em voga no início do século XX, devido à "sua trajectória de *adesivo*". Cf. António Carvalho, Helena Xavier e João Miguel Henriques (coord.) - *Cascais, o Passado nunca Passa, Catálogo da Colecção José Santos Fernandes*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2010, p.13.

[154]*O Século*, 6 de Abril de 1950, p.8. Em 1923 *O Oeirense* anunciava que Figueiredo aceitara a função pública, em comissão gratuita, no Ministério do Trabalho. Cf. *O Oeirense*, 10 de Junho de 1923, p.2.

[155] Os estatutos da agremiação definiam-na como uma instituição patriótica e conservadora; da estrutura nacional destacavam-se 14 direcções concelhias, uma das quais sediada em Cascais (Cf. Ernesto Castro Leal – *Nação e Nacionalismos: A Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira e as Origens do Estado Novo (1918-1938)*, Lisboa, Edições Cosmos, 1999, pp.293-305). Yves Léonard recorda que a Cruzada congregou homens tão diferentes como o Presidente António José de Almeida, os militares Gomes da Costa e Filomeno da Câmara, e os monárquicos integralistas Salazar e Cerejeira. Visando a instauração de ordem no país, em 1924, a Cruzada começou a preparar-se para participar no golpe de Maio de 1926. Cf. Yves Léonard – *Salazarismo e Fascismo*, 1996. trad. Catarina Horta Salgueiro, Mem Martins, Editorial Inquérito, 1998, pp.34-35.

[156] Foi administrador da CP – Caminhos de Ferro Portugueses, entre 1910-1949.

[157] Pela gestão da herança da esposa, que sobreviveria em cinco anos ao desaparecimento do marido.

[158]Em 1919 adquirira acções do *Diário de Notícias*, além de que, em edições distintas, Joaquim Manso, director do *Diário de Lisboa*, se lhe dirige com manifestações de amizade.

[159] Ideia defendida pelo amigo António Branco Cabral em artigo publicado no *Diário de Notícias*, aquando da inauguração da estátua no Parque. Cf. *Diário de Notícias*, 17 de Setembro de 1971, p.1.

[160] *O Estoril*, 14 de Maio de 1933, p.4.

[161] Manuel Eugénio F. Silva e José Ricardo C. Fialho – *Toponímia da Freguesia do Estoril – Os Nossos Arruamentos*, Estoril, Junta de Freguesia do Estoril, 2010, p.108.

ter patrioticamente empregado o que lhe pertenc[ia].[162]" A ligação ao Estoril deveu-se à frágil saúde da esposa[163], pois após o enlace em 1910 fixariam residência na encosta do Monte virada para o Vale de Santo António. Foi o que Manuel Marques Mata[164] defendeu nas «Primeiras Jornadas Luso-Espanholas de Hidrologia Médica», pois

> Não fora a regularidade do clima desta região para atrair, para almejada cura, a Ex.ma Senhora D. Clotilde Amaral de Figueiredo, que beneficiando do tratamento climático, determinou seu marido a fixar residência nestas paragens, nunca o Estoril poderia ter atingido o grau de progresso e de desenvolvimento que hoje possui.[165]

Licenciado em Farmácia e encarregue de representar o sogro em reuniões de negócios, bem como habituado a estadas regulares em estâncias de saúde pela Europa, Figueiredo depressa se deu conta que as potencialidades naturais do vale (microclima, nascentes termais, situação costeira e tela paisagística) podiam converter-se em recursos turísticos de abrangência internacional. Num ápice adquiriria terrenos (com destaque para a Quinta do Viana[166]) visando a criação do *resort* de luxo[167] que ponderou baptizar de "Estoril-les-Bains"[168]. Deslocou-se a Paris para contactar Henri Martinet, a quem incumbiria de desenhar o projecto e, em 1914, submeteria à apreciação governamental a brochura *Estoril – Estação Marítima, Climaterica, Thermal e Sportiva*. Se os modelos a seguir eram os da Riviera francesa, o redactor recordava que o Turismo fora a mola de desenvolvimento de um pequeno Estado: a Suíça. Dos equipamentos hoteleiros e estruturas complementares a erigir, destacavam-se: (1) hotéis para diferentes estratos

[162] ANTT/MI/DGPC, Nt.705, pt.108. *O Prólogo da Ditadura* era um suplemento da publicação *ABC*.
[163] Clotilde Ferreira do Amaral só tinha um pulmão e fora um médico suíço quem lhe recomendara os ares do Estoril. Cf. "Estoril – Uma Realização Pessoal", *Dirhotel*, nº29, Julho/Agosto 2001, p.21.
[164]Inspector de Saúde de Cascais que, a 13 de Novembro de 1931, integrou a Comissão de Iniciativa, lutando pela melhoria da salubridade municipal. Cf.Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 13 de Novembro de 1931, p.189.
[165] Marques da Mata – "A Costa do Sol Hidrológica e Climática", Separata de *«O Médico»* nº460, Porto, Tipografia Sequeira, Lda., 1960, p.38.
[166] José Viana da Silva Carvalho foi o empresário que, a partir de 1880, investiu na transformação do balneário termal visitado por D. José I em edifício neo-mourisco, erguendo o primeiro Hotel Paris junto à gare do Estoril e, do lado oposto, casas para alugar a pacientes e famílias. Para além da Quinta do Viana, outras parcelas adquiridas pertenciam às antigas quintas do Machado e do Caldas.
[167] Para Licínio Cunha, esta "foi uma iniciativa pioneira que só viria a ser aplicada, 50 anos depois, com o projecto de Vilamoura no Algarve". Cf. Licínio Cunha – "A República e a Afirmação do Turismo", *Viajar – Viajantes e Turistas à Descoberta de Portugal no Tempo da I República*, Lisboa, Centenário da República 1910-2010 e Turismo de Portugal, 2010, p.135.
[168] John D. Hampton – *Cascais, do Passado ao Presente (Uma breve Resenha Histórica)*, s/l, s/e, s/d, s/p. Outro autor recorda que essa pretensão fora, anos antes, enunciada por Ramalho Ortigão. Cf. João Miguel Henriques, *Cascais*, p.80.

financeiros de topo e de classe média[169]; (2) um moderno balneário termal; (3) jardins ao ar livre[170]; (4) campo de golfe, *courts* de ténis e um «Palácio dos *Sports*»[171]; (5) casino com diversas salas para actividades variadas como bilhar, esgrima, dança e representações teatrais (o Jogo era então proibido); (6) esplanada à beira-mar para passeios[172]; (7) lavandaria[173] e outros[174]. Apesar da modernidade revelada no entendimento da actividade turística pelas criações desejadas, não podemos deixar de manifestar preferência por um equipamento de lazer com incidência para a velocidade, num período em que competições do género marcavam já o calendário desportivo europeu. De facto, antes de se debruçar sobre os planos para o Estoril Figueiredo dedicara o capítulo intitulado «A Iniciativa Official» aos prós e contras do hotel do Buçaco, nele criticando a inexistência de uma *garage* para recolha de automóveis. Curiosamente, esse foi o primeiro esboço de Silva Júnior encontrado na edição de Janeiro de 1915 d'*A Arquitectura Portugueza*. O edifício em causa teria um corpo central com dois níveis e duas alas laterais de piso térreo; ambas estariam unidas por uma *remise* semi-circular projectada para a traseira da estrutura. A *garage* seria construída em alvenaria, cantaria, betão e coberta com telhado marselhês, excepto ao nível da *remise*, que, sob a cobertura de ferro, poderia albergar até 30 automóveis. O projecto estava orçado em cerca de "trinta contos de réis."[175]

---

[169] A brochura menciona um hotel de luxo, outro ligado às termas por uma galeria envidraçada e um terceiro, o «Hotel do Parque», cujos "preços serão mais modestos que os do *Palace*-Hotel." Cf. *Estoril – Estação Maritima, Climaterica, Thermal e Sportiva*, Lisboa, Typographia A Editora Limitada, 1914, s/p.

[170] No capítulo «O Futuro do Estoril» são mencionadas pérgolas envidraçadas ao longo das actuais avenidas Clotilde e Aida. A nosso ver isso revelava o desejo de agradar ao mercado britânico que, havia décadas, se deslocava ao Monte Estoril por razões climáticas. Sobre esta necessidade estrutural recuperamos as palavras de Fred Gray, para quem "the seafront parks and gardens, intricately related to the promenade, were a particularly critical dimension in designing the British seaside resort…[because they] domesticated the seaside, in a familiar and comfortable way." Cf.Fred Gray – *Designing the Seaside: Architecture, Society and Nature*, London, Reaktion Books, 2006, p.133.

[171] O edifício teria três níveis entre rés-do-chão, piso superior e torre, terraços com pilastras e gradeamentos em ferro forjado, sendo a estrutura de betão coberta com telha de Marselha. A obra estava orçada em "cerca de quarenta mil escudos." Cf. *A Arquitectura Portugueza*, Julho de 1926, p.27. O projecto podia ainda ser admirado n'*A Construção Moderna* de 10 de Setembro.

[172] Qual *Promenade des Anglais*, criada em Nice.

[173] A brochura propunha a localização de "estabelecimentos de desinfecção e lavandarias a vapor" em São João do Estoril. Cf. *Estoril – Estação Maritima*, s/p. Serviços de higiene fulcrais às actividades hoteleira e de restauração, os alçados e planta interna do edifício de piso térreo, também assinados por Silva Júnior, seriam publicados n'*A Construção Moderna* de 25 de Junho de 1916.

[174] Exemplos seriam o «Pavilhão de Floresta» e a linha de *tramways*. No primeiro caso o projecto de Silva Júnior teria estrutura quadrada, em madeira, assente em alvenaria e servindo de restaurante (Cfr. *A Construção Moderna*, 10 de Dezembro de 1916, capa e pp.178-179;*A Arquitectura Portugueza*, Setembro de 1916, p.34). No segundo, tratava-se de uma linha electrificada entre o Parque Estoril e Sintra, à qual deveria seguir-se a reformulação da Baía de Cascais, para tornar-se porto de escala de iates de recreio. Cf. *Estoril – Estação Maritima*, s/p.

[175]*A Arquitectura Portugueza*, Janeiro de 1915, p.4.

De visão arguta e contactos felizes, Figueiredo procedeu ao início das obras antes da aprovação oficial, como se lê na *Illustração Portuguesa* de Agosto de 1914. O autor da peça descrevia o abate de pinheiros, as fundações do novo complexo termal, a pólvora empregue para modelar blocos de calcário oriundos de pedreiras vizinhas e as dezenas de laborantes. Após três horas de visita ao estaleiro o jornalista iniciaria o artigo com uma frase profética: "Vamos ao Estoril – ao Estoril que se prepara a desafiar a Riviera, Biarritz e Ostende.[176]" Anos mais tarde, Pedro Falcão recordaria a pesada actividade diária no vale, ao qual acorriam carros de bois carregados de pedra, ao indicar que, "no Estoril e no Monte, não havia pedra, mas em Cascais havia por todos os lados. Toda a gente carregava pedra para o Fausto. A estrada entre Cascais e o Estoril era um corrupio de bois para lá e para cá.[177]" Apesar dos traços megalómanos o projecto seria aceite pelo governo e, sem demora, Figueiredo e o cunhado Augusto Carreira de Sousa[178], bem como selectos contactos de negócios, formariam a SE. Assertiva, esta definia-se como detentora de terrenos a urbanizar no vale do Estoril, para fins turísticos, bem como de escritórios e representações no país e no estrangeiro. Henri Martinet[179] foi o autor técnico do sonho faustino, mas cedo a parceria se revelaria tão frágil quanto as mal calculadas fundações dos edifícios erigidos pelos técnicos franceses, o que depressa conduziria ao termo do contrato[180]. Aos edificadores estrangeiros seguir-se-iam autores

[176] *Illustração Portuguesa*, 10 de Agosto de 1914, p.165.
[177] Pedro Falcão, 1970 – *Cascais Menino*, 2ª ed., Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2005, p.108.
[178] Filho do industrial João Pedro de Sousa, um dos accionistas iniciais da SE. Apesar de pouco visível quando se aborda o *resort* Estoril, ao lermos o anúncio do falecimento no *Diário de Lisboa* verifica-se o paralelismo profissional dos genros do falecido capitalista Ferreira do Amaral: ambos foram administradores da CP, da SE e da SEP. Casado com Aida Ferreira do Amaral Carreira de Sousa, Augusto Carreira de Sousa faleceria, aos cinquenta anos, no hotel do Bom Jesus de Braga, onde veraneava com a família, vítima de síncope cardíaca. Cf. *Diário de Lisboa*, 18 de Setembro de 1933, p.5.
[179] Arquitecto francês que fora discípulo de Edouard André e estagiara em Inglaterra (Cf. Helena Gonçalves Pinto e Jorge Mangorrinha – *O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa***,** Lisboa, Ministério da Economia e da Inovação/Direcção Geral de Energia e Geologia, 2009, pp.206-210). Em Março de 1936 um periódico indicava que a Martinet se devera a criação de Hendaye-Plage e o embelezamento das estâncias de Biarritz, Aix-les-bains e Vittel (Cf. *Diário de Lisboa*, 9 de Março de 1933, p.6). Martinet trabalhara ainda em Paris e Pau; em fase posterior à colaboração do arquitecto francês em Portugal, Fausto Figueiredo e a esposa continuavam a deslocar-se a Pau, tanto que, em Junho de 1931, são tidos como residentes no *Chalet Saint Michel* da *Rue Bonnado*, nº1. Cf. Elysio de Mattos (ed.) – *Contra-minuta de Agravo a Citação Postal do Snr. Fausto de Figueiredo e esposaem processo de posse judicial avulsa requerida por D. Ana Maria Penazzi y Lanzoni*,s/l, 1932, p.6.
[180] Aludindo a artigo publicado em *A Construção Moderna*, a 25 de Janeiro de 1916 (Cf.Raquel Henriques da Silva, *"Estoril"*, p.50). Sarcástico seria Figueiredo em carta aberta a Afonso Costa publicada em várias edições d'*O Século*em finais de 1934, nas quais aborda o rumo que a amizade tomara. Figueiredo indica ter apresentado Martinet a Costa, descobrindo depois que, não só fora Costa quem incitara o francês a arrastar em tribunal a contenda com a SE, como, após o seu exílio em Paris, Costa e Martinet fundariam a fábrica *Le Liquer d'Hendaye*. Cf. *O Século*, 11 de Dezembro de 1934, p.6.

nacionais liderados por António Rodrigues da Silva Júnior[181], o qual não era um estranho perante os planos encetados. Três anos depois, revista técnica enalteceria, tanto o *resort* em criação, como a salutar mudança de direcção artística, publicando que

> depois de se ter ido buscar ao estrangeiro artistas para concessionar as obras e dirigi-las, embora tivessem sido escolhidos os que a fama considerava como mais abalisados, se viu a Sociedade Estoril na necessidade de lhes dispensar os serviços, cunhando, ainda a tempo, que tinha no seu próprio país, quem melhor se desempenhasse do grandioso encargo.[182]

Desbravado o pinhal e definidos os espaços a ocupar, a 16 de Janeiro decorreria a cerimónia de lançamento da 1ª pedra do Casino. Ao evento compareceu o então Presidente da República, Bernardino Machado. Contudo, para perturbar o projecto que a brochura de 1914 vaticinara exequível em dois anos, factores externos à sua realização pautariam a vida nacional, tais como: (1) a participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial, ainda em 1916; (2) a instabilidade social e política derivada do assassinato do Presidente Sidónio Pais, em 1918; e (3) a insegurança geral causada por facções políticas rivais (que conduziria à «Noite Sangrenta» de 1921), apenas dominada após a instauração da ditadura militar a 28 de Maio de 1926.A este propósito são esclarecedoras as palavras de Maria da Graça Briz quanto à disparidade entre as projecções oníricas faustinas em papel, mas não concretizadas *in situ*. Briz recorda que, "Se o Estoril não foi capaz de ser aquilo que os seus promotores sonharam, a culpa não está neles ou no seu projecto, mas numa conjuntura que largamente os ultrapassa.[183]"Apesar dos contratempos, entre 1916 e 1928 a SE logrou erguer a estância Estoril e, conforme indicámos no capítulo anterior, claros exemplos de perseverança foram: (1) a assinatura do contrato de arrendamento do ramal ferroviário, em 1918; (2) a inauguração do novo edifício termal, em 1918, e a realização de eventos desportivos, quer no seu *hall*, quer no Parque defronte da estrutura; (3) a fundação da SEP destinada a gerir o *resort*e distinta na acção da SE; (4) a realização da circulação eléctrica entre Cais do Sodré-Cascais, em 1926; (5) a inauguração da gare de Pardal Monteiro para o Cais do Sodré, em 1928. Embora algumas estruturas da brochura de 1914 não fossem materializadas, a maioria participaria no esforço de projecção da imagem do *resort*. Eco disso foi a publicação, por Lady Alice Lowther, em Londres, do diário da viagem realizada por

[181] A título de curiosidade, membro fundador da Sociedade Teosófica e profícuo autor de projectos entre 1914-1919. Cf.Ana Maria Ferreira, *Op. Cit.*, p.103.
[182]*Arquitectura Portugueza*, Novembro de 1918, p.42.
[183] Maria Graça Briz, "A Arquitectura Modernista", p.63.

Portugal; apesar de não referir qualquer deslocação à Costa do Sol, no instante em que se refere a D. Afonso Henriques, a autora identifica-o como o rei que atribuíra «Carta de Foral», a Cascais, em 1154, ignorando a sede concelhia face à realidade turística que mais interessaria aos conterrâneos, ao defini-la como "a little town near Estoril".[184]

2. Climatologia e termalismo

2.1. O clima como motivação de viagem

Segundo Jim Ring, "during the Napoleonic wars, with the Continental resorts inaccessible, English invalids escaped the worst of winter in places like Madeira and Lisbon.[185]" Também Marc Boyer recorda que, desde cedo, os ingleses associariam a vilegiatura climática ao eixo Estoril-Cascaispois, "au Portugal, sous influence anglaise la villégiature hivernale s'implanta tôt, à Estoril et Cascais.[186]" Em termos científicos, James Henry Bennet (1816/1891)[187]inovou ao promover a Riviera como ideal para a cura de doenças pulmonares, o que conduziria ao surgimento de hotéis e sanatórios, e ao desenvolvimento de Nice alicerçadona hélioterapia; Ring coadjuva Hale ao escrever: "the Sun was what they came for. Nice was being taken over by Anglo-Saxon Sun-seekers.[188]" Na Grécia Antiga Hipócrates[189], pai da Medicina, defendera os benefícios da mudança de ares, tal como Laénne o faria, mais tarde; a suavidade do Inverno, a beleza da flora e a esperança associada às terapias da costa Sul francesa atrairiam residentes sazonais até 1929. As deslocações acelerariam em Dezembro de 1922 com a inauguração do serviço ferroviário entre Calais e o Mediterrâneo, destacando-se o expresso de 1ª classe de carruagens azuis (e não castanhas), doravante denominado de *Blue Train*. Se a doçura do clima da Riviera era anunciada pela profusão de espécies autóctones como o pinheiro, a imagética dos relatos de viagem de James Cook ao Pacífico Sul e das telas de Gaugin sobre o Taiti difundiram no Ocidente o culto do exótico. A partir de 1850, palmeiras e tamareiras seriam importadas das Canárias para decorar *villas* privadas,

[184] Lady Alice Lowther – *Moments in Portugal or Land of the Laurel*, London, Luzac & Co., 1939, p.55.
[185] Jim Ring, *Op. Cit.*, p.27.
[186] Marc Boyer – *Les Villegiatures du XVIe au XXIe Siècle – Panorama du Tourisme Sédentaire*, Paris, Éditions EMS, 2008, p.129.
[187] Julian Hale, *Op. Cit*, p.67.
[188] Jim Ring, *Op. Cit.*, p.63.
[189] Marc Boyer – "Tourism in the French Mediterranean: History and Transformation", Yorgos Apostolopoulos, Philippos Loukissas e Lila Leontidon, (eds.), *Mediterranean Tourism – Facets of Socioeconomic Development and Cultural Change*, London /New York, Routledge, 2001, p.42.

alamedas públicas e *posters* turísticos; árvore de conotações bíblicas e folha permanente, a palmeira, como indica Robert Kanigel, "cried out tropical paradise."[190]

No caso português, recorde-se que, em 1874, Sousa Martins[191] fora delegado à Conferência Sanitária Internacional, em Viena, onde manifestou a convicção sobre a influência da temperatura na propagação de epidemias. Dos clínicos que recomendariam a costa lisboeta, Pedro Falcão realça a construção, na década de 1880, da Casa de São José da Guia[192], em Cascais, por conselho de um médico inglês à esposa de D. José de Saldanha Oliveira e Sousa, pois o microclima era influenciado pela corrente do Golfo do México. Similar razão levaria o capitalista João Martins de Barros[193] a instalar-se perto da Praia da Poça, em 1886, conseguindo que a filha se curasse com os ares do pinhal e do mar; mais tarde, transformaria o arruinado forte de Santo António da Cruz no actual *Chalet* Barros. A poucos metros, Ernesto Schrötter reconverteria o forte de Santo António do Estoril em palacete de veraneio, rodeando-o de espécie exótica: em breve, a praia do Juncal cederia lugar à elegante praia do Tamariz[194]. A transformação do pinhal do Vale de Santo António na primeira estância internacional criada de raiz, em Portugal, testemunharia idênticas experiências botânicas às verificadas no Sul de França, como descreve o trecho apresentado. Leia-se:

> Com o progresso urbano o Estoril ia-se apropriando da flora mediterrânea, flora de uso e abuso em Nice, Mónaco, e toda a Riviera francesa e italiana. As palmeiras, os tamarindos, as araucárias, os cedros de vária espécie, as olaias que florescem em revoadas de perfume, as acácias que florescem em ondas de cor, os ciprestes, os eucaliptos, começaram a desenvolver o casario com seu abraço luxuriante.[195]

Apesar da inexactidão quanto ao ano inaugural dos fluxos regulares de britânicos rumo ao Monte Estoril em busca de Invernos amenos, o seu incremento terá sido facilitado pelas viagens a custo razoável oferecidas pela companhia de vapores que fazia escala entre portos insulares e Lisboa. De acordo com Bucknall e du Boulay, "It is not clear when visitors began to come out from Britain in the winter. The Booth Steamship Line started offering short winter visits at very reasonable rates in the yearly years of

[190] Robert Kanigel– *High Season in Nice: How one French Riviera Town has Seduced Travellers for two Thousand Years*, London, Abacus, 2003, p.143.
[191] Luísa Vilarinho, *Op. Cit.*, p.171. O clínico ligar-se-ia ao Sanatório de Sant'anna, em Parede.
[192] Pedro Falcão, *Op. Cit.*, p.502.
[193] Branca Gonta Colaço e Maria Archer, *Op. Cit.*, p.299.
[194] João Aníbal Henriques – *O Estoril e a Paróquia de Santo António – Notas para a sua História*, Estoril, Fundação Cascais, 1999, p.77.
[195] Branca Gonta Colaço e Maria Archer, *Op. Cit.*, p.303.

the century, but visitors also came for longer periods.[196]" Abordando a promoção científica de esse microclima recorde-se que, em 1906, Lisboa acolheu o XV Congresso Internacional de Medicina, no qual o Dr. Dalgado provou quão abençoado era o dos Estoris, certeza que repetiria ao publicar, no espaço de quatro anos, três opúsculos[197], em Paris e Londres. Da obra de 1910 retirámos um excerto, hoje clássico pelo discurso pictórico com que abordava a especificidade local. A saber:

> The climate is such that boots never become mouldy, the pavements are not moist in the morning, the tiles are not covered with moss, and iron never gets rusty. (…) Some of the plants which flower only once a year elsewhere flower twice at Estoril, once, as usual, in the spring, and once again in the autumn or winter, so that Estoril is a veritable Land of the Two Springs and a Summer.[198]

As suas apreciações baseavam-se em dados obtidos no Observatório do Infante D. Luís[199] quanto ao clima de Lisboa, adaptando-os às condições geográficas do Estoril: (1) a proximidade do mar e da Corrente do Golfo, (2) a protecção de Sintra e das encostas do Monte e do Alto Estoril face aos ventos Norte, Leste e Oeste, e (3) a exposição solar, a Sul. As palestras contribuiriam para a instalação de uma estação meteorológica no Monte, entre Março de 1913 e Março de 1915. Por seu turno, no *Guia de Portugal – Lisboa e Arredores*, publicado por Raul Proença, em 1924, o autor adjectivaria a região de "*Riviera* portuguesa[200] – a *Enseada* Azul"[201], transcrevendo o diálogo entre Inchbold e um francês que passara cinco Invernos na Riviera natal e depois a trocaria pela lusa, por "sentir se obrigado a dar preferência ao Mont'Estoril, pela maior igualdade do clima e por não se observar nele essa descida brusca de temperatura que após o pôr-do-sol se observa[202]" no Sul de França. Similares elogios

---

[196] Marguerite Bucknall e Dorothy du Boulay – *History of the Anglican Church on the Costa do Sol, Portugal: 1872-1960*, Lisboa, Centro Tipografia Colonial, 1961, p.12.

[197] Em concreto: *The Climate of Lisbon and of the two Health Resorts in its Immediate Neighbourhood – Mont'Estoril, on the Riviera of Portugal, and Cintra*, de 1906, *Notes on the Climate of Mont'Estoril and the Riviera of Portugal*, de 1908, e *The Thermal Springs and the Climate of Estoril in Chronic Rheumatism and Gout during Winter*, em 1910.

[198] Daniel Gelasio Dalgado, *The Thermal*, pp.36-37.

[199] H. Amorim Ferreira, *Op. Cit.*, pp.3-4.

[200] Proença repetia a nomeação atribuída, em 1907, por A.C. Inchbold num relato de viagem no qual elogiou o Monte Estoril como "the gem of the Riviera" (p.102) e designou Cascais de Trouville portuguesa (p.105). Cf.A.C. Inchbold – *Lisbon & Cintra with some Account of other cities and Historical sites in Portugal*, London, Chatto & Windus, 1907, pp.102.105.

[201] Raul Proença, 1924 – *Guia de Portugal – Lisboa e Arredores*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979, p.613. A expressão fora já utilizada por Chagas Franco em conferências realizadas em França em 1923, de onde retirámos a seguinte citação: "Le Mont'Estoril, Estoril et Cascaes s'emplissent du monde élégant que la mode et la médecine font sortir de Lisbonne, pendant la belle saison et qui se répand sur l'Anse Bleue, toute fleurie d'écume." Cf. Chagas Franco – *Les Gloires et les Beautés du Portugal*, Rennes, Société de Propagande du Portugal, 1923, p.82.

[202] Raul Proença, *Op. Cit.*,p.614.

seriam publicados 1929 em artigo intitulado «Primavera Eterna! A Costa do Sol, formosíssima região de Portugal, verdadeiro conjunto de cor e beleza». Embora anónimo, o autor refere habitações privadas, hotéis, casino e vegetação, catalogando-os de "superiores, por todas as razões aduzidas a Nice, Monte Carlo e Catania… as estancias do cosmopolitismo.[203]" Na mesma página pode ainda ler-se anúncio relativo à venda de terrenos no Parque Estoril, mencionando-se os ares de mar, de campo, os pinheirais e facto de o seu clima temperado suplantar os de Nice e Monte Carlo. Na brochura redigida por José Athayde[204] para promover o país na Exposição de Sevilha de 1929, constatam-se elogios generalistas às condições hoteleiras e um longo parágrafo dedicado à apresentação das virtudes do clima local. De acordo com Athayde:

> El clima del Estoril es excepcional, estando cientificamente demonstrado, por autoridades dignas del mayor credito, que esta playa tiene una fisionomia muy especial que la coloca al frente de todas las estancias marítimas de Europa, constituyendo una de las mejores estaciones de inverno conocidas.[205]

Para consumo interno resgatamos a obra *Turismo – Álbum de Portugal*, na qual se seduziam nacionais recém-regressados das colónias, sobretudo, africanas, para uma estada no Estoril, pois o seu clima era, de facto,

> o mais próprio para os africanistas, isto é, para aqueles que, enfraquecidos e depauperados por longas e demoradas permanências nas regiões insalubres, consumidos e martirisados pelas febres constantes ou abatidos pela demolidora neurastenia, procuram salvar-se.[206]

As condições da faixa Parede-Cascais levariam à fundação, em São Pedro do Estoril, da Colónia Balnear Infantil «*O Século*», em 1927, e em Parede, do Solário da Pedra Alta[207], em 1930. A estas adicionaremos: (1) a instalação de vários clínicos, no Alto Estoril[208]; (2) a criação do Sanatório dos Sargentos do Exército de Terra e Mar, na Quinta do Pisão (Alcabideche); e (3) a inauguração do balneário de luz[209] do Dr. K.

---

[203] *Diário de Lisboa*, 30 de Julho de 1929, p.9.
[204] José de Ataíde Ramos de Oliveira, director da Repartição de Turismo. Cf. ANTT/MI/SG, mç.342, lv.11, nº122.
[205] José Athayde – *El Hermoso Portugal*, trad. Gerardo Rafael de Villacian, Lisboa, Ministério do Interior/Repartição de Jogos e Turismo, 1929, p.30. Note-se que respeitámos as díspares grafias das fontes consultadas.
[206] Alfredo Cândido (dir.) – *Turismo – Álbum de Portugal*, Tomo I, Lisboa, Oficinas Gráficas, 1929, p.67.
[207] Inaugurado em Outubro de 1930 pela CITC, sobre praia conhecida pela concentração de iodo.
[208] Luísa Vilarinho, *Op. Cit.*, pp.295-296.
[209] Residente na Rua Victor Cordon, nº36 – 1ºE, em Lisboa, o cientista desejava erguer um balneário de luz nos terrenos que detinha na Rua 19, junto à Estrada de Bicesse, apresentando à edilidade requerimento a 1 de Abril de 1931. Este seria recusado pelo arquitecto Jorge Segurado devido a "deficiência estética". Cf.AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/3626. A 17 de Abril submeteria novo projecto do balneário de piso térreoem frente ao campo de jogos da SEP, que seria aprovado. Cf.AHMC/AADL/CMC/L-E/001-

Shaw.O reputado Dr. Shaw tinha consultório em Harley Street, Londres e, ao fim de 30 anos de especialidade, concluía ter encontrado nos Estoris condições únicas, numa área que "indubitavelmente virá a ser o mais importante, o mais rico centro e turismo do mundo![210]" Em simultâneo, em Maio de 1928 o governo preocupara-se com a actualização de equipamentos hidrológicos e climatológicos ao publicar uma portaria[211], na qual o MIincumbia Augusto Carneiro Pacheco de deslocar-se a países europeus e ao Brasil, para retornar com saberes inovadores.

Em finais de 1930 reuniria, na Faculdade de Medicina de Lisboa, o XIII Congresso Internacional de Hidrologia, Climatologia e Geologia Médicas, chegando os especialistas mundiais a bordo de paquetes ou de comboio (no rápido de Madrid ou no *Sud-Express* de Paris[212]); além do debate teórico a 16 e 17 de Outubro, a estada incluía visita ao Estoril[213]. O *Diário de Lisboa* anunciava que, no dia 18, os conferencistas ali almoçariam, sendo-lhes oferecida, pelas 17h00, uma *garden party* no campo de golfe e, às 22h00, uma *soirée* de gala nas termas, terminando o acolhimento com fogo-de-artifício. Esse periódico publicaria uma entrevista a Paul Haertl, um dos organizadores e proprietário das estações de banho em Kissingen, na Baviera, cujas palavras indiciam o sucesso do *meeting* científico. Haertl admitia ter tido "um grande prazer em que o governo português me proporcionasse conhecer o vosso país, com o qual estou encantado, não só pelas maravilhas naturais, mas pela maneira fidalga como temos sido recebidos.[214]" A comunicação conjunta de Armando Narciso[215] e Marques Mata reiteraria o discurso do Dr. Dalgado no início de século, pois também após a apresentação de valores comparativos concretos com estâncias similares, o duo concluía

---

004/3639. Em finais de 1931 seriam solicitadas alterações, às quais Segurado anuiria. Cf.AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/3751. O projecto era da autoria do engenheiro J. P. Huguenin.

[210]*O* Século, 9 de Setembro de 1931, p.2.

[211]Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº110, de 12 de Maio de 1928.

[212]*Diário de Lisboa*, 14 de Outubro de 1930, p.5. Desde 1887 que o *Sud Express* ligava (Londres-Calais-) Paris-Madrid-Lisboa; a partir de Setembro de 1930 a estação final seria o Estoril, após negociações entre a SE e a *Compagnie Internationale des Wagons-lits.*

[213] A Comissão de Iniciativa e Turismo de Cascais (CITC) acusa a recepção de ofício da organização do congresso a solicitar apoio moral e financeiro para o programa dos trabalhos e concederia um subsídio de 1.000$00. Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 10 de Setembro de 1930, p.111.

[214]*Diário de Lisboa*, 17 de Outubro de 1930, p.6.

[215] Em 1957 Adelino Padesca, professor jubilado da Faculdade de Medicina de Lisboa, elogiaria a sua visão tão apurada e actual, mesmo vinte e sete anos após a comunicação em causa. Cf.António Padesca – "As Doenças Ganglionares e a Estância Hidroclimática do Estoril", *Cascais e Seus Lugares – Boletim da Junta de Turismo de Cascais*, Cascais, Junta de Turismo de Cascais, nº12, Setembro de 1957, p.27. Jornais coevos revelam anúncios à clínica que Narciso tinha na Praça dos Restauradores, 48-1º. Cf. *Diário de Lisboa*, 11 de Março de 1930, p.7.

que "there is no winter at the Costa do Sol, but only a precocious spring, that there is almost no autumn, but only a prolonged summer."[216]

No Inverno, Nice (com valores entre 13º,1/5º,5C) era mais fria do que o Estoril (15º,2/10º,4C), o mesmo acontecendo no Verão, quando a temperatura em Nice oscilava entre 15º,7C e 8º,7C e, no Estoril, entre 22º,07C e 20º,9C, revelando a dupla valência do *resort* português[217]. O aperfeiçoamento do estudo do microclima luso só seria possível com a criação, em 1930 e 1931, de estações climatológicas no Solário de Parede e na sede da CITC.Em Novembro de 1931[218] lemos sobre deliberações relativas à Estação Climatológica do Monte Estoril[219], ficando registado o apoio que Ferrugento Gonçalves, do Observatório Central de Lisboa facultaria na conversão dos graus centígrados (C) em *Fahrenheit* (F), o que, *per se*, denuncia o interesse da divulgação junto de públicos anglo-saxónicos. Nessa reunião seria acordada a aquisição de equipamentos técnicoscomoevaporímetro, termómetro de mínimas e máximas *Fahrenheit*, termómetro de máximas de irradiação solar, e rosa-dos-ventos, após consulta a fornecedores; em Novembro de 1932 deliberar-se-ia a encomenda de mais gráficos para o heliógrafo.[220]

Nos Anos 30, o Estoril apresentava-se como a estância completa, não apenas climática ou marítima ou termal, pois da sinergia das três surgira uma quarta faceta: a de estância de lazer. No fundo, um *resort* cuja pluralidade (de Oferta e Procura) o colocava na lista de selectos destinos desejados até pela elite nacional e que, como Figueiredo prometera, tinha agora o mesmo conforto a curta distância da capital. É essa a apologia impressa, em Agosto de 1931, no *Diário de Lisboa*, para quem "não mais os portugueses terão de invejar ao estrangeiro as opulências de Brighton, de Scheventagen, de Ostende, do Lido, de Biarritz, de S. Sebastian, e de tantas praias afamadas, que estão encarecendo a Europa.[221]" O certo é que, em Fevereiro de 1933, chegariaLisboa mais um paquete, o «Almanzora», que trazia a bordo "124 pessoas, na sua maioria inglesas

[216] Armando Narciso e Marques da Mata, *Op. Cit.*, p.35.
[217] *Idem*, p.36.
[218] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 20 de Novembro de 1931, p.4v.
[219] Instalada no jardim da sede da CITC. Cf. *O Estoril*, 16 de Julho de 1932, p.3.
[220] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 5 de Novembro de 1932, p.33v. De pouco interesse para o cidadão comum, ao especialista interessavam os boletins climatológicos do posto do Monte Estorilhoje consultáveis na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP). Bilingues (Português e Inglês), neles se registavam valores subjugados a categorias tão criteriosas quanto: pressão atmosférica, temperaturas do ar e do mar, vento, humidade, entre outros.
[221] *Diário de Lisboa*, 14 de Agosto de 1931, p.3.

que ficaram instaladas nos melhores hotéis da Costa do Sol que presentemente se acham repletos".[222]

2.2. O estabelecimento termal do Estoril

Até à década de 1920, o território entre Estoril e São João foi conhecido pelos três olhos de água termal que ali brotavam: (1) junto à cerca do convento franciscano, (2) na encosta que ligava o Vale ao Alto Estoril, e (3) perto do Forte da Cadaveira, na área da Poça[223]. Um relatório de 1939 de Luiz Acciaiuoli (engenheiro-chefe da Inspecção de Águas) sobre a exploração das nascentesindica que o alvará de concessão das termas do Estoril datava de 12 de Abril de 1894, e que a SEP o recebera, por alvará de transmissão, a 14 de Julho de 1921[224]. Apesar do nosso estudo se iniciar em 1929,decidimos resgatar dois textos promocionais: o primeiro intitula-se *Renseignments sur les Eaux Minérales Portugaises* e trata-se de breve estudo compilado para a Exposição Universal de 1867, em Paris, e no qual se caracterizavam as três nascentes então exploradas[225]. O segundo texto trata-se de um guia de Ethel C. Hargrove, publicado, em Londres, em 1914: o que nos cativou nesta obra foi a menção a Monte e a Cascais, sobretudo, pelo erro da autora ao situar as nascentes termais no Monte; a mesma retractar-se-ia ao compará-las à água apreciada em reconhecidos *resorts* como "Monte Catini, in Italy, and Kissington, in Germany."[226]

Derrubado o balneário neo-mourisco de José Viana, em finais de 1917 *A Arquitectura Portugueza*publicaria o projecto do novo edifíciode António Rodrigues Silva Júnior[227]. Segundo João Miguel Henriques, a 25 de Agosto de 1918 noticiar-se-ia o efectivo funcionamento das termas, as quais seriam re-inauguradas oito anos depois[228]. Em Junho de 1929 anunciava-se a abertura da época termal a 1 de Junho e publicitavam-se as indicações terapêuticas das águas do "Estabelecimento Hidro-

[222]*Diário da Manhã,* 2 de Fevereiro de 1933, p.5.
[223] Pedro Borges Barruncho – *Apontamentos para a História da Villa e do Concelho de Cascaes*, Lisboa, Typographia Universal, 1873, pp.65-67.
[224] Luis Acciaiuoli – *Águas de Portugal – Relatório Referente à Exploração das Nascentes de Águas Termais e de Mesa durante o ano de 1939*, Lisboa, Ministério da Economia/Subsecretariado de Estado de Comércio e Indústria/ Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos/Inspecção de Águas, 1941, p.11.
[225]*Renseignements sur les Eaux Minérales Portugaises*, Paris, Exposition Universelle de 1867/Imprimerie Administrative de Paul Dupont, 1867, pp.12-13.
[226] Ethel C. Hargrove – *Progressive Portugal*, London, T. Werner Laurie, Ltd, 1914, p.44.
[227]*A Arquitectura Portugueza*, Dezembro de 1917, Intercalar XXIII (desenho das fachadas).
[228] João Miguel Henriques, *Da Riviera*, p.227.

mineral e Fisioterapico do Parque Estoril… recomendadas nos reumatismos, sciatica, gota, doenças do aparelho circulatório, doenças de senhoras e no aparelho gastrico-intestinal e da pele.[229]" No mês seguinte, abordar-se-ia a exposição da baixela *Christofle* adquirida pelo Hotel do Parque que, em breve, abriria ao público[230]. A 28 de Julhodisputar-se-ia a «Taça de Verão», regata de monótipos organizada pelo*Club* Náutico de Portugal (CNP), assegurando o colorido dos festejos; em finais de 1929, o edifício termal receberia melhoramentos na pavimentação da piscina e no acabamento das cabines[231]. Estando a prática termal subjugada a pareceres centrais, no ano seguinte uma portaria aprovaria "o aumento de preçário para aplicações terapêuticas e higiénicas[232]" requerido pela SEP. Quanto a revisão bibliográfica sobre composição química e estudos realizados facultamos como pista para um estudo futuro sobre a matéria a obra de Luiz Acciaiuoli *Águas de Portugal Minerais e de Mesa – História e Bibliografia*, onde se indicam análises realizadas desde Vandeli (século XVIII) a Charles Lepierre[233] (1931). Em 1930 o director clínico das termas era o Dr. Arnaldo D'Almeida que vivia no concelho havia 15 anos[234]; a 10 de Setembro de 1931 uma portaria nomearia o "Dr. Francisco de Matos Taquenho para o cargo de médico adjunto da Estância Hidrológica do Estoril… em virtude do falecimento do seu antecessor."[235]

Recorrendo a revistas e jornais coevos encontram-se anúncios sobre os serviços oferecidos, dos quais destacamos os que ocupavam ¼ de página da *Ilustração*, no segundo semestre de 1930. No ano seguinte, a Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos publicaria o 1º volume de*Le Portugal Hydrologique et Climatique*[236]: neste compêndio colaboraram, tanto Lepierre, como Armando Narciso, ambos membros do Instituto de Hidrologia de Lisboa. Mais do que as características químicas da água, importa-nos transcrever indícios de lazer percepcionados ao percorrer a descrição das condições profiláticas oferecidas. Ora, nas termas do Estoril:

---

[229]*Diário de Lisboa*, 7 de Junho de 1929, p.2.
[230] O banquete de abertura seria presidido pelo Tenente António Cardoso, Administrador do Concelho, e nele seriam homenageados os gestores do equipamento: Francisco Silvano e José Penha Soleiro. Cf. *Diário de Lisboa*, 29 de Julho de 1929, pp.1-2; Cfr. *Costa do Sol*, 1 de Setembro de 1929, p.14.
[231] *Boletim de Minas – Ano de 1929*, II Mapas, Lisboa, Ministério do Comércio e Comunicações/Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1932, p.57. Cf. *Os Sports*, 2 de Setembro de 1929, p.4.
[232] Cf.*Diário do Governo*, II Série, nº57, de 11 de Março de 1930.
[233] De vasto currículo profissional, Lepierre foi professor de Química na Faculdade de Medicina de Coimbra e no Instituto Superior Técnico, laborando ainda como analista no Instituto de Hidrologia de Lisboa. Cf. *Diário de Lisboa*, 24 de Novembro de 1937, p.4.
[234] *O Estoril*, 19 de Outubro de 1930, p.1.
[235] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº209, de 10 de Setembro de 1931.
[236] Cf.Decreto nº19:749, de 16 de Maio de 1935.

> Rien n'y manque en vue d'unne bonne cure thermale: piscines, salles d'hydrothérapie et agents physiques… Le climat maritime tempéré et le rayonnement solaire, de cette région privilégiée, contribuent largement á l'efficacité du traitement thermal d'Estoril.[237]

Versando este estudo sobre um período do Turismo em Portugal que, em 1986, no III Congresso Nacional do Turismo, António Quadros concentrou entre 1880 e 1940 definiu como "primitivo"[238], constata-se que, apesar da preocupação estatística ainda não marcar a actividade, podem encontrar-se dados relativos às termas através de*Boletins de Minas* e de*Anuários Estatísticos.* Atente-se ao quadro abaixo:

	1929	**1930**	**1931**	**1932**	**1933**
Número de empregados	11	16	10	10	15
Número de aquistas	296	239	257	242	300
Número de tratamentos	7.396	5.041	3.861	11.543	10.670
Litros de água expedidos	---	255	145	55	40

Quadro 7 – Movimento no estabelecimento termal do Estoril (1929-1933).

(Fonte:*Anuário Estatístico de Portugal, 1929-1933*)

Numa breve interpretação constata-se o óbvio: a irregularidade é o traço comum aos cinco anos em causa. Se em 1929 os mais de 7 mil tratamentos e quase 300 clientes explicam a contratação de mais empregados na época seguinte (subindo de 11 para 16 elementos), 1930 registou um decréscimo de clientes e de serviços, o que terá levado a prudência (e a gestão) a reduzir os contratados a 10 elementos e a mantê-los nas épocas de 1931 e 1932. Em contraste, ao decréscimo de clientes verificado nessas datas (de 257 para 242 aquistas) correspondeu quase a triplicação de tratamentos (de 3.861 para surpreendentes 11.543). Atendendo a que o número de litros de água expedidos também sofreu uma queda de 145 para 55, cremos que serviços complementares de fisioterapia e massagens (além da natação) tenham tido maior procura, para lá das benesses termais

[237]Direction Génerale des Mines et des services Geologiques/Institut D'Hydrologie et de Climatologie de Lisbonne (ed.) – *Le Portugal Hydrologique et Climatique*, I Volume, Lisbonne, 1930-1931, p.166.
[238] António Quadros – "O Impacto do Turismo na Sociedade Portuguesa", Comunicação ao *III Congresso Nacional de Turismo*, Póvoa do Varzim, Dezembro de 1986 (não publicada), p.1. Por parecer demasiado rude, sugerimos a designação de «período genésico» mais adaptado às sementes então lançadas.

per se. O que se verifica quanto a 1933 é, uma vez mais, caso de surpresa: aos parcos 40 litros de água empregues em quase 10.700 tratamentos, correspondeu uma afluência recorde de 300 aquistas, ao serviço dos quais foram colocados 15 empregados. Terão os clientes privilegiado a socialização junto à piscina, em vez da cura em si? Terão os funcionários sido subitamente contratados para colmatar falhas no atendimento ao inesperado volume de clientes? São duas questões a que não podemos responder sem acesso aos registos privados de um estabelecimento termal demolido em 1961 e que, a manterem-se, continuarão na posse de privados. Noutro documento conseguimos dados quanto aos hóspedes no Hotel do Parque, entre 1930-1933. Observe-se:

	1930	**1931**	**1932**	**1933**
Hóspedes	5.840	6.949	10.549	3.403
Crianças	916	1.753	962	13

Quadro 8 – Movimento de hóspedes no Hotel do Parque (1930-1933).

(Fonte:ANTT/AOS/CO/FI-5, pt.18 [folhas 517-520])

Uma pequena análise revela um crescendo de clientes ali alojados, embora não tenhamos detalhes sobre quantos teriam directamente usufruído do serviço termal situado no rés-do-chão. Admirável é verificar que, só no primeiro trimestre de 1933, estava já atingida uma média de cerca de 1.100 hóspedes/mês.Para lá de palco óbvio de provas de natação, o edifício termal acolhia torneios de esgrima, nos quais participavam campeões europeus, como se lê n'*O Século*de Junho de 1929, anunciando "o grande combate á espada, 1º Portugal-Inglaterra, que vai ser um notável acontecimento desportivo internacional.[239]" A modalidade teria direito a espaço próprio após a inauguração da «Sala de Armas», a 15 de Agosto[240], sendo director o Capitão Sarmento Monteiro (oficial do Exército que, à época, tinha Escola de Esgrima). Em Outubro, visando cativar, não tanto o enfermo da época termal ainda em curso, mas o hedonista para a noção de *resort* social e não apenas terapêutico, um artigo em *Costa do Sol* enalteceria a piscina do Estoril como "ponto de reunião elegante onde se encontram todas as tardes pessoas de alta sociedade e distinção.[241]" Descreviam-se os benefícios da natação e o

[239]*O Século*, 2 de Junho de 1929, p.1.
[240]*Costa do Sol*, 25 de Agosto de 1929, p.16.
[241]*Idem*, 15 de Outubro de 1929, p.5.

civismo[242] das frequentadoras, seduzindo a peça logo ao intitular-se «A Volúpia da Água». Se até 1932 as termas serviram para curas de saúde e eventos sociais, o Verão seguinte testemunharia a valorização do espaço pelo enfoque desportivo. Novo fôlego competitivo seria impresso com a inauguração em Julho de 1933 da «Sala de Esgrima Carlos Gonçalves»[243], ondese ministravam aulas de esgrima e "aulas de ginástica a senhoras e crianças, especialmente respiratória.[244]" Em Agosto decorreria o Torneio Internacional de Espada, que teria o apoio da Federação Portuguesa de Esgrima[245]. Nesse estio decorreriam provas e cursos de natação na piscina organizados e/ou ministrados pelos irmãos Torok[246]: destinados a homens, senhoras e crianças, e abrangendo diversos estilos de natação, as actividades incluíam desfiles em fato de banho, concurso de *maillots*, chá dançante, entre outros[247]. Perante tanta devoção ao revigorar atlético dos frequentadores da estância, Helena Gonçalves Pinto e Jorge Mangorrinha recordam que, em 1932, o engenheiro de minas Rogério Augusto Cavaca sugerira, inclusivé, "a criação de um Parque de Educação e Cultura Física."[248]

Dos eventos organizados em 1930 destacamos o recurso ao *hall* para as sessões do I Congresso Nacional de Bombeiros[249], além do "festival do século XVIII"[250], em Outubro, cujo produto das entradas reverteu a favor do Sanatório dos Tuberculosos, no Lumiar. O Verão de 1931 compreendeu a inauguração do Casino, cerimónia enquadrada num programa de animação que, entre outros cenários, socorreu-se do edifício termal para iniciativas como o «Festival de Natação»[251] organizado pelo professor José Torok e

[242] "Já sem os acostumados gritos estridentes, ajustadas a caprichosos *maillots* de fantasia" é a frase exacta. Cf. *Ibidem*, p.5.
[243] Mestre de Armas e oficial do Exército encarregue da direcção das duas salas suas homónimas. Se, em Cascais, o *Sporting Club* de Cascais (SCC) mantinha sócios de raízes aristocráticas, no Estoril, a proximidade com o poder da(s) ditadura(s) explica a colaboração com militares e desportistas de alto gabarito. Interessa referir que poucos meses passaram entre a extinção da Escola de Esgrima do Exército, pelo governo, e a inauguração, no Estoril dos espaços dedicados a esta prática.
[244] *O Estoril*, 30 de Julho de 1933, p.4.
[245] *Diário de Lisboa*, 23 de Agosto de 1933, p.2.
[246] José e Estêvão Torok eram distintos desportistas na área da natação. José Torok foi treinador do campeão e recordista de Portugal dos 200m bruços, José da Silva Marques e, em Novembro de 1932, o *Club Football* «Os Belenenses» dedicou-lhe homenagem que incluiu provas na piscina do Estoril (Cf. *O Estoril*, 6 de Novembro de 1932, p.2). Em Outubro de 1937 os irmãos/professores seriam homenageados pelo «*Club* Internacional de *Football*», que ofereceu a Taça Torok em competição na piscina do Estoril. Cf. *Idem*, 5 de Outubro de 1937, p.3.
[247] *Diário de Lisboa*, 8 de Setembro de 1933, p.6.
[248] Helena Gonçalves Pinto e Jorge Mangorrinha, *Op. Cit.*, p.86. Artigo coevo intitulado «A Mulher e a Cultura Física», defendia a preparação física feminina como veículo para se gerarem crianças saudáveis, revigorando-se a «Raça». Cf. *Os Sports*, 15 de Setembro de 1933, p.3.
[249] Inauguradas pelo presidente da República. Cf. *Notícias da Costa do Sol*, 30 de Agosto de 1930, p.18.
[250] *Diário de Lisboa*, 21 de Outubro de 1930, p.6; *O Estoril*, 26 de Outubro de 1930, p.2.
[251] *Diário de Lisboa*, 12 de Setembro de 1931, p.3; *O Estoril*, 13 de Setembro de 1931, p.3.

a «Semana da Uva»[252]. Sobre o último evento refira-se o apurado sentido de ironia d'*Os Ridículos*, cuja capa de 23 de Setembro zombava com "A Última Moda!"[253]; causava espanto a preferência por patuscos cachos de uvas em detrimento dos sofisticados *cocktails* bebericados nas esplanadas da Costa do Sol. No Verão de 1932, o *Diário de Lisboa* anunciava um "Grande Festival promovido pelo Grémio dos Artistas Teatrais em favor da Caixa de reformas e pensões e de tostão teatral"[254], iniciativa a repartir entre a piscina e o *hall* das termas, e para a qual a SE preparara até um comboio especial, com partida às 13h42 e directo aos Estoris.

3. A prática do Golfe e o mercado britânico

A brochura que, em 1914, Figueiredo apresentou à Câmara de Deputados, englobava um circuito de golfe de 18 buracos ao longo de 5km de terreno, por entre pinhal e clareiras, e o autor do percurso era o conde O'byrne, "secretario geral do *Golf Club* de S. Jean de Luz, e que expressamente veiu a Portugal para este fim.[255]" Em documento posterior endereçado a Salazar, a defesa do equipamento seria transmitida na ideia de que o campo não fora obrigatório por lei, mas constatara-se ser indispensável como atracção turística[256]. De origens incertas, a referência inicial ao Golfe data de 1457[257], em decreto de James II da Escócia. O desporto seria divulgado em Inglaterra e a hegemonia territorial britânica disseminaria essa prática pelo mundo. Para John Towner, "in the late nineteenth century, another middle class recreation emerged. In Loweson's (1993) words, golf was 'land hungry' and became an expression of middle class 'spatial hegemony' as areas of land became reserved for their exclusive use."[258]

Em Portugal, a prática do Golfe deveu-se à comunidade britânica sediada no Porto pela criação do *Niblicks Club*, em 1890[259], em Espinho: nasceria assim o 4º clube mais antigo da Europa continental, precedido apenas pelo de Pau (França), pelo *Royal*de

[252] Tida como patriótica, a iniciativa visava revalorizar um produto nacional genuíno e telúrico. Cf. *Idem*, 27 de Setembro de 1931, p.2.
[253] *Os Ridículos*, 23 de Setembro de 1931, p.1.
[254] *Diário de Lisboa*, 20 de Agosto de 1932, p.2.
[255] *Estoril – Estação Maritima*, s/p.
[256] ANTT/AOS/CO/FI-5, pt.18 [folha 561]. Esta pasta contém documentação relativa a vários anos da década de 1930.
[257] DK Guias Essenciais – *Golfe*, trad. Rita Olazabal, Porto, Civilização Editores Lda, 2006, p.22.
[258] Loweson apud John Towner – *An Historical Geography of Recreation and Tourism in the Western World: 1540-1940*, Chichester, John Wiley & Sons, Ltd., 1996, p.238.
[259] Fernando Nunes Pedro – *O Golfe em Portugal/Golf in Portugal*, Porto, Texto Editora, 1993, p.21.

Antuérpia (Bélgica) e pelo de Biarritz (França). No entanto, o 1º sócio português só seria admitido em 1920, quando havia já 100 britânicos inscritos. Em Cascais, desde finais do século XIX que o Monte Estoril se assumia como estação de Inverno; a chegada de ingleses para laborar na instalação do cabo submarino de Carcavelos (desde 1872), bem como a passagem, nas décadas seguintes, de compatriotas em busca da suavidade climática da região alterariam as práticas de lazer em território nacional: os trabalhadores da *Eastern Telegraph Company* fundariam o imbatível *Carcavellos Club* e os turistas sazonais seriam o nicho de mercado para quem Figueiredo criaria o campo no *resort* Estoril. A presença de britânicos era tal que, em finais de Oitocentos, começaram a realizar-se missas[260] por religiosos conterrâneos nos hotéis do Monte. Numa fase seguinte, a Igreja Anglicana enviaria um Capelão regular para os meses de Inverno, o qual chegava a bordo de um paquete da *Booth Steamship Line* e se instalava no Hotel d'Itália e, depois, no Hotel Paris, sendo-lhe oferecidos passagem e alojamento. A atracção do destino e a estada de insulares conduziria à construção de igreja própria, a *Saint Paul's Church*[261], a partir de 1930.

Aprovado o projecto faustino e iniciados os trabalhos em diferentes parcelas de terreno, foi precisa paciência até à conclusão dos primeiros elementos, de que o campo de golfe fazia parte. Em acta de sessão camarária de 24 de Março de 1929[262] ficou registada a proposta do vice-presidente em que a edilidade fizesse representar-se na festa de inauguração, marcada para dia 30, devido à presença do Chefe de Estado; a CMC far-se-ia representar pelos tenentes António Cardoso[263] e Manuel Vasques. Ao consultarmos os *Media* da altura constatamos que os traços comuns aos artigos publicados eram a importância turística do campo e a qualidade técnica do percurso, "um dos melhores da Europa… [que] veio corresponder aos desejos de todos os

[260] Bucknall e du Boulay, *Op. Cit.*, p.12.
[261] A 21 de Março de 1932 Luís Vergani, proprietário-gerente do Hotel Paris, sito no Alto Estoril, requeria aval para erigir um edifício destinado ao culto protestante perto do seu estabelecimento, devendo esta ser tida como obra de "utilidade TOURISTICA, visto na COSTA do SOL frecuentada pela COLONIA INGLEZA não aver ainda." O construtor civil a cargo da obra seria Manuel António da Cruz. Cf.AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/3793.
[262] AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 24 de Março de 1929, p.13. Igual convite foi registado pela Associação Naval de Lisboa. Cf. AHMC/AASS/ANL – CNP/C-B/C-1A/B-A/001 Cx.3, 27 de Março de 1929, p.18v.
[263]Em Novembro de 1929 o Tenente Cardoso integraria a estrutura como intermediário entre a CMC e a Comissão, em prol do desenvolvimento turístico da região. Essa posição seria reforçada em acta de 1 de Março de 1930 com a sua nomeação para vice-presidente da CITC. Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 29 de Novembro de 1929, p.66; Cf. *Idem*, 1 de Março de 1930, p.78.

estrangeiros que se encontram em Lisboa.[264]" Nas edições de 30 e 31 de Março, *O Século* anunciava a inauguração, a presença de ilustres (como o Embaixador de Inglaterra) e desfiava a cerimónia presenciada porPresidente da República, ministros (destacamos o dos Negócios Estrangeiros) e autarcas de Cascais e Lisboa, elogiando a criação do campo sito na Estrada Estoril-Bicesse para satisfação de uma clientela definida. Segundo o jornal, esta inauguração

> veio preencher uma lacuna que muito se fazia sentir na linha de Cascais, onde a constante afluência de franceses e ingleses que cultivam este curioso género de desporto o impunha e justificava… continuando a Sociedade Estoril a cumprir o programa que se propôz levar a cabo e pretendendo marcar na via nacional um lugar de destaque.[265]

O *Diário de Lisboa* publicaria uma peça onde, igualmente, defendia a nova atracção turística, mas destacava o impacto financeiro e social inerente ao público-alvo que visava cativar: a cultura anglo-saxónica de ambas as margens do Atlântico. Leia-se:

> O *golf* é, como se sabe, o desporto predilecto dos milionários americanos, dos políticos ingleses, é, de um modo geral, da sociedade elegante, de todos os paises onde a cultura física não é apenas um desejo platónico das federações desportivas. Um bom campo de *golf* constitue… uma atracção indispensável.[266]

A mesma fonte prosseguiria articulando a recepção positiva que o campo teria junto da população de acolhimento, pela saudável fonte de rendimento que simbolizava. Segundo o jornal: "O campo de *golf* do Estoril vai dar trabalho a umas dezenas de rapazinhos das vizinhanças – os *caddies* que apanham as bolas – tirando-os de outros ofícios pesados e impróprios para a sua idade.[267]" O acolhimento dos visitantes foi realizado por Álvaro Pinheiro Chagas e Augusto Cancela de Abreu, administradores da SE, atingindo a expressão máxima da elegância com a tacada inaugural dada pela esposa do Presidente do Ministério; o jogo continuariaao ser disputado por três jogadores ingleses e um francês. Seguiu-se uma *garden party* em que a decoração de jardim e pavilhão principal estivera a cargo do cenógrafo Augusto Pina; o programa culminaria com brindes pelo Chefe de Estado e por Figueiredo. A 1ª edição de *Costa do Sol* elogiava, não só a concretização do campo, mas também os benefícios físicos e sensoriais inerentes à prática da actividade, hábito comum em qualquer estância elegante que desejasse ser incluída no mapa civilizacional ocidental. A saber:

[264] *Ilustração*, 16 de Abril de 1929, p. 15.
[265] *O Século*, 31 de Março de 1929, p.5.
[266] *Diário de Lisboa*, 29 de Março de 1929, p.4.
[267] *Idem*, p.4.

> o extranho domínio do *Golf*… subjuga e domina por um prazer que resulta do exercício muscular metódico… executado em boas condições físicas, pelo prazer de espirar a plenos pulmões o ar oxigenado e puro dos *links* verdejantes de relva, pelo gôso que aos olhos se oferece em belas e longas perspectivas. É a embriaguez do ar livre, da frescura das sombras das grandes árvores frondosas, da carícia das brisas perfumadas dos pinhais e das estevas.[268]

Estranhamos o facto de não haver menção ao momento nos livros de actas da CITC; a única entrada regista-se em Maio de 1930 e aflora a necessidade de alcatroar a estrada de acesso ao campo, "visto que, há inúmeras reclamações das pessoas que frequentam aquele centro sportivo.[269]" *O Estoril* [270] dizia remontar as obras a 1928 por Charles de Gassiel, sendo o campo aberto ao público apenas a 31 de Março de 1930. Em Agosto desse ano o profissional I. E. Coombes ter-se-ia deslocado de Thurlston (Devonshire) para introduzir melhoramentos no perímetro, cuja Presidência era exercida pelo Embaixador da Grã-Bretanha[271] e pelo Major António Mascarenhas. No âmbito da Moda, em Abril de 1932 o *ABC* anunciava que «A Parisiense» tinha peças para todas as ocasiões, mencionando a inauguração do campo de golfe no Estoril.[272]

Através de edições de 1932 do *Diário de Lisboa* constata-se o estímulo que o Golfe provocava em ilustres como o Almirante inglês John Jellicoe[273] e o Coronel norte-americano Stimson[274] (na curta paragem em Lisboa, no trajecto de volta a Nova Iorque, aproveitou para dar umas tacadas). Seria graças a visitantes tão distintos que, a 8 de Maio de 1932, em carta dirigida ao ministro do Interior, Figueiredo congratulava-se pela afluência de turistas nesse ano, "sobretudo de estrangeiros de categoria e fortuna, o que até agora não acontecia.[275]" Confrontando uma carta oficial e um diário de viagem constata-se que, não só a saturação de imagem/frequência da *Côte d'Azur* levava a elite britânica a buscar destinos distantes, como também os preços apelativos e a sedução de localidades desconhecidas a traziam até nós. No primeiro caso recordamos a carta de 10

[268] *Costa do Sol*, 1 de Agosto de 1929, p.12.
[269] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 27 de Maio de 1930, p.94.
[270] Texto redigido em inglês e assinado com as iniciais R. L. P.. Cf. *O Estoril*, 5 de Outubro de 1932, p.8.
[271] O aparato justificava-se, pois "golf was a game in which class and status was a major consideration in every aspecto f its organization, from the appointment of the right kind of person as the club secretary, to the administration of the new members… right down to the proper dress code." Cf. Jeffrey Hill – *Sports, Leisure & Culture in Twentieth-Century Britain*, Hampshire/New York, Palgrave Macmillan, 2002, p.143.
[272] *ABC*, 25 de Abril de 1931, p.14.
[273] Participante na Batalha da Jutlândia durante o primeiro conflito mundial.*Diário de Lisboa*, 26 de Março de 1932, p.4.
[274] Então ministro dos Negócios Estrangeiros do seu país.*Idem*, 7 de Maio de 1932, p.16.
[275] ANTT/MI/GM, mç.478, pt.7/1 [folha 107]. Em finais de 1932 nasceria a revista desportiva *Tennis e Golf*, sob direcção do professor de ténis Vasco Galrão. Cf. *Diário de Lisboa*, 8 de Dezembro de 1932, p.3.

de Agosto de 1932do responsável pela Casa de Portugal em Londres, António Santos Mendonça, a António Ferro[276]defendendo que "o Inglez por indole, viaja muito, e Portugal com o seu Estoril, Sintra, Bussaco, Leiria, Viana, Braga, Evora, Algarve, etc. está muito em moda em resultado de um pouco de despeito pela 'Côte d'Azur' e principalmente porque é mais barato.[277]" Quanto ao segundo,em 1931 John Gibbons publicara a sua experiência à descoberta de um Portugal ainda oculto; nele confessava: "Cintra and Belem and all the famous beauty places down the coast line, none of them were any use to me. Every Englishman in Portugal goes to them and every English book on Portugal tells of them. It was more of Unknown Portugal that I wanted."[278]

Nem só à saturação de destinos antigos ou ao baixo custo de vida português se devia a crescente afirmação do Estoril junto de ingleses: a suavidade do Inverno ainda ditava a sua lei. Foi o que constatámos pelas crónicas que o jornalista Guilherme D'Almeida publicaria na compilação *O Meu Portugal*. O desterro devera-se a convulsões políticas no Brasil[279], mas ao estabelecer-se no Estorillegar-nos-ia a caracterização da atmosfera local em Fevereiro de 1933, no seguinte excerto: "Houve em São Paulo uma grande Guerra; e houve um grande inverno em Inglaterra. Resultado: o Estoril ficou cheio de paulistas refugiados e de inglezes rheumaticos. E por todos os Estoris – o Alto, o Monte…- só se ouve falar paulista e inglez.[280]" O cronista afiançava que a longa estada no exterior não se revelava penosa para os residentes na velha *Albion*, tanto que, certo dia, se cruzara, sob as arcadas do Hotel Palácio, com um inglês que cantarolava um hino ao Estoril. A saber:

"*Terra, adorada,*

Entre outras mil,

[276]*Idem.*
[277] ANTT/SNI, cx.494.
[278]John Gibbons – *Afoot in Portugal*, London, George Newnes Limited, 1931, pp.151-152.
[279] Em Novembro de 1932, uma peça jornalística apresentava o seguinte título: «Chegaram hoje a Lisboa 77 deportados brasileiros, entre os quais se contam os chefes militares e civis da revolta de S. Paulo». O longo artigo reportava a chegada de Júlio Prestes, Presidente eleito para suceder a Washington Luiz, mas que não chegara a tomar posse. Explicava-se que, em Outubro de 1930, decorrera um golpe que colocara Getúlio Vargas no poder (derrotado nas presidenciais); esta nova leva de exilados de luxo era parte do rescaldo de uma revolução iniciada em São Paulo, em Julho de 1932, e que visava o retorno ao regime legal. Para esta tese importa retirar um trecho que complementa a crónica de Guilherme D'Almeida, associando alguns ilustres ao Estoril. Leia-se: "Os emigrados que já se encontravam em Lisboa ofereceram aos recém-chegados a sua casa. Para o Estoril com o sr. dr. Julio Prestes foram oito." Cf. *Diário de* Lisboa**,** 18 de Novembro de 1932, pp.4-5. Em suma, antes da chegada de Sanjurjo e de outros dissidentes espanhóis, o Estoril servia já de refúgio a altas individualidades internacionais.
[280] Guilherme D'Almeida – *O Meu Portugal*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933, p.48.

E's tu, Estoril."[281]

Em Março de 1933 o Conselho Nacional de Turismo(CNT) deliberaria a entrega da «Taça CNT» a ser disputada no *Golf* Estoril ainda esse ano[282] e, em Maio, chegaria a Lisboa Arthur Wellesley,[283] filho mais velho do Duque de Wellington. Apesar da recusa em deixar-se fotografar/entrevistar, não nos parece descabido que o aristocrata tenha apreciado o campo do *resort*. Em finais do ano *O Estoril* indicaria dois dados felizes sobre o equipamento. O primeiro, a 1 de Outubro, elogiava os *caddies* por serem apreciados pelos clientes: formados pelo *Caddie-Master* João Silva, os jovens tinham entre 8 e 16 anos e, para lá do serviço prestado àSociedade Arrendatária Internacional(SAI), uma caridosa senhora assegurava que tivessem uma refeição diária ao custo de 70 centavos[284]. A segunda boa nova seria apresentada duas semanas depois, ao anunciarem-se planos para a duplicação do percurso.[285]

No ANTT percorremos uma pasta que guarda a proposta para um novo hotel no Estoril: o *Golf Hotel.*Em carta de 30 de Março de 1933 Araújo Correia, administrador da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência (CGDCP), submeteu ao ministro das Finanças uma reflexão sobre a situação financeira da SEP e o plano hoteleiro que lhe fora submetido pelo Secretário-geral da CP (representante do autor, o arquitecto Lesser). O intermediário acrescentara que a exploração do futuro hotel podia vir a ser realizada por "EWALD KREPSCHMAR, grande hoteleiro alemão de quem mandei colher informações.[286]" O equipamento assemelhar-se-ia a um anfiteatro nos 281 quartos com 320 camas e casas-de-banho privativas para os clientes, mais 42 quartos com 104 camas para empregados (e passíveis de aluguer). Virados a Sul e ao oceano, os quartos seriam escalonados em *terrasse*, permitindo exposição solar ao longo do dia[287]. Lesser incluía valores totais sobre o encargo, que ascenderia à soma astronómica de 16.360.000$00; para evitar recusa imediata, remetia uma detalhada projecção sobre receitas e lucros directos, cujo valor líquido remontaria a 3.460.000$00. Os lucros

[281]*Idem*, p. 50.
[282]*Diário da Manhã*, 26 de Março de 1933, p.15.
[283]*Diário de Lisboa*, 10 de Maio de 1933, p.5.
[284]*O Estoril*, 1 de Outubro de 1933, p.8. Embora se resumisse a uma tigela de sopa de feijão e a um prato de bacalhau com batatas, escapavam à fome que grassava nos estratos sociais mais desfavorecidos do concelho. O periódico desvendava que a mesma anónima alma generosa se preocupava em que lhes fossem doados botas e agasalhos, os quais eram colocados sob uma árvore existente junto à casa do clube.
[285]*Idem*, 15 de Outubro de 1933, p.2.
[286] ANTT/AOS/CO/FI-5, pt.18 [folha 482].
[287]*Idem* [folha 485].

indirectos resultariam das compras que os hóspedes fizessem no hotel, no Casino e no país, sem esquecer o veículo de promoção que o *design* inovador só por si comportaria[288]. Araújo Correia deixava a decisão final ao superior, discriminando as alíneas e o valor total do débito da SEP à Caixa Nacional de Crédito (CNC) e a entidades particulares, além de adicionar um relatório sobre o que havia a fazer no Estoril (a expansão do perímetro do golfe era tópico a considerar)[289]. O administrador bancário alertava que o terreno pensado para a implantação pertencia a privados e o representante dos herdeiros, Carneiro Pacheco, pedia 100$00 por metro quadrado, o que "torna impossível a construção do hotel no local escolhido"[290], opinando ainda que "são demasiadamente optimistas as cifras do arquitecto Lesser.[291]" O projecto nunca passaria do esquisso.

4. Modernidades(s) num Estado em renovação

4.1. A Feira das Amostras e o progresso da Nação

A primeira feira industrial da Europa decorreu em Oeiras, em 1776[292], sob a égide do Marquês de Pombal. Contudo, só na centúria seguinte esses eventos se tornariam prática recorrente das nações evoluídas, tanto que, em 1851[293], Londres inauguraria o ciclo de exposições universais com a «Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações» no colossal *Crystal Palace*, em Hyde Park. A Feira de Amostras do Estoril foi a 1ª do género no Sul de Portugal[294], pois a principal cintura industrial situava-se no Grande Porto[295], destinando-sea abastecer o mercado interno e as colónias africanas. O último trimestre de 1929 seria marcado pelo início da Depressão que afectou nações líderes mundiais, como a Grã-Bretanha; segundo Jeremy Black, "[t]he Great Depression of the 1930s, which began with the Slump of 1929, hit hard. World trade fell, greatly harming Britain, a major exporter. Manufacturing was

[288] *Ibidem* [folha 485]. A título comparativo considere-se a impressão duradoura que um edifício como a *Casa das Histórias* de Paula Rego não imprimirá hoje na retina de quem o vislumbra.
[289] *Ibidem* [folha 495].
[290] Apesar de alvitrar a hipótese de expropriação do mesmo. *Ibidem* [folha 499].
[291] *Ibidem* [folha 502].
[292] Regina Salvador – *A AIP e o Desenvolvimento de Portugal – Ao Serviço das Empresas desde 1827, Os Últimos 60 Anos*, Vol. II, Lisboa, AIP/Confederação Empresarial, 2008, p.373.
[293] Nicola Andresen Leitão – *Exposições Universais: Londres 1851*, Lisboa, Expo 98, 1994, p.9.
[294] *Indústria Portuguesa*, Outubro 1929, p.40.
[295] A.H. de Oliveira Marques – *História de Portugal*, Vol. III – Das Revoluções Liberais aos Nossos Dias, 13ª ed., Lisboa, Editorial Presença, 1998, pp.315-316.

badly affected… [and] heavy industry suffered most of all.[296]" Em Portugal, o impacto da crise foisuave (pela rudimentaridade do sector) e tardio (fazendo apenas sentir-se em 1931)[297]. A consequência geralfoi o reforço do proteccionismo e do expansionismo do mercado interno: Portugal não foi excepção, pois a dependência comercial de Inglaterra era imensa, como Oliveira Marques recorda ao referir que "a Inglaterra absorvia 70% das exportações portuguesas, peso esmagador de dependência que o país jamais pôde sacudir nesse tempo."[298]

A Associação Industrial Portuguesa (AIP) desejava realizar a Feira das Amostras no Parque Eduardo VII, numa Lisboa que se expandia para Norte, re-utilizando o pavilhão que criara para a Exposição Internacional do Rio de Janeiro, em 1922[299]; como as obras não estavam concluídas, preferiu-se o Parque Estoril. A nosso ver tal deveu-se a questões de urbanidade e afluência: no primeiro caso recordamos o pioneirismo da electrificação do ramal ferroviário de Cascais[300] e a modernidade da gare do Cais do Sodré[301], em *Art Déco*[302]; no segundo caso, foi a própria *Indústria Portuguesa* de Junho de 1929[303] que justificou a localização e a calendarização por questões de interesse turístico, uma vez que o certame coincidiria com a passagem de viajantes rumo às exposições espanholas[304], incluindo milhares de sul-americanos[305]. A orgânica do evento incluía três comissões: a de honra, a organizadora e a Administrativa. A comissão de honra era presidida pelo Chefe de Estado e incluía ministros, o director-geral dos caminhos-de-ferro, os presidentes das comissões administrativas de Lisboa e de Cascais, da Sociedade de Propaganda de Portugal (SPP), do conselho de administração da SE e da Sociedade de Propaganda da Costa do Sol (SPCS). Por seu turno a comissão organizadora era composta pela direcção da AIP (liderada por José

[296] Jeremy Black – *The Making of Modern Britain: The Age of Empire to the New Millennium*, 2ª ed., Chalford/Gloucestershire, The History Press, 2008, p.129.
[297] José Mattoso (dir.) – *História de Portugal*, Vol. 7 – O Estado Novo (1926-1974), Lisboa, Editorial Estampa, 1998, p.126.
[298] A.H. de Oliveira Marques, *Op. Cit.*, p.319.
[299] *Indústria Portuguesa*, Junho 1929, p.2.
[300] O contrato de arrendamento datado de 7 de Agosto de 1918, entre a SE e os Caminhos de Ferro, por 50 anos, incluía essa obrigação, que apenas se concretizaria a 29 de Dezembro de 1926. Cf.José D'Encarnação, "Para Uma História", pp. 15-16.
[301] Em periódico coevo lê-se que "a bela e artística estação do Cais do Sodré, grita bem alto e clangurosamente o progresso porque ultimamente tem passado a nossa linda Lisboa". Cf. *Diário de Lisboa*, 3 de Agosto de 1929, p.4.
[302] Mendes da Costa – "As Estações da Sociedade Estoril", *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, nº1048, 16 de Agosto de 1931, p.340.
[303] *Indústria Portuguesa*, Junho 1929, p.29.
[304] O ano de 1929 foi marcado por duas exposições em Espanha: uma em Barcelona e outra em Sevilha.
[305] *Indústria Portuguesa*, Junho 1929, p.46.

Maria Álvares) e a comissão administrativa era presididapelo Tenente-Coronel de engenharia Carvalho Teixeira (ministro do Comércio) e dos quatro vogais destacamos o jornalista Edmundo de Oliveira e o cenógrafo Augusto Pina[306]; Oliveira estava encarregue da divulgação e Pina da concepção artística.[307]

A entrada do recinto[308] fazia-se através de um arco triunfal de tipo roda dentada, ladeado por dois obeliscos quadrados coroados pelas quinas de Portugal. No lado oposto, junto ao Casino em construção, as Companhias Reunidas de Gás e Electricidade montaram dois pilares para suportar *placards* luminosos, sendo o Casino coberto, a fim de permitir a projecção de películas comerciais[309]. Nas actuais avenidas Clotilde[310] e Aida[311] foram alinhadas duas filas de *stands* ao longo das alamedas de palmeiras; na esplanada junto ao Casino outros se assentaram, o que permitiu dedicar a zona central do recinto a passeios e a manifestações lúdicas paralelas. A AIP divulgaria o certame através da revista *Indústria Portuguesa* a partir de Maio de 1929; na capa de Junho[312] admirara-se a produção visual, pois 22 artistas concorreramà elaboração de cartazes e diplomas; em segundo lugar ficouo cartaz consultado na BNP[313] e intitulado *Padrão*. A promoção focou-se em periódicos, cartazes, postais e selos que durante dois meses se afixaram ou circularam pelo país[314]. Apesar do *Diário de Lisboa* publicar a 2 de Agosto informações retiradas do *Estatuto Orgânico da Feira das Amostras*[315], foi na edição de dia 17 que se leu o anúncio da AIP a apelar aos industriais portugueses a cedência de filmes sobre a sua produção, visando a exibição durante o certame[316]. Detentor de pavilhão próprio no recinto,*O Século* começaria as tiragens de Outubro com destaques para a Feira, elogiando as facilidades concedidas pelas companhias de caminhos-de-

[306] Cenógrafo que cursara na Academia de Belas Artes de Lisboa e na Academia *Julien* de Paris. Pina fora discípulo de Manini, professor no Conservatório durante 25 anos e director artístico da Sociedade de Propaganda da Costa do Sol (SPCS).Cf. *Indústria Portuguesa*, Novembro de 1938, p.44.
[307] Pina inspirar-se-ia em projectos de Cristino da Silva, como o da Entrada Monumental delineada para o Parque Eduardo VII. Cf.Paulo Pereira, *Op. Cit*, p.451.
[308] Dos expositores distribuídos pelas X secções, destacamos asfábricas de Porcelana da Vista Alegre, de Tapetes de Beiriz, de Chocolates Regina, de Louças de Sacavém, além da cimenteira Secil, da Sociedade Industrial de Calçado Elite, de A Tabaqueira, da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, dos Laboratórios Sanitas, da Companhia de Redes de Pesca, e da Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas.
[309]*Indústria Portuguesa*, Setembro 1929, capa e p.23.
[310] Junto à antiga entrada principal do Hotel Palácio, a designação resultou de deliberação camarária de 28 de Novembro de 1941. Cf.Manuel Eugénio F. Silva e José Ricardo C. Fialho, *Toponímia da Freguesia*, p.17.
[311] Junto ao actual Posto de Turismo, recebeu nomeação no mesmo dia. Cf.*Idem, Ibidem*, p.65.
[312] Cf. *Indústria Portuguesa*, Junho 1929, p.33.
[313] Cf. Anexos.
[314]*Indústria Portuguesa*,Setembro de 1929, p. 24**.**
[315] Estatuto publicado, na íntegra, em: *Idem,* Agosto de 1929, pp.43-44.
[316]*Diário de Lisboa*, 17 de Agosto de 1929, p.2.

ferro para envio de mostruários, a instalação de linha telefónica em cada *stand* pela *Anglo-Portuguese Telephone Company*, e a organização de comboios extraordinários pela SE[317], dedicando ainda na *Folha Agrícola* nº234 três páginas a anúncios dos expositores presentes no evento[318].

A título oficial, a 3 de Junho a AIP endereçaria carta ao ministro das Finanças, Oliveira Salazar, solicitando a isenção de encargos fiscais, de forma a viabilizar a participação dos empresários nacionais, defendendo que "augurando-se uma condigna representação dos nossos industriais servirá [a Feira] simultaneamente à afirmação de que, embora modesto, não é de todo nulo o valor da nossa produção.[319]" A nível municipal, registou-se em acta da Comissão Administrativa do Concelho de Cascais, de 23 de Setembro, o convite para a edilidade participar no almoço que se planeava para dia 29, no Parque Estoril, "para solenisar a inauguração da Feira das Amostras.[320]" Apesar das projecções iniciais, o certame apenas decorreria entre 6 de Outubro e 3 de Novembro[321], sendo aberto ao público peloGeneral Carmona e tendo como arautos *O Século* e o *Diário de Notícias*[322]. Das manifestações lúdicas paralelas, a 28 de Outubro relatava-se que o fogo-de-artifício japonês que, na noite anterior, se exibira, pela primeira vez, em Portugal, agradara "sobremaneira, o mesmo se dando com a marcha luminosa que, à noite, percorre o Parque.[323]" O poder da Publicidade fora já título do editorial de Edmundo de Oliveira na edição de Outubro da *Indústria Portuguesa*, onde o mesmo reflectiu sobre o Congresso Internacional do Reclamo decorrido em Berlim e o atraso nacional na produção de cartazes e na iluminação de montras, escrevendo: "em Portugal estamos ainda na infância da arte, pelo que respeita á indústria, porém – e era aqui que pretendia chegar – a Feira de Amostras que vai fechar, trouxe-me a esperança de que neste país se começa, por fim, a ter em conta o valor da Publicidade.[324]" Assinalem-se os trunfos do Estoril durante o evento: (1) a prévia electrificação da linha ferroviária Lisboa/Cascais; (2) as ligações telefónicas em residências privadas, organismos oficiais, e no perímetro da Feira de Amostras; (3) a existência de reclamos

[317] *O Século*, 3 de Outubro de 1929, p.2.
[318] *O Século – Folha Agrícola*, 6 de Outubro de 1929, pp.2-4.
[319] *Indústria Portuguesa*, Junho de 1929, p.9. As isenções seriam confirmadas na edição seguinte de Julho (p.25), após a publicação do decreto nº17:060 de 2 de Julho de 1929.
[320] AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 29 de Setembro de 1929, p.249.
[321] Ao invés da sessão inaugural, a de encerramento foi bastante discreta devido às cerimónias fúnebres do ex-Presidente da República, António José de Almeida.
[322] Cujo *stand* era sobrepujado por um altifalante. Cf. *Indústria Portuguesa*, Outubro 1929, p.52.
[323] *O Século*, 28 de Outubro de 1929, p.3.
[324] *Indústria Portuguesa*, Outubro 1929, p.5.

luminosos e de projecções cinematográficas[325] em larga escala durante o certame anunciado; e (4) o «Porto de Honra» servido a 19 de Outubro à Imprensa, pela AIP, valorizando-se os *Media* no capítulo da intervenção social.[326]

Evento de cariz patriótico, dos artigos inflamados[327] consultados transcreva-se o de 2 de Novembrodo *Diário de Lisboa*. Assim, "uma das grandes vantagens desta Feira de Amostras é precisamente a de demonstrar que entre nós se produz tão bom, e muitas vezes se produz melhor do que lá fora.[328]" A defesa da concepção, divulgação e reputação dos produtos portugueses manifestou-se também pela atribuição da Grã-Cruz de Mérito Industrial à Direcção da AIP[329]. Apesar dos louvores à modernidade e ao empreendorismo, os jornais não escondiam dois flagelos para a saúde pública de então: a tuberculose (vendendo-se no recinto o selo anti-tuberculose, além da receita das entradas do dia 29 de Outubro ter revertido para o combate a esse drama no concelho de Cascais[330]) e a febre tifóide (cujo surto ameaçava retornar com as chuvas de Outono, pondo em risco a qualidade da água de Vale de Cavalos, que abastecia parte da edilidade)[331]. O reconhecimento da AIP à indústria do Turismo, mais concretamente ao ramo da Hotelaria, seria registado no *Relatório de Gerência* de 1929, pois ao abrigo dos seus estatutos tinham sido constituídas as seguintes novas secções: Pirotécnica, Hotelaria e Bancária[332]. Após a organização do certame do Estoril, em 1929, a AIP encarregar-se-ia de convocar o I Congresso da Indústria Portuguesa, em 1933.

[325] O filme com momentos desde a cerimónia inaugural a planos do interior dos *stands* estaria a cargo da Secção Cinematográfica do Exército, e seria projectado pelo país. Cf. *Idem*, Outubro 1929, p. 58.
[326] Segundo Rob Riemen, em 1930 Ortega Y Gasset publicou a obra *Sociedade de Massas*, constatando a superficialidade e desumanização que Goethe e Nietzsche previram para a Europa. Liberta a sociedade da submissão da Igreja e da aristocracia são agora o progresso tecnológico e os *Media* que "ampliam o olhar das pessoas sobre o mundo." Cf. Ortega Y Gasset apud Rob Riemen, 2010 – *O Eterno Retorno do Fascismo*, trad. Maria Carvalho, Lisboa, Editorial Bizâncio, 2012, p.21.
[327] Nem sempre enaltecedores, como foi o caso do *Jornal de Cascaes* que acusava a grande Imprensa de fugir à verdade ao indicar multidões durante a semana, defendendo ainda que Lisboa ou Porto teriam sido palcos mais acertados. Cf. *Jornal de Cascaes*, 1 de Novembro de 1929, p.1.
[328] *Diário de Lisboa*, 2 de Novembro de 1929, p.2.
[329] *Relatório da Direcção da Associação Industrial Portuguesa: 1929*, Lisboa, AIP, 1930, p.XXIII.
[330] *Indústria Portuguesa*,Novembro 1929, p.26.
[331] *O Século*, 31 de Outubro de 1929, p.2.
[332] *Relatório da Direcção da AIP: 1929*, p.XXII.

4.2. Sinais de Modernidade

Ao escolhermos o termo «modernidade» pretendemos recordar as modalidades técnicas que se caracterizavam pela vanguarda de formas e materiais (no caso da Arquitectura) e pelo desenvolvimento do *modus vivendi* civilizacional (no caso das comunicações). Tratavam-se de focos de inovação que desejamos apresentar, não só na óptica do usufruto pela população visitante, mas ainda por nos facultar a caracterização das necessidades sociais dos que ali se fixaram. A título construtivo, a urbanização do Vale de Santo António deve ser entendida a três escalas: (1) na esfera privada, das residências erguidas; (2) no âmbito local, pelas estradas rasgadas; e (3) no contexto regional, pela definição de um projecto de reformulação abrangente como foi o Plano de Urbanização da Costa do Sol (PUCS), não negligenciando a articulação com o Plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa, de Etiénne de Gröer.

Embora não seja do nosso âmbito de investigação escrever sobre a arquitectura do Modernismo no eixo Estoril-Cascais, não podemos deixar de referir alguns aspectos pela sua implicação turística. Começaremos por aflorar a razão de ser da Companhia de Crédito Edificadora Portuguesa, no Parque Estoril, para depois recorrer à produção científica de Maria Graça Briz sobre residências privadas de traço modernista *in situ.* Ao folhearmos uma resenha histórica lemos que ao loteamento de terrenos do vale do Estoril esteve associada entidade construtiva que assegurava a harmonia estrutural e visual das composições que iam sendo implantadas; ironicamente, numa fase inicial, o estaleiro, outrora pinhal, cativaria, não novos moradores (da capital ou estrangeiros), mas antes proprietários residentes no Monte. Para John Hampton,

> A ideia inicial tinha sido atrair moradores novos, mas muitos lotes foram adquiridos pelos proprietários das casas palacianas do Monte Estoril que já estavam casados das ruas estreitas e íngremes e ambicionavam agora uma casa mais apropriada para a sua vida familiar.[333]

A Companhia de Crédito Edificadora Portuguesa era a mais antiga do país e desejavaali erguer vivendas para vender a pronto ou a "presos que podem ir até trinta anos"[334], isto é, com modalidades faseadas de pagamento: este era um projecto imobiliário a médio prazo de fixação assegurada pelas gerações vindouras. No Verão seguinte a mesma fonte saudaria a SE por subordinar todos os projectos a rigorosa fiscalização, "a fim de evitar os aleijos que se deram ás margens da linda linha de

[333] John D. Hampton, *Op. Cit*, p.85.
[334] *A Arquitectura Portugueza*, Novembro de 1918, p.43.

Cascais, bem digna de melhor sorte, da que teve até agora.[335]" Em finais de 1919 revelar-se-ia a proposta de Eduardo Tavares para casa a erigir no Parque, descrevendo-a como um incentivo à construção civil, face à crise, além de ser inovadora na dupla valência entre o piso de habitação familiar e o piso destinado a aluguer[336]. *Tabua rasa* por excelência, os talhões numerados[337] do Estoril desafiavam a criatividade de autores e o gosto de encomendadores (por vezes coincidentes), segundo as tendências em voga: (1) a conservadora, que se debatia pela continuidade dos modelos mediterrânicos implementados por Raul Lino; e (2) a inovadora, brisa internacional de modelos fruto da contemporaneidade de gostos e materiais.Inseridas na primeira refira-se a casa para/por Jorge Pereira Leite (arquitecto da autarquia lisboeta), e a habitação de três andares com jardim e muro projectada por Tertuliano Lacerda Marques (arquitecto da edilidade cascalense) para Andronico de Souza Melo, ambas de estilização nacional. A segunda categoria associava-se ao emergir de nova ordem social[338], bipartida entre a *Art Déco*[339]e o Modernismo: esta vaga de gosto europeísta apenas banharia Portugal entre finais dos Anos 20 e 30 por pressões políticas, como indica Ana Tostões. Leia-se:

> Com o final da década [de 1930] estavam praticamente fechadas quaisquer possibilidades de continuidade para este "efémero" ciclo modernista, cujo internacionalismo se mostrava cada vez mais incompatível com o crescente nacionalismo… que passara a fazer parte do discurso oficial de Salazar, Duarte Pacheco e António Ferro.[340]

Após as linhas ondulantes e etéreas que caracterizaram a *Art Nouveau* na transição de séculos, os horrores da Primeira Guerra Mundial e a massificação produtiva conduziram a uma mudança de mentalidades, e os pioneiros na impressão do novo gosto cultural foram os artistas. Este fenómeno recorrente na História de Arte foi teorizado por Heinrich Wölfflin[341] com recurso à metáfora da sucessão de opostos entre um estilo linear e outro decorativo: aplicando a generalização obtém-se a caracterização

---

[335]*Idem*, Julho de 1919, p.25.
[336]*Ibidem*, Dezembro de 1919, p.47.
[337] Como o revela o excerto referente a projecto a concretizar "…no talhão 81 do Parque do Estoril, situado na Rua 19". Cf. *Ibidem*, Novembro de 1920, p.43.
[338] Edward Ralph – *A Paisagem Urbana Moderna*, trad. Ana McDonald de Carvalho, Lisboa, Edições 70, 1987.
[339]Na senda da Exposição das Artes Decorativas decorrida em Paris, em 1925. Cf.João Vieira Caldas – *Arquitecto Porfírio Pardal Monteiro*, Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses – Secção Regional do Sul, 1997, p.31.
[340] Ana Tostões – "Construção Moderna: As Grandes Mudanças do Século XX", *Momentos de Inovação e Engenharia em Portugal no Século XX*, Volume II. Manuel Heitor, José Brandão de Brito e Maria Fernanda Rollo (coords.), Lisboa, Publicações D. Quixote, 2003, p.142.
[341]Heinrich Wölfflin, 1915 – *Principles of Art History*, trans. M.D.Hottinger, Mineola/New York, Dover Publications, Inc., 1950, pp.18-32.

do Modernismo. Note-se: "Linear vision means that the sense and beauty of things is first sought in the outline… that the eye is led along the boundaries and induced to feel along the edges.[342]" Ao nível da *Art Déco* produziam-se criações geométricas de linhas verticais, recorrendo a materiais ancestrais (pedra, tijolo, madeira e mosaico), sendo as fachadas ornadas por baixos-relevos[343]; exemplo associado à Costa do Sol era a gare do Cais do Sodré que, embora geograficamente deslocada, compunha a imagem de partida rumo ao *resort* Estoril. A obra-prima de Pardal Monteiro fora erguida em materiais perenes (no lugar de um barracão em madeira) e intensa volumetria, e pronunciava, tanto a pluralidade de interiores, quanto a capacidade de acolhimento de intenso tráfego. O Modernismopreconizava criações geométricas de traços horizontais, com fachadas de volumes distintos (dos rectos aos cilíndricos), apostando no betão e na ausência de vislumbre decorativo externo[344]. Sinal dos tempos modernos[345], o betão revelava-se superior ao ferro por não padecer dos "perigos do fogo e da ferrugem"[346], além de permitir arrojos como amplos salões e átrios sem recurso a pilares intermédios[347]. No Estoril referia-se como exemplo o edifício dos telefones de Adelino Nunes: organizado em três áreas (sala pública, sala das telefonistas e dos equipamentos, e residência para uma telefonista)[348], Nunes implantara-o em terreno irregular através de três fachadas. Além do *lettering* identificativo, imagens de então revelam um *placard* luminoso[349] no topo com a palavra «Telefones». Interessante é a descrição da sala das telefonistas, não pela atenção técnica às janelas (cuja luminosidade não deveria ofuscar dos sinais dos equipamentos), mas pela situação no espaço em causa, pois "as janelas altas têm também a vantagem de impedir que elas não se distraiam com o movimento exterior do edifício.[350]" Ao cosmopolitismo do Estoril associavam-se tentações hedonistas para as funcionárias, não esquecendo que o edifício[351] se situava no cruzamento entre gare/Tamarize Casino/Parque. No estio de 1933 a Imprensa anunciava a inauguração

[342] *Idem*, p.18
[343] António Reis (dir.) – *Portugal Contemporâneo*, Volume IV, Lisboa, Publicações Alfa, 1990, p.281.
[344] *Idem*, p.281.
[345] Insinuação ao filme homónimo de Charlie Chaplin, de 1936, intitulado *Modern Times*.
[346] José Manuel Fernandes – *A Arquitectura Modernista em Portugal (1890-1940)*, Lisboa, Gradiva, 1993, p.23.
[347] Como reconheceu Cristino da Silva em entrevista facultada em 1971. Cf. Ana Tostões, *Op. Cit.*, p.138.
[348] *Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos*, Junho/Julho de 1938, p.131.
[349] A sedução da iluminação eléctrica pública e nocturna era um dos atractivos da estância Estoril.
[350] *Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos*, Junho/Julho de 1938, p.133.
[351] Em requerimento camarário a *Anglo-Portuguese Telephone Company* solicitava que a fachada principal do edifício ficasse paralela (e não oblíqua, como revela planta anexa ao pedido) à Estrada Nacional nº11. Cf.AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/3890.

para breve, ressalvando a utilidade do "edifício amplo e sóbrio que a Companhia dos Telefones mandou construir na primeira praia da Costa do Sol."[352]

Quanto à arquitectura privada modernista (de cariz residencial) Maria Graça Briz sistematizou os imóveis erguidos, tanto em artigo no *Boletim Municipal* de Cascais, em 1991, como em roteiro patrimonial lançado em 2010 pela autarquia[353]. Dos tesouros do Modernismo sobreviventes destacamos a *Vila Monserrate*, de 1929. A propriedade do engenheiro Álvaro Pedro de Sousa resultou da colaboração entre os arquitectos Porfírio Pardal Monteiro e Luís Cristino da Silva, aliados na renovação de uma estrutura pré-existente, que cativaria pelas volumetrias, emprego do betão e "terraço-mirante, terminando em "pérgola", elemento que será inúmeras vezes repetido na arquitectura do Parque.[354]" Na comunicação de Setembro de 2010, Briz realçou a importante alteração na orientação artística da edilidade, quando, em 1930, Tertuliano Lacerda Marques cedeu o lugar a Jorge Segurado, coincidindo este facto com a aceleração de venda de lotes na ala a Norte do Casino. Segurado pertencia a uma geração de arquitectos formada na Escola de Belas Artes de Lisboa e que incluía nomes como Cassiano Branco, Pardal Monteiro, Cristino da Silva, Cottineli Telmo e Adelino Nunes, que criariam projectos para o Estoril[355]. Estes vanguardistas trariam uma lufada de ímpeto construtivo que, nos Anos 40, seria estecticamente manietada pelos desígnios do regime. É o que Ana Tostões defende ao indicar que "a arquitectura modernista que se desenvolve em Portugal nas décadas de 20 e 30 tem uma expressão claramente geracional.[356]" Para reforçar a *generation gap*, recorde-se uma entrevista a mestre Raul Lino[357], que, em 1933, revelava a sua aversão a modas. Leia-se:

> – Ah! O internacionalismo na arquitectura? Esse devia ser proibido, superiormente, se não houvesse já razões de ordem técnica e material para ser condenado.[358]

[352] *Diário de Lisboa*, 23 de Agosto de 1933, p.3. Manuel da Cruz seria o construtor. Cf. *O Estoril*, 11 de Julho de 1933, p.2.
[353] Lançamento oficial realizado a 25de Setembro de 2010, no âmbito das *Jornadas Europeias do Património*, decorridas no Museu Condes de Castro Guimarães, e em que estivemos presentes.
[354] Maria Graça Briz – *Roteiros do Património de Cascais – Arquitectura Modernista*, nº5, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2010, p.25.
[355] Paulo Tormenta Pinto – *Cassiano Branco – Arquitectura e Artifício, 1897-1970*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2007, p.22.
[356] Ana Tostões, *Op. Cit*., p.139.
[357] Em Outubro de 1932 estariam expostos ao público, no *hall* das termas, projectos de «Casa à Portuguesa» de Fernando Prefeito de Magalhães citando estudos de Lino e o artigo enalteceria que "a iniciativa do expositor tem fins altamente louvaveis e patrióticos que o impõem á consideração de todos nós." Cf. *O Estoril*, 5 de Outubro de 1932, p.1.
[358] *Diário de Lisboa*, 15 de Dezembro de 1933, p.3.

No âmbito da produção e renovação de equipamentos para usufruto turístico, ao longo da tese recuperaremos alguns dos nomes listados, bem como abordaremos o Rádio Clube Português(RCP)enquanto difusor de promoção turística. Reportando-nos às maravilhas tecnológicas essenciais à projecção dos *resorts* Monte e Estoril, refiram-se o esforço de desenvolvimento dos serviços telefónicos, telegráficos e postais. Em Fevereiro de 1929 a CITC preocupava-se com a instalação da estação telégrafo-postal dos Estoris em edifício condigno[359], e em Maio oficiaria o MI sobre a promessa antiga de que a *Villa das Palmeiras*, junto ao Casino Internacional, lhe servisse de sede, estação de correios e telégrafos[360], o que apenas se concretizaria no segundo semestre de 1930. Também a morosidade do serviço de malaposta entre Cascais e Sintra (que saía da origem e seguia para Lisboa antes de rumar ao destino) a levaria a contactar a Cooperativa Lisbonense de *Chauffeurs*, solicitando o transporte gratuito das malas nos autocarros que ligavam Estoril-Cascais-Sintra[361]. Em Maio de 1932 constata-se que a situação ainda não fora agilizada pela Administração Central dos Correios e Telefones[362], mas o Ministério do Comércio e das Comunicações (MCC) autorizaria a criação de uma estação telégrafo-postal no Estoril[363]: a estação de 3ª classe no Parque abriria a 1 de Agosto de 1932[364]. O que parecia agilizar os serviços de comunicação só trouxe confusão inicial, como denuncia a 87ª acta da CITC quanto a reclamações de habitantes do Monte[365], pois a recepção de telegramas passara para a estação do Estoril; também a mudança de horário da estação telégrafo-postal do Monte prejudicava "a população permanente e flutuante, bem como a indústria hoteleira e comércio local"[366], pelo que a Comissão oficiaria a Administração dos Correios, o Ministério das Obras Públicas e Comunicações (MOPC)e o CNT, para se tomarem providências. De documentação guardada no ANTT recolhemos os seguintes dados:

---

[359] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 20 de Fevereiro de 1929, p.37.
[360] *Idem*, 17 de Maio de 1929, p.44.
[361] *Ibidem*, 8 de Julho de 1931, p.154.
[362] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 6 de Maio de 1932, p. 19v.
[363] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº262, de 12 de Novembro de 1931. A mesma resultara de reclamações de estrangeiros sobre a morosidade de atendimento na estação do Monte Estoril, por falta de pessoal, ao que a CITC oficiaria a CNT a solicitar outro funcionário e a criação de uma estação no Parque Estoril. Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 9 de Março de 1931, p.139.
[364] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº183, de 8 de Agosto de 1932.
[365] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 24 de Agosto de 1932, pp.29-29v.
[366] *Idem*, 5 de Outubro de 1932, p.30v.

1) na estação do Monte Estoril, em 1930 e 1931, venderam-se 4.000$00 em selos/mês, o que duplicaria em 1932, além de que o serviço de telegramas internacionais verificaria uma subida de 100% em 1932 face ao ano anterior, e o serviço nacional cresceria 30% em igual período[367];
2) na estação do Estoril, entre Agosto de 1932 e Março de 1933 venderam-se, em média, 12.000$00 em selos/mês; no mesmo intervalo foram expedidos c.2.800 telegramas para o estrangeiro e c.2.400 para Portugal, e recebidos 3.600 do exterior e 5.400 de outras áreas do país.[368]

No tocante ao serviço telefónico disponibilizado, a CITC solicitara à *Anglo-Portuguese Telephone Company* a instalação de cabines automáticas de rua nas "principais povoações do litoral concelhio"[369]; o termo «litoral» evidencia interesse turístico, tanto que a companhia anuiria, pedindo sugestões quanto a localização[370]. Em 1932 a CITC seria informada pelo CNT sobre a futura construção do edifício dos telefones[371]; recorrendo a estatísticas oficiais, constata-se a existência de três estações telefónicas no concelho: em Carcavelos, no Estoril e em Cascais. Na sede municipal existia ainda uma estação telegráfica semafórica, na Vigia de Oitavos, de apoio à navegação (funcionou entre 1860-1947). Com base nas edições do *Anuário Estatístico* elaborámos os quadros abaixo:

	1929	**1930**	**1931**	**1932**	**1933**
Assinantes	190	214	226	249	279
Cabines	18	18	20	22	22

Quadro 9 – Serviço da*Anglo-Portuguese Telephone Company* no Estoril (1929-1933).

(Fonte: *Anuário Estatístico de Portugal, 1929-1933*)

[367] ANTT/AOS/CO/FI-5, pt.8 [folha 527].
[368] *Idem.*
[369] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 17 de Novembro de 1931, p.4.
[370] *Idem,* 22 de Dezembro de 1931, p.6v.
[371] *Ibidem,* 5 de Novembro de 1932, p.33.

	1929	1930	1931	1932	1933
Assinantes	52	63	75	89	94
Cabines	8	11	10	11	11

Quadro 10– Serviço da *Anglo-Portuguese Telephone Company* em Cascais (1929-1933).

(Fonte: *Idem*)

1929	1930	1931	1932	1933
7.597	6.019	2.833	---	---

Quadro 11 – Telegramas trocados no serviço semafórico de Oitavos (1929-1933).

(Fonte: *Ibidem*[372])

Analisando os quadros 9 e 10 constata-se um crescimento, tanto ao nível de assinantes privados, quanto de cabines existentes no Estoril e em Cascais. A perda de uma cabine, em Cascais, em 1931, parece-nos falha técnica momentânea, pois em 1932 e 1933 mantiveram-se em funcionamento as 11 unidades registadas em 1930. Outro aspecto de relevo é a diferença entre localidades vizinhas,o que revela a dificuldade de penetração de um objecto tecnológico pouco acessível à maioria dos habitantes de Cascais, e a sua fácil divulgação no Estoril, reduto capitalista e cosmopolita. Sobre o quadro 11, note-se que, à crescente progressão do telefone, se assistia à gradual redução do número de telegramas remetidos/recebidos na estação de Oitavos. Esta laborava para agilizar a entrada e saída de embarcações na barra do Tejo, verificando-se um decréscimo de telegramas entre 1929-1931, além de não haver dados relativos a 1932 e nem sequer este tipo de tabela no *Anuário* que trata o ano de 1933.

No âmbito da tecnologia aplicada ao Lazer, comecemos porCassiano Branco, o arquitecto modernista que, em 1930, delineou um plano progressista: a «Cidade do Cinema Português»[373]. As férias de Verão passadas em Cascais, o clima e a paisagem locais pareceram-lhe as ideais para aí projectar a «Hollywood da Europa»[374]; mas tal

[372]O *Anuário Estatístico* de 1932 não faculta valores e o de 1933 nem sequer apresenta tabela relativa ao serviço em causa, em solo nacional.
[373] Paulo Tormenta Pinto, *Op. Cit.*, p.31. Para José-Augusto França, os planos de Cascais e da Costa de Caparica primavam pelos zigurates esboçados. Cf.José- Augusto França – *A Arte em Portugal no Século XX, 1911-1961*, 3ª ed., Venda Nova, Bertrand Editora, 1911, p.233.
[374]*Idem*, p.31.

não aconteceria, mesmo quando em Janeiro de 1932 a revista *Cinéfilo* publicaria o sussurro de que pretendia instalar-se uma produtora de filmes sonoros em quinta na Linha de Cascais[375]. A única concretização seria a fundação da Tobis, Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros, no Lumiar[376]. A atracção da tela fora um dos trunfos da praia do Tamariz no Verão de 1929, onde um cinema ao ar livre cativara "mais de duas mil pessoas"[377] que se sentariam na areia e, se noutros momentos se tomaria como incómoda a falta de iluminação de tão vasto espaço público, aquando da projecção dos filmes o sucesso estava assegurado; em Cascais, o cinematógrafo no Casino da Praia seria gerido pela Castello Lopes até 1930, cedendo lugar à firma Freitas, Filhos a partir de 1931. Na vertente teórica o Cinema também levava visitantes à Costa do Sol, como aconteceu, em 1930, na senda da conferência *A Vós, Cinéfilos*, proferida porLeitão de Barros no Casino Internacional do Monte[378]. Dois anos depois, um periódico anunciaria que, para celebrar o início da época de Inverno, o cinema do Casino passaria a sonoro[379]. Ainda na categoria do lazer mencionem-se as provas automobilísticas de 1932 e o filme que *O Século Cinematográfico* realizou das provas (do Porto ao Estoril), para depois exibir-se em salas pelo país. Para tal, o realizador Aníbal Contreiras acompanharia a prova junto do concorrente A. C. Tôrres Fernandes.[380]

A Tecnologia também baseava visitas como a deGuglielmoMarconi[381], o inventor da TSF que, em Outubro de 1929, almoçou no Tamariz, ou proporcionava momentos visuais inolvidáveis aos visitantes, como a exibição da «Fonte Luminosa» que estivera na Exposição Colonial de Paris e, na semana de Santo António, em 1932, cativou audiências pelos jogos de luz projectados[382]. A Tecnologia possibilitaria a aparição de *tours* aéreos sobre cenários de sonho como a Costa do Sol: foi o que aconteceu em Agosto e Setembro de 1930. No primeiro mês o *junker* «Lisboa» saíra de Alverca, sob alçada dos Serviços Aéreos Portugueses[383]; no segundo momento o avião *Laté 28* sobrevoou o triângulo Lisboa-Sintra-Costa do Sol. Pilotado pelo francês

[375]*Cinéfilo*, 23 de Janeiro de 1932, p.2. Suplemento semanal de *O Século* vocacionado para a 7ª Arte.
[376] António Reis, *Op. Cit.*, p.315. A primeira produção da Tobis seria *A Canção de Lisboa*, realizada por Cottinelli Telmo.
[377]*Costa do Sol*, 15 de Outubro de 1929, p.6.
[378] À comunicação seguir-se-ia a projecção dos filmes portugueses *Lisboa* e *Maria do Mar*, cuja parte musicada esteve a cargo da orquestra do Casino, dirigida pelo violoncelista Vieira Pinto. Cf. *Notícias da Costa do Sol*, 27 de Setembro de 1930, p.10.
[379]*Diário de Lisboa*, 23 de Novembro de 1932, p.2.
[380]*O Volante*, 22 de Maio de 1932, p.11.
[381]*Costa do Sol*, 15 de Outubro de 1929, p.15.
[382]*Diário de Lisboa*, 12 de Junho de 1932, p.3.
[383]*Idem*, 23 de Agosto de 1930, p.6.

Dubourdier, ele e a imprensa convidada para o efeito pela Companhia Aero Postal ficariam rendidos ao cenário desfrutado[384]. Em Agosto de 1933 decorreria o *raid* aéreo Paris/Estoril que, entre outros, incluiu passagem por campos de aviação em Espinho e Sintra[385]. Atente-se ainda que, entre 28 e 30 de Maio de 1932, realizou-se o I Congresso Nacional de Radio-Telefonia; discurso a realçar foi o de Mateus de Oliveira, por intitular-se*A Radiofonia e o Turismo*, nele realizando a apologia do emprego da radiodifusão como veículo de promoção turística.[386]

5. Inaugurações estivais e Hotelaria (1930-1931)

5.1. O Hotel Palácio e as Arcadas do Parque

Para a história do Turismo no eixo Estoril-Cascais, o Verão de 1930 é recordado como um período notável devido a três atracções de peso: uma hoteleira, outra no capítulo dos transportes e, a terceira, no âmbito dos desportos marítimos. De acordo com Manuel Guimarães e António Valdemar, em finais de Agosto, "o Arq. Raoul Jaurde, o decorador Fitté e o chefe de construção civil Léonce Reynés[387] cumpriram o

[384]*Notícias da Costa do Sol*, 13 de Setembro de 1930, p.16.
[385]*Diário de Lisboa*, 12 de Agosto de 1933, p.3.
[386]*Boletim do RCP*, Julho de 1932, pp.1-4. Um dos membros da comissão executiva do congresso era Botelho Moniz, homem ligado ao RCP, que foi uma emissora activa na questão da Guerra Civil de Espanha e, para nosso interesse, na promoção dos atractivos locais. O RCP surgira em 1928 por Jorge Botelho Moniz e Alberto Lima Basto que colocaram a funcionar a estação do «Estado livre de Parede e Galiza», a qual mudaria de designação para Rádio Parede, em 1930, Rádio *Club* da Costa do Sol, no início de 1931, e Rádio Clube Português, em finais de 1931 (Cf. *Rádio Clube Português*, s/l, s/e, s/d, s/p.). Funcionando primeiro em horário nocturno e depois à tarde e à noite, começara por emitir boletins informativos, momentos musicais e relatos desportivos. Em carta de 23 de Junho de 1931 ao ministro do Interior, Botelho Moniz apresentava a então Rádio *Club* da Costa do Sol como estação imparcial face a temas políticos e religiosos, mas disponível a acolher palestras de membros do governo e conferências culturais de ilustres nacionais, solicitando a participação conjunta do Estado na construção de nova sede, pois a provisória situava-se na Vivenda Zinda, em Parede. O redactor recordaria o ministro de que "a emissão radiofónica é hoje o mais importante meio de propaganda, superior até, sob muitos pontos de vista, á própria imprensa." (Cf.ANTT/MI/GM, mç.452, pt.19/21). O órgão noticioso da emissora indicaria que, desde Setembro de 1932, a revista *World Radio* da *British Broadcasting Corporation*(BBC) inseria o RCP na lista de estações europeias do ramo, anunciando mudanças para breve. Tratava-se de transferir a sede social do RCP para Lisboa, mantendo a antena e os estúdios emissores em Parede graças à cedência de 16.000 m2 de terreno pela CMC. O projecto do novo edifício (inaugurado em Fevereiro de1934) devera-se aos arquitectos Tertuliano e Vasco Lacerda Marques,e os terrenos incluiriam *courts* de ténis, ringue de patinagem e *pelouse* para jogos infantis, ao dispor dos sócios (Cf. *Boletim do RCP*, Janeiro de 1933, pp.2-4). A razão da estação ter tido duas denominações em 1931 deveu-se ao ensejo de que a mesma não se circunscrevesse a uma área regional, mas antes abarcasse território nacional. Cf. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 1 de Dezembro de 1931, p.487.
[387] Membro das *Entreprises de Travaux*, empresa responsável pela construção, quer do Hotel Palácio, quer do Casino do Estoril. Cf. *Indústria Portuguesa*, Setembro de 1930, p.60.

prometido, dando por pronto… o Hotel Palácio do Estoril.[388]" Dias antes já o *Diário de Lisboa* divulgava uma lista de esclarecimentos[389] com seis alíneas, emitida pela SEP sobre o banquete inaugural, da qual destacamos três: (1) a entrada seria feita pela porta principal – então virada para o Parque; (2) a *toillette* obrigatória era a casaca ou a farda – pela presença do Chefe de Estado; e (3) haveria visita ao hotel antes ou depois do banquete, consoante se ultimasse.Na véspera da inauguração Fausto Figueiredo guiaria uma visita a representantes de periódicos[390] convidados, os quais ficariam maravilhados com estrutura, serviços e electrodomésticos[391]. A 30 de Agosto decorreu a cerimónia oficial na presença do General Carmona, o qual agraciou Figueiredo com a Grã-cruz da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial[392]. Setembro principiaria com um artigo panegírico onde se lia:

> De hoje em diante, já podemos dizer aos estrangeiros – aos estrangeiros das mais altas categorias:
>
> – Visitem Portugal, porque além das suas incomparáveis belezas naturais, ele proporcionar-vos-há uma hospedagem confortável e não inferior ao que recebeis nos melhores «Palaces» do mundo.[393]

No *Notícias da Costa do Sol*destacava-se o apelo sensorial da obra, descrevendo-se que "todo o edifício é um grito de cor e alegria. O *hall* ocupa a parte central da construção que se divide em dois corpos enormes.[394]" Dos espaços e serviços destacavam-se a Cozinha Francesa, os concertos às refeições, o Bar Americano e o facto de os funcionários serem poliglotas. Jean Chiappe[395] fora o primeiro hóspede[396] e, em entrevista[397], revelava-se encantado[398] pelo destino, admitindo:

---

[388] Manuel Guimarães e António Valdemar – *Grandes Hotéis de Portugal*, Lisboa, Edições Inapa e Instituto de Apoio e Financiamento ao Turismo, 2001, p.134.
[389]*Diário de Lisboa*, 16 de Agosto de 1930, p.4.
[390] Então, como hoje, vingava a ideia de que "uma reportagem jornalística num *resort* será mais facilmente acreditada do que a publicidade." Cf. Mário Baptista – *Turismo – Gestão Estratégica*, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 2003, p.98.
[391] A unidade hoteleira de luxo tinha quatro andares, elevador, 200 quartos, 100 casas de banho e o 5º piso era para o pessoal, "e tudo, tudo ali dentro é bom. Desde as excelentes cosinhas, até ao mais insignificante aposento." Cf. *ABC*, 4 de Setembro de 1930, pp.20-21.
[392] Condecoração atribuída por decreto de 28 de Agosto, pela Chancelaria das Ordens Portuguesas. Cf.*Diário do Governo*, II Série, nº220, de 22 de Setembro de 1930.
[393]*Diário de Lisboa*, 1 de Setembro de 1930, p.6.
[394]*Notícias da Costa do Sol*, 6 de Setembro de 1930, p.5.
[395] Prefeito da Polícia de Paris que um periódico lisboeta adjectivara de «Napoleónico» no seu intento de moralizar as condutas sociais na cidade francesa. Cf. *Diário de Notícias*, 25 de Novembro de 1930, p.7.
[396] Ralph Fox, *Op. Cit.*, p.65.
[397] Enquanto os Chiappe almoçavam no Tamariz, acompanhados por W.S. Maas, representante da Agência de Propaganda *Dorland*. Cf. *Diário de Lisboa*, 20 de Agosto de 1930, p.8.
[398] A que não terão sido alheias cortesias como o chá oferecido pelo edil António Cardoso no perímetro da Cidadela ao casal Chiappe. Cf. *Costa do Sol*, 6 de Setembro de 1930, p.18.

> – Isto é verdadeiramente maravilhoso. E o clima, então, não tem rival. Diz-lho quem acaba de chegar de Deauville onde, actualmente, faz frio.[399]

A promoção mundial do Palácio seria conseguida dois meses após a abertura pela estada do Príncipe imperial do Japão[400]. Takamatsu, e a esposa, Kikuko, estavam em lua-de-mel e chegaram ao Estoril a 8 de Novembro, tomando o *Sud-Express* em Madrid; dia 11 partiriam. A partir de finais de 1930 passou a ser comum o anúncio de ceia de Natal, *réveillon*, festas de Carnaval e outros eventos elegantes regulares, no Palácio. O hotel foi, desde cedo, recomendado por associações automobilísticas através de placas afixadas com o timbre da *Automobile Association*, de Inglaterra, do *Automovel Club*, de Espanha, e do *Automobile Club*, de França, aos sócios[401]. Por outro lado, uma fonte de 1933 faculta-nos uma visão interna sobre a gestão do Hotel Palácio, na perspectiva dos funcionários: em *O Dever*(jornal da Associação da Classe dos Empregados da Indústria Hoteleira e Profissões Anexas), para lá das queixas laborais ao tratamento dos subordinados, cativaram-nos as idiossincrasias dos primeiros directores. Nada indicando sobre o Sr. Cambouvile, são redigidas frases deliciosas sobre a apoteótica chegada de Gutron, outro francês nomeado para gerir o hotel, que chegara numa comitiva de três luxuosos automóveis, "qual aurífico Rajá… [num] deslumbramento que tornava ainda mais rutilante a já brilhante Costa do Sol."[402] Constata-se que o *maître d'hotel* tinha que "Portugal era um país semi-selvagem"[403] e que, ao fim de três meses cederia o lugar a Dervin. Reconhecido pelos modos aristocráticos, era um homem comedido que se perfumava e banhava com regularidade, acabando substituído, pois o hotel "não podia ter sempre água perfumada e tépida para tantos banhos.[404]" Contundente, o artigo refere que até a escolha do Sr. Soleiro fora infeliz, por ele ser "um incompetente que deambulou sempre pelos serviços da indústria à cata de um lugar de destaque"[405], através de artimanhas. Soba alçada do hoteleiro Alexandre d'Almeida, fora designado para o Hotel d'Itália, onde não era apreciado, e agora geria o Palácio. Defendia-se ainda

[399] *Diário de Lisboa*, 20 de Agosto de 1930, p.8.
[400] A preocupação com a segurança e o conforto do ilustre casal e da comitiva é perceptível nas duas cartas dirigidas pelo MNE ao MI. Na primeira era solicitada a dispensa das formalidades na fronteira e o "policiamento da linha férrea desde Marvão até ao Estoril" (Processo nº228/34, carta de 31 de Outubro); na segunda era recordada a partida dos mesmos, dia 11 de Novembro, rumo a Sevilha, e requisitado o acompanhamento das forças de segurança até à fronteira (Processo nº228, carta de 10 de Novembro). Cf.ANTT/MI/GM, mç.449, pt.32/9.
[401] *Diário de Lisboa*, 16 de Agosto de 1932, p.2.
[402] *O Dever*, 10 de Janeiro de 1933, p.4.
[403] *Idem*, p.4.
[404] *Ibidem*, p.4.
[405] *Ibidem*, p.4.

a injustiça para com Vítor Hugo, respeitado funcionário que apenas ascendera a "chefe de recepção, pois o verdadeiro director não sabe receber quem quer que seja."[406]

Importa agora apresentar as quatro principais entidades a operar no Estoril. A SE resultara da parceria firmada em 1915 entre os genros do falecido José Ferreira do Amaral, os cunhados Fausto Figueiredo e Augusto Carreira de Sousa, e outros sócios minoritários de confiança. Condicionantes empresariais levariam à criação da SEP, encarregue da gestão do *resort*, dedicando-se a firma-mãe à exploração da linha-férrea. Para assertivos fins promocionais, a SPP[407] fundaria uma sucursal local, a SPCS, que se focava na divulgação do eixo Estoril-Cascais; a estas juntar-se-ia uma quarta, a SAI[408]. Numa pasta consultada no ANTT encontrámos uma nota de que "as explorações da Estoril Plage estão hoje [em 1933] a cargo de uma Sociedade Arrendatária, que pagava diariamente 5 contos aos proprietários, alem de impostos.[409]" Em recurso judicial publicado no *Diário do Governo*, em 1935, é indicado que, entre 1931-1932, os hotéis Parque e Palácio, e o restaurante Tamariz foram explorados pela SAI, pese embora esta não chegasse a constituir-se legalmente[410]; como acusaria Carlos Granja[411] em processo posterior, esta "nasceu, viveu e morreu à margem da lei"[412], pois desapareceria em 1934 (com a ajuda do regime à estância), sendo dúbias as diferenças entre a SAI e a SEP. Questões legais à parte, para a nossa tese são relevantes, sim, os dados estatísticos quanto à ocupação do Palácio, remetidos pela SAI ao poder central, em 1933. Assim:

	1930	**1931**	**1932**	**1933**
Hóspedes	6.222	15.576	31.317	13.776
Crianças	315	609	2.137	223

Quadro 12 – Movimento de hóspedes no Hotel Palácio (Agosto 1930-Março 1933).

(Fonte:ANTT/AOS/CO/FI-5, pt.18 [folhas 517-520])

[406] *Ibidem*, p.4. Em Março publicar-se-ia um artigo sobre o chefe de cozinha, o espanhol Clemente Porcio, adjectivando-o de «escariote», «biltre» e «incompetente». Cf. *O Dever*, 10 de Março de 1933, p.3.
[407] No boletim de 1913 estão listados 6.793 sócios, entre os quais, Fausto Figueiredo. Cf. Sociedade de Propaganda de Portugal (ed.) – *Boletim da Sociedade de Propaganda de Portugal*, Lisboa, nº12, 31 de Dezembro de 1913, p.107.
[408] Um dos administradores delegados era o belga Cyril de Vere que estivera no Estoril entre Novembro e Dezembro de 1930. Cf. *O Estoril*, edições de 30 de Novembro (p.3) e 14 de Dezembro de 1930 (p.1). Esta Sociedade explorava ainda o clube *Maxim's*, no Palácio Foz, em Lisboa.
[409] ANTT/AOS/CO/FI-5, pt.18 [folha 493].
[410] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº100, de 1 de Maio de 1935.
[411] Advogado e presidente daAssociação Comercial e Industrial do Concelho de Cascais (ACICC).
[412] Carlos Granja (ed.) – *Minuta de Agravo de Injusta Pronúncia em que é Agravante o Dr. João Avelar Lopes*, Lisboa, 1939, p.15.

Duas conclusões se retiram dos números apresentados: sucesso e clientela adulta. Embora apenas iniciando funções nos último quadrimestre de 1930, a novidade e aparato do equipamento, bem como o aproximar da época fria ainda permitiu a presença de 6.222 turistas, valor que mais do que duplicaria em 1931, repetindo-se a subida no ano de 1932. Apesar de ainda só estar mais ou menos contabilizado o primeiro trimestre de 1933, os 13.776 registos de entrada afiguravam-se como quase metade dos clientes alojados em todo o ano anterior (31.317 elementos). Ao nível etário nota-se que o Palácio tinha como principal grupo o adulto, embora não recusasse crianças, para as quais havia programas de animação no Tamariz, como indicaremos adiante.

Na brochura de 1914 Figueiredo prenunciava a criação, à entrada do Parque, de "dois corpos de edifício em meia laranja destinados a estabelecimentos comerciaes de artigos elegantes.[413]"Para espelhar o perfil dos clientes que consumiam bens e serviços *in loco*socorremo-nos de anúncios coevos e, para não nos desviarmos do pragmatismo intencionado, apenas listaremos as principais lojas existentes até 1933[414]. A saber:

1) «Pastelaria *Rendez-Vous du Parc du* Estoril» – de Domingos Augusto da Silva, servia, entre outros, «*Five O'clock Tea*»[415];
2) «A Camisaria do Parque» – de A. Soutelinho, aberta em Julho de 1929[416];
3) «*Coiffeur du Parc*» – sob direcção de Luigi, o estabelecimento englobava ainda serviços de perfumaria e *manicure*[417];
4) «*Cordonnerie du Parc*» – sucursal da Sapataria *Garrett*[418];
5) «Pelaria e Retrozaria Aurea» – loja da firma David & Brandão, Limitada;
6) «Ribeiro da Costa, Lda.» – costureiros que comercializavam "Chapéus-Modas-Frivolidades"[419];
7) «A Samaritana» – vendia tecidos, meias de seda e bordados da Madeira[420];
8) «Perfumaria *Scherk*» – de Palhares, Almeida & Silva, Limitada, vendia "perfumes e bijuterias de luxo"[421];

[413]*Estoril – Estação Marítima*, s/p.
[414]Listadas ainda nas edições do *Anuário Comercial de Portugal* relativas ao período 1929-1933.
[415]*Diário de Lisboa*, 31 de Dezembro de 1927, p.9. O estabelecimento fora fundado em 1925. Cf. *O Século*, 30 de Setembro de 1934, p.10.
[416]*Diário de Lisboa*, 27 de Julho de 1929, p.4.
[417] Sita no nº29 da ala esquerda. Cf. *Idem*, 30 de Julho de 1929, p.10. Dois anos depois seria inaugurada a sucursal «*Luigi*» no Grande Hotel D'Itália (Cf. *Ibidem*, 14 de Agosto de 1931, p.6) e renovado o salão no Parque com novo nome e direcção de J. Malheiros (Cf. *Ibidem*, 24 de Agosto de 1931, p.5).
[418]*Ibidem*, 30 de Julho de 1929, p.10.
[419]*Ibidem*, 30 de Julho de 1930, p.5.
[420]*Ibidem*, 10 de Julho de 1930, p.4.

9) «Depósito da Fábrica de Sant'Anna» – gerido por Henrique Constâncio, vendia "faianças artísticas e azulejos"[422];
10) «*Kermesse* do Parque» – loja de brinquedos e de brindes importados[423];
11) «Erca, Lda.» – no Verão de 1931 os joalheiros Miranda & Filhos ali anunciavam a exposição de vidros Lalique[424];
12) «Farmácia Parque, Lim.da» – sob gerência técnica de Julieta Soares Lobo, executava vendas, consultas e análises[425];
13) «Empresa Eléctrica, Limitada» – esta era a única sucursal na Costa do Sol, havendo lojas em Lisboa e Sintra[426];
14) «Tabacaria do Parque» –de Rosa & Loueo, disponibilizava artigos fotográficos aos clientes amadores e realizada trabalhos profissionais[427];
15) «Antiguidades e *Bric-a-Brac*» – aberta em Janeiro de 1932 vendia móveis antigos, quadros, porcelana chinesa e indiana.[428]

Apresentadas as mais vistosas lojas das Arcadas até 1933 concluímos que: (1) a maioria já existia ou abriu portas no Verão de 1930, período de intensa atractividade turística; (2) os anúncios revelam o contacto telefónico para agilizar a satisfação do cliente; (3) vendiam-se artigos de luxo e de bem-estar; (4) alguns estabelecimentos recorriam a títulos gauleses para que a sedução do cliente estrangeiro começasse no ecoar do nome; e (5) mesmo as lojas de produtos portugueses[429] revelavam grande dignidade na sua divulgação, face às de designação comercial francófona.

5.2. O ramal de Cascais e o *Sud-Express*

Em guisa de resenha recordamos que o ramal ferroviário de Cascais foi: (1) inaugurado, pelo Estado, em 1889[430]; (2) arrendado por 50 anos à SE, em 1918; (3) electrificado em 1926; e (4) melhorado com a inauguração da nova gare do Cais do

[421] *Ibidem*, 10 de Julho de 1930, p.4.
[422] *Ibidem*, 30 de Julho de 1929, p.10.
[423] *Ibidem*, p.10.
[424] *Ibidem*, 23de Setembro de 1931, p.4.
[425] *Ibidem*, 30 de Julho de 1929, p.10.
[426] *Ibidem*, p.10. Respeitámos as grafias encontradas.
[427] *Notícias da Costa do Sol*, 6 de Setembro de 1930, p.17.
[428] Ocupava a loja nº16. Cf. *O Estoril*, 3 de Janeiro de 1932, p.3.
[429] Fossem regionais, como os bordados da Madeira, ou de tipo artesanal, como os azulejos.
[430] Entre 2009/2010, para comemorar os 120 anos da Linha de Cascais, a CP montou na gare do Cais do Sodré uma exposição que incluía fardas, maquetas com miniaturas de composições e trechos de jornais.

Sodré, em 1928. Retome-se a reflexão no Verão de 1929, aquando da chegada de duas das cinco automotoras[431] encomendadas para a então única linha electrificada do país, num período em que existiam carruagens e tarifas para três classes de passageiros. O fascínio tecnológico inerente à veloz ferrovia rumo a estâncias de sofisticação, divulgariam o termo «Linha» para se designar a extensão Lisboa-Cascais, e prova da popularidade foi a farsa em dois actos levada à cena no Politeama, em 1930, intitulada «A Linha de Cascais»[432]. Visando o interesse turístico do triângulo Lisboa-Sintra-Cascais/Estoril, noticiava-se, em Junho de esse ano, a criação de um serviço combinado entre a CP, a SE e a Cooperativa Lisbonense de *Chauffeurs*, com bilhetes à venda e horários afixados nas gares do Rossio e do Cais do Sodré, desde 5 de Junho[433]. Dois anos volvidos, reportar-se-ia o reforço da estimulação do acto de viajar com a associação de unidades hoteleiras de Estoril e Sintra a este «pacote turístico»[434]. Visando melhorar a segurança da via face ao peso das novas composições, o governo autorizaria a SE a substituir, por exemplo, a estrutura de alvenaria da passagem inferior situada frente à igreja de Santo António do Estoril, por dois pontões metálicos[435]. Entre 1930-1931 seriam agraciados com ordens de mérito os seguintes membros da SE: (1) Augusto Carreira de Sousa –presidente do conselho de administração, a quem seria conferida a Ordem de Mérito Agrícola e Industrial[436]; (2) Virgílio Cardoso de Figueiredo – irmão de Fausto Figueiredo[437]; e (3) Manuel Francisco Morgado – inspector principal que receberia a Ordem Militar de Cristo[438]. Na óptica d'*O Estoril* nem tudo era aplaudível pois as carruagens de 3ª classe revelavam falta de cinzeiros e a vil conduta dos passageiros, sendo "frequente ver-se escarrar e lançar pontas de cigarro nos pavimentos.[439]" Acutilante, as edições seguintes não dariam aliviariam os desprimores da concessionária, alertando-a para:

1) o estado irregular de plataformasno Cais de Sodré, "onde há dias vimos estatelar-se um estrangeiro que apressadamente se dirigia ao comboio"[440];

[431] *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 16 de Setembro de 1929, p.295.
[432] Farsa de Perez Lopez e Jesus Luengo, adaptada da obra homónima de Mário de Carvalho e aprovada pela Censura em 19 de Novembro de 1930. Cf.ANTT/SNI/DGSE, proc. 695.
[433] *Diário de Lisboa*, 9 de Junho de 1930, p.3.
[434] *Idem*, 3 de Julho de 1932, p.10.
[435] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº226, de 29 de Setembro de 1930.
[436] Cf. *Idem*, nº278, de 27 de Novembro de 1930.
[437] Cf. *Ibidem*, nº65, de 20 de Março de 1931.
[438] Cf. *Ibidem*, nº278, de 27 de Novembro de 1930.
[439] *O Estoril*, 26 de Outubro de 1930, p.3.
[440] *Idem*, 2 de Novembro de 1930, p.1.

2) a degradação dos urinóis no Monte, exclamando-se que "francamente, para uma importante linha de Turismo do paiz é muito forte!"[441];
3) para a subida de tarifas e exploração dos trabalhadores, que ilegalmente laboravam entre 10/16 horas diárias, ou eram despedidos arbitrariamente.[442]

A crítica subiria de tom quando o jornal apontou o dedo aos funcionários maltrapilhos (que deveriam receber fardas novas a cada seis meses, mas só as viam renovadas a cada dezoito), cujo vislumbre teria horrorizado o Príncipe do Japão, que no mês passado estivera no Estoril. Eis um expressivo excerto:

> O que teriam pensado os Principes do Japão quando desembarcaram na Estação do Estoril, ao verem dois descarregadores armados em «porta machados» às portas de saída, com 1 fato de ganga sebentíssimo e cheio de remendos das mais variegadas cores?[443]

Em 1932 Portugal foi dominado pela moda do «Comboio Mistério»[444], à qual não foi alheio o ramal de Cascais. A 9 de Julho um grupo de passageiros percorreu a distância Porto-Pombal pela via-férrea, a extensão Pombal-Valado por autocarro e em Valado tomou nova composição rumo ao Estoril. Pernoitando nos hotéis do Parque e d'Itália, no dia seguinte foram conduzidos de autocarro a Sintra, para logo retornar ao Porto[445]. Com base nos anuários estatísticos recolhemos dados quanto ao tráfego de passageiros na Linha de Cascais. Atente-se:

1929	**1930**	**1931**	**1932**	**1933**
5.059.642	5.219.696	5.024.352	4.783.309	4.717.808

Quadro 13 – Tráfego de passageiros na Linha de Cascais (1929-1933).

(Fonte:*Anuário Estatístico de Portugal, 1929-1933*)

[441]*Ibidem*, 9 de Novembro de 1930, p.1.
[442]*Ibidem*, 23 de Novembro de 1930, p.1.
[443]*Ibidem*, 7 de Dezembro de 1930, p.1. Em carta aberta a Afonso Costa, Fausto Figueiredo ripostaria contra os que criticavam a gestão da SE, acusando-os de esquecer o investimento em electrificação e renovação dos barracões de madeira das estações, sem falar dos esforços de urbanização e fluxos de turismo advindos da sua acção ao longo da frente marítima. Cf. *O Século*, 13 de Dezembro de 1934, p.2.
[444] Ideia surgida nos Estados Unidos da América e que a CP emularia (Cf. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 16 de Junho de 1932, p.1). Investigação ao*site* da *Bibliothèque Nationale de Paris*revelou-nos a catalogação do filme*Les Mystères du Sud Express*, de 1935, e do romance de Paul Clérouc *L'Inconnu du Sud Express*, de 1956. Cf. http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb310792658/PUBLIC (*site* acedido a 6 de Novembro de 2010).
[445]*Diário de Lisboa*, 10 de Julho de 1932, p.3.

Os números denotam um decréscimo gradual a que não foram alheios a concorrência da via rodoviária[446] e a crescente subida do preço das passagens[447]. No Verão de 1930 assistiu-se à chegada do *Sud-Express*ao Estoril. Desde 1887 que este ligava (Londres-Calais-)Paris-Madrid-Lisboa[448]; quatro décadas depois a *Compagnie Internationale de Wagons-lits* estenderia o serviço. Em Junho de 1930 um periódico anunciava que o ministro das Finanças deferira o pedido da concessionária para a criação de um "despacho alfandegário para o desembaraço das bagagens e mercadorias que do estrangeiro se destinam"[449] ao Estoril[450]. A 1 de Setembro ali se quedaria a composição vinda de Paris[451], serviço que, ao chegar a Campolide, veria a carruagem destinada à Costa do Sol separar-se e rumar a Alcântara[452], de onde sairia (às 19h07) até ao destino (chegando às 19h30)[453]; em sentido inverso, a primeira ligação Estoril-Paris[454] partiu dia 2 de Setembro de 1930, às 10h20[455]. No mês seguinte, um artigo de opinião[456]congratularia Fausto Figueiredo pelo esforço empreendido na valorização da imagem do Turismo em Portugal.O exotismo tomava conta do estrangeiro que, mudando de carruagem à entrada da Península Ibérica, percorria Portugal em locomotiva movida a carvão e, em Alcântara-Mar, retomava andamento em automotora[457], rumando «à civilização» na Costa do Sol, daí defender-se que os comboios eléctricos vieram "imprimir a esta zonauma nota de elegância que os combóios a vapor não lhe podiam dar.[458]" Recorrendo a excertos de Literatura de Viagens, dois detalhes do âmbito da ferrovia que surpreendiam turistas ingleses eram as bitolas e as fardas. John Gibbons interessar-se-ia por explicar a diferença de bitolas europeias, a qual forçava os viajantes do *Sud* oriundos de França a trocar de composição em Irun, a Sul da fronteira espanhola; os que rumavam a Paris desciam em Hendaye, na

[446] Agravada a partir de 1929 e reforçada com a criação da Junta Autónoma de Estradas(JAE). Cf. *Os Caminhos-de-ferro Portugueses, 1856-2006*, Lisboa, CP – Comboios de Portugal e Público, 2004, p.63.
[447] Em 1933 *O Estoril* acusava: "Já não são somente os nacionais a queixar-se da… usura [da Sociedade Estoril], pois a muitos estrangeiros temos nós ouvido palavras bem ásperas pela carestia injustificada das suas tarifas." Cf. *O Estoril*, 7 de Maio de 1933, p.6.
[448] Maurício Levy – "Inauguração do Sud-Express", *História*, Lisboa, nº59/60, Set/Out 1983, pp.60-67.
[449]*Diário de Lisboa*, 9 de Junho de 1930, p.3.
[450] Recorde-se a utopia coeva de que o *Sud-Express* pudesse chegar a Cascais e, dali, seguir para Sintra. Cf. José-Augusto França – *Os Anos Vinte em Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 1992, p.115.
[451] Concretamente, da Gare *D'Orsay* (hoje museu). Cf. *Idem*, 22 de Outubro de 1933, p.1.
[452]*Notícias da Costa do Sol*, 6 de Setembro de 1930, p.18.
[453] Conforme indicado num cartaz inserido em: *Os Caminhos-de-ferro Portugueses, 1856-2006*, p.95.
[454]*Diário de Lisboa*, 2 de Setembro de 1930, p.5.
[455]*Os Caminhos-de-ferro Portugueses, 1856-2006*, p.95.
[456]*Diário de Lisboa*, 10 de Outubro de 1930, p.2.
[457] O filho de Fausto Figueiredo resgata a afirmação popular de quem via passar as composições eléctricas e comentava "lá vão as vacas do Fausto." Cf. António Amaral de Figueiredo, *Op. Cit.*, p.11.
[458]*Lisboa-Estoril*, 29 de Setembro de 1932, p.9.

zona norte da mesma fronteira[459]. M.F. Smithes, por outro lado, deixar-se-ia arrebatar, não pelas passagens de nível, mas pelo pitoresco dos uniformes das funcionárias. A descrição exacta é a de "women, in uniforms of blue striped skirts, short jackets, and black felt hats, stand with signal flags by the gates of the level crossings."[460]

Aliando a ferrovia ao desenvolvimento do Turismo, mencione-se a iniciativa de Leitão de Barros (director do *Notícias Ilustrado*) que, em 1933, se juntaria na defesa do desenvolvimento da hotelaria portuguesa, fazendo "apresentar ao país um «Hotel-Modelo» para cada uma das regiões do território continental e, com ele, estabelecer uma pedagogia"[461]. Inaugurada a exposição na Estação do Rossio, nela apresentar-se-iam oito propostas dejovens arquitectos, liderados por Raul Lino; o vagão d'*O Notícias Ilustrado* percorreria o país, incluindo uma visita a Cascais para homenagear Carmona(que inaugurara o certame, em Lisboa).[462]

5.3. O Casino do Estoril e o Jogo concessionado

A dualidade do Jogo tem por base o conflito intemporal entre as questões moral e económica inerentes: se, por um lado, o maior risco se chama «vício», por outro, o maior trunfo denomina-se «lucro», e a natureza humana sempre foi afoita à aposta, deva-se esta a questões lúdicas ou a acirrada competitividade entre egos. Este era um tópico delicado para a sociedade europeia desde o final de Oitocentos, tomando como exemplo a oposição do Bispo de Gibraltar[463] e da Rainha Vitória perante a prosperidade do Mónaco, após a abertura, na década de 1860, do Casino de Monte Carlo, por François Blanc. Por outro lado, os espaços de Jogo cativavam pela novidade que significavam as salas e os equipamentos cheios de apelos sensoriais, pois "the tables fascinated even those who didn't bet; they became a tourist attraction themselves"[464]. Desde finais do século XIX que o Jogo era prática social comum em Cascais; em 1906, o ministro Hintze Ribeiro suprimi-lo-ia, apesar de veementes protestos. Os apoiantes da decisão também se manifestariam, caso de Norberto Teixeira que, em conferências no

[459] Laivos de superioridade cultural são perceptíveis na constatação do autor de que a composição que observara detinha a indicação de *Made in Birmingham*. Cf.John Gibbons, *Op. Cit.*, p.170.
[460] M.F. Smithes – *Things Seen in Portugal*, London, Seely Service & co. Limited, 1931, p.53.
[461] Paulo Pina, *Op. Cit.*, p.63.
[462] *Indústria Portuguesa*, Outubro de 1933, p.39.
[463] Julian Hale – *The French Riviera: A Cultural History*, Oxford, Signal Books, 2009, pp.39-40.
[464] Robert Kanigel, *Op. Cit*, p.111.

Atheneu Comercial do Porto, definiu o Jogo como "um dos vícios mais ruinosos que os homens teem cultivado desde a mais remota antiguidade… este verdadeiro cancro, um dos que mais tem corrompido a humanidade."[465]

Na brochura de Figueiredo indicava-se a construção de um casino com salas para a prática de esgrima, bilhar, dança, e peças de teatro[466]; em suma, um espaço dedicado a actividades de lazer. Subtilmente, nos parágrafos seguintes hipotetizava-se a possibilidade de o Jogo ser regulamentado, podendo, num futuro próximo, ser praticado, de forma legal, na estância pensada, embora não fosse esse o "objecto do plano de transformação do Estoril que n'este momento nos ocupa.[467]" Mas Figueiredo não recuaria, sugerindo até que, a concretizar-se, "o jogo, arrendado no Estoril de hoje, daria uma determinada verba; no futuro Estoril essa receita será pelo menos triplicada.[468]" De facto, Maxine Feiferdefende ter sido o Mónaco[469] a primeira nação a resolver os seus problemas económicos através de essa actividade. Certo é que, a 16 de Janeiro de 1916 iniciar-se-ia o Casino e, entre outras, a pompa do momento contou com a colaboração da banda de música da Sociedade Musical de Cascais (SMC), a quem Figueiredo oferecera fardamentos anos antes.[470]

Em 1927 a ditadura militar definiria a Lei do Jogo[471] pelo decreto nº14:643 de 3 de Dezembro, após a proibição imposta durante a Monarquia. Criar-se-iam então duas zonas permanentes (Estoris e Madeira) e seis temporárias (artigo 3º); as primeiras teriam permissão para explorar Jogos de fortuna ou azar durante todo o ano, ao invés da

[465]Norberto Teixeira (ed.) – *O Projecto de Lei sobre a Regulamentação do Jogo em Portugal: os Perigos do Jogo de Roleta*, Porto, 1909, p.7.
[466]*Estoril, Estação Marítima*, s/p..
[467]*Idem.*
[468]*Ibidem.* Em 1934 Figueiredo afirmaria que o Jogo lhe desagradava, mas, pragmaticamente, "é utopia pensar-se no desenvolvimento do turismo em Portugal sem a exploração do jogo, devidamente regulamentada." Cf. *O Século*, 14 de Dezembro de 1934, p.2.
[469] Maxine Feifer – *Tourism in History: From Imperial Rome to the Present*, New York, Stein and Dey, 1986, p.206.
[470] Manuel Eugénio Fernandes da Silva – *Sociedade Musical de Cascais, 92 anos ao Serviço da Arte e da Cultura Popular*, Cascais, Sociedade Musical de Cascais, 2006, p.13. Fundada a 11 de Maio de 1915 a SMC teve como primeiro líder António Augusto Rodrigues; a 23 de Fevereiro de 1930 ser-lhe-ia cedida, por José Nunes Ereira, sede em prédio na Praça Costa Pinto. A SMC levava ao palco do Teatro Gil Vicente peças várias, organizava merendas no pinhal da Marinha, bailes na sede e participava nos corsos de Carnaval, concorrendo com carros alegóricos.
[471] Que não reuniu consenso, ao ponto do picaresco opinativo ser impresso, em finais de 1929, em periódico local dirigido pelo médico Alberto Madureira. Nele se apresentava uma entrevista onírica a Fausto Figueiredo, onde este reconhecia o autoritarismo, os maus conselheiros e o peso na consciência sobre o futuro, admitindo: "eu ouço os meus filhos lá ao longe, pela vida fóra, a dizerem-me que o dinheiro da batota lhes queima as mãos, que o nome que herdaram da exploração de um vício que incita aos crimes os vexa e envergonha!". Cf. *Jornal de Cascaes*, 1 de Dezembro de 1929, p.2. Note-se a quase alusão ao Mito de Fausto e à venda alma, neste caso, ao Jogo, em troca do sucesso da estância.

sazonalidade imposta às segundas, e, excepto nas cidades do Funchal e da Figueira da Foz, não era permitida a exploração do Jogo em tecido urbano, por isso o casino no concelho de Cascais devia ser erguido a Oeste de São João do Estoril. A exploração do Jogo permanente seria adjudicada por um período de 30 anos (artigo 15º). Enquanto o artigo 26º defendia que os casinos das zonas permanentes teriam de ser sumptuosos, o artigo único seguinte definia que a zona em causa deveria ter um hotel de tipo *Palace*, incluindo áreas interiores para actividades múltiplas de lazer. Por outro lado, o artigo 30º era peremptório nos prazos em que casinos e hotéis das zonas permanentes de Jogo teriam de estar prontos: cinco anos para os casinos e três anos para os hotéis. O decreto definia ainda condicionamentos, boas práticas e impostos que os concessionários pagariam ao Estado. Quanto ao último ponto, o artigo 50º estipulava a percentagem da receita a dividir entre: modalidades de assistência pública, câmaras municipais do concelho e das regiões de turismo, acessos rodoviários a estas áreas e o próprio Estado.

Aberto concurso para a adjudicação do exclusivo do Jogo por aviso publicado no *Diário do Governo* de 17 de Abril de 1928, dois meses depois seria o mesmo canal oficial a divulgar a «Acta do contrato entre o Governo e a *Estoril Plage*»[472] e, nos seguintes, vários seriam os diplomas complementares relativos à repressão do Jogo ilegal e à nomeação de fiscais para as zonas autorizadas. Quanto à orgânica institucional do Turismo, em Portugal, desde 1911 que a actividade era coordenada pelo Conselho de Turismo, coadjuvado pela Repartição de Turismo[473]. Contudo, a publicação da Lei do Jogo de 1927 deu origem à renomeação da última em Repartição de Jogos e Turismo (RJT)[474], então subjugada ao CNT, o qual dependia directamente do MI. Não estando, à data de início da concessão (1 de Julho de 1928), terminado o Casino do Estoril, a SEP firmaria acordo com a SAI, gestora do Casino Internacional do Monte e, para demarcar-se das práticas agora ilícitas, o concessionário divulgaria anúncios nos *Media* onde se lia: "COSTA DO SOL Jogos autorisados por concessão do Govêrno, no Casino Internacional do Monte Estoril durante todo o ano"[475]. Em Agosto de 1931, outro decreto subordinaria as disputas das concessionárias aos tribunais, sendo que a maioria dos elementos dos conselhos de administração deveriam ser cidadãos portugueses.[476]

[472] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº147, de 29 de Junho de 1928.
[473]Paulo Pina, *Op. Cit*, p.17.
[474] Licínio Cunha – *Economia e Política do Turismo*, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 2006, p.80.
[475] *Diário de Lisboa*, 4 de Janeiro de 1930, p.2.
[476] Cf. Decreto nº20:227, de 18 de Agosto de 1931.

Obedecendo aos preceitos legislados, em 1930 inaugurar-se-ia o Hotel Palácio e, um ano depois, abriria ao público o Casino do Estoril[477]. Na edição de 15 de Agosto de 1931 o *Diário de Lisboa*anunciaria a inauguração do espaço, informando que as receitas da festa reverteriam a favor da Assistência Nacional aos Tuberculosos[478], numa manobra subtil para aplacar os que apelidavam de antros de degradação moral tais locais de convívio[479]. Por seu turno, o *Notícias da Costa do Sol* listou o programa de abertura, o qual começou no salão-restaurante com o jantar de gala e o espectáculo de variedades com a bailarina Rosita, de Espanha, e os bailarinos modernos Jim e Dolly Oko; na sala de espectáculos fruiu-se o concerto de Paulo Manso, a récita de versos de João Penha e Júlio Dantas, por Erico Braga, e a encenação da peça «*Serão Romântico*» pela Companhia Teatral Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro[480]. Quanto aos ilustres presentes, notícias contraditórias eram facultadas quanto à estada (ou não) do Duque de Westminster e de Winston Churchill na Costa do Sol[481]. Desde cedo o Casino do Estoril conceberia *outdoors* promocionais onde exibia a legalização na frase «Jogos autorisados pelo Governo» (*vide* Anexo VI), bem como organizaria inúmeras actividades lúdicas, pois, como recorda Paulo Pereira, "nos anos 30 os casinos vinham substituir os clubes nocturnos, extintos pela legislação oficial que, desde 1927, regulamentava o jogo.[482]" O autor revela que a imprensa ficara maravilhada com as linhas *Art Déco* impressas por Raoul Jourde à estrutura de gosto europeu, cujas mobílias (mesas, cadeiras e barfornecidos pelos Armazéns Nascimento do Porto), impressionavam pelo recurso a materiais como couro, vidro e tubo cromado. Para Raquel Henriques da Silva, "a principal «vantagem» do ponto de vista artístico do atraso na realização das obras foi a modernização que Jourde lhes introduziu."[483]

[477] Não sem antes ter sido publicado no jornal *O Figueirense*, da Figueira da Foz, artigo que falava de despedimentos devido a dificuldades financeiras da construtora. O boato seria esclarecido pel'*O Estoril* que ironizaria ser o primeiro a informar o congénere sobre a inauguração que, em breve, teria lugar. Cf. *O Estoril*, 22 de Fevereiro de 1931, p.3.
[478]*Diário de Lisboa,* 15 de Agosto de 1931, p.4.
[479] Outras festas organizadas no Casino e cujo produto reverteu para a Misericórdia de Cascais decorreram em Março e Outubro de 1933. Cf. *Diário da Manhã*, 21 de Março de 1933, p.4 e *Diário de Lisboa*, 4 de Outubro de 1933, p.13, respectivamente.
[480]*Notícias da Costa do Sol*, 22 de Agosto de 1933, p.3.
[481] Enquanto o *Notícias da Costa do Sol* afirmava as presenças (edição de 22 de Agosto, p.4), o *Diário de Lisboa* duvidava (19 de Agosto, p.4).
[482] Paulo Pereira, *Op. Cit.*, p.469.
[483]Raquel Henriques da Silva, "Estoril", p.56.

Além do Jogo, o Casino do Estoril assegurava chás dançantes, concertos, sessões de cinema e festas cíclicas[484] associadas ao final do ano (ceias de Natal e bailes *cotillon* no *réveillon*), Carnaval[485] (com destaque para matinés infantis). Inaugurado a meio de Agosto de 1931, o espaço acolheria, a 20 do corrente, a «Eleição da rainha das costureiras de Portugal», iniciativa do *Diário de Lisboa*[486] e, no mês seguinte, os delegados do Congresso da Crítica. Em Setembro de 1932 teria lugar o «1º Salão do Estoril» graças a Augusto Pina e à Sociedade Nacional de Belas Artes: entre telas e esculturas, contavam-se criadores como Carlos Reis, Roque Gameiro, Dórdio Gomes, Jorge Barradas, Carlos Bonvalot e Fred Kradolfer[487]. Ciente do sucesso do Casino, a direcção criaria um *dancing*[488] no terraço, o que atrairia clientes nas noites de Verão[489]. A nível musical, o menu oferecido ao frequentador do espaço polivalente em causa era igualmente variado, como se depreende: (1) pela apresentação de músicos americanos de *Jazz* como Willie Lewis[490]; (2) pelos concertos ao jantar tocados pela orquestra do Maestro Fabre[491]; (3) pelos concertos do trio Paulo Manso[492]; (4) pelas actuações de tenores como o russo Constantin Sadko[493] ou de barítonos como o brasileiro Paulo Amorim[494]; (5) pelo «Trio Beethoven» apresentado pelo Professor Viana da Mota.[495]

O cariz internacionalista dos programas anuais incluía a presença de companhias como a alemã *Deutsche Ausland-Gastspiele*[496] ou o grupo teatral amador da colónia

[484] Uma das noites temáticas era dedicada a Santo Humberto (*Saint Hubert*), patrono dos caçadores, cuja época começava a 1 de Setembro. Cf. *Diário de Lisboa*, 14 de Novembro de 1932, p.8.
[485] A partir do Carnaval de 1932 seria prática comum a realização de Batalhas de Flores e *confettis* no Parque Estoril.Cf. *Idem*, 6 de Fevereiro de 1932, p.8. No ano seguinte, *O Dever* publicou um artigo contundente após a direcção do Casino ter preferido contratar pessoas impróprias a preços reduzidos (entre 80$00 e 100$00 diários) ao Cardoso («O Minhoca»), após a Associação da Classe dos Empregados na Indústria Hoteleira ter enviado a tabela solicitada quanto a profissionais reconhecidos, mas que custariam 120$00/dia. O articulista lastimava a atitude do Casino e recordava o pandemónio do serviço realizado aos clientes foliões. Cf. *O Dever*, 10 de Março de 1933, p.3.
[486] Nomeação ocorrida a 20 de Agosto e que nos recorda Beatriz Costa e o seu papel de actriz-cantora no primeiro filme sonoro português, *A Canção de Lisboa*, de 1933.
[487] *Diário de Lisboa*, 25 de Setembro de 1932, p.8**.** No ano seguinte seria organizado o «II Salão do Estoril». Cf. *O Estoril* 27 de Agosto de 1933, p.4. Adisparidade de numeração advém das fontes.
[488] Werner Sundmaker era o instrutor de dança do Casino, conhecido por ensinar o «Estilo Inglês», cujas virtudes assentavam no treino de todos os músculos. Cf. *Idem*, 10 de Setembro de 1933, p.4.
[489] *Ibidem*, 19 de Novembro de 1933, p.4.
[490] Hélder Bruno de Jesus Redes Martins – *Jazz em Portugal (1920-1950), Anúncio-Emergência-Afirmação*, Coimbra, Edições Almedina, 2006, p.75.
[491] *Diário de Lisboa*, 22 de Abril de 1932, p.3.
[492] Formado pelo violinista Manso, o violoncelista Fernando Costa e o pianista Doria Menssier. Cf. *Idem*, 11 de Dezembro de 1932, p.4. Esta era a orquestra residente do Salão de Jantar do Hotel Palácio. Cf. *O Século*, 30 de Setembro de 1934, p.10.
[493] *Idem*, 25 de Janeiro de 1933, p.3.
[494] *Diário da Manhã*, 22 de Março de 1933, p.9.
[495] *O Estoril*, 10 de Setembro de 1933, p.1.
[496] Com espectáculo de *cabaret*. Cf. *Diário de Lisboa*, 31 de Agosto de 1931, p.2.

inglesa do Porto[497]. Também se preparavam eventos de cariz patriótico de vertente turística e colonial[498] ou de vertente cultural e regional[499]. A que se deveu esta longa apresentação do cartaz de animação do Casino? À necessidade de contestar a afirmação que a edição comemorativa dos 50 anos da Estoril-Sol apresenta de que só aquando da sua implantação no Estoril, para a gestão do Casino, "a aposta na cultura tem sido pioneira e está reflectida em inúmeros eventos promovidos pelo Casino [da Estoril-Sol]. Não é impunemente que este é o maior casino da Europa.[500]" Os mercados-alvo podem ter sido diversificados na sequência da democratização das práticas turísticas no pós-Guerra, mas já anteriormente a oferta era de fôlego diverso. Cumpre recordar como, em 1933, o teatro popular zombava das práticas *snobs* de espaços como o Tamariz ou o Bar Americano do Casino e, para tal, recorremos à revista *A Cascais uma vez… ou Mais*[501], peça destinada ao Teatro Gil Vicente. No oitavo quadro a plateia era transportada a um bar/*cabaret* de luzes encarnadas, onde Satanás seria o *bartender* que servia como especialidade da casa, o «*Cocktail* Infernal», cantando-se os seguintes versos:

> Cocktail
>
> é bebida infernal
>
> estranha original
>
> está na moda faz furor.
>
> Cocktail
>
> mistura sem sentido
>
> de gosto confundido
>
> na confusão está o valor.
>
> Bem sentido

[497] Que representaria a peça em três actos*The Middle Watch*. Cf. *Idem*, 5 de Abril de 1933, p.3. Tratava-se de um romance ligado à Marinha, escrito em 1931 e da autoria de Ian May e Stephen King-Hall, que *The Oporto Repertory Company* exibiria. Cfr.ANTT/SNI/DGSE, proc.982.

[498] Em Março de 1933, a SPCS e a Agência Geral das Colónias fomentariam uma palestra por António Eça de Queiroz (futuro membro do SPN) e o visionamento de filmes sobre as colónias. Cf. *Diário da Manhã*, 2 de Março de 1933, p.5.

[499] «A Noite das Canções e Dansas Regionais de Portugal» apresentou artistas e exemplos da herança etnográfica e do património imaterial nacionais aos diversos clientes do Casino, no Verão de 1933. Cf. *Diário de Lisboa*, 22 de Novembro de 1933, p.2.

[500] Estoril-Sol (ed.) – *Uma História, 50 Anos Estoril-Sol: 1958-2008*, Estoril, 2007, p.54.

[501] Original de Mário Duque e João Reis, com versos de Fernanda Santos e música de Manuel Ribeiro.

bem mexido

só para que melhor fique

não percebem

o que bebem

mas gosta-se porque é chique.[502]

Para melhor entender-se o local de implantação do primevo Casino recorra-se ao «Estudo urbanístico da zona do novo Casino do Estoril»[503], de 2 de Janeiro de 1964, do arquitecto Filipe Nobre de Figueiredo. Na planta de conjunto impressa a cartolina azul nota-se que o primitivo edifício se situava no parque de estacionamento a Norte do actual, sendo que o erguido pela Estoril-Sol[504] absorveria a esplanada do *dancing*. Inaugurada a nova casa do Jogo em 1968, no ano seguinte Correia de Morais publicaria um conjunto de crónicas, numa das quais reflectia, saudosista, sobre o arrasado Casino faustino, admitindo que "o Velho Casino era um mamarracho… chamávamos-lhe «O Tasco», mas tínhamos por ele uma certa ternura"[505]. A questão do Jogo ilegal daria azo a queixas, como revela carta de 26 de Setembro de 1932[506] endereçada pelo administrador-geral da SEP a Araújo Correia, chefe do gabinete do ministro do Interior. A esta seriam anexadas a carta remetida pela Sociedade à Caixa Nacional de Crédito, a 20 de Setembro, e ofícios enviados ao Chefe de Gabinete do ministro do Interior e ao Presidente do Conselho Administrativo de Jogos, "reclamando contra o facto de, com grave prejuízo das Emprezas Concessionárias e desrespeito das condições de escritura de concessão, se estarem jogando em vários locais de Lisboa e da província jogo de fortuna ou azar.[507]" No seu desagrado o queixoso debatia-se sobre os prejuízos das concessionárias, as quais pagavam pesados encargos ao Estado, pelo que "não é justo que seja o próprio Govêrno a dificultar pela inobservância das condições de concessão que nos foi por ele adjudicada.[508]" Se a SEP assumira responsabilidades perante a CGDCP, o Estado deveria também zelar pelos interesses de quem seguia a lei. Para uma ideia dos valores revertidos para o Estado, observe-se oseguinte quadro:

[502] ANTT/SNI/DGSE, proc.101 [folha 20].
[503] ANTT/AOS/CO/OP-10, cx.848, pt.17 [folha 208].
[504] A concessão de alvará competia ao Estado e o contrato celebrado com a SEP terminaria em 1957.
[505] Correia de Morais (ed.) – *Crónicas da Costa do Sol*, s/l, 1969, p.14.
[506] ANTT/MI/GM, mç. 462, pt 19/11.
[507] *Idem.*
[508] *Ibidem.*

1928	1929	1930	1931	1932	1933
458.388$80	894.954$00	1.017.120$75	1.019.010$30	1.494.930$19,5	511.656$05

Quadro 14 – Valores dos impostos pagos ao Estado (1928-1933).[509]

(Fonte: ANTT/AOS/CO/FI-5, pt.18 [folha 524])

Em suma, entre 1 de Julho de 1928 e 26 de Março de 1933, em avenças, fiscalização e renda fixa, foi entregue ao Estado pela SAI[510] o valor de 5.396.060$09,5. O documento acedido revela ainda que, a este valor, se deveria acrescentar uma média anual "de 200 contos em impostos.[511]" Se até então o Jogo se cingia a apostas em cartas ou roleta, a 16 de Setembro de 1933 o decreto nº23:028 legalizaria as apostas em corridas de galgos. Meses antes *O Estoril* referia ser antiga a ideia de erguer-se um estádio no Parque e o rumor de um grupo estrangeiro ter pedido a adjudicação e o exclusivo da corrida de galgos.[512]

5.4. Hotelaria, Restauração e espaços de sociabilização

Acedendo às edições do *Anuário Comercial de Portugal* do lustro em voga, nota-se que em Cascais havia o Hotel Riviera de Francisco Rodrigues Mera, e nenhuma pensão; o Monte Estoril tinha três hotéis (Itália, Miramar e Estrade[513]), e se em 1929 apenas se listava a Pensão Gonçalves, em 1933 referiam-se as pensões Central-Família, *Zenith*[514], Panorama e Elisa; no Estoril, os clientes podiam escolher entre os hotéis do Parque, Paris, o Palácio e a Pensão Hotel Atlântico[515]. Através de anúncios notámos que por ali podia ainda referir-se a pensão homónima[516]. A 16 de Junho de 1932 o MI publicaria em *Diário do Governo*, II Série, nº138, a lista dos estabelecimentos

[509]Dados compilados entre 1 de Julho de 1928 (início da concessão de Jogo) e 26 de Março de 1933.
[510] Sub-arrendatária de equipamentos e concessão de Jogo da SEP, pelo que a acção de ambas se confunde.
[511] Do tipo «único», «camarário», «profissional», «desemprego», entre outros. Cf.ANTT/AOS/CO/FI-5, pt.18 [folha 524].
[512]*O Estoril*, 7 de Maio de 1933, p.1.
[513] Designado por «Hotel Monte Estoril» nas edições de 1929 e 1930.
[514] Aberta em 1927, na Rua Belmonte, era seu proprietário o Sr. José Fernandes Travassos que, durante 24 anos, laborara no Grande Hotel d'Itália. Cf. *O Século*, 30 de Setembro de 1934,p.11.
[515]*Anuário Comercial e Portugal*, Volume II (Província e Ilhas), Lisboa, Emprêsa do Anuário Comercial, 1929-1933.
[516] A Pensão Estoril situava-se na Rua de Olivença e tinha terraçoscom acesso directo à praia; surgira em 1932 graças a António do Carmo (gerente do restaurante *Riviera Palace*, em Cascais) e, em 1934, era já gerida pelo filho, António do Carmo Júnior. Cf. *O Século*, 30 de Setembro de 1934, p.10.

classificados pelo CNT enquanto hotéis e, em todo o concelho, apenas os reconhece em duas localidades[517]:no Monte Estoril (o Miramar[518], o Itália e o Estrade) e no Estoril (o Palácio, o Paris e o do Parque).

No início do século XX um reputado dicionário referia-se aos hotéis de luxo sitos no Monte indicando que "no Mont'Estoril ha dois bons hotéis: o *Grande Hotel*, que se inaugurou a 1 de Agosto de 1898, e o *Hotel d'Italia*, que se estabeleceu pouco depois.[519]" Na década de 1930, o primeiro, então conhecido pelo nome do fundador, o Sr. Estrade, teria Manuel González Fernandez como proprietário-gerente; o segundo inauguraria, em 1928, a oferta de chás-concerto dançantes, visando cativar nova clientela[520]. A diversificação dos meios de locomoção levaria a que, em plena Avenida de Sabóia, fossem colocadas bombas e depósitos para venda de gasolina[521]. Quanto ao Hotel Paris, o primeiro com essa designação fora erigido por José Viana em finais de Oitocentos, junto à via-férrea[522] (onde está hoje o Posto de Turismo). A 11 de Julho de 1924 Luis Vergani requereria aval para que Domingos Teixeira dos Santos edificasse o projecto aprovado em sessão camarária de 10 de Novembro do ano anterior e orçado em 350.000$00[523]. Em Julho de 1930 o Ministério das Finanças concederia, ao sr. Vergani, isenção de contribuição predial e industrial, por dez anos.[524]

A nível hoteleiro nacional, o decénio iniciar-se-ia com preocupações sobre melhorias que permitissem que Portugal pudesse ser considerado país de Turismo. Em 1930 Guerra Maio defendeu que Lisboa necessitava de um *Palace Hotel* (para clientes

---

[517] São obscuras a existência e funcionalidade(s) do edifício *Riviera Palace* de Cascais entre 1918-1932, sito no Palácio dos Condes da Guarda, como pode ler-se em: António Carvalho e Conceição Santos, *A Casa dos Azulejos*, pp.48-49.

[518] A 29 de Abril de 1929 a Firma *Allen* Lda. solicitou permissão para proceder a alterações na propriedade onde está instalado o Hotel, nomeadamente, alargar o terraço, e alargar e embelezar a entrada principal. Cf.AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/2945.

[519] João Romano Torres (ed.) – *Portugal – Diccionario Historico, Chorographico, Biographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico*, Vol. III D-K, Lisboa, 1907, p.220.

[520] *Casino*, 11 de Outubro de 1928, p.23.

[521] A 11 de Maio de 1931 a Companhia Portuguesa de Petróleos *Atlantic* requeria aval para colocar bomba automidora no passeio do Grande Hotel Estrade. A planta inserida no requerimento revela que existiam, do lado oposto da via, duas bombas: uma da *Vacuum Oil* Cº e outra da *Shell* (Cf.AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/3658). Já antes, a 11 de Abril de 1928, Costa e Ribeiro, Ltd. pedira aval camarário para colocar uma bomba na Estrada Nacional nº67, junto ao Casino Internacional. Cf.AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/2689.

[522] João Romano Torres, *Op. Cit.*, p.220.

[523] O segundo Hotel denominado «Paris» seria estabelecido sobre a então Rua Fausto Figueiredo (hoje Estrada Marginal) e a actual Avenida dos Bombeiros Voluntários (Cf. AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/2241). A 5 de Maio de 1928 o sr. Vergani requereria anuência para modificar e aumentar o hotel (onde ele próprio vivia). Cf.AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/2703.

[524] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº154 de 7 de Julho de 1930.

abastados) e de um *Grand Hotel* (para clientes modestos)[525]; dois anos depois A. Melo e Niza sugeriria a criação de um «Instituto Nacional de Turismo» e a instituição do crédito hoteleiro[526] bonificado para a iniciativa privada[527]. O poder central responderia com a criação do curso de gerentes de hotéis e restaurantes, na Casa Pia[528], a aprovação dos estatutos do Sindicato Nacional dos Profissionais da Indústria Hoteleira e Similares[529] e da União Hoteleira de Portugal[530] (UHP), e a regulação das gratificações aos empregados de hotelaria e restauração[531]. Em Dezembro de 1932, uma representação assinada por entidades cascalenses seria enviada ao ministro do Interior a solicitar a construção de novos hotéis, "sem o que se torna impossível levar a efeito o desenvolvimento turístico da região.[532]" Em finais de 1933 o CNT aprovaria a ampliação da pensão-hotel Atlântico[533] e decidiria o lançamentodo *Guia Oficial dos Hotéis de Portugal*, em língua inglesa, francesa e portuguesa[534]. Falar de hotelaria nos Estoris cosmopolitas eramencionar Guilherme Cardim**,** natural de Cascais e dinâmico empresário cujo «toque de Midas» se fez sentir na presidência da SPCS[535], e na direcção da SEP e da SAI[536]. Cardim foi ainda membro das *Amitiés Belgo-Portugaises*[537] e vogal da Comissão Internacional de Turismo.[538]

---

[525]*Indústria Portuguesa*, Setembro de 1930, p.51. O Hotel Aviz seria inaugurado, em Lisboa, em 1933.
[526] Por si defendido na edição de 27 de Dezembro de 1927 de *O Século*. ParaMelo e Niza, "a sciencia hoteleira… é um mito em Portugal."Cf. *Gazeta dos Caminhos-de-ferro*, 16 de Agosto de 1932, p.382.
[527]*Idem*, 1 de Novembro de 1932, p.530.
[528] Que nunca sairia do papel. Cf. Decreto nº19:317, de 7 de Fevereiro de 1931.
[529] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº111 de 15 de Maio de 1931. Em 1936 o sub-secretário de Estado das Corporações proibiria, através do *Diário do Governo*, o recrutamento de elementos que não estivessem inscritos na lista de desempregados do Sindicato. Cf.*Idem*, nº104 de 5 de Maio de 1936.
[530] Defensora dos interesses da classe dos proprietários de hotéis, cafés, restaurantes e congéneres, sediada em Lisboa. Cf.*Ibidem*, nº112, de 16 de Maio de 1932.
[531] Cf. Decreto nº21:861 de 15 de Novembro de 1932. Interessante esforço de valorização da profissão foram as «Corridas de criados de Mesa», no Luna Parque, em Outubro de 1933. Cf. *Diário de Lisboa*, 28 de Outubro, p.5; 29 de Outubro, p.4.
[532] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 28 de Dezembro de 1932, p.38v. O documento assinado pela CITC, as comissões administrativas das juntas de freguesia de Estoril, Cascais e São Domingos de Rana, a ACICC, a SPCS e *O* Estoril, pode ainda ser consultado em: ANTT/MI/GM, mç.462, pt.19/18.
[533] Que abrira em 1932, como constatamos em livro da CITC, a qual decide fiscalizar o estabelecimento para definir a Taxa de Turismo a aplicar (Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 22 de Julho, p.25v). O requerimento de 30 de Agosto de 1933 da *Stellamare* S.A. para ampliação do hotel indicava Manuel António da Cruz como o construtor-civil encarregue da obra, a qual anexava ao antigo Palacete Barahona uma ala recta (à esquerda da entrada), sobre o oceano. Cf.AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/3947.
[534]*Indústria Portuguesa*, Novembro de 1933, p.71.
[535] Função pela qual foi galardoado com o grau de Comendador da Ordem de Cristo. Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº256 de 4 de Novembro de 1931.
[536] Associações que lhe valeram a Ordem de Mérito Agrícola e Industrial. Cf.*Diário do Governo*, II Série, nº173 de 28 de Julho de 1933.
[537]*O Estoril*, 9 de Novembro de 1930, p.1.
[538]*Idem*, 7 de Maio de 1933, p.1. O avançar das décadas traria novos campos de acção e benesses oficiais.

Ao nível da restauração considere-se o serviço realizado em hotéis e casinos, o estabelecimento do faroleiro João Pedro do Cabo (no Guincho), o *Riviera Palace*(gerido por António do Carmo) e a abertura, em 1932, de casa de chá e bar na Avenida Sabóia pelos proprietários da «*Garrett* dos Estoris»[539]. No tocante a espaços de convívio[540], em Cascais o lustro manteve o *Club* (ou Casino) da Praia e o *Sporting Club* de Cascais, ao passo que, se em 1929, o Monte Estoril abarcava o Grande Casino Portuguez, o Casino Internacional e o *Stranger's* Casino, o primeiro desapareceria em 1930, mantendo-se os outros e nascendo o Pavilhão Estoril (ocupado pela SPCS).[541]

O «*Club* da Parada» fora inaugurado pelo então príncipe Carlos em 1879. Para lá da organização de bailes e Jogo na sede, decorria ainda a prática de tiro ou de partidas de ténis nos espaços circundantes e, num Domingo de Outubro de 1888, ali se oficializaria o surgimento do Futebol[542] em Portugal. No decénio de estudo, o edifício-sede da Parada[543] acolheu, por exemplo, uma conferência proferida, em 1933, pelo Dr. Azevedo Rua, aquando da «Semana da Tuberculose»[544]. Contudo, este mantinha-se um reduto restrito a sócios[545], ambiente que Pedro Falcão resumiria na seguinte citação: "é dificílimo entrar naquela família tão fechada."[546]O Casino ou *Club* da Praia é apresentado por Falcão como erigido em data incerta[547], mas a 1ª edição do *Notícias da Costa do Sol* indicaa situação sobre os alicerces da muralha ribeirinha e recua a fundação a 1870[548]. Sabemo-lo encerrado no Verão de 1928 devido a entrada de acta em que a CITC acorda aceder ao pedido do Administrador do Concelho, concedendo

[539]*O Estoril*, 6 de Novembro de 1932, p.2.
[540]A utopia construtiva de Rafael Duarte delinearia um casino perto do apeadeiro do Monte, mas sobre um ilhéu, tendo anexos cais de embarque e um hotel (Cf. *A Construção Moderna e as Artes do Metal*, 14 de Janeiro de 1914, pp.1-3). Por outro lado, o *Stranger's* Casino sito entre as avenidas de Sabóia e dos Estrangeiros seria, no termo de 1933, transformado em dependência da Companhia de Seguros Luso-Brasileira «Sagres» (sediada na Rua Áurea, nº191), após o arquitecto camarário Jorge Segurado anuir ao requerimento de 12 de Setembro de 1933. Cf.AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/3950.
[541]Dados retirados das edições do *Anuário Comercial* consultados.
[542] Marina Tavares Dias *et al – Cascais – Aqui nasceu o Futebol em Portugal, 1888/1928*, Lisboa, Quimera Editores e Câmara Municipal de Cascais, 2004, p.36.
[543] Em 1930 uma das novas dependências seria transformada em casa de banho para os jogadores de ténis, além de existir no perímetro um restaurante com exploração adjudicada "ao creado Manuel Dias Caeiro pela importância de nove mil escudos". Cf. AHMC/AASS/SCC/C-5/A/B/001 – Cx.1 Lv.05, 17 de Julho de 1930, p.18v. Em 1931o construtor Alfredo de Figueiredo ergueria uma sala de *Bridge* e numa "parte do jardim um golf em miniatura". Cf. *Idem*, acta nº4 de 12 de Maio de 1931, p.21v.
[544]*O Estoril*, 7 de Maio de 1933, p.5.
[545]Em mapa de 1932 relativo aos detentores de acções do clubelêem-se títulos nobiliáticos e nomes civis como: Visconde de Alvalade (títulos de 5 acções), José Sasseti, Carlos Moser, Henrique Oliveira Sommer, José e Luís Ferreira Roquette (títulos de 10), e Jorge O'Neill, Conde da Guarda e Marquês de Faial (títulos de 20). Cf. AHMC/AASS/SCC/C-5/C/009 – C/010 – Cx.7 Pt.12.
[546] Pedro Falcão, *Op. Cit.*, p.96.
[547] Igual informação é facultada pelo catálogo *online* do AHMC, no seguinte fundo: AHMC/AASS/CPR.
[548]*Notícias da Costa do Sol*, 30 de Agosto de 1930, p.10.

500$00 "para tornar possível a abertura do Casino da Praia em Cascaes, proporcionando assim aos seus frequentadores a possibilidade de alguma distração, de cuja falta poderia…resultar o afastamento dos turistas com prejuiso da estancia de turismo."[549] Era esta a imagem lúgubre da outrora luminosa Cascais dos Bragança, mas em Agosto de 1930 o Casino seria gerido pela firma Freitas, Filhos[550], dedicando-se a: (1) jogos lícitos; (2) sessões cinematográficas às Terças, Quintas e ao fim-de-semana; (3) chás dançantes à Quinta e ao Domingo[551]; e (4) serviço de baile, almoços e jantares[552]. O Casino da Praia[553] acolhia, pontualmente, bailes de caridade[554], cujo produto revertia para a Misericórdia, e conferências[555], fechando portas em 1932[556]. Quanto ao Casino Internacional do Monte Estoril, ele foi aberto ao público em 1899[557], mas, em Agosto de 1918,noticiava-se a inauguração de novas salas[558]. Em 1928 por ali tocava a pequena orquestra do violinista Vieira Pinto e oferecia-se a projecção de cinema[559], e, graças a obras[560] efectuadas, em 1929 inaugurar-se-ia restaurante com oferta de almoço a jornalistas da capital[561]. O Internacional acolhera, a título provisório, a concessão de jogo facultada à SEP, entre 1 de Julho de 1928 e a abertura do Casino do Estoril, participando na apoteótica abertura do Hotel Palácio, em Agosto de 1930, ao projectar o filme *Cobra* com Rodolfo Valentino, seguido de baile ao som de *Jazz band*[562]; foi seu director Joaquim Nunes Ereira[563]. Posteriormente, o Internacional seguiria os passos do

[549]AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 2 de Setembro de 1928, p.24.
[550] Fundada em 1770,era então pertença de João Gregório de Freitas, António Camilo de Lellis e Freitas, e João Artur Lopes Ferreira. Cf. *Notícias da Costa do Sol*, 30 de Agosto de 1930, p.10.
[551]No Domingo transacto o espaço contara com a presença do general Carmona e de animada *Jazz Band.* Cf. *Idem*, p.16.
[552]*Ibidem*, p.15.
[553] A sua existência foi irregular como se depreende em artigo que anuncia a reabertura e critica o "ostracismo a que tem sido votada a praia de Cascais." Cf. *Diário de Lisboa*, 27 de Julho de 1935, p.3.
[554]*Idem*, 2 de Outubro de 1931, p.6.
[555] Como a proferida pelo Dr. Pereira Coutinho durante a «Semana da Tuberculose». Cf. *O Estoril*, 7 de Maio de 1933, p.5.
[556]O Casino da Praia "expirou gentilmente este ano – de fraqueza." Cf. *Diário de Lisboa*, 12 de Agosto de 1932, p.4.
[557] João Miguel Henriques, *Cascais*, p.76.
[558]*A Capital*, 26 de Agosto de 1918, p.2.
[559]*Casino*, 11 de Outubro de 1928, p.22.
[560] A 25 de Janeiro de 1929 a Empresa dos Casinos do Monte Estoril, Lda. entregou requerimento para criar um salão envidraçado (em ferro e vidro) sobre o terraço, além de escada e depósito de água. Cf.AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/2855.
[561]*Costa do Sol*, 1 de Setembro de 1929, p.14.
[562] Estoril-Sol, *Op. Cit*., p.28.
[563]*O Estoril*, 22 de Fevereiro de 1931, p.1. Ereira era proprietário da Quinta dos Farias ou da Bicuda, tendo o seu nome sido atribuído a uma via pública a 6 de Abril de 2006. Cf. Manuel Eugénio Fernandes da Silva e José Ricardo C. Fialho – *Os nossos Arruamentos: Toponímia da Freguesia de Cascais*, Cascais, Junta de Freguesia de Cascais, 2009, p.46.

congénere da Praia ao dedicar-se a caridade, conferências[564] e reuniões. O que cativava os frequentadores era a imensa varanda virada ao Oceano, como imprimiria o brasileiro Virgílio Maurício em relato de viagem. Leia-se: "Chegamos ás 12 horas ao Casino Internacional. Um aperitivo. Do terraço desfruta-se um golpe de vista admirável. É sedutora esta costa do sol".[565]

Com a queda da Monarquia, oTeatro Gil Vicente(erguido em 1868) seria preterido por espaços nos Estoris, apesar de acolher bailes, récitas e peças organizadas por colectividades com fins beneméritos. Através de separata do *Anuário Comercial de Portugal*de 1932, patrocinada pelo CNT, sabe-se que no Parque Estoril havia um pavilhão para prática de Tiro aos Pombos.[566]

Sobre o Tamariz recorde-se que, em finais do século XIX a Praia do Juncal ganharia a designação de «Praia do Tamariz», após Erneto Schrötter[567] ter arrematado terrenos que incluíam o (desactivado) forte de Santo António do Estoril, erguido um palacete e introduzido, vinda de Biarritz, a tamargueira ou tamariz[568]. Pertença posterior de Fausto Figueiredo[569], a outrora residência "fechada e desabitada na maior parte do ano"[570], seria remodelada, as árvores (palmeiras, cedros e tamargueiras) podadas, os terraços nivelados e no jardim circundante colocar-se-iam "mesas e cadeiras de junco… [e] grandes guarda-soes listrados a cores berrantes, [além de] espalhadas as lâmpadas eléctricas… para o *dancing*.[571]" No palacete foi instalado um restaurante especializado em pratos de peixe e marisco, ganhando a propriedade uma animação até aí desconhecida, como se lê num excerto jornalístico de 1929:

> As notas estridentes das orquestras de *Jazz*[572], misturam-se às brisas iodadas do Oceano os perfumes exquisitos de Coty e Caron, ouvem-se as frases galantes de *flirts*… e o recatado parque de outrora… surge, de chofre, com o ar moderno,

[564] Caso da palestra de Chaby Pinheiro *Os Artistas em Tournée.* Cf. *Diário de Lisboa*, 19 de Agosto de 1930, p.8.
[565] Virgílio Maurício – *13 Mezes em Portugal,* Rio de Janeiro, Calvino Filho, Editor, 1934, p.112.
[566]*Turismo –Separata do Anuário Comercial de Portugal*, Lisboa, Emprêsa do Anuário Comercial, 1932, p.102.
[567] Recordado como director do Banco de Portugal e ministro da Fazenda de João Franco. Cf.Luísa Vilarinho, *Op. Cit.*, pp.107-108.
[568] Árvore que "medra muito bem nas costas marítimas do Atlântico e do Mediterrâneo e ali [no Estoril] se tem desenvolvido tão bem. Cf. *Costa do Sol*, 1 de Agosto de 1929, p.5.
[569] ANTT/AOS/CO/FI-5, pt.18 [folha 508].
[570]*Costa do Sol*, 15 de Agosto de 1929, p.4.
[571]*Idem*, p.4.
[572] A orquestra residente era o quinteto do pianista Romão Navarro. Cf. *O Século*, 30 de Setembro de 1934, p.11.

> elegante, civilisado, internacional das grandes *terrasses* lá de fora, das esplanadas álacres das praias de bom tom. Assim nasceu o Tamariz.[573]

Como indicámos, em Outubro de 1929 ainda havia cinema ao ar livre e, no Verão[574] seguinte, a *Ilustração* apresentava, não só fotos do mundanismo de chás de caridade[575] no interior[576] do edifício ou de sorridentes banhistas de bonés americanos, *maillots* franceses e sapatos britânicos[577], como ainda o artigo de Castelo de Morais que relatava a conversa «moderna» de três raparigas. Ao som da banda de *Jazz* elas bebiam chá e, "puxando fumaça dos cigarros janotas"[578], debatiam rapazes, os carros deles e vícios como a cocaína. Ressalve-se que o perímetro do Tamariz fora remodelado para acolher, sobretudo, famílias com crianças que ali confraternizavam ao Domingo: as festas para os mais novos incluíam gincanas de bicicleta, provas atléticas destinadas a diferentes idades[579], distribuição de chocolates *Tobler*, concursos de construções na areia[580], entre outras actividades. No espaço circundante do palacete decorriam ainda festas nocturnas para o público adulto, tais como o «1º Festival regional»[581] em honra da visita da *Miss* Europa; este apresentava actuações de cariz bem nacional, como Tricanas de Coimbra, Fado, música e dança populares.

Quanto à praia do Estoril, nela os Torok organizavam actividades, e foi ali que, em Outubro de 1931[582], Portugal conhecesse o *Soingball*, através de torneio. Mais regulares eram os desfiles de Beleza e concursos de *maillots*[583], e a reunião de jovens sob o sol estival levara *Os Ridículos* a satirizar a prática numa capa de Agosto de 1931, cujo *cartoon* revelava Zé Povinho admirando, através de monóculo, as raparigas que confraternizam sobre a areia fina "nas praias da Costa do Sol"[584]. Dois anos depois *O*

---

[573] *Idem*, p.5.
[574] A época balnear tinha então início a 15 de Julho. Cf. *Diário de Lisboa*, 15 de Julho de 1930, p.12.
[575] *Ilustração*, 1 de Agosto de 1930, p.14.
[576] Os diferentes espaços albergavam o restaurante, a sala de chá no "terraço encantador" coberto e virado para a praia (Cf.Iveta Ribeiro – *O Meu Portugal*, Rio, Oficina Grafica Mundo Medico BORSOI & C., 1932, p.67), e exposições temporárias de pintura, como a de *Miss* E.B. Mitchell e *Miss* E.G. Pierce (Cf. *Diário da Manhã*, 4 de Março de 1933, p.9), por exemplo.
[577] *Idem*, 16 de Agosto de 1930, p.31.
[578] *Ibidem*, 1 de Agosto de 1930, p.37.
[579] *Diário de Lisboa*, 13 de Setembro de 1930, p.5.
[580] *O Estoril*, 13 de Setembro de 1930, p.2.
[581] *Diário de Lisboa*, 24 de Abril de 1931, p.8.
[582] *Idem*, 30 de Setembro de 1931, p.3.
[583] Luizinha Almoeja, a personagem fictícia e paixão do narrador participante da novela colonial *O Velo d'Oiro*, foi descrita como vencedora durante dois anos consecutivos (Cf.Henrique Galvão – *O Velo d'Oiro – Novela Colonial*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1931, p.26). O autor foi um dos nomes mais sonantes dos primeiros anos de vigência do Estado Novo, pois Galvão foi, entre outros, o primeiro director da Emissora Nacional e o comissário da Exposição Colonial do Porto, de 1934.
[584] Título do *cartoon*. Cf. *Os Ridículos*, 22 de Agosto de 1931, p.1.

*Estoril*abordaria o nudismo, relatando que em Brighton era repelido com violência[585]. Desde finais de Oitocentos que a prática do banho de mar era sinónimo de «Cura», o que originara a moda da vilegiatura marítima[586] que conquistara a Europa desde então; em 1930 *O Notícias da Costa do Sol* recordava, não só as melhores horas para o banho (entre 6h00/7h00), como a duração (curto, e de 1-5 minutos para as crianças fracas) e os benefícios perante os males de civilização. Recorde-se:

> Para as pessoas que moram no centro das cidades em casas mal arejadas ainda é melhor a mudança de ar. O ar do mar, impregnado de iodo, de saés, constantemente renovado pela sua própria violência, é certamente um dos melhores para ser respirado por pulmões anémicos, e – sob este ponto de vista as vilegiaturas nas praias não serão nunca de mais recomendadas.[587]

Homenagem deve ser prestada a um banheiro cujo nome surgia nos *Media* coevos, resgatando-se à actualidade uma testemunha do desenvolvimento embrionário do Turismo no eixo em estudo: Lino Correia. Natural de Vagos, à data da notícia contava 68 anos, 42 dos quais vivendo na Costa do Sol e, maugrado a existência de outros banheiros, nenhum era "tão estimado e apreciado como o velho Lino.[588]" O jornalista João do Alto facultava-nos um retrato tão histórico quanto humano de um período que hoje é areia do Tempo, ao escrever que "[Lino] é a testemunha das razões que levaram o sr. F.[589] a construir a sua casa; que viu a menina agarrada das suas mãos a tomar banho, e que hoje, ainda afaga os seus descendentes, com o mesmo cuidado que dispensou á mamã e ao papá."[590]

[585]*O Estoril*, 27 de Agosto de 1933, p.4.
[586] A vilegiatura surgiu na Renascença italiana ligada à construção de luxuosas residências secundárias nos arrabaldes rurais ao gosto das *villae* romanas o que, mais tarde, justificaria a criação de *Versailles*, nos arredores de Paris. Com o avançar dos séculos as estações de vilegiatura seriam modelos de mundanismo a emular, fossem estas termais (Bath era o paradigma britânico), oceânicas/marítimas (Riviera francesa), de montanha (Alpes), entre outras tipologias. Cf.Marc Boyer, *Les Villegiatures*, p.11.
[587]*Notícias da Costa do Sol*, 13 de Setembro de 1930, p.7.
[588]*Idem*, 30 de Agosto de 1930, p.19.
[589] Arriscamos dizer que se tratava de Fausto Figueiredo.
[590]*Notícias da Costa do Sol*, 30 de Agosto de 1930, p.19. Lino Correia é listado como banheiro principal do Tamariz nas edições do *Anuário Comercial* consultados.

6. Modalidades de Lazer e património(s)

6.1. Eventos, exposições e desportos

Ao longo dos séculos o Vaticano tentara converter o Carnaval em intróito para a quadra da Quaresma[591]. Embora os jogos florais fossem traço do Carnaval romano no século XVI, o maior usufruto deveu-se a turistas de Inverno ingleses de passagem por Nice(os *hivernants)*, a partir de 1876, sendo a Batalha de Flores uma versão sublimada e elegante que se opunha à primitiva desordem e aproveitava a profusão floral da Provença, fruto da excelência climática. Organizado pelo *Comité dês Fêtes*, o Carnaval de Nice apelava a todas as classes sociais que, assim, partilhavam fugaz diversão. Para DenisonNash, "during the festivities themselves social barriers are said to have been broken down amidst parades, parties, and showers of confetti, flowers, and so forth.[592]" Em Portugal, o ocaso da Monarquia testemunhou as críticas dos periódicos quanto aos excessos e a adaptação de práticas menos «bárbaras» (de civilização) através de batalhas florais segundo o modelo de Nice[593]. Em inícios de 1906 a *Illustração Portuguesa* descrevia a Avenida da Liberdade como um recinto vedado à população, qual "fortaleza posta em armas"[594], onde só se acedia com bilhete para lugares definidos. Quanto ao concelho de Cascais, as Cegadas eram representações populares de cariz teatral com raízes na acutilante sátira vicentina, ajustada às liberdades permitidas durante o período cíclico, mas que o Estado Novo qualificaria de licenciosas, pelo que as últimas decorreriam na década de 1950. Nas palavras de João Camacho, "para as instituições, as Cegadas foram-se tornando incómodas, de tão jocosas e certeiras, facto que esteve na origem da vigilância sobre elas exercida pelas autoridades da ditadura.[595]" No outro extremo da pirâmide social, Monte e o Estoril celebravam o Carnaval de modo refinado, mas não menos contido; em Março de 1930 a revista *Civilização* leva-nos ao Casino Internacional, referindo ser "grande o movimento nos hotéis dos Estoris, devido à afluência de estrangeiros que têm acorrido à Costa do Sol, atraídos pela amenidade do clima e devido à intensa propaganda feita pela Sociedade de Propaganda da Costa do

[591] *Civilização*, Março de 1930, pp.66-73.
[592] Dennison Nash – "The Rise and Fall of an Aristocratic Tourist Culture, Nice: 1763-1936", *Annals of Tourism Research*, Jan/Mar 1979, p.20. Posição semelhante é defendida por Kenneth Silver em *Making Paradise: Art, Modernity and The Myth of the French Riviera*, Cambridge, MA, The MI Press/AXA Gallery, 2001, p.106.
[593] *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 1 de Fevereiro de 1903, p.38.
[594] *Illustração Portuguesa*, nº2, 1906, p.36.
[595] João Camacho – *As Cegadas no Concelho de Cascais*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1997, p.1.

Sol.[596]" Fevereiro de 1931 seria mais brilhante devido à viagem do Príncipe de Gales (futuro Eduardo VIII)ao Monte para assistir à Batalha das Flores, estando inscritos no Corso "dois mil automóveis, 500 carros ornamentados e 300 trens[597]" para desfile na Avenida de Sabóia. A partir de 1933 o cenário seria o Parque Estoril[598], destinando-se o produto obtido pelas entradas, para a Batalha das Flores, a casas de caridade locais.[599]

As exposições de flores eram uma iniciativa que agradava aos ingleses que passavam o Inverno no eixo Estoril-Cascais[600]. A primeira exposição de crisântemos foi organizada pela empresa Segurado & Filhos e inaugurada a 20 de Outubro de 1931 no Palácio dos Condes da Guarda; contou com a presença de Carmona e de representantes de autarquias vizinhas, além dos expositores[601]. Simultaneamente, no *hall* do Casino decorreria igual certamecom exemplares colhidos nos jardins e parques da SAI[602]. A iniciativa seria repetida em Novembro de 1932 por decisão do *Sporting Club* do Monte Estoril (SCME)[603], tendo a CITC colaborado com prémio e envio de delegado[604]; o vencedor seria a SPCS, primando o certame pela beleza e caridade coincidentes, uma vez que "o produto das entradas reverteu a favor da «sopa dos pobres» que é mantida pela Sociedade dos Amigos do Monte Estoril.[605]" Interessante é constatar a adesãodos visitantes da Costa do Sol e dos produtores a uma actividade de divulgação das benesses do clima e do solo locais, pois, em Maio de 1933, o *hall* do Casino acolheu uma exposição de espécimes oriundas da Quinta da Marinha, cujos viveiros primavam pelos cravos, ervilhas de cheiro, plantas ornamentais e rosas[606] produzidos sob os cuidados de António Muchaxo[607] e seu pai[608]. Em finais de 1933 repetir-se-iam as exposições de

[596]*Civilização*, Março de 1930, Porto, p.119.
[597]*O Estoril*, 15 de Fevereiro de 1931, p.1.
[598]*Diário de Lisboa*, 27 de Janeiro de 1933, p.3.
[599]*A Voz*, 26 de Fevereiro de 1933, p.2.
[600]O*Chelsea Flower Show* era um evento social organizado pela *Royal Horticultural Society* que nascera em 1862 como *Great Spring Show*. Cf. http://www.rhs.org.uk/Shows-Events/RHS-Chelsea-Flower-Show/2012/All-Coverage/Articles/About-the-show/About-the-show (*site* acedido a 1 de Abril de 2012).
[601]*Diário de Lisboa*, 28 de Outubro de 1931, p.5.
[602]*Idem*, 30 de Outubro de 1931, p.4.
[603] No último trimestre de 1930 os membros elegeriam a SPCS como sócia benemérita e Fausto Figueiredo como sócio honorário. Cf. *O Estoril*, 5 de Outubro de 1930, p.3.
[604] Foi facultado um prémio até 150$00 e enviado o Dr. Marques Mata. Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 1 de Novembro de 1932, p.31v.
[605]*O Estoril*, 6 de Novembro de 1932, p.4. A entidade surgira em 1930 no seio dos sócios do SCME e a primeira acção foi uma récita no *Stranger's* Casino (cedido pela SPCS), visando angariar fundos para anova liga de defesa do Monte Estoril. Cf. *Idem*, 30 de Novembro de 1930, p.3.
[606]*Ibidem*, 14 de Maio de 1932, p.2.
[607] O qualse renderia à actividade hoteleira ao inaugurar, em 1965, sobre as ruínas da antiga Bateria da Galé (na praia do Guincho), a Estalagem Muchaxo.
[608]*O Estoril*, 21 de Maio de 1933, p.4.

crisântemos, tanto no Casino[609], como no Palácio dos Condes da Guarda[610]. Mais vocacionados para um público interno (face ao pendor cultural e incidência estival), mencionamos eventos como o arraial minhoto que decorreu na Parada em Setembro de 1930[611], além de marchas populares[612] e de uma festa taurina[613], em Junho e Julho de 1932. De cariz mais erudito mencionem-se as exposições artísticas, como a de telas de gosto regional nascidas do pincel de Francisco Romano Esteves, Secretário da Academia de Belas Artes, patente ao público no gabinete de leitura da CITC.[614]

O vigor físico das populações foi preocupação dos estados europeus na década de 1930; no caso nacional, esta atenção originou o decreto nº21:110 de 16 de Abril de 1932, o qual inseriu a educação física nos *curricula* dos liceus, e ao decreto nº22:304 de 13 de Março de 1933, que extinguiu a Escola de Esgrima no Exército, nele criando a de Educação Física. Aliando o «Desporto» ao Lazer abordem-se as modalidades executadas e presenciadas no eixo em análise, por residentes e visitantes, através da sequência seguinte: (1) novidades desportivas; (2) desportos terrestres como futebol, hipismo, ténis, esgrima e tiro; (3) desportos de velocidade como atletismo, ciclismo, motociclismo e automobilismo; e (4) desportos náuticos como natação e regatas.

Tendo como palco o Estoril, entre 1929 e 1933 Portugal vislumbrou importações alemãs como o *Soingball*[615], o *Swingball*[616] e o *Rohnrau*[617], cujo trunfo do praticante residia na destreza e condição física. No desporto equestre, no campo hípico do Estoril

[609]*Diário de Lisboa*, 3 de Novembro de 1933, p.6.
[610] A 13 de Outubro, Eduardo Maria Rodrigues, presidente da comissão organizadora, remeteu ofício solicitar auxílio para prémio ao concurso dos Floricultores Profissionais e Amadores, mas a resposta foi a de que não havia verba no orçamento do ministério para tal fim (Cf.ANTT/MI/GM, mç.459, pt.21/109). Era já o terceiro ano consecutivo de uma iniciativa de sucesso, pelo que a CITC seria mais generosa ao apoiar o concurso com atribuição de uma taça de prata (orçada até 500$00), que seria escolhida pelo vogal Carlos Bonvalot. Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 16 de Outubro de 1933, p.35.
[611] Organizado pelo próprio SCC. Cf. *Notícias da Costa do Sol*, 20 de Setembro de 1930, p.8.
[612]Dedicadas a Santo António, patrono concelhio e da freguesia do Estoril, nelas desfilando os bairros lisboetas de Bairro Alto, Alto do Pina e Campo de Ourique que dias antes se haviam apresentado no Parque Mayer. Cf. *Diário de Lisboa*, 25 de Junho de 1932, p.4.
[613]No campo dos concursos hípicos, consistiu em garraiada à Terceirense e Capeia espanhola. Cf. *Idem*, 23 de Julho de 1932, p.4.
[614]Por cada tela vendida 5% reverteram para a Misericórdia. Cf. *O Estoril*, 5 de Outubro de 1930, p.2.
[615] Conforme indicado no capítulo anterior da Tese. Cf. *Diário de Lisboa*, 30 de Setembro de 1931, p.3.
[616]*Idem*, 1 de Outubro de 1931, p.6.
[617]*Ibidem*, 28 de Abril de 1933, p.4.

realizar-se-ia a apresentação pioneira de *Indoor-Polo* em Portugal, cuja aceitação seria seguida de segundo desafio, para o qual se convidaria o ministro do Interior.[618]

O Futebol, oficialmente introduzido em Portugal, na Parada, em 1888, na presença real, pelos irmãos Pinto Basto e amigos ingleses, e,apesar de na segunda metade da década de 1930 ter servido intentos políticos pelos desafios entre Portugal e Espanha, o seu apelo não atingira dimensões de interesse turístico[619], apenas cativando as menos afortunadas populações locais[620]. Ao invés, desportos que implicavam a aquisição de equipamentos/complementos de peso eram preferidos pelas elites nacionais e visitantes. Comecemos pelo Hipismo que, para além da indumentária do praticante, se subordinava à aquisição de equino elegante (que não mera besta de carga).Desbastada e ordenada parte do outrora Vale de Santo António, já em 1920 se organizara um concurso hípico oficial (*vide* capítulo II). Para lá do aspecto desportivo, as festas hípicas eram oportunidades de negócio para as casas do Chiado como «A Pompadour», que não se coibiam de anunciar sombrinhas para complemento à *toillette*[621] das senhoras que se deslocariam ao Estoril para assistir às provas de *Brassard* (para cavaleiros) e de *Écharpe* (para amazonas). Em Outubro de 1931, recordava-se que, o Domingo anterior, fora "uma tarde cheia de movimento e cor em que as toiletes das senhoras se combinavam com a amenidade do tempo, dando ao campo um ar de distinção e alegria.[622]" Com mais de quatro dezenas de concorrentes, os vencedores das categorias indicadas foram o Marquês do Funchal e Teresa Plantier. Em Maio de 1930, já a SPCS convidara os cavaleiros franceses e espanhóis que tinham participado em concurso internacional no Campo Grande, para disputar a «Taça Costa do Sol»,[623] no campo

[618] Carta de Virgílio Soares, Secretário-Geral da SPCS, datada de 30 de Outubro de 1930, remetendo convite para 2 de Novembro, às 15h00, ao ministro e à sua família. Cf.ANTT/MI/GM, mç.451, pt.18/51.
[619] A única menção nos três livros de actas da CITC data de 3 de Novembro de 1931 e refere-se a pedido do Parede *Football* Club para apoio na ampliação ao campo de jogos, sendo-lhes doados 150$00 (Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 3 de Novembro de 1931, p.1v). A nossa posição é ainda suportada por Ricardo Serrado, ao escrever que, no início do século XX, o Futebol se desprendeu da esfera aristocrática, "sendo adoptado rapidamente pelos estratos sociais mais desfavorecidos e sofrendo… sobretudo em Lisboa, um processo rápido de popularização." Cf. Ricardo Serrado – *O Jogo de Salazar: A Política e o Futebol no Estado Novo*, Alfragide, Casa das Letras, 2009, p.41.
[620] Por exemplo, a 24 de Maio de 1933 decorreu, no campo do Estoril, encontro de futebol entre o pessoal do Casino e do Hotel Palácio, vencendo os segundos por 4-1, ao que os adversários atribuíram a derrota à arbitragem irregular de Filipe Faria. Cf. *O Estoril*, 28 de Maio de 1933, p.2. No final dos Anos 30 funcionários das duas unidades originariam o Grupo Desportivo Estoril-*Plage* (GDEP).
[621] *Diário de Lisboa*, 11 de Maio de 1929, p.2.
[622] *O Estoril*, 18 de Outubro de 1931, p.2.
[623] *Diário de Lisboa*, 21 de Maio de 1930, p.4.

hípico[624] do Estoril, para agrado dos turistas instalados. Provas equestres eram ainda disputadas na Quinta da Marinha, como se depreende pela organização, em Setembro de 1930, de cinco corridas, pela Sociedade Hípica Portuguesa[625]. No Verão de 1931, novo programa seria cumprido no (improvisado) hipódromo da Marinha, com a habitual entrega da miniatura da Taça de Honra oferecida pela CITC.[626]

O Ténis era uma modalidade que desde a segunda metade do século XIX se praticava na Parada, sendo os *courts* do Estoril aliciantes ao público, pela novidade. Em Outubro de 1929, a *Ilustração* dedicaria uma página ao desporto na Costa do Sol, recordando o encontro Porto-Lisboa em *Lawn-Tennis*[627]; um ano depois, Cascais seria palco do «Campeonato Internacional de *Tennis*»[628], que contaria com a presença do campeão olímpico, Turnbull[629], além de jogadores nacionais, franceses, ingleses e japoneses[630]. Em 1933, a «Taça Spril» seria disputada em homenagem aos organizadores dos campeonatos anuais, com destaque para o entusiasta Ricardo Espírito Santo[631]. Em Outubro de 1931, disputou-se, igualmente, a «Taça Conselho Nacional de Turismo», torneio de singulares masculinos que, entre outros, contou com os renomados Luís e Eduardo Ricciardi[632]. No Estoril, o ténis disputava-se nos *courts*[633] situados acima do Hotel do Parque, e o clube promovia-se ressalvando a qualidade das instalações, do professor-director, dos espaços e do "raro ambiente de saúde e higiene.[634]" Servindo os hóspedes de estruturas hoteleiras e casas alugadas, o clube

[624] O picadeiro situava-se onde está hoje o Teatro Municipal Mirita Casimiro. Cf.Fernando Miguel Raposo – "Teatro Mirita Casimiro, Monte Estoril, Cascais, de Picadeiro a Teatro Municipal", *Trienal de Arquitectura – O Espaço Teatral*, Évora, Centro Dramático de Évora/Teatro Garcia Resende, 1991, p.35.
[625]*Notícias da Costa do Sol*, 20 de Setembro de 1930, p.19.
[626] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 18 de Setembro de 193, p.175.
[627]*Ilustração*, 1 de Outubro de 1929, p.13.
[628]Nas actas da Direcção do *Sporting Club* de Cascais (SCC) lê-se que a organização da prova internacional de 1931 ficou a cargo do vogal Rodrigo de Castro Pereira, solicitando-se apoio ao CNT e à SAI (Cf. AHMC/AASS/SCC/C-5/A/B/001 – Cx.1 Lv.05, 15 de Agosto de 1931, pp.22-22v). Em 1932, o mesmo vogal informava que o campeonato de ténis entrara para o calendário das federações estrangeiras, passando a ter como obrigatoriedade a fixação da data de realização (Cf. *Idem*, 10 de Setembro de 1932, pp.26-26v). Apesar dos patrocínios, o primeiro campeonato de reconhecimento internacional saldou-se num *deficit* de 2.787$05 devido à despesa com viagens e refeições dos tenistas espanhóis e franceses em prova. Cf. *Ibidem*, 24 de Outubro de 1932, p.26v.
[629]*Diário de Lisboa*, 17 de Outubro de 1930, p.9.
[630]*Idem*, 22 de Outubro de 1930, p.2.
[631]*O Estoril*, 22 de Outubro de 1933, p.2.
[632]*Diário de Lisboa*, 23 de Outubro de 1931, p.4.
[633] Onde desde 2001 se situa o Centro de Congressos do Estoril. A autora recorda-se do edifício-sede outrora pertencente ao Clube de Ténis do Estoril, entidade que, em 1992, deslocar-se-ia para terrenos anexos ao Complexo Escolar, Turístico e Hoteleiro do Estoril.
[634]*Diário de Lisboa*, 3 de Julho de 1930, p.7.

acolhia ainda residentes e torneios sob organização de José Torok[635]. Bem perto, na Avenida de Sabóia, o Monte detinha espaço próprio para torneios e lições de ténis no «Pavilhão Portuguez», "sendo este desporto dos mais preferidos pelos frequentadores da Costa do Sol, tornando-o a Sociedade Elegante como ponto de reunião obrigatória."[636]

Sobre a prática de Tiro, as actas da CITC registam pedidos de financiamento pelo *Club* de Tiro aos Pratos de Cascais, ao qual atribuiu a miniatura da «Taça de Honra» para o torneio de 1929[637] e anos seguintes. Em 1933, ao troféu juntar-se-ia um prémio de 1.000$00, "por ser necessário dar incremento ás festas desportivas que constituem já tradição nesta região.[638]" O tiro aos pombos, aos pratos e a caça eram actividades que as elites de Cascais praticavam na Marinha desde as estadas reais. Em Agosto de 1933 inaugurar-se-ia um *Stand* de Tiro aos Pombos na Quinta das Farias, de Joaquim Ereira, e dos torneios realizados para júbilo dos amigos lisboetas[639].

Na categoria de desportos de velocidade abordem-se quatro géneros: Atletismo, Ciclismo, Motociclismo e Automobilismo. Provas atléticas eram apresentadas como diversões às crianças cujas famílias se reuniam, ao fim-de-semana, no Tamariz. A título de exemplo, leia-se uma lista de classificações divulgada no *Diário de Lisboa* em Setembro de 1930, na qual os «mini-atletas» de um «*Pentatlon* Infantil» foram organizados por cinco escalões etários, dos 7 aos 12 anos[640]. Em Abril do mesmo ano anunciar-se-ia uma prova de *Cross-Cuntry* (corta-mato), para adultos, patrocinado pelo *Sports de Lisboa* e pela SPCS, e organizada pelo desportista tenente Maia Loureiro[641]. Aumentando a rotação, o ciclismo foi outra modalidade de tímida aparição entre 1929-1933. Foi graças a Caetano Beirão da Veiga que surgiu o formato «Volta a Portugal» e, em obra de Belo Redondo, é justificada a aparição da prova em 1927:

> Porque o «DN», preocupando-se sempre com o aperfeiçoamento da raça e, por consequência, com a melhoria das suas condições físicas, julgou oportuno realizar uma grande competição atlética que, percorrendo o país, o acordasse do

[635] *O Estoril*, 3 de Setembro de 1933, p.4.
[636] *Idem*, 15 de Outubro de 1930, p.2.
[637] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 29 de Novembro de 1929, p.66.
[638] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 1 de Setembro de 1933, p.26.
[639] *O Estoril*, 20 de Agosto de 1933, p.4.
[640] *Diário de Lisboa*, 13 de Setembro de 1930, p.5.
[641] *Idem*, 26 de Abril de 1930, p.3.

> pernicioso letargo em que havia caído… A «Volta» transformou-se num poderoso elemento de turismo.[642]

Do trecho de Redondo retiram-se três palavras-chave: Raça, Volta e Turismo. A primeira estava envolta em contornos políticos por ser basilar ao ressurgimento nacional;a segunda destaca uma modalidade física de resistência defendida para tal; a terceira foca-se numa vertente cultural em voga. Redondo prosseguia informando que a II «Volta a Portugal», prova disputada entre 6 e 27 de Setembro de 1931, teve como ponto de chegada o Estoril e, como vencedores, Joaquim Esteves e José Maria Nicolau, nas categorias de «Fracos» e «Fortes»; ambos corriam pelo *Sport* Lisboa e Benfica[643]. Dois meses depois, provas seriam organizadas por entidades locais: (1) uma pelo Grupo Dramático de Cascais, visando homenagear Francisco Rocha, corredor de Carcavelos que participara na II «Volta»[644]; (2) outra pelo SCME, desejando entreter as comunidades residente e visitante através do «Grande Prémio de Outono»[645]. Em finais de 1932 repetir-se-ia o «Grande Prémio de Outono» sob a égide da União Velocipédica Portuguesa, com taças oferecidas por jornais lisboetas, circuito abrangente entre Estoril-Sintra-Colares-Malveira-Alcabideche-Estoril, viaturas de apoio e participação dos ciclistas da III «Volta a Portugal» desse ano[646]. O Grupo Dramático *Sportivo*de Cascais (GDSC)organizaria uma corrida de bicicletas a 4 de Dezembro, para a qual a CITC facultou uma taça[647]. Perante o sucesso de actividades como o ciclismo e visando a melhor organização das provas entre Lisboa e Cascais, em Maio de 1933 noticiava-se que o *sportsman* Pedro José de Moura organizara a Comissão de Propaganda Desportiva da Linha de Cascais (CPDLC), reunindo delegados de colectividades, jornais e outras entidades locais e regionais[648]. Em Outubro, a CPDLC e o SCME colocariam na estrada o «Grande Prémio do Estoril», cujos 100km de extensão abrangeram Estoril-Carcavelos-São Domingos de Rana-Alcabideche-Monte/Estoril.[649]

---

[642] Belo Redondo –*Guia da Volta a Portugal em Bicicleta – História da «Volta»*, Lisboa, Tipografia da Emprêsa Nacional de Publicidade, 1935, pp.5-6.
[643]*Idem*, pp.14-15.
[644]*O Estoril*, 22 de Novembro de 1931, p.2.
[645] A Avenida de Sabóia seria o ponto de partida e de chegada e, dos cerca de 120 concorrentes, destacava-se José Maria Nicolau, recente vencedor da II «Volta». Cf. *O Estoril*, 29 de Novembro de 1931, p.2. A CITC cederia 150$00 para a prova. Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 17 de Novembro de 1931, p.4.
[646]*Diário de Lisboa*, 21 de Outubro de 1932, p.5.
[647] "Até 200$00"Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 24 de Novembro de 1932, pp.35-35v.
[648]*O Estoril*, 7 de Maio de 1933, p.2.
[649]*Idem*, 15 de Outubro de 1933, p.4.

Em Outubro de 1932, o Moto *Club* de Portugal levaria a cabo o «1º Circuito Motociclista da Boca do Inferno» e os vencedores foram António Jorge Teixeira e Jaime de Campos, em seniores e juniores, respectivamente; os lucros da prova reverteram a favor da Misericórdia de Cascais[650]. A Primavera seguinte seria abrilhantada pelo «I Circuito do Estoril»[651] em circuito fechado, entre Parque-Avenida de Sabóia-Estrada de Bicesse-Parque, num total de 36 voltas e 100km[652]. Disputado a 26 de Março por máquinas de potência até 500cc e por corredores portugueses e espanhóis, o vencedor da prova foi o campeão nacional, Alexandre Bleck[653]: rolando a uma média horária de 78km, ultrapassou o catalão Fernando Aranda, segundo classificado; a entrega de prémios decorreria no Casino[654]. Suba-se de cilindrada e foquemo-nos no automobilismo. Em 1937, o *Diário de Lisboa* apresentava o artigo *Desporte e Automobilismo,* aflorando o debate teórico com a seguinte interrogação: "poder-se-á considerar o automobilismo um autêntico desporto, um *verdadeiro* exercício físico?"[655]; desportistas como o holandês K.H. Van Schagen negavam esta proximidade. Actividade desportiva e/ou de lazer, importa é perceber como a sua realização cativava visitantes, promovia o eixo pela aparição nos *Media* e contava com a participação de nomes ilustres. O termo «Automobilismo» encerrava diferentes tipologias de provas, sendo as principais: (1) a «*Ginkana*» - provas em que casais ultrapassavam obstáculos distintos; (2) o «*Puzzle*» - semelhante à anterior, distinguia-se pela veloz recolha, ao longo do percurso definido, das sete letras da palavra «Estoril»; e (3) o «*Rallye*» ou corrida, *per se*.

Em termos cronológicos e objectivos, mencionaremos como uma das primeiras provas do género na baliza temporal entre 1929-1933, a «*Ginkana*» de 13 de Julho de 1930; organizada pelo Automóvel *Club* de Portugal (ACP) e a SPCS, Mateus Ferraz de Oliveira Monteiro arrematariam a «Taça da Imprensa» ao volante de um *Durand*[656]. Embora a grande prova prevista para 1931 não se tenha realizado por falta de adesão[657], o ano seguinte teria um calendário com três provas de interesse: (1) o «Grande Prémio de Resistência e Turismo»; (2) o «I *Rallye* de Automóveis Antigos»; (3) a «*Ginkana* do

[650] *O Volante*, 20 de Outubro de 1932, pp.6-9.
[651] Respeitando a numeração encontrada nas fontes, a diversidade não resulta de engano da autora.
[652] *O Volante*, 5 de Março de 1933, p.5.
[653] *A Voz*, 26 de Março de 1933, p.3.
[654] *Guiauto*, 3 de Abril de 1933, p.3. Esta publicação circulava na cidade do Porto.
[655] *Diário de Lisboa*, 4 de Maio de 1937, p.1.
[656] *Boletim Oficial do ACP*, Julho de 1930, p.14.
[657] *O Volante*, 22de Maio de 1932, p.1.

Estoril».As duas primeiras iniciativas foram organizadas, em Maio, por *O Volante*, com meta no Estoril. O «GPRT»[658] teve Leopoldo Roque de Almeida como vencedor, num *Buick*, e o «I RAA», Fernando Mancelos, num *Hurter*[659]. A «*Ginkana*» automobilística[660] decorreu a 25 de Setembro, no Parque Estoril, e a revista *ACP* enalteceria a SPCS por saber "elaborar programas desportivos à altura da magnífica estância de turismo, sem duvida alguma análoga às melhores do estrangeiro.[661]" Em 1933 seriam organizadas provas de resistência e «*Ginkana*», ao que se acrescentou o «I *Puzzle*-Estoril»[662]. Mas nem só de conquistas vivia o automobilismo na Costa do Sol. Na verdade, o «Grande Prémio» anunciado desde Julho de 1932 pela revista *ACP* e por ela qualificado como "complemento indispensável ao «décor» das famosas zonas mundanas"[663], apenas seria concretizado em 1935.

As regatas e o lazer náutico iniciaram-se no século XIX devido à presença estival da Corte, em Setembro. Embora a referência mais antiga à navegação de recreio em Cascais date de 3 de Setembro de 1865[664], aquando da realização de um *pic-nic* marítimo entre Cascais-Setúbal, a bordo de um vapor, a primeira prova competitiva só ocorreria a 31 de Agosto de 1871. Apesar de o advento da República ter desviado a atenção vertida sobre Cascais para centros emergentes como o Estoril, a criação da delegação do Grupo Náutico Português[665], em Cascais, e a realização de um festival pelo CNP[666], ambos em 1929, levaria ao renascimento da prática na vila. Na verdade, as

[658] A CITC contribuiria com 600$00 para a compra de uma taça de prata. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 28 de Abril de 1932, p.18.
[659]*Idem*, 7 de Junho de 1932, p.20.
[660] Recorde-se a inauguração, em Julho de 1932, do Campo Automóvel em São Pedro do Estoril. Situado junto à Fundação «O Século», este anunciava-se como o "recinto ideal para treinos de recreio, de instrução e de provas de perícia." Cf. *Diário de Lisboa*, 22 de Julho de 1932, p.2. A sede e o *stand* situavam-se no *Chalet* Emília Frazão, estando o campo do Alto da Bafureira sinalizado pela *Vacuum Oil Cª. Inc*..Cf. *O Estoril*, 5 de Outubro de 1932, p.3.
[661]*ACP*, Outubro de 1932, p.31.
[662] Realizado em Outubro, os vencedores foram Manuel Duarte Nunes dos Santos e Rita Gonçalves, em *Standard-Swallow* (Cf. *ACP*, Novembro de 1933, p.24). O género fora introduzido em Portugal por Augusto dos Santos Júnior, redactor do primeiro regulamento do «*Rallye*» da Curia (Cf. *O Volante*, 20 de Outubro de 1933, p.5). Em Novembro teria lugar a Rampa do Cabo da Roca, nas franjas concelhias.
[663]*ACP*, Novembro de 1932, p.20. Chegou a ser impresso e divulgado o *Regulamento I Grande Prémio do Estoril*, Lisboa, ACP e SPCS, 1932.
[664] António Carvalho, *A História da Vela*, p.7.
[665]*Idem*, p.27.
[666] Em Setembro de 1929 a CITC aprova o pagamento à Casa Cunha Lhota das miniaturas das taças oferecidas às provas de Natação, Vela e Aviação (Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 14 de Setembro de 1929, p.108)**.** O CNP seria reconhecido como instituição de utilidade pública pelo decreto-lei nº18:392 de 28 de Maio de 1930 e a ele se deveria a construção do modelo denominado «monótipo», por sugestão do Comodoro Carlos Bleck, e com o qual o clube teria um ano feliz, como acontecera na «Taça Voetelink» (disputada no Estoril) e na «Taça

regatas voltariam em Setembro de 1927[667]e as de 1928 inovariam ao incluir hidroaviões[668], num retorno triunfal à mística da Armada Nacional que a ditadura militar resgatava de décadas de negligência. Em Julho de 1929 registou-se uma corrida de monótipos entre Pedrouços e o Tamariz, vencida pelo «Inferno» de Fiuza; no almoço de confraternização no Casino Internacional Mário de Noronha, presidente do CNP**,** alertou ser necessária "uma estreita união entre todos aqueles que cultivam o desporto náutico em Portugal"[669]. As regatas anuais de Setembro primariam pela pluralidade ao incluírem "provas de vela, de aviação, de remo, de natação e de motor.[670]" Em 1929 realizar-se-ia uma convocatória *sui generis* por parte da Associação Naval de Lisboa (ANL), ao oficiar os sócios proprietários a comparecer "com os seus barcos na praia do Mont'Estoril por ocasião do chá oferecido a Madame Virginie Heriot", delegada oficial do *Yacht Club de France.*[671]

O ano de 1930 foi de charneira para a implementação dos desportos náuticos devido ao Hotel Palácio, ao terminal do *Sud-Express* e a um decreto sobre reconstrução naval[672]. Na véspera da abertura do hotel Fausto Figueiredo realizou uma visita guiada a jornalistas lisboetas, e, duas semanas depois, os diários da capital inspirariam os nomes das taças[673] atribuídas nas regatas. A 13 de Setembro, o *Diário de Lisboa* anunciariaa organização conjunta a cargo do CNP, daSPCS e de outras entidades, e revelaria a autorização concedida pelo ministro da Marinha para que afluíssem a Cascais "todos os navios de guerra disponíveis, o que contribuirá ainda mais para o brilhantismo das

---

Tamariz» (em Cascais). Cf. AHMC/AASS/ANL-CNP/B-A/002/003 – Cx.004 Pt.004, *Relatório de Gerência* 1929, p.9.

667 António Carvalho (coord.) – *A História da Vela em Cascais: Da Primeira Regata à Internacionalização*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais e Media Livros, 2007, p.86.

668 *Casino*, 2 de Setembro de 1928, p.21.

669 Findo o repasto, o médico Alberto Madureira conduziu os jornalistas ao novo posto do *Club* em Cascais, pedindo auxílio para travar a sua demolição, algo já solicitado pelo presidente da Comissão Administrativa de Cascais ao governo.Cf. *Diário de Lisboa*, 29 de Julho de 1929, p.4.

670*Costa do Sol*, 15 de Setembro de 1929, p.2. A CITC concederia 1.700$00 ao CNP para a realização das provas. Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 19 de Agosto de 1929, p.57.

671 AHMC/AASS/ANL-CNP/C-B/C-1A/B-A/001 Cx.3, 2 de Outubro de 1929, p.26v. O *Relatório de Gerência 1929* do CNP anotava o sucesso da operação de charme, tanto que "os jornais franceses referiram-se com os maiores elogios e o maior agradecimento à recepção de que foi alvo Madame Hériot durante a sua estada em Portugal". Cf. AHMC/AASS/ANL-CNP/B-A/002/003 – Cx.004 Pt.004, pp.14-17.Visita também anunciada em: *ABC*, 10 de Outubro de 1929, p.24.

672 A 17 de Julho de 1930 publicou-se o decreto nº18:633, enunciando-se o programa de reconstrução naval nacional. Dividido em duas fases, este definia a construção de embarcações como o Aviso de 2ª classe «Gonçalo Velho» abordado nos *Media* (Cf. *Cadernos da Revolução Nacional – Passado, Presente, Futuro*, Lisboa, Edições SPN, s/d, p.53). Para uma maior compreensão do tema Cf. Sérgio Campos Matos e Luís Aguiar Santos – "A Marinha e a Cultura Histórica em Portugal: entre a Tradição e a Modernidade (Séculos XIX e XX)", *Revista de História das Ideias*, Vol.29, Coimbra, 2008, pp.431-468.

673 Helena Matos, *Op. Cit.*, p.68.

regatas.[674]" Por entre o público, o jornal referia que a assistência contaria com a presença de oficiais de um navio-escola italiano fundeado no Tejo, e que os prémios das competições seriam atribuídos em festa a realizar nas termas[675]. Dias depois recordava-se que as provas incluíram hidro-aviões vindos de Lisboa e a presença do Presidente da República. Leia-se: "Ao fim da tarde, o Chefe de Estado, que assistira às provas na varanda do Palácio, retirou-se com os seus convidados, a quem foi servido um chá.[676]"*O Século* fornecia informação sobre actividades, participantes e espectadores, classificando essas regatas como certames mais gloriosos do que nos anos transactos, tendo estas como júri de honra, não só o General Carmona, mas também membros do Governo e almirantes da Marinha (destaque-se Gago Coutinho[677]). A edição de dia 15 foi a que melhor descreveu o ambiente do dia anterior (Domingo), transmitindo aguarelas mentais de percepção sensorial total. A saber:

> muitas dezenas de embarcações á vela, a motor e a remos, sulcavam em todos os sentidos, as águas tranquilas da baía… a praia estava cheia de gente, assim como os paredões e escadas… mais logo, no Tamariz, todos os lugares se encontravam ocupados, dali se disfrutando, em toda a sua grandeza, o aspecto panorâmico da baía de Cascais.[678]

O *Notícias da Costa do Sol*realçava a primazia dos concorrentes pela classe de «Stars», "elegante classe internacional de barcos de vela, ultimamente criada em Portugal e na qual os portugueses já tem conhecido este ano alguns triunfos em águas estrangeiras.[679]" A mesma fonte indicava a presença de Magalhães Correia, então ministro da Marinha, o qual autorizara a presença de todos os navios de guerra disponíveis no certame. Aliado o prazer do lazer à moralidade de uma sociedade que se dizia piedosa[680], em terra realizara-se a «Venda da Flor» em prol dos Bombeiros Voluntários de Cascais. A adesão ao lazer náutico seria rápida e socialmente firmada, tanto que, entre 1931 e 1938, havia 561[681] barcos de recreio inscritos na Delegação

[674]*Diário de Lisboa,* 13 de Setembro de 1930, p.7.
[675] O edifício do Hotel do Parque, no qual estava inserida a piscina das termas, era igualmente um edifício moderníssimo segundo os padrões de então, tendo sido terminado no ano de 1929.
[676]*Diário de Lisboa,* 15 de Setembro de 1930, p.7.
[677]*O Século,* 10 de Setembro de 1930, pp.1-2. Destacamos o oficial da Marinha devido ao feito aeronáutico 1922 ter direito a um monumento, perto da Cidadela, a 31 de Março de 1929 (hoje colocado à entrada do Museu do Mar). Cf.José D'Encarnação – *Recantos de Cascais*, Lisboa, Edições Colibri e Câmara Municipal de Cascais, 2007, p.201.
[678]*O Século*, 15 de Setembro de 1930, p.4.
[679]*Notícias da Costa do Sol*, 13 de Setembro de 1930, p.8.
[680] Apesar dos devaneios narcisistas do inglês Aleister Crowley que encenou o suicídio na Boca do Inferno, embora a Polícia Internacional registasse a sua saída do país a 23 de Setembro. Cf. *Diário de Lisboa,* 27 de Setembro de 1930, p.5.
[681] António Carvalho, *Da Primeira Regata*, p.95.

Marítima de Cascais; dos particulares listados destacamos os nomes de Fausto Figueiredo, Manuel Espírito Santo Silva, Cassiano Branco, Eduardo Pinto Basto e Joaquim Nunes Ereira, empresários e promotores do Turismo local.Para as regatas de 1931 a CITC patrocinaria as habituais miniaturas das taças de honra e um subsídio de 500$00, uma vez que o organizador "luta com dificuldades financeiras para custear as despesas dessas regatas"[682]. As contingências do CNP tornaram-se evidentes no Verão seguinte, quando, na acta 86ª, a CITC atribuiu as miniaturas das taças, uma taça de tamanho superior e um donativo de 2.000$00, e, na acta 87ª, era transcrito ofício do clube a informar que "por motivos de força maior deixam de se realizar as regatas anuais em Cascais.[683]" Isso não aconteceria, pois em Agosto de 1933 a ANL, em colaboração com a CPDLC, a SPCS e a Marinha, organizaria novas regatas. Descrito pel'*O Estoril* como "o melhor festival náutico dos últimos tempos", o artigo enaltecia-o como um factor a considerar "para o revigoramento da Raça Portuguesa.[684]"Não se pense que o apelo marítimo se confinava às competições, pois estas apenas dariam o mote para eventos vários entre 1929-1933, tais como: (1) uma festa popular, em Julho de 1929, onde participaram uma centena de pescadores poveiros, intitulada «Ala Arriba», e que consistiu na bênção das embarcações, lançamento e recolha de barcos e de redes, e numa simulação de naufrágio[685]; (2) a nova edição do «Record» Pedrouços-Tamariz, em barco-automóvel, em Setembro de 1930, com vitória do aviador Carlos Bleck[686]; (3) uma festa náutica organizada pelo GDSC, em Outubro de 1931, na Baía[687];ou (4) os passeios nocturnos[688], no Verão de 1832, a bordo do «Sul Expresso»[689], com partida do Terreiro do Paço e deslocação até Cascais (e volta).[690]

---

[682] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 27 de Julho de 1931, p161.

[683] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 4 de Agosto de 1932, p.27v; Cg. *Idem*, 24 de Agosto, p.29.

[684] A adjectivação pode ser melhor entendida na citação que revela a diversidade de embarcações populares participantes, pois haveria "corridas de barcos camaroeiros, a remos, e em vela, corridas de caiaques, buques, cacilheiros, barcos das armações de Cascais, canoas da Trafaria, do Barreiro, do Seixal e outras, na totalidade de cerca de oitenta em barcos e perto de quinhentos homens de tripulação." Cf. *O Estoril*, 20 de Agosto de 1933, p.1. Através dos exemplares do *Anuário Comercial* constata-se que o posto de delegado marítimo foi marcado pela instabilidade: em 1929 era ocupado pelo 1º tenente Polycarpo Galeão Roma, em 1930 esteve vago e, em só em 1931, seria ocupado pelo 1º tenente da Armada Luiz d'Oliveira Lima (até 1933). Cf. *Anuário Comercial de Portugal*, 1929-1933.

[685] *Diário de Lisboa*, 20 de Julho de 1929, p.5.

[686] *Idem*, 29 de Setembro de 1930, p.6.

[687] A que a CITC atribuiu uma taça. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 9 de Outubro de 1931, p.180**.** O GDSC surgira a 3 de Março de 1915, tendo como primeiro presidente Álvaro Menezes Leal e a primeira sede localizada no domicílio do sócio José Florindo de Oliveira Júnior, no Largo de Camões (Cf.Manuel Eugénio Fernandes da Silva e José Ricardo C. Fialho – *Grupo Dramático e Sportivo de Cascais, 92 Anos de Arte, Sport e Bem*, Cascais,

Evidenciando a politização das águas cascalenses em defesa do ressurgimento da Armada, da República e da «Raça» portuguesas, os *Media* indicavam a presença regular de frotas europeias no Tejo e na Costa do Sol, como aconteceu: (1) em Junho de 1929 com a esquadra italiana[691]; (2) em Junho de 1930, com a alemã (acompanhada do dirigível «Conde Zeppelin»)[692]; (3) em Janeiro de 1932, com a esquadra inglesa do almirante Osborne[693]; (4) em Junho de 1933, com a escala de divisões francesas[694]. Na década de 1930 o sector aéreo estava unido às forças navais, pelo que, às visitas acima, acresce a passagem de divisões aéreas, das quais indicamos: (1) em Março de 1932, o porta-aviões «*Courageous*», do *Fleet Air Arm*[695]que atracou em Lisboa realizou festival aéreo[696]e aos oficiais a Armada Portuguesa ofereceu almoço no Estoril[697]; (2) em Outubro de 1932, o Parque da Marinha acolheu um festival aéreo organizado pelo *Aero-Club* a favor de instituições locais e contou com a presença de Christopher Clarkson, tenente da *Royal Air Force* e instrutor da *Central Flying School*.[698]

O resgate da frota de defesa nacional compreendeu a construção de navios[699], a participação em regatas no exterior[700], a realização de exercícios ao largo de Cascais[701] ou de revistas navais na Baía[702], além de campanhas de propaganda (discursiva e fílmica[703]) e da organização do «Dia da Marinha de Guerra Portuguesa»: as primeiras campanhas decorreram em Maio de 1930, no Estoril[704], com a presença das altas esferas

---

Grupo Dramático e *Sportivo* de Cascais, 2008, pp.13-16). Em 1932 a sede mudaria para uma moradia na Avenida Emídio Navarro, nº70. Cf. *Idem*, p.96.

[688] Com lotação máxima de 100 pessoas, baile ao som de orquestra e serviço de *buffet*, tudo por 15$00. Cf. *Diário de Lisboa*, 21 de Julho de 1932, p.8.

[689] Propriedade da Empresa de Transporte Fluminense Limitada. Cf. *Idem*, 4 de Julho de 1932, p.8.

[690] A 5 de Agosto a visita visou admirar a Boca do Inferno. Cf. *Ibidem*, 5 de Agosto de 1932, p.8.

[691] Composta por 19 unidades, foram oferecidosaos 250 convivas *garden party* no Tamariz e banquete no átrio das termas, terminando o dia com fogo-de-artifício. Cf. *Costa do Sol*, 1 de Agosto de 1929, p.6.

[692]*Diário de Lisboa*, 5 de Junho de 1930, p.8.

[693] Cuja delegação foi recebida em Belém pelo chefe de Estado. Cf. *Idem*, 13 de Janeiro de 1932, p.5.

[694]*Ibidem*, 9 de Junho de 1933, p.5.

[695]*Ibidem*, 2 de Março de 1932, p.5.

[696]*Ibidem*, 4 de Março de 1932, p.5.

[697]*Ibidem*, 8 de Março de 1932, p.5.

[698]*Diário de Lisboa*, 1 de Outubro de 1932, p.5.

[699] Como o aviso «Gonçalo Velho», proveniente de Inglaterra e que fundearia em Cascais, antes de rumar ao Arsenal da Marinha, em Lisboa. Cf. *Diário da Manhã*, 9 de Março de 1933, p.3.

[700] Nas regatas de Meulan, Frederico Burnay, Vice-Comodoro do CNP, e Policarpo Anjos, sócio do clube, venceram a «Taça do *Sport Club* de Girona»na estreia em prova, o que mais enalteceu a herança cultural marítima aos olhos nacionais. Cf. *Diário de Lisboa*, 17 de Agosto de 1930, p.3.

[701] Como os do contra-torpedeiro «Tâmega». Cf. *Idem*, 8 de Agosto de 1930, p.4.

[702] Por Carmona, durante o 5 de Outubro de 1933. Cf. *Idem*, 6 de Outubro de 1933, pp.4-5.

[703] Recorde-se o filme *A Castelã das Berlengas*, realizado por António Leitão e patrocinado pela Marinha. Cf. *Idem*, 15 de Março de 1930, p.3.

[704]Esta politização promovia ainda equipamentos e predicados turísticos do eixo Estoril-Cascais.

governamentais, consistindo em exibições no mar e conferências[705] e diversões em terra. Os festejos seguintes ocorreram em Novembro de 1931, sendo o programa pontuado de provas e taças oferecidas por *O Século*, SE, SAI, ministro da Marinha eSPCS, para lá de "números de verdadeira sensação, entre os quais as canções entoadas por cerca de mil marinheiros, acompanhados por Beatriz Costa, Maria Cristina e outras artistas teatrais.[706]" O que nos reporta ao terceiro assunto ligando Cascais-Mar-Turismo: a necessidade de estruturas náuticas apropriadas ao aportar de iates de recreio, barcos de pesca e navios de Armada(s). Em 1916, Nunes da Matta relembrara o Presidente Bernardino Machado da sugestão por si apresentadaanos antes no primeiro Congresso da República de que Cascais deveria ser o porto franco da capital[707]. Em acta da CITC de Fevereiro de 1931 relevava-sea exposição do Tenente Oliveira Lima, vogal e Delegado Marítimo, quanto ao estado deplorável do porto de Cascais, sem "um molhe de abrigo e sem ao menos ter um simples caes de desembarque"[708]. Num longo discurso transcrito, o orador enumeraria as valências geográficas da vila e o retorno (nos contextos piscatório, turístico e de navegação) que o investimento teria, recorrendo a comparações com portos do Mediterrâneo. Leia-se:

> Quando Cannes, Nice, Monte Carlo (em Monaco), teem todos o seu porto de abrigo para estas [embarcações de pesca] e para as grandes embarcações de recreio, porque não teem os Estoris, que com estes querem rivalisar… o seu porto em Cascais, onde passariam a afluir as embarcações dos milionários, que presentemente aqui não veem.[709]

Oliveira Lima sugeria a parte Sul da Cidadela (protegida do vento) para a localização de estrutura que orgulhasse a nação. Transformado em desígnio da CITC, as actas seguintes reflectem a persistência para a construção do «Porto de Abrigo» junto das autoridades centrais[710]. Em Setembro receberiam ofício da Associação Comercial e Industrial do Concelho de Cascais (ACICC) a elogiar os esforços e a informar sobre a organização de representação concelhia para acompanhar CITCe CMCà presidência do Ministério, em prol da causa[711]. O jornal *O Estoril* aliar-se-ia à demanda ao apresentar

[705] No *hall* das termas, Joaquim Manso, director do *Diário de Lisboa*, dissertou sobre *O Mar: escola da Nação*. Cf. *Idem*, 5 de Maio de 1930, pp.1-3.
[706] *O Estoril*, 18 de Outubro de 1931, p.3.
[707] José Nunes Matta, *Op. Cit.*, p.6.
[708] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 2 de Fevereiro de 1931, p.135.
[709] *Idem*, 2 de Fevereiro de 1931, p.136.
[710] Como o administrador-geral dos Serviços Hidráulicos, o CNT, os ministros do Interior, do Comércio, da Marinha e das Finanças, entre outros.
[711] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 25 de Setembro de 1931, pp.177-178.

artigo com a opinião de vultos como o autarcaTenente António Cardoso, o qual defendia, não tanto um porto, mas antes um pequeno molhe de abrigo para iates, tendo o projecto de Ressano Garcia e António Belo sido remetido ao governo e orçado em "20 ou 30 mil contos"[712](valor elevado para obra que não traria compensação imediata). Natural de Cascais, Guilherme Cardim até sugeria a aplicação das receitas do jogo para tal; Lourenço Correia Gomes, ex-edil, recordou que, tanto Champalimaud como Fausto de Figueiredo tinham-se já batido por este melhoramento. O periódico terminava com palavras do Comandante do Porto de Cascais, o 1º Tenente Oliveira Lima.[713]

Em Dezembro, numa reunião que contou com a presença da CITC, a ACICC (presidida então por Paulo Pinto) e Ventura Abrantes (delegado das forças vivas do concelho), ultimou-se a representação escrita a entregar a Carmona e ao Governo, oficiando-se ainda a autarquia a nomear um membro para a delegação[714]; em Maio de 1932 a CITC insistiria junto do MCC para a construção do «Porto de Abrigo»[715]. Atentos, o *Jornal de Cascaes* suspiraria pelo crescimento económico futuro inerente à obra e *O Estoril* divulgariao projecto oferecido por Cassiano Branco à CITC (que incluía esplanada ao longo da Cidadela, molhe e cais de embarque)[716]. Dias depois, uma acta oficial registaria o voto de louvor da CITC ao arquitecto, pelo "projecto de remodelação do Passeio Cândido dos Reis, em Cascais, e construção duma estrada marginal em volta da Cidadela", o qual fora gratuita e espontaneamente oferecido[717]. O há muito adiado sonho não seria materializado pelo poder central coevo.

[712]*O Estoril*, 11 de Outubro de 1931, p.1.
[713]*Idem*, p.1.
[714]AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 3 de Dezembro de 1931, p.5. Em reunião de 14 de Dezembro a edilidade nomearia Joaquim Amâncio Salgueiro Júnior. Cf. *O Estoril*, 3 de Janeiro de 1932, p.2.
[715] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 6 de Maio de 1932, p.20.
[716]*Jornal de Cascaes*, 9 de Novembro de 1933, p.1; *O Estoril*, 17 de Dezembro de 1933, p.1. Em capa de edição posterior ilustrar-se-ia o projecto. Cf. *Idem*, 25 de Fevereiro de 1934, p.1.
[717] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 22 de Dezembro de 1933, p.51.

6.2. O Património cultural e natural

Monte e Estoril foram erguidos sobre pinhais, pelo que apenas em Cascais podemos listar a existência de património tangível e intangível, embora no início da década de 30 esta vertente não merecesse grande interesse turístico ou protecção pelas autoridades[718]; a excepção era a Cidadela, reduto operacional e residência do Chefe de Estado. Edificada em fases distintas desde finais do século XV, ali se estabeleceria D. Luís I quando, a partir de 1870, aderiu à moda dos banhos de mar em Setembro. Obra imponente implantada no coração da vila, apesar da funcionalidade militar do perímetro interno, a edilidade e a CITC preocuparam-se em embelezar o exterior, tanto que a segunda concedeu subsídio de 15.000$00 para revestimento dos muros circundantes do fosso com azulejos de motivos regionais[719]. O Presidente da República não escondia a preferência pela Cidadela, ali recebendo representantes nacionais que o felicitavam no seu aniversário, fixando residência permanente a 14 de Julho de 1933[720]. Dias depois, ali assistiria ao juramento de Recrutas do Grupo Móvel de Artilharia de Cascais, sob o comando do Tenente-CoronelMiguel Pereira Coutinho[721]. A estada de Carmona conduziria a contínuas obras de renovação.[722]

Visando funções oficiais o Palácio dos Condes da Guarda seria adquirido e adaptado a paços de concelho; de fundação incerta e reconstruído após o terramoto de 1755, em 1918 pertencia ao advogado Herlander Ribeiro, que ali instalara o Casino *Riviera Palace*[723]. Posto à venda em 1925, sete anos depois seria assinada a escritura de

[718] Mau grado a longa linha costeira decorada com fortes e faróis, apenas após a Revolução de 1974 se procederia à sua classificação como imóveis de Interesse Público. Sobre esta classificação Cf.Maria Lurdes Santos, Maria João Lima e José Soares – *Cartografia Cultural do Concelho de Cascais*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2005.

[719]AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 13 de Maio de 1930, p.92.

[720] A Circular nº1441 remetida pelo chefe de gabinete do ministro do Interior aos directores de Segurança Pública, da Polícia Internacional e da Polícia de Defesa Política e Social, e ao Comandante General da Guarda Nacional Republicana informava-os de que "o Senhor Presidente da Republica vai instalar-se esta noite no Palacio da Cidadela de Cascais, onde fica a residir." Cf.ANTT/MI/GM, mç.458, pt.4/1.

[721]*O Estoril*, 23 de Julho de 1933, p.4. A designação do pelotão da Cidadela alterara-se de Grupo de Artilharia Pesada nº3, em 1933, ano em que Pereira Coutinho assumira a liderança; no lustro em estudo eram já listados os nomes dos capitães Ávila Madruga, Raposo Pessoa e do Tenente (e médico) Mário Quina. Cf. *Anuário Comercial de Portugal*, 1929-1933.

[722] O*Diáriodo Governo*, II Série, nº30 de 6 de Fevereiro de 1934 e o *Diáriodo Governo* II Série, nº122 de 28 de Maio revelariam a atribuição de fundos para obras no Palácio da Cidadela; a mesma fonte (II Série, nº249) de 25 de Outubro de 1933 indica o custo da reparação da parada do Grupo de Defesa Móvel de Costa. Em Setembro de 1933 um jornal vaticinava que, tais obras, "em muito vão contribuir para atenuar a crise de trabalho neste concelho." Cf. *O Estoril*, 10 de Setembro de 1933, p.4.

[723] António Carvalho e Conceição Santos, *A Casa dos Azulejos*, p.47.

aquisição pela edilidade[724]; nos anos seguintes acolheria exposições e reuniões, começando as obras em 1935[725]. No período em estudo, o único conjunto edificado e legado para fins museológicos, culturais e de lazer, em Cascais, era a propriedade outrora pertença do banqueiro Manuel de Castro Guimarães[726]. A título oficioso, o Museu Condes de Castro Guimarães (MCCG) abriu ao público a 2 de Janeiro de 1931, com admissão livre para os residentes e custo de 1$00 para restantes visitantes, encerrando à Quarta-feira[727]; o primeiro conservador foi João Rodrigues da Silva Couto[728]. A título oficial, o MCCG abriria as portas a 12 de Julho, na presença do Chefe de Estado e dos ministros do Interior, do Comércio e da Marinha, a quem foram oferecidos concerto na Sala de Música e «copo d'água» nos jardins[729]. João do Couto, na altura vogal da CITC, em reunião de Outubro sugeriu que o contactassem (enquanto responsável pelo museu), para que fossem enviados e expostos na sala de leitura da sede da CITC, fotos e listas de actividades[730] disponíveis aos visitantes[731]. Em 1932 Couto deixaria a liderança do MCCG, abrindo-se concurso para admissão de novo Conservador; a 16 de Setembro de 1932 entregaria candidatura o poeta Fernando Pessoa que seria excluído pelo júri por insuficiência de habilitações académicas, escolhendo-se o pintor Carlos Bonvalot para o efeito[732]. Em Novembro de 1933, em sessão camarária, o vereador João Gaspar propôs que os restos mortais dos condes fossem sepultados conforme desejo testamentário; aprovada, por unanimidade, a proposta seguiu para o MI[733]. A 5 de Dezembro o decreto-lei nº23:301 autorizava "a inumação do benemérito Manuel de Castro Guimarãis" no sítio dos Cedros, ao que a autarquia respondeu com telegrama de agradecimento que incluía a qualificação oficial de «benemérito»[734]. A

[724] *Idem,* p.49.
[725] No início de 1931 *O Estoril* divulgava que o edifício teria um frontão igual ao da Câmara de Lisboa. Cf. *O Estoril,* 15 de Fevereiro de 1931, p.1.
[726] Falecido a 15 de Agosto de 1927 e cujo testamento lavrado em 1924 legava a Cascais a casa, o recheio e os jardins. Cf. *Boletim nº2 – Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1971, pp.20-21.
[727] *O Estoril,* 10 de Janeiro de 1931, p.2.
[728] Que trabalhara no Museu Machado de Castro, em Coimbra, e no Museu de Arte Antiga, sob alçada de José de Figueiredo (o responsável pela organização do equipamento cascalense). Cf. *Boletim nº2,* p.22.
[729] Os custos foram suportados pela autarquia e pela CITC. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 19 de Junho de 1931, p.152; Cf. *Idem,* 10 de Julho de 1931, p.156.
[730] Com destaque para os concertos do Maestro Francisco Lacerda e/ou de órgão, ao Domingo. Cf. *Boletim nº2,* pp.24-26.
[731] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 16 de Outubro de 1931, p.186.
[732] Teresa Rita Lopes – *Fernando Pessoa, a Biblioteca Impossível,* Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2001, pp.7-9.
[733] AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 17 de Novembro de 1933, pp.82-82v.
[734] ANTT/MI/GM, mç.461, pt.23/34.

cerimónia de trasladação apenas decorreria a 25 de Outubro de 1936[735]. Em termos estatísticos, os anuários consultados revelaram estes dados:

	1931	**1932**	**1933**
Número de visitantes	12.414	5.960	4.812
Receitas de entradas	5.686$50	4.209$00	3.024$00
Número de objectos doados	18	6	7
Número de objectos adquiridos	33	38	23
Total de pessoal ao serviço	9	9	9

Quadro 15 – Museu Condes de Castro Guimarães (1931-1933).

(Fonte:*Anuário Estatístico de Portugal, 1931-1933*)

Contrastando com a manutenção do quadro de pessoal com 9 elementos, verificou-se uma queda contínua quanto a visitantes e a receitas, o que revela pouco interesse no equipamento cultural em causa. Esta falha reflectir-se-ia na quantidade de objectos doados e adquiridos pelo Museu.[736]

Dedicando-nos à arte urbana, para lá das referências militares aos Mortos da Grande Guerra[737], ao Regimento de Infantaria nº19 e à Travessia Aérea Lisboa-Rio de Janeiro[738], em acta da CITCmenciona-se uma comissão organizadora para monumento a erigir ao extinto Dr. José Passos Vela, sendo doados 200$00 para homenagear o benquisto médico[739]. Quanto a património intangível, entre 1929-1933 não podemos constatar a sua valorização política ou turística, embora a comunidade piscatória local fosse elemento pitoresco nas regatas anuais ou em eventos de animação oferecidos pelos concessionários hoteleiros. Contudo, julgamos pertinente indicar como fonte passível de admiração as obras de Carlos Bonvalot. Sediado em Cascais, nos Bem Lembrados, desde 1928, Bonvalot foi vogal da CITCentre 25 de Janeiro de 1933 e 13 de Fevereiro

[735] Os discursos então proferidos podem ser lidos na obra *Homenagem aos Condes de Castro Guimarãis.*
[736] Em finais de 1933 divulgava-se a instalação de parte da colecção do Museu Oceanográfico, outrora pertencente a D. Carlos I, numa das dependências do MCCG (Cf. *O Estoril*, 17 de Dezembro de 1933, p.2), acervo que, em 1936, transitaria para o Aquário Vasco da Gama. Cf. *Boletim nº2*, p.27.
[737] A 9 de Abril de 1932 regista-se a sugestão do vogal José Lino em que fizessem dois minutos de silêncio em homenagem aos mortos da Grande Guerra. Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 9 de Abril de 1932, p.15.
[738] João Miguel Henriques, *Da Riviera,* p.237. Atente-se o pendor militar dos três registos.
[739] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 2 de Junho de 1931, p.148. O respeitável médico teria estátua inaugurada em Novembro de 1942. Cf. *O Estoril*, 24 de Novembro de 1942, p.2.

de 1934, e Conservador do MCCG de finais de 1932 até à morte, em Fevereiro de 1934; a ele se devem os frescos do tecto da renovada igreja de Santo António do Estoril e telas sobre os pescadores e a faina de Cascais.Falar de património natural no eixo em análise é abordar, sobretudo, a paisagem quase intocada do trecho de costa a Oeste da Cidadela, até às franjas de Sintra. A Boca do Inferno cativava pela caótica acumulação de rochas esculpidas pela contínua acção das vagas, e pelas furnas da Pombeira Alta e da Pombeira Baixa[740]. No capítulo anterior apresentámos citação de senhora que, na década de 1920, elogiara a beleza primeva do trecho de costa face ao cosmopolitanismo dos Estoris; igual recordação seria publicada por A. T'Serstevens que, em itinerário de viagem publicado, assim descrevia o passeio realizado entre Cabo da Roca e Estoril: "nous continuons cette flânerie par les greves rudes de Cabo da Roca et du Cabo Razo, où la mer et le vent travaillent la roche et la dune; et par goût du contraste nous la terminons dans le luxe international d'Estoril, le Deauville portugais."[741]

7. Turismo Científico e a promoção *in loco*

Nem só de exposições, festas e desportos se compunham os eventos que atraíam visitantes; uma nova tipologia de clientes emergiriana década de 1930: os delegados a congressos. Realizando-se *in loco* ou na capital e incluindo no programa social visita à Costa do Sol, o hoje denominado de «Turismo Científico» era já visto como factor de modernidade de um Estado que desejasse ser tido na vanguarda de renovação do Saber. Aliado à revolução do outrora Vale de Santo António, a passagem/estada de especialistas em diversas áreas do Conhecimento reforçaria a reputação interna do eixo e a divulgação indirecta nos países de origem dos conferencistas, bem como a certeza de que Portugal encontrara rumo na persecução de uma célere actualização intelectual vital à renovação e ao desenvolvimento do país. O regime evidenciava sinais convincentes de estar a suprir décadas de marasmo, sobretudo num decénio em que a velocidade era o lema dos países «civilizados». Em 1932, na rubrica «Temas da Actualidade» dedicada ao mote *Ciclo de Conferências*, um jornal resumia esta mais-valia nas seguintes frases:

> Cada vez são mais frequentes as conferencias, e compreende-se bem que o sejam, pois no nosso apressado tempo é uma das formas mais agradáveis de aprender e de ensinar… assuntos de historia, de arte, de ciência, de literatura,

[740] *Notícias da Costa do Sol*, 30 de Agosto de 1930, p.10.
[741] A. T'Serstevens – *L'Itinéraire Portugais*, Paris, Éditions Bernard Grasset, 1940, pp.130-131.

> que… constituem distração amena mais elevada que os divertimentos vulgares.[742]

O primeiro congresso nacional realizado no Estoril decorreu, em 1930, no *hall* das termas, reunindo bombeiros voluntários lusos na primeira reunião do género. Para lá dos encontros em cenário de sonho e da sessão de abertura presidida pelo Chefe de Estado, o programa incluiu uma recepção nos Paços do Concelho[743], um «Carcavelos de Honra» no Parque Castro Guimarães[744] e jantar no Casino Internacional oferecido "a todos os comandantes, como reconhecimento do valor e incontestável trabalho, que os bombeiros voluntários prestam ao povo das suas localidades.[745]"A ditadura militar mistificava outro tipo de associação masculina fardada plena de heróis/combatentes quotidianos e reforçava o sentido de coesão local. No Outono, o Congresso de Hidrologia realizado na Sociedade de Geografia teria deslocações às maravilhas naturais e edificadas da Costa do Sol, e a CITC contribuiria com 1.000$000 para a recepção aos médicos estrangeiros.[746]

Em Setembro de 1931, e na senda da inauguração do Casino, reunir-se-ia em Portugal o V Congresso Internacional da Crítica Dramática e Musical, após deslocação do jornalista António Ferro[747] a Paris para convencer o comité organizativo[748]. A 18 de Setembro anunciava-se a chegada ao Estoril, via *Sud-Express*, do primeiro contingente de vinte elementos, acolhidos por Figueiredo, Cardim, Virgílio Soares e Pina, em nome da SE e da SPCS; encantados com o clima, os delegados dispensaram os automóveis, preferindo caminhar até ao Hotel Palácio. O congresso (de escritores, jornalistas e críticos) iniciar-se-ia no Teatro Nacional D. Maria II e dia 22 seria oferecida, no reluzente Casino, a *Gala des Quinze Nations*, recepção que incluiu traje de gala para um programa que compreendeu «Ceia à Americana» ao som de orquestra, conferência por Ferro e exibições de música, danças e cantares portugueses[749]. Respeitando um titânico

[742] *Diário de Lisboa*, 11 de Maio de 1932, p.3.
[743] Então situados no actual edifício das Finanças, junto ao Palácio dos Condes da Guarda.
[744] *Idem*, 13 de Março de 1930, p.12.
[745] *Notícias da Costa do Sol*, 20 de Agosto de 1930, p.18.
[746] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 10 de Setembro de 1930, p.111.
[747] Escritor, jornalista, intelectual cosmopolita e, em breve, director do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN). Era ainda casado com a poetisa Fernanda Castro.
[748] Na obra *Costa do Sol: Um Século de Turismo*, defende-se como aposta de génio a de Ferro, ao aliar o "efeito propagador da imprensa" ao Turismo, "na construção da imagem de um país" que, em breve, seria delegado nas suas próprias mãos pelo Chefe de Governo. Cf.Helena Matos, *Op. Cit.*, p.76.
[749] Como fado, *performances* de Zés Pereira, vira, fandango e até uma marcha de varinos, além do então apelidado *music-hall* moderno português, com Beatriz Costa e Vasco Santana. Em suma, um imenso

programa de acolhimento os intelectuais percorreriam o país, de Sintra ao Ribatejo, do Oeste ao Porto. Após quase duas semanas de visitas e trabalhos, a reunião seguinte seria fixada em Atenas e o antigo cônsul da Grécia em Portugal reconhecia que, embora o seu país acolhesse com distinção os ilustres, admitia que "seja impossível, de futuro, igualar a apoteótica recepção feita aos congressistas em terras de Portugal.[750]" O sucesso da empresa teve efeitos promocionais a curto prazo; como descrevia *O Estoril*:

> Mais de cincoenta jornais e revistas estrangeiros teem desenvolvido relato sobre a realização do Congresso da Critica em Portugal. Em mais de 15 nações teem sido apreciadas as belezas do nosso Paíz, e ao Estoril teem dedicado artigos inteiros, que são verdadeiros hinos aos encantos que os congressistas encontraram em toda a zona da Costa do Sol.[751]

Em Setembro de 1932 realizou-se o XIII Congresso da FIDAC (Federação Internacional dos Antigos Combatentes); a delegação inglesa foi a primeira a chegar e contou com dezanove elementos que, uma vez instalados no Palácio a 30 de Agosto, se dedicou à prática do golfe até ao início dos trabalhos[752]. A 4 de Setembro iniciou-se a reunião magna no salão nobre da câmara municipal de Lisboa, contando com a presença do ministro da Guerra, prosseguindo as restantes sessões no Liceu Passos Manuel. Para facilitar a deslocação à capital dos visitantes hospedados nos Estoris cosmopolitas, organizar-se-ia comboio especial[753]; o congresso seria encerrado, no dia 10, no Palácio da Bolsa, no Porto.

A agenda de 1933 revelar-se-ia a mais preenchida até então. Em Abril, os delegados à XXI Reunião do Instituto Colonial Internacional almoçaram no Palácio da Vila de Sintra, rumandoao Estoril, onde o ministro das Colónias ofereceu chá no Tamariz[754]. Em Maio, o Hotel Palácio foi palco da reunião da Comissão Peninsular de Turismo e alojaria os conferencistas ao VIII Congresso da União dos Órgãos Oficiais de Propaganda Turística: a primeira contou com a presença de elementos ligados ao Turismo no Sudoeste francês, daí haver fontes que o apelidaram de reunião do "turismo franco-hispano-português" (iniciativa do ACP[755], sediada no Estoril). Entre trabalhos, visitas (sempre com Cardim enquanto anfitrião) e banquete de homenagem, cumpre

---

menu cultural que, em breve, a «Política do Espírito» revitalizaria e elevaria. Cf. *Diário de Lisboa*, 21 de Setembro de 1931, p.4.
[750]*Idem*, 29 de Setembro de 1931, p.5.
[751]*O Estoril*, 22 de Novembro de 1931, p.2.
[752]*Diário de Lisboa*, 30 de Agosto de 1932, p.4.
[753]*Idem*, 5 de Setembro de 1932, p.1.
[754]*Idem*, 21 de Abril de 1933, p.12.
[755]*Idem*, 9 de Maio de 1933, p.4.

destacar que, na reunião anterior em Biarritz e a que só assistiram membros franceses, se elegera, por unanimidade, o porto de Lisboa como "cais de embarque e desembarque dos turistas das Americas que visitam o Sudoeste europeu.[756]" Do encontro no Estoril saldou-se a concordância de electrificação da linha férrea Lisboa-Madrid-Paris[757] e de que o progresso do Turismo peninsular dependia da melhoria dos transportes entre Lisboa-Madrid e Portugal-Espanha[758]. Dias depois organizou-se o VIII Congresso de Propaganda Turística: a realização do honroso encontro em Lisboa devera-se a Augusto de Castro, representante português no VII Congresso, organizado em Roma, e que sugeriu o nosso país para o seguinte[759]. Reunido entre 14 e 20 de Setembro, ele passaria por Lisboa e Setúbal, incluindo alojamento e refeições de homenagem no Estoril[760] e termo em Coimbra. Esta reunião funcionou qual *fam trip*, na senda das atenções com que foram cumulados os congressistas da Crítica, em 1931, sob patrocínio do CNT.Setembro testemunharia o V Congresso Internacional de Geodesia e Geofísica[761], convocado para o edifício do Parlamento, mas usufruindo os prazeres do Estoril em banquete no Casino e *garden party* no Tamariz, gentileza de SPCS[762].O mês seguinte testemunharia as sessões de trabalho do 1º Congresso Industrial Português Continental, agendando-se recepção na edilidade lisboeta, visitas a unidades fabris nacionais e almoço no Estoril[763]. Com tantos exemplos pretendemos comprovar como o eixo Estoril-Cascais serviu de palco principal ou de cenário de fundo circulante às visitas de congressistas, sobretudo, estrangeiros. As visitas e repastos oferecidos mais não foram do que gentilezas presenteadas a um nicho de mercado intelectual e financeiro que, no retorno a casa e pela divulgação da experiência *in situ*, faria maravilhas pela imagem do nosso triângulo de estudo.[764]

---

[756]*ACP*, Maio de 1933, p.1.
[757]*Diário de Lisboa*, 11 de Maio de 1933, p.8.
[758]*O Estoril*, 14 de Maio de 1933, p.4.
[759]*O Volante*, 5 de Junho de 1933, p.7. Entre 1925 e 1935o Dr. Augusto de Castro seria Embaixador de Portugal em Roma, regressando paraser comissário-geral da Exposição do Mundo Português de 1940.
[760]As quarta e quinta sessões decorreriam ainda no MCCG. Cf. *O Estoril*, 14 de Maio de 1933, p.4.
[761] Debater-se-iam ainda meteorologia, sismologia e hidrologia. Cf. *Diário de Lisboa*, 19 de Setembro de 1933, p.4.
[762]*O Estoril*, 24 de Setembro de 1933, p.4.
[763]*Indústria Portuguesa*, Outubro de 1933, pp.41-62.
[764] A nível político, 1933 foi um ano de viragem entre a ditadura militar imposta em 1926 e a ditadura civil eleita por sufrágio a 19 de Março. Cf. *Diário da Manhã*, 20 de Março de 1933, p.3.As reuniões de vigor intelectual pendiam para o espírito da tipologia de ministros que, doravante, Portugal teria. Segundo António Costa Pinto, na primeira fase do Estado Novo (1933-1944) a média de idades da elite ministerial centrada nos 44 anos seguia a juventude do líder. Comparando origens profissionais entre 1926-1933 e 1933-1944, Costa verifica a redução para metade dos efectivos militares no governo (de 57,1% para 28,6%) e um crescendo notável de professores universitários (de 15,9% para 40%), nomeadamente de

Aos grupos de congressistas devemos juntar visitas de cariz privado, com igual importância na divulgação do destino. Comece-se em Agosto de 1929, com a estada do célebre toureiro D. Juan Belmonte, *«El Terremoto»*, e família no Hotel d'Itália, face ao excessivo calor que assolava a Andaluzia[765]; no mês seguinte, reportagens sobre um grupo de «*Balilas*» elogiariam a ordem e a disciplina da sociedade italiana re-organizada por Mussolini[766]. Em Fevereiro de 1930, doze jornalistas belgas realizaram o intercâmbio luso-belga, jantando no Casino Internacional[767], oferecendo-lhes o ACP "o tradicional passeio a Sintra e Estoris"[768]. Em Setembro, anunciava-se a chegada de holandeses a bordo do «*Orania*», que incluíam van Balen, *tour leader* que muito redigia na imprensa estrangeira sobre Portugal[769]. Em Novembro, no rescaldo da passagem de estudantes e professores do Instituto de Ensino Secundário de Cáceres, seria publicado no vespertino local *Nuevo Dia*um artigo do docente Angel Rubio y Munõz-Bocanegra, "em que o ilustre Academico entôa um hino ás belezas dos Estoris e de Sintra… onde promete voltar muito brevemente.[770]" Esta passagem coincidiu com a estada de Edgard Lippens, banqueiro e jornalista de Gand, presidente das *Amitiés Belgo-Portugaises*.[771]

Em Abril de 1931, o Hotel Palácio albergaria a rainha europeia de beleza, a *Miss* Europa Jeanne Julila, uma gasconha cujas palavras de despedida assinalam o deleite do destino. Segundo a própria: "Fiquei encantada com Portugal, e especialmente com a Costa do Sol. Estou agradecidíssima aos srs. Cardim e de Vere por me terem proporcionado estes dias deliciosos.[772]" Outras cabeças coroadas visitariam os arredores atlânticos de Lisboa, tais como os príncipes alemães de Reuss[773](Fevereiro), *Lord* Rothermere[774], proprietário do *Daily Mail* (Abril), e o Duque de

licenciados de Direito oriundos da Universidade de Coimbra. O autor recorda que Tom Gallagher empregara o termo «Catedratocracia» para o fenómeno nacional. Cf. Tom Gallagher apud António Costa Pinto – "O Império do Professor: Salazar e a elite ministerial do Estado Novo (1933-1945", *Análise Social*, Vol. XXXV, Lisboa, nº157, 2001, pp.1055-1076.

[765]*Diário de Lisboa*, 2 de Agosto de 1929, p.4.

[766] Leia-se: "A ditadura é um regímen de excepção que na nossa situação nacional tem sido reconstituinte e que podia ser salvadora." Cf. *Jornal de Cascaes*, 29 de Setembro de 1929, p.1.

[767]*O Notícias Ilustrado*, 16 de Março de 1930, p.16.

[768]*Boletim Oficial do ACP*, Março de 1930, p.11.

[769]*Notícias da Costa do Sol*, 6 de Setembro de 1930, p.17.

[770] Sempre acompanhados por Artur Coutinho Ventura, delegado do Turismo Português em Sevilha. Cf. *O Estoril*, 9 de Novembro de 1930, p.3.

[771] Alojados no Hotel Palácio, o acolhimento terminou com o acompanhamento do casal até Coimbra, realizado por Armando Vilar**.** Cf. *Idem*, 16 de Novembro de 1930, p.3.

[772]*Diário de Lisboa*, 27 de Abril de 1931, p.8.

[773]*Idem*, 24 de Fevereiro de 1931, p.5.

[774] Inglês que, para espanto dos demais, não jogava golfe. Cf. *Ibidem*, 1de Abril de 1931, p.5.

Westminster(Agosto)[775]. Em Setembro, regressaria a Inglaterra por via marítima o General Campbell e a família, após estada de três meses no Hotel Palácio: o ilustre era director-geral da *Illustrated Newspapers Ltd*[776]. Outra nacionalidade encantada com o Estoril era a holandesa, como se depreende pelas palavras da jornalista M. L. Croiset van Uchelen que, ao fim de uma semana de repouso no Palácio, suspirava em entrevista:

> – Sabe o que eu gostaria mais de fazer? Sentar-me diante da minha grande janela aberta e gosar largamente a magnifica vista sobre o mar e o Estoril, respirando a atmosfera de paz e de repouso que aqui existe. E, neste ambiente, escrever as minhas impressões.[777]

Atenção especial foi devotada à Condessa Ellen de Armil, reconhecida conferencista inglesa convidada para deslocar-se a Portugal por Santos Mendonça, director da Casa em Londres[778]. A notável recebera o título pelo enlace com um luso brasonado do Douro, sendo com orgulho que revelava prosseguir viagem rumo à América do Norte, onde promoveria a Inglaterra natal e o seu segundo país: Portugal[779]. Ainda abordando o ano de 1932 recorde-se nova passagem de Beleza e Intelecto pelo eixo em análise, através das visitas das concorrentes e vencedora do título de *Miss* Europa e da Rainha da Colónia Portuguesa no Brasil[780], e as excursões escolares com ingleses, com realce para o contingente que, a bordo do «*Doric*», aportara em Abril[781]. Refiram-se ainda três jornalistas importantes que passaram por Lisboa em missão oficial: (1) Joseph E. Sharkey, correspondente da *Associated Press of America*, em Paris[782]; (2) Paul Spelette, delegado da *Fédération Internationale de Presse*[783]; e (3) o jornalista Louis Daney.[784]

---

[775] *Ibidem*, 18 de Agosto de 1931, p.5.
[776] A este grupo editorial pertenciam reputados jornais e revistas como *The Illustrated Londons News*, *The Graphic*, *The Sphere*, *The Sketch*, *The Tatter*, *The Bistander*, *Britannia & Eve*, *The Illustrated Sporting*, *Dramatic News*. Neles, o viajante redigira vários artigos onde "teve ocasião de manifestar a sua simpatia por nós." Cf. *O Estoril*, 6 de Setembro de 1931, p.1.
[777] *Diário de Lisboa*, 26 de Maio de 1931, p.5.
[778] O próprio CNT oficiaria a CITC para reunir material de propaganda e obter hospedagem gratuita nos Estoris durante três a quatro dias, contactando-se o Hotel Palácio. Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 11 de Maio de 1931, p.146.
[779] *Diário de Lisboa*, 20 de Junho de 1931, p.4.
[780] *Idem*, 19 de Junho de 1932, p.1.
[781] Nele viajavam 1.380 alunos e professores de escolas primárias e secundárias de Londres, Liverpool e outras cidades insulares, com idades entre os 7 e os 30 anos. Cf. *Ibidem*, 6 de Abril de 1932, p.5.
[782] *Ibidem*, 21 de Março de 1932, p.4.
[783] *Ibidem*, 31 de Agosto de 1932, p.5.
[784] Este vaticinaria, inclusivé, que "esta região que vai até Cascais… está destinada a ser um centro incomparável de turismo." Cf. *Ibidem*, 11 de Outubro de 1932, p.4.

O ano de 1933 testemunharia passagem ou estada de ilustres[785], tanto que George W. Hougthonredigiria artigo publicado pel'*O Estoril*. Hougthonvisitara diversas estâncias de prazer pela Europa, mas ficara surpreso com o Estoril, fixando o texto sentado, no jardim do Tamariz, adjectivando assim a paisagem: "I have a glorious view of the entire Bay… at my feet bathers are playing beach games… the sun is bright and warm"[786]. Terminamos com um episódio bizarro que, no fim de contas, se enquadra com a ideia de que toda a publicidade é útil: a pedido de autoridades estrangeiras, em Dezembro de 1931 seria preso no Estoril Frederic Ehrenfest, ex-director do Banco Austríaco de Crédito, cuja falência contaminara instituições europeias similares. Hospedado no Hotel Miramar, o banqueiro não deixaria de elogiar a estância nacional, defendendo que "não há nada que se compare ao vosso Estoril."[787]

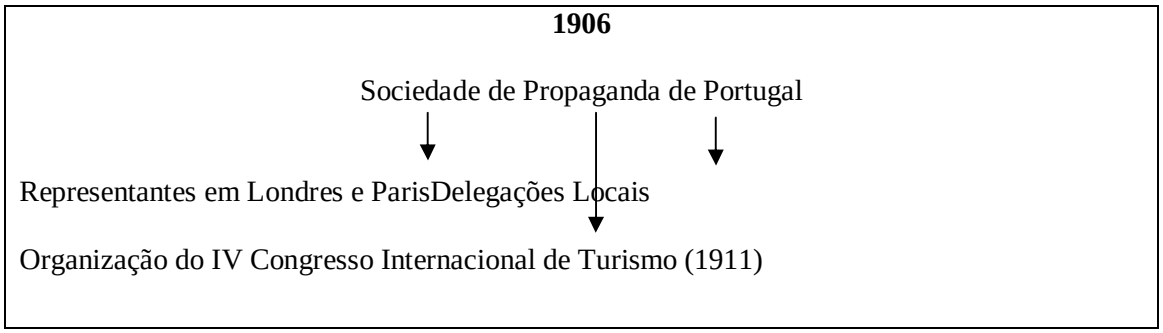
8. Entidades e iniciativas promocionais

8.1. Os primórdios: 1906-1928

O Turismosó começou a ser actividade passível de promoção aquando da fundação, a 28 de Fevereiro de 1906, da SPP. Sediada na Rua *Garrett*, nº103, em Lisboa, nela destacava-se o ferroviário Leonildo de Mendonça e Costa, o "Paladino do Turismo"[788], cujo esforço de divulgação do país levaria à produção de cartaz turístico[789] e de*Boletim* pela SPP, entre outras iniciativas. Em Maio de 1911, já sob liderança de outro sócio-fundador, Magalhães de Lima, realizar-se-ia, na Sociedade de Geografia, o IV Congresso Internacional de Turismo[790], cuja principal conclusão foi a necessidade da criação "dum organismo oficial de turismo"[791]. A capa do Boletim de 31 de Dezembro de 1913 indicava que a SPP tinha como representantes os embaixadores em Inglaterra e

[785] De novo, a SPCS contrataria as concorrentes ao título de Beleza europeu, certame então realizado em Madrid. Cf. *ACP*, Junho de 1933, p.19. Por outro lado, estudantes da escola médica de Sevilha também se deslocariam ao Estoril. Cf. *Diário da Manhã* 28 de Janeiro de 1933, p.11.
[786]*O Estoril*, 29 de Outubro de 1933, p.4.
[787]*Diário de Lisboa*, 14 de Dezembro de 1931, p.8.
[788] Paulo Pina, *Op. Cit.*, p.13. Em artigo de 1933 publicado na *Gazeta dos Caminhos de Ferro* (por si fundada no longínquo ano de 1888) seria apelidado de "iniciador apostólico da Sociedade de Propaganda de Portugal." Cf. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 1 de Abril de 1933, p.216.
[789] Enaltecendo a situação de Portugal ao nível das ligações transatlânticas.Cf.Paulo Pina, *Op. Cit.*, p.11.
[790] No programa constava uma visita dos delegados a Cascais e ao Monte Estoril. Cf.João Miguel Henriques, *Da Riviera*, p.216. Em Maio de 2011 celebrou-se o Centenário passado sobre o evento.
[791] Paulo Pina, *Op. Cit.*, p.15.

França (além de correspondentes em Londres, Paris, Roma e no Pará[792]) e, nos seus primeiros vinte anos, a SPP laboraria na criação de delegações em Portugal[793] e no mundo, de cadeiras de língua portuguesa na Universidade de Rennes e em liceus franceses, na classificação de hotéis e na criação de um *bureau de renseignements*, em Paris, em conjunto com o Estado[794]. Sumariando ideias, propomos o seguinte quadro:



Quadro 16 –Campos de acção da Sociedade de Propaganda de Portugal.

(Fonte: autora inspirada nas notas de rodapé da alínea 8.1.)

Paulo Pina recorda que, no IV Congresso Internacional, Bernardino Machado, liderando o Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE), anunciaria a criação "de uma repartição de turismo integrada no Ministério do Fomento"[795], relembrando a picaresca decoração da sede com mobília resgatada em ferros-velhos. Em 1919 o Ministério do Fomento daria lugar ao do Comércio e Comunicações e, ao outrora Conselho de Turismo suceder-se-ia o Conselho de Administração de Estradas e Turismo, ambos mediadores entre o ministro devido e a Repartição de Turismo. Na sequência do golpe de 28 de Maio, em 1927 a Repartição passou para a alçada do MI, sob supervisão, em 1929, do CNT. Legalizados os Jogos de Fortuna e Azar, a Repartição passaria a designar-se Repartição de Jogos e Turismo (RJT).

No âmbito local público, a década de 1920 seria pródiga em produção legislativa e reformulação de competências. A 23 de Abril de 1921 a Lei nº1:152 criaria comissões de iniciativa[796] em todas as estâncias hidrológicas e climáticas, a fim de as promover.

[792] Sociedade de Propaganda de Portugal (ed.) – *Boletim da Sociedade de Propaganda de Portugal*, Lisboa, nº12, 31 de Dezembro de 1913, p.1.
[793] No capítulo II indicámos o ofício nº1350-C/95 de 16 de Dezembro de 1927 remetido à CITC visando estabelecer delegação em Cascais, cuja sede estabeleceu-se no Pavilhão Estoril, na Avenida de Sabóia, Monte Estoril.
[794] *O Volante*, 20 de Abril de 1935, p.33.
[795] Paulo Pina, *Op. Cit.*, p.21.
[796] Para Licínio Cunha, "a criação das Comissões de Iniciativa, e os seus posteriores desenvolvimentos, foram o mais significativo processo de descentralização e de autonomização em relação ao poder central

No artigo 2º definia-se a sua constituição (onde pontuava um delegado da SPP) e o 5º criava a Taxa de Turismo, paga pelos frequentadores das estâncias e os concessionários da exploração das águas minero-medicinais ou que exercessem funções comerciais ou industriais. Assim se obteria o fundo financeiro para as comissões melhorarem as condições *in situ*. A 24 de Fevereiro de 1922 o decreto nº8:046 aprovava o regulamento da Lei anterior, aprumando competências (turísticas e administrativas). Quanto aCascais, o decreto nº8:177 de 5 de Junho de 1922 definia-lhe apenas uma comissão de iniciativa, malgrado o território compreender distintas tipologias de estâncias (termais, balneares, climatéricas, de lazer). A delimitação geográfica das comissões seria actualizada no decreto nº10:070 de 5 de Setembro de 1924, não sofrendo a de Cascais qualquer alteração. Instalada em sede camarária a 7 de Maio de 1922, apenas cinco anos depois a CITC teria sede própria, ao transferir-se do Casino Português[797] para o *Chalet* Americano[798] (ou *Villa* das Palmeiras), ambos no Monte. Quando em 1933 a CITC estudava possível deslocação para espaço menos dispendioso considerou-se o Parque Estoril onde pagaria 500$00, mas *O Estoril* era das vozes defensoras da permanência no Monte, por ser "não só o ponto mais central do movimento turístico da zona, mas também… porque o Monte Estoril foi o principal elemento para se efectivar a série de melhoramentos que vemos espalhados por todo o concelho."[799]

8.2. O lustro em análise: 1929-1933

Começando pela SPCS, abordámos acima eventos que a levaram a desdobrar-se em contactos para festas, acolhimentos e visitas, materiais de divulgação e publicação de anúncios nos *Media*, não negligenciando um detalhe basilar: a sustentabilidade do destino Costa do Sol, apenas atingível pela gradual melhoria das condições de vida da população anfitriã. Recorde-se ainda o lançamento de guias turísticos como o *Guia-álbum da Costa do Sol: os Estoris-Cascais* ou a organização de eventos cujo produto

---

levado a efeito em toda a história do turismo e não encontra paralelo em relação a qualquer outra actividade económica." Cf. Licínio Cunha, "A República e a Afirmação do Turismo", p.134.

[797]Cedido pela Sociedade dos Casinos do Monte Estoril, conforme agradecimento aprovado em acta. Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 11 de Março de 1928, p.9.

[798] Contrato de Arrendamento listado no Anexo V e assinado pelo então presidente Carlos Gonçalves. Em carta de 9 de Março de 1928 dirigida ao secretário-geral do ministro do Interior a CITC solicitava a manutenção do número de telefone na nova sede e "de todas as regalias dos telefones em serviço do Estado." Cf.ANTT/MI/SG, mç.335, lv.10, nº7/35.

[799]*O Estoril*, 28 de Maio de 1933, p.4.

reverteria a favor de instituições de caridade concelhias, como o «Dia da Misericórdia», a 10 de Agosto de 1930[800]. No ano seguinte o governo reconheceria conceder-lhe-ia a comenda da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial[801] ao fim de três anos de actividade; em 1932 *O Estoril* apelidá-la-ia de "Benemérita e Patriótica instituição"[802]. Em edição de Maio de 1933 esse periódico mencionaria ter nova sede nas Arcadas do Parque (onde havia sucursal da agência de viagens Cook)[803]. Nesse mesmo ano anunciar-se-iam negociações entre Guilherme Cardim e Armando Coelho[804] para que a zona de Turismo se alargasse a Sintra e incluísse a Praia das Maçãs e as Azenhas do Mar, o que *per se* criaria "uma vasta zona de turismo sem igual na Europa, pela variedade dos seus aspectos e proximidade da capital.[805]" A re-organização do aparelho turístico estatal na transição de décadas saldou-se pela pulverização de influências; em cinco anos o Turismo seria fragmentado entre o MI, o MNE, e a presidência do Conselho:

1929	**1931-1933**	**1933**
Ministério do Interior ↑ Conselho Nacional de Turismo ↑ Repartição de Jogos e Turismo ↑ Comissões de Iniciativa	Ministério dos Negócios Estrangeiros ↑ Embaixadas ↑ Casas de Portugal	Presidência do Conselho ↑ Secretariado de Propaganda Nacional

Quadro 17 – A Orgânica do Turismo Português (1929-1933).

(Fonte: autora inspirada nas notas de rodapé da alínea 8.2.)

O CNT foi criado pelo decreto nº16:999 de 21 de Junho de 1929 para coordenar o Turismo oficial; a sua génese devera-se à realização de exposições em Barcelona e Sevilha, intentando cativar a Portugal viajantes sul americanos. A 16 de Agosto e a 20 de Setembro seriam publicadas portaria e rectificação quanto à constituição dos elementos constituintes, dos quais destacamos o Coronel de engenharia Manuel Gonçalves de Silveira e Castro (vice-presidente subordinado ao ministro, e futuro Brigadeiro) e José de Ataíde (Chefe da RJT); no ano seguinte dois diplomas

[800] *Diário de Lisboa*, 9 de Agosto de 1930, p.12.
[801] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº100, 1 de Maio de 1931.
[802] *O Estoril*, 16 de Outubro de 1932, p.1.
[803] *Idem*, 28 de Maio de 1933, p.4.
[804] Filho de Adriano Coelho, principal mentor e um dos fundadores da Sociedade de Turismo de Sintra, que erguera o casino local (com serviço de restaurante, bar e concertos bi-semanais por sexteto), em plenos Anos 20. Cf. AHMC/AESP/CJMC/I/2763 – Cx.065.
[805] *Idem*, 23 de Julho de 1933, p.2.

rectificariam o artigo 1º relativo à representatividade de entidades[806]. Durante o lustro em causa, a CITC teve a acção dificultada pela recusa de hoteleiros e senhorios em pagar as taxas de Turismo; às periclitantes relações internas acrescia a confusa definição de autoridade entre organismos como a CITC, a CMC, a JAE, o Porto de Cascais e a Divisão Hidráulica do Tejo (DHT). Com base nos três livros de actas consultados destacamos como principais obras a inauguração do Solário da Pedra Alta (graças a Marques Mata), o alcatroamento e sinalização de parte da rede viária do eixo em estudo, o apoio financeiro a eventos desportivos, visitas de remonta e os donativos a instituições concelhias, para lá do investimento promocional (em formato papel ou radiofónico) dos atractivos cascalenses sempre que o diminuto orçamento o permitia. A imagem de organismo «menor» era conferida pela limitação de fundos e autoridade, obrigando a constante mudança de sede recorrendo-se a contactos pessoais dos membros. Após o arrendamento do *Chalet* Americanoa 10 de Maio de 1928, consultando as actas registadas entre 17 de Maio de 1929 e 8 de Outubro de 1930[807]nota-se a preocupação em que o edifício, pertença da Misericórdia de Lisboa e sito na Avenida de Sabóia junto ao Casino Internacional passasse a sede da CITC e da estação telégrafo-postal, como o ministro do Interior prometera[808]. Dividido em áreas públicas e administrativas, o 1º andar teria posto de atendimento turístico e sala de leitura. Entre 1929 e 1933 diversos seriam os elementos da CITC, cujas presidências estiveram a cargo de:

[806] A 7 de Julho de 1930, pelo decreto nº18:564 e a 9 de Julho pela rectificação do que fora publicado antes. Um nascimento tão atribulado explica a posição contundente do engenheiro Carlos Santos, membro da direcção do ACP, em artigo publicado n'*O Século* a 8 de Fevereiro de 1932. Em carta de 28 de Novembro, Santos repudiava a criação apressada do CNT, sem que lhe fossem definidos objectivos quanto à acção pós-Sevilha, acusando os seus elementos de não passarem de um clube de burocratas. Cf.ANTT/MI/GM, mç.478, pt.7/1 [folhas 35-38 e 66].

[807] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), pp.44-117.

[808] A 25 de Julho de 1930 nomeara-se o presidente Claro da Rica como representante plenipotenciário para proceder à assinatura do arrendamento e a 21 de Julho de 1933 escolhera-se Salgueiro Júnior para renovar o mesmo aluguer, por 715$00/mês. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 25 de Julho de 1930 p.103; Cf.*Idem*, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 21 de Julho de 1933, p.18.

Nome	Período de liderança
Horário de Faria Pereira	20/2/1929 a 16/12/1929
Tenente António Rodrigues Cardoso	16/12/1929 a 1/3/1930
Engenheiro Augusto César Claro da Rica	1/3/1930 a 29/2/1932
Mateus Oliveira Monteiro	29/2/1932 a 25/1/1933
Dr. Rui Canas	25/1/1933 a 19/5/1933
Capitão Manuel José de Ávila Madruga	26/5/1933 [até 31/12/1936]

Quadro 18 – Presidentes da CITC (1929-1933).

(Fonte: autora inspirada em AHMC/AACD/JTCE/Actas da Junta de Turismo de Cascais, livros nº2, nº3 e nº4 da CITC)

Não se afigura tarefa fácil sintetizar o remoinho de polémicas e mal-estar no ciclo em causa, pelo que esperamos ser inteligíveis. No início dos Anos 20 foram criadas as comissões de iniciativa de turismo, cujo fundo de maneio derivaria de taxas de Turismo cobradas a clientes e concessionários de estabelecimentos vários. Os três livros de actas da CITC registam falhas constantes na cobrança devido à incompetência dos fiscais[809] e à resistência dos hoteleiros em saldar as dívidas[810]. Mais grave era o facto de o Hotel d'Itália ser continuamente oficiado e indicado como maior devedor, pois o representante da classe hoteleira, Francisco Silvano Júnior, era, em simultâneo, sócio-gerente do estabelecimento e tesoureiro da CITC[811]. Para complicar as coisas, em acta de Janeiro de 1932 revela-se que elemento interno criticara a entidade junto de terceiros; visando afastar de si qualquer suspeita Joaquim Amâncio Salgueiro Júnior recordou aos pares que, sendo representante da CMC tinha de lhe prestar contas, mas nunca entrando em questões pessoais[812]. A realidade é que, dois meses depois, publicar-

[809] Acta de finais de 1929 refere que o fiscal Eugénio Sérgio Júnior não comparecia na CITC há mais de dois meses, pelo que seria demitido. Deliberando-se que não podiam existir apenas dois fiscais para supervisionar a área entre Monte Estoril/Carcavelos, António Cardoso (representante da edilidade) ficou de ponderar a entrega da tarefa à Polícia do concelho. Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 10 de Dezembro de 1929, pp.67-68.

[810] Acta de Março de 1931 relata que, recusando a quota que lhe fora atribuída pela CITC, a SAI, reuniu os hoteleiros locais e, entre eles, dividiram a avença total de 150.000$00 imposta da seguinte forma: Estoril Palácio 28.250$00, Hotel Paris e Hotel Estrade 18.850$00 cada, Grande Hotel d'Itália e Hotel Miramar 18.800$00 cada, e Hotel do Parque 10.150$00. A comissão anuiria à contra-proposta. Cf. *Idem*, 9 de Março de 1931, pp.138-139.

[811] *Ibidem*, 10 de Julho de 1931, p.158.

[812] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 10 de Janeiro de 1932, pp.9v-10v.

se-ia portaria[813] a substituir os membros da CITC; pior o soneto do que a emenda, pois a nova equipa degradaria a relação da entidade turística com as demais (públicas e privadas) locais e centrais. Resultado, a RJT oficiá-la-ia a enviar nota discriminatória de receitas arrecadadas em 1928, 1929 e 1931, ao mesmo tempo que o Tribunal de Contas a pressionava a pagar ao Estado as percentagens cobradas sobre as receitas relativas a 1927, 1928, 1929 e primeiro semestre de 1930, sob ameaça de não aprovar as contas desses anos[814]. Em Maio, o CNT remeteu-lhes as cartas trocadas entre um seu elemento, Balbino do Rego, e o edil de Cascais, Tenente António Cardoso, cujo teor abordava incompatibilidades entre a CITC e a CMC, que a primeira respondeu desconhecer[815]. Ironicamente, em Julho, o então presidente Oliveira Monteiro endereçaria ao CNT carta a queixar-se de não poder efectivar melhoramentos turísticos, pois a autarquia não acusava sequer recepção da correspondência enviada pela CITC.[816]

Em Agosto de 1932, a CITC debruçou-se sobre a questão das taxas de Turismo através da apresentação de episódios picarescos pelo fiscal Albino Sant'ana Lemos. Este recordava que, ao ser interpelada para pagamento, a esposa do proprietário Romano Esteves respondera estupefacta "O quê ainda há turismo?... [é que] disseram ao meu marido que o turismo já não existia.[817]" Lemos descreveria igual reacção de outros senhorios, os quais lhe indicavam como fonte do rumor o administrador do concelho; as suas declarações seriam redigidas, assinadas por si e pelos membros da CITC, e remetidas ao CNT[818]. Na mesma reunião deliberar-se-ia a suspensão da verbal mensal atribuída à repressão da mendicidade, face à quebra de receitas, oficiando-se o administrador do concelho[819]. Este responderia que fora, pois, "dada ordem á policia para não reprimir a mendicidade a partir do fim do mez, deixando a V. Exa. a responsabilidade das reclamações que tal facto possa acarretar.[820]" Em Dezembro de 1932 o Tribunal de Contas insistiria no pagamento das percentagens atrasadas, ao que a

[813] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº54 de 5 de Março de 1932.
[814] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 9 de Abril de 1932, p.15v; Cf. *Idem*, 11 de Abril de 1932, p.16.
[815] *Idem*, 26 de Maio de 1932, p.20v.
[816] ANTT/MI/GM, mç.462, pt.19/8 [folha 4].
[817] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 4 de Agosto de 1932, p.27.
[818] A documentação remetida está disponível em ANTT/MI/GM, mç.455, pt.21/10.
[819] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 4 de Agosto de 1932, p.28.
[820] Circular nº1396 de 24 de Agosto de 1932. Cf.ANTT/MI/GM, mç.462, pt.19/8. Regista-se a recepção do documento em acta da CITC. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 24 de Agosto de 1932, pp.30-30v.

CITC acordaria saldar as dívidas, mas a de 1927 ficaria para o orçamento seguinte[821]. Incomodado com tanta comoção, o ministro do Interior nomearia Henrique Pinto de Albuquerque Stockler[822]para apurar responsabilidades, daí resultando duas decisões:

1) a confidencial impressa na Circular nº10, de 10 de Março de 1933, dirigida pelo Chefe do Gabinete do MI, Jaime Inácio Ferreira, ao Presidente da CITC, informava que, face ao conflito com a autarquia, se demitira a CITC, pois tal situação "estorva e diminue a acção que essa Comissão poderia exercer"[823];
2) a pública seria publicada em portaria[824] que renovava os elementos da CITC, elogiando os cessantes pela "inteligência, a melhor boa forma e comprovado patriotismo"[825] com que exerceram funções.

Ventos de mudança se anunciariam a 10 de Março com a divulgação de linhas de acção propostas pelo vogal Capitão Manuel de Ávila Madruga[826]. Este depressa seria promovido à liderança da CITC após a inesperada demissão do presidente Canas e do vice-presidente Botto de Carvalho, em protesto contra o decreto-lei nº22:530 de 16 de Maio de 1933, que regulava lançamento e cobrança de receitas das comissões de iniciativa[827]. A «revolução» sugerida por Ávila Madruga seria aplicada a partir de 26 de Maio[828], conforme ilustrado na ordem de trabalhos,em acta[829]. Leia-se: (1) oficiariam o presidente do Ministério, os ministros do Interior e das Finanças, e o CNT, reclamando contra o artigo 16º do decreto nº22:530[830]; (2) contactariam hotéis, pensões e restaurantes a reclamar o pagamento das taxas de Turismo relativas ao triénio 1930-1932; e (3) sanariam as percentagens inerentes às receitas da gerência anterior (período de 1 de Julho de 1932 a 28 de Janeiro de 1933) e da actual (de 4 de Fevereiro a 18 de

[821] *Idem,* 5 de Dezembro de 1932, p.36v.
[822] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº303, de 27 de Dezembro de 1932.
[823] ANTT/MI/GM, mç.462, pt.19/17.
[824] Cf. *Diário do Governo,* II Série, nº23, de 27 de Janeiro de 1933.
[825]AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 28 de Janeiro de 1933, p.4v. A 4 de Fevereiro tomariam posse os membros que, após eleições internas, escolheriam Ruy Canas e João Botto de Carvalho para presidente e vice-presidente, respectivamente. Cf. *Idem*, 4 de Fevereiro de 1933, pp.43v-44.
[826]*Ibidem,* 10 de Março de 1933, pp.47-48. O oficial integrava a guarnição da Cidadela.
[827] Os demissionários alegavam que o diploma dificultava a acção dos organismos-alvo. Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 19 de Maio de 1933, pp.3-4.
[828] Por dois dias não coincidiria com o aniversário da ditadura militar, a cuja hierarquia pertencia.
[829]*Idem*, 26 de Maio de 1933, pp.5-8.
[830] Que obrigava as comissões em dívida a pagar ao Estado, no prazo de quinze dias, os montantes em falta, sob pena de se aplicar o artigo 11º do mesmo diploma. Arrasador, esse responsabilizava pessoal e financeiramente os membros das comissões pelas quantias em causa.

Maio), remetendo à RJT as guias de pagamento ao Tribunal de Contas e um ofício a comunicar que a CITC depositara todo o numerário que detinha, no Banco de Portugal.

Qual mago das finanças à escala liliputiana, na acta 107ª debater-se-iam formas de reduzir as despesas para o novo ano económico, ficando Ávila Madruga encarregue de estudar as propostas. A 7 de Julho, ele apresentaria ideias e resultados de diligências entretanto tomadas[831]. A saber: (1) revelara-se profícua a entrevista junto do Provedor da Misericórdia de Lisboa, o qual acederia num abatimento de 300$00 mensais para o arrendamento que, em breve, seria renovado; (2) o corte nas despesas começaria com reduções nos ordenados do tesoureiro e do jardineiro da CITC[832]; (3) confiar-se-ia a Bonvalot a escolha do modelo de placas de localização e serviços da comissão que seriam colocadas na estação ferroviária, e de um modelo de bilhete de identidade a utilizar pelos membros e auxiliares do organismo turístico; (4) envidar-se-iam esforços para colocar avisos em diferentes línguas sobre a existência de livro de reclamações na sede da CITC; (5) refirmar-se-ia parceria com a CMC, defendendo que só uma representação conjunta ao MIesclareceria as ambivalências jurídicas relativas à aplicação do decreto nº22:530, pois os ofícios da RJT não eram esclarecedores; e (6) proceder-se-ia à publicação de relatório geral das gerências, desde 1927, indicando devedores e débitos, projectos em curso e obras por executar.

Respeitando o espírito do novo decreto, a acta de 28 de Julho encerraria as contas de 1932-1933 e aprovaria o orçamento de 1933-1934, segundo o modelo imposto pelo MI[833]. Na reunião seguinte acordou-se o depósito, na Caixa Económica, de todas as importâncias arrecadadas, deixando no cofre da CITC valor sempre abaixo dos 1.000$00, só se efectuando levantamentos quando surgissem pagamentos concretos[834]. Em Novembro, decidiriam editar avisos "que os hoteleiros serão obrigados a colocar nos seus escritorios, halls e mais dependências dos seus estabelecimentos para conhecimento dos hóspedes"[835], em Português, Francês, Inglês e Alemão, de acordo com a legislação em vigor, e encomendariam ainda à tipografia d'*O Século* mil exemplares do relatório de contas das gerências de 1928 a Junho do corrente. Ávila

[831] *Ibidem*, 7 de Julho de 1933, pp.9-15.
[832] Invocava-se que, por não falar línguas estrangeiras, o tesoureiro (a quem era facultada residência na sede, luz e água pagas) tinha um auxiliar que auferia vencimento; o jardineiro ficava ainda sujeito à apresentação de um relatório sobre os trabalhos executados.
[833] *Ibidem*, 28 de Julho de 1933, pp.20-22. A portaria nº7:620 de 5 de Julho indexara o modelo de orçamento a respeitar pelas comissões nacionais.
[834] Firmando-se a seriedade de gestão. Cf. *Ibidem*, 18 de Agosto de 1933, p.22.
[835] *Ibidem*, 19 de Novembro de 1933; Cf. *Ibidem*, 24 de Novembro de 1933, p.43-45.

Madruga e a sua industriosa equipa sanariam dívidas, reduziriam despesas, reatariam ligações oficiais, incentivaram a promoção e o desenvolvimento turístico, distanciando-se da gestão danosa até aí praticada. Igual crítica ao passado e certeza no futuro seriam publicadas n'*O Estoril*, em 1933: no início de Maio foi realçada a falta de iniciativa das comissões de turismo nacionais, qualificando as duas últimas concelhias como tendo "primado pela mais completa inacção"[836]; em meados de Junho renasceria o ânimo com a assunção à presidência de Ávila Madruga, "que certamente vai imprimir aos respectivos serviços uma acção decidida e eficaz.[837]"O militar cumpriria com competência o que de si se desejava, daí ter sido nomeado para a primeira equipa da Junta de Turismo[838], em 1937, organismo derivado do Código Administrativo de 1936.

Na promoção externa, em Maio de 1929 procedeu-se à re-organização do MNE, criando-se serviços de propaganda turística no decreto nº18:624 de 16 de Julho de 1930, o que daria origem à Comissão de Propaganda do Turismo de Portugal no Estrangeiro (CPTPE): entre os seus elementos constava Fausto Figueiredo, enquanto delegado do Conselho do Comércio Externo[839]. A aposta do governo na abertura ao exterior seria reforçada por diploma que incumbiria o vogal Luiz de Arenas de Lima de estudar as organizações de propaganda externa do Turismo italiano[840]. Em 1933 enaltecer-se-ia o empenho da CPTPE na produção de brochuras, criação de Casas de Portugal e chegada de visitantes ao porto de Lisboa[841]; no nosso percurso encontrámos um desdobrável, em língua francesa, intitulado *Portugal*, onde se apostava na promoção climática do país.[842]

A Casa de Portugal em Paris nascera do decreto nº19:333 de 10 de Fevereiro de 1931; a nomeação de presidente e vogais do conselho administrativo seria revelada a 29 de Maio[843], nele constando Fausto Figueiredo. O regulamento da Casa francesa seria aprovado pelo decreto nº20:140 de 31 de Julho, que dividia a sua orgânica entre a secção de propaganda comercial e a secção de turismo (artigo 2º). Sediada na *Rue*

[836] *O Estoril*, 7 de Maio de 1933, p.5.
[837] *Idem*, 11 de Junho de 1933, p.2.
[838] Desde 1931 que se abordava a ideia da CITC publicar um boletim, o qualseria concretizado na década seguinte: intitular-se-ia *Cascais e Seus Lugares* e surgiria a 7 de Junho de 1945 sem tiragem regular.
[839] Em Agosto de 1930 sairia portaria a indicar mais elementos, dos quais destacamos Joaquim Roque da Fonseca, nome indissociável da Comissão de Turismo do ACP na década em causa. Cf.*Diário do Governo*, II Série, nº195, de 23 de Agosto de 1930.
[840] Cf. *Idem*, nº199, de 29 de Agosto de 1931.
[841] *Diário da Manhã*, 28 de Janeiro de 1933, pp.8-9.
[842] Comissão do Propaganda do Turismo de Portugal no Estrangeiro (ed.) – *Portugal*, Lisboa, Agência Geral da Ocogravura, L.da, s/d. Julgamos que o desdobrável seja datável entre 1931-1932, pois mencionam-se as Casas de Portugal em Paris e Londres, mas não a de Antuérpia, que surgiria em 1933.
[843] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº123, 29 de Maio de 1931.

Scribe nº7, esta entidade fora já integrada no orçamento de Estado de 1929-1930 e teria o primeiro orçamento aprovado, em finais de 1931[844]. Quanto à Casa de Portugal em Londres[845], ela nasceria pelo decreto nº20:104 de 25 de Julho de 1931, tendo regulamento[846] similar ao da congénere gaulesa, situando-se em *Regent Street*. O*Diário da Manhã* apresentaria imagens do Palácio das Necessidades (MNE), e das modernas casas europeias[847]; mais tarde decorreria no Casino do Estoril o jantar de homenagem ao director da Casa de Paris, após atribuição da Legião de Honra pelo Governo francês[848]. Às duas casas de raiz pública seguir-se-ia a de Antuérpia, de gestão mista[849], como se depreende pelos artigos 2º e 3º do decreto nº22:692 de 16 de Junho de 1933. Segundo Maria José Aurindo, com as três casas "inicia-se uma prática em que o novo regime apostará na representação externa da nação em Exposições Universais e Internacionais… bem como nas quinzenas culturais organizadas em diversas cidades da Europa.[850]" Defendendo a crença de que foi graças aos esforços envidados na década de 1930 que a imagem do Estoril se afirmou a nível internacional, culminamos este subtópico com a seguinte citação:

> No estrangeiro, mercê das acções internacionais de propaganda de Fausto de Figueiredo e pela Comissão de Iniciativa para o Fomento da Indústria de Cascais (criada em 1921) e pela Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, o Estoril ganharia também grande visibilidade, sobretudo a partir dos anos trinta e, em definitivo, com a Segunda Guerra Mundial.[851]

O lustro balizado terminaria com a criação do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), na dependência da Presidência do Conselho, através do decreto-lei nº23:054, de 25 de Setembro de 1933. Inicialmente instalado em São Pedro de

---

[844] Falamos de 150.000$00 distribuídos entre publicidade, despesas extraordinárias, filmes e imprensa. O orçamento em causa foi remetido pelo gerente José Pedro Ferreira dos Santos a Oliveira Salazar e anexo a carta de 28 de Novembro de 1931; nela o Estoril é definido como "o nosso primeiro e melhor centro de turismo." Cf.ANTT/AOS/CO/NE-1, cx.392, pt.1.

[845] Em 1929 António dos Santos Mendonça, Director da futura representação em Londres, fora incumbido de estudar um plano de propaganda turística em Inglaterra. Cf.*Diário do Governo*, II Série, nº84, de 12 de Abril de 1929.

[846]*Idem*, II Série, nº225, de 29 de Setembro de 1931.

[847] A montra da de Paris era coroada por luminosos *néons* a formar a palavra «Portugal». Cf. *Diário da Manhã*, 29 de Janeiro de 1933, p.16.

[848] Entre outros membros do conselho administrativo presentes não podia faltar o criador do Estoril. Cf. *Idem*, 13 de Março de 1933, p.8.

[849] Sérgio Palma Brito – *Notas sobre a Evolução do Viajar e a Formação do Turismo*, Volume II, Lisboa, Medialivros, 2003, p.608.

[850] Maria José Aurindo – *Portugal em Cartaz: A (Re)construção pelo Estado de uma Imagética do Destino Turístico (1911-1986)*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, policopiado, 2004, p.107.

[851] Carlos Cardoso Ferreira e José Manuel Simões – "Portugal Turístico ao Tempo da I República: Espaços, Lugares e Projectos", *Viajar – Viajantes e Turistas à Descoberta de Portugal no Tempo da I República*, Lisboa, Centenário da República 1910-2010 e Turismo de Portugal, 2010, p.91.

Alcântara[852], o SPN estava incumbido de dirigir e supervisionar a propaganda interna e externa, e de coordenar as acções dos ministérios envolvidos, recorrendo a meios tradicionais (formato papel, exposições e festas) e modernos (radiodifusão e cinema) para divulgar Portugal. Em entrevista, o director António Ferro[853] revelaria admiração pelo ministro alemão de propaganda, Goebbels, e o cerne da sua demanda: "– Olhar para o povo, de onde vim, para onde vou e para onde marcho sempre.[854]" Estava anunciada a aposta na «Política do Espírito», ou como diria Ramos do Ó, estava institucionalizada "a *portugalidade.*"[855]

Embora entidade privada, o ACP nunca se deteve no auxílio à promoção do país e à melhoria da rede viária. Em 1932 seriaaté aceite a filiação numa secção autónoma da *Alliance Internationalle de Tourisme*, ficando responsável pela organização e divulgação de percursos e destinos portugueses, fundando, para tal, o Centro Português de Turismo, graças ao engenheiro Carlos Santos.[856]

8.3. Exemplos pragmáticos da Promoção do destino

Em 1907, o ferroviário Leonildo Mendonça e Costa publicaria *Manual do Viajante de Portugal*[857], pioneiro guia turístico de moldes internacionais que seria continuado/revisto por Carlos D'Ornellas após falecimento do autor, e do qual acedemos a exemplar de 1940[858]. Turismo não existe sem promoção e a promoção do destino deve ser equilibrada entre públicos-alvo interno e externo. Seguindo uma linha cronológica de organização de iniciativas, começaremos por lembrar que o CNT surgira na senda de exposições espanholas, em 1929; no período anterior, já a SPP solicitara material de divulgação local à CITC[859], bem como João Paulo Freire editara um guia dirigido a portugueses e brasileiros intitulado *Lisboa-Sevilha.* Em Junho de 1929 a *Indústria Portuguesa* mencionava a edição de um roteiro Lisboa-Sevilha-Paris pelo

[852] *Diário da Manhã*, 4 de Outubro de 1933, p.6.
[853] Nomeado, em conjunto com Artur Maciel e António Eça de Queiroz, responsáveis pelos serviços interno e externo, respectivamente.
[854] *Diário de Lisboa*, 11 de Outubro de 1933, p.5.
[855] Jorge Ramos do Ó, *Op. Cit.*, p.27.
[856] *ACP*, Junho de 1932, pp.9-10.
[857] Paulo Pina, *Op. Cit.*, p.13.
[858] Leonildo Mendonça e Costa – *Manual do Viajante em Portugal*, 7ª ed., Lisboa, Gazeta dos Caminhos de Ferro, 1940. Carlos D'Ornellas daria continuidade à revista *Gazeta dos Caminhos de Ferro.*
[859] Carta de 1 de Março de 1928, dirigida pela Sociedade de Propaganda de Portugal à Comissão de Iniciativa e Turismo de Cascais (não catalogada).

Governo-Civil da capital, pois esperava-se que, "milhares de forasteiros, muitos dos quais, sobretudo os da América do Sul… passem em Lisboa"[860]. Para a exposição[861] foram ainda publicados um *Guia Oficial* pelo comissariado geral nacional e a brochura *El Hermoso Portugal* pela RJT, além de remetidoscentena e meia de fotografias e quadros pela CITC[862], que lhe valeriam uma honrosa medalha de ouro[863] e a resolução de anuir à sua manutenção, no pavilhão nacional, até finais de 1930. O decénio começaria com a edição da *Carta Itinerária de Portugal* pelo ACP[864], a preparação do álbum ilustrado *Terras de Portugal*[865], o pedido de fotografias da região para forrar as carruagens da Companhia de Caminho de Ferro portuguesa[866], e a re-edição do *Guia dos Estoris* pela CITC "para satisfaser o pedido do Conselho Nacional de Turismo, para o envio de folhetos de propaganda da região para a próxima Feira Colonial de Paris[867], a abrir em Maio do próximo ano"[868]. Em Outubro de 1930 *O Estoril* publicaria traduções de trechos de artigos de revistas inglesas: *The Sketch* elegia o Estoril como "o ponto mais ideal do sul da Europa" e *The Graphic* destacava o melhor clima do continente.[869]

Em 1931 liste-se a entrega de 1.200 postais com vistas locais ao Grupo Expansionista Os Silvas (do Estoril), que pedira material para promover a região[870] durante a excursão anual pelo país. Pretendendo responder aos pedidos das casas de Paris e Londres, a CITC requereria ao CNTsubsídio de 10.000$00 para imprimir 4.000 exemplares do *Guia-álbum*[871]. Quanto a 1932, para lá dos pedidos individuais a CITC

[860] *Indústria Portuguesa*, Junho de 1929, p.46. Acrescente-se que a revista *Ilustração* era das que mais reportagens fotográficas apresentava sobre o certame, como se observa na edição de 1 de Junho de 1929.
[861] Realizada entre Maio de 1929 e Janeiro de 1930, tendo havido, em Outubro, a «Semana Portuguesa».
[862] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 12 de Março de 1929, p.38.
[863] Atribuída pelo Ministério do Comércio e Comunicações. Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº68,24 de Março de 1930; Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 22 de Março de 1930, p.84.
[864] *Diário de Lisboa*, 3 de Janeiro de 1930, p.2.
[865] A CITC contribuiria com 400$00, com o propósito de nele incluir imagens e textos sobre Estoris-Cascais. Preparava-se ainda um álbum de honra para ser oferecido a Alfonso XIII de Espanha aquando da visita oficial, para breve. Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 4 de Fevereiro de 1930, pp.73-74.
[866] *Idem*, 15 de Abril de 1930, p.86.
[867] Em Vincennes, entre Junho e Novembro de 1931. Não nos cabe analisar as feiras e exposições internacionais, apenas nos reportando aos pedidos de material promocional a que a CITC respondia.
[868] *Ibidem*, 24 de Novembro de 1930, p.123.
[869] *O Estoril*, 26 de Outubro de 1930, p.3.
[870] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 21 de Agosto de 1931, pp.168-169.
[871] *Idem*, 9 de Outubro de 1931, p.181.

investiu em publicidade na separata «Turismo» do *Anuário Comercial*[872], na entrega de 1.800 postais à SPP para serem ofertados durante a Exposição da Indústria Portuguesa[873], e na sequência de solicitação telefónica da firma representante de uma companhia de vapores suecos cedeu ainda "15 guias dos Estoris e 100 postais ilustrados, para serem distribuídos nas suas agencias da Europa.[874]"Ainda em 1932*O Estoril* passou a inserir páginas em língua inglesa, recebendo cartas de britânicos agradecidos, e a sugestão do director da Casa de Portugal em Paris, "para que o nosso jornal faça inserir também algum texto em Francez.[875]"Ao ser incluído na *Alliance Internationalle de Tourisme*, o ACP acolheria uma missão espanhola do *Touring Club* vizinho[876] e o Major Stenson Cooke[877]. No início de 1933 anunciar-se-ia a «Semana Portuguesa» na Galiza a cargo da Companhia dos *Wagons-lits* em Portugal e do Cônsul português na cidade, Pestana de Vasconcelos. Sitas no centro de Vigo, as montras da agência exibiriam fotografias, cartazes e folhetos de Estoril, Buçaco, Sintra, Batalha, entre outros[878]. Os livros de actas da CITC registam diferentes acções encetadas, como a proposta de Carlos Bonvalot para um painel a colocar na estação do Entroncamento "como motivo de propaganda á região do nosso concelho"[879], o pagamento de 35 francos suíços à *Intervenlag-.G.* de Zurique para propaganda no *Guia Internacional das Estações Balneares e de Viagens*[880]e a entrega de 7.500$00 ao RCP para igual fim[881]. Através d'*O Estoril* somos informados da criação de um *bureau* de informações provisório no Palácio dos Condes da Guarda[882] e da opinião do jornalista Marcel Augagneur sobre o baixo custo de vida português e a cortesia do pessoal hoteleiro, que fora, outrora, apanágio do seu país; o mesmo faz votos para que, a bem do Estoril, não se conheça a queda de Nice e de Monte Carlo, admitindo que "eu ficaria imensamente

[872] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 9 de Abril de 1932, p.15v.
[873]*Idem*, 5 de Novembro de 1932, p.33v.
[874]*Ibidem*, 24 de Novembro de 1932, p.35v.
[875]*O Estoril*, 16 de Outubro de 1932, p.2.
[876] A visita compreendeu estada e refeições no Estoril, localidade a divulgar pela entidade espanhola, no retorno a casa, pela publicação de folhetos de propaganda. Cf. *ACP*, Agosto de 1932, pp.10 e 29-30.
[877] Vice-presidente da congénere *Automobile Association* e secretário-geral do organismo internacional; o ex-esgrimista olímpico seria alojado no Hotel Palácio (Cfr. *Idem*, Novembro de 1932, p.9; *Ibidem*, Dezembro, pp.18-20). Cooke retornaria ao Estoril em 1937. Cf. *Ibidem*, Fevereiro de 1937, p.17.
[878]*Diário da Manhã*, 30 de Janeiro de 1933, p.1.
[879] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 3 de Março de 1933, p.46.
[880]*Idem*, 10 de Março de 1933, p.48.
[881] AHMC/ AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 7 de Julho de 1933, p.11.
[882]*O Estoril*, 30 de Julho de 1933, p.1.

contristado no dia em que os comboios e vapores desembarcassem, sobre as suas praias, as multidões medíocres, disformes e anonimas de todo o mundo."[883]

Centrados nas iniciativas promocionais, adicionem-se três meios de divulgação turística: a Publicidade nos *Media*, a Fotografia e o Cinema. Exemplos de Publicidade são os anúncios às termas publicados na *Ilustração*[884] em 1930 e às valências de "Estoril/Costa do Sol, o clima mais temperado da Europa", resgatado de um jornal de Évora[885]. Quanto à Fotografia, Guilherme Cardoso publicou dois volumes sobre Estoril e Cascais de antanho, com recurso a imagens que, na grande maioria, pertencem a colecções privadas e não estão identificadas ao nível da autoria. Por ter sido fotógrafo oficial da SPCS, Miguel Reis merece umas linhas de apresentação: nado em Cascais, começara como amador[886] e, ao serviço da SPCS, produziria *clichés* que "muito teem contribuído para melhor se conhecerem as maravilhas desta encantadora região.[887]" Reis residia na Rua Visconde da Luz[888] e o arquivo pessoal de negativos seria por si destruído face ao desinteresse de terceiros no acervo, salvando-se apenas algum do produto final do seu labor, hoje em colecções privadas.[889]

Das imagens observadas quanto ao eixo Estoril-Cascais, uma sempre nos aprisionou a retina. Utilizada na capa do volume que Cardoso dedicou ao Estoril, em legenda interna está datada pelo autor como fotografia de Agosto de 1938, e da autoria de Miguel Reis[890]: trata-se de um instante de lazer que tem como palco principal o interior do edifício Tamariz e como pano de fundo a paisagem que dali se disfruta(va). A cena cativa o observador pelos dois planos de perspectiva e pelo jogo de luz-sombra apresentado: emoldurada por uma janela onde, protegidas pela sombra, duas banhistas sentadas junto ao seu *cocktail* desfrutam a paisagem de uma praia soalheira pontuada com toldos e veraneantes, mas cuja linha de fuga é uma reminiscência acastelada de tipo

[883]*Idem*, 15 de Outubro de 1933, p.1.
[884] O primeiro de cariz terapêutico e o segundo de intentos lúdicos. Cf. *Ilustração* de 16 de Agosto de 1930, p.6 e de 16 de Setembro, p.3, respectivamente.
[885]*Comercio e Industria*, edição da "Feira Anual de São João e de São Pedro", 1933, p.1. Este denota o intento daSPCS cativar público de província com recursos financeiros para viajar.
[886] O apelo amador da Fotografia denota-se no deleite dos anúncios da Kodak na imprensa, para lá de textos como aquele em se destacava a máquina Kodak como "o aparelho da elite que vos permitirá aqueles flagrantes instantâneos na praia." Havia-as disponíveis na Tabacaria do Parque. Cf. *Costa do Sol*, 29 de Setembro de 1929, p.13.
[887]*O Estoril*, 1 de Outubro de 1933, p.5.
[888]Guilherme Cardoso – *Cascais Passado a Preto e Branco*, Cascais, Associação Cultural de Cascais, s/d,s/p.
[889]*Idem* – Estoril *Passado a Preto e Branco/Estoril in Black and* White, trad. Jeanette Nolen, Cascais, Associação Cultural de Cascais, 1996, s/p.
[890]*Ibidem*, s/p.

medieval (*Chalet* Barros). Para lá da tela onírica o observador[891] pende o olhar para a terceira jovem que, de pé sobre o parapeito iluminado da janela e encostada ao pilar esquerdo, observa a diversão que, certamente, outros banhistas usufruíam no Oceano: é uma fotografia genial. Embora datada por Cardoso de 1938, através de investigação encontrámos a mesmíssima fotografia em documentação anterior. Nomeadamente: (1) na obra de Sousa Costa *Mapa Falado de Portugal*, editada em 1936[892]; e (2) num anúncio, de 25 de Dezembro de 1937, do periódico *The Anglo-Portuguese News*[893]. As três anónimas seriam divulgadas em poses diferentes, tanto em Abril de 1937 no último jornal mencionado[894], como na capa de uma brochura[895] produzida, em 1951, pela Junta de Turismo de Cascais(JTC). Contudo, a moldura da janela fora já alvo de registo fotográfico em edição de Outubro de 1933 d'*O Estoril*.[896]

A aceitação do recurso ao Cinema como veículo na divulgação de destinos pertence ao senso comum, mas Roger Riley e outros académicos redigiram um artigo a comprovar a eficácia da «7ª Arte» através de dados estatísticos recolhidos em localidades britânicas e norte-americanas. Desses autores retirámos seguinte trecho:

> Through movies, people are sometimes induced to visit what they have seen on the silver screen…It was originally thought that this influence was limited to natural scenery attractions… but storyline themes, exciting sequences and human relationships may also cause the public to visit locations with these attractions.[897]

No Verão de 1929 Dina Gralla e Artur Duarte chegariam a Portugal para filmar as cenas finais da película *Fraulein Lansbub*; produzido por H. da Costa (português radicado em França) e pela *Olympia Films*(firma alemã sediada em Berlim), esta comédia realizada por Erich Schönfelden teria os trechos paisagísticos identificados com legendas como «Lisboa», «Estoris» e por aí diante[898]. Se em Cascais seria gravada uma cena em viela escura, o Estoril seria o palco escolhido para a cena romântica final[899], o que, *per se*, é indiciador sobre o fosso de imagem que localidades tão

[891] Um pouco como esta tese, a distância física do observador não participante na acção fotografada corresponde à distância temporal necessária para a melhor compreensão da época em estudo.
[892] Sousa Costa – *Mapa Falado de Portugal*, Lisboa, Conselho Nacional de Turismo, 1936, p.65.
[893] *The Anglo-Portuguese News*, 25 de Dezembro de 1937, p.6.
[894] *Idem*, 3 de Abril de 1937, p.6.
[895] Junta de Turismo de Cascais (ed.) – *Estoril, La Côte du Soleil*, Estoril, 1951.
[896] *O Estoril*, 15 de Outubro de 1933, p.4.
[897] Roger Riley, Dwayne Bajer e Carlton S. Van Doren – "Movie Induced Tourism", *Annals of Tourism Research*, Vol.25, nº4, 1998, pp.191-920.
[898] *Diário de Lisboa*, 3 de Agosto de 1929, p.5.
[899] *Cinéfilo*, 17 de Agosto de 1929, p.5.

próximas emanavam. Em Junho de 1932 outro filme de origem alemã teria as cenas derradeiras registadas em Portugal. Realizado por Kurt Gerron, a acção de *Estupefacientes* decorria entre Hamburgo-Paris-Lisboa(-Costa do Sol). Em entrevista, Gerron mostrava-se satisfeito com as filmagens e o apoio dos portugueses, apenas se exasperando com a burocracia nacional, tendo-lhe valido, entre outros, o "presidente da Camara de Cascais.[900]" Na opinião de M. Léonard, *régisseur* da versão francesa, este filme era então "o melhor réclamo que se pode fazer a Portugal![901]"Na película participaram a actriz Maria Amélia e um guitarrista (em três canções, sendo uma de Fado) e no AHMC conserva-se fotografia do plano (*vide* Anexo IV). No Verão seguinte deslocar-se-ia a Portugal *Mlle*. Lole Kohn, assistente de produção encarregue de estudar a possibilidade de colaboração franco-portuguesa em filmes de Publicidade, Turismo e curtas-metragens. Arrebatada pela luz e pela paisagem, exclamou que "se Portugal fôsse um Estado norte americano, Hollywood seria Portugal![902]" O mesmo acreditava Cassiano Branco para Cascais, daí ter delineado o projecto acima referido.

9. Urbanismo e urbanidade

9.1. Interesses automobilísticos e questões rodoviárias

Na década de 1930 o automóvel era a máquina de eleição, rolando sobre rodovia revestida a esse material novo, o betão, num movimento de locomoção impregnado de deleite individual e libertador do «Homem Moderno». Em Portugal, a JAE surgira em 1927[903], o primeiro curso livre de automobilismo em 1929[904] e o Código da Estrada no ano seguinte[905]. A nível local, uma das preocupações da CITC fora a concretização de vias transitáveis, sobretudo, entre Estoril e Cascais, facto que justificava os constantes problemas orçamentais. Na prática, em finais de 1928 Raúl Ressano Garcia, engenheiro-consultor da CMC, seria convidado a auxiliar a comissão, "elaborando plantas e orçamentos das obras a fazer e encarregando-se da sua fiscalização.[906]" De facto, em

[900] *Diário de Lisboa*, 30 de Junho de 1932, p.6.
[901] *Cinéfilo*, 25 de Junho de 1932, p.25.
[902] *Idem*, 19 de Agosto de 1933, p.8.
[903] António José de Santa-Rita –*As Estradas em Portugal da Monarquia ao Estado Novo (1900-1947*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2006, p.15.
[904] Cf. Decreto nº16:571 de 5 de Março de 1929.
[905] Cf. Decreto nº18:406 de 31 de Maio de 1930.
[906] AHMC AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 11 de Novembro de 1928, pp.28-29.

Setembro de 1929,enviaria carta a autorizar o orçamento apresentado pela Sociedade de Empreendimentos Labor para proceder à segunda parte dos trabalhos de alcatroamento das ruas do Monte[907]. Por seu turno, em Março de 1930, a CITC deliberaria contactar a JAE, para esta se encarregar da conservação das ruas e estradas que pertenciam à jurisdição do MOPC, uma vez que a elevada despesa anual para os pavimentos alcatroados do troço Cascais-Monte impedia a execução de demais melhoramentos concelhios[908]. No Verão tornariam a alertar a JAE para o ónus, bem como remeteriam à CMC factura de 4.500$00 relativa à primeira prestação de conservação de pavimentos na vila[909]. Um ano depois a CITC recorreria ao CNT para que este intercedesse junto da JAE, solicitando a reparação do troço Cascais-Boca do Inferno-Guincho, pedindo ainda que fosse efectivada a via Guincho-Malveira, para permitir a ligação a Sintra o que, a concretizar-se, "viria constituir um agradável passeio para recreio dos turistas e um maior desenvolvimento turístico entre Cascais e Sintra."[910]

Ciosa da sua função, em reunião seguinte a comissão acordaria oficiar a JAE a limpar as estradas ou a conceder-lhe permissão para o efeito e para arranjar o passeio junto ao obelisco, no Estoril, pois esse era utilizado como vazadouro de imundices[911]. Em Abril de 1933 registavam-se pesados valores pagos por alcatroamentos à firma Bénard Guedes, em Cascais, e à Sociedade Labor, no Monte Estoril[912]. A circulação rodoviária era tema de interesse d'*O Estoril* que, em Janeiro de 1931, apelaria à autarquia para concluir a Avenida de Sabóia[913], mais tarde indicando que a CMC decidira solicitar, de novo, à JAE, autorização para alargar a Estrada de Sintra, na bifurcação com a Avenida Valbom[914]. Por seu turno, em 1933, o edil Tenente Cardoso publicaria relatório da obra feita em várias frentes: em Cascais destacamos a construção

[907] *Idem*, acta 15ª de 25 de Setembro de 1929, p.62.
[908] *Ibidem*, acta 26ª de 22 de Março de 1930, p.83.
[909] *Ibidem*, acta 35ª de 1 de Agosto de 1930, p.107.
[910] *Ibidem*, acta 51ª de 8 de Julho de 1931, p.154. Este desidratoseria renovado, acrescentando-se a ideia de uma rotunda junto à Boca do Inferno para facilitar o "transito e arrumação de carros e automóveis que transportam turistas áquele local." (Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 6 de Maio de 1932, p.20). Dias depois oficiariam a Marinha, para a instância ministerial recorrer à JAE, de modo a alcatroar-se o troço Guincho-Oitavos onde se situavam postos e faróis em actividade. Cf.*Idem*, 26 de Maio de 1932, p.21v.
[911] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 27 de Julho de 1931, p.163. Semanas depois a CITC avançaria com o calcetamento do troço junto ao túnel do Estoril, ali colocando o seu escudo. Cf.*Idem*, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 22 de Julho de 1932, p.24v.
[912] Respectivamente, 5.932$80 e 7.797$60. Cf. *Ibidem*, 31 de Março de 1933, p.49v; Cf. *Ibidem*, 7 de Abril de 1933, p.50.
[913] *O Estoril*, 10 de Janeiro de 1931, p.1.
[914] AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 26 de Janeiro de 1931, p.113v.

de um largo a unir a Alameda dos Combatentes e a Avenida Valbom[915]; no Monte, arranjo e alcatroamento das ruas Conde de Moser, Nice e Brighton, e das avenidas de Sabóia, das Acácias e dos Estrangeiros[916]. Legislação coeva denota a atribuição de verbas pelo MOPC para reparação da estrada Monte Estoril-Bicesse[917], decisão da Presidência do Ministério em expropriar-se o *Chalet* Nina, no Alto Estoril, para a edilidade proceder à abertura da Rua de Olivença, e a ligação à Estrada de Bicesse[918]. Criadas ou renovadas, as estradas padeciam de sinalização ou vedação, ao que actuavam a CITC ou o ACP para suprir faltas. Exemplo do primeiro caso foi o pedido da comissão ao Conselho Superior de Viação para colocar placas em artérias específicas[919] ou a remessa de sinais à administração concelhia, para as distribuir por ruas de Cascais e do Monte[920]. No segundo caso recorde-se a entrega de vedações de arame farpado pela Comissão de Turismo do ACP à JAE, com o objectivo de serem "colocadas nas curvas mais perigosas da estrada Cintra-Colares-Cascais.[921]" Dediquem-se breves linhas à Cooperativa Lisbonense de *Chauffeurs*, a pioneira empresa de táxis e autocarros a operar ao serviço do Turismo cascalense. Fundada a 1 de Maio de 1925[922], a empresa iniciaria serviço regular em Dezembro de 1928[923] e, em Julho seguinte, anuiria ao pedido da CITC para aumentar o número de carreiras diárias entre Monte-Cascais-Sintra, "a pedido dos habitantes desta região e de Sintra"[924]. Dois anos volvidos, a CITC solicitaria a criação de ligações bi-semanais entre Estoril-Cascais-Sintra-Mafra, para satisfazer os interessados em assistir aos concertos de carrilhão no convento joanino.[925]

Não poderemos aflorar o PUCS no capítulo seguinte sem recordar a lastimável condição da estrada Lisboa-Cascais, um decreto sobre arborização e uma comissão de melhoramentos. Quando em 1928 inaugurou a gare do Cais do Sodré, Fausto Figueiredo

---

[915] Após a expropriação de um prédio. Cf. *Cascais – Relatório de Delegado do Governo da Dictadura Militar Tenente António Cardoso das Obras e Melhoramentos realisados pela Camara Municipal desde a data da sua nomeação para Vogal da mesma até 31 de Dezembro de 1932*, Cascais, 1933, p.2.
[916] *Idem*, p.6.
[917] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº74, de 30 de Março de 1933. Esta dava acesso ao campo de golfe.
[918] Cf. *Idem*, nº62, de 17 de Março de 1931.
[919] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 25 de Setembro de 1929, p.62.
[920] *Idem*, 22 de Outubro de 1929, p.63.
[921] *ACP*, Maio de 1931, p.17.
[922] Recorde-se entrevista a um dos cinquenta sócios-fundadores, João Cardoso da Silva Araújo. Cf. *O Volante*, 5 de Agosto de 1939, p.15.
[923] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 10 de Agosto de 1931, p.167.
[924] *Idem*, 16 de Julho de 1929, p.54.
[925] As ligações agendadas para Quinta-feira e Domingo. Cf. *Ibidem*, acta 53ª de 27 de Julho de 1931, p.162.

apontara como necessidade estatal a renovação da rodovia entre a capital e a Costa do Sol, reparo ao qual adeririam outros defensores, tais como *O Estoril*, que qualificaria de "estado lastimoso" a sua preservação, o que não abonava a favor da primeira área turística nacional[926]. Atente-se que as estradas não se limitam ao pavimento, havendo ainda a considerar o enquadramento visual, no qual a arborização era uma preocupação que remontava a finais de Setecentos[927]; actualizando o espírito de diplomas anteriores, a 19 de Janeiro de 1931 publicar-se-ia o decreto nº19:252 para forçar o embelezamento das áreas turísticas entre Lisboa, Queluz, Cascais e os Estoris. Oficiada pela RJT, a CITC dirigir-se-ia à Direcção Geral dos Serviços Florestais para saber que árvores e arbustos requisitar, para proceder à renovação da flora cascalense[928]. *O Estoril*anunciaria o decreto para arborização dos "terrenos marginais das estradas"[929], sugerindo a criação de estrada para veículos motorizados, destinando-se a antiga, "que em muitos pontos mais parece uma Azinhaga, para o resto do trânsito"[930],revelando a deliberação camarária de 24 de Agosto e a criação de uma equipa encarregue de reflorestar terrenos baldios junto às estradas Cascais-Sintra e Cascais-Lisboa.[931]

A necessidade de medidas de fundo levaria o MOPC a publicar, em Novembro de 1932, uma portaria[932] a criar uma comissão de melhoramentos para a Costa do Sol, liderada pelo presidente da JAE e com representantes da Administração Geral dos Serviços Hidráulicos, do CNT, da CMC, da SEP, da Direcção Geral de Assistência e da CITC. Incumbida de, em "trinta dias, apresentar um programa de trabalhos a considerar"[933], semanas depois ser-lhe-ia acrescentado representante da Direcção Geral da Saúde Pública[934]. Em Novembro, a CITC pronunciar-se-ia sobre a premência da reformulação do saneamento e higiene concelhios como chave para o desenvolvimento

[926]*O Estoril*, 14 de Dezembro de 1930, p.2.
[927] Concretamente, ao reinado de D. Maria I e a um decreto de Março de 1791 (Cf.António José de Santa Rita – *Doutrina e História das Estradas de Portugal, 1927-1947*, Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto, policopiado, 2004, p.105). Em 1926 devera-se a José Nunes da Matta uma publicação que alertava para a disparidade municipal entre o primado de pinhal no Monte e no Estoril, em contraste com a necessidade de flora robusta, sobretudo na freguesia de São Domingos de Rana, de forma a amenizar o vento oceânico, contribuindo-se para a cura da tosse convulsa ou coqueluche. Cf. José Nunes da Matta – *Arborisação do Concelho de Cascais e sua influência no Futuro deste Concelho*, Lisboa, Serviços Gráficos do Exército, 1926, p.7.
[928] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 2 de Junho de 1931, p.149. No seu relatório de 1933, António Cardoso inclui a arborização da Alameda dos Combatentes enquanto objectivo atingido. Cf. *Cascais – Relatório de Delegado do Governo*, p.3.
[929]*O Estoril*, 8 de Fevereiro de 1931, p.1.
[930]*Idem*, p.1.
[931]*Ibidem*, 6 de Setembro de 1931, p.2.
[932] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº257, de 2 de Novembro de 1932.
[933]*Idem.*
[934] Cf. *Ibidem*, nº282, de 2 de Dezembro de 1932.

turístico[935]. Na sessão seguinte, o vice-presidente José Lino, delegado da CITC à primeira reunião informal da comissão de melhoramentos relatava que, Fausto Figueiredo (representante da SEP) pedira prioridade para o Estoril face à indiferença votada pelo município, ao que Lino o informaria dever-se à CITC um conjunto avultado de obras como a estrada de ligação Monte Estoril-Estoril, o alargamento e calcetamento do largo da estação do Monte e das principais artérias de Monte e Cascais, além da sua sinalização, estando em curso a arborização do adro da igreja de Santo António[936], referências que Figueiredo desconhecia[937]. Uma das obras mais necessárias à região era uma estrada oceânica, felicitando-se o ministro das Obras Públicas, Duarte Pacheco, por ter-se debruçado sobre a questão, ao elogiar-se a acção assim: "Ainda bem que se começam a ver as coisas do turismo com o cuidado e intervenção do Poder Central.[938]" De facto, a 10 de Abril o MOPC publicara o decreto nº22:444 a encarregar o vice-presidente da Sociedade Francesa de Urbanistas, Alfred Agache, "de proceder ao estudo preliminar de urbanização da zona de Lisboa ao Estoril e Cascais." Em Julho o *Diário de Lisboa* focaria a atenção na necessidade de um plano de urbanização para a capital e a estada do especialista, com o intuito de construir "uma estrada automobilística de Lisboa a Cascais.[939]" As sementes da revolução urbanística que se avizinhava incluíam a reorganização da JAE, prenunciada no decreto nº23:239 de 20 de Novembro de 1933.

9.2. A realidade dos flagelos municipais

Um inquérito sobre águas e saneamento conduzido sob a égide do MOPC[940], em 1934, facultou-nos o panorama geral da autarquia. A vila era abastecida de água proveniente da Malveira, sendo conduzida para reservatórios na Pampilheira e, daí, distribuída para povoações interiores como Torre, Birre e Cobre, bem como para parte dos Estoris. De datação incerta, a deficiente canalização teria direito a projecto de

[935] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 5 de Novembro de 1932, p.33. Pouco depois, o vogal Marques Mata apresentaria documento sobre higiene e urbanismo que seria remetido à comissão de melhoramentos, após aprovação dos restantes membros da CITC. Cf. *Idem*, 7 de Janeiro de 1933, p.4v.
[936] Esta reformulação arrastar-se-ia até ao Verão de 1934. Quando terminada, a empreitada incluiria muro, bancos e floreiras decorativas, como pode ler-se em diferentes actas dos livros nº2 e nº3. A última referência remete-nos para o Verão de 1934. Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 24 de Agosto de 1934, p.19.
[937] *Idem*, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 24 de Novembro de 1932, pp.34-34v.
[938] *O Estoril*, 7 de Maio de 1933, p.1.
[939] *Diário de Lisboa*, 24 de Julho de 1933, p.5.
[940] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº133, de 11 de Junho de 1935.

renovação da autoria do engenheiro municipal, Ressano Garcia, em 1933. Quanto aos Estoris havia três redes de abastecimento: (1) a da CMC[941], derivada da barragem do rio da Mula, da Atrozela e, no Verão,do poço do Pisão, as quais convergiam para o reservatório da Cruz da Popa, rumando em Monte Estoril; (2) a da SE, abastecida pela Fonte da Atrozela, depositada no reservatório do Goulão[942] e destinada aos seus terrenos no Vale de Santo António; e (3) a da Companhia Geral das Águas que abastecia metade do Monte, graças a duas nascentes em Capa Rota e uma terceira em Manique de Cima.

O mesmo inquérito indicava que o saneamento era uma realidade parcial, tendo sido elaborado, em 1917, por Silva Júnior, e renovado por Ressano Garcia, em 1930: os novos colectores seriam de grés e betão, assentando o geral ao longo da ribeira dos Mochos e despejando as impurezas, no mar, em Santa Marta. Em Cascais, onde não havia rede havia fossas que eram esvaziadas com regularidade; nos Estoris havia a rede de esgotos camarária e a daSE**.** No relatório de 1933, o Tenente Cardoso mencionava como melhoramentos concretizados em Cascais os colectores rumo a Santa Marta, e a substituição de condutas para abastecer prédios na Estrada da Boca do Inferno; para o Alto Estoril construir-se-iam esgotos e estação experimental de tratamento[943]. O edil sugeria que"deveria o Govêrno destinar durante alguns anos 50% das receitas do jogo desta zona ás obras, de sanidade que são necessárias ao desenvolvimento turístico da região", pois a autarquia não tinha recursos financeiros para um projecto tão vasto[944]. Cardoso aludiria ainda a infeliz campanha de águas que, em 1932, opusera a CMC a certos elementos concelhios representados na figura do advogado Carlos Granja[945]: em linhas gerais, a Câmara de Oeiras contactara a vizinha para firmar acordo de fornecimento de água, mas factores externos transformaram a simples transacção em facto político[946]. Tudo se esfumaria num instante, como resumia o Tenente: "o publico

[941] Este saneamento pertencera à Companhia do Monte Estoril, sendo cedida à autarquia.
[942] Junto à Penha Longa, a 5Km do Estoril, fora projectado pelo engenheiro M. Alves Costa, despejando resíduos no ribeiro do Estoril, que fora entubado e dirigido para saída junto aos rochedos de Cadaveira.
[943]*Cascais – Relatório de Delegado do Governo*, pp.2-7. Sobre os abastecimento de águas ao Monte e ao Alto Estoril encontrámos três portarias do MOPC a atribuir subsídios para materiais e mão-de-obra no *Diário do Governo*, de II Série, de 1933, de 2 de Agosto (nº177) e de 19 de Agosto (nº192), além de decreto da presidência de ministros a autorizar a expropriação, por utilidade pública, de terreno inculto, mas vedado, pertença de Joaquim José da Cunha, para assentamento de conduta de água. Cf.*Diário do Governo*, II Série, nº263, de 10 de Novembro de 1930.
[944]*Cascais – Relatório de Delegado do Governo*, p.15.
[945] Para mais dados consulte-se: Guilherme Cardoso e José D'Encarnação – *Para uma História da Água no Concelho de Cascais*, Cascais, SMAS de Cascais, 1995, p.46.
[946] Em ofício nº183 de 22 de Maio de 1933, o governador civil do distrito de Lisboa remeteria ao MI um artigo de jornal que o edil oeirense, João António de Saldanha Oliveira e Sousa refutava, por ser fruto de má-fé política de terceiros. Cf. ANTT/MI/GM, mç.462, pt.19/38.

ao saber que a sua Câmara estava vendendo agua que iria para o mar se esse contracto não tivesse sido feito, reconheceu a sua utilidade e acerto."[947]

As edições d'*O Estoril* publicadas entre 1930-1933 revelam queixas sobre falta de água, a evolução dos trabalhos na represa do rio da Mula, o desleixo de proprietários de Cascais e do Alto Estoril (que protestavam após a construção de colectores, sendo da sua responsabilidade a ligação às habitações[948]), ou a incúria dos moradores do Monte, que lançavam dejectos à ribeira, junto ao barracão do«João dos Caracóis»[949]. Visando pôr cobro às más práticas sanitárias, o MI lançaria o decreto nº23:362 de 15 de Dezembro de 1933, para obrigar os proprietários a instalar as canalizações à rede tubular pública de esgotos. Interessante confronto de prioridades foi o reparo enviado ao *Diário de Lisboa*, em 1933, no qual o redactor se interrogava: "não seria de bom conselho que enquanto se proporciona o bem estar dos estranhos se pensasse um pouco no conforto dos indigenas?[950]"Em 1932, outro artigo de opinião (por Herculano Nunes), recordava tempos idos em texto intitulado *Naquele tempo não era a "Costa do Sol"… não havia turismo, mas havia água*[951].Por outro lado, em Março de 1931, a água extraída de nascentes em Vale de Cavalos pela firma Contreiras & Contreiras, Limitada, recebeu aval para ser engarrafada e consumida como água de mesa.[952]

A falta de higiene concelhia explica os recorrentes surtos de febre tifóide, resultantes de deficiente captação, depuração e canalização de águas empregues em consumo e em lavagens[953]; para a combater, a CITC facultava donativos à Inspecção de Saúde de Cascais[954]. Em Novembro de 1931, o vogal Marques Mata, Subdelegado de Saúde municipal, proferiu tese transcrita em acta onde recordava que os três problemas higiénicos cascalenses eram as águas, os esgotos e as doenças infecciosas e parasitárias, revelando-se contundente na seguinte afirmação:

---

[947] *Cascais – Relatório de Delegado do Governo*, p.17.
[948] *O Estoril*, 6 de Setembro de 1931, p.3.
[949] *Idem*, 16 de Julho de 1932, p.1.
[950] *Diário de Lisboa*, 21 de Junho de 1933, p.3.
[951] *Idem*, 12 de Agosto de 1932, p.4.
[952] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº67, de 23 de Março de 1931. Apesar da existência das três nascentes termais junto ao Estoril e das boas águas de mesa com rótulos «Vale de Cavalos» e «Água de São José» (de Parede), a Costa do Sol não vingou em lançar no mercado marcas duradouras como aconteceu em França com o Dr. Perrier e as águas de Vergèze ou os irmãos Gallimard e as águas de Vals. Cf.Marc Boyer, *Les Villegiatures*, pp.58-59.
[953] O que justifica a SE ter realizado furos e sistema de saneamento só para os seus edifícios.
[954] Em finais de 1928, entregaram 2.000$00 para se adquirir material de desinfecção para erradicar o surto de tifóide que então de verificava. Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 23 de Dezembro de 1928, pp.32-33.

> Enquanto não houver pela higiene a rigorosa atenção que lhe é devida, podem fazer casinos sumptuosos, hotéis de luxo, meios de transporte o mais aperfeiçoados… parques majestosos, digressões as mais tentadoras, festas de desporto do mais requintado gosto que ficará sempre uma casca de laranja onde a reputação deste concelho como praia e estancia de repouso, cura, climatérica e de turismo, poderá resvalar d'um momento para o outro.[955]

Semanas depois, a ideia da criação de um posto de desinfecção seria apresentada à CMC, para esta ceder um terreno[956], mas a alteração de elementos na CITC e a falta de recursos adiaria o projecto, apesar de tratar-se "d'um melhoramento indispensável á saúde do concelho"[957]. Um dos detalhes que mais nos chocou foi a notícia de que, à beira da linha férrea, na passagem de nível de entrada da gare de Cascais, existia um pestilento galinheiro[958]; na mesma estação terminal demoraria a concretização de mictório, exigência derivada da CP[959]. A par das cruzadas nacionais a favor dos desempregados, contra a tuberculose e contra o analfabetismo, em meados de 1931 anunciar-se-ia a «Semana da Higiene»[960]. Concentremo-nos nos inimigos alados da saúde pública: moscas e mosquitos. A intensa campanha que encerrou a década de 1930 tinha, na verdade, raízes seculares: já em 1893, em *Manhãs de Cascaes*, Alfredo Pimentel satirizava a situação ao comparar as moscas lisboetas com as das praias, acusando as últimas de terem dentes e serem carnívoras, *ergo*, "as moscas saloias são muito piores![961]" Intentando combater parte do pesadelo, o governo lançaria a portaria nº6:114 de 24 de Abril de 1929, e a CITC substituiria caixotes de lixo de madeira por outros em zinco e com tampa[962]e auxiliaria a delegação de Saúde a adquirir pulverizadores de pó para extinguir pragas[963]. O problema não se confinava as áreas rurais, pois em Setembro de 1931 *O Estoril* criticava o "cheirete insuportável nalgumas ruas do Monte Estoril e Parque Estoril", derivado de estrume a putrefazer-se[964]. Em acta de Maio de 1933 o engenheiro Ressano Garcia e o médico Ruy Canas ficariam encarregues de estudar meios eficazes no combate aos insectos, mas o segundo

[955]*Idem*, 13 de Novembro de 1931, p.191.
[956]*Ibidem*, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 29 de Dezembro de 1931, p.7v.
[957]*Ibidem*, 11 de Abril de 1932, p.16v.
[958]*O Estoril*, 23 de Novembro de 1930, p.1.
[959]*Idem*, 30 de Julho de 1933, p.2.
[960]*Diário de Lisboa*, 19 de Maio de 1931, p.5.
[961] Alberto Pimentel – *Manhãs de Cascaes*, Lisboa, Livraria Férin, 1893, p.15.
[962] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 29 de Novembro de 1929, p.67.
[963] A delegação solicitaria ainda que a comissão realizasse cartazes ilustrados para instrução pública. Cf.*Idem*, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 2 de Julho de 1932, p.24v.
[964]*O Estoril*, 20 de Setembro de 1931, p.2. Novo reparo seria feito aos lagos do Parque Estoril, em Junho de 1933. Cf.*Idem*, 4 de Junho de 1933, p.2.

lembraria que "este problema depende do saneamento geral do concelho"[965]; por seu turno, *O Estoril* indicaria a cobertura da ribeira que atravessava Cascais como solução para afastar mosquitos[966]. A luta continuaria com base em guerra química graças ao *Fly-Tox*, cujos anúncios o indicavam como "o inimigo feroz das moscas e dos mosquitos, aromático como nenhum outro e inofensivo a tudo que não sejam insectos."[967]

A deficiente iluminação pública era outro problema: quando em finais de 1930 o taxista Alberto Marinha Arraia foi assassinado na Avenida de Portugal (ou dos «Pavilhões»), atribuir-se-ia o desfecho à falta de luz na vereda[968]. Para lá do brilho das inaugurações do Palácio e do Casino, de eventos como a Feira das Amostras e de espectáculos como os de luz e cor da «Fonte Luminosa» trazida da Exposição Colonial de Paris, as Companhias Reunidas de Gás e Electricidade eram criticadas pelo desmazelo da rede pública. *O Estoril* defendia melhorias reportando-se aos estrangeiros que chegavam para a época de Inverno[969], solicitaria atenção às estradas entre os Estoris e Cascais[970], e saudaria a colocação de mais de 2.000 lâmpadas ao longo da Avenida de Sabóia, aquando do Corso em Fevereiro de 1931[971], mas em vão. Por seu turno, a CITC conseguiria acordar com a empresa a colocação de candeeiros na Rua de Olivença, junto à linha férrea, e no termo da Avenida dos Combatentes, sobre a esplanada da Praia da Ribeira, em Cascais[972]. Contudo, o eixo turístico era votado à escuridão do pôr ao nascer-do-sol, com excepção para as quatro bombas de gasolina em frente ao Parque, como relembraria um leitor em reparo publicado em periódico[973]. Em Maio de 1933 começariam as negociações entre a CMC e as Companhias quanto ao novo contrato de iluminação, "constando-se que se pensa na municipalização desse importante serviço publico.[974]" Asituação só teria rumo com o decreto-lei nº28:123 de 30 de Outubro de 1937 do MOPC, pela concessão, à Federação Eléctrica Municipal de Oeste, da distribuição de energia em alta tensão na faixa litoral a sul de Alcobaça.

---

[965] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 12 de Maio de 1933, p.1.
[966] *O Estoril*, 21 de Maio de 1933, p.2.
[967] *Idem*, 16 de Julho de 1932, p.5.
[968] O comentário sardónico surgiria em jornal local (Cf. *Ibidem*, 10 de Janeiro de 1931, p.1). É precioso o pormenor de que a vítima fora socorrida à segunda tentativa após Francisco Costa, jardineiro do Parque Estoril, ter ido a casa buscar fósforos. Cf. *Diário de Lisboa*, 26 de Dezembro de 1930, p.8.
[969] *O Estoril*, 2 de Novembro de 1930, p.1.
[970] *Idem*, 9 de Novembro de 1930, p.1.
[971] *Ibidem*, 15 de Fevereiro de 1931, p.1.
[972] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 11 de Abril de 1932, p.16v.
[973] *Diário de Lisboa*, 13 de Julho de 1932, p.3.
[974] *O Estoril*, 14 de Maio de 1933, p.1.

Para além das obras de construção/renovação mencionadas, refira-se o Largo das Palmeiras, no Monte Estoril: no início de 1929 a CITC deliberaria aproveitar o terreno do Sr. Rugeroni(onde se situava a taberna do «José dos Barracões») para ali instalar um jardim público, "velha aspiração dos habitantes do Mont'Estoril"[975]. Falhadas as negociações, em acta 1930 a CITC registaria a anuência da CMC na aquisição partilhada do espaço[976]; em reunião de Janeiro seguinte, a edilidade deliberaria a sua expropriação[977] e o pagamento de 150.000$00 ao proprietário[978], que seria confirmada pelo governo sob a razão da utilidade pública, para criação de jardim[979]. O terreno[980] seria limpo, murado e reflorestado, juntando-se-lhe pavilhão central com sanitários na cave[981] inaugurado em 1936. Sobre espaços públicos refira-se a inauguração do mercado do Estoril, em 1932[982] e o contínuo pedido por similar estrutura no Monte.[983]

9.2.1. Turistas e banhistas

No universo turístico apresentem-se reclamações de visitantes, obras nas praias e dados avulsos. À CITC chegavam todo o tipo de desagrados, desde o protesto de hóspedes alojados nos hotéis do Parque sobre a falta de caixas de madeira no *hall* dos mesmos para depositarem correspondência[984], à informação do engenheiro Eduardo Pinto Bastoque escutara amigos ingleses referir um odor pestilento nos quartos do Palácio sempre que soprava o vento[985]; da queixa de banhistas sobre a imundice do túnel rumo à praia do Monte[986], ao reparo da falta de bancos em lugares públicose

[975] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 17 de Maio de 1929, p.44.
[976] *Idem*, 24 de Novembro de 1930, p.122.
[977] AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 26 de Janeiro de 1931, p.114.
[978] *O Estoril*, 8 de Fevereiro de 1931, p.3.
[979] Uma parcela do terreno pertencia aos herdeiros de José Joaquim da Silva Graça, o que arrastou negociações iniciadas em 1929. Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº186 de 13 de Agosto de 1931.
[980] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 30 de Outubro de 1933, p.36.
[981] *Idem*, 8 de Dezembro de 1933, p.48.
[982] Situado no Vale de Santa Rita, em São João, servia as populações de Estoril, Alapraia e Galiza. Foi criado graças a membros da Junta de Freguesia do Estoril como o presidente Joaquim Nascimento Gourinho. Cf. *Diário de Lisboa*, 14 de Agosto de 1932, p.1 e p.4.
[983] *O Estoril*, 8 de Outubro de 1933, p.1.
[984] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 9 de Março de 1931, p.140.
[985] *Idem*, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 6 de Maio de 1932, p.19v.
[986] A CITC oficiaria a DHT, pedindo aval para colocar uma grade de ferro e cadeado, funcionando o túnel apenas durante o dia, evitando-se o alívio dos transeuntes. Cf. *Ibidem*, 4 de Agosto de 1932, p.28.

miradouros[987]. Da Casa de Portugal em Londres chegariam desagrados reportados sobre a mendicidade e o tratamento dos hóspedes no Hotel Paris[988]. Outra «Cruzada» da CITC era o usufruto das praias, que levá-la-ia a extremos de alteração paisagística pelo dinamitar de rochedos no Monte Estoril, "que muito prejudicam as pessoas que naquela fasem uso de banhos de mar"[989]. A CITC oficiaria ainda a DHT para destruir-se o muro que separava as praias do Monte e do Estoril, pois esse acesso em "muito viria contribuir para o alargamento e embelezamento destas praias.[990]" Um dos maiores inimigos da reduzida enseada do Monte eram os temporais de Inverno que lhe retiravam seixos e areia (como em Fevereiro de 1931), ao que a DHT contribuiria com 6.000$00 para "construção de uma esplanada que vai da praia do Estoril até Cascais"[991]. No Verão seguinte, o líder da CITC seria nomeado presidente do Conselho Superior de Obras Públicas, pelo que indagaria a Hidráulica sobre o projecto de mudança do colector da praia e construção de esporão, para evitar o desassoreamento[992]. Sobre o Tamariz, a Comissão decidiria colocar um relógio eléctrico do relojoeiro Aurélio Romero e contactar o MOPC para que terminassem as obras na esplanada e se efectuassem os balneários projectados[993]. Por seu turno, um jornal local criticaria o facto de a Rua de Olivença servir de depósito a barcos, madeiras, pedras e imundices, impedindo-se o acesso a uma praia tão turística, e na qual se exigiam "retretes e mictórios"[994]. Quanto a Cascais, Ressano Garcia ficaria encarregue de projectar e orçar uma proposta para embelezamento de muralhas e construção de escadas de acesso às praias da Conceição e da Duquesa[995]; embora sem grão de areia, a Boca do Inferno era outro atractivo troço costeiro que, para segurança dos visitantes, necessitava ver reparada a balaustrada que circundava o precipício.[996]

Projecto grandioso, controverso e efémero foi a imensa escadaria que ligaria o centro do Monte Estoril à estação ferroviária e cujos alçados seriam apresentados em *O*

[987] *Ibidem*, 7 de Janeiro de 1933, pp.40-40v.
[988] *Ibidem*, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 26 de Maio de 1933, p.7.
[989] *Ibidem*, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 13 de Março de 1930, p.81.
[990] *Ibidem*, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 24 de Agosto de 1932, p.30.
[991] *O Estoril*, 15 de Fevereiro de 1931, p.1.
[992] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 3 de Agosto de 1931, p.165.
[993] *Idem*, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 25 de Setembro de 1933, p.29.
[994] *O Estoril*, 17 de Setembro de 1933, p.4.
[995] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 13 de Maio de 1930, p.90.
[996] *Idem*, 11 de Maio de 1931, p.145.

Estoril[997]. Em finais de Maio a CITC deliberara que, por falta de candidaturas públicas para desenho e orçamento, contactaria directamente o arquitecto Norte Júnior, face à urgência da obra[998], e a construção iniciar-se-ia sob supervisão do engenheiro Ressano Garcia[999]. Por falta de fundos, a CITC solicitaria à autarquia que avançasse as obras e, em Julho de 1933, projectaria um miradouro com latadas ou pérgulas e bancos, a Ocidente da escadaria[1000]. Apesar da importância turística do equipamento, este serviria de arma de arremesso quando populações interiores protestavam sobre falhas tão basilares como a de recolha de lixo, o qual, acumulado, se tornava foco "de infecção e viveiros de moscas. Em contra partida, faz-se no Mont'Estoril uma escadaria monumental com baixos relevos artísticos, servindo de acesso a um Casino que fechou"[1001]. A construção da estrada Marginal levaria ao seu desaparecimento.[1002]

Sobre toldos, barracas e materiais disponibilizados para aluguer aos banhistas, em Junho de 1931 a CITC adquiriria lona espanhola tricolor para se confeccionarem barracas e toldos, além de cadeiras e esteiras[1003]. Gratuitamente cedidos aos banheiros, estes ficavam encarregues da sua manutenção e sujeitos a fiscalização pelos praças-de-marinha ao serviço da delegação marítima de Cascais; terminada a época estival de 1933 e falhando as negociações entre a CITC e os banheiros para venda dos materiais, a comissão acabaria por recolhê-los em armazém até ao Verão seguinte[1004]. Outras das preocupações com o bem-estar dos clientes residiram na crítica à especulação de senhorios face aos alugueres oferecidos[1005] e na luta contra o pão duro disponível ao Domingo[1006]. Algo então sinónimo de patriotismo era a proibição de afixar-se informação em língua estrangeira em placas de sinalização, *placards*, e até ementas de hotéis e restaurantes. O impedimento derivava dos decretos nº17:950 de 10 de Fevereiro

[997] O periódico descrevia-a como "Escadaria Monumental". Cf. *O Estoril*, 25 de Dezembro de 1930, p.5.
[998] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 27 de Maio de 1930, p.95. A proposta submetida pela comissão ao CNT e à CMC seria por ambos aprovada. Cf. *Idem*, 19 de Agosto, pp.110-110v.
[999] *Ibidem*, 24 de Novembro de 1930, pp.122-123.
[1000] *Ibidem*, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 7 de Julho de 1933, p.13.
[1001] Alusão ao Casino Internacional na carta de António Emídio Abrantes, residente na Galiza, remetida à CITC e datada de 2 de Setembro de 1931. Cf.ANTT/MI/GM, mç.462, pt.19/8 [folha 2].
[1002] Em 1939, um articulista saudaria o fim do "aborto". Cf. *O Estoril*, 29 de Setembro de 1939, p.4.
[1003] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 19 de Junho de 1931, p.150. Face aos custos o CNT concederia subsídio de 12.000$00 para o efeito. Cf. *Idem*, 8 de Julho de 1931, p.154.
[1004] *Ibidem*, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 19 de Novembro de 1933, pp.43-44.
[1005] *O Estoril*, 2 de Novembro de 1930, p.3.
[1006] Em Novembro de 1933, já no período do Estado Novo, uma representação seria entregue ao Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência Social, assinada pelos directores dos hotéis Palácio, Parque, Atlântico, d'Itália, Paris e Miramar. Cf. *Diário de Lisboa*, 3 de Novembro de 1933, p.4.

de 1930 e nº18:821 de 5 de Maio, surpreendendo-nos o facto de não encontrarmos registo de reclamações, sobretudo por ingleses, em actas da CITC. Em Março de 1933 esta aprovaria a colocação de placas em Inglês e Francês sobre a localização da sede.[1007]

9.2.2. As agruras diárias da população residente

O quotidiano dos nativos, em plena crise mundial, remete-nos a duas questões: a mendicidade e aassistência[1008]. Comecemos por resgatar a bipolaridade dos modos de vida na autarquia, através da citação: "Vivemos numa região com fama de abastada… sem duvida que, exteriormente assim parece. O pior é o que se passa cá dentro, especialmente na classe proletária, que é a grande maioria da população permanente deste Concelho."[1009] Igual retrato descrevia *O Mensageiro do Estoril*[1010], ao afirmar:

> Há no Estoril, a par dos grandes hotéis e casinos onde se come á farta, e se gosa estupidamente, os hotéis da fome de muitas dezenas de lares e os casinos da desgraça onde a orquestra é constituída pelo sexteto dos filhos chorando por pão, ou pelo dueto da mãi chorando sob a pancadaria com que a mimoseia o marido, que pragueja, enraivecido pelo alcool. *Tremendos contrastes!*[1011]

A mendicidade era problema de fundo nacional[1012] e a CITC fazia a sua parte ao subsidiar autarquia e entidades piedosas[1013], mercê das queixas de estrangeiros incomodados[1014], sobretudo, pelas crianças pobres[1015]. Em Julho de 1931, o *Diário de Lisboa* lançaria um movimento de solidariedade a favor dos desempregados, designando-o como "uma cruzada social"[1016], iniciando peditório[1017] e sugerindo a

---

[1007] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 31 de Março de 1933, pp.49-49v.
[1008] Para tal seria criada a Comissão Municipal de Assistência: liderada pelo edil, tinha como vogais elementos da Misericórdia e o Delegado de Saúde municipal. Cf. *Anuário Comercial de Portugal*, Volume II (Províncias e Ilhas), Lisboa, Emprêsa do Anuário Comercial, 1930, p.2439.
[1009] *O Estoril*, 29 de Novembro de 1931, p.1.
[1010] Semanário católico dirigido por Monsenhor José da Moita, pároco do Estoril.
[1011] *O Mensageiro do Estoril*, 30 de Julho de 1933, p.4.
[1012] A sua repressão originaria o decreto nº19:687 de 4 de Maio de 1931.
[1013] A falta de fundos para este combate levaria à queda da equipa de Mateus de Oliveira Monteiro em Janeiro de 1933. Em finais de 1933 a CITC receberia novas oficiais sobre a criação da Comissão de Assistência do Concelho de Cascais, atribuindo 6.000$00 para a sua missão. Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 2 de Dezembro de 1933, p.46.
[1014] *Idem*, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 5 de Novembro de 1932, p.33.
[1015] *O Estoril*, 5 de Outubro de 1932, p.1. Cfr. *Diário de Lisboa*, 27 de Outubro de 1932, p.6. Sobre a mendicidade, o *Notícias Ilustrado* chegou a publicar reportagem intitulada "O Jornalista Vagabundo que passou 8 dias e 8 noites sem dinheiro". Cfr. *Notícias Ilustrado*, 23 de Março de 1930, pp.12-13.
[1016] *Diário de Lisboa*, 4 de Julho de 1931, p.5.
[1017] *Idem*, 18 de Julho de 1931, p.7.

criação de organismo[1018]. No Estoril, eram os frades Salesianos de São João Bosco[1019] que, no antigo convento de Santo António, ministravam instrução primária e profissional aos rapazes[1020]e, desde 1920, a Casa de Trabalho homónima encarregava-se das raparigas[1021]. A Casa era suportada pela venda de exemplares d'*O Mensageiro do Estoril*[1022], por donativos privados e pelo produto de festas organizadas[1023]. Instrução basilar, ensino de ofício manual ou de tarefas domésticas e distribuição de uma refeição diária e quente eram os objectivos diários a alcançar. Em Cascais, a Casa de Trabalho de Nossa Senhora da Assunção colaborava com a Misericórdia, para igual fim.As investidas contra o Analfabetismo e a Tuberculose eram outras frentes de batalha no panorama nacional: o primeiro[1024] não se insere no nosso estudo, mas o segundo comportava implicações na imagem do destinopela pestilência que disseminava. Em meados de 1931 a «Semana da Tuberculose» mobilizaria o país na compra de selos, assistência a conferências, visita a exposições, entre outras iniciativas[1025], realizando-se, doravante, consciencialização anual. Sobre isto, em Maio de 1933, o Casino da Praia e a sede dos Bombeiros dos Estoris acolheriam palestras inseridas em programa que incluía pedidos de donativos[1026]. A principal terapêutica curativa da tuberculose infantil era a estada à beira-mar[1027], mas a raíz da maleita era a subnutrição, que as refeições nas

[1018]*Ibidem*, 12 de Outubro de 1931, p.4. Dois anos volvidos outro diário noticiava a criação do "Fundo de Assistência aos Mendigos", iniciativa do Comandante da Polícia de Segurança Pública, Coronel Lopes Mateus. Cf. *Diário da Manhã*, 5 de Fevereiro de 1933, p.3.

[1019] O fundador da congregação seria canonizado em 1934. Cf. *O Mensageiro do Estoril*, 1 de Abril de 1934, pp.1-2.

[1020] Aos Salesianos se deviam as Oficinas de São José de Lisboa e Porto. Cf. *O Estoril*, 7 de Maio de 1933, p.2.

[1021]*O Mensageiro do Estoril*, 20 de Agosto de 1933, p.4.

[1022]*Idem*, 23 de Julho de 1933, p.4.

[1023] Como aconteceu aquando da celebração da fundação, a 3 de Setembro de 1920, quando a SPCS cedeu o Casino Internacional para o evento de angariação de fundos. Cf. *O Estoril*, 22 de Agosto de 1933, p.4. Dias depois decorreria uma *Ginkana* Infantil no Tamariz igualmente em proveito da Casa. Cf. *Idem*, 10 de Setembro de 1933, p.2.

[1024]Em finais de 1931*O Estoril* louvaria a iniciativa do *Diário de Notícias*, a Campanha Nacional contra o Analfabetismo, velha aspiração republicana**.** Cf. *Idem*, 4 de Outubro de 1931, p.2. No mesmo ano João Maria Bravo, residente em Cascais desde 1900, definia o Analfabetismo como "problema nacional". Cf. João Maria Bravo – *Nona Epístola ou Carta Aberta ao Povo do Concelho de Cascais*, Lisboa, Imprensa Beleza, 1931, p.11.

[1025]*Diário de Notícias*, 5 de Junho de 1931, p.5.

[1026]*O Estoril,* 7 de Maio de 1933, p.5. Em finais de 1933 a delegação de saúde oficiaria a edilidade, pedindo atribuição de terreno para erguer um Dispensário, visando travar o "terrível morbo de tuberculose que de uma forma assustadora se está desenvolvendo neste concelho." Cf.AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 10 de Novembro de 1933, p.79.

[1027] Razão de ser da criação da Colónia Balnear e Infantil «*O Século*», para a qual se organizavam festas de caridade no Casino, como a de Setembro de 1931, em que colaborou a Companhia Teatral de Eva Stachino. Cf. *O Estoril*, 20 de Setembro de 1931, p.2. Em periódicos lisboetas coevos anunciavam-se as primeiras experiências sobre a vacina B.C.G., no estrangeiro.

casas de Trabalho, a criação de cozinhas económicas[1028] e de dispensários anti-tuberculose tentavam erradicar. Nos adultos, o desemprego conduzia ao alcoolismo e ao crime, tanto que *A Voz* qualificava de habitual o surto de "gatunagem nos Estoris."[1029]

Duas das mais marcantes estratégias de apoio aos desvalidos municipais foram a Creche José Luís[1030] e o Bairro Operário, ambos devidos à generosidade de Artur Porto de Melo e Faro, Conde de Monte Real. A Creche datava de 1925 e, no auto de doação, definira-se que, ao extinguir-se a Comissão Municipal de Assistência de Cascais, a gestão transitaria para a CMC[1031]. O benemérito ofereceria 150 contos[1032] para a edilidade avançar com a primeira fase do Bairro, cujas habitações incluíam saneamento; situado na Estrada da Malveira, a Sudeste da Pampilheira, parte das receitas das rendas destinar-se-iam à manutenção da Creche[1033]. Ao Conde dever-se-ia ainda o donativo de 75 contos para construção de asilo para a mendicidade[1034]. Contudo, falar de beneficência é falar da Misericórdia e a de Cascais conduzia a sua missão coadjuvada por dádivas da CITC[1035], da SAI[1036], entre outros filantropos[1037]; sobre as quantias dispensadas pelo MI, através da Direcção Geral da Assistência, consultem-se as edições coevas do *Diário do Governo*[1038]. No ensejo de melhor responder às solicitações diárias e melhorar aassistência, a partir de 1931 seria anunciado novo hospital em Cascais[1039],

[1028] Criada a partir doSCME, a Sociedade dos Amigos do Monte Estoril (SAME) receberia 100$00 mensais da CITC para a gerir a sua cozinha económica (Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 29 de Dezembro de 1931, p.7). Em 1932 o SCME organizaria uma exposição de crisântemos cujo produto das entradas reverteu para a «sopa dos pobres» da Sociedade. Cf. *O Estoril*, 6 de Novembro de 1932, p.4.

[1029] *A Voz*, 4 de Janeiro de 1933, p.6.

[1030] Em memória ao filho falecido dos Monte Real (Cf. *Jornal de Cascaes*,10 de Dezembro de 1931, p.1). Condições basilares de admissão na Creche José Luíz: ser filho baptizado de pescadores de Cascais, casados pela igreja. A instituição funcionava de Segunda a Sábado, dando-se prioridade a crianças de mães trabalhadoras. Cf.José D'Encarnação, *Recantos de Cascais*, p.34.

[1031] Premissa respeitada pelo governo através da portaria nº7:179 de 25 de Agosto de 1931.

[1032] *Diário da Manhã*, 13 de Março de 1933, p.8.

[1033] *Cascais – Relatório de Delegado do Governo*, p.24. Atenta aos próprios funcionários e operários, a CMC fundaria a pioneira Caixa de Aposentações, cujo regulamento previa situações variadas de assistência e regalias. Cf. *Idem*, pp.24-27.

[1034] *O Estoril*, 17 de Dezembro de 1933, p.1.

[1035] Note-se, por exemplo, a atribuição de 1.000$00, em finais de 1930. Cf.AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº2 da CITC (1927-1931), 17 de Dezembro de 1930, p.127.

[1036] Guilherme Cardim entregou 4.622$45 resultantes de diversas iniciativas nos espaços concessionados. Cf. *Diário de Lisboa*, 24 de Outubro de 1932, p.3.

[1037] Agradecia-se a generosidade pela publicação de listas de doadores e importâncias submetidas. Cf. *Diário de Lisboa* de 24 de Outubro de 1932, p.3.

[1038] No primeiro semestre do ano económico de 1931-1932 foram decididos 10.200$00 para a Misericórdia de Cascais. Cf.*Diário do Governo*, II Série, nº48, de 27 de Fevereiro de 1932. Repetida a atribuição para o segundo semestre desse período, no seguinte, relativo a todo o ano de 1932-1933, seriam já cedidos 24.000$00. Cf.*Diário do Governo*, II Série, nº86, de 13 de Abril de 1933.

[1039] Ruy Canas explicava que, se um hóspede hoteleiro sofresse uma fractura grave ou uma hemorragia interna séria, o transporte para Lisboa ditaria o seu fim. Cf.Ruy Canas, *Op. Cit.*, pp.29-33.

para o qual Henrique Leal Pancada contribuiria com doação de terreno[1040]; dos eventos realizados para angariação de fundos, destacamos uma sessão cinematográfica[1041] e a «Semana da Misericórdia», ambos em 1933. Engana-se quem pensa que o serviço da Santa Casa de Cascais fosse primitivo/desumano devido à falta de meios, pois tal ideia é afastada ao ler-se entrevista realizada a um turista alemão, o Sr. Eugène Reinhardt. Internado após uma cirurgia, independentemente da simplicidade do antigo convento e da falta de comodidades, o visitante proferiu rasgados elogios à excelência do corpo médico e do pessoal de enfermagem, dizendo, na primeira pessoa: "Parto de Portugal, guardando de todos o mais profundo reconhecimento e gratidão."[1042]

Embora os anos de 1929 a 1939 tenham registado João António Gaspar[1043] como provedor da Santa Casa da Misericórdia de Cascais, cumpre saudar a memória de dois médicos dainstituição: José dos Passos Vella e António Pereira Coutinho. O primeiro nascera no Funchal, chegara a Cascais em 1866 eem Outubro de 1930 receberia o grau de Comendador da Ordem de Benemerência[1044], falecendo, em Março seguinte, aos 90 anos[1045]; o segundo seria louvado em *Diário do Governo* de 1933 por, há mais de quinze anos, atender gratuitamente o pessoal da Guarda Nacional Republicana e suas famílias[1046], pertencendo à equipa que fundaria a Policlínica de Cascais[1047]: esta incluía nomes como Ruy Canas e Luís Quintela[1048], surgindo em finais de 1930 e oferecendo consultas a preços acessíveis[1049]. Outro clínico que atendia mundos apartados era Alberto Madureira[1050], oferecendo consultas a 10$00 aos pacientes modestos e visitas

[1040] *O Estoril*, 4 de Outubro de 1931, p.1.
[1041] Pelos Bombeiros dos Estoris. Cf. *Idem*, 21 de Maio de 1933, p.4.
[1042] *Ibidem*, 11 de Junho de 1933, p.1.
[1043] Verifiquem-se os exemplares do *Anuário Comercial de Portugal*desses anos. Gaspar fora dos primeiros ilustres locais a pertencer à comissão local da União Nacional (partido criado em 1930).
[1044] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº232, 5 de Maio de 1930.
[1045] O repouso eterno no cemitério da Guia incluiria elogio fúnebre por Guilherme Cardim. Cf.Junta de Turismo de Cascais (ed.) – *In Memoriam do Dr. Passos Vella, 1840-1931*, Cascais, 1942. Dois anos volvidos seriam aprovados os estatutos da Associação de Socorros Mútuos Dr. José dos Passos Vella. Cf.*Diário do Governo*, II Série, nº57, de 10 de Março de 1933.
[1046] Cf. *Idem*, nº256, de 2 de Novembro de 1933.
[1047] Estabelecida na Rua Sebastião José de Carvalho e Mello, nº16 – 1º andar, perto da estação ferroviária.
[1048] Em anúncio de jornal lê-se que Canas combatia a Sífilis, Quintela era otorrinolaringologista e Pereira Coutinho médico de clínica geral (Cf. *Diário de Lisboa,* 10 de Setembro de 1931, p.6). Entre 1941-1969 Luís Quintela seria director do novo hospital de Cascais, sito em terrenos cedidos pelo seu tio. Cf.Luísa Vilarinho, *Op. Cit.*, pp.327-328.
[1049] *O Estoril*, 23 de Novembro de 1930, p.3. Em sessão camarária seria anotado louvor aos doutores Pereira Coutinho, Ruy Canas e Luís Filipe Quintela. Cfr.AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 2 de Dezembro de 1930, p.83v.
[1050] Antigo assistente na Faculdade de Medicina de Lisboa e fundador da sociedade de cirurgia reparadora de Paris, cujo nome se ligaria ainda à criação do *Jornal de Cascaes.*

domiciliárias a 25$00 aos afortunados[1051]. Ciente das suas dificuldades e impregnada de moralidade dita cristã a comunidade piscatória fundaria, a 24 de Março de 1930, o *Club* Marítimo de Cascais, anos antes da criação estatal da Casa dos Pescadores. Em entrevista a Alberto Pedro da Silva, da comissão administrativa, lê-se que o objectivo era "agrupar, unir a dispersa e desunida classe piscatória de Cascais.[1052]" O *Club* organizava diversões e auxiliava marinhos e famílias em caso de doença, apesar de apenas contar com 91 sócios, mas orgulhava-se de ser presença regular nas regatas da Baía, acumulando prémios.

[1051] *O Estoril*, 8 de Fevereiro de 1931, p.4.
[1052] *Jornal de Cascaes*, 10 de Abril de 1934, p.2.

III. Rumo a uma nova orgânica do Turismo: 1934-1936

> "Em 1933 iniciou-se um novo ciclo político. O Estado Novo, alcunhado com sardónica ironia de «comboio do mistério», encetava a sua longa e incerta jornada."[1053]

1. A reformulação da Sociedade Estoril-*Plage*

Se em Março de 1933 o contexto político nacional renovar-se-ia através de nova Constituição[1054] e reformulação legislativa plural, o ano de 1934 testemunharia nova fase[1055] na gestão, até então privada, da estância Estoril, cujo sucesso traduzia-se na contínua avalanche de visitantes e respectiva necessidade de criar/melhorar estruturas de apoio. A 19 de Janeiro de 1934 publicar-se-ia o decreto-lei nº23:472, no qual o Estado recordava que a Caixa Nacional de Crédito (CNC) interviera na concretização do Hotel Palácio e do Casino, e informava que a Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência (CGDCP) elaborara um projecto de reorganização financeira e técnica da SEP. Esta estava autorizada a emitir 25.000.000$00 de obrigações privilegiadas, dos quais 20.000.000$00 seriam adquiridos pela CNC, em obrigações de 1º grau (de juro anual não superior a 6,5% e amortizáveis até 25 anos), salvaguardando o investimento através da nomeação de um delegado[1056] no conselho de administração da SEP. O representante público deteria poder de veto sobre qualquer deliberação tomada pela gestão da empresa (1º do artigo 4º) e, caso a SEP o ignorasse, a CNC executaria de imediato a dívida (2º do artigo 4º). Maugrado a interferência estatal agora inerente à estância faustina, o diploma não deixava de reconhecer que "o Estoril é a base em que possivelmente por muito

[1053] Douglas Wheeler – *A Ditadura Militar Portuguesa, 1926-1933*, trad. António Simões do Paço, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1986, p.80.
[1054] A Constituição foi plebiscitada a 19 de Março e, dias depois, Salazar seria visitado por "amigos colocados em importantes postos financeiros", incluindo Fausto Figueiredo (Cf. Pedro Ramos de Almeida – *Salazar. Biografia da Ditadura*, Lisboa, Edições Avante, 1999, p.134). Em Julho noticiar-se-ia reunião entre Figueiredo e Salazar, nela se tratando de assuntos inerentes à SEP "e, portanto, á «Costa do Sol»." Cf. *Jornal de Cascaes*, 9 de Julho de 1933, p.6.
[1055] Em 1934 o relatório do Banco de Portugal oficializava o Turismo como a "principal nova parcela para o equilíbrio da balança económica nacional". Cf. Fernando Rosas e J. M. Brandão (dir.) – "Turismo", *Dicionário de História do Estado Novo*, Vol II M-Z, Venda Nova, Bertrand Editora, 1996, p.984.
[1056] Aquando da visita a obras no Estoril em 1935 reportava-se Armindo Forte como delegado do Governo junto da SEP. Cf. *O Século*, 24 de Setembro de 1935, p.4.

tempo assentará o turismo em Portugal. Ora uma estação de turismo precisa de constante desenvolvimento. As suas instalações requerem contínua renovação."[1057]

A decisão do regime surgira após análise demorada de solicitação da SEP para elevação do empréstimo existente de 10.600 contos para 22.000 contos[1058]. A reflexão destacava que o novo financiamento beneficiaria os accionistas daSEP "e, em menor grau os sócios portugueses da Sociedade Arrendatária Internacional.[1059]" Porém, reconhecia a utilidade dos melhoramentos e a valência nacionalista do empréstimo, "impedindo mesmo que essa exploração passe para mãos de estrangeiros se não forem acordadas bases de resolução, rasoáveis e lógicas.[1060]" Antes do acordo, a SEP convocara assembleia-geral extraordinária, para 3 de Janeiro de 1934, com o intuito de deliberar alterações aos estatutos[1061]. A assunção do convénio seria também debatida nos *Media*, como se constata por José Paulino de Almeida[1062]. Perante a visível perda de autonomia[1063] decisória a troco de conforto financeiro os gestores turísticos e hoteleiros da SEP e da «irmã» SE não cruzaram os braços, forjando estratégias em defesa dos seus interesses no aparelho estatal ora montado pela Constituição de 1933. De facto, Augusto Cancela de Abreu[1064] seria eleito deputado à Assembleia Nacional Constituinte, Fausto

[1057] Cf. Decreto nº23:472, de 19 de Janeiro de 1934. Seis meses depois noticiava-se estar perto do fim as formalidades do acordo entre a SEP e o Estado, iniciando-se, em breve, melhoramentos no *resort* (como o balneário do Tamariz e a extensão do campo de Golfe). Cf. *Jornal de Cascaes*, 10 de Julho de 1934, p.6.
[1058] ANTT/AOS/CO/FI-5, pt.18 [folha 507].
[1059] *Idem* [folha 509].
[1060] *Ibidem* [folha 509]. Para além dos maiores clientes serem de origem britânica, a presença de espanhóis revelava um segundo nicho de mercado em expansão. Por outro lado, não devemos esquecer que se devera à indiferença nacional a entrada de capitais belgas na exploração da linha-férrea de Cascais e de capitais internacionais na concretização da estância faustina. Ao estreitar colaboração com a SEP o regime poderia manipular a rentável iniciativa até aí privada. Como defende Luís Reis Torgal, o Estado Novo era nacional e corporativo, opondo-se ao Comunismo (e ao poder do proletariado) e ao capitalismo (subjugando-o ao serviço do Estado), preferindo o reformismo à revolução (Cf. Luís Reis Torgal – *Estados Novos, Estado Novo – Ensaios de História Política e Cultural*, Volume 1, 2ª ed., Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, p.143). O mesmo indica Yves Léonard ao referir que o regime bebera do Integralismo Lusitano de António Sardinha e da *Action Française* de Charles Maurras traços como o nacionalismo, a autoridade do Estado, o corporativismo e a rejeição do liberalismo. Cf. Yves Léonard, *Op. Cit.*, p. 54.
[1061] *O Estoril*, 17 de Dezembro de 1933, p.2. Concretizada a ligação Estado-SEP, o periódico rejubilaria com o predomínio de "capital Portuguez" na empresa (Cf. *Idem*, 28 de Janeiro de 1934, p.1), reportando a alienação dos terrenos do Parque como penúltima formalidade (Cf. *Ibidem*, 1 de Julho de 1934, p.1).
[1062] Presidente da ACICC que louvava o patrocínio estatal como "um acto de política administrativa e um dever indiclinável do Govêrno." Cf. *O Século*, 30 de Setembro de 1934, p.11. Em Novembro a SEP convidaria ominstro do Interior para visitar as instalações para constatar "o que ali se tem feito nos últimos tempos, bem como os projectos do muito que aínda há a fazer e em cuja realização está empenhada a boa vontade de todos nós." Cf. ANTT/MI/GM, mç.470, pt.22/17 [folha 2].
[1063] A SEP seria definida não como sociedade anónima privada, mas sim como "sociedade titular de uma concessão de serviço público". Cf. *O Estoril*, 3 de Junho de 1940, p.1.
[1064] Subdirector da SE, vice-presidente da Associação dos Engenheiros Civis Portuguesese vogal da comissão distrital de Lisboa da União Nacional. Cf. *Anais da Assemblea Nacional e da Camara Corporativa – 1935*, Lisboa, Assemblea Nacional, 1936, pp.122-123.

Figueiredo, procurador à Câmara Corporativa pela secção «Turismo»[1065], e, Guilherme Cardim, presidente da direcção da ACICC e da União Hoteleira de Portugal (UHP).[1066]

Parêntesis teórico para resgatar o pensamento de Manuel Anselmo, para quem o Estado Novo corporativo derivara do pós-guerra e do "*krack* da Bôlsa de Nova York"[1067], que produziram a onda de nacionalismo vigente. Por seu turno, o *Décalogo do Estado Novo* defendia o corporativismo enquanto elemento aglutinador e propiciador de "equilíbrio orgânico"[1068], por subjugar grupos patronais e laborantes outrora turbulentos à harmonia de grémios e sindicatos mediados pelo Estado: tudo «A Bem da Nação»[1069]. Estudos recentes indicam que o corporativismo recusava o individualismo liberal e o sistema parlamentar, não passando a Câmara Corporativa de mero órgão consultivo (e não de soberania) cujos plenários se reuniam uma vez por mês[1070]. Em paralelo, a subtil submissão da SEP ao apoio financeiro do Estado recorda-nos Colin Michael Hall e a certeza da acção do Estado sobre qualquer aspecto da vida social. Para o autor, "the state is a powerful, resilient, pragmatic and reflexive social structure capable [of] sustained purposeful action across many areas of social activity of which

[1065] O Turismo era a 14ª secção (num total de 24) e tinha como elementos um representante de empresas hoteleiras e outro de entidades turísticas (comoos transportes). Cf. *Idem*, p.158 e p.182. As nomeações de Figueiredo e de Alexandre de Almeida foram publicadas, sob ordens da Presidência do Conselho, na I Série do *Diário do Governo*, a 3 de Janeiro de 1935. Em Fevereiro de 1936 reunir-se-iam, no Estoril, os deputados da Assembleia Nacional e os procuradores à Câmara Corporativa, além dos ministros das Obras Públicas, do Interior e da Instrução Pública. No acolhimento seria realizado no Hotel Palácio e o repasto no *hall* das termas. Cf. *O Século*, 21 de Fevereiro de 1936, p.1 e p.4.

[1066] Os dois primeiros cargos foram anunciados em *O Estoril* de 12 de Janeiro (p.5) e de 30 de Janeiro (p.2) de 1936, enquanto que a última alusão será abordada na alínea relativa a «Hotelaria».

[1067] Manuel Anselmo – *As ideias Sociais e Filosóficas do Estado Novo*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1934, pp.39-40.

[1068] *Decálogo do Estado Novo*, Lisboa, Edições SPN, 1934, p.32.

[1069] Lema com que os documentos oficiais passaram a ser encerrados. A base do regime corporativo assentava no Estatuto do Trabalho Nacional (inspirado na *Carta Del Lavoro* fascistade 1927), divulgado no decreto-lei nº23:048 de 23 de Setembro de 1933, onde se indicava que a estrutura profissional do país deveria ser composta por sindicatos (com estatutos autorizados) e grémios, que podiam agrupar-se em Federações e Uniões, respectivamente (Cf. *O Estado Novo - Princípios e Realizações*, 2ª ed., Lisboa, Edições SPN, 1940, p.38). Contudo, a organização corporativa e não partidária do regime era, de facto, "limitativa dos direitos dos cidadãos, parecendo, no entanto, concedê-los em toda a sua amplitude." Cf. Luís Reis Torgal, *Op. Cit.*, p.189. Na verdade, o corporativismo revelou-se "condição *sine qua non* para o exercício duradouro do governo", uma vez que Salazar nunca enfrentou um bloco uniforme de patrões ou de operários, face à cartelização de grémios e sindicatos segundo as diversas áreas produtivas nacionais. Cf. Nuno Luís Madeira – "O Estado Novo, o Patronato e a Indústria Portuguesa (1922-1957)", *Análise Social*, Vol. XXXIII, Lisboa, nº148, 1998, p.821.

[1070] António Costa Pinto e Francisco C. P. Martinho (org.) – *O Corporativismo Português: Estado, Política e Sociedade no Salazarismo e no Varguismo*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2008, pp.172-180. Para Léonard o Estado Novo foi corporativo de intenção e não de facto, tanto que as corporações só surgiriam duas décadas após a publicação do Estatuto do Trabalho Nacional (Cf. Yves Léonard, *Op. Cit.*, pp.97-100). Até a pompa da reactivação da Assembleia em 1935 não passara "de uma fachada imponente" face ao crescente poderio de Salazar. Cf. *Idem*, p.85.

tourism is only one[1071].” A parceria não se revelaria fácil quando começaram a ser postos em causa direitos privados acessórios[1072] (como o fornecimento de electricidade à estância) ou quando credores reclamavam saldar serviço efectuado.[1073]

Ciente do proveitoso (embora dispendioso) trabalho realizado pela SEP havia já duas décadas, no ano de 1936 a experiência acumulada seria resgatada pelo Estado para criação de estância de Jogo, nos Açores[1074]. O jornal *Açoriano Oriental* demarcava 1933 como o ano em que “por todos os cantinhos de Portugal se definia uma mentalidade nova, despertando as *regiões* para um movimento tradicionalista de ressurgimento.[1075]” Para a República esse fora o ano inaugural do Estado Novo; para São Miguel nele se fundara a Sociedade *Terra Nostra* (STN) graças a Vasco Bensaúde[1076], Augusto Rebelo de Arruda, Francisco Bicudo e Ângelo Casimiro. Á STN se devera a criação da Pensão Terra Nostra, em Ponta Delgada[1077], e a abertura de posto de informação e pensão de tipo suíço no Vale das Furnas[1078]. Em Dezembro de 1934 noticiava-se a estada de Rebelo de Arruda em Lisboa, “a fim de tratar, junto das estancias superiores, de assunto de maior importância para o projecto do torrão açoreano.[1079]” Seis meses depois um (então dito) feliz episódio reuniria na capital os irmãos Bensaúde (netos de Elias e filhos

[1071] Colin Michael Hall, *Op. Cit.*, p.21. Esta submissão da SEP ao Estado cifrava-se na cedência de 10% do capital social da empresa, através de acções privilegiadas. Cf. *O Século*, 14 de Dezembro de 1934, p.2.
[1072] Em Dezembro de 1934 iniciar-se-ia uma disputa entre o delegado do Estado e Fausto Figueiredo, representante da firma Figueiredo & Sousa: o primeiro defendia pagar à firma o mesmo que auferiam as Companhias Reunidas de Gás e Electricidade, isto é, 45$00 por KWH a partir de fornecimento superior a 200.000 KWH, em vez dos 65$00 praticados. Cf. ANTT/AOS/CO/FI-5, pt.18 [folhas 533-534].
[1073] Caso de Léonce Reynès, o empreiteiro do Palácio e do Casino que, através da intermediação do Embaixador de França, solicitava apoio à CGDCP. Em resposta à última, Armando Marques Guedes, presidente do conselho de administração da SEP esclarecia que a dívida ao Sr. Reynès ficara definida em escritura de 17 de Agosto de 1934, vencendo a mesma a juros de 6% ao ano em 31 de Dezembro de 1935 e de 1936. O gestor recordava ainda melhoramentos e regularização de dívidas através da venda de terrenos “que já abateram para 15.948 contos o capital em dívida à Caixa Nacional de Crédito.” Cf. ANTT/AOS/CO/FI-5, pt.18 [folha 547]. Marques Guedes acentuava que a SEP revelava seriedade no combate ao passivo e, perante o aval deDelegado Público e de engenheiro consultor ao serviço do Estado, face às obras projectadas para o *resort*, em Dezembro de 1935 a CGDCP cederia mais 900 contos a troco de obrigações de 1º grau. Cf. *Idem* [folhas 555-556].
[1074] Em 1932 fora formada uma comissão encarregue de estudar as potencialidades de São Miguel enquanto centro de turismo, nela constando Augusto Rebelo de Arruda (Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº123 de 28 de Maio de 1932). Ao triângulo Lisboa-Cascais-Sintra e a destinos climáticos (como o Caramulo) ou de termalismo (como Buçaco e Vidago) urgia contrapor a oferta de destinos internos acessíveis aos portugueses, que não os espaços elitistas em voga. Cf. Ema Cláudia Pires, *Op. Cit.*, p.42.
[1075] *Açoriano Oriental*, 18 de Abril de 1935, p.14.
[1076] Os Bensaúde pertenciam à primeira geração de judeus marroquinos que se radicaram em São Miguel por volta de 1818, neles destacando-se os irmãos Elias, Jacob, José,Abraão e o primo Salomão, no seio dos quais floresceria o Grupo Bensaúde. Cf. Fátima Sequeira Dias – “Os Empresários Micaelenses no Século XIX: O Exemplo de Sucesso de Elias Bensaúde (1807-1868)”, *Análise Social*, Vol. XXXI, Lisboa, nºs 136 e 137, 1996, pp.437-464.
[1077] *Açoriano Oriental*, 4 de Agosto de 1934, p.1.
[1078] Envisando um hotel, casino, campo de jogos e piscina. Cf. *Idem*, 17 de Novembro de 1934, p.1.
[1079] *O Século*, 4 de Dezembro de 1934, p.2.

de José): o historiador Joaquim, o médico Raul e o engenheiro Alfredo[1080]; mas apenas o segundo admitia deslocar-se de Paris para tratar de "negócios da Casa Bensaúde."[1081]

Em Setembro de 1935 o *Diário de Lisboa* seria discreto na publicação da notícia da deslocação de Guilherme Cardim aos Açores a convite dos organismos de turismo locais, para "ali estudar as possibilidades de ligação turística entre os Açores e o Estoril.[1082]" Doravante a atitude dos *Media* seria outra, como pode ver-se pela promoção do destino «São Miguel» no jornal de tiragem nacional *O Século* que, além de artigos e suplementos (entre Setembro de 1935 e Agosto de 1936), acolheria ainda a I Exposição Regional Micaelense no seu salão de festas. Do rescaldo das negociações triangulares encetadas entre STN-Estado e STN-SEP resultaria o anúncio por periódicos[1083] quanto ao apoio de Salazar à STN (pela concessão de exclusividade do Jogo e pela colaboração com a SEP), e a divulgação oficial, com força de lei pelo decreto nº26:907, de 22 de Agosto de 1936. Neste se autorizava a SEP a adquirir 2 mil contos de acções da STN, feito reportado como um "entendimento patriótico e de largo alcance para as duas formosas estâncias – Estoril e S. Miguel, Ilha Verde.[1084]" A deslocação regular de representantes das entidades ora parceiras levaria, entre outros, o administrador da SEP, Marques Guedes, aos Açores[1085], bem como traria o congénere da STN, Rebelo de Arruda, a Lisboa[1086]. Galanteios mútuos foram ainda divulgados em edições do *Açoriano Oriental* de Setembro, tanto pela revelação de que *O Estoril* promovera a ilha do arcanjo[1087], como pela publicação de artigo (traduzido) da revista parisiense *L'Art*

[1080] A ligação dos Bensaúde ao Estoril era antiga, tanto que o AHMC guarda o requerimento de 1933 de Maria da Costa Cabral Bensaúde (moradora na casa nº5, convento de Santo António) à CMC, para construção de casa no terreno que detinha junto à Estrada de Bicesse. Alfredo Bensaúde desejava erguer residência para o filho no Estoril, mas como o projecto submetido copiava outro erguido em Cascais, o protesto dos donos da obra original levaria a autarquia a conceder 8 dias à requerente para submissão de novo plano. Cf. AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/3965.
[1081] *Diário de Lisboa*, 22 de Junho de 1935, p.6.
[1082] *Idem*, 25 de Setembro de 1935, p.8. A visita no termo do estio serviria para apreciaro Hotel das Furnas, inaugurado a 20 de Abril (Cf. *Açoriano Oriental*, 4 de Maio de 1935, p.7). A ligação transatlântica entre Lisboa e o arquipélago realizava-se a bordo do paquete «Carvalho Araújo», baptizado em memória do 1º tenente que perecera a bordo do caça-minas «Augusto Castilho», a 14 de Outubro de 1918. Encarregue de assegurar a passagem de paquetes de passageiros nas águas atlânticas, em plena Guerra Mundial, o caça-minas português seria afundado por um submarino alemão U.139, permitindo a chegada do paquete «San Miguel» a porto insular. Cf. *República*, 14 de Outubro de 1937, p.1.
[1083] *Açoriano Oriental*, de 8 de Agosto de 1936, p.1 e pel'*O Estoril*, de 9 de Agosto de 1936, p.1.
[1084] Texto duplicado em *O Estoril*, de 30 de Agosto de 1936, p.1 e em *O Touring Português*, de Agosto de 1936, p.2. O último documento tratava-se do novo boletim dirigido aos sócios da SPP.
[1085] *Diário de Lisboa*, 3 de Outubro de 1936, p.9.
[1086] *O Estoril*, 15 de Novembro de 1936, p.1.
[1087] *Açoriano Oriental*, 5 de Setembro de 1936, p.4.

Vivant, onde se enobrecia o Estoril como "a praia da moda[1088]" e enumeravam predicados naturais, comerciais, desportivos e turísticos implícitos.

2. As motivações do mercado britânico

2.1. Climatologia e termalismo na Era do bronzeado solar

A certificação dos benefícios do clima da Costa do Sol no Congresso de Hidrologia de 1930 e a promoção das Casas de Portugal por via de boletins meteorológicos emitidos pela CITC reforçariam a modalidade de estância climatérica e de lazer junto, sobretudo, do mercado britânico e visitas notáveis eram prova do novo entendimento sobre o Estoril. Em Janeiro de 1934 o *Diário da Manhã* debruçara-se sobre o movimento de hóspedes no Hotel Palácio, ao qual novos clientes, incluindo o outrora líder de Governo, Lloyd George, se dirigiam "atraídos não só pelo belo clima do Estoril, como também pelas comodidades que este hotel apresenta.[1089]" Sendo a suave época fria a favorita dos anglo-saxónicos, em Novembro seria ali que a estrela de cinema Frances Day convalesceria após aparatoso acidente automóvel no percurso Paris-Estrasburgo[1090]. A curta passagem pelo *resort* em Junho impressionara-a a ponto de o seleccionar para se recompor antes da próxima filmagem, admitindo que, sempre que possível, procuraria "o clima, o sol e o sossego que existe neste previligiado recanto de Terra.[1091]" Em finais de 1934 a clemência do clima seria propagada em revista nacional de assinatura mundial, nela se repetindo argumentos da influência da corrente do Golfo do México ao longo da costa de Portugal continental[1092]. Na senda do vigor recuperado no ano anterior, em Fevereiro de 1935 o Duque de Connaught[1093] e a esposa, a Duquesa de Fife, regressariam ao Estoril para possibilitar nova cura climática a Arthur de Connaught[1094]. Além dos hotéis no Monte e no Estoril, existia ainda no primeiro a

[1088] *Idem*, 26 de Setembro de 1936, p.4.
[1089] *Diário da Manhã*, 8 de Janeiro de 1934, p.9. Outra fonte aludiria que "Os hotéis e pensões dos Estoris estão com a sua lotação quasi completa, continuando esta zona a manter as suas tradições de estância privilegiada de inverno, que os turistas já procuram àvidamente em demanda do nosso incomparável clima." Cf. *O Estoril*, 18 de Fevereiro de 1934, p.2.
[1090] *O Século*, 14 de Novembro de 1934, p.1. A actriz americana assumira a nacionalidade inglesa após o matrimónio.
[1091] *Modas & Bordados*, 5 de Maio de 1934, p.5.
[1092] *Revista Portuguesa de Importação, Exportação e Turismo*, Novembro/Dezembro de 1934, p.23.
[1093] Primo do soberano britânico e antigo Governador-Geral da União Sul-Africana entre 1914-1915. Cf. *Diário de Lisboa*, 9 de Fevereiro de 1935, p.6.
[1094] *Portuguese Times*, 13 de Fevereiro de 1935, p.1.

Estoris Nursing Home que era anunciada como "the only British nursing home in Portugal[1095]", com corpo médico e auxiliar insular, dirigida pelas senhoras Barnes e Rosling[1096]. Nela convalescia, após cirurgia, a Srª. Scullard, esposa do *Surveyor for Lloyd's Marine Register*, comprovando a presença da elite financeira britânica no *resort* português, em pleno Inverno[1097]. Em 1936 Gibbons[1098], publicaria guia turístico em que afloraria a costa de Lisboa aludindo ao clima do Estoril e à diversidade sazonal de turistas nas épocas natalícia e estival. Para o autor, "There are two distinct seasons. There will be the fashionable winter of the English and the North Americans, and then in the summer they will get middle-class English and also the Spanish and the Argentines and the Brazilians."[1099]

No discurso médico coevo foi, de novo, a voz de Armando Narciso que mais ecoou na apologia da excepcionalidade da Costa do Sol, de Sintra e de Lisboa[1100]. O professor do Instituto de Hidrologia e Climatologia de Lisboa organizaria a viagem anual dos pares, pelo país, em Julho de 1935, começando o périplo por conduzi-los tanto a espaços cobertos (como os Banhos de São Paulo, o Sanatório de Sant'ana e as Termas do Estoril), como a espaços ao ar livre (Solário da Pedra Alta), na rota de Lisboa a Sintra[1101]. Um dos momentos ímpares foi a visita realizada à sede da CITC sob acolhimento do presidente, o Capitão Ávila Madruga, que inteirou os especialistas dos esforços da entidade e dos equipamentos e valores numéricos obtidos desde a instalação

[1095]*Idem*, 23 de Janeiro de 1935, p.8. Este era então o único jornal inglês em Portugal (Cf. E. Rosenthal – *Peeps at Portugal, A Pocket Guide to the "Sun Coast"*, Lisbon, The National Council of Tourism, 1935, p.vii). Apenas em 1937 começaria a ser comercializado o jornal Anglo-Portuguese *News*.
[1096]*Portuguese Times*, 18 de Dezembro de 1935, p.3.
[1097]*Idem*,24 de Abril de 1935, p.5.
[1098] Investigador no Museu Britânico, John Gibbons (1882-1949) admirava Salazar, viajando por Portugal e redigindo obras que consultámos. Depois de em 1929 ter visitado o Algarve, a partir de 1934 fixar-se-ia na Praia da Rocha. Cf. Rui Pedro Pinto – *Prémios do Espírito – Um Estudo sobre Prémios Literários do Secretariado de Propaganda Nacional do Estado Novo*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2008, pp.103-111.
[1099] John Gibbons – *Playtime in Portugal: An Unconventional Guide to the Algarves*, London, Methuen & Co. Ltd, 1936, p.32. A presença de cidadãos sul-americanos derivava da diferença de estações entre hemisférios, assim usufruindo de temperaturas elevadas todo o ano. A estada de espanhóis devia-se, não tanto à proximidade territorial, mas ao facto do concelho acolher refugiados que, no Verão, eram visitados por familiares e amigos (esses, sim, turistas na acepção do termo). Da citação de Gibbons vislumbra-se o segregacionismo social do lazer, pois o Estoril permanecia estância de Inverno para o topo da cadeia, embora a classe média começasse a frequentá-lo, mas em estação distinta.
[1100] Sobre as três parcelas territoriais vizinhas leiam-seartigos em periódicos (sobre o "Clima de Sintra" Cf. *Ecos de Sintra*, de 9 de Novembro de 1935, p.1; sobre "Lisboa Estancia Climatica", artigo resultante de palestra proferida aos microfones da Emissora Nacional, Cf. *Diário de Lisboa*, de 2 de Março de 1936, p.9) ou em revistas científicas (Cf. Armando Narciso – "Stations Climatiques des Côtes de Portugal", separata da revista «Clínica, Higiene e Hidrologia», s/n, Lisboa, 1936). A cruzada do insigne pelo clima de Portugal daria ainda azo à publicação de "Os Climas de Portugal Insular", separata de «*A Medicina Contemporanea*», nº37, Lisboa, 11 de Setembro de 1932.
[1101]*Diário de Lisboa*, 11 de Julho de 1935, p.6; *Idem*, 12 de Julho de 1935, p.3.

da Estação Climatológica no início da década[1102]. Em Março de 1936 o mesmo posto seria visitado por Ladislau Gorczynski, "membro da Comissão Internacional de Radiação Solar"[1103], o qual ficaria impressionado pelo equipamento *high tech*, sugerindo a compra de um *solarigraphe* que permitisse obter dados para um estudo que pretendia apresentar no próximo congresso da especialidade, em Edimburgo[1104]. Gorczynski elogiou a bênção natural local, assegurando que a estância "está sendo alvo de grandes atenções em toda a Europa e muitas mais poderá vir a despertar, se a propaganda climatérica for ainda mais eficiente e completa do que a que já vem a ser feita.[1105]" Aflorando a Climatologia a nível técnico, o Livro nº4 de Actas da CITC registou a constante atenção prestada no triénio de 1934-1936 à aquisição de aparelhos "à Casa Jules Richard de Paris[1106]" e à montagem de *placards* para afixação de boletins informativos no Casino, na gare e na "Agência Cook-Wagonlits, no Estoril."[1107]

Embora esta tese dedique alíneas às modalidades de promoção do eixo Estoril-Cascais, se no capítulo II referimos os cartazes guardados na BNP, releve-se agora a composição que anuncia o Estoril como detentor do clima mais temperado da Europa[1108], listando infra-estruturas e práticas desportivas e de lazer disponíveis. Essa fonte iconográfica seduz pela policromia omnipresente de tons brilhantes, num intenso apelo sensorial e elevação de bem-estar que provoca no espectador[1109], rendendo-se este aos ardis sedutores do *resort* (personificado pela jovem mulher central ao cenário). A estada de britânicos propiciada pelo clima era alvo de uma pragmática e camaleónica programação, capaz de bajular os egos dos clientes endinheirados, fazendo-os sentir-se ainda mais especiais pelos mimos de que eram alvo. A SPCS estava atenta às subtilezas psicológicas e culturais deste nicho de mercado, conforme o comprovam os eventos por si agendados no triénio de 1934-1936 (muitos mais poderiam ser listados). Assim: (1)

[1102] *O Século*, 12 de Julho de 1935, p.4. Após contacto escrito, a CITC ofereceria almoço regional no restaurante «Casa da Laura», em Cascais. Cf. Livro nº 4, acta 189ª, de 12 de Julho de 1935, p.155.
[1103] *Idem*, 30 de Março de 1936, p.9.
[1104] AHMC/AACD/JTCE – Relatórios e Contas de Gerência, *Conta de Gerência de 1 de Julho de 1934 a 31 de Dezembro de 1935*, p.12c.
[1105] *Idem*, 30 de Março de 1936, p.9. Em Maio de 1935 o tisiólogo Gustav Maurer, director clínico do Sanatório de Schatzalp (Suíça), pernoitara no Estoril, partilhando experiência em conferências e cirurgias em Lisboa, Coimbra, Porto e no Sanatório do Caramulo. Cf. *Diário de Lisboa*, 14 de Maio de 1935, p.8.
[1106] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 21 de Dezembro de 1934, p.116.
[1107] *Idem*, 27 de Dezembro de 1935, p.198. Os dados numéricos impressos nos boletins chegavam, inclusivé, a ser reproduzidos em periódicos. Cf. *O Estoril*, 8 de Novembro de 1936, p.4.
[1108] Cartaz criado por A. P., técnico gráfico da Empresa do Bolhão, sediada no Porto, a pedido da SPCS e datado de c.1930. A referência oficial da fonte é BN: CT. 39 G. Cx. Cf. Anexo VI.
[1109] Divagando um pouco poderemos quase sentir o vento que sopra dentro da composição iconográfica.

em Fevereiro de 1934 organizou uma "batida às raposas"[1110] nas matas da região com recurso a inscrição dos participantes; (2) em Abril celebrou o dia de São Jorge, santo patrono de Inglaterra, através de jantar de gala e baile no Casino[1111]; (3) em Novembro festejou o enlace do Príncipe Jorge com Marina da Grécia[1112]; (4) em Fevereiro de 1935 divulgou, no Casino, a composição musical de Edward Salter de Sousa pelo Quinteto de Paulo Manso[1113]; e (5) em Janeiro de 1936 anunciou em jornal nacional a suspensão dos jantares de gala do Casino "por motivo do falecimento do Rei de Inglaterra"[1114].A própria comunidade anglo-saxónica radicada revelava engenho ao contribuir para a animação dos conterrâneos visitantes, como podemos exemplificar: (1) em Janeiro de 1935 a rubrica *Woman Week by Week* desvendaria a receita para o *Estoril Cocktail*[1115]; (2) em Fevereiro o *International Bridge Club* organizaria torneio de *Bridge*[1116]; (3) em Maio, a senhora Havelock-Hayes acolheria, no *Chalet* Leopoldina, *cocktail* privado dedicado à actriz Heather Thatcher[1117]. Nem só de folia ou neurastenia viviam os turistas anglicanos. A necessidade de conforto espiritual e de um espaço próprio à celebração, aliada à generosidade[1118] do contingente residente e flutuante resultaria, a 10 de Fevereiro de 1935, na inauguração da igreja de São Paulo, na presença de dignitários religiosos e diplomáticos britânicos.[1119]

Recorde-se que o Hotel do Parque se resumia ao piso superior de um edifício em cujos pisos inferiores se situavam a piscina e as 40 cabines de banho "construites en porcelaine écossaise, les salles de repôs, (…) la salle de gymnastique et de

[1110] *O Estoril*, 11 de Fevereiro de 1934, p.4.
[1111] No evento seriam distribuídas rosas vermelhas para as senhoras decorarem os decotes e os cavalheiros as "botoeiras dos smokings." Cf. *O Século*, 22 de Abril de 1934, p.2.
[1112] Pina, director artístico do Casino, criaria cenógrafos evocando as *cityscapes* londrinas. Cf. *O Estoril*, 25 de Novembro de 1934, p.4. O requinte nos pormenores atingia as *plaquettes* comemorativas da boda pela gravação de medalhão com "as cabeças dos nubentes". Cf. *O Século*, 21 de Novembro de 1934, p.2.
[1113] "Mr. Salter is well known to most of the British living in Estoril as the Manager of the Estoril branch of the Bank of Lisbon & Azores." Cf. *Portuguese Times*, 20 de Fevereiro de 1935, p.5.
[1114] *O Século*, 23 de Janeiro de 1936, p.2. Até emmomentos mais profundos o golpe de génio publicitário se revelava no padecimento empático pela perda sentida por todo o império britânico.
[1115] Ingredientes: raspas de laranja, *Booth's dry gin* e Vermute, servindo-se com azeitonas de Elvas e amêndoas salgadas, "with compliments to the Sunny Coast of Estoril." Cf. *Portuguese Times*, 30 de Janeiro de 1935, p.7.
[1116] Sito no Pavilhão Estoril, na Avenida de Sabóia. Cf. *O Estoril*, 8 de Novembro de 1934, p.3.
[1117] *Portuguese Times*, 15 de Maio de 1935, p.4.
[1118] O Hotel Paris servia de sede ao *Estoril Church Building Fund*, a cargo do Capelão C. McLaughlinon (Cf. *O Estoril*, 11 de Fevereiro de 1924, p.6); o religioso era presença regular na estância desdeo Inverno de 1930-1931 (Cf. *Idem*, 8 de Abril de 1934, p.1). Ideia empreendedora para a angariação de fundos foi a venda de um panfleto turístico redigido por *Miss* Margaret L. McLaughlinon, intitulado *Early Spring Explorations from Estoril*. Cf. *Portuguese Times*, 17 de Janeiro de 1935, p.5.
[1119] *O Século*, 11 de Fevereiro de 1935, p.7.

mécanothérapie"[1120]; asua direcção clínica estava a cargo dos doutores Francisco de Matos Taquenho e João R. de Magalhães[1121]. Em termos estatísticos para o triénio 1934-1936, atente-se à exposição numérica e análise que apresentamos. Observe-se:

	1934	**1935**	**1936**
Número de empregados	16	17	13
Número de aquistas	260	244	198
Nº de tratamentos	10.270	9.137	2.729
Litros de água expedidos	120	55	210

Quadro 19 – Movimento no estabelecimento Termal do Estoril (1934-1936).

(Fonte: *Anuário Estatístico de Portugal, 1934-1936*)

Observando os indicadores acima destaca-se a queda vertiginosa de tratamentos (com destaque para a redução para menos de um terço de valores entre os 9.137 efectuados em 1935 e os 2.729 realizados em 1936), em paralelo com a diminuição do número de aquistas inscritos que, se em 1934 eram 260, em 1936 eram apenas 198. O contingente de empregados revelou ligeiras modulações, passando de 16 para 13 nos anos balizados. Interessante é, não tanto a queda abrupta de 120 para 55 dos litros de água expedidos nos dois anos iniciais do Quadro acima, mas antes a subida vertiginosa desta tipologia de medição para 210 litros utilizados em 1936. Ora, se se constata o decréscimo de aquistas e de tratamentos depreendemos que a pura prática da actividade física «Natação» (nas modalidades de competição, treinos e amadorismo) tenha sofrido incremento, pois já em Agosto de 1934 *O Século* publicara anúncio referindo uma importante medida higienista praticada no estabelecimento termal[1122] do Estoril: "a água da piscina, além de constantemente renovada pelos processos mais modernos, é sempre conservada a uma temperatura agradável[1123]". Logo, ao intensificar-se o tráfego de

[1120] Direction Génerale des Mines et Services Geologiques/Institut D'Hydrologie et de Climatologie de Lisbonne (ed.) – *Le Portugal Hydologique et Climatique,* II Volume, Lisbonne, 1934-1935, p.706.
[1121]*Anuário Comercial de Portugal,*Volume II (Província e Ilhas), Lisboa, Emprêsa do Anuário Comercial, 1935, p.2558. Nomes apenas listados a partir de esta edição.
[1122]Toque de sarcasmo sobre a prática termal foi revelado n'*Os Ridículos* de Setembro de 1936, onde um *cartoon* apresentava uma família pobre, em pleno piquenique, "nas termas do Parque Eduardo VII", mas o líquido vital de consumo encontra-se num garrafão de vinho rotulado como «Água da Companhia». Cf. *Os Ridículos,* 23 de Setembro de 1936, p.1.
[1123]*O Século,* 4 de Agosto de 1934, p.2.

nadadores, intensificar-se-ia também a circulação líquida entre o olho de água concessionado à SEP e o depósito de tipo olímpico existente à superfície, a piscina.

Não podemos encerrar este subcapítulo sem deixar uma pista sobre a crescente concorrência entre o termalismo e a prática do banho solar, na década de 1930. Desde finais do decénio transacto que o bronzeado de tornara a nova tendência estética divulgada pelas estrelas de Hollywood e, se até então a helioterapia era entendida como prática terapêutica de crianças raquíticas pobres e adultos com problemas ósseos, o tisnado tom corporal das classes afortunadas tornar-se-ia agora motivo de orgulho, enquanto indício visual da disponibilidade para actividades ao ar livre[1124]. Como indica Orvar Löfgren, ao terminar a década de 1920, " [a]part from swimming, tanning was the new craze.[1125]" A moda do usufruto solar desenvolvida nos Anos 30 será explorada abaixo: a «Era do Termalismo» cedia então lugar à «Era do Bronzeado».

2.2. O encanto do Golfe

A estada no Estoril do outrora Primeiro-Ministro britânico Lloyd George[1126], em 1934, confirma a inclusão do destino no restrito grupo de estâncias de luxo frequentadas pela elite europeia. A Imprensa revelava o Golfe como a distracção quotidiana que o ilustre não dispensava, a ponto de, a 14 de Janeiro, o *Diário de Lisboa* apresentar na capa três imagens e a parangona "Lloyd George joga o «golf» no Estoril"[1127] e, no dia seguinte, relatar que "Lloyd George trabalhou hoje no seu livro desde as 6 da manhã e, com excepção da sua hora de «golf», não abandonou a mesa de trabalho até ao fim do dia.[1128]" O título de campeão nacional desse ano seria arrebatado por Ricardo Espírito

[1124] Cristina Pacheco – *Memórias de Verão – A Costa do Sol e o Estoril nos Anos 30*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2007, pp.5-7.
[1125] Orvar Löfgren – *On Holiday: A History of Vacationing*, Berkeley, University of California Press, Ltd, 2002, p.168.
[1126] Líder governamental durante a Primeira Guerra Mundial que chegaria a 9 de Janeiro para descansar e elaborar as memórias sobre o conflito, recolhendo dados sobre a participação portuguesa através de encontros com militares envolvidos na contenda.
[1127] *Diário de Lisboa*, 14 de Janeiro de 1934, p.1.
[1128] *Idem*, 15 de Janeiro de 1934, p.4. A presença do britânico culminaria com um torneio de ténis, derivando da estada uma anedota que tinha como fundo uma entrevista entre Lloyd George e Salazar. Nela se contava que o inglês convidara o português para uma partida de golfe e um jogo de ténis, ao que Salazar recusava os jogos de campo por apenas saber jogar ao rapa. Cf. Barradas de Oliveira – "O Príncipe Encarcerado – Apontamentos para um Perfil Psicológico de Salazar", *Salazar sem Máscaras*, Amândio César *et al*, 2ª ed., Lisboa, Nova Arrancada 1998, p.95.

Santo Silva[1129] e a crescente atractividade do percurso levaria à expansão rumo a 18 buracos[1130]. Em Abril de 1935 *O Estoril*relatava o estado avançado dos trabalhos e relembrava a promessa de Lloyd George de que "escolheria esta bela estancia internacional para novas ferias logo que o Golf tivesse 18 buracos, fazendo dele propaganda junto dos seus numerosos amigos dados a este clássico desporto.[1131]" Registo oficial do intento expansionista da SEP[1132] confirma-se na deliberação de 6 de Setembro de 1935 da CMC[1133], ao deferir o pedido de expropriação amigável de baldio camarário para a ampliação do campo de golfe. O*Portuguese Times*[1134] facultaria novas quanto a provas desportivas realizadas no campo do Estoril ou a evolução dos melhoramentos delineados pelo arquitecto MacKenzie Ross[1135]. Por exemplo, em Março ali laboravam 50 homens encarregues de desbastar e nivelar o terreno do futuro *green*, aos quais juntar-se-ia, em breve, *Mr*. Chapman, experiente capataz da firma Sutton & Sons, de Reading, Inglaterra[1136]. Meio ano mais tarde *O Século* daria destaque nacional à iniciativa indicando que "durante meses, brigadas de operários portugueses canalizaram água numa área de 6.000 hectares, desbravaram charnecas cobertas de mato e derrubaram muitos pinheiros e azinheiras.[1137]" Seguir-se-ia a identificação dos convidados para visita guiada[1138], em primeira mão, ao perímetro e iniciada no alto do Picoto, onde, na semana seguinte, alicerçar-se-ia a nova sede do clube[1139]. Durante esse mês seria também semeada relva que se aguardava verdejante para Janeiro de 1936.[1140]

Dos discursos proferidos, Carlos Champalimaud, proprietário da Quinta da Marinha, saudou três intervenientes fulcrais: "Fausto de Figueiredo, o homem que «sonhou» o Estoril e o tem admiravelmente realizado; Mackenzie Ross, o construtor do

[1129] *O Século*, 16 de Abril de 1934, p.2. Banqueiro próximo de Salazar e patrono das artes.
[1130] Expansão anunciada em:*O Estoril*, 9 de Dezembro de 1934, p.3.
[1131] *Idem*, 21 de Abril de 1934, p.2.
[1132] Segundo um erudito, "É António Ferro o primeiro, aliás, a defender a criação no Estoril de um campo de golfe condigno em qualidade e nível europeu." Cf. João Aníbal Henriques – *Turismo no Estoril – Apontamentos para uma visita ao Estoril*, Monte Estoril, Academia de Letras e Artes, 2011, p.198.
[1133] AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 6 de Setembro de 1936, p.231.
[1134] Publicado a partir de Janeiro de 1935 tinha sede na Avenida Sabóia, sendo seu proprietário e director W. Hope Bidwell e seu editor Luiz C. Lupi (este último membro da SPP).
[1135] Ross passara a residir no Estoril (Cf. *Portuguese Times*, 23 de Janeiro de 1935, p.5) e em Junho deslocar-se-ia ao Vidago para facultar conselhos profissionais (Cf. *Idem*, 12de Junho de 1935, p.1). Outro britânico com tarefa de vulto ligado ao campo do Estoril era o secretário do clube, R. L. Perkins.
[1136] *Ibidem*, 16 de Março de 1935, p.5.
[1137] *O Século*, 24 de Setembro de 1935, p.4.
[1138] Por Fausto Figueiredo, Guilherme Cardim, Armando Vilar e Joaquim Ereira (da SEP e da SPCS).
[1139] Projecto do arquitecto Carlos de Oliveira Raposo, cujo esboço ilustra parte da capa da *Revista Desportiva – Tennis e Golf*, de Maio de 1936.
[1140] *O Século*, 24 de Setembro de 1935, p.4.

novo *golf*; e Guilherme Cardim, o inteligente e activo dirigente do Estoril de hoje.[1141]" Elogiosa seria a reportagem do *Portuguese Times*, como pode ler-se no artigo do jornalista britânico (e praticante de golfe) presente, para quem "[o]f all courses over which we have played from California to Manchuria, and this includes England, and Europe generally, we have never seen a finer a piece of golf artistry than exists at the third hole in Estoril.[1142]" O requinte do *green* seria recordado como ponto de grande interesse para o até então Príncipe de Gales, coroado Rei Eduardo VIII após o falecimento de seu pai, Jorge V, em Janeiro de 1936.[1143]

3. A crescente presença de espanhóis

Como indicámos, em 1936 John Gibbons publicou um guia onde o ano turístico do Estoril era marcado por duas estações: a estada de Inverno da cultura anglo-saxónica e a de Verão, da hispânica. Igual situação era revelada pela ACICC em *Boletim* publicado nesse ano e onde se lê que, "[c]onfinando-se aos Estoris, a indústria hoteleira vive, no inverno, dos inglêses; no verão, de alguns anos para cá, principalmente dos espanhóis.[1144]" A emergência de Espanha como segundo mercado emissor resultara de uma complexa trindade graças a: (1) conjuntura política;(2) pormenores de dualidade conceptual; e (3) concentração temporal de elementos.A instauração da II República (de pendor esquerdista e democrático) em Espanha, em 1931[1145], iniciara um processo de convulsão que, a 10 de Agosto 1932, produziria o golpe fracassado de Sevilha liderado pelo General José Sanjurjo[1146]. Após peripécias politico-jurídicas o condenado veria a pena aliviada para exílio que, por decisão própria, o conduziria aos arredores de Lisboa. Falar da turbulência doméstica espanhola na década de 1930 é ecoar o nome de Sanjurjo

[1141] *Diário de Lisboa*, 22 de Setembro de 1935, p.5.
[1142] *Portuguese Times*, 25 de Setembro de 1935, p.3. A inauguração decorreria apenas em Maio de 1937.
[1143] *O Estoril*, 30 de Janeiro de 1936, p.1. Eduardo VIII abdicaria ainda em Dezembro de esse ano.
[1144] *Boletim da Associação Comercial e Industrial do Concelho de Cascais*, 26 de Setembro de 1936, p.1.
[1145] Após as eleições de Abril de 1931 Alfonso XIII abdicaria, elegendo-se Manuel Azaña como líder da coligação republicana radical socialista; se a Portugal chegariam opositores monárquicos e conservadores, Espanha continuaria a ser destino para a oposição ao regime nacional (Cf. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (dir.) – *Nova História de Portugal,* Vol. XII – Portugal e o Estado Novo (1930-1960), Lisboa, Editorial Presença, 1990, pp.28-29). Na verdade, os renegados nacionais radicados em Paris, Madrid e na Galiza planeavam um golpe que seria abortado em Agosto de 1931 e levaria Carmona a pedir "ao governo espanhol que impedisse os exilados portugueses de residir a menos de 100 quilómetros da fronteira portuguesa." Cf. Douglas Wheeler, *A Ditadura*, p.59.
[1146] José Sanjurjo y Sacanell (1872-1936) era Marquês de Riff, herói das campanhas de Marrocos e fora duplamente agraciado com a Ordem Militar de São Fernando (a de maior dignidade em Espanha). Cf. *Diário de Lisboa*, 20 de Julho de 1936, p.4; *Diário de Notícias* 21 de Julho de 1936, p.4.

em termos políticos ibéricos e em termos turísticos pela influência benéfica sobre o triângulo costeiro em estudo. Mas quem foi o ilustre? Durante anos Sanjurjo comandara a Guarda Civil, mas a suspeita de envolvimento em conspiração monárquica levaria o Governo republicano a destituí-lo, atribuindo-lhe como prémio de consolação o posto de Comandante-Geral dos Carabineiros[1147]. De facto, a 10 de Agosto o governo esmagariao golpe sevilhano liderado por si, sendo capturado em Huelva, em fuga rumo à fronteira portuguesa[1148]. Condenados os conspiradores a penas exemplares, em Janeiro de 1934 anunciar-se-ia um projecto de amnistia elaborado por membros de partidos minoritários de direita[1149], que conduziria à libertação dos presos políticos encarcerados na fortaleza de *Santa Catalina*, em Cádiz, em Abril.[1150]

Qual folhetim novelesco os episódios seguintes seriam reportados pela Imprensa, desde a nomeação dos amigos militares e aristocratas que preparavam o seu acolhimento no Monte Estoril, à apoteótica recepção do paquete «*Baloeran*» no Cais de Alcântara. Apesar da chuva, ninguém arredou pé para saudar o general e família (esposa e filhos Justo e Pepe), além de que, à chegada ao Hotel Miramar[1151], onde "não só os numerosos emigrados espanhóis e os jornalistas e fotógrafos que foram de Lisboa, mas [também] dezenas de estrangeiros que ali estão hospedados"[1152], se reuniram para o vislumbrar. Da comissão de «boas-vindas» destacamos os tenentes-coronéis Esteban Infante e Martin Alonso, e os marqueses de Sanceda e de La Vega de Bacillo. Do aportar triunfal em Lisboa ao *checkin* no Monte[1153], a Tobis Portuguesa registaria[1154] todas as cenas, editando-as em documentário que seria estreado no Casino do Estoril, dias depois[1155]. O Marquês de Riff gozaria dias de felicidade[1156], aumentada com o

[1147]*Diário de Lisboa*, 8 de Fevereiro de 1932, p.8.
[1148]*Idem*, 11 de Agosto de 1932, p.5.
[1149] Destaque para Gil Robles, professor da Universidade de Salamanca e membro do Partido Acção Popular, que, em finais de Julho de 1936, se fixaria em Lisboa, para dar alento, por via radiofónica, aos rebeldes no terreno (Cf. *Diário de Notícias*, 29 de Julho de 1936, p.1). No contexto da diplomacia ibérica, entre Novembro de 1933 e Fevereiro de 1936 assistira-se a uma aproximação entre estados após a eleição dos radicais coligados com a direita de Robles. A situação terminaria com a vitória, em 1936, da Frente Popular (coligação de socialistas e comunistas) sobre a direita e o partido de Robles (a Confederação Espanhola das Direitas Autónomas ou *CEDA*).Cf. Maria Filomena Abreu – "As Rádios Portuguesas e a Causa Franquista – A 'Guerra do 'Eter'", *História*, Lisboa, nº20, Maio de 1996, p.34.
[1150]*O Século*, 22 de Abril de 1934, p.1.
[1151]O Hotel Miramar era o único com classificação de 1ª classe (Cf. Decreto-lei nº23:516 de 27 de Janeiro de 1934) e tinha como donos sócios espanhóis. Refiram-se Ricardo Allen, Salvador Vilanueva e Ventura Garcia Rodrigues. Cf. *O Estoril*, 9 de Novembro de 1935, p.2.
[1152]*Diário de Lisboa*, 26 de Abril de 1934, p.6.
[1153]OGeneral aproveitou a estada para conhecer, entre outros, a Exposição Colonial do Porto. Cf. *O Século*, 8 de Julho de 1934, p.1 e p.4.
[1154] Carro de filmagens dirigido por Paulo de Brito Aranha. Cf. *A Voz*, 28 de Abril de 1934, p.1.
[1155]*Idem*, 3 de Maio de 1934, p.2.

matrimónio do primogénito, o Capitão-Aviador Justo Sanjurjo, com a filha dos marqueses de Villamediana, Conchita de Lara de Camin, a 6 de Agosto, na igreja de Santo António do Estoril. A cerimónia seria celebrada por Monsenhor António José da Moita, num templo repleto de elegante audiência espanhola[1157]. Em Setembro, o impacto da convulsão vizinha seria revelado em artigo no *Diário de Lisboa* onde se exaltava o colorido visual e sonoro perceptível de Norte a Sul de Portugal devido à intensa presença de espanhóis, considerando-se esta uma benéfica "invasão dourada – dourada no sentido cambial.[1158]" Desde 1931 que a Costa do Sol acolhia "emigrados políticos"[1159]; no emaranhado tecido social[1160] que se compunha de refugiados residentes e dos familiares que, no Verão, os reviam(população flutuante), recordamos a posição da OMTpara apenas considerar os segundos enquanto visitantes com intentos turísticos. Nas concessões da SEP os almejados dividendos financeiros resultantes da satisfação de este nicho levariam, tal como no caso do segmento britânico, à organização de programas específicos, como: (1) uma verbena no pinhal contíguo ao Casino, no Verão de 1935 – com danças, cantares e trajos andaluzes, em animação a cargo do grupo «*Sol de España*»[1161]; (2) a actuação da Tuna Universitária de Compostela, em Janeiro de 1936 – a pedido expresso para uma aparição única[1162]; (3) a contratação da Orquestra de Jaime Planas para esse mesmo Carnaval[1163]; e (4) o Campeonato Portugal-Espanha de dança de bola, em Julho de 1936.[1164]

[1156] Sanjurjo justificara a escolha pela metáfora seguinte: "A Europa é como que um laboratório químico, onde se fazem experiencias. Só Portugal, segundo me têm dito, goza dessa tranquilidade de que eu aspiro e ambiciono." Cf. *A Voz*, 28 de Abril de 1934, p.1.

[1157] *Ibidem*, 5 de Agosto de 1934, p.4.

[1158] *Diário de Lisboa*, 12 de Setembro de 1934, p.1. O contingente de exilados justificaria a criação de "um vice-consulado de Hespanha", em Cascais, (Cf. Américo Costa (ed.) – "Cascaes", *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular – Hydrographico, Historico, Orographico, Biographico, Archeologico, Heraldico, Etymologico*, Vol. IV – C-Castellinhos, Vila do Conde, 1934, p. 1425); era Vice-Cônsul Manoel Pereira Dias. Cf. *Anuário Comercial de Portugal*, 1935, p.2554.

[1159] *O Estoril*, 29 de Abril de 1934, p.1.

[1160] O jornalista inglês Ralph Fox, que se deslocara a Lisboa, em 1936, para estudar a retaguarda dos rebeldes, notaria que a maioria dos exilados eram pessoas de meia-idade, mas também havia jovens, bronzeados e bem constituídos, que se sabia serem Falangistas. Cf. Ralph Fox, *Op. Cit.*, p.66.

[1161] *O Século* 29 de Agosto de 1935, p.2.

[1162] *Idem*, 15 de Janeiro de 1936, p.5.

[1163] Que executaria os seus "números de «music-hall» e revista", em conjunto com a (agora nomeada) Orquestra Portugal (a residente do Casino). Cf. *Diário de Lisboa*, 20 de Fevereiro de 1936, p.4.

[1164] *Diário de Notícias*, 20 de Julho de 1936, p.2. Abra-se parêntesis para indicar que, desde 1921, o historial de desafios de Futebol entre as selecções ibéricas dava vantagem a Espanha(pela profissionalização da modalidade). Parece-nos interessante a tentativa de melhoria das condições físicas e mentais dos jogadores «das quinas» quando, em Março de 1934, os pupilos do seleccionador Ribeiro dos Reis realizaram um estágio no eixo de estudo (Cf. *Diário de Lisboa*, 16 de Março de 1934, p.12). Note-se que a partida disputada no Estádio do Lumiar trouxera à capital turistas espanhóis que lotavam a capacidade de alojamento na Grande Lisboa (Cf. *Idem*, 18 de Março de 1934, p.5). A título oficioso, a

As senhoras da comunidade exilada agradeceriam ao concelho de acolhimento através da entrega do produto auferido pela organização de eventos a instituições locais de solidariedade social, como aconteceu com a «Novilhada à Espanhola», em Setembro de 1935[1165], ou com a festa realizada na mata do Convento de Santo António, um ano depois[1166], ambas visando apoiar a acção das Oficinas de São José e filiais concelhias (de apoio à desafortunada comunidade anfitriã). A escalada do sucesso do Estoril era, inclusive, impressa na capa d'*O Estoril*, no final da época de 1935, ao ler-se:

> A concorrência espanhola este ano, calculando-se em milhares de veraneantes, juntamente com as colónias inglesa, francesa e alemã num mundanismo conjunto, atestam a internacionalização do Estoril, hoje um centro de turismo europeu, mercê de raras qualidades climatéricas… e dos seus constantes melhoramentos e aperfeiçoamentos urbanos.[1167]

Outro periódico admitia que a presença do General Sanjurjo propiciara visitas[1168] sazonais, "tantas, que têm constituído a propaganda do nosso triunfante Estoril, cantando-a na volta à Espanha e fazendo com que de lá viessem as avalanches dos veraneantes deste ano.[1169]" Ao segundo dia de 1936 o *Diário de Lisboa* publicaria um artigo intitulado «Uma Vidente Pessimista anuncia o fim do mundo e outras coisas lamentáveis»[1170]. Apesar da ironia da peça, em Julho deflagraria a Guerra Civil de Espanha e, três anos e dois meses depois, o mundo testemunharia animosidade global, pela segunda vez em vinte anos. Embora a 16 de Julho Sanjurjo desmentisse[1171] o boato

---

estada de espanhóis conduziria a encontros no campo de jogos do Estoril; sendo o amadorismo denominador comum, Portugalvenceria o primeiro desafio por expressivos 7-3 (Cf. *O Estoril*, 9 de Maio de 1936, p.4.) e o segundo por 4-0 (Cf. *Idem*, 31 de Maio de 1936, p.4). Os lucros resultantes da cobrança de bilhetes seriam entreguesà Casa de Trabalho do Asilo de Santo António; apesar da face beneficente, recorde-se que o regime não apreciava o Futebol por ser desporto urbano e de massas que suscitava reacções emotivas imprevisíveis, "o que ia contra a ideologia desportiva amadora, tradicionalista, antiurbana, antimodernista, do Estado Novo." Cf. Ricardo Serrado, *Op. Cit.*, p. 192.

[1165] *O Estoril*, 22 de Setembro de 1935, p.4.

[1166] *Diário de Notícias*, 6 de Setembro de 1936, p.5.

[1167] Artigo assinado por Correia da Costa. Cf. *O Estoril*, 8 de Setembro de 1935, p.1.

[1168] Como a do Marquês de Quintanar que aproveitaria para realizar um périplo por Portugal, conforme correspondência remetida a António Ferro solicitando-lhe apoio na programação do *tour*, cujos quarto e quinto dias incluiriam Estoril e Cascais. Cf. PT/FAQ/AFC/001/0363/000007, Correspondência AFC-AF, Caixa 0028, Carta do Marquês de Quintanar, Madrid, 14 de Fevereiro de 1935.

[1169] Cf. *Diário de Lisboa*, 13 de Setembro de 1935, p.4.

[1170] *Idem*, 2 de Janeiro de 1936, p.12.

[1171] O General residia então na *Villa* Leocádia. Cf. *Diário de Notícias*, 16 de Julho de 1936, p.5. Em obra literária, José Samarago ironizaria discurso e acções de Sanjurjo, recordando que "estas falsidades… são o pão da política… quem nos dirá que não foi punição divina [o que se seguiu], toda a gente sabe que Deus castiga sem pau nem pedra." Cf. José Saramago, 1984 – *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, 20ª ed., Alfragide, Editorial Caminho SA, 2011, p.523. De facto, Portugal foi pólo conspirador para a sublevação, tanto que Quintanar contactara até Salazar em busca de apoio (Cf. Câmara Municipal de Lisboa (ed.) – *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, 1996, p.38). A Agostinho Lourenço, director da Polícia de Vigilância e Defesa de Estado, Salazar indicou que informasse o Marquês que as autoridades não permitiriam recurso a pistas militares de aterragem; contudo, ignoravam a actividade de autódromos civis

de que se preparava para liderar a sublevação após a morte de Calvo Sotelo[1172], a verdade é que, desde a sua chegada, o Estoril tornara-se "ponto de encontro obrigatório dos que conspiravam às claras contra a jovem república [espanhola].[1173]" Dias depois, a 20 de Julho, o *Diário de Lisboa* noticiava que Sanjurjo morrera carbonizado ao tentar descolar em avioneta civil do campo usado para corridas equestres, na Marinha[1174]. O piloto, Capitão Juan Antonio Ansaldo[1175], sobrevivera ao saltar do aparelho em queda, sendo transportado para o Hospital da Misericórdia. Pormenores podem ser recolhidos na Imprensa: das características da pista improvisada à razia da avioneta sobre os pinheiros envolventes, até à hélice partida e ao incêndio que deflagrara pelo derrame de

---

e privados (Cf. António Pedro Vicente – *Espanha e Portugal: Um Olhar sobre as Relações Peninsulares no Século XX*, Lisboa, Tribuna da História, 2003, p.111). Em Maio de 1936 ocorrera, no Estoril um encontro de generais nacionalistas (Cavalcanti e Fernandez Pérez), representantes dos governos alemão (Hans Herman Volkers) e italiano (Pedrazzi) e autoridades portuguesas. Cf. Filomena Abreu – "A Rádio Portuguesa e a Guerra Civil de Espanha", *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Fernando Rosas (coord.), Lisboa, Edições Colibri e Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1998, pp.127-128.

[1172] O *Alzamiento* planeado para Julho seria liderado por Sanjurjo, co-adjuvado pelas tropas que osgenerais Emílio Mola (a Norte) e Queipo de Llhano (a Sul) liderariam, rumo a Madrid, onde Calvo Sotelo seria o civil que lideraria o novo governo, no que se esperava ser um golpe rápido (Cf. César Oliveira, 1987 – *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*, 2ª ed., Lisboa, Edições O Jornal, 1998, pp.138-139). Calvo Sotelo era o líder do Partido Monárquico derrotado nas eleições de Fevereiro e seria abatido a tiro a 13 de Julho; acusou-se a Frente Popular e a Internacional Comunista, mas terá sido a Falange de José Primo de Rivera que criaria o móbil para a Guerra Civil (Cf. R. Brasillach e M. Bardèche – *História da Guerra Civil de Espanha*, 1º Volume, trad. Ferreira da Costa, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1939, p.25). Poucos dias depois, viúva e filhos viajariam para Portugal para escapar às ameaças constantes, almejando fixar residência em hotel nos Estoris (Cf. *Diário de Notícias*, 19 de Julho de 1936, p.2). A primeira grande reacção aos combates em Espanha foi o comício anti-comunista no Campo Pequeno, em Agosto, no qual Botelho Moniz incitou à defesa da pátria pela formação de uma organização paramilitar: a Legião Portuguesa (LP). O próprio regime admitia que "[f]oi da lição do comunismo espanhol que resultou a formação dessa força magnífica de choque, decidida e pronta, que é a *Legião Portuguesa*." Cf. *O Estado Novo*, p.47. No panorama político europeu, Stanley Payne aborda que a fascização do regime nacional e a criação de unidades como a LP e a MP era "a thoroughly common phenomenon of the period." Cf. Stanley Payne –"Salazarism: «Fascism» or «Bureaucratic Authoritarism»?", *Estudos de História de Portugal*, Volume II – Séculos XVI-XX, Lisboa, Editorial Estampa, 1983, p.527. A procura da rotulação do Estado Novo levaria eruditos a desfiar argumentos sobre se teria ou não sido um regime fascista, tópico que, segundo José Miguel Sardica, ainda não está esgotado a nível teórico. Cf. José Miguel Sardica – *O Século XX Português*, Alfragide, Texto Editores, Lda., 2011, p.75.

[1173] Margarida de Magalhães Ramalho – *Estoril, a Vanguarda do Turismo/Tourism Avantgarde*, trad. Miguel Castro Henriques, Lisboa, By the Book, 2010, p.78. A circulação de Falangistas pelo Estoril seria reportada por Claudio Sánchez Albornoz, Embaixador de Espanha, em carta de 6 de Agosto de 1936, ao seu governo. Nela descrevia a tarde do dia 2, quando quatro combatentes, fardados, se exibiam na esplanada do Tamariz colocando sobre a mesa munições e admitindo ter vindo curar-se ao Hotel Palácio de ferimentos reunidos na frente de Guadarrama. Cf. António Pedro Vicente, *Op. Cit.*, p.155

[1174] *Diário de Lisboa*, 20 de Julho de 1936, p.1.

[1175] Mais tarde, Ansaldo admitiria, em Pamplona, que Mola lhe ordenara que levasse Sanjurjo a Burgos (de onde deveria conduzir as colunas do Norte rumo a Madrid). Cf. *Diário de Notícias*, 21 de Agosto de 1936, p.4. O piloto chegara a Portugal numa avioneta de turismo que, ao aterrar no aeródromo militar de Santa Cruz, fora aconselhada a voar até à base civil de Alverca (Cf. *Diário da Manhã*, 21 de Julho de 1936, p.8). Após o acidente e a hospitalização, o sobrevivente ficaria uns dias na clínica do Dr. Alberto Madureira (no Monte), antes de se alojar na casa da Marquesa de Arquelles (no Estoril). Cf. *Diário de Notícias*, 22 de Julho de 1936, p.1.

combustível, não olvidando que esposa e amigos íntimos[1176] do general (que perecera aos 64 anos[1177]) presenciaram a cena. Depositado o cadáver na casa mortuária[1178] do hospital, este seria preparado para velório na igreja de Santo António do Estoril. A urna seria velada por fascistas espanhóis e monárquicos portugueses, celebrando Monsenhor Moita as exéquias num templo apinhado de individualidades ibéricas e locais (como o edil António Cardoso ou Fausto Figueiredo). O cortejo terminaria no cemitério do Estoril (a urna seria depositada no jazigo da família Silveira e Silva até à trasladação), nele se identificando fascistas espanhóis[1179] e italianos (pelas camisas azuis e negras respectivas), para lá das coroas de flores enviadas por entidades locais (como a SPCS ou o Hotel Miramar) e por amigos ausentes (caso do deposto Alfonso XIII). O *Diário de Notícias* mencionava ainda que os *Media* se faziam "representar largamente por profissionais portugueses e espanhóis e correspondentes dos jornais de outros países.[1180]" Dias depois faleceria Justo Sanjurjo na estância termal de Corconte, em Santander.[1181]

[1176] Entre outros, Sanjurjo almoçara com Quintanar (então residente, após a visita de reconhecimento no ano anterior) e o Duque de Medina Sidónia. Cf. *Diário da Manhã*, 21 de Julho de 1936, p.8.

[1177] Detalhes como o cartão-de-visita entregue pelo defunto a Quintanar, combinando almoço no restaurante «*La Peña*», em Madrid. Cf. *Diário de Notícias*, 21 de Julho de 1936, p.1 e p.4.

[1178] Após a libertação de cadáver apressada pelo Delegado de Saúde, Marques Mata, face à identidade da vítima (apesar de não ter sido realizada autópsia, para lá de carbonizado, o defunto revelava uma fractura no crânio em forma de hélice). Cf. *Diário da Manhã*, 21 de Julho de 1936, p.8. Esta mesma pressa seria criticada por Jenaro Artiles para quem "a serious investigation of the accident was never conducted". Cf. Jenaro Artiles – *They had to Die – New Light on the Deaths of Calvo Sotelo, Sanjurjo and Mola in the Spanish Civil War*, Mexico, B. Costa-Amic, Editor, 1970, p.61. Quanto às causas do acidente, Hugh Thomas acusaria a vaidade de Sanjurjo e das pesadas malas onde levava fardas de gala para vestir após a vitória (Cf. Hugh Thomas, 1961 – *A Guerra Civil de Espanha*, Volume I, 2ª ed., trad. Daniel Gonçalves, Lisboa, Pensamento Editores Livreiros, Lda, 1987, p.129), mas Artiles contestaria essa posição, revelando que Sanjurjo era conhecido pelo desleixo das vestes, indolência e apetites alcoólicos, o oposto ao irrepreensível Mola (Cf. Jenaro Artiles, *Op. Cit*, p.61). Alberto Pena recorda que, em 1938, em entrevista a um jornal de Barcelona, Ángel Gallarza, Director da Polícia espanhola, admitiria o seu envolvimento no atentado. Cf. Alberto Pena – *O que Parece é – Salazar, Franco e a Propaganda contra a Espanha Democrática*, trad. José Fallorca, Lisboa, Tinta da China, 2009, p.50.

[1179] Saramago satiriza que os 50.000 refugiados então indicados na Imprensa ibérica não trouxeram para Portugal apenas roupa branca: "só não esperavam que tivessem de mostrar tudo à luz do dia por tão dolorosos motivos". Cf. José Saramago, *Op. Cit.*, pp.523-524.

[1180] *Diário de Notícias*, 23 de Julho de 1936, p.2. Ao relatarem estada e tragédia de Sanjurjo (de forma textual e fotográfica), os jornalistas promoviam ainda as atracções locais. A título de exemplo mire-se a *Ilustração*, de Agosto de 1936; por outro lado, imagens dos destroços e do funeral seriam filmadas por José Nunes das Neves (sócio da *Ulysseia Film*) e editadas pela *Cifesa*, produtora espanhola de Cinema, que criaria o *muy*exibido*El Entierro del General Sanjurjo*, inaugurando "a produção cinematográfica franquista." Cf. Alberto Pena, *Op. Cit.*, pp.175-176. Ainda em 1936 seria produzido *Homenaje a Portugal*, raro documentário da Lisboa *Film* que a *Films Patria* distribuiria em Espanha, num agradecimento pelo auxílio, incluindo imagens do panteão no Cemitério dos Anjos. Cf. *Idem*, pp.183-185.

[1181] *Diário de Lisboa*, 30 de Julho de 1936, p.5.

Com a Guerra Civil em andamento, os exilados mais espirituais organizariam uma peregrinação a Fátima para 12 de Agosto[1182], ao passo que os combativos lutariam através dos microfones do Rádio Clube Português[1183]. Perante a pluralidade da clientela internacional dos equipamentos da SEP a máscara da não intervenção oficial[1184] portuguesa no conflito vizinho cairia cedo, quando, no rescaldo dos 68 dias de resistência a cerco governamental em que os cadetes nacionalistas conseguiram segurar Toledo[1185], o Casino realizaria um espalhafatoso chá dançante em sua homenagem[1186]. Poucos dias depois o mesmo espaço seria palco de comemoração da tomada de Madrid pelos nacionalistas[1187]. O apoio material à causa[1188] pautou-se ainda pela recolha de vários géneros (de alimentos a agasalhos), cuja comparticipação contou com acção da viúva de Sanjurjo[1189]. A nível interno, a situação vizinha originaria manifestações de apoio do povo de Lisboa ao governo de Salazar[1190] e da população de Cascais[1191] ao edil

[1182] Na Linha as inscrições realizavam-se na igreja do Estoril ena de São Nicolau, em Lisboa. Cf. *Diário da Manhã*, 5 de Agosto de 1936, p.5. Oregime utilizaria o espectro do Comunismo para difundir práticas desportivas e militares de preparação para a defesa da pátria, além da submissão religiosa nacional com enfoque na devoção à Senhora de Fátima: até o templo que Pardal Monteiro erguia nas Avenidas Novas a São Julião veria o orago alterado. O culto à Virgem de Fátima seria elevado pela Guerra Civil, pois Salazar promovia Portugal enquanto Estado encarregue da preservação da civilização cristã (Cf. Colin Michael Hall, *Op. Cit.*, p.110). Recorde-se que, segundo a Igreja nacional, um dos «segredos» aquando das aparições de 1917 reportava-se ao combate ao Comunismo (cuja revolução subjugava a Rússia).

[1183] Oficiosamente, a Salazar agradava a ideia de uma reviravolta política em Espanha, por isso palestras como os «Cinco Minutos Anti-comunistas» de Cancela de Abreu (deputado e membro da SE) eram aceites como de intenso fôlego patriótico (Cf. *Diário da Manhã*, 23 de Agosto de 1936, p.3). Salazar sabia que o regime sobreviveria às conspirações de exilados em Espanha e França (onde a Frente Popular vencera eleições em Maio de 1936) se o vizinho ibérico convergisse para a direita. Cf. Fernando Rosas – *O Salazarismo e a Aliança Luso-britânica (Estudos sobre a Política Externa do Estado Novo nos Anos 30 e 40)*, Lisboa, Editorial Fragmentos, Lda, 1988, p.22.

[1184]Em Agosto, o governo de Salazar na pessoa de Armindo Monteiro, então ministro dos Negócios Estrangeiros, comunicara aos embaixadores de Inglaterra e França a certeza de que Lisboa aderira ao "acordo de não intervenção na guerra civil de Espanha", com o propósito de acelerar a brevidade do conflito armado (Cf. *Diário da Manhã*, 15 de Agosto de 1936, p.1). Ojornal consultado era o órgão da Imprensa mais próximo do regime, logo, seu porta-voz oficial (Cf. César Oliveira, *Op. Cit.*, p.203). A neutralidade assumida pela Estado português seria saudada pela Câmara Corporativa em reunião plenária a Novembro de 1936, com discursos deGeneral Eduardo Marques (presidente do órgão consultivo) e Fausto Figueiredo. Cf. *Diário de Lisboa*, 25 de Novembro de 1936, p.5.

[1185]*Diário de Notícias*, 29 de Setembro de 1936, p.1.

[1186] A celebração incluiu ainda palestra por locutora da emissora em Parede e leilão de objectos valiosos como tela oferecida pelo próprio pintor Jorge Colaço, tudo para auxiliar as tropas nacionalistas no esforço de guerra. Cf. *O Século*, 25 de Outubro de 1936, p.2.

[1187]*Diário de Lisboa*, 13 de Novembro de 1936, p.9.

[1188] O *Alzamiento* transformara-se em demorado combate e nos primeiros meses faleceriam os principais arquitectos: Sotelo, Sanjurjo, Mola e Primo de Rivera (que em 1933 criara a Falange), conduzindo Francisco Franco à liderança das hostes**.** Cf. Jenaro Artiles, Op. Cit., p.62.

[1189] A Marquesa de Riff fora vista nos Grandes Armazéns do Chiado a realizar uma larga encomenda "de lãs portuguesas". Cf. *O Século*, 4 de Outubro de 1936, p.2.

[1190] Refira-se a manifestação organizada pela União Nacional a favor da neutralidade assumida em Londres, após os governos soviético e madrileno acusarem Lisboa de apoio aos rebeldes. Cf. *O Século*, 31 de Outubro de 1936, pp.1-2.

e ao Presidente Carmona. Retorne-se à vertente turística para apresentar a homenagem d'*O Estoril* ao malogrado Sanjurjo, por quem os cascalenses nutriam simpatia, e que expressa o vigor da sua passagem no destino português, tanto para a hotelaria como para a promoção do turismo local. Segundo esta fonte:

> A vinda de Sanjurjo para o Estoril foi altamente benéfica para os interesses turísticos desta zona, porque logo após a sua chegada começaram afluindo espanhóis de elevada categoria, atraídos uns pelo afecto que lhe dispensavam, e outros trazidos pelo noticiário de jornais de ambos os países, que durante alguns dias se ocuparam da sua personalidade, fazendo realçar ao mesmo tempo o valor da nossa primeira estância de turismo.[1192]

A afluência de espanhóis ao eixo Estoril-Cascais a partir de 1934 levaria, pouco depois, a que maior número vozes locais ecoasse pela apologia do reforço do parque hoteleiro e pela consecução de planos sanitário e viário de fundo para a Costa do Sol.

4. Transportes, telecomunicações e tecnologia aplicada ao Lazer

No triénio 1934-1936 foram parcas as referências azedas d'*O Estoril* para com a SE[1193]. Constatámos, sim, o reforço dos pacotes promocionais, fossem estes oferecidos através de bilhetes especiais que combinavam deslocação (SE) e refeição em Hotel (SEP)[1194], ou reportando-se ao intensificar de excursões a realizar no triângulo turístico Lisboa-Cascais-Sintra[1195]. No último caso parece-nos clara a aposta no incentivo ao turismo interno, a que não estariam alheios intentos políticos[1196] e constrangimentos de circulação (a situação espanhola dissuadia deslocações de longo curso). Em 1935 a SE aderiu a duas celebrações de monta: em Abril, Cascais acolheu o jantar anual dos

---

[1191] Organizado pela delegação concelhia da União Nacional, a iniciativa começaria na gare de Cascais, passando pela câmara e terminando na Cidadela, contando com discursos anti-comunistas de Hermínio José da Cruz e de Fernando Homem de Cristo. Cf. *O Século*, 9 de Novembro de 1936, p.1 e p.4.

[1192] *O Estoril*, 26 de Julho de 1936, p.1.

[1193] A eficiência da SE seria fundamental após o temporal que fustigara o país a 25 de Fevereiro de 1936, provocando o abatimento da Trincheira da Rainha (muralha pétrea sob encosta junto à residência do industrial Alfredo da Silva,no Monte). Procedendo-se ao desimpedimento do carril do lado mar, os comboios registavam apenas minutos de atraso na chegada aos destinos, pois Carlos Raposo, Chefe da Secção de Obras, dirigia 50 homens que se apressavam a repor a normalidade. Cf. *O Século,* 27 de Fevereiro de 1936, p.11. Em Janeiro de 1935 a SE perderia o Secretário-Geral Álvaro Pinheiro Chagas (filho do escritor Manuel Pinheiro Chagas). Cf. *Diário de Lisboa*, 28 de Janeiro de 1935, p.5.

[1194] Os preços variavam entre 45$00 e 25$00, caso o cliente escolhesse refeição no Hotel Palácio ou no do Parque; a promoção decorria em simultâneo com as festas de Lisboa. Cf. *Diário de Lisboa*, 3 de Junho de 1935, p.4.

[1195] *O Século*, 6 de Janeiro de 1936, p.4; *Diário de Notícias*, 19 de Julho de 1936, p.3; *Diário da Manhã,* 4 de Agosto e 1936, p.5.

[1196] A percepção da grandeza nacional só se afirmaria junto da população nativa pela constatação, *in loco*, da riqueza paisagística (material e imaterial) territorial.

antigos combatentes de Sapadores Bombeiros de Caminhos-de-ferro, cujo programa incluiu acolhimento na gare pelo edil António Cardoso e associações militares, escolares e turísticas[1197], homenagem junto ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra e banquete na sede do SCC[1198]; em Junho, a celebração de Santo António traria a Lisboa, não só a actuação de tradições populares de paragens internas distantes (como os «Zés Pereira» do Minho[1199]), mas também um contingente de intelectuais de proveniências geográficas distintas[1200], a convite do SPN. O brilhante golpe promocional traria escritores como os franceses Jules Romains e François Mauriac, os espanhóis Miguel Unamuno e Wenceslau Fernandez Flores[1201], o britânico Malcolm Campbell[1202], o brasileiro Ribeiro Couto, entre outros[1203]. Os ilustres ficariam rendidos[1204] à beleza natural da cidade e dos arredores[1205], à paz nacional que diferia do caos que se apossava de Espanha, e aos próprios festejos[1206]. Os convidados chegaram à gare do Rossio no *Sud-Express*, alojando-se no Estoril[1207]. Aproveitando a disposição festiva lisboeta, a estância celebraria os Santos Populares com marchas, arraiais e animação geral no Parque Estoril, coadjuvada pela SE no acesso a bilhetes especiais e reforço da circulação de composições. A actualização tecnológica do campo de acção da SE levaria o engenheiro Cancela de Abreu a presenciar a reunião da Assembleia-Geral

[1197] Além da CITC, esteve ainda presente Ventura Abrantes, presidente da Comissão de Propaganda de Cascais (CPC) que abordaremos adiante. Cf. *Gazeta dos Caminhos de Ferro,* 16 de Abril de 1935, p.169.
[1198] Dos discursos proferidos refira-se o do jornalista Carlos D'Ornelas sobre a política mundial, ao avisar: "Eu sinto, eu adivinho que se avizinha uma nova guerra… já se sente ao longe, o trabalho seguinte nocturno dos altos fornos cozendo o aço para a nova guerra." Cf. *Idem*, 16 de Junho de 1935, p.267.
[1199] Nomenclatura administrativa definida pelo Código Administrativo de 1936.Cf. Decreto-lei nº27:424 de 31 de Dezembro de 1936, p.1856.
[1200] A maioria dos convidados apoiava políticas de direita (embora nem todos fossem fascistas), incluindo-se no contingente o Marquês de Quintanar. Cf. César Oliveira, *Op. Cit.*, p.99.
[1201] Que visitariam Sanjurjo, no Estoril, pois estavam alojados perto de si, tendo o pintor Guilherme Filipe como cicerone durante uma visita a Lisboa.
[1202] Campeão do Mundo de Automobilismo e redactor do *Daily Mail* que visitaria ainda o ACP.
[1203] Nos países de origem dos intelectuais, jornais como *Le Figaro* (edição de 2 de Junho), *Paris-Soir* (no dia 4) ou o madrileno *La Epoca* (a 10) mencionariam as celebrações lisboetas. Cf. PT/FAQ/AFC/Cx 1C.
[1204] François Mauriac admitia logo à chegada que "dificilmente poderemos dar conta do que foi a nossa primeira impressão ao chegarmos a Portugal. A beleza da vossa paisagem, este ar de graça que de tudo se evola, excedeu quanto esperávamos." Cf. *O Século*, 5 de Junho de 1935, p.2.
[1205]Já em 1934 o visitante Martin du Gard relatara da estadao charme do Estoril e do troço de costa que se desfrutava até Lisboa, admitindo que "on prend vite l'habitude de la beauté." Cf. Maurice Martin du Gard – *Lettres Portugaises*, s/l, Ernest Flammarion Éditeur, 1934, p.137.
[1206] O calendário surpreendeu pela construção simulada de um bairro de «Lisboa Antiga», cortejos e torneios, feira franca no Terreiro do Paço, fogo-de-artifício e exibições desportivas. Apesar do prejuízo financeiro a aposta promocional a médio/longo prazo fora ganha. Cf. *Idem*, 10 de Janeiro de 1936, p.5.
[1207]A convite do SPN os escritores passariam a tarde em Sintra na companhia do casal António Ferro-Fernanda de Castro, do realizador António Lopes Ribeiro e do pintor Di Cavalcanti, regressando ao Estoril ao anoitecer (Cf. *Jornal de Sintra*, 16 de Junho de 1935, p.1). Órgão promocional público divulgaria a aprovação dos intelectuais em publicação redigida em língua francesa. Cf. *Bulletin de Renseignements Politiques, Économiques et Littéraires*, Lisbonne, SPN, nº7, 31 Juillet 1935, pp.13-16.

do ACP, a 25 de Abril de 1936, para explicar aos presentes que a substituição do sistema de sinalização por outro de tipo automático levaria algum tempo, apaziguando, assim, as reclamações apresentadas por sócios do ACP[1208]. Observem-se estatísticas sobre o tráfego de passageiros na Linha, durante o período em estudo:

1934	**1935**	**1936**
4.741.660	5.008.415	5.162.940

Quadro 20 – Tráfego de passageiros na Linha de Cascais (1934-1936).

(Fonte: *Anuário Estatístico de Portugal, 1934-1936*)

Constamos que, face à tendência de queda verificada entre 1929-1933, o triénio 1934-1936 pautou-se pela alteração de essa tendência, assistindo-se ao consecutivo aumento de bilhetes vendidos. Esta inversão estatística dever-se-ia, não só ao muito divulgado incentivo doméstico à viagem (através das excursões a Sintra e ao Estoril, pelos pacotes promocionais acordados entre SE-SEP), como à crescente passagem por Lisboa e arredores de familiares dos exilados espanhóis radicados na Costa do Sol.Sobre o *Sud-Express*, em Outubro de 1935 admitia-se que a reformulação do acesso social às luxuosas carruagens *Pullman* derivava da crise mundial, o que obrigava a companhia *Wagons-lits* a procurar estratégias para travar a quebra na Procura dos serviços transnacionais[1209]. Além disso, a partir do segundo semestre de 1936 o serviço regular do *Sud* seria suspenso, por período indeterminado, devido à instabilidade em Espanha, transtornando viajantes, concessionária e o Turismo Ibérico, no geral.

Quanto a Telecomunicações, o serviço telefónico do Estoril seria abrilhantado com a abertura da estação, e o do Monte com a permissão para exploração de posto telefónico público[1210] através da portaria nº8:312 de 11 de Dezembro de 1935. Centremo-nos na inauguração do projecto de Adelino Nunes, à qual compareceram representantes de autoridades centrais, locais e turísticas. O momento mais aguardado foi a chamada que o representante da CMC, Eduardo Maria Rodrigues, efectuou para o

[1208] *ACP*, Abril-Maio de 1936, p.24. Em entrevista ao presidente do Automóvel *Club* de França e da Comissão Internacional de Turismo, o Visconde de Rohan revelava que, pela Europa, debatia-se a uniformização de sinalização para circulação automóvel e ferroviária, ajustando-se a luminosa às cores e atribuições que hoje utilizamos para semáforos. Cf. *Diário de Lisboa*, 17 de Abril de 1936, p.4.

[1209] O artigo falavade um "alargamento social e comodidade para novas categorias do público." Cf. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 16 de Outubro de 1935, p.418.

[1210] Cuja inauguração seria celebrada em jornal local. Cf. *O Estoril*, 25 de Dezembro de 1935, p.6.

Palácio de Belém, para dar directamente a boa-nova ao general Carmona[1211]. Quanto ao serviço telefónico facultado pela companhia ao eixo turístico em causa, note-se:

	1934	**1935**	**1936**
Assinantes	301	320	356
Cabines	25	19	22

Quadro 21 – Serviço da *Anglo-Portuguese Telephone Company* no Estoril (1934-1936).

(Fonte:*Anuário Estatístico de Portugal, 1934-1936*)

	1934	**1935**	**1936**
Assinantes	113	127	132
Cabines	11	14	15

Quadro 22 – Serviço da *Anglo-Portuguese Telephone Company* em Cascais (1934-1936).

(Fonte: *idem*)

Resumindo, entre 1934 e 1936 o Estoril registou um aumento no número de assinantes (de 301 para 356), o mesmo sucedendo com Cascais (de 113 para 132 clientes). Quanto a cabines públicas, a sede concelhia assistiu à disseminação do serviço (com o acréscimo de 11 para 15 peças de este mobiliário urbano), enquanto que o Estoril apresentou um interessante panorama de irregularidade. Isto é, em 1934 havia 25 cabines espalhadas pela freguesia e, se considerarmos a abertura da estação telefónica (com cabines e serviços de atendimento), parece-nos compreensível a companhia ter retirado seis em 1935. Contudo, consideramos que o fluxo de veraneantes pertencentes a uma cultura atavicamente ruidosa como a espanhola explique que, em 1936, tenham sido repostas algumas cabines, num total de 22 unidades disponíveis ao público.

Uma vez que as telecomunicações não se cingiam a terra, cumpre-nos completar este tema mencionando que o *Anuário Estatístico de Portugal* confirma a manutenção de quatro faróis[1212] (cabos da Roca e Raso, Guia e Santa Marta) e do serviço semafórico

[1211] *O Século*, 15 de Fevereiro de 1934, p.5.
[1212] Embora ainda individualizados na edição de 1934 (Cf. *Anuário Estatístico de Portugal – Ano de 1934*, p.401), a partir de 1935 as estruturas seriam uniformizadas quanto à distribuição geográfica (termos

de Oitavos, no apoio à navegação na barra cascalense. Sobre os telegramas trocados entre o posto instalado no Forte de Oitavos e as embarcações que cruzavam águas próximas, embora não haja valores relativos a 1934 (tal como não encontrámos sobre os dois anos anteriores), tanto em 1935, quanto em 1936, manteve-se a nota de declínio que marcara o lapso entre 1930 e 1931. Em suma:

1934	**1935**	**1936**
---	1.908	1.780

Quadro 23 – Telegramas trocados no serviço semafórico de Oitavos (1934-1936).

(Fonte:*Anuário Estatístico de Portugal, 1934-1936*)

O último elemento neste sub-tópico é a aliança entre Tecnologia e Lazer e nele redigiremos sobre Electricidade, Cinema e Aviação Turística. No primeiro caso, no período em estudo o Parque seria embelezado com cascatas de jogos de luz nos dois lagos centrais[1213], ao passo que, no segundo, manteve-se o Casino como espaço regular de exibição de películas do agrado da clientela estrangeira[1214] (embora o Casino da Praia mantivesse projecções sob gestão da Freitas, Filhos[1215]). A «7ª Arte» não veria concretizado o desejo de Cassiano Branco para Cascais; a única novidade seria o aluguer do antigo *Stranger's* Casino[1216], onde o Sr. Silvano instalaria a Pensão *Stranger's* e um cinema numa sala anexa[1217]. O edifício situava-se na esquina entre a Avenida de Sabóia e a Rua Conde de Moser e o primeiro filme seria exibido em Março de 1935[1218]; à contínua lotação esgotada das sessões somar-se-iam melhorias na acústica e o desfilar das mais recentes produções inglesa, americana e francesa, a ponto do entretenimento ser qualificado de "equal to anything to be seen in Lisbon".[1219]

Quanto a voos turísticos, a Costa do Sol pecava pela inexistência de aeródromo, mas tal ausência não constituía entrave à realização de visitas estrangeiras, como

exactos, Continente, Ilhas Atlânticas e Império) e a categorias de alcance luminoso (até 10 milhas, 10-20 e 20-30). Cf. *Idem – Ano de 1935*, pp.420-421.
[1213]*O Estoril*, 6 de Setembro de 1936, p.1.
[1214] Para manter actualizada a comunidade espanhola, o cinema do Casino estrearia a projecção regular de documentários informativos sobre a contenda. Cf. *O Século*, 10 de Dezembro de 1936, p.2.
[1215]*Anuário Comercial de Portugal*, 1934-1936.
[1216] Cujas instalações tinham sido renovadas e estavam prontas a acolher uma pensão e um restaurante.
[1217]*O Estoril*, 8 de Abril de 1934, p.2.
[1218] Tratou-se da adaptação cinematográfica da obra *Nana* de Émile Zola. A auspiciosa abertura ficaria registada, ao profetizar-se o seguinte: "If the management continue to show this class of pictures, the Cinema must be a success." Cf. *Portuguese Times*, 20 de Março de 1935, p.5.
[1219]*Idem*, 27 de Abril de 1935, p.5.

comprova a deslocação, em Fevereiro de 1935, de excursionistas sevilhanos em avionetas do «Aero *Club* da Andaluzia»[1220]. Após duas horas e meia de viagem os turistas aterrariam no aeródromo civil de Alverca, cumprindo um intenso programa de visitas entre Lisboa e o Estoril. Outra porta de acesso ao eixo de tese era o aeródromo de Sintra[1221], onde a 2 de Fevereiro de 1936 seria inaugurada a carreira regular Lisboa-Londres (na verdade, Sintra-Croydon), com recurso a trimotores da *Crilly Airways Ltd*[1222]. As negociações para o efeito principiaram em Setembro de 1935 com a visita a Lisboa de William Parkin, director-geral da companhia, no ensejo de "contribuir para o desenvolvimento do turismo em Portugal, iniciando… frequentes viagens de turismo, para as quais estabeleceu… um programa que inclui a estadia de oito dias em Lisboa, com excursões aos arredores da cidade.[1223]" Anunciada como uma carreira com percurso de oito horas e custo inferior a bilhete de 1ª classe no *Sud-Express*, nascia, para lá do automobilismo, a nova rival à circulação ferroviária: a aviação. Em Dezembro de 1936, seria também de Sintra que descolaria a aeronave que inauguraria as ligações aéreas regulares entre Portugal e a Alemanha pela companhia "Laufthause"[1224]. Apesar do desastre que em Julho de 1936 vitimaria Sanjurjo, em pista improvisada na Marinha, em Dezembro *O Estoril* anunciava que um grupo português e a empresa proprietária dos terrenos acertavam detalhes para estabelecimento da Escola de Aviação Civil, cujas obras de adaptação do solo a pista de aterragem iam adiantados[1225]. Embora a «Era do *Zeppelin*» atingisse o ocaso[1226], aquando das apoteóticas festas de Lisboa, em Junho de 1935, os ares da capital e dos arredores foram cruzados pelo «Conde Zeppelin» que saudaria o Presidente da República, sobrevoando a Cidadela de Cascais e os Estoris antes de rumar a Sintra[1227]. Dois meses depois, Ernst Lehman, Comandante do dirigível «*Graf Zeppelin*», passaria uns dias de descanso com a esposa no Monte Estoril.[1228]

Terminamos com menção às transmissões radiofónicas. Em Outubro de 1934 o Casino Internacional acolheu a reunião do comité consultivo internacional de

[1220] *O Século*, 3 de Fevereiro de 1935, p.6.
[1221] O decreto-lei nº26:439, de 21 de Março de 1936 permitiria o tráfego civil na Granja do Marquês.
[1222] *Bulletin de Renseignements Politiques, Économiques et Littéraires*, Lisbonne, SPN, nº12, 29 Février 1936, p.6; *O Século*, 3 de Fevereiro de 1936, p.1 e p.5.
[1223] *Diário de Lisboa*, 27 de Novembro de 1935, p.5.
[1224] Com voos agendados às Segunda, Quarta e Sexta-feiras. Cf. *O Estoril*, 25 de Dezembro de 1936, p.4.
[1225] *O Estoril*, 6 de Dezembro de 1936, p.1.
[1226] Fim anunciado pelo desastre do «*Hindenburg*», em Maio de 1937, no aeródromo de Lakehurst, em New Jersey, perto de Nova Iorque.
[1227] *O Século*, 11 de Junho de 1935, p.6.
[1228] *Diário de Lisboa*, 9 de Agosto de 1935, p.5.

radiodifusão[1229]. Apesar de não existir qualquer estação emissora[1230] no triângulo Estoril-Monte-Cascais, note-se que a Emissora Nacional entretinha musicalmente os ouvintes com trechos sinfónicos tocados em directo por músicos coordenados pelo maestro Pedro de Freitas Branco, cuja mestria levaria o Casino a exibir a Grande Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional[1231]. Por sua vez, o RCP transmitiria, em Fevereiro de 1935, um sarau radiofónico, no qual artistas como a hispânica Conchita Ulia ou o português Erico Braga, *habitués* nos espectáculos realizados no Casino, colaborariam. Já em Novembro do ano anterior o RCP associara-se à celebração do casamento do Príncipe Jorge de Inglaterra, ao emitir em simultâneo a transmissão da Emissora Imperial de Londres.[1232]

5. Hotelaria, Restauração e espaços de convívio social

5.1. Hotelaria, Restauração e casinos

A 27 de Janeiro de 1934 o decreto-lei nº23:516 listava os estabelecimentos autorizados a utilizarem a designação de «Hotel»: no Estoril, abarcava o Estoril Palácio Hotel[1233] (classe de luxo), o Paris (2ª classe) e o do Parque (3ª classe); no Monte apenas o Hotel Miramar era de 1ª classe, sendo os hotéis Estrade[1234], Itália e Atlântico[1235] de 2ª; Cascais mantinha-se sem registos dignos[1236]. Quanto a alojamento complementar, existiam pensões no Monte Estoril (a *Zenith*, a Panorama[1237], a *Stranger's*[1238], a Monte Estoril[1239], a Boaventura[1240] e a Londres[1241])[1242], no Estoril (as pensões Estoril, a *Joanni*,

[1229] Cujo programa de visitas incluiu a presença dos 300 delegados no encerramento da Exposição Colonial do Porto, Cf. *Idem*, 19 de Outubro de 1934, p.1.
[1230] Fundado em Fevereiro de 1934, o RCP tinha sede e antena em Parede, ao passo que a Emissora Nacional, fundada a 4 Agosto de 1935**,**tinha sede em Lisboa e antena em Barcarena. Cf. Fernando Rosas e J. M. Brandão (dir.) – "Rádio", *Dicionário de História do Estado Novo*, Vol II M-Z, Venda Nova, Bertrand Editora, 1996, p.809.
[1231] *Diário da Manhã*, 30 de Julho de 1936, p.8.
[1232] *Diário de Lisboa*, 28 de Novembro de 1934, p.8.
[1233] Dirigido por José Soleiro e Victor Hugo.
[1234] Em 1936 Manuel Gonzalez Fernandez efectuaria melhoramentos e a unidade ascenderia à 1ª classe. Cf. *O Estoril*, 25 de Abril de 1936, p.2.
[1235] Não mais indicado como «Pensão Hotel».
[1236] Embora o Hotel Riviera fosse ainda listado no *Anuário Comercial* de 1934.
[1237] Na Avenida Sanfré, no Alto de Palmela e concessionada a José d'Almeida Duarte. Cf. The Anglo-Portuguese Telephone Company Ltd (ed.) – *Lista nº57 dos Assinantes das redes Telefónicas públicas de Lisboa e seus Arredores*, Lisboa, 1934, p.226.
[1238] Na Avenida de Sabóia, nº348.
[1239] Situada no *Chalet* Elisa, na Avenida de Sabóia. Cf. Fernando Soares, *Guia de Hotéis e Turismo em Portugal* 1934-1935, Lisboa, Livraria J. Rodrigues & C.a, s/d, p.374.

a Inglesa[1243], a Astória[1244] e a Casa Mar e Sol)[1245] e na sede concelhia (a Grande Globo – surgida em 1934– e a Oceano – de 1936-)[1246]. Em Maio de 1936 constava-se a organização de uma empresa com vista à construção de hotel na Praia da Conceição.[1247]

Neste tópico destacamos o (agora) Hotel Atlântico[1248], propriedade do casal holandês Vera e Ferdinand Mouths, que começava a destacar-se em 1934 pela clientela germânica graças ao pai do dono-gerente que, para além de visitar regularmente a unidade, era seu promotor na Alemanha. Como indicava *O Estoril*, "o ilustre visitante por mais de uma vez tem feito na Alemanha a propaganda do nosso Paíz em conferências públicas, sempre muito concorridas e apreciadas, e às quais se teem referido largamente os jornais daquela nação.[1249]" A reforçar a declaração, a edição seguinte indicaria a estada da Baronesa Carola von Oertzen de Ilhenburg, "representante e colaboradora e alguns dos melhores jornais de Berlim… a ilustre visitante está encantada com as belezas da Costa do Sol, que não e cansa de elogiar.[1250]" Outra presença emblemática foi a do antigo herdeiro do trono germânico, o Príncipe Guilherme, em Abril de 1935, acompanhando o 1º cruzeiro estatal alemão da *KdF*[1251]. O apelo junto do governo central sobre a apologia de aproximação à nação germânica revelar-se-ia, entre outros, em dois exemplos oficiais. O primeiro concerne a palestra «Turismo e Portugal – A Indústria do Turismo», proferida por J. Duarte Ferreira

[1240] Sediada no *Chalet* Madalena, cujo edifício pertencia a Garcia Rodrigues, um dos sócios que explorava o Miramar. Rodrigues ampliaria-o para complementar a actividade da unidade principal. O AHMC conserva os "registos de hóspedes a partir de 1937". Cf. António Carvalho (coord.) – *Conservatório de Música de Cascais – Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras: Roteiro/Guide-book*, trad. Miguel de Castro Henriques, s/l, CMC, 2008, p.28.
[1241] Sita na Rua de Bicesse, a Pensão Londres pertencia a Portas Nunes. Cf. Fernando Soares, *Op. Cit.*, 74.
[1242] Além destas, em 1936 desapareceria a Pensão Família. Cf. *AnuárioComercial de Portugal*, 1934-1936.
[1243] Localizada na *Villa* Ramos Simões, no Alto Estoril, pertencia a *Miss* B. Woollett, conforme anúncio. Cf. *Cinéfilo*, 19 de Outubro de 1935, pp.16-17.
[1244] Mencionada por E. Rosenthal, *Op. Cit.*, p.216.
[1245] *Anuário Comercial de Portugal*, 1934-1936.
[1246] *Idem*.
[1247] *O Estoril*, 24 de Maio de 1936, p.2. No final desse ano indicava-se a projecção de um hotel para o Guincho (Cf. *Idem*, 25 de Dezembro de 1936, p.10), mas apenas nas décadas de 1950 e 1960ali surgiriam unidades hoteleiras na Bateria Alta (convertida em Fortaleza do Guincho, em 1956) ena Bateria da Galé (onde a Estalagem Muchaxo surgiria em 1964). Os dados foram recolhidos no âmbito do relatório ao seminário de Gestão do Património Cultural, intitulado *Da Arte da Guerra à Indústria da Paz – O Reaproveitamento Turístico das Fortificações Costeiras de Cascais.*
[1248] Aceite como sócio da ACICC após aval da direcção a 8 de Março de 1934; igual estatuto seria conferido ao Hotel D'Itália. Cf. *Boletim da Associação Comercial e Industrial do Concelho de Cascais*, 1 de Abril de 1934, p.1.
[1249] *O Estoril*, 11 de Março de 1934, p.1.
[1250] *Idem*, 12 de Março de 1934, p.1. Também a escritora Margaret Elzer divulgaria que o romance em preparação teria trechos com cenas passadas no Estoril. Cf. *Ibidem*, 8 de Setembro de 1935, p.1.
[1251] O *Diário de Lisboa* identificou-o como "o ex-kronprinz da Alemanha". Cf. *O Século*, 27 de Abril de 1935, p.5.Na alínea referente à promoção *in loco* abordaremos as viagens da *KdF* a Portugal.

aquando do I Congresso da União Nacional[1252] e na qual o orador apelava à criação de uma Casa de Portugal na Alemanha[1253]; o segundo recorda que, por seu turno, os hoteleiros dos Estoris solicitariam ao MNE um acordo de turismo com a Alemanha, de modo a facilitar o intercâmbio de visitantes, por naquele país haver muita procura sobre a oferta portuguesa[1254]. Retornando ao serviço oferecido pelo Atlântico, no final de 1934 seria inaugurado chá-concerto ao Domingo, com a participação musical do trio de professoras Maria da Luz Antunes (violinista), Maria Amélia Manso (pianista) e Maria Morgado Costa (violoncelista). Em Abril de 1936 noticiar-se-ia o aval do CNT à ampliação do estabelecimento[1255], o qual passaria a ter 150 quartos de dormir e de banho[1256]. Na memória descritiva inserida no requerimento datado de 16 de Abril de 1936 justificava-se o alargamento de diversas áreas, das quais salientamos o terraço central da frente Sul, por já não suportar "o movimento de hóspedes e passantes"[1257]. Esta renovação estaria a cargo do construtor-civil Alfredo António de Figueiredo e seria executada em duas fases "para assegurar a manutenção e continuação do bom funcionamento do serviço do Hotel."[1258]

Relativamente a 1935 note-se o empreendorismo de José Fernandes Travassos: depois de laborar no Hotel de Itália e gerir a Pensão *Zenith*, abriria ao público o Hotel Inglaterra[1259]. Não longe surgiria no Estoril o Hotel Europa[1260]e, em 1936, abriria na Estrada de Bicesse a Bom Refúgio *Guest House*, apresentando predicados em anúncio ondeoferecia "[a]ppartments and rooms all with private bath-rooms, telephone and central heating… spacious garden and garage.[1261]" A demanda dos hoteleiros por apoio

[1252] Realizado em Maio de 1934, também Carlos Santos do ACP apresentaria a tese *Turismo*, recordando a desadequação das práticas em voga e indicando o que se concretizava em países que desenvolviam a actividade. Cf. *ACP*, Maio de 1934, suplemento.
[1253]*Indústria Portuguesa*, Abril de 1935, p.65.
[1254]*O Estoril*, 6 de Dezembro de 1936, p.1.
[1255]*O Século*, 22 de Abril de 1936, p.9. Crê-se que o autor fora o arquitecto berlinense Lesser. Cf. José D'Encarnação, *Recantos*, p.270.
[1256]*O Estoril*, 25 de Abril de 1936, p.2.
[1257] AHMC/AADL/CMC/L-E/001-004/4221 [folha 4].
[1258]*Idem* [folha 5v.].
[1259]*O Estoril*, 31 de Agosto de 1935, p.5. Da autoria de Silva Júnior, o Palacete Alexandre Nunes Sequeira fora o "primeiro edifício particular construído no Parque Estoril", tendo direito a publicação de detalhes do projecto em revista técnica, em 1918: nele constavam três pisos, dois dos quais, à superfície (Cf. *A Arquitectura Portugueza*, Novembro de 1918, pp.41-44). Mais tarde, o palacete seria ampliado e adaptado. Cf. "Ficha do Património Imóvel - Palacete Alexandre Nunes Sequeira, Hotel Inglaterra", *Cascais Agenda Cultural*, nº51, Julho/Agosto de 2011, Câmara Municipal de Cascais (ed.), p.79.
[1260]*O Estoril*, 25 de Dezembro de 1935, p.3; *Turismo*, Junho/Julho de 1936, p.22.
[1261]*O Estoril*, 15 de Novembro de 1936, p.3.

estatal ao incremento[1262] de unidades resultaria, em Agosto de 1936, na exposição pública de uma *maquette*, no Hotel Avenida Palace, em Lisboa, do novo estabelecimento que o arquitecto Pardal Monteiro projectara para o Monte Estoril[1263]: o Esplêndido Hotel[1264]. A inauguração do evento contaria com a presença de Carmona, ministros e ilustres da vida nacional, sem esquecer a Imprensa; um mês depois anunciar-se-ia o aval do CNT ao projecto[1265]. *O Estoril* facultaria informações complementares sobre a aquisição da Casa Seixas e de terrenos anexos, no Monte, com o intuito de erguer o hotel de Castanheira de Moura, a inaugurar em 1937.[1266]

Ocupemo-nos por instantes da incipiente formação hoteleira coeva, na qual a acção estatal foi qualificada por Sérgio Palma Brito como "uma ausência"[1267]. De facto, desde cedo os hoteleiros portugueses se ocuparam da formação do seu *staff* plural visando providenciar um serviço que satisfizesse uma clientela habituada a tratamento exímio em estâncias estrangeiras. No tocante às concessões da SEP sabemos que Fausto Figueiredo estava bem atento a esse preciosismo,

> mandando vir do estrangeiro alguns profissionais para os quadros superiores e para dar aulas. Todos os empregados eram ensinados a dar razão ao cliente e a demonstrar capacidade de resolução de problemas ou de conflitos, sempre baseando-se no aconselhamento do responsável máximo, o director.[1268]

Exemplo do investimento privado na formação dos empregados foi a festa no Hotel Palácio para entrega de prémios aos alunos mais aplicados que haviam estudado línguas (Português, Inglês e Francês) com a professora Georgina Laidley. Na cerimónia de conclusão das acções de aprendizagem discursaria Marques Guedes, sendo

---

[1262] Em Fevereiro de 1936 reportava-se o embaraço da Casa de Portugal em Londres perante o volume de procura sobre a capacidade de alojamento dos Estoris. Cf. *O Século*, 16 de Fevereiro de 1936, p.3.
[1263] A unidade fora pensada "com a mesma implantação que, mais tarde, viria a ter o Hotel Atlântico." Cf. João Vieira Caldas, *Op. Cit.*, p.31. Contudo, esta segunda tentativa de construção também não vingaria.
[1264] *Diário de* Notícias, 19 de Agosto de 1936, p.2. A ideia de um *Splendid Hotel* devera-se a Policarpo Anjos (irmão de Carlos), membros da Companhia do Monte Estoril. Esboçado por Miguel Ventura Terra, o plano seria divulgado em 1903, mas a concretização do projecto falhara pela incapacidade de reunirem-se "os trezentos contos em que orçava a construção." Cf. João Aníbal Henriques, *Turismo no Estoril***,** p.143. Cfr. João Miguel Henriques, *Cascais*, p.78; Raquel Henriques da Silva, "*Estoril*", p.44. A última autora relembraria o sonho à audiência do ciclo de conferências *O Estoril e as Origens do Turismo em Portugal*, a 17 de Setembro de 2011, no Espaço Memória dos Exílios, no âmbito das comemorações do Centenário do Turismo em Portugal.
[1265] *Diário da manhã*, 16 de Setembro de 1936, p.3.
[1266] *O Estoril*, 23 de Agosto de 1936, p.4.
[1267] Sérgio Palma Brito – "Turismo: Os Últimos 90 Anos dos Primeiros Milénios", *Com os Olhos no Futuro – Reflexões sobre o Turismo em Portugal*, Flávio Lopes e Teresa Gamboa (coord.), Lisboa, Ministério da Economia e ICEP, 2002, p.125. A primeira Escola Hoteleira apenas surgiria em Portugal a 10 de Dezembro de 1958. Cf. *O Século*, 11 de Dezembro de 1958, p.2.
[1268] "Estoril", *Dirhotel*, p.24.

entregues, por Cardim, Figueiredo e pelo filho deste, António do Amaral Figueiredo[1269], elegantes estojos com canetas de tinta permanente, obras impressas (como dicionários) e outros objectos de papelaria. Representando os alunos, Valentim Abrantes (ajudante do *maître*) agradeceria a formação e os prémios. Em artigo sobre o evento *O Estoril* alertava que se impunha "que, sem demora, sejam criadas escolas similares nos principais centros do País, mantidas pelas empresas hoteleiras e responsabilizando-as pela regular frequência dos seus empregados.[1270]" No âmbito corporativo, em Março de 1935 publicar-se-ia o decreto-lei que aprovava os estatutos do Sindicato Nacional dos Profissionais da Indústria Hoteleira e Similares do Distrito de Lisboa[1271], ao que, a 15 de Janeiro de 1937, acrescentar-se-ia uma declaração da Presidência do Conselho, impedindo a contratação de indivíduos não inscritos no Sindicato[1272]. Dias antes, este inaugurara na sede cursos de formação inicial em línguas inglesa e francesa, na presença do Presidente Manuel Leite Júnior e do representante do Sub-Secretário de Estado das Corporações, Mário Madeira[1273]. Do lado dos proprietários, nomes como Guilherme Cardim e Alexandre Almeida haviam já integrado a comissão encarregue da redacção dos estatutos do Grémio devido e da consecução da assinatura de contratos colectivos de trabalho no sector[1274]. A partir de 1936 Cardim, representando a SEP, ascenderia à presidência da UHP, associação que defendia os interesses de hotéis e pensões.[1275]

Quanto à restauração, 1934 começaria com a notícia de despacho central a negar a criação de casa de chá na Boca do Inferno[1276]. Por outro lado, dos equipamentos para usufruto turístico, os volumes do*Anuário Comercial* relativos ao lapso 1934-1936 listavam, em Cascais, os nomes de João Pedro do Cabo, Hermenegildo Cândido de Almeida (proprietário da «Casa da Laura»[1277]) e Matias José dos Santos[1278]; no Monte

[1269] Advogado de formação e futuro gestor dos interesses da família após o falecimento do pai, em 1950.
[1270] *O Estoril*, 12 de Maio de 1935, p.2.
[1271] Decreto-lei nº57 de 12 de Março de 1935. Cf. *Estatutos do Sindicato Nacional dos Profissionais da Indústria Hoteleira e Similares do Distrito de Lisboa*, Lisboa, s/a, p.2.
[1272] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº12, 15 de Janeiro de 1937.
[1273] *O Século*, 7 de Janeiro de 1937, p.5.
[1274] *Idem*, 15 de Setembro de 1934, p.3.
[1275] *Ibidem*, 9 de Janeiro de 1937, p.2.
[1276] *O Estoril*, 7 de Janeiro de 1934, p.1. Em meados de 1932 José Jorge Carvalho apresentaria à CITC um projecto, que esta aceitou. Cf. AHMC AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº3 da CITC (1931-1933), 4 de Junho de 1932, p.22v.
[1277] Informação obtida na lista telefónica de 1934. Cf. The Anglo-Portuguese Telephone Company Ltd (ed.), *Lista nº57*, p.218. O elegante restaurante-pastelaria fora fundado em 1924 numa esquina entre a Avenida da República nº24 e a Rua Tenente Valadim nº8. Cf. *O Século*, 30 de Setembro de 1934, p.10.
[1278] O *Riviera Palace* desapareceu na edição de 1935, ano em que surgiria o nome de Matias J. Santos. Cf. *Anuário Comercial de Portugal*, 1934-1936.

Estoril, a pensão-restaurante *Stranger's*[1279]; no Estoril, o restaurante do Casino e o Pavilhão Tamariz[1280]. Se o último era conhecido pelos repastos à base de marisco, em Julho de 1934 surgiria em Cascais a congénere, «A Marisqueira», iniciativa da firma Matias dos Santos Lda[1281]. Outros estabelecimentos de eleição a realçar eram a sucursal de «A Garrett dos Estoris», no Parque Estoril[1282], além da «Casa *Burlington*» (na *Villa Ralph*[1283]), do «Café Central»[1284]eda «Bem Haja»[1285], todos no Monte. Sobre Cascais, em finais de 1936 divulgar-se-ia concurso público para entrega de propostas junto da CITCC, visando o arrendamento do restaurante-bar na Praia da Conceição[1286].

Outra tipologia de espaços de lazer a considerar eram os casinos. Confinados a actividades culturais e recreativas, mantinham-se o Casino da Praia, em Cascais, e o Casino Internacional, no Monte. O primeiro, apesar do funcionamento intermitente, seria reaberto a 27 de Julho de 1935 por Lopes Ferreira, empresário cascalense, tornando a oferecer almoços e jantares, o usufruto da esplanada sobre a baía, de bailes, espectáculos teatrais e conferências, e a projecção de filmes[1287]. Paradoxalmente, apesar de o Casino Internacional vir listado na edição de 1936 do *Anuário Comercial*[1288], em artigo de Setembro de 1934 sobre a Costa do Sol mencionava-se o edifício do Grande Casino Internacional como estando "hoje vago.[1289]"

O Casino do Estoril preservava o monopólio do Jogo legalizado pelo governo, a quem cabia a supervisão[1290]das licenças facultadas e dissuasão de práticas não autorizadas[1291]. Gibbons dedicaria considerações ao ambiente respeitável da estância

[1279]*Idem*, p.2563.
[1280]*Ibidem*, p.2558.
[1281]Edifício de dois pisos junto à CMC, o superior serviria marisco e bife, a outra especialidade. A firma proprietária tinha ainda loja de combustíveis na Avenida dos Combatentes e armazém de vinhos na Rua do Arco (Cf. *O Século*, 30 de Setembro de 1934, p.11). O apelo ao mercado britânico era demonstrado por anúncio em publicação específica. Cf. *Portuguese Times*, 8 de Maio de 1935, p.5.
[1282] Da firma Pereira & Lopes, que criara filial da casa-mãe do Chiado, no Monte (Avenida de Sabóia**)**, e, em meados de 1935, abriria a do Estoril. Cf. *Diário de Lisboa*, 6 de Julho de 935, p.3.
[1283] Cuja inauguração estava marcada para Janeiro de 1936. Cf. *O Estoril*, 25 de Dezembro de 1935, p.3.
[1284] Situado no lado oposto ao Hotel Estrade, dele podem ler-se anúncios na imprensa local. Cf. *Portuguese Times*, 17 de Janeiro de 1935, p.6.
[1285] "English Tea Room and Library" localizada numa encosta entre a Avenida de Sabóia e o Largo do Pinheiro. Cf. E. Rosenthal, *Op. Cit.*, p.5.
[1286]*O Estoril*, 8 de Novembro de 1936, p.2. Mais dados serão facultados no capítulo seguinte.
[1287]*Diário de Lisboa*, 27 de Julho de 1935, p.3.
[1288]*Anuário Comercial de Portugal*, 1936, p.2618.
[1289]*O Século*, 30 de Setembro de 1934, p.10.
[1290] No ANTT encontrámos o nome de Mário Sá Chaves como fiscal do jogo concessionado ao Estoril. Cf. ANTT/MI/GM, mç. 458, pt.31/2 [folha 1].
[1291] Apesar dos esforços envidados, em 1935 seria noticiada a intenção do ministro do Interior "promover a repressão rigorosa de todos os jogos incluindo os do «quino», «quadra», «*Okoan*», «bicho» e tômbolas

(pela ausência de suicídiose escândalos associados à prática do Jogo), sendo Guilherme Cardim comparado a *Monsieur* Blanc, do Mónaco. Para Gibbons o Estoril não era "a wicked place… in fact, it is so respectable that Mr. Lloyd George once went and stopped there.[1292]"Quanto aos espectáculos oferecidos o triénio 1934-1936 notam-se alterações interessantes, pois: (1) tornara-se clara a existência de duas estações anuais de interesse, notando-se, no Inverno, a hegemonia britânica, e, no Verão, a supremacia espanhola; (2) mantivera-se a pluralidade de eventos exibidos neste centro cultural, entre espectáculos musicais, de dança, representações teatrais, exposições artísticas, projecções cinematográficas e os recentes desfiles de Moda; (3) mas denotava-se nesta fase a aposta na produção tradicional portuguesa em detrimento do rol de espectáculos e artistas internacionais no Casino[1293]. No último ponto listamos a «*Mi-Carême*» do bailarino John Bux com orquestra *Jazz*[1294], as acrobacias de Baby-Teddy-Gaby[1295], a singular orquestra feminina «*Blue Jazz Ladies*»[1296], a música erudita do violinista checo Pierre Rybar[1297], ou festas temáticas como a «Noite Japonesa» de Setembro de 1936[1298]. É perceptível a mutação exercida nos espectáculos, devido a três razões: (1) o alicerçar do Estado Novo conservador, nacionalista e moralista; (2) a criação, em finais de 1933, do SPN sob gestão atenta de António Ferro[1299]; e (3) o patrocínio directo do Estado na supervisão das decisões administrativas da concessionária, a SEP[1300]. O que até então era percepcionado como episódio pontual no retrato à diferença entre comunidade

ou maquinas automáticas. Foram incumbidas de exercer essa repressão as polícias de Segurança Pública, Investigação Criminal e de Vigilância e Defesa do Estado." Cf. *O Século*, 25 de Janeiro de 1935, p.2.

[1292] Estoicismo que agradaria ao Estado Novo. Cf. John Gibbons, *Playtime*, p.32.

[1293] A etnografia nacional que até ali realizava tímidas aparições de carácter pitoresco derrubaria agora a modernidade fingida em que se alicerçara a estância Estoril. Sobre isso recorde-se a pluralidade do termo «Património», que Prys Gruffudd define assim: "Heritage is an all-embracing concept that applies equally to landscapes, customs and narratives of identity." Cf. Prys Gruffudd – "Heritage as National Identity: Histories and Prospects of the National Pasts", *Heritage, Tourism and Society*, David T. Herbert (ed.), London, Printer, 1997, p.50.

[1294] *Diário de Lisboa*, 6 de Março de 1934, p.3.

[1295] Procedentes do «*Lido*» e do «*Wintergarten*». Cf. *O Século*, 24 de Setembro de 1934, p.2.

[1296] Que as principais cidades europeias haviam aclamado. Cf. *Idem*, 15 de Abril de 1935, p.2.

[1297] Rybar era reconhecido pela crítica da especialidade e Paris fora a última grande capital onde actuara. Cf. *Ibidem*, 2 de Abril de 1936, p.2.

[1298] *Diário de Notícias*, 7 de Setembro de 1936, p.2.

[1299] Cujo fulgor modernista da juventude cederia lugar à defesa acérrima dos valores populares do «Espírito» português, pois Ferro "abandonou o modernismo, adoptou o nacionalismo e procurou, muito retoricamente, uma síntese de ambos." Cf. Nuno Rosmaninho – "António Ferro e a Propaganda Nacional Anti-moderna", *Estados Autoritários e Totalitários e suas Representações*, Luís Reis Torgal e Heloísa Paulo (coord.), Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, p.293. Sobre os verdes anos férreos leia-se: Ernesto Castro Leal – *António Ferro: Espaço Político e Imaginário Social (1918-1932)*, Lisboa, Edições Cosmos, 1994; Eduardo Mayone Dias – *Miscelânia Lusalandesa*, Lisboa Edições Cosmos, 1997; Fernando Guedes – *António Ferro e a sua Política do Espírito*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1997; entre outras obras.

[1300] A SEP tinha dupla dívida para com o governo central, pois a ele lhe devia o alvará de funcionamento do Jogo e empréstimos financeiros avultados para manutenção/melhoria da estância.

anfitriã face aos visitantes, passou a ser presença regular no cardápio pleno de eventos folclóricos disponíveis para consumo na patriótica estância. Exemplo disso foi a actuação, em Janeiro de 1935, dos Pauliteiros de Miranda que o SPN levara até Londres para, na Casa de Portugal, os apresentar como um dos tesouros nacionais, verdadeiro repositório do que de mais genuíno a telúrica região transmontana preservara do período mítico da génese da identidade nacional. De regresso ao país, o Casino do Estoril foi o primeiro palco onde se apresentaram ainda iluminados pela aura de glória londrina[1301], qualificando o jornal mais próximo do governo salazarista esta exibição como "um inteligente e patriótico procedimento.[1302]" Outra *overnight sensation* do *Showbizz* nacional foi a actriz de «Variedades» Corina Freire que, igualmente após estreia feliz em Paris, foi a maior atracção da festa «Noite de Prata»[1303]. Planeada por Maria Lamas[1304] e Leopoldo Nunes, e animada pelo actor e empresário Erico Braga, os lucros da iniciativa reverteram para a Colónia balnear e infantil que *O Século*[1305] mantinha em São Pedro do Estoril, sendo repetida, por exemplo, em Setembro de 1936.

No triénio 1934-1936 foram recorrentes a actuação de ranchos folclóricos[1306], as festas temáticas designadas de «Portuguesa»[1307] ou «do Mar»[1308], entre um leque de ofertas concretizadas[1309] para gáudio da assistência. Assim, a máquina propagandística

[1301] Para António Ferro Portugal "tinha que sair do seu espaço geográfico-cultural e dar-se a conhecer", o que justifica as conferências e exposições como meios multiplicadores na divulgação do país. Cf. Raquel Pereira Henriques – *António Ferro – Estudo e Antologia*, Lisboa, Publicações Alfa, S.A., 1990, p.49.
[1302] *Diário da Manhã*, 22 de Janeiro de 1934, p.2.
[1303] A actriz desfilaria e cantaria envergando os diferentes trajes regionais que exibira nas actuações parisienses. A escolha do título do evento não fora inocente, pois inspirara-se num espectáculo gaulês.
[1304] Directora da revista *Modas & Bordados*, suplemento de *O Século* dirigido ao público feminino.
[1305] Ao jornal se devera a ideia e o programa contaria no elenco com a indicada Corina Freire, a rara reunião do elenco do recente filme da Tóbis Portuguesa *As Pupilas do Senhor Reitor*(cite-se Costinha), em trajes originais, além de actuações da actriz Palmira Bastos e do bailarino Carlos Lisboa, entre outros. Cf. *O Século*, 15 de Setembro de 1934, p.1.
[1306] Na noite de Santo António de 1934 o Rancho de Estarreja actuaria no terraço do Casino (Cf. *Diário de Lisboa*, 7 de Junho de 1934, p.8.), onde o Rancho de Barcelos se estrearia em actuação em solo lisboeta (Cf. *O Século*, 14 de Julho de 1934, p.2).
[1307] Que implicavam a passagem de touros pelo terraço do Casino, o desfilar de campinos dançando o Fandango ou executando o Jogo do Pau. Cf. *Idem*, 30 de Junho de 1934, p.2; *Diário de Lisboa*, 3 de Março de 1936, p.5.
[1308] Onde se apresentariam varinos na sua simplicidade etnográfica pela indumentária e património imaterial apresentados (canções e crenças). Cf. *Diário de Notícias*, 22 de Setembro de 1936, p.2.
[1309] Desde a récita cómica «O Senhor Professor» pela Companhia Maria Matos (Cf. *Diário de Lisboa*, 22 de Agosto de 1934, p.3), à serenata coimbrã (Cf. *O Século*, 23 de Janeiro de 1935, p.2), à «Grande Noite das Vindimas» em defesa da produção nacional e de práticas culturais ancestrais (Cf. *Idem*, 17 de Setembro de 1935, p.2), sem esquecer a congregação de um património intangível representativo do país nas noites em que se cantavam fados e desgarradas, e dançavam viras e danças de roda (Cf. *Ibidem*, 2 de Setembro de 1935, p2). Como defendia Luiz Chaves, "[a] vida do povo, na sua concepção de arte, é a mais humana manifestação do Espírito." Cf. Luiz Chaves – *Artes e Indústrias Populares de Portugal*, Lisboa, Edições SPN, 1940, s/p. Sobre o fado recorde-se que, em Maio de 1927, a ditadura militar publicara a lei que obrigaria à profissionalização dos artistas e à actuação em espaços específicos.

do Estado "tratará também desde cedo cosmetizar turisticamente a cultura popular, entoando esta à voz esteticizada de um "Povo" idealizado pelo Regime"[1310]. A adesão da SEP à apologia da «Política do Espírito» férrea culminaria com a inauguração de um mural no restaurante do Casino da autoria de Maria Adelaide de Lima Cruz[1311]. O painel enaltecia o atavismo cultural português ao serem retratadas "alusões ás três riquezas da nossa terra: o vinho, o peixe e as frutas, isto é, o pisador de uvas com o seu cesto de vindima, a mulher da Nazaré com as redes, e a camponesa com as frutas.[1312]" O que nos reporta para clara sedução da ideologia do regime sobre os clientes das concessões (agora público-privadas) no Estoril, ou como aborda Hall, "In the "party atmosphere" which hallmark events often create, élite hegemony and state interests may be enhanced throught the promotion of politically dominant values."[1313]

5.2. Outros espaços de fruição coeva

Ao mencionar-se os espaços comerciais nas Arcadas do Parque, pretende-se revelar como o volume de negócios da estância influía na quantidade e diversidade do tipo de serviços de apoio facultados às populações residente e flutuante do perímetro envolvente. Para lá da «publicidade»acima realizada, para o triénio de 1934-1936 devemos apontar a inauguraçãoda mercearia «Galo D'Ouro» de José Paulino Almeida[1314], no Verão de 1935, e da marisqueira «*Deck Bar*»[1315], a 25 de Abril de 1936; no mês seguinte, abriria a florista «Jardim Selecto», para comercialização de flores dos

[1310] Ema Cláudia Pires, *Op. Cit.*, p.17. A «Política do Espírito» não era apanágio português, pois outros países a divulgariam. Cf. Raquel Pereira Henriques, *Op. Cit.*, p.138; Alain Corbin – *História dos Tempos Livres – O Advento do Lazer*, trad. Telma Costa, Lisboa, Editorial Teorema Lda, 2001, p.376.
[1311] Artista que o SPN acarinharia doravante, como se depreende por folheto encontrado relativo à *XXXII Exposição de Maria Adelaide Lima da Cruz no Estúdio do Secretariado Nacional de Informação no mês de Junho de Mil Novecentos e Quarenta e Sete*, Lisboa, Edições SNI, 1947. Cf. Arquivo Municipal de Sintra, Arquivos Associativos, Comissão de Iniciativa de Sintra.
[1312] *Diário de Lisboa*, 19 de Setembro de 1935, p.9. Eis a *aura mediocritas*, o senso do bucólico que desejava incutir-se, numa aposta "nos valores de uma «cultura popular», nacional-ruralista, etnográfica e corporativa". Cf. Fernando Rosas – "O Salazarismo e o Homem Novo: Ensaio sobre o Estado Novo e a Questão do Totalitarismo", *Análise Social*,Vol. XXXV, Lisboa, nº157, 2001, p.1040. Como defende o autor, o «Homem Novo» era velho, contra-revolucionário e conservador. Cf. *Idem*, p.1053.
[1313] Colin Michael Hall, *Op. Cit.*, p.163.
[1314] *O Estoril*, 8 de Setembro de 1935, p2. Este detinha mais três estabelecimentos similares no Monte (a «Grande Mercearia Avenida», a «Mercearia Progresso» e a «Mercearia do Povo»), além do seu dinamismo o ter conduzido à presidência da ACICC.
[1315] *O Estoril*, 25 de Abril de 1936,p.1. A decoração do espaço criado pelo arquitecto Lesper estivera a cargo da «Casa Alcobia» (sita na Rua Ivens), o serviço *Christofle* fora fornecido pela «Casa José Alexandre» (do Chiado) e a gestão estava a cargo da Amisomos Ltd. Cf. *Idem*, 3 de Maio de 1936, p.4.

viveiros concelhios[1316]. De índole financeira, o *Anuário Comercial* de 1935 listava a existência do Banco Lisboa & Açores (loja nº32)[1317] e a 11 de Julho de 1936 abriria uma filial do Banco Espírito Santo[1318]. Não longe, na Avenida Portugal (nos antigos pavilhões do pinhal)abriria, a 22 de Agosto de 1936, o *dancing* «*Wonder Bar*».[1319]

Recorde-se que na Praia do Tamariz[1320] o Verão era partilhado entre banhos de mar e/ou de sol, desportos sobre o areal[1321] e o palacete cujo restaurante[1322] primava pela varanda disposta sobre o mar. Neste trecho recuperamos o tema da transitoriedade, pois desde finais dos Anos 20 que a «Era do Bronzeado» e o desporto ao ar livre ganhavam adeptos, tomando o lugar da prática termal em recinto fechado, o que obrigaria à reformulação estrutural de diversos centros de lazer. É o que defende Nina Lübbren ao afirmar que "[t]he 1920s mark the culmination of a gradual development from 'beach as remedy' to 'beach as fun'… Indeed, the pressure of the paradigm shift from grey/cure to sunny/hedonism, many sites and regions re-made themselves.[1323]" Com o avançar dos Anos 30, o culto do corpo e a moda dos *maillots* mais reveladores ligar-se-iam à maior prática desportiva, ambicionando-se o mar como cenário de fundo[1324]. Ao consultarmos edições estivais da *Modas & Bordados* de 1934 pareceu-nos curioso o contraste entre as capas com esboços de jovens mulheres envergando indumentária de passeio à beira-mar, enquanto que as páginas interiores eram mais demonstrativas pela fotografias de raparigas em trajes mais frescos e pelos conselhos

[1316] Espaço concebido pelo arquitecto Vasco Marques, esta florista nascera de uma parceria entre Virgínia das Dores Matos (a «Flora de Carcavelos» primava na produção de cravos) e António Muchaxo (cujas estufas na «Quinta da Marinha» produziam rosas reputadas), detentores das "duas maiores organizações florícolas do centro do país". Cf. *Diário de Lisboa*, 3 de Maio de 1936, p.3. Muchaxo era natural de Cascais e, desde 1928, era feitor da Quinta da Marinha (laborando para Carlos Champalimaud); na década de 1930 dedicar-se-ia à floricultura e, nas seguintes, à hotelaria e à gestão turística da Costa do Sol. Cf. Joaquim Baraone (coord.), *Op. Cit.*, pp.67-70.

[1317] *AnuárioComercial de Portugal*, 1935, p.2558.

[1318] Casa fundada havia 53 anos na Rua do Comércio, em Lisboa, era seu gerente Jorge Pinheiro (Conde de Arnoso). Cf. *O Estoril*, 19 de Julho de 1936, p.4. A autorização para a filial fora publicada por despacho do Ministério das Finanças. Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº67, 21 de Março de 1936.

[1319] Decorado pela «Casa Alcobia», fora erguido pela firma STUC e era gerido pelo Casino. Cf. *O Estoril*, 23 de Agosto de 1936, p.4.

[1320] No Verão de 1934 ali se inaugurou um relógio eléctrico da Ourivesaria Romero (sita na Rua Nova do Almada, em Lisboa). Cf. *Diário de Lisboa*, 7 de Setembro de 1934, p.8.

[1321] Refiram-se as disputas de *Voleyball* (Cf. *Diário de Lisboa*, 11 de Agosto de 1934, p.6) e outras competições supervisionadas por Estêvão Torok, delegado do *Club des Dauphins et des Canards* de Saint Jean de Luz. Cf. *O Século*, 14 de Julho de 1934, p.2. O seu ano de 1934 fora enriquecido com a atribuição da medalha de Coragem, Abnegação e Humanidade, por nesse ano ter salvo o 2º Tenente Joaquim Trindade Santos, cujo hidro-avião se despenhara no mar do Estoril (Cf. *Diário da Manhã*, 6 de Janeiro de 1934, p.3), além de Manuel Passos, residente no Monte. Cf. *O Estoril*, 18 de Novembro de 1934,p.4.

[1322] Cujas animação dos convivas estava a cargo do pianista Romão Navarro.

[1323] Nina Lübbren – "North to South: Paradigm Shifts in European Arts and Tourism", *Visual Culture and Tourism*, David Crouch and Nina Lübbren (ed.), Oxford/New York, Berg, 2003, p.134.

[1324] Cristina Pacheco, *Op. Cit.*, p.7.

facultados sobre benefícios e inconvenientes do banho solar[1325]. Para lá dos profissionais contratados pela SEP e nomeados no capítulo anterior, cumpre referir uma professora privada que divulgaria os seus ensinamentos de educação física em semanário local: tratava-se da Srª. Antoinette Sommaruga.[1326]

Provas definitivas de que os promotores/gestores da estância estavam atentos à flutuação da estética nas congéneres seriam o revestimento da esplanada do Estoril[1327] e a construção de um balneário[1328]. Porquê? Porque por toda a Europa (com destaque para os apetites transitórios do maior mercado emissor, o britânico), diferentes tipologias construtivas materializavam essa alteração paradigmática. Segundo Fred Gray: "[t]he cult of the Sun had concrete results for the design of the seaside in Britain and elsewhere in Europe. A new seaside architecture developed that included Sun terraces, communal beach bathing stations, solariums, holiday camps and beach huts.[1329]" Dois modelos cinéfilos a emularnos comportamentos saudáveis eram as actrizes Frances Day e Heather Thatcher. A primeira, motivada pela demanda de repouso, cumpriria uma rigorosa agenda de banhos de sol matinais, exercícios físicos vespertinos, seguidos de aulas de canto. Em entrevista, Day aconselharia as portuguesas a cuidar-se mais, usufruindo da luz natural, pois o astro-rei era o "melhor modelador de estética" possível[1330]. Quanto a Thatcher, após ano e meio a rodar *Conversation Piece* (com Noel Coward) e *Lucky Break* (ao lado de Leslie Henson), deslocar-se-ia ao Estoril para recuperar o fôlego. A insensata voracidade do bronzeado acabaria por confiná-laao quarto no Hotel Palácio, "as the result of too much Sun bathing"[1331]. Note-se ainda que, para lá de moda, a filosofia ou "[p]oesia de juventude e do corpo, da vida física, do ar livre… no sentido de defesa do homem contra os grandes centros urbanos e a máquina" eram também inerentes ao Fascismo italiano e ao Nacional-Socialismo alemão.[1332]

[1325]*Modas e Bordados*, edições de 11 de Julho e de 8 de Agosto de 1934.
[1326] Aluna de Paul Vasser comprometia-se, em jardim de residência privada, a leccionar sessões de "rythmic physical culture" aos interessados que se inscrevessem na loja nº15 das Arcadas do Parque. Cf. *O Estoril*, 6 de Fevereiro de 1935, p.2.
[1327] O termo «Esplanada» tem hoje correspondência na designação «Passeio Marítimo». O MOPC facultaria 11.400$00 para a sua construção, prosseguindo a alteração da paisagem costeira. Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº131, de 7 de Junho de 1935.
[1328]O início das obras foi autorizado pelo decreto-lei nº24:400, de 23 de Agosto de 1934, ao aprovar o arrendamento, por 19 anos de uma área de terreno na praia do Estoril para o efeito.
[1329]Fred Gray, *Op. Cit.*, pp.33-34.
[1330]*Modas e Bordados*, 5 de Dezembro de 1934, p.5.
[1331]*Portuguese Times*, 15 de Abril de 1935, p.1.
[1332] Jean Touchard (dir.), 1959 – *História das Ideias Políticas*, Vol. IV – Do Liberalismo aos Nossos Dias, trad. Mário Braga, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1991, p.157.

Um dos manuais de «Estética & Estilo» da mulher portuguesa era a revista *Modas & Bordados*, onde conselhos sobre truques e produtos de beleza[1333], *toilettes* para cada ocasião, reportagens mundanas e outros eram divulgados com o intuito de moldar comportamentos. Paris era, como hoje, o epicentro das tendências e a cada tremor de inspiração outras capitais lhe copiavam a efemeridade do estilo, a frugalidade dos gestos e os tiques fúteis, exibindo-os em espaços de convívio como o Casino[1334]. Na década de 20 Coco Chanel revolucionara a forma de olhar e vestir o corpo feminino e, embora o decénio seguinte se revelasse mais sóbrio nas linhas e cortes, o cuidado com a aparência natural (cabelo e pele) e a indumentária (do chapéu aos sapatos e das luvas a outros acessórios) não mais pararia. A maior atenção à Beleza levaria à programação de eventos dirigidos a este nicho de mercado comercial, que fabricantes de cosméticos e perfumes mimariam com intensidade a partir de 1935, e levaria à organização regular de matinés dedicadas à elegância e à cultura estética feminina. Por exemplo, a sessão de 15 de Agosto incluiria o visionamento de um filme com o galã Maurice Chevalier, a prática de tiro ao alvo, momento musical pela cantora Aurora Coimbra e passagem de modelos de fatos de banho e de fatos de praia; os manequins envergariam exemplares disponíveis na Casa das Meias (Lisboa) e na loja de Mary Silver (Estoril) e penteados executados pelo Instituto Virel[1335]. Um mês depois decorreu a festa «A Moda Através dos Tempos» e nela desfilariam trajes da Grécia Antiga à idade contemporânea, em quadros de época complementados pelo comentário do anfitrião Alexandre Azevedo a cada conjunto, em versos de José Galhardo[1336]. Do Verão de 1936 recorde-se o desfile de chapéus e vestidos para a época de Inverno promovidos por Aníbal Contreiras e apresentado pelas senhoras Ester e Avanti (representando as suas casas de *Couture* em Lisboa)[1337]. Terminamos com menção às práticas de *Marketing* então formuladas pela indústria da Cosmética e da Perfumaria recordando a «Noite de Prata» de Setembro de 1934, no

[1333] Em Outubro de 1934 o artigo «Na Costa do Sol» reportava o encontro entre duas senhoras cuja frescura cutânea era díspar, apesar de serem ambas da mesma idade, acabando a de ar mais jovem por recomendar a máscara de lama da Academia Científica de Beleza à amiga. Cf. *Modas e Bordados*, 31 de Outubro de 1934, p.15.
[1334] Para lá do «*Cocktail* Estoril» servido no bar, no salão do Casino dançava-se a «Valsa Estoril», qualificada como "a Valsa da Moda", reforçando a ideia de a estância ser qual bolha de uma realidade alternativa em que só hedonismo e evasão reinavam. Cf. *O Estoril*, 22 de Setembro de 1935, p.1.
[1335] *O Século*, 15 de Agosto de 1935, p.2.
[1336] *Idem*, 16 de Setembro de 1935, p.2.
[1337] *O Estoril*, 29 de Novembro de 1936, p.2; *Diário de Lisboa*, 30 de Novembro de 1936, p.3.

Casino, que foi aproveitada para a divulgação de uma nova fragrância sedutora, o "delicioso perfume «Noite de Prata», a última criação da Perfumaria Nally."[1338]

Falar-se em imagem e vaidade[1339] é reportar-nos à prática fotográfica e a salões de beleza. No primeiro caso, em Julho de 1935, abriria a tabacaria-fotógrafo «O Pavilhão Foto-Estoril»[1340], na gare ferroviária do Estoril; no segundo, o *Anuário Comercial* de 1935 listava barbeiros nas localidades em estudo, mas cabeleireiros só os havia no Estoril: no Palácio Hotel, nas Arcadas (onde J. Malheiros laborava) e no *Chalet* Maria Fernanda (onde *Madame*Wasong instalara o «*Coiffeur de Paris*»)[1341]. Na *Lista nº57* de assinaturas telefónicas em 1934 constava ainda o cabeleireiro de senhoras «Almeida», na *Villa* Emília do Carmo, no Alto Estoril[1342]. O Verão de 1936 marcaria a inauguração, junto à «*Garrett*» do salão «*Alfred*» na Avenida de Nice.[1343]

Dois novos equipamentos de lazer disponibilizados para usufruto de visitantes e residentes foram o *Stand* de Tiro, no Estoril, e o Jardim Carlos Anjos, no Monte. Dois meses após o início da Guerra Civil de Espanha, inaugurar-se-ia, na Avenida Portugal, o *stand* de Tiro de guerra reduzido, sob direcção do Mestre de Armas Carlos António Nélis, a cuja inauguração presidiu António de Amaral Figueiredo[1344]. Por seu turno, a 4 de Outubro de 1936 seria inaugurado o Jardim Carlos Anjos[1345], espaço de convívio, cuja empreitada se cifraria numa despesa de 308.947$96 suportada pela CITC[1346], entre aquisição de terrenos, mão-de-obra e materiais empregues. O perímetro ajardinado da

[1338] Que ofereceria às senhoras amostras do feitiço olfactivo. Cf. *O Século*, 15 de Setembro de 1934, p.1. Em Cascais, o empreendedor Cardim detinha estabelecimentos comerciais distintos como tabacaria, papelaria tipografia e até perfumaria, como se lê em edições do *Anuário Comercial* entre 1931 e 1934.
[1339] A década de 1930 pautou-se pelo aumento da pressão exercida sobre a senhora da classe média europeia para manter-se jovem e bela. Cf. Robert Pearce – *Britain in the 1930s*, Oxford, Shire Publications, 2010, p.16.
[1340] *Diário de Lisboa*, 15 de Julho de 1935, p.3.
[1341] *Anuário Comercial de Portugal*, 1935, p.2558.
[1342] The Anglo-Portuguese Telephone Company Ltd (ed.), *Lista nº57*, p.224.
[1343] O reputado dono era então considerado "o melhor artista cabeleireiro", detendo espaço similar na Rua Augusta, nº220-1º, em Lisboa. Cf. *Diário da Manhã*, 23 de Julho de 1936, p.3.
[1344] *O Século*, 3 de Setembro de 1936, p.2.
[1345] Homenageando um dos empreendedores da Companhia do Monte Estoril. No relatório final da CITC apresenta-se extracto da acta da Comissão Administrativa da CMC de 10 de Julho de 1936, onde se retira a designação a espaço já existente para a atribuir ao novo, nomeando-se o primeiro em honra de Andrade Torrezão (pioneiro que detivera a *Villa* do Rio), além de que a alameda da gare do Monte seria baptizada de Columbano Bordalo Pinheiro. Cf. Comissão de Iniciativa e Turismo de Cascais (ed.) – *Relatório do Ano de 1936 e 1º semestre de 1937. Conta de Gerência do Ano de 1936*, Monte Estoril, 1937,pp.25-26; AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 10 de Julho de 1936, p.72.
[1346] CITC, *Relatório*, p.5. O MOPC contribuiria com 80.998$20. Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº247, de 20 de Outubro de 1934.

autoria do arquitecto Jorge Segurado[1347] incluía o pavilhão da fonte[1348], campo de patinagem, dois baloiços para crianças, bancos de jardim, candeeiros de electricidade, além de ser parcialmente murado e vedado. Outro projecto de Jorge Segurado[1349] para a CITC seria concretizado na Praia da Conceição, e as operações executadas entre 1935 e 1936 custariam a soma de 463.880$49[1350]. Esta obra pública diferia das anteriores da CITC por ver dedicados 1.636$00 para pagamento de férias[1351] aos operários envolvidos. Em Novembro de 1936 *O Estoril* anunciaria o concurso público para arrendamento do restaurante-bar erguido, cujas propostas deveriam ser entregues à CITC e cuja exploração abordaremos no capítulo seguinte[1352].

Para terminar, mencionem-se os acampamentos nos pinhais do Estoril e da Marinha. Se a *Modas & Bordados* comentava ser o campismo uma prática comum em Inglaterra[1353] a que alguns nacionais começavam a aderir (dando fôlego a uma nova actividade de Turismo Interno), *O Século* reportava a inauguração, na mata do Estoril, junto ao golfe, de um acampamento da Associação de Escuteiros de Portugal, que ali reunia 150 rapazes dos núcleos de Lisboa, em Agosto de 1935[1354]. Em simultâneo, a formação cívica dos jovens por acção directa do Estado estava, por ora, a cargo do SPN que, em Janeiro de 1934, criara a Associação Escolar de Vanguarda (AEV)[1355],

---

[1347] A CITC pagar-lhe-ia 1.000$00 (Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 11 de Maio de 1934, p.73). Segurado pertencia à geração de arquitectos modernistas "inicialmente influenciados pelo racionalismo alemão ou holandês". Cf. João Medina (dir.) – *História de Portugal - Dos Tempos Pré-Históricos aos nossos Dias*, Volume XII – O «Estado Novo», Amadora, Clube Internacional do Livro, 1995, p.378.

[1348] Possuía sanitários na cave com o escudo da CITC em bronze e as letras do brasão em cromado (Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 20 de Dezembro de 1935, pp.195-196), e terraço panorâmico coroado por *néon* que denunciava o arrendatário («*Graham's Port*» reportava-se à casa *William Graham's*). O edifício circular era explorado pela «*Garrett* dos Estoris» e nele se vendia, desde Porto, a refrescos, tabaco, revistas e outros. Cf. *O Estoril*, 4 de Outubro de 1936, p.3.

[1349] Segurado criaria também o plano de pormenor da «Bica do Belvedere». Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 17 de Dezembro de 1935, p.197.

[1350] Concedendo o MOPC um subsídio de 57.824$27. Cf. CITC, *Relatório*, p.5.

[1351] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 17 de Maio de 1935, p.141. Alain Corbin reporta que, ao invés do que se costuma propagar, o projecto de lei francês sobre férias pagas definido a 20 de Junho de 1936 não era pioneiro, pois já outros países as concediam. Cf. Alain Corbin, *Op. Cit.*, p.459.

[1352] *O Estoril*, 8 de Novembro de 1936, p.2.

[1353] *Modas & Bordados*, 1 de Agosto de 1934, p.5.

[1354] A rotina disciplinada incluía acordar cedo, saudar a bandeira, realizar exercícioe actividades de reforço à camaradagem. Tanta rigidez militar recordava o «pai» do movimento, o General Baden-Powell, cuja passagem por Portugal era regular**.** Cf. *Diário de* Lisboa, 12 de Abril de 1934, p.7.

[1355] Visando dissuadir os jovens da adesão ao Fascismo e aos «Camisas Azuis» de Rolão Preto, criando-se "uma organização nacionalista, com uma matriz portuguesa, contra todas as «Internacionais»" (sobretudo a comunista e a fascista). Cf. Luís Reis Torgal, *Op. Cit.*, pp.212-213. A Associação Escolar de Vanguarda estava sediada na Rua do Alecrim, nº36-1º (Cf. ANTT/AOS/CO/PC-12, cx.657 [folha 293]). Apesar do

organizando-se, em Agosto de 1935, um campo de férias para reunir os seus dirigentes espalhados pelo país[1356]. Agendado para decorrer entre 14 de Agosto e 14 de Setembro de 1935, o acampamento seria montado na Quinta da Marinha, pois Carlos Champalimaud cedera-lhes, "a pequena distância de Cascais, um local aprazível, coberto de pinhais e varrido de bons ventos.[1357]" Precursora da MP, a criação do SPN não vingaria[1358], embora a participação no desfile comemorativo do 28 de Maio, em 1934, impressionasse a Legação da Alemanha, a ponto de esta dirigir convite ao SPN para seleccionar os elementos mais experientes e os levar ao seu país, para ali estudarem "o Movimento de Juventude Alemã nos seus múltiplos aspectos.[1359]" Estava aberto o caminho para a aproximação entre "o Estado autoritário de direita de maior longevidade na Europa[1360]" e o Nacional-Socialismo de Berlim. Sobre a politização do ar livre pelos acampamentos da pela MP e da LP[1361], sobretudo na Marinha, falaremos no capítulo V.

6. Modalidades de Lazer e património(s)

6.1. Eventos, exposições e desportos

Nascida para revitalizar a vida cultural e social cascalense, a CPC organizaria festejos destinados a consumo interno. Contudo, os estrangeiros dos Estoris chegariam a participar em alguns como as festas de 1934, que incluíram a exposição de caricaturas por Amarelhe[1362], garraiada em Santa Marta e concerto nocturno (com jogos de luz) na admirável formação rochosa da Boca do Inferno[1363]. Reportando-nos comercialização e aproveitamento turístico da flora local, as exposições da SPCS continuariam no *hall* das

exílio forçado de Rolão Preto entre Julho de 1934 e Janeiro de 1935, a saudação romana acabaria por ser traço protocolar da Mocidade Portuguesa (MP). Cf. Yves Léonard, *Op. Cit.*,pp.120-127.

[1356] *Idem* [folhas 292-294].

[1357] *Ibidem* [folha 293].

[1358] António Ferro – *Dez Anos de Política do Espírito 1933-1943*, Lisboa, Edições SPN, 1943, p.21.

[1359] ANTT/AOS/CO/PC-12, cx.657 [folha 289]. A MP surgiria de reunião entre Salazar e o ministro da Educação quando, nas 24 horas seguintes, 30 jovens foram escolhidos para rumar aos Jogos Olímpicos de Berlim (depois da recusa dos escuteiros), pelo que a capital alemã conheceria a MP antes de Lisboa. Cf. Heinrich Baron – *Portugalsob o Govêrno de Salazar*, Lisboa, Imprensa Barreiro, 1942, pp.14-15.

[1360] Luís Reis Torgal, *Op. Cit.*, p.304.

[1361] A MP nasceria em Maio de 1936 para actuar sobre a população masculina em idade escolar e o primeiro comissário nacional foi (o germanófilo) Francisco Nobre Guedes. Em 1937 surgiria a congénere feminina, estando ambas sob a alçada do Ministério da Educação. A LP seria criada em Setembro de 1936, enquanto agregação paramilitar masculina e dependente do Ministério da Guerra, cujo objectivo era a defesa da pátria. A prática de actividades físicas e manejamento de armas eram vitais na formação dos elementos das duas organizações. Cf. Yves Léonard, *Op. Cit.*, p.131.

[1362] No Palácio dos Condes da Guarda estavam retratos manuais de vultos como Sanjurjo e do Conde de Monte Real. Cf. *Diário de Lisboa*, 8 de Setembro de 1934, p.4.

[1363] *O Estoril*, 2 de Setembro de 1934, p.1.

termas do Estoril, em Outubro, com prémios para profissionais, amadores e viveiristas participantes[1364], revertendo o produto da venda dos arranjos para a Misericórdia concelhia[1365]. Em simultâneo, a CPC realizaria o certame similar na sede provisória (uma sala no Palácio dos Condes da Guarda), iniciativa que repetiria em Maio. Em Setembro de 1934 surgiria uma nova tipologia de exposição: a 1ª Exposição Canina Internacional do Estoril, transpondo para a estância uma prática enraizada em congéneres gauleses[1366]. A colaboração técnica com o *Club* de Caçadores Portugueses permitiu quena sessão inaugural a SPCS cativasse mais de cem criadores de raças reconhecidas pela *Fédération Cynologique Internationale*, organizadas em seis grupos: "galgos, cães de Mostra, Spaniels, Terriers, utilidade (guarda e gado) e luxo.[1367]" Mais devotos a Santo Humberto ter-se-iam inscrito, não tivesse a época oficial de caça tido início a 1 de Setembro, mas nem essa ausência beliscou o sucesso da organização[1368] e assistência. A exposição teria lugar no Tamariz a 9 de Setembro de 1934[1369] perante um quadro variado de juízes face às raças a concurso[1370]; apenas dois anos depois seria repetida a exibição, tirando-se partido de alguns veraneantes fazerem-se "acompanhar dos seus cães, e bastantes exemplares soberbos ali se encontram, salientando-se os cães de luxo «Pequineses» e «Pomeranios», etc.[1371]" A diferença constata-se no facto de ter sido convidado para juíz das raças estrangeiras e dos galgos anglo-lusos o inglês T. Hamilton Adams, para cães de parar alemães e espanhóis Daniel da Silva Lane, e Renato Pinto Soares para cães de água; maior pendor das raças nacionais denotar-se-ia na nomeação de juízes para categorias específicas, como Armando Correia para

[1364] Em acta regista-se apoio de 500$00 da CITC para a criação de duas taças para o certame. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 12 de Outubro de 1934, p.104.
[1365] Ressalve-se a constante presença de exemplares produzidos na Quinta da Marinha pela empresa de António Muchaxo. Cf. *Diário de Lisboa*, 8 de Maio de 1935, p.5.
[1366] "Monte Carlo, Nice, Cannes, Biarritz, San Sebastian e, de uma forma geral, todas as grandes praias de moda e internacionais de França e de Inglaterra, consideram parte indispensável no quadro das suas atracções e das suas demonstrações de civilização e de cultura, uma exposição de cães de caça. O Estoril não pode deixar de seguir-lhe a atenção." Cf. *Idem*, 4 de Agosto de 1934, p.3.
[1367] *Ibidem*, 9 de Setembro de 1934, p.5.
[1368] A SE facultava transporte gratuito aos animais inscritos. Cf. *O Século*, 20 de Agosto de 1934, p.2.
[1369] Nesse ano, "por um estranho capricho da tirânica e despótica moda", a raça de cães de luxo mais procurada, em Portugal, fora o *bulldog* francês. Cf. *O Século*, 24 de Agosto de 1934, p.2.
[1370] No caso dos perdigueiros portugueses o Dr. Ruy de Andrade (reputado zoólogo, criador de cavalos e defensor das raças equinas autóctones) presidiria uma equipa de três elementos (Cf. *Diário de Lisboa*, 9 de Setembro de 1934, p.5). Andrade era membro da Direcção da Cruzada Nacional Nuno Álvares Pereira que, em 1935, pedira aCarmona que metrópole e territórios externos se designassem de «Império Português» (Cf. *Diário de Lisboa*, 3 de Maio de 1935, p.1). A solicitação era uma reacção patriótica à cobiça discursiva alemã sobre as colónias africanas, patente em periódicos europeus. Cf.Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, *Op. Cit.*, p.39.
[1371] *Diário de Lisboa*, 29 de Julho de 1936, p.3.

podengos e perdigueiros alentejanos, Manuel Fernandes Marques para castros laboreiros, cães de fila açorianos e serras da estrela, entre outros[1372]. *O Século* descrevia a Canicultura como um desporto feminil e que, sobretudo em Inglaterra "é tal o entusiasmo entre as senhoras pela Canicultura, que algumas são já célebres julgadoras «All round»… em grandes exposições internacionais.[1373]" Tratava-se, pois, de uma forma renovada de certificação de subjugação humana a espécies domesticadas, embora os laços emocionais firmados enobrecessem a parceria, tal como indica Peter Borsay ao escrever que "the elite's relationship with animals was often an affectionate one, but this did not disguise that fact that it was also one of power… this all proclaimed the dominion of man, over beast in the natural order."[1374]

Além de exposições florais e caninas a SPCS e a Sociedade Nacional de Belas Artesorganizavam o «III Salão» de Pintura e Escultura. Contando com a passagem do Presidente da República no certame, o General Carmona pôde admirar telas de nomes como Carlos Reis e Augusto Pina, esculturas de Simões de Almeida e João Silva, sendo-lhe oferecido o óleo nº34 da exposição, o «Farol de Santa Marta», da autoria de Romano Esteves. Provando não ser mero observador nos compromissos protocolares, Carmona denunciaria "a repetição de quadros já expostos anteriormente"[1375], a que não era alheia a fraca apetência nacional para aquisição de Arte.[1376]

No âmbito dos desportos, comecemos pelo Hipismo que, entre 1934 e 1936, continuava em voga no terreno na Marinha[1377] e no Campo Hípico do Estoril. Para lá das provas de obstáculos e corridas, o último espaço persistia na divulgação do pólo[1378] e, em Agosto de 1934, estrearia um *rallye-paper* hípico[1379]. Também na prática do Ténis a Parada mantinha as provas para sócios e os *courts* do Estoril os campeonatos

[1372] *O Século*, 26 de Julho de 1936, p.2.
[1373] *Idem*, 5 de Agosto de 1936, p.2.
[1374] Peter Borsay – *A History of Leisure – The British Experience Since 1500*, Hampshire/New York, Palgrave Macmillan, 2006, p.84.
[1375] *O Século*, 4 de Fevereiro de 1936, p.5.
[1376] No Estoril, o pintor Guilherme Filipe, autor de telas expostas em Lisboa e Madrid, facultava formação de pintura ao ar livre, sob condição de inscrição. Cf. *O Estoril*, 13 de Outubro de 1935, p.4
[1377] Em 1934 a SPCS receberia 1.500$00 da CITC para as corridas que teriam taça homónima. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 4 de Maio de 1934, p.69.
[1378] O torneio de Inverno foi disputado por equipas de três elementos: uma do Regimento de Cavalaria 2, duas da Guarda Nacional Republicana e a quarta composta por civis. Cf. *O Século*, 25 de Fevereiro de 1934, p.2.
[1379] A prova de oito concorrentes terminou com a vitória do Alferes António Crespo (Regimento de Cavalaria 7), seguido pelo Capitão Acácio Soares (Guarda Nacional Republicana) e por Manuel Possolo (civil a cargo de provas hípicas em Cascais). Cf. *Idem*, 27 de Agosto de 1934, p.2.

para adultos e crianças[1380]. A Esgrima mantinha-se sob alçada do mestre Carlos Gonçalves, ao passo que o *Volleyball* era cada vez mais uma modalidade apetecível para os veraneantes adeptos da conjugação «Banho solar-Desporto»[1381]. Quanto à Velocidade, a paixão do automobilismo seria por demais evidente nas provas realizadas entre Agosto e Outubro de cada ano. Destaquem-se três agendadas para 1935: o II *Rallye* Auto-Rádio[1382], o I Concurso de Elegância Feminina em Automóvel e o I Circuito Automobilístico do Estoril, resultantes da colaboração entre a SPCS e a Comissão *Sportiva* do ACP[1383]. Se a criação de um Concurso de Elegância Feminina em Automóvel se justificava por ser "exemplo do que se faz em Nice, Monte Carlo e há poucos dias se fez em Paris[1384]", a *Modas & Bordados* levaria à letra a designação da prova, ao imprimir, não só o nome das concorrentes, mas ainda acrescentando detalhes sobre as *toilettes* chiques envergadas[1385], destacando a lição de bom gosto que a vencedora, *Mme.* Cordier, dera às participantes mais desatentas, ao trajar num tom de verde igual ao do seu *Buick*, "tal como Paris decretou nos seus recentes concursos de elegância.[1386]" Por fim, o Circuito Automobilístico do Estoril[1387] resgatava a virilidade de uma prova de resistência num total de 185Km. Dos nove concorrentes, coroar-se-ia a perícia de Ribeiro Ferreira[1388], seguido no pódio por Jorge Monte Real[1389], ambos ao volante de *Bugattis*[1390]. Para complementar a acção do ACP, o «*Club* dos 100 à

[1380]O «Torneio de Inverno» de Fevereiro de 1935 contou com a presença de Ignacy Tlocznysky, campeão polaco que arrematariа o troféu de prata a concurso. Cf. *Diário de Sports*, 15 de Fevereiro de 1935, p.1.
[1381] O campeonato anual era organizado pelo *Dolphins Club* do Estoril, através de Estêvão Torok. Cf. *Diário da Manhã*, 21 de Agosto de 1936, p.2.
[1382] Num total de 100Km, a partida teve lugar nos Restauradores pelas 10h00 e, atentos às telefonias, os concorrentes escutavam as instruções faseadas que os levariam a Loures, Mafra, Sintra, e ao Farol da Guia, estando a meta no Estoril. O serviço de almoço esteve a cargo do restaurante do Casino, mas seria servido ao ar livre, em mesas dispostas ao longo do pinhal anexo. Cf. *Diário de Lisboa*, 28 de Julho de 1935, p.8. Erros cometidos (como a partida simultânea para os 29 veículos) serviriam para melhorar iniciativas futuras. Cf. *Os Sports*, 5 de Agosto de 1935, p.3.
[1383] Em Outubro de 1936 esta divisão seria homenageada um grupo de sócios que planearia o *Rallye* «Adeus, Até para o Ano», com saída do Largo do Calhariz, passagem por Malveira, Ericeira, Colares e Sintra, e termo no Estoril. Cf. *O Volante*, 25 de Outubro de 1936, p.8.
[1384]*Diário de Lisboa*, 24 de Julho de 1935, p.3.
[1385] Casos das participações e conjuntos de Mary Espírito Santo, da Condessa de Carobo e da artista Maria Adelaide da Lima Cruz. Cf. *Modas & Bordados*, 14 de Agosto de 1935, p.9.
[1386]*Idem*, p.9.
[1387] Para o qual a CITC contribuíra com subsídio de 3.000$00. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 2 de Agosto de 1935, pp.160-161.
[1388] Cumprira as 60 voltas em menos de duas horas e numa média horária de 92,810Km/h. Cf. *Os Sports*, 25 de Outubro de 1935, p.3.
[1389] Dias antes, o filho do filantropo Conde de Monte Real vencera a II Rampa do Cabo da Roca, em motociclismo. Cf. *Diário de Notícias*, 7 de Outubro de 1935, p.9.
[1390]*ACP*, Outubro de 1935, pp.24-26. Assumia-se que a prova fora assistida por mais de 20.000 espectadores ao longo do percurso. Cf. *Diário de Notícias*, 21 de Outubro de 1935, p.6.

Hora»[1391] surgiria em Junho de 1935, reunindo sócios daquela entidade, mas cujo fim era "exclusivamente destinado a promover provas entre nós[1392]", isto é, assistia-se ao fomento do turismo interno, como o comprova a inserção do clube como secção autónoma da SPP. O Verão seguinte contaria com a fundação do restrito «Auto *Club* Médico Português», na senda de similares europeus, visando "promover excursões, provas desportivas, conferências e festas com fim recreativo ou de beneficência"[1393] para os profissionais de Medicina. O fascínio pela máquina era tal que, pouco após a criação da LP**,** nela se organizaria a secção de serviços motorizados, pois, por todo o país, chegavam "adesões de pessoas que se colocam e colocam os seus automóveis á disposição daquele organismo."[1394]

Em termos costeiros, o deleitoso mar cascalense era descrito por visitantes como "la vraie châtelaine de Cascaës, d'Estoril et de toute cette cote à la fois luxueuse et sauvage.[1395]" A prática náutica mantinha a politização das águas com a segunda fase do programa de renovação da Armada[1396] iniciado em 1935 com a entrada do aviso «Afonso de Albuquerque» e do submarino «Espadarte» (construídos em estaleiros ingleses) na barra do Tejo[1397], sem esquecer a visita de frotas europeias. O cortejo fluvial seria observado do Tamariz, onde se organizara uma *garden party*[1398] para admirar mais duas componentes da esquadra nacional. Poucas semanas depois a SPCS organizaria baile de gala em homenagem ao Exército e à Armada[1399], mantendo a estreita ligação com a elite militar. Em Julho de 1935 o *Club* Naval de Lisboa (CNL)organizaria uma festa desportiva, cujas provas de remo, natação, barcos à vela e a

[1391] Em finais de 1936 a ele se deveria a organização de prova de resistência com partida da Calçada de Carriche e meta junto ao Casino. Entre os vencedores destacavam-se Fernando Ahrens Novais, a título individual, e o Ginásio *Club* Português, na classificação por equipas. Cf. *O Volante*, 15 de Dezembro de 1936, pp.4-5.
[1392] *O Volante*, 25 de Junho de 1935, p.3.
[1393] *Idem*, 15 de Julho de 1936, p.3.
[1394] *O Século*, 7 de Novembro de 1936, p.1.
[1395] Louis Papy e M. TH. Gadala – *Le Portugal*, Paris/Grenoble, B. Arthaud, 1935, pp.63-64.
[1396] António Telo indicaria como três factores para a reforma da Armada a intensa propaganda entre finais dos Anos 20 e inícios dos Anos 30, o rearmamento planeado do país e as constantes ameaças reviralhistas ao regime em instalação. Cf. A. Telo apud António Paulo Duarte – *A Política de Defesa Nacional 1919-1958*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2010, p.41.
[1397] O 1º Tenente Custódio Nunes Borges de Carvalho era então o Delegado Marítimo do Porto de Cascais. Cf. *Anuário Comercial de Portugal*, 1935, p.2555. No ano de 1934 detivera a função o 2º Tenente de Mar e piloto Jerónimo Henriques Jorge. Cf. *Anuário Comercial de Portugal*, 1934, p.2606.
[1398] *Diário de Lisboa*, 7 de Março de 1935, p.7.
[1399] No âmbito da «Semana da Armada» que decorria no aeródromo da Amadora**,** o baile contaria com presenças ministeriais e de elementos das Forças Armadas. Cf. *O Século*, 27 de Maio de 1935, p.8.

motor se dirigiam a residentes e veraneantes[1400]: o empenho promocional nas regatas prova-se pelo cartaz da autoria do técnico gráfico José Rocha, e impresso na Empresa do Bolhão, no Porto, para a CITC, 1935[1401]. No estio de 1936 assistir-se-ia a dois momentos importantes: um de carácter político interno; o outro, desportivo e cosmopolita. Em Julho, os presidentes das juntas de freguesia do concelho e o general Carmona subiriam a bordo do aviso «Pedro Nunes» para saudar o comandante e entregar uma bandeira nacional de honra bordada por senhoras do município[1402], num gesto voluntário de reconhecimento à capacidade de defesa das águas nacionais, face às novas que chegavam de Espanha. Antes disso, a manhã fora ocupada com provas desportivas disputadas entre pescadores, pautando-se de colorido popular uma festa local imbuída de sentimento patriótico[1403]. No mês seguinte, o CNLorganizaria a 1ª Semana Náutica Internacional do Estoril, cuja «Taça Portugal» seria disputada por equipas oriundas de Inglaterra, França, Bélgica e Portugal, cabendo a vitória ao conjunto gaulês[1404]. No rescaldo das provas *O Estoril* lamentaria que o conflito armado em Espanha tivesse impedido a chegada de mais desportistas, o que teria facultado outro patamar de competitividade e dignificação do destino turístico no exterior[1405]. Recorde-se que a turbulência política vizinha influíra na criação a 19 de Setembro de 1935 da LP que, para lá da secção de serviços motorizados, teria uma brigada naval, que, no próximo capítulo, revelaremos como dinâmica no campo da organização e participação de provas em águas cascalenses.[1406]

[1400]*Diário de Lisboa*, 28 de Julho de 1935, p.5As regatas contariam com nove taças subsidiadas pela CITC, no valor de 2.400$00 pagos a Eloy Jesus. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 26 de Julho de 1935, p.158.
[1401] Registado com a quota BN: CT. 7634 A., o cartaz foi datado como sendo de 1930. Contudo, acta de Julho de 1935 indica a aquisição de 3.000 cartazes à Empresa Bolhão do Porto por 2.490$00, além de que esta precisa imagem (em suporte fotográfico) foi listada com o número 36 no guia turístico trilingue (Português, Inglês e Alemão) *A Costa do Sol – Estoril-Cascais-Portugal*, editado pela CITC em 1935. Cf. *Idem*, 19 de Julho de 1935, p.156.
[1402] Na cerimónia estiveram o navio-escola «Sagres» e o salva-vidas «Albacora»: o último participaria num simulacro de naufrágio, espectáculo apreciado por convivas que bebericavam chá, sobre os rochedos da Boca do Inferno. Cf. *O Estoril*, 13 de Julho de 1936, p.1.
[1403]*Diário de Notícias*, 13 de Julho de 1936, p.1. Imagens dos eventos seriam publicadas em:*Ilustração*, Agosto de 1936, p.9.
[1404] A vitória sorrira à *Société d'Encouragement aux Sports Nautiques*, de Paris, onde alinhavam alguns remadores olímpicos. Cf. *Os Sports*, 21 de Agosto de 1936, p.1.
[1405]*O Estoril*, 6 de Setembro de 1936, p.1. Recorde-se que 1936 fora ano de Jogos Olímpicos na Berlim hitleriana e neles a apologia do Desporto (e sua ligação rácica) atingira o apogeu.
[1406] António Carvalho, *Da Primeira Regata*,p.132.

6.2. O Património cultural e natural

No triénio em análise Cascais detinha duas colecções museológicas visitáveis: a de artes decorativas do Palácio dos Condes de Castro Guimarães[1407] e a oceanográfica[1408] (outrora pertença de D. Carlos I). Com o falecimento de Carlos Bonvalot em 1934, o MCCG passou a ser administrado por uma comissão com membros da edilidade e da Academia Nacional de Belas Artes[1409], ao passo que o Museu Oceanográfico mantinha como encarregados Acácio Abreu e Castro e Manuel Inocêncio Gomes[1410]. O facto de os exemplares do *Anuário Estatístico de Portugal* apenas apresentarem dados relativos ao museu condal, leva-nos a concluir que ambas a colecções eram consideradas acervo unitário. Em termos concretos:

	1934	**1935**	**1936**
Número de visitantes	6.222	5.401	4.977
Receitas de entradas	2.609$00	2.206$00	1.874$00
Número de objectos doados	0	16	0
Número de objectos adquiridos	0	63	2
Total de pessoal ao serviço	8	8	8

Quadro 24 – Museu Condes de Castro Guimarães (1934-1936).

(Fonte: *Anuário Estatístico de Portugal, 1934-1936*)

O que o quadro nos revela é um progressivo desinteresse do público, apesar de o equipamento ter-se esforçado por uma forte aquisição de peças artísticas em 1935, ansiando resgatar atractividade. A decisão do MM em transferir as peças oceanográficas poderá justificar parte da perda de receitas; e se é certo que esse triénio testemunhara as primeiras edições anuais do «Curso de Férias de Cascais», não conseguimos perceber por estes dados gerais qual o peso de este nicho intelectual no conhecimento museológico do equipamento que acolheu as palestras do seu programa.Uma das modalidades de divulgação da «Política de Espírito»foi a transposição do modelo de

[1407] Os restos mortais dos condes seriam transladados para o sítio dos Cedros, no Parque da propriedade, em Outubro de 1936. Cf. *O Século*, 25 de Outubro de 1936, p.8.
[1408] A colecção estaria na origem de um mal-estar entre a CMC e a Liga Naval Portuguesa que terminaria com decreto oficial a definir a entrega da mesma ao Aquário Vasco da Gama, no qual seria inaugurada uma sala dedicada ao penúltimo monarca brigantino. Cf. *Idem*, 12 de Julho de 1935, p.2.
[1409] Que nomearia João Lacerda para o gerir. Cf. *O Estoril*, 31 de Agosto de 1935, p.2.
[1410] *Anuário Comercial de Portugal,*1933-36.

curso de férias que se realizava pela Europa e onde se leccionavam História, Arte, Literatura e Economia nacionais, além de sessões de língua vernacular para estrangeiros. Iniciada na secular Universidade de Coimbra, esta prática levaria o director da FLUL, João da Silva Correia[1411], a organizar[1412] a formação em Cascais[1413]. Dos doutos conferencistas a apontar destacamos os nomes de Fidelino Figueiredo e Agostinho Fortes (na Literatura), Mário de Albuquerque (na História), Luiz Schwalbach (na Geografia), sem olvidar o director da Faculdade (na Etnografia) e de Costa Leite, Sub-secretário de Estado das Finanças, em Agosto de 1936. A aprovação estatal chegaria na 2ª edição pelo decreto-lei nº25:742 de 14 de Agosto de 1935 do Ministério da Instrução Pública[1414], cujo responsável máximo, Caeiro da Mata, presidiria à sessão de encerramento da formação de esse ano[1415]. As horas académicas em recinto fechado eram complementadas com visitas a monumentos ou a espaços naturais na Grande Lisboa, para lá de momentos de diversão entre bailes, concertos e chás[1416]. Em Abril de 1935 *O Estoril*abordaria a importância dos cursos em Itália[1417], Espanha e Inglaterra, tanto na partilha do «Espírito» de cada Estado, como no incentivo à prática turística interna. O artigo alertava que "[a]s nações não são apenas economia e paisagem, mas também Espírito."[1418]

Entre 1934-1936, a apologia do património cultural português ia, contrariamente ao verificado entre 1929-1933, para lá da observação apática ou teoria intelectual, e, no

[1411] Faculdade de Letras de Lisboa – *Curso de Férias de Cascais da Faculdade de Letras de Lisboa – 1937*, Lisboa, Oficinas Fernandes, p.1.
[1412] Num ápice foram negociados descontos para os formandos quanto à aquisição de bilhetes (50% facultado pela SE) e diárias nos hotéis (25%), havendo ainda desconto para estudantes universitários (50%). Nesse ano a inscrição cifrar-se-ia nos 20$00 e a atribuição de diploma de conclusão de curso nos 10$00, podendo os interessados contactar a FLUL ou a CPC, para mais informações.
[1413] Se no Estoril se aprumava a vertente atlética da raça portuguesa, em Cascais refinar-se-ia o espírito, estendendo-se ambas as modalidades tanto ao público interno, como ao visitante.
[1414] Onde as faculdades de Letras são elogiadas como as detentoras do espírito de cada nação e o Curso de Cascais pelo sucesso inaugural, ficando a instituição de ensino encarregue de, até 1 de Junho de cada ano, remeter ao ministério o plano de trabalhos para a formação seguinte. No decurso da investigação cruzou-se no nosso caminho a seguinte comunicação: Mário de Sampayo Ribeiro – *Do Justo Valor da Canção Popular: Conferência do Curso de Férias realizada no Claustro do Museu de Castro Guimarãis, em Cascais, na tarde de 29 de Agosto de 1934*, Lisboa, Universidade de Lisboa e Imprensa Nacional, 1935.
[1415] Em Julho de 1936 anunciava-se a adjudicação de orçamento próprio à FLUL para as futuras formações. Cf. *Diário da Manhã*, 21 de Julho de 1936, p.3.
[1416] Em acta da CITC regista-se a autorização de pagamento de 1.259$00, relativo ao chá oferecido em parceria com a CMC para acolhimento dos alunos. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 6 de Outubro de 1934, p.103.
[1417] Sugeria-se até a realização de edições no Inverno, nas estâncias devidas, tal como acontecia em Siena. A mesma posição seria comunicada no I Congresso Nacional de Turismo, em Janeiro de 1936.
[1418] *O Estoril*, 11 de Abril de 1935, p.1.

eixo de estudo, Cascais era agora resgatado como reduto de tradições ancestrais[1419], tendo como «caixa-forte» a comunidade piscatória[1420], grupo social que Bonvalot eternizou em tela e o SPN de António Ferro resgataria da indiferença ao propagandear como herdeira directa dos marítimos de Quinhentos. As díspares perspectivas sobre as areias municipais explicam o contraste entre a reportagem fotográfica que a *Modas & Bordados* publicaria, em Setembro de 1935, sobre *toilettes* de banho e de passeio para senhoras[1421], em contraponto com a repulsa de um leitor de *O Estoril* face à usurpação *snob* da praia de Cascais, a qual deveria voltar a ser a «Praia do Povo» e "não a praia da moda, que as praias de moda vivem vida efémera"[1422]. Através de relatos de viagem estrangeiros nota-se a atracção que o atavismo nacional exercia sobre forasteiros. Por exemplo, a Srª. E. Rosenthal demorava-se na descrição do animado Mercado de Peixe[1423] de Cascais e, sobretudo, das varinas, que classificou "amongst the most interesting and best-looking peasant women in Europe"[1424], felicitando-as por canções e pregões entoados nas lides, deixando um voto ao Futuro: "May their musical cries continue to mingle with those of the knife-grinder.[1425]" Também o asseio das ruas secundárias onde pescadores arrumavam apetrechos e remendavam redes era modelopara os centros piscatórios ingleses[1426]. Léon de Poncins registara a sua admiração pelo carácter genuíno e raro dos portugueses (e pela obra do regime), generalizando que " Le Portugal est un pays essentiellement pictural, [où] les pêncheurs ou les paysant ont un caractère passionant… une poésie originale… Toutes choses si rares aujourd'hui dans notre Europe trop industrialisée et mercantile."[1427]

[1419] Pormenor de inesperada rusticidade foi o encontrado em obra de Rodney Gallop subsidiada pela Junta Nacional de Educação, onde se incluiu um esboço do "the Estoril turkey man", o guardador de perus negros habitual nas feiras e mercados populares cascalenses. Cf. Rodney Gallop – *Portugal: A Book of Folk-Ways*, London, Cambridge University Press, 1940, p.100.

[1420] Por motivos corporativos e económicos re-mistificou-se a aliança entre Portugal e o Mar elevando-a a um nível de grandiosidade capaz de mascarar a mísera realidade das povoações costeiras nacionais. Como diriam dois eruditos, "Mythologizing an asset transforms it from the mundane to the extraordinary and converts a physical asset into a space of spiritual or secular significance." Cf. Bob McKercher and Hilary du Cros – *Cultural Tourism, The Partnership between Tourism and Cultural Heritage Management,* New York/London, Routlegde, 2002, p.129.

[1421] *Modas & Bordados*, 4 de Setembro de 1935, pp.8-9.

[1422] *O Estoril*, 1 de Julho de 1934, p.6.

[1423] Situado onde está a Guarda-Fiscal e que seria derrubado em 1945, no período em que o seu centroseria arrasado para aplicação de um *facelift* à sede concelhia. Cf. Guilherme Cardoso, *Cascais*, s/p.

[1424] E. Rosenthal, *Op. Cit.*, p.7.

[1425] *Idem*, p.7.

[1426] *Ibidem*, p.10.

[1427] Léonce de Poncins – *Le Portugal Renait*, Paris, Gabriel Beauchesne et ses Fils, 1936, pp.162-163.

A permanência de Óscar Carmonana Cidadela[1428]conduziria a obras de enobrecimento suportadas pelo MOPC e executadas sob a alçada da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais[1429]. A estrutura funcionava como residência do Chefe de Estado e como sede do Grupo de Defesa Móvel da Costa: a guarnição militar era comandada pelo Tenente-Coronel Miguel Pereira Coutinho e, entre outros oficiais, destacamos os capitães José Augusto Vieira Fonseca Júnior (vogal da Comissão Administrativa da CMC), José Roberto Raposo Pessoa (futuro edil) e Manuel José D'Ávila Madruga (presidente da CITC); era médico da unidade o Tenente Mário Paxiuta Quina[1430]. Entre os anos de 1934 e 1936 os momentos de cariz militar mais simbólicos foram o dia 9 de Abril (depondo-se flores no Monumentos aos Combatentes[1431]), o Juramento de Bandeira dos Recrutas, em Junho[1432], e a celebração do feriado municipal, a 30 de Agosto[1433]. A presença de Carmona em dia de aniversário natalício implicava recepção de telegramas de felicitações ou de cumprimentos directos; o SPN publicaria um pequeno álbum fotográfico sobre a sua vivência em Cascais, onde se observavam momentos como o acolhimento oficial aos príncipes do Japão, em 1931, ou um passeio pedestre informal, na Estrada do Guincho, com a esposa e crianças[1434]. Para lá das funções de Estado, o quotidiano apaziguador do experiente militar era ainda indicado em artigos da Imprensa europeia, como foi o caso de «Um País que Dominou a Crise – Portugal», por Blanche Vogt para *L'Intransegeant* de Paris.[1435]

Resgatando a Gastronomia enquanto património, destacamos como de usufruto turístico (sobretudo, doméstico), a «Casa de Bolos de Cascais»[1436] que criara (havia alguns anos), os Bolos de Cascais e os Bolos Reais, ao passo que à Fábrica de Refrigerantes[1437] se devia o *Orange Fruit*. No Estoril, para lá do frugal

[1428] Classificada como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto-lei nº129 de 29 de Setembro de 1977.
[1429] Para valores e objectivos consulte-se: *Diário do Governo*, II Série, nº30, de 6 de Fevereiro de 1934; *Idem*, nº122, de 28 de Maio de 1934.
[1430]*Anuário Comercial de Portugal*, p.2555.
[1431] Em 1934 esta seria antecedida pela inauguração do Talhão dos Combatentes no Cemitério da Guia. Cf. *O Século*, 9 de Abril de 1934, p.2.
[1432]*Idem*, 24 de Junho de 1935, p.7.
[1433] Em 1935, por iniciativa da CMC, três lápides seriam descerradas para recordar "as unidades que ali estiveram aquarteladas e se distinguiram em campanha [durante a Guerra Peninsular]; Sapadores de Caminho de Ferro, Infantaria 19 e Bataria de Posição." Cf. *Ibidem*, 31 de Agosto de 1935, p.3.
[1434]*General Carmona*, Lisboa, Edições SPN, 1935.
[1435] Em entrevista aCarmona a peça terminava com a descrição da vida tranquila que levava em Cascais, após ter cedido o governo da Nação a Salazar (em Fevereiro de 1935 fora reeleito para Presidente da República). Cf. *O Século*, 21 de Maio de 1935, pp.1-2. A Salazar agradava um chefe de Estado militar, como meio de subordinação sobre as instáveis Forças Armadas. Cf. António Paulo Duarte, *Op. Cit.*, p.67.
[1436] Sita na Rua do Regimento 19, números 5-9.
[1437] Localizada na Rua Nova da Alfarrobeira, números 26-30.

*Cocktail*homónimo, E. Rosenthal sugeria aos visitantes britânicos a Carapinhada, *soft drink* portuguesa baseada em sumo de frutas com gelo picado[1438]. Ao nível do património natural a Boca do Inferno mantinha-se o elemento costeiro mais apelativo[1439], ali se realizando jogos de luz nas noites de Agosto de 1934; se a escritora E. Rosenthal não lhe atribui muito espaço no seu guia, preferindo descrever o tapete floral ímpar que, na Primavera, cobria as rochas e as dunas no Guincho[1440], a francesa Gabrielle Réval estava rendida ao misticismo de crenças locais. A Boca do Inferno era ponto de encontro de enamorados e, segundo rezava a lenda, pescadores locais haviam viajado até Roma, para reportar ao Imperador Tibério os avistamentos de "hommes-poissons qui se balançaient à la cîme des vagues, en soufflant dans une conque sonore."[1441]

7. Turismo Científico e a promoção *in loco*

Após o vigor do Turismo científico do início da década, de 1934 a 1936 assistiu-se a menos reuniões, das quais abordaremos cinco. Começamos por referir, em Maio de 1934, o encontro de delegados de 30 países ligados à Comissão Internacional de Navegação Aérea, os quais passaram pelos Estoris em dia de lazer[1442], assegurando a presença na I Exposição Internacional de Aeronáutica organizada no palácio do Parque Eduardo VII[1443]. O desenvolvimento tecnológico justificou ainda o III Congresso de Rádio-Electricidade que levou ao Palácio Castanheda[1444], no Monte, especialistas que, a 9 de Setembro, assistiriam a concerto de gala no Casino do Estoril. Após bailes *cotillon* e «à americana», os delegados presenciariam «Uma Noite de Portugal», pela evocação histórica de quadros de Fado do século XVIII em diante[1445]. Um ano depois, o Casino serviria jantar seguido da festa «A Grande Noite das Vindimas» aos participantes do XII Congresso Internacional de Zoologia, cujos trabalhos decorreram na Sociedade de

[1438] E. Rosenthal, *Op. Cit*., p.3.
[1439] Defendido como "um dos mais fortes encantos naturais de toda a linda costa de Portugal." Cf. *Jornal de Cascaes*, 21 de Julho de 1935, p.1.
[1440] *Idem*, p.14.
[1441] Gabrielle Réval – *L'Enchantement du Portugal*, Paris, Fasquelle Éditeurs, 1934, p.102.
[1442] *Diário de Lisboa*, 29 de Maio de 1934, p.5.
[1443] *Idem*, 2 de Junho de 1934, p.1.
[1444] Onde "esteve" localizado o Grande Casino Internacional. Cf. *Ibidem*, 4 de Outubro de 1934, p.12.
[1445] Descrito na Imprensa como «canção nacional». O evento contou com as participações vocais de Ercília e Alberto da Costa, e da revelação Maria Carmen. Cf. *O Século*, 9 de Outubro de 1934, p.2.

Geografia de Lisboa[1446]. Outra reunião de vulto foi o encontro das companhias rodoviárias com interesses no tráfego franco-hispano-português[1447], desta vez sob alçada da SE, em que o Hotel Palácio alojou e serviu de sede às reuniões. Aos presentes foram ainda facultadas excursões de Mafra à Arrábida, e chá-concerto no MCCG.O quinto exemplo ligou-se à temática de este estudo: o I Congresso Nacional de Turismo[1448]. Em Maio de 1935 *O Estoril* anunciava que, aquando do Congresso Nacional de Automobilismo, no Porto, Caetano Beirão da Veiga (membro do ACP) lançara o repto da iniciativa (prevista para Novembro[1449]), com sessões em Lisboa e no Porto, mas que apenas se concretizaria em Janeiro de 1936, na capital. A comissão organizadora[1450] presidida por João Antunes Guimarães incluía o engenheiro Carlos Santos, o Conde de Penha Garcia e Joaquim Roque da Fonseca (todos membros do ACP), além de Joaquim Manso (director do *Diário de Lisboa*), Fausto Figueiredo (representante da SE, da SEP e da SPCS), e Beirão da Veiga, sendo Luíz C. Lupi (membro da SPP) o Secretário-Geral do Congresso[1451]; à comissão de honra estariam ligados os presidentes da República, do Conselho, da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa[1452]. Pouco atreito a entrevistas, Fausto Figueiredo não deixaria de partilhar com *O Século* a urgência do encontro em causa; assertivo, o empresário defendia que "Precisamos sair do campo vago das aspirações e das promessas e entrar no terreno firme da execução e das realidades. Os problemas são conhecidos. Falta resolvê-los. A indústria do turismo não se improvisa como imagina muita gente."[1453]

A sessão inaugural decorreu no salão nobre da câmara municipal de Lisboa, a 12 de Janeiro de 1936, na presença de Carmona; as reuniões teriam lugar na Sociedade de

[1446]Erico Braga seria o artista anfitrião. Cf. *Idem*, 15 de Setembro de 1935, p.4.
[1447] No caso nacional compareceram a SE, a Companhia da Beira Alta, a Companhia de Caminhos-de-Ferro Portugueses e a Companhia Internacional de *Wagons-Lits*.
[1448] A sua organização seria noticiada em Inglaterra através do *Daily Mail* e do *African World*. Cf. *O Século*, 2 de Setembro de 1935, p.3.
[1449] O que explica o logotipo revelar o escudo nacional e a legenda «Portugal 1935».
[1450] Entidade que laboraria na elaboração do regulamento de teses e endereçaria convites à participação de entidades turísticas como a CITC. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 19 de Outubro de 1935, pp.181-182.
[1451]*O Século*, 22 de Julho de1935, p.1. Esta lista prova a posição de Filipa Aguiar ao afirmar que "a incipiente actividade turística do início do século XX ganhou progressivamente uma posição de relevo em Portugal, para a qual contribuiu o empenho da iniciativa privada, com especial destaque para a acção desenvolvida pela Sociedade de Propaganda de Portugal, pela Sociedade Estoril-Plage, ou pelo ACP." Cf. Filipa Aguiar – *Turismo e Propaganda Política – O Estado Novo e as Ditaduras Contemporâneas* 1930-1950, Dissertação de Mestrado apresentada à faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, policopiado, 2008, p.57.
[1452]*I Congresso Nacional de Turismo realizado em Lisboa de 12 a 16 de Janeiro de 1936 – Relatório*, Lisboa, 1936, p.15.
[1453]*O Século*, 9 de Janeiro de 1936, p.7.

Geografia, em cuja «Sala Portugal» Antunes Guimarães abriria os trabalhos[1454]. No relatório final contabilizaram-se 179 inscritos[1455], sendo os oradores organizados por cinco temas de reflexão. Destes destacamos a 2ª secção sobre «Turismo Nacional e Turismo Internacional», onde Figueiredo participou, e a 4ª secção relativa a «Acomodações e Atracções», onde Cardim partilhou tese com a audiência. Figueiredo preconizaria a criação de um Comissariado de Turismo dependente do Presidente do Conselho[1456], de um Plano Nacional de Turismo, de um Código (legislativo) de Turismo, de ensino público no ramo hoteleiro, de maior promoção do país no exterior, e de investimento das taxas cobradas no desenvolvimento da própria actividade e não em tarefas de âmbito municipal[1457]. Por seu turno, Cardim era paladino do crédito hoteleiro, do ensino profissional segundo o modelo da escola francesa de *Vaucanson* e da supressão da taxa de Turismo em prol de outra menos perceptível ao cliente[1458]. Às posições pessoais listamos as principais conclusões, aplicando-as ao eixo em estudo. Assim, outros delegados defenderam ainda: (1) a organização de cursos de língua e cultura portuguesa para estrangeiros nas estâncias de Inverno; (2) a criação de cursos de Hotelaria, Informação e Restauração; (3) a reformulação das comissões de iniciativa (mantendo-as independentes das autarquias e atribuindo-lhes direito a sede própria); (4) a adopção de planos de urbanismo para Lisboa e Porto; (5) a construção de estradas de turismo (sobretudo a de Lisboa a Cascais); e (6) a criação de circuito ferroviário electrificado a unir Lisboa-Sintra-Cascais-Lisboa e a de auto-estradas complementares.

O programa de visitas levaria os congressistas a Sintra e Cascais, e a 16 de Janeiro o banquete de encerramento no Casino contou com a presença do ministro do Interior, o Tenente-Coronel Linhares de Lima[1459]. No seu discurso, Antunes de Guimarães elogiaria o Estoril com a expressão que ouvira sobre a estância: "o pórtico da nossa Pátria"[1460]. Quatro dias volvidos a comissão organizadora deslocar-se-ia a Belém, entregando ao Presidente as teses debatidas[1461], como evidência de disponibilidade de

[1454]*Diário de Lisboa*, 13 de Janeiro de 1936, p.4.
[1455]Dos intervenientes do eixo de estudo listamos Figueiredo (SE/SEP/SPCS), Cardim, Marques Guedes, Virgílio Soares e António Amaral de Figueiredo (ligados à SEP), Victor Hugo Abrantes e José Soleiro (directores do Hotel Palácio), Ávila Madruga (CITC) e Marques Mata (Delegado de Saúde de Cascais).
[1456] Figueiredo via como benéfica a transição da dependência da alçada do MI para a do líder executivo da nação, sobretudo agora que o Turismo era considerado pelos relatórios do Banco de Portugal.
[1457]*I Congresso Nacional de Turismo – Relatório*, pp.89-90.
[1458]*Idem*, p.162.
[1459]*O Século*, 17 de Janeiro de 1936, p.6.
[1460]*I Congresso Nacional de Turismo – Relatório*, p.75.
[1461]*O Século*, 20 de Janeiro de 1936, p.1.

colaborar na reformulação da orgânica do Turismo em Portugal[1462]. Contrapondo a teoria intelectual com a crua realidade da actividade turística nas unidades hoteleiras nacionais, *Os Ridículos* publicariam três *cartoons* contundentes na edição de 18 de Janeiro de 1936.[1463]

Quanto a visitas acolhidas no porto de Lisboa manteve-se o predomínio de paquetes transportando britânicos. Por via marítima aportariam outras nacionalidades, como os 450 polacos de diversas áreas económicas e sociais, em Abril de 1935[1464], um paquete sueco que sulcaria o Tejo em Agosto[1465] ou os jovens fascistas italianos (*Balilas*) em trânsito entre Nova Iorque e Itália (a quem a embaixada ofereceu bilhetes para passeio ferroviário ao Estoril)[1466]. No campo das individualidades, o destino cativaria o *Rajah* Narpart Singh e seus filhos[1467], o presidente da União internacional dos Auto *Clubs* Médicos, A. G. Prins[1468], e, das Américas, o ministro das Finanças norte-americano, Henry Morgentham[1469], o delegado do Perú à Sociedade das Nações, D. Luiz Miró Quesada[1470], e a poetisa brasileira Cecília Meireles e esposo, o artista português Correia Dias. O casal visitava-nos para a escritora redigir peças para jornais do Rio (*A Nação* e *A Noite*) e de São Paulo (*Gazeta de São Paulo*), alojando-se no Hotel Palácio. Amiga da poetisa Fernanda de Castro (casada com Ferro), em epístola trocada revelava a surpresa pelo bem-estar da estada, tanto que, após uma semana, ainda não fixara uma linha. Segundo Meireles, "estou encantada com a terra e o povo. Mas a trabalhar, propriamente, ainda não comecei. Não foi possível.[1471]"

Um grupo novo de excursionistas era o dos alemães da *KdF*[1472], amálgama de trabalhadores submetidos a viagens de intentos políticos[1473], descritos pelo também

[1462] Fausto Figueiredo enviaria até a sua tese ao MI. Cf. ANTT/MI/GM, mç.478, pt.7/1 (1932-1936) [folhas 1-14]. Após a publicação da Constituição em 1933, aguardava-seoutro Código Administrativo.
[1463] *Os Ridículos*, 18 de Janeiro de 1936, p.1.
[1464] *O Século*, 19 de Abril de 1935, p.2.
[1465] *Idem*, 13 de Agosto de 1935, p.3.
[1466] *Diário de Notícias*, 17 de Setembro de 1936, p.7.
[1467] A eles pretendia juntar-se o *Marajah* de Cooch Behar (Bengala, Índia), então alojado no Buçaco. *Diário de Lisboa*, 17 de Setembro de 1936, p.6.
[1468] Que a direcção do congénere nacional convidaria a almoçar no Estoril. Cf. *Diário de Notícias*, 24 de Agosto de 1936, p.5.
[1469] Em entrevistaria, o ministro de Roosevelet enfatizaria que a estada no Estoril era motivada por repouso. Cf. *O Século*, 23 de Setembro de 1935, p.2.
[1470] *Diário de Lisboa*, 28 de Abril de 1935, p.3.
[1471] PT/AFQ/AFC/001/0031/00014, Correspondência AFC-FC, Caixa 0023, Carta de Cecília Meireles, Estoril, 26 de Outubro de 1934.
[1472] A génese da organização estatal do tempo livre dos trabalhadores remontava a 1927, na Itália fascista, pelo surgimento da *Opera Nazzionale Dopolavoro* e sua inserção no partido de Mussolini. Na Alemanha, a extinção dos sindicatos e a inclusão do património na *Deutsche Arbeites Front* (*DAF*) de Robert Ley

visitante Jacques de Lacretele como "touristes d'État"[1474]. Ao acolhimento dos 2.600 operários transportados em três paquetes, em Março de 1935, presidia a filosofia de glorificação pela presença de compatriotas da colónia alemã radicada em Lisboa, do Embaixador alemão (Barão de Honingen-Huene), do Cônsul (*Herr* Daenhardt), de representantes do partido nazi em Portugal e em Lisboa (Claussen e Grasser), do Director da Escola Alemã[1475] (*Herr* Drehm), do representante da Imprensa Alemã em Lisboa (Wilhelm Berner), entre outros[1476]. Divididos em grupos para conhecer capital e arredores[1477], apesar da aparência discreta, a identificação comum através de chapas metálicas indiciava o espírito industrial alemão e a apologia da «Máquina[1478]»: ao pescoço traziam emblemas como uma cruz suástica envolvida por uma roda dentada e chapas com um navio rodeado pela inscrição «Cruzeiro do Atlântico 1935»[1479]. Em Março de 1935, a bordo de um dos navios Robert Ley, líder da *KdF*, respondia a repórteres portugueses que a nova união da sociedade alemã resultara da extinção dos sindicatos (marxistas) e do enobrecimento do valor do trabalho. Perante a questão sobre se os cruzeiros serviam de preparação para a guerra, Ley ironizaria ao indicar a faixa etária dos transportados[1480]. Em Abril de 1936 a chegada de outro contingente

---

conduziria à criação da *Nach der Arbeit*, futura *Kraft durch Freude* (*KdF*), de inspiração transalpina, em 1933. Cf. José Carlos Valente – *Estado Novo e Alegria no Trabalho – Uma História da FNAT (1935-1958)*, Lisboa, Edições Colibri e INATEL, 1999, pp.19-22.

[1473] As *Atlantikfahrten* compreendiam deslocações de 2 a 3 semanas à Madeira na Primavera e no Verão, com escala no Funchal e em Lisboa. Apesar da divulgação externa do ensejo do fortalecimento de relações com "regimes anti-democráticos e anti-comunistas", os artigos e diários de viagem publicados evidenciavam comentários pouco abonatórios das áreas visitadas, num esforço de auto-valorização da superioridade alemão pela sua comparação com a cultura latina. A Guerra Civil de Espanha levaria à interrupção das viagens entre o Outono de 1936 e a Primavera de 1937. Cf. Mário Manuel Lima de Matos – *As Viagens Marítimas da Organização Nazi Kraft durch Freude a Portugal (1935-1939): Turismo, Literatura e Propaganda*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, policopiado, 1996, p.32 e pp.123-140.

[1474] Jacques de Lacretele – *Quinze Jours au Portugal*, Paris, Librairie Gallimard, 1939, p.70. Corbin recorda que o ócio dos trabalhadores conduzia-os ao vício (álcool, leituras perigosas, promiscuidade), pelo que o lazer manipulado evitava a anarquia, em prol da honra no trabalho e do revigorar de corpo e espírito. No período crítico dos Anos 30, "a organização do lazer dos trabalhadores é… apresentada como uma condição de paz social e internacional." Cf. Alain Corbin, *Op. Cit.*, p.370.

[1475] Acompanhado de alunos empunhando bandeiras nazis e que, em conjunto com os restantes presentes, entoariam os hinos nacionais alemães (o do país e o nazi). Cf. *O Século*, 17 de Março de 1935, pp.1-2.

[1476] *Idem*, 16 de Abril de 1935, p.1.

[1477] A deslocação ferroviária na Linha de Cascais dos excursionistas da *KdF* surpreendeu o repórter de *O Século* pela aquisição de títulos de viagem de 3ª classe, acto raro para visitantes estrangeiros. Contudo, estes forasteiros eram operários, destacando-se neles a modéstia da condição social de trabalhadores braçais. Cf. *Ibidem*, 18 de Março de 1935, p.1.

[1478] Resgatamos o conceito de «Homem-massa», sem Alma, sem "orientação espiritual", qual autómato. Cf. Rob Riemen, *Op. Cit.*, pp.23-24.

[1479] *Ibidem*, p.2.

[1480] Na sua maioria eram homens de meia-idade, alguns estropiados durante a Grande Guerra (Cf. *Diário de Lisboa*, 16 de Março de 1935, p.7). A verdade é que a Alemanha ia quebrando as alíneas do Tratado de *Versailles* ao reconstituir a sua Marinha de Guerra. Cf. *Idem*, 30 de Abril de 1935, p.8.

coincidiria com a de paquetes ingleses, brasileiro, francês e português (insular), registando o porto de Lisboa quase 5.000 passageiros em apenas dois dias[1481]. Se a cidade facultava hospitalidade através dos conterrâneos no cais, ela desiludia os germânicos pela insalubridade urbana e compostura do povo[1482]; ao invés, Sintra e Estoril maravilhavam-nos a ponto de um dos jornalistas mais influentes[1483], Jakob Schaffner, redigir uma peça onde elogiou "Estoril, das Portugiesische Nizza.[1484]" Obedecendo à lógica de propagação da influência fascista, se o *Doppolavoro* marcara a *KdF*, também por cá se sentiria o modelo aquando da criação, a 13 e Junho de 1935, da Federação Nacional da Alegria no Trabalho (FNAT), "um dos elementos do corporativismo português, alicerçado na Constituição de 1933 e no Estatuto do Trabalhador nacional, publicado no mesmo ano.[1485]" Aquando das visitas alemãs não se verificou contacto entre os trabalhadores da *KdF* e da FNAT, embora os excursionistas fossem acolhidos pelos dirigentes da organização nacional[1486]. Com base na obra de José Carlos Valente e reportando-nos ao eixo de estudo, sabemos que, em Outubro de 1935, a SE informou a FNAT que pagaria quota de adesão, em prol dos seus trabalhadores[1487]. A propagação de esta imposição estatal sobre o domínio privado dos cidadãos criaria o Movimento Internacional Alegria no Trabalho em 1936.[1488]

8. Entidades e iniciativas promocionais

O lapso temporal entre 1934 e 1936 testemunhou a publicação de dois diplomas basilares à reformulação da gestão turística no concelho de Cascais. Reportamo-nos à Lei nº1:909 de 22 de Maio de 1935 (onde se definiram os limites geográficos da área

[1481] *O Século*, 8 de Abril de 1936, p.5.
[1482] "… que irão dizer da nossa civilização portuguesa estes trabalhadores arianos, filhos de tão apurada raça, que estarão eles pensando agora mesmo dos labregos que param para os ver passar." Cf. José Saramago, *Op. Cit.*, p.299.
[1483] A organização tinha publicação quinzenal própria, a *Arbeitertum.* Cf. Mário Matos – "Turismo e Propaganda: os «Cruzeiros Atlânticos» da Organização nazi «Força pela Alegria»", *Zonas de Contacto Estado Novo/III Reich (1933-1945),* Mário Matos e Orlando Grossegesse (org.), Parafita, TDP Lda – Edições, 2011, p.38.
[1484] Descrevendo a flora e a Boca do Inferno com embriaguez paradisíaca. Cf. Mário Manuel Lima de Matos, *Op. Cit.*, p.95.
[1485] Nuno Domingos e Victor Pereira (dir.) – *O Estado Novo em Questão*, Lisboa, Edições 70, 2010, p.166.
[1486] José Carlos Valente, *Op. Cit.*, p.101.
[1487] Em Novembro de 1935, o Ministério das Finanças teria de ceder 250 contos à FNAT, face ao *desaire*inicial de aderentes. Cf. José Carlos Valente, *Op. Cit.*, p.50.
[1488] Nuno Domingos, *Op. Cit.*, p.167; Alain Corbin, *Op. Cit.*, pp.377-379.

agora oficialmente designada por «Costa do Sol[1489]») e o decreto-lei nº27:424 de 31 de Dezembro de 1936 (aprovando um Código Administrativo que abalaria o *status quo* da gestão administrativa municipal e da gestão turística concelhia). O primeiro diploma será abordado no âmbito do PUCS; o segundo, apenas no próximo capítulo, pois as suas alíneas teriam repercussão no triénio seguinte de este estudo (1937-1939).

8.1. Intervenientes locais – CMC, CITC, SPCS, CPC

OTenente António Rodrigues Cardoso manteve a presidência da Comissão Administrativa da CMC e o cargo de Administrador do Concelho[1490]. Na primeira tinha como vogais António Maria Cardoso, Eduardo Maria Rodrigues, João António Gaspar, o Capitão José Augusto Vieira da Fonseca Júnior e, como secretário, Emídio Francisco D'Almeida[1491]. A acção da Administração do concelho na actividade da CITC era perceptível na inclusão de um elemento na entidade turística, como delegado, e na força de lei dos editais produzidos em seu auxílio[1492]. Focando-nos na CITC, cumpre exaltar a recuperação de autoridade pela dignificação das iniciativas e pela estabilidade funcional assumida, entre o Junho de 1933 e o primeiro semestre de 1937, pela seguinte equipa:

[1489] A fixação oficial da expressão fora pedidaem Maio de 1933 por publicação local que sugeria que a «Costa do Sol» se estendesse de Paço D'Arcos-Oeiras ao Cabo Raso. Cf. *Jornal de Cascaes*, 10 de Maio de 1933, p.3.
[1490] Informações adicionais: a designação heráldica para Cascais seria fixada na portaria nº7839 de 15 de Junho de 1934. Em Novembro de 1934 da reunião dos membros da CMC resultaria a decisão de atribuir plenos poderes ao edil para presenciar, a 6 de Dezembro, a reunião a ter lugar em Coimbra sobre a eleição de representantes dos municípios à Câmara Corporativa. Cf. AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 30 de Novembro de 1934, pp.38v.-39.
[1491] *Anuário Comercial de Portugal*, 1935, p.2554.
[1492] Na primeira reunião de 1936 Franklin Lamas proporia a emissão de licenças, incluindo uma em prol da CITC sobre a taxa de Turismo de 5% que tinha de ser paga por unidades de alojamento e de restauração (Cf. AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 3 de Janeiro de 1936, p.265). A concretização seria publicada em fontes como: *Boletim da ACICC*, 1 de Junho de 1934, p.6.

Presidente	Capitão Manuel José de Ávila Madruga
Vice-presidente	Engenheiro Raúl Ressano Garcia
Tesoureiro	António Maria Cardoso
Secretário	Capitão José Roberto Raposo Pessoa
Vogais	1º Tenente Custódio Nunes Borges de Carvalho Arquitecto Guilherme Rebelo de Andrade Escultor Maximiliano Alves

Quadro 25 – Última equipa da CITC (1933-1937).[1493]

(Fonte:autora inspirada em Comissão de Iniciativa e Turismo do Concelho de Cascais (ed.) – *Relatório do Ano de 1936 e 1º Semestre de 1937. Conta de Gerência do Ano de 1936.* Monte Estoril, 1937, p.14)

A assunção de Ávila Madruga à presidência da CITC revolucionaria o *modus operandi*, pois com ajuda da Polícia de Segurança Pública[1494] cobrar-se-iamvalores das taxas de Turismo em atraso. Para maior controlo da fonte de receitas a CITC entregaria aos proprietários 1.000 questionários e circulares informativas para obter dados sobre casas de aluguer, alegando servir a medida para "organizar cadastro que sirva para informar os turistas nacionais e estrangeiros.[1495]" A salvaguarda da eficiência e dignidade dos elementos em funções seria revelada em artigo onde se apresentavam as contas relativas ao período de 1 de Janeiro de 1928 a 30 de Junho de 1933 e o plano de receitas e despesas para o ano económico de 1933-1934 (1 de Julho/30 de Junho); assinavam Ávila Madruga, Raul Ressano Garcia, Joaquim Amâncio Salgueiro Júnior e Carlos Bensabat[1496]. Pela cobrança das taxas atrasadas pôde a CITC obter receitas

[1493] Ávila Madruga e Raposo Pessoa eram militares da Cidadela, sendo o último proprietário local e, mais tarde, edil; Cardoso e Ressano Garcia pertenciam aos quadros da CMC, sendo o último inserido na equipa da CITC pela especialização profissional; Borges de Carvalho eraDelegado Marítimo de Cascais.
[1494] O Livro nº 4 de actas da CITC regista a aprovação de gratificação de 750$00 aos três guardas incumbidos da tarefa hercúlea (Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 5 de Janeiro de 1934, p.4; *Idem*, 1 de Março de 1935, p.127). O único «braço-de-ferro» era o disputado com a SEP quanto às taxas a pagar pelo restaurante Tamariz, assunto que envolveria o CNT e a barra do tribunal.
[1495] *Ibidem*, 22 de Março de 1935, p.131. A avaliação das rendas das casas alugadas no Monte seria executada por Pedro de Aguiar (Cf. *Ibidem*, 27 de Setembro de 1935, p.176), funcionário da CMC que, em prol da CITC, fiscalizaria as obras no Largo das Palmeiras e na praia da Conceição, auferindo por isso 3.000$00. Cf. *Ibidem*, 7 de Junho de 1935, p.147.
[1496] *O Século*, 2 de Março de 1934, p.10.

extraordinárias[1497] para 1933 e 1934 que lhe permitiram amortizar a dívida para com o Estado[1498]: a CITC honrava agora compromissos, continuando a financiar provas desportivas[1499], acções de caridade, melhorias nas redes viária e sanitária, entre outros. O perímetro da sede continuava a merecer melhoramentos, não só ao nível da tecnologia exigida a uma estação climatológica, como do próprio edifício principal.[1500]

Se a nível nacional a SEP firmaria parceria com a STN de São Miguel, a nível regional a SPCS[1501] estenderia a acção a Sintra, em discretasreuniões afloradas em periódicos sintrenses[1502]. Mercê de diplomacia e planeamento, a 17 de Outubro de 1936 inaugurar-se-ia a «Casa das Hortênsias», *Chalet* localizado à entrada da Praia das Maçãs[1503] que funcionaria como casa de chá com "ampla galeria envidraçada"[1504] sobre o oceano, instando ainda à divulgação dos atractivos do Estoril. Esta aproximação levaria os sintrenses a ansiar pela revitalização da serra[1505] e do negligenciado Casino na Estefânia[1506]. Por outro lado, a intensa campanha de promoção por cidades espanholas

[1497] Do período entre 1 de Fevereiro e 5 de Maio de 1933, as taxas cobradas nos hotéis Atlântico, Itália, Miramar e Estrade, renderiam à CITC 67.397$95. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 7 de Junho de 1935, p.148.
[1498] Intento registado de entregar-se ao Estado 49.850$50 para saldar dívidas herdadas, pois o ofício nº451 do CNT, de 29 de Maio aprovava o segundo orçamento suplementar de esse ano, com esse valor e para esse fim. Cf. *Idem*, 1 de Junho de 1934, pp.78-79.
[1499] Só para as regatas internacionais de 1936 cedera 15.000$00 ao CNL. Cf. CITC, *Relatório*, p.5.
[1500] A Aurélio Romero seriam pagos 150$00 para reparação e limpeza do relógio eléctrico da fachada. Cf. *Ibidem*, 4 de Janeiro de 1935, p.119. Por sua vez, a Fábrica de Sant'anna auferiria 521$00 por fornecer azulejos com letreiros em diferentes idiomas e o escudo da CITC, a colocar na frontaria do terraço. Cf. *Ibidem*, 27 de Setembro de 1935, p.175.
[1501] A direcção era presidida por Cardim, sendo Vilar o tesoureiro e Virgílio Soares secretário; a assembleia-geral era liderada por Nunes Ereira, e o conselho fiscal por João C. Aranha Gonçalves. Fausto Figueiredo era presidente honorário (Cf. *Anuário Comercialde Portugal*, 1935-1936). Parêntesis para falar de Armando Penim Gomes Vilar: natural de Cascais e filho de faroleiro, estudaria na Casa Pia e começaria a vida profissional como aprendiz na tipografia do Anuário Comercial; empreendedor, fundaria com Guilherme Cardim a Tipografia Cardim, além da SEP (associados a Nunes Ereira e João Aranha). Seria ainda Provedor da Misericórdia de Cascais, Presidente da SPC e dirigente do GDEP, falecendo em 1989 aos 100 anos de idade. A Quinta das Patinhas adquirida em 1942 está aberta ao público, promovendo acções de cariz pedagógico. Cf. http://quintadovillar.com/a-quinta/armando-villar (*site* acedido a 21 de Março de 2012).
[1502] Exemplo do almoço privado de 42 elementos da Costa do Sol e de entidades de Sintra. Cf. *Jornal de Sintra*, 1 de Outubro de 1934, p.1.
[1503] Em actas da autarquia sintrense estão patentes melhoramentosna rede viária pela betumização das vias de acesso a áreas pitorescas como as Azenhas do Mar e a Praia das Maçãs, além de contactos com a Companhia Sintra-Atlântico (registo de 17 de Abril de 1935) quanto às tarifas a aplicar nas viagens entre Sintra-Azenhas do Mar-Praia das Maçãs-Colares (Cf. Arquivo Histórico de Sintra, Câmara Municipal de Sintra, Actas nº31, pp.185v.-186). Consultados livros de actas da Comissão de Iniciativa de Sintra e camarários não se encontra menção à «Casa das Hortênsias» ou a contactos com a SPCS entre 1934 e 1936; seria em revista de 1946 que se indicaria pertencer o salão de chá à Companhia Hoteleira do Monte Estoril (a que pertenciam a SEP e outros concessionários locais). Cf. *Viagem – Revista de Turismo, Divulgação e Cultura*, Agosto de 1946, p.17.
[1504] *O Século*, 18 de Outubro de 1936, p.2.
[1505] *Diário de Lisboa*, 9 de Outubro de 1936, p.1.
[1506] *Jornal de Sintra*, 25 de Outubro de 1936, p.1.

resultaria num maior volume de vizinhos ibéricos instalados nos Estoris no Verão de 1935[1507], sem esquecer a preocupação com o mercado interno através da inserção de publicidade no álbum-catálogo da Exposição Colonial que decorreu no Porto[1508]. A estada de elementos da SEP/SPCS em período privado de férias em estâncias nacionais é por nós entendida como prática directa de observação da concorrência interna.[1509]

No início[1510] de 1934, surgiria a Comissão de Propaganda de Cascais (CPC)[1511], cujos objectivos[1512] seriam apresentados à CITC[1513]. Quanto à sua constituição, note-se:

	1935	**1936**
Presidente	João Artur Lopes Ferreira	Ventura Abrantes
Vice-presidente	Francisco Romano Esteves	Pedro Valentim Nave
Secretário	José Florindo de Oliveira	*Idem*
Tesoureiro	José Jorge de Carvalho	*Idem*
Vogais	Alberto Morato Francisco Serra Rui Mendes	*Idem* Carlos Mira João Gaspar

Quadro 26 – Membros da CPC listados no *Anuário Comercial de Portugal*.[1514]

(Fonte: *Anuário Comercial de Portugal, 1935-1936*)

[1507] A campanha incluiu inserção de publicidade em jornais como *El Diario de Madrid, Suplemento, ABC, El Debate* e *Mundo Grafico* (Cf. *Diário de Lisboa*, 10 de Julho de 1935, p.5). A operação resultaria na estada de Pedro de Penabad, director do jornal *Suplemento*, no Hotel Palácio, no Verão de 1935, para observar *in loco* a adjectivação propagada pela SPCS. Cf. *O Estoril*, 8 de Setembro de 1935, p.1.

[1508] Com textos assinados por Viriato de Almeida. Cf. *O Império Português na Primeira Exposição Colonial Portuguesa realizada no Palácio de Cristal no Porto de Junho a Setembro de 1934 – Álbum-catálogo Oficial*, Porto, 1934, pp.254-256.

[1509] Para lá de repouso na quinta da família na Beira, em Agosto de 1936 Fausto Figueiredo gozaria uns dias de lazer no Buçaco. Cf. *O Estoril*, 16 de Agosto de 1936, p.1.

[1510] *O Século* fala da criação de 10 de Março (Cf. *O Século*, 17 de Maio de 1934, p.2), mas um erudito indica que a acta de fundação fora lavrada a 19 de Março. Cf. José D'Encarnação, *Recantos*, p.175.

[1511] Inicialmente instalada no Palácio dos Condes da Guarda, de onde a CMC a instaria a mudar-se por ali desejar sediar a Tesouraria da Fazenda Pública; fixar-se-ia então na Rua Afonso Sanches. Cfr. *O Estoril*, 29 de Novembro de 1936, p.3; AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 13 de Novembro de 1936, p.144.

[1512] *O Século*, 17 de Maio de 1934, p.2.

[1513] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 20 de Abril de 1934, pp.67-68. Paula Lopes refere que a CPC derivava da fundação do SPN, sendo seu fim a submissão de "uma população esmagadoramente camponesa e analfabeta" aos moldes ideológicos do regime pelo enaltecer dos valores e passado regionais, ante o modernismo internacional dos vizinhos Estoris. Cf. Paula Lopes, *Op. Cit.*, p.39.

[1514] Ferreira era escrivão da 3ª vara da Comarca de Lisboa, Romano Esteves era conservador do Museu de Arte Contemporânea, Oliveira era um proprietário de Cascais, Carvalho era tesoureiro da CMC e Mourato era funcionário superior da Companhia de Caminhos de Ferro.

Dedicando-se à promoção de Cascais e à organização de eventos para fins de beneficência, apesar da instabilidade interna a primeira iniciativa de monta foi a «operação de charme» junto de jornalistas oriundos de todo o país, dedicando-lhes dois dias de visitas, refeições no Guincho e na «Casa da Laura» e actividades no Estoril, onde os convidados pernoitavam no Palácio[1515]. Outro importante evento foram as festas em Agosto e Setembro de 1934[1516], cujo programa listava exposições, concertos, garraiada em Santa Marta e iluminações artísticas na Boca do Inferno[1517]. A iniciativa visava a celebração do Dia municipal[1518], com o fim "de atrair forasteiros e avivar o comércio local.[1519]" Mais tarde, a 23 de Dezembro a CPC realizaria a «Feira Modelo», na qual casas comerciais regionais apresentaram "os seus produtos em stands[1520]", mas o programa englobaria momentos musicais e danças populares (fados, viras, cantares e danças por varinas), conferências e a exibição do documentário que fora apresentado na Exposição Colonial do Porto[1521]. O sonho de construção de um hotel na vila de Cascais levaria a CPC a reunir-se para melhor estudar as possibilidades[1522], apesar de este desejo apenas ser concretizado duas décadas depois. Em 1935, a CPC empenhar-se-ia em organizar festas de Carnaval[1523], cujo Corso[1524] de carros alegóricos percorreria a Avenida dos Combatentes e o Largo 5 de Outubro, no mesmo ano em que alguns dos

[1515] *Diário de Lisboa*, 24 de Maio de 1934, p.4.

[1516] Cuja reunião preparatória decorrera a 23 de Junho, nela estando, entre outros, José Paulino D'Almeida, Presidente da ACICC. Cf. *Boletim da Associação Comercial e Industrial do Concelho de Cascais*, 1 de Julho de 1934, p.1.

[1517] Que terão atraído 11.000 turistas. Cf. *O Século*, 2 de Fevereiro de 1935, p.10.

[1518] As festas de Agosto resultaram da colaboração entre CPC, CMC, CITC, ACICC, bombeiros e colectividades de recreio e desportivas locais, no âmbito do 129º aniversário do retorno do Regimento de Infantaria nº19, a 30 de Agosto, após a Guerra Peninsular (Cf. *O Século*, 29 de Agosto de 1934, p.5). O feriado de 30 de Agosto seria contestado por Fausto J. A. Figueiredo, a 23 de Março de 1945, aludindo a notícia da *Gazeta de Lisboa* de 3 de Setembro de 1814, que dava como certo o retorno no dia 2 de Setembro. A questão produziria cartas trocadas entre o munícipe e a edilidade, registando a última, pelo autarca Raposo Pessoa, a concordância de mudança do feriado municipal para 7 de Junho, data da elevação de Cascais a vila, em 1364 (Cf. *Cascais e Seus Lugares – Boletim da Junta de Turismo de Cascais*, 7 de Junho de 1945). Anos mais tarde o feriado seria deslocado para celebração do orago da igreja do Estoril, a 13 de Junho: Santo António.

[1519] Como o produto das festas reverteria para fins de beneficência, a CITC cederia 1.500$00 para as apoiar. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 17 de Agosto de 1934, pp.97-98.

[1520] *Diário de Lisboa*, 27 de Novembro de 1934, p.3. Entre as firmas presentes contavam-se a Fábrica de Conservas «Cascais, Lda», a União de Vinhos de Carcavelos, a Lusalite Fábrica de Fibro-cimento e a Companhia de Redes de Pesca. Cf. *O Estoril*, 25 de Dezembro de 1934, p.3.

[1521] Graças a aval do ministro das Colónias. Cf. *O Século*, 2 de Fevereiro de 1935, p.10.

[1522] *Idem*, 18 de Novembro de 1934, p.2.

[1523] Às quais a CITC atribuiria 500$00. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 1 de Março de 1935, p.128.

[1524] O desfile incluiria campinos, "que muito agradam aos estrangeiros", além de se realizarem uma batalha de flores e serpentinas (lançadas da Esplanada Maria Pia) e baile nocturno no Palácio dos Condes da Guarda. Cf. *O Século*, 2 de Fevereiro de 1935, p.10. Participariam no desfilo entidades locais de animação e desportivas como a SMC e o GDSC (então sediado na Rua Afonso Sanches).

seus novos membros partilhavam afiliação na sucursal do Estoril da Sociedade Histórica da Independência de Portugal[1525]. A CPC fomentaria também o Hipismo[1526] e o desporto náutico, chegando a a ser "determinante para o nascimento do Club Naval de Cascais"[1527]. À época, a coexistência de duas comissões ligadas ao Turismo e geograficamente sitas na freguesia de Cascais[1528] revelar-se-ia confusa, o que levaria a CITC a solicitar ao CNT que contactasse o MI, para que o ministério pedisse à CPC que alterasse o nome, "para evitar as confusões que se teem dado".[1529]

8.2. Exemplos pragmáticos da Promoção do destino

Às publicações da responsabilidade da SPP[1530], do CNT[1531], da CITC[1532], somaram-se os relatos de forasteiros[1533]e edições de autoria variada[1534], com destaque o guia turístico *A Costa do Sol – Estoril-Cascais-Portugal,* publicado pela CITC em 1935. Das 200 fotografias adquiridas ao profissional Miguel Reis em 1934 boa parte

[1525]A entidade surgira em Agosto de 1861 e a ela se devera a criação do obelisco à Restauração (em Lisboa), sendo agora liderada pelo Tenente-Coronel Linhares de Lima, ministro do Interior. Em Julho de 1935 teria delegação no Estoril, na Travessa de Olivença, sob alçada de Ventura Abrantes, elegendo-se os corpos gerentes na sala da CPC, com os seguintes resultados: para presidente da assembleia-geral escolheriam Augusto Jaime Teles de Abreu Nunes (líder do CNL e futuro edil) e um dos secretários seria José Florindo de Oliveira (da CPC); para presidente da direcção elegeriam Ventura Abrantes, para tesoureiro José Jorge de Carvalho e para vogal João Gaspar, que experimentavam iguais funções na CPC. Cf. *Diário de Lisboa*, 30 de Julho de 1935, p.3.

[1526] Em 1936 o Visconde dos Olivais ceder-lhe-ia parte do Parque da Gandarinha para organizar concursos em terreno que, anos mais tarde, teria hipódromo condigno recordando Manuel Possolo, o membro da CPC que mais defendeu a modalidade em Cascais. Cf. José D'Encarnação, *Recantos,* p.30.

[1527] António Carvalho, *A História da Vela*, p.35.

[1528] A CITC no Monte Estoril e a CPC na sede municipal.

[1529] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 5 de Abril de 1935, p.130.

[1530] Tal como: Sociedade de Propaganda de Portugal (ed.) – *Guia Turístico de Portugal*, Lisboa, 1936.

[1531] Exemplos: Nogueira de Brito – *Portugal Turístico – Monumentos*, Lisboa, Conselho Nacional de Turismo e Empresa do Anuário Comercial, 1934; Sousa Costa – *Mapa Falado de Portugal*, Lisboa, Conselho Nacional de Turismo, 1936; J. J. Leite – *Portugal Gráfico – Centros de Turismo, Mónumentos, Castélos, Paisagens, Praias, Termas, Costumes, etc*, Lisboa, Edições ARS, 1936.

[1532] Nuno Catharino Cardoso – *Portugal, A Arte: Os Monumentos: A Paisagem: Os Costumes: As Curiosidades – Costa do Sol, Baía de Cascais*, Lisboa, Agência Geral de Ocogravura, 1935 (tiragem especial subsidiada pela CITC).

[1533] No caso da jornalista britânica residente no Monte Estoril, E. Rosenthal, o artigo «*Through Portugal to India*» seria publicado no *Illustrated Weekly of India*a 4 de Fevereiro de 1934, apelando aos atractivos nacionais. Cf. *O Estoril*, 15 de Novembro de 1936, p.4.

[1534] M. Costa Ramalho (ed.) – *Costa do Sol – 3ª Monografia de Propaganda do Guia de Portugal Artístico,* Lisboa, 1934.J. Rodrigues (ed.) – *New Pocket Guide of Lisbon and Estoril*, Lisboa, 1936. Menção deve ainda ser feita ao 1º volume de *Les Pays D'Europe* e ao *Guide Alix* de 1936. Cf. *O Touring Português*, Julho de 1936, p.7. Para automobilistas indique-se: O. R. Wagner – *Europa Touring – Guide Automobile d'Europe/Automobilführer von Europa/Motoring Guide of Europe*, Berne, Le Touring Club – Suisse/The Swiss Touring Club/Herausgegeben Von Touring-Club der Schweiz, 1935.

seria utilizada na concepção do "novo folheto de propaganda"[1535]. No ramo da Publicidade, a CITC inseri-la-ia em periódicos como o *Daily Mail* (edição continental)[1536], o *Guide & Handbook of the Automobile Club of Great Britain*[1537] ouem*Magazin des Nations*[1538]. A entidade turística encomendaria ainda listas ilustradas com preços de unidades de alojamento, mapas climatológicos[1539] e cartazes, revelando dinamismo no rol de materiais e acções promocionais realizados[1540]. Também *O Estoril* apostaria em artigos bilingues (Português-Inglês), oferecendo exemplares aos clientes alojados em hotéis e pensões da Costa do Sol[1541] e remetendo-os às Casas em Paris, Londres e Antuérpia[1542]. A própria Imprensa internacional desejava conhecer melhor o Portugal turístico de então, enviando jornalistas: em Maio de 1936 a revista espanhola *Blanco Y Negro* enviaria um representante que reuniu com CNT e CITC, acabando a comissão por ceder 1.700$00 a troco de propaganda sobre a estância[1543]. O organismo receberia carta do MI a credenciar o Sr. António Lhansol, jornalista do *Diário da Manhã*, para que todas as comissões de iniciativa lhe facultassem dados, visando a promoção de praias e termas (para nela revelar a modernidade derivada da acção do regime)[1544]. Falar do SPN é abordar as publicações de cariz político-económico editadas no exterior, as visitas de escritores e jornalistas (que culminavam em produção textual sobre o país)[1545], para lá das relações pessoais do casal Ferro-Castro[1546].Arrojada

[1535]A António Lima seriam pagos 550.000$00 pela concepção de capa e desenhos interiores (Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 17 de Agosto de 1934, p.98). O CNT aprovou de tal forma o «folheto» que, ditou, serviria "de modelo" às outras comissões de iniciativa. Cf. *O Século*, 17 de Novembro de 1934, p.3.
[1536] Os anúncios para 1935 custariam 5.600$00. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 26 de Outubro de 1934, p.107.
[1537] Na intervenção para 1935 aplicariam 110$15. Cf. *Idem*, 4 de Janeiro de 1935, p.119.
[1538] Após recomendação do CNT sobre o número especial que sairia dedicado a Portugal e em que a CITC aplicaria 3.000$00. Cf. *Ibidem*, 2 de Agosto de 1935, p.159.
[1539] Destinados a países como Holanda e Alemanha. Cf. *Ibidem*, 27 de Abril de 1935, pp.138-139.
[1540] Não surpreende que, no último relatório da CITC se totalize que, entre Junho de 1933 e Dezembro de 1936, se tenha investido 165.676$51 na rubrica «Publicidade». Cf. CITC, *Relatório*, p.5. Recorde-se que a 31 de Março de 1934 o MI instaria as comissões de iniciativa associarem-se ao RCP, a troco de tempo de antena comercial (para temas de Turismo, vida económica e social municipal), pois próprio MI não dispunha de verba para aplicar. Cf. ANTT/MI/GM, mç.466, pt.49/3.
[1541]*O Estoril*, 25 de Dezembro de 1935, p.4.
[1542]*Idem*, 18 de Março de 1934, p.2.
[1543]AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 6 de Setembro de 1935, p.167.
[1544] ANTT/MI/GM, mç.478, pt.7/4 [folha 1].
[1545] O «Prémio Camões» surgiu para enaltecer as criações mais inspiradas do género, sendo atribuído, em 1939, a John Gibbons, autor de *I Gathered no Moss*, onde elogiava o isolamento de Trás-os-Montes (Cf. *Cadernos da Revolução Nacional – Passado, Presente, Futuro*, Lisboa, Edições SPN, s/d, p.62). Gibbons receberia um cheque de 5.025$00, pagos pelo SPN na aquisição dos direitos de autor (Cf. ANTT/SNI, cx.4373, pt.1 [folha 21]). A nível político, o romeno Mircea Eliade referia que o mundo se habituara aos «milagres» de Salazar, crescendo o respeito pelo mago financeiro e por Portugal. Cf. Mircea Eliade, 1942

modalidade promocional foi a *fam trip* organizada pela Casa de Portugal em Paris que, em Janeiro de 1936, convidou os chefes das maiores agências de viagens francesas a Portugal. Acompanhados por Nuno da Silva Negrão[1547] (da divisão turística), o grupo percorreu o território, decorrendo o jantar final dos convidados do «Incentivo», rendidos ao país, no Casino. Em nome do grupo, o Sr. Eskanazi da *Société Hotelière et Touristique de France* "exaltou as belezas de Portugal e, com muito senso, dissertou sobre o valor turístico do Paíz."[1548]

Aliando Promoção e Cinema, em Março de 1934 a Companhia Cinematográfica de Portugal receberia um camião técnico da *20th Century Fox* e com ele filmaria Portugal e, entre as sugestões de *Cinéfilo*, a Costa do Sol não podia faltar[1549]. Dois anos depois a empresa americana tornaria para filmar a apreciada produção «Charlie Chan, em Lisboa», cujo argumento seria publicado no suplemento de *O Século*[1550]. Por sua vez, os paquetes da Mala Real Inglesa deveriam a Charles W. Stokes e ao operador Wilson, da *Canadian Pacific Railways*, os documentários sobre Portugal (após estada em Lisboa no Verão de 1934)[1551]. Do outro lado do Atlântico o norte-americano Reginald Orcutt, membro do *Circumnavigation Club* de Nova Iorque, registaria a sua epopeia dos Estados Unidos a Portugal (passando por Islândia e Dinamarca); além do fascínio por Sagres, a estada em unidade no Monte e as visitas por Estoris e Lisboa seriam um "documentário precioso" a exibir no seu círculo intelectual e pessoal.[1552]

Aborde-se agora a Exposição Regional, Industrial, Agrícola e Pecuária de Oeiras, realizada em Setembro de 1936. A mostra de actividades económicas dos

---

– *Salazar e a Revolução em Portugal*, trad. Anca Milu-Vaidesegan, Lisboa, Esfera do Caos Editores, 2011, p.232.

[1546] No Verão de 1935 Fréderic Lefèvre, alojado no Estoril, escreveu a Ferro para indicar intenção de redigir obra sobre Portugal (Cf. PT/FAQ/AFC/001/0253/0004, Correspondência AFC-AF, Caixa 0021, Carta de Fréderic Lefèvre [Estoril], 18 de Agosto de 1935). Em Janeiro de 1936 o Marquês de Quintanar, alojado na *Villa* Contreiras (Rua de Bicesse), solicitaria a Fernanda de Castro a organização de um *tour* por Alcobaça e Batalha para amigos que utilizariam 6 a 8 automóveis, argumentando que isso seria benéfico à empresa concessionária do Estoril, "ya que este es el sítio obligado de estancia." Cf. PT/FAQ/AF/001/0363/00012, Correspondência AFC-AF, Caixa 0028, Carta de Marquês de Quintanar, Monte Estoril, 08 de Janeiro de 1936.

[1547] *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 16 de Fevereiro de 1936, p.128.

[1548] *O Estoril*, 16 de Fevereiro de 1936, p.1. Dias depois, um grupo de amigos homenagearia José Pedro Ferreira dos Santos, Director da Casa de Portugal em Paris, no restaurante Café Chave D'Ouro. Presididos por Fausto Figueiredo, este teceria rasgados elogios ao amigo. Cf. *O Século*, 15 de Fevereiro de 1936, p.4.

[1549] *Cinéfilo*, 17 de Março de 1934, p.8.

[1550] Charlie Chan era um detective chinês protagonizado por Warner Oland, cuja acção na capital e arredores incluiria o eixo Estoril-Cascais. Cf. *Idem*, 20 de Junho de 1936, pp.21-22.

[1551] *Indústria Portuguesa*, Setembro de 1934, p.27.

[1552] *Diário de Lisboa*, 4 de Abril de 1935, p.6.

concelhos de Oeiras, Cascais, Sintra[1553] e Loures decorreu nos jardins do Palácio Pombal, em Oeiras, que *O Século* situava "na nossa primeira zona turística do País"[1554], profetizando que ali afluiriam, não só portugueses, como ainda estrangeiros hospedados na Costa do Sol para admirar o certame. Carmona inaugurá-lo-ia na noite de 12 de Setembro no perímetro onde, em 1776, se realizara a 1ª feira industrial e agrícola da Europa[1555], também num momento "de franco progresso e de prosperidade em todo o país"[1556] que o Estado Novo, divulgava-se, repetia através do seu igualmente pragmático líder[1557]. Entre as firmas presentes contavam-se a Lusalite, a Fundição de Oeiras, a Adega Regional de Colares e a Fábrica de Louças de Sacavém, num total de 25 *stands*. A SPCS participaria com pavilhão imaginado por Augusto Pina e onde, para lá de mapa costeiro, planta das explorações da SEP e fotografias várias, havia ainda "postais que podem ser logo lançados na caixa do correio ali colocada.[1558]" Este *Stand* seria o primeiro a acolher Carmona, nele cumprimentando Cardim e admirando a estéticado espaço. A SE disponibilizaria mais composições durante o evento e reduções nos títulos de transporte para visitas durante a semana. Do eixo em estudo compareceram à celebração representantes da SE, da SEP, da SPCS, da CITC, das corporações de bombeiros de Cascais, da Sociedade Musical, além do Tenente Cardoso. Para lá dos expositores, o perímetro seria palco de garraiada, exibições de ranchos folclóricos, gincana automóvel e concursos hípicos[1559], havendo ainda casa de farturas e carreira de tiro. Resgatando com orgulho patriótico a produção primária e o «Espírito» e alinhando-os a lado da modernidade, a Exposição encerraria a 5 de Outubro, com fogo-de-artifício.[1560]

[1553] A aceitação do convite pela Comissão de Iniciativa de Sintra foi registada em acta de 9 de Junho de 1936 (Cf. Arquivo Municipal de Sintra, Arquivos Associativos, Comissão de Iniciativa de Sintra, Actas nº2, p.13v.) e a anuência da edilidade sintrense foi conferida a 29 de Julho na mesma tipologia de registo. Cf. Arquivo Municipal de Sintra, Câmara Municipal de Sintra, Actas nº33, pp.1v.-2.
[1554] *O Século*, 12 de Julho de 1936, p.7. O decreto de Maio de 1935 designara como «Costa do Sol» a área costeira dos concelhos de Lisboa, Oeiras e Cascais, submetida a plano de urbanização.
[1555] Sob a égide do Marquês de Pombal, a quem o país erguera estátua, no topo da Avenida da Liberdade, a 13 de Maio de 1934. Cf. *Diário de Lisboa*, 13 de Maio de 1934, p.1.
[1556] *Diário da Manhã*, 16 de Setembro de 1936, p.1.
[1557] Embora de âmbito regional, na década de 1930 "[a]s exposições de Indústria, Comércio e Agricultura faziam parte da vida dos povos mais desenvolvidos e contava com a participação de todos os cantos dos impérios." Cf. Eduardo Cintra Torres e Luís Marinho – *O Século do Povo Português, 1926-1945*, Amadora, Ediclube, 2001, p.101.
[1558] *Idem*, 12 de Setembro de 1936, p.4.
[1559] Ambas as provas contaram com taças cedidas pela SPCS, pela SE e pela CITC.
[1560] *O Século*, 5 de Outubro de 1936, p.8.

8.3. O impacto inicial da guerra de Espanha no Turismo local

Para ilustrar a crescente incerteza que pairava sobre a Europa em 1936, recordamos a bem-sucedida reunião da Associação Internacional dos Automóveis *Clubs* Reconhecidos[1561], decorrida de 14 a 16 de Abril[1562], em Lisboa, da qual resultariam duas decisões favoráveis ao Turismo nacional. Em Junho concretizar-se-ia a deslocação de 35 membros do Real Automóvel *Club* da Holanda, que, em 15 viaturas, exploraria Portugal[1563]; para o Outono seguinte agendar-se-ia, para Lisboa, o congresso da *Alliance Internationale de Tourisme*[1564]. O ensejo seria adiado devido ao deflagrar da Guerra em Espanha, "que tantos prejuízos tem acarretado aos interêsses turísticos portuguêses"[1565]. Um dos primeiros sinais de crise revelou-se em finais de Maio quando o governo de Madrid impediu a saída de divisas dos cofres espanhóis rumo ao exterior, o que dificultava a vida aos turistas que rumavam aos Estoris, muitos dos quais anteciparam o regresso a casa[1566]. Ao invés, Ralph Fox recordava que a elite espanhola que se mudara aqui depositara os seus valores, embora aguardasse ventos de mudança política[1567]. Os danos do conflito vizinho à imagem turística lusa explicam a carta que o Embaixador britânico, *Sir* Charles Wingfield[1568], dirigiria a *O Estoril*, em Novembro de 1936, com os seguintes votos: "Many of my compatriots spent last winter at Estoril and I hope that next winter there will be many of them taking advantage of the mild, sunny climate and the fine new golf course.[1569]" Contudo, a insegurança derivada do golpe espanhol e a circulação de informações erróneas sobre a estabilidade territorial portuguesa[1570] arrepiaria o caminho a britânicos que, em épocas anteriores, se deslocaram para desfrutar o Inverno. Muita dessa má publicidade era realizada por jornais como o *News*

[1561] Presidida pelo Conde de Vogué, entre trabalhos e visitas os delegados rumariam a casa maravilhados e o deleite espelhar-se-ia nos relatos impressos em publicações europeias, como na revista *ACF*, onde o Estoril seria descrito como "o Biarritz português". Cf. *ACP*, Abril-Maio 1936, p.14.
[1562] A reunião culminaria com banquete e baile de gala no Casino presidido pelo ministro das Obras Públicas e Comunicações, uma vez que, a 16 de Abril, o ACP celebrava 33 anos de existência. Cf. *Diário de Lisboa*, 11 de Abril de 1936, p.4.
[1563] *O Século*, 6 de Junho de 1936, p.2.
[1564] Organismo presidido pelo Visconde de Rohen e cujas reuniões contavam com a presença da secretária do *Bureau Permanent de Circulation Routière* da Sociedade das Nações, conferindo-lhe distinção que seria proveitosa para a promoção de Portugal. Cf. *ACP*, Março de 1936, p.9.
[1565] *Idem*, Julho de 1936, p.2.
[1566] *O Estoril*, 7 de Junho de 1936, p.1.
[1567] Ralph Fox, *Op. Cit.*, p.88.
[1568] O diplomata chegara a Lisboa em Setembro de 1935.
[1569] *O Estoril*, 1 de Novembro de 1936, p.1. Este discurso servia para acalmar as entidades turísticas locais, pois as hostilidades em Espanha provocavam as primeiras baixas nas deslocações a Portugal.
[1570] A Casa de Portugal em Londres cedo se prestou a publicar desmentidos na Imprensa britânica "em que se mostra a tranquilidade que se goza no nosso País, pelo que os turistas o devem preferir para passarem o inverno." Cf. *O Século*, 19 de Novembro de 1936, p.8.

Chronicle que, em Outubro de 1936, veiculara notícias sobre o bombardeamento de Cascais por rebeldes navais opostos ao regime nacional[1571]. Em defesa do destino em análise o inglês J. A. Wyllie[1572] remeteria carta a *O Estoril*, nela afirmando que há vários meses respondia a epístolas de amigos residentes em Inglaterra, na Suíça e noutros países, sossegando-os sobre a situação portuguesa, respondendo "que não há o mínimo motive para receio e tanto que, diga-se o que se disser, eu próprio fico onde estou... No entanto vemos hotéis magníficos... quási sem hóspedes. É uma miséria.[1573]" Wyllie lamentava a produção jornalística mal-intencionada que deveria retractar-se das más práticas profissionais: a este tema dedicaremos mais atenção no último capítulo.

9. Urbanismo e urbanidade

9.1. O Plano de Urbanização da Costa do Sol

Em 1933 Duarte Pacheco incumbira Alfred Agache[1574] de realizar um estudo urbanístico sobre a área Lisboa-Cascais[1575], análise que inspiraria a publicação do decreto nº24:802 de 21 de Dezembro de 1934 (de âmbito geral). O imenso plano da dupla Duarte-Agache surpreendia pelo alcance e manipulação do território[1576] e, embora recusado pelo governo, o urbanista francês não deixaria de remeter ao MOPC os dados produzidos para a área Ocidental de Lisboa disponibilizando-se, em carta dirigida a Salazar, em Novembro de 1936, a realizar igual estudo para o lado Oriental da capital,

[1571] O rumor tinha como fundo de verdade a revolta da Armada a 8 de Setembro provocada por marinheiros comunistas que contestavam as medidas disciplinares punitivas a quem confraternizasse com Republicanos, aquando da recente estada dos navios nacionais no Sul de Espanha. A iniciativa traduziu-se no assalto de três navios de guerra fundeados no Tejo e sua condução à foz, mas o levantamento seria abortado pelas forças militares pró-*status quo*, acabando os insurgentes por ser mortos ou presos no recente "campo de concentração do Tarrafal a 29 de Outubro de 1936." Cf. Fernando Rosas – *Lisboa Revolucionária1908-1975*, Lisboa, Tinta da China, 2010, pp.98-99. O Tarrafal, em Cabo Verde, fora criado pelo decreto-lei nº26:539, de 23 de Abril. Cf. António Moreira e Alcino Pedrosa, 1993 – *As Grandes Datas da História de Portugal*, 2ª ed., Cruz Quebrada, Editorial Notícias, 2004, p.192.

[1572] Tenente-Coronel reformado do Exército da Índia Britânica.

[1573] *O Estoril*, 22 de Novembro de 1936, p.1.

[1574] O ilustre desconhecido foi baptizadode «Azuche» emperiódicol local. Cf. *Jornal de Cascaes*, 24 de Dezembro de 1933, p.11.

[1575] Parte dos encargos seria suportada por entidades locais como a CITC, a quem o MOPC solicitaria 50.000$00. Desagradada, a CITC alegaria não ter de subsidiar o Estado e, embora concordasse com a atribuição de 20.000$00, só os facultaria "depois de aprovação favorável do projecto por esta comissão em troca de uma copia completa do mesmo." Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 29 de Junho de 1934, pp.86-87.

[1576] Numa fusão da «megalomania» fascista com os modelos urbanistas inglês e francês. Cf. João Medina, *Op. Cit.*, p.373.

lamentando a visão uni-direccionada para a Costa do Sol[1577]. Antes da recusa do plano já o Parlamento laborara na produção legislativa a aplicar quanto ao futuro Plano de Urbanização da Costa do Sol (PUCS), através da Câmara Corporativa[1578]. A 22 de Fevereiro de 1935 esse órgão consultivo emitiria parecer sobre a proposta que o MOPC de Duarte Pacheco submetera a 5 de esse mês, acordando que "[a] proposta de lei nº15 não só é oportuna. É também urgente"[1579]. Apresentada à Assembleia Nacional a Urbanização da Costa do Sol seria oficializada pela Lei nº1:909 de 22 de Maio de 1935, nela se incluindo o território dos concelhos de Lisboa, Oeiras e Cascais, delimitando-se a sua acção, a Norte, pela nova auto-estrada, e, a Sul, por Tejo e Atlântico. O ano de 1936 começaria com o afastamento de Duarte Pacheco do MOPC, cedendo lugar ao Major (e engenheiro) Joaquim José de Andrade e Silva Abranches[1580], e criando-se o gabinete encarregue da criação e implementação do PUCS, no qual constariam: (1) um representante dos municípios de Lisboa, Oeiras e Cascais; (2) um delegado do CNT; (3) outro da SEP; e (4) quatro membros nomeados pelo MOPC[1581](presidente, engenheiro civil, arquitecto e um licenciado em Ciências Económicas e Financeiras).[1582]

A ideia de um gabinete congregador das forças vivas municipais (e que a estas se sobrepusesse para evitar manipulações egoístas) devera-se a Duarte Pacheco, tal como de Agache seriam recicladas sugestões pelos membros do gabinete agora a cargo da concepção do PUCS[1583]. Não sendo esta uma tese sobre Arquitectura, Urbanismo ou Planeamento Turístico, cumpre-nos apenas informar que, aquando do I Congresso Nacional de Arquitectura, em 1948, a exposição complementar revelaria, não só a

[1577] ANTT/AOS/CO-OP/AA, cx.477, pt.23 [folhas 330-332].
[1578] "Sessão Preparatória da Câmara Corporativa em 10 de Janeiro", *Assemblea Nacional e Câmara Corporativa – Índice Geral do «Diário das Sessões», Janeiro a Abril de 1935*, Lisboa, Assemblea Nacional, 1935, p.5.
[1579] "Parecer da Câmara Corporativa sobre a Proposta de Lei nº15", *Idem*, Lisboa, Assemblea Nacional, 1935, p.305.
[1580] A quem se solicitaria a continuação da obra, recordando-o do projecto de Cassiano Branco para a Esplanada Cândido dos Reis, molhe de abrigo e cais de embarque, para Cascais (Cf. *O Estoril*, 16 de Fevereiro de 1936, p.1). Em relatório endereçado ao CNT Ávila Madruga sugere que os Serviços Hidráulicos ergam a muralha exterior da esplanada que circunde a Cidadela e o cais, suportando a CITC o ónus de reformular o interior da mesma. Cf. AHMC/AADC/JTCE – Relatórios e Contas de Gerência, *Conta de Gerência de 1 de Julho de 1934 a 31 de Dezembro de 1935*, p.11.
[1581] A 25 de Agosto de 1936, o *Diário do Governo*, II Série, nº198, listaria: o Brigadeiro Manuel Gonçalves da Silveira de Azevedo e Castro (a presidir), o engenheiro José da Cunha Lamas e o arquitecto Paulino António Pereira Montês (ambos vogais). A estes juntar-se-ia, como secretário, Eduardo Eugénio Perestrelo França. Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº228 de 29 de Setembro de 1936.
[1582] Margarida Pereira – "O Plano da Urbanização da Costa do Sol: dos Objectivos às Concretizações", *I Ciclo de Estudos Oeirenses: Oeiras – A Terra e os Homens*, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras e Celta Editora, 1998, p.109.
[1583] Comissão Executiva de Exposições de Obras Públicas (ed.) – *15 Anos de Obras Públicas: 1932-1937*, I Volume, Lisboa, 1948, p.64.

planta geral do plano do arquitecto francês Etiènne de Gröer e do engenheiro Nazaré de Oliveira, Mas também perspectivas coloridas do arranjo marginal de Cascais (pelos arquitectos Raul Rodrigues Lima e Filipe Nobre de Figueiredo) e da nova zona comercial da mesma localidade (assinada pelo último)[1584].

Sobre as duas principais vias rodoviárias a criar, as dimensões e pormenores técnicos revelavam a influência da realidade viária da Alemanha[1585] onde, em 1934, se reunira o Congresso Internacional de Estradas. A este afluíram delegados das Estradas de Lisboa como o engenheiro Manuel de Sá Melo que enalteceria a rede de auto-estradas, o pavimento em betão e a largura das faixas de circulação no país de acolhimento da reunião. Sá Melo admitiria que igual esforço de modernização exigiria imenso de Portugal, cuja capital nem sequer possuía "condições técnicas para a circulação mecânica"[1586] devido às faixas estreitas, curvas apertadas e piso em macadame. Eram precisamente esses pormenores da revolução pensada por Duarte Pacheco que o próprio desvendaria ao engenheiro Carlos Santos e a outros delegados do ACP numa reunião em que eles constataram ser esta uma dispendiosa empresa[1587], mas que resultaria para que Lisboa se tornasse "digna, com a Costa do Sol, a ser a sala de recepção dum país de turismo.[1588]" Se a concretização da auto-estrada se revelaria complexa pelo expropriar, desbastar e nivelar de terrenos, a estrada panorâmica marginal[1589] à linha de água seria menos complicada por respeitar troços da estrada (outrora Real) em uso. Aos engenheiros-civis Fernando César dos Santos Silva e Paulo de Serpa Pinto Marques se devera a "elaboração do anteprojecto para a construção de uma estrada de turismo entre Algés e Cascais"[1590], cujas medidas técnicas somariam (incríveis) 16 metros de plataforma (12 para circulação automóvel e 4 para peões), pontuando-se as laterais com parques de estacionamento, espaços ajardinados, condutas de água, luz, cabos telegráficos e telefónicos, num orçamento que ascendia a 35.000 contos[1591]: um assombro para a época. Em Dezembro de 1936 *O Estoril* noticiava que

[1584] Comissão Executiva de Exposições de Obras Públicas (ed.) – *Quinze Anos de Obras Públicas: 1932-1937*, II Volume, Lisboa, 1949, p.12.
[1585] Pelo que poderemos aplicar os conceitos «*technoscapes*» do antropólogo Appadurai na definição da deslocação de tecnologia, ou de «*ideoscapes*» pela ideologia que transitava entre nações. Cf. A. Apadurai apud Orvar Löfgren, *Op. Cit.*, p.93.
[1586] *Diário de Lisboa*, 8 de Novembro de 1934, p.8.
[1587] Só para a auto-estrada o orçamento rondaria os 30.000 contos. Cf. *ACP*, Maio de 1935, p.8.
[1588] *Diário de Lisboa*, 20 de Novembro de 1935, p.5.
[1589] Fora Agache quem a designara de «Avenida Marginal» por se estender, sobretudo, ao longo da costa, ligando o Terreiro do Paço a Cascais. Cf. *Idem*, 3 de Julho de 1936, p.4.
[1590] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº296, de 18 de Dezembro de 1934.
[1591] *O Volante*, 25 de Novembro de 1936, pp.4-5.

ambas as estruturas deveriam ser iniciadas no ano seguinte[1592]. A concretização de espaçosos eixos de circulação automóvel reflectia o ímpeto de subjugação territorial à máquina moderna pela urbanização de áreas rurais, em prol do seu usufruto paisagístico. A supremacia do automóvel sobre outros meios de locomoção pautava-se na viagem individual e sensação de liberdade que conferia ao condutor, de tal forma que em São Pedro do Estoril seria inaugurado o Campo Automóvel (junto à Colónia d'*O Século*), graças a Martins Faria que o construíra para servir de escola de automobilismo[1593]. Renovando a filosofia da Velocidade até então pertença da linha férrea, o automóvel não dependia de carris unidireccionais para atingir o/s destino/s, permitindo ao/à seu/sua condutor/a (agora sem limites de género), "a new intoxication of speed."[1594]

Na senda da realidade do eixo viário costeiro Estoril-Cascais refira-se que, em 1934, a CITC encomendaria ao engenheiro António Belo a pavimentação das três localidades turísticas de estudo[1595]. Por seu turno, a ligação Estoril-Cascais seria alvo de ofício da ACICC para a JAE proceder à limpeza da via[1596], e a CPC apresentaria ao governo a sugestão de reconstrução e iluminação da estrada Cascais-Guincho e a demolição dos barracões que alojavam a estação telégrafo-postal e o Casino da Praia, na Baixa de Cascais[1597]; a esta lista *O Estoril* acrescentava o pedido de relocação do mercado[1598]. A premência da renovação do centro de Cascais era também manifestada por vultos locais como José Paulino de Almeida, presidente da ACICC, em cuja publicação escreveria: "Cascais é, incontestavelmente, a terra que mais condições reúne para ser dentro do país alguma coisa de grande… Há muito entulho a tirar? Pois venham os camartelos, e bota abaixo. Muito mais antipática é a guerra e ela faz-se"[1599]. O ano de 1935 começaria com ofício da CITC à Direcção-geral das Estradas do distrito de Lisboa

[1592]*O Estoril*, 13 de Dezembro de 1936, p.1.
[1593]*ACP*, Junho-Julho de 1934, p.30.
[1594] Orvar Löfgren, *Op. Cit.*, p.59. A entrega de Duarte Pacheco aos projectos levaria Fernando Dacosta a indicar que a vertigem era a sua heroína (vício), para caracterizar um homem inserido no espírito renovador do seu tempo e cujo corrupio apressaria a sua morte em acidente automóvel. Cf. Fernando Dacosta, 1997 – *Máscaras de Salazar*, 25ª ed., Alfragide, Casa das Letras, 2009, p.169.
[1595]Para a CITC o também adjudicatário de alcatroamentos encomendados pela CMC alcatroaria a Rua Gago Coutinho, no Monte, a Avenida do Faial e a ligação da Rua do Parque à Estada Nacional e, no Estoril, a ligação da Avenida dos Bombeiros Voluntários à Estrada de Bicesse. Cf. Livro nº4, acta 137ª de 11 de Maio de 1934, pp.72-73.
[1596]*Boletim da ACICC*, 1 de Junho de 1934, p.3.
[1597]*Idem*, 1 de Novembro de 1934, p.1. A iniciativa conduziria à cedência dos dois troços de estrada que ligavam o Farol da Guia ao Guincho, através da Quinta da Marinha, e dos terrenos marginais da ligação Guincho-Malveira, por parte da Comissão Administrativa municipal, à JAE (Cf. AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 9 de Outubro de 1936, p.123). Por outro lado, a sugestão da CPC, aliada ao PUCS que se delineava, conduziria a uma profunda alteração do centro cascalense nos anos vindouros.
[1598]*O Estoril*, 11 de Abril de 1935, p.2.
[1599]*Boletim da ACICC*, 9 de Outubro de 1934, p.3.

a solicitar a expropriação do terreno a nascente da estação telefónica do Estoril, com o objectivo de alargar-se a estrada nacional, "de acordo com o estudo feito para o projecto de estrada de turismo Algés Cascais"[1600]. Dos melhoramentos executados em Cascais, destacamos a pavimentação do passeio entre a Alameda dos Combatentes[1601] e a Praia da Ribeira (dos Pescadores, do Rei ou das Armações), o alcatroamento da Avenida Emídio Navarro e das ruas Afonso Sanches e dos Navegantes[1602], bem como a sugestão de que o alcatroamento conferido ao troço Cascais-Guincho se estendesse através da desejada ligação a Sintra, pela beira-mar[1603]. Falar de estradas é ainda aflorar a sinalização (rodoviária, turística e toponímica), e se *O Estoril* criticava as vias da Costa do Sol por nelas se concentrarem quadros de madeira e azulejos barrentos que desvalorizavam o usufruto da paisagem[1604], o *Diário de Notícias* elogiaria a sinalização internacional inaugurada pela SEP no Parque Estoril, a 12 de Setembro de 1936, por facilitar a compreensão e a circulação no perímetro indicado.[1605]

9.2. A realidade dos flagelos municipais

Em Março de 1934 *O Estoril* publicou uma apologia em prol da ascensão de Cascais a Cidade, tese defendida por ilustres entrevistados[1606]; semanas depois a ACICC repudiaria essa posição, pois o concelho não tinha condições sanitárias, estruturais, escolares e tecnológicas meritórias de tal promoção[1607]. No entanto, as iniciativas para minorar as falhas eram visíveis na inauguração, em Julho de 1934, da conduta de Porto Côvo[1608], que supriria a crónica falta de água na vila, graças à acção da

[1600] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 11 de Janeiro de 1935, p.120.
[1601] A que o MOCP atribuiria 11.938$50 para materiais e mão-de-obra. Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº218, de 18 de Setembro de 1935.
[1602] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 11 de Outubro de 1935, pp.179-180.
[1603] *O Estoril*, 25 de Dezembro de 1936, p.4.
[1604] *Idem*, p.9.
[1605] *Diário de Notícias*, 13 de Setembro de 1936, p.2.
[1606] Como o Tenente Cardoso, Fausto Figueiredo, Ávila Madruga, Joaquim António Segurado (Comandante dos Bombeiros, que faleceria em 1936) e Joaquim Pedada (Presidente da Junta de Freguesia de Cascais). Cf. *O Estoril*, 25 de Março de 1934, p.4.
[1607] *Boletim da ACICC*, 1 de Maio de 1934, p.1. A extinção da Comissão de Melhoramentos de Cascais (por cisões internas e resistências externas) não actuaria a favor do município. Cf. *Idem*, 12 de Janeiro de 1936, p.5.
[1608] Dois anos volvidos o Fundo de Desemprego comparticiparia com 121.548$00 as obras de substituição de 3km de conduta de ferro fundido por outra em fibro-cimento, entre o Porto Côvo e o reservatório da Cruz de Pôpa, para abastecimento dos Estoris. A CMC contactaria a Corporação Mercantil Portuguesa

CMC e do parecer técnico do engenheiro Ressano Garcia[1609]. Outra excelente nova chegaria dois anos depois, no âmbito do PUCS, com a MOPC a autorizar a Companhia das Águas de Lisboa a abastecer as localidades "da zona marginal compreendida entre Lisboa e Cascais"[1610]. Ainda no âmbito da Água, a firma Contreiras & Contreiras Limitada receberia licença para gaseificar a por si explorada na Fonte da Boneca, em vale de Cavalos, na Malveira[1611], lendo-se anúncio dirigido ao consumidor britânico que esta água se distinguia por ser "very light for the stomach"[1612]. No domínio da Higiene, o pouco civismo de alguns privados conduziria a pedidos como o que a CITC dirigiu à CMC para que fosse ordenada a limpeza de um terreno sito entre a Estrada Nacional e a Avenida de Nice, no Monte Estoril[1613]. Pela Grande Lisboa prosseguia o combate às invasões estivais de insectos, com *O Século* a declarar "Guerra ás moscas![1614]" Em Cascais, o MOPC investia na sua extinção ao facultar 31.000$00 para prolongamento da cobertura da Ribeira de Cascais, a montante[1615]. Outro desagravo recorrente era a fraca iluminação pública, o que levaria *O Estoril* a satirizar sobre as noites da "Costa negra"[1616]. A estética das áreas urbanas em estudo conduziria a CITC a, por exemplo, criar um jardim junto à igreja do Estoril[1617], a re-plantar amendoeiras ao longo da Avenida de Sabóia[1618], no Monte, e, no centro de Cascais, o Jardim da República (ou Visconde da Luz) sorveria 34.610$30 entre os anos de 1935 e 1936[1619], mas o seu papel no lazer e na coesão social[1620] municipal seria cumprido.

Limitada para obter orçamento para a premente empreitada. Cf. AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 10 de Julho de 1936, pp.70-70v.

[1609] *Diário de Lisboa*, 15 de Julho de 1934, p.3.

[1610] Cf. Decreto-lei nº26:650, de 3 de Junho de 1936. Em finais de 1934 Carlos D'Arruda Furtado, médico da Direcção-Geral de Saúde, dissertara sobre Higiene e referira que um verdadeiro «Distrito Sanitário» derivaria da estreita colaboração entre o município de Lisboa, concelhos a Ocidente e Almada. Cf. Carlos D'Arruda Furtado – "A Higiene da Capital – Conferência realisada na Câmara Municipal de Lisboa em 24 de Novembro de 1934", Separata da Revista *Clínica, Higiene e Hidrologia*, Lisboa, 1935, p.14.

[1611] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº124, de 30 de Maio de 1934.

[1612] *Portuguese Times*, 19 de Junho de 1935, p.3.

[1613] AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 16 de Outubro de 1936, p.132.

[1614] *O Século*, 5 de Setembro de 1934, p.1.

[1615] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº97, 27 de Abril de 1935.

[1616] *O Estoril*, 25 de Novembro de 1934, p.1.

[1617] Nele colocando árvores, floreiras e bancos (Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 24 de Agosto de 1934, p.99). Este espaço à direita do adro do templo desapareceria com a construção da Estrada Marginal.

[1618] O periódico elogiaria o espectáculo natural face à floração das árvores em pleno Inverno (embora a artéria estivesse por concluir há perto de cinco décadas). Cf. *O Estoril*, 12 de Janeiro de 1936, p.1.

[1619] CITC, *Relatório*, p.5.

[1620] O rumor da remoção do Monumento aos Combatentes pela CMC melindrava a CITC pelo valor emocional da estrutura, face ao recente conflito recordado a 9 de Abril; apesar da "sua arquitectura pouco digna", aquele era um marco simbólico a preservar (Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 27 de Setembro de 1935, p.172). A manutenção do

9.2.1. Turistas e banhistas

Das nacionalidades que se deslocavam aos Estoris, a britânica era a que mais se sentia incomodada pela burocracia e pelas taxas alfandegárias desde a saída do paquete aportado em Lisboa até ao *check-in* hoteleiro[1621]. A Polícia Internacional[1622] facultava aos turistas vistos com validade de 60 dias em praias e termas, findos os quais teriam de pedir autorização de residência ou bilhete de identidade (consoante a permanência se prolongasse por períodos inferiores ou superiores a 6 meses). Em carta a Salazar, o responsável pela Casa de Portugal em Londres, António Santos Mendonça, explicaria que, para a mentalidade britânica, um documento com fotografia e impressão digital assemelhá-los-ia a vulgares criminosos, pois só a eles se impunha esse controlo[1623]. Contudo, nomes como Roque da Fonseca defendiam o bilhete de identidade como o maior facilitador na circulação de pessoas[1624], mas tal agilidade implicaria uma aproximação entre Estados europeus, e se Portugal e Espanha tinham há cerca de dois anos acordado o recurso ao bilhete de identidade na circulação dos seus nacionais, a boa vontade não imperava entre outras nações.[1625]

Para lá das habituais queixas relativas aos cardumes de mendigos e à sujidade das ruas, os estrangeiros esperavam apoio de mais funcionários da SE habilitados para comunicar em Inglês e Francês[1626], e todos os visitantes (domésticos e internacionais) penavam à chegada à gare de Cascais pela inconveniência de vendedores ambulantes tentando impingir-lhes produtos[1627]. No domínio balnear as actas da CITC registam a deliberação da Praia da Ribeira ser dividida em duas áreas (uma para barcos de pesca e

---

Monumento *in situ* depreende-se por, em entrada posterior, se registar a angariação de propostas de fornecedores para cantaria a colocar na base do mármore; este seria apenas mudado para posição central no renovado jardim defronte à Avenida dos Combatentes (Cf. *Idem*, 13 de Dezembro de 1935, p.194). Em Abril de cada ano a «Venda do Capacete» em miniatura era prática anunciada pelos jornais, visando a angariação de fundos para as secções que a Liga dos Combatentes fundara pelo país, como forma de amparar os soldados sobreviventes.

[1621] ANTT/MI/GM, mç.478, pt.7/1 [folhas 29-30].

[1622] A Polícia Internacional fora criada a 30 de Julho de 1931, sob alçada do MI, para vigiar as fronteiras. Cf. José Adelino Maltez *–Tradição e Revolução – Uma Biografia do Portugal Político do Século XIX ao XX*, Volume II (1910-2005), Lisboa, Tribuna da História, 2004, p.363. Por questão de hábito, é esta entidade a nomeada por Santos Mendonça; no entanto, a 29 de Agosto de 1933, da fusão da Polícia Internacional Portuguesa com a Política de Defesa Política e Social resultaria uma nova força: a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado. Cf. António Moreira, *Op. Cit.*, p.190.

[1623] ANTT/MI/GM, mç.478, pt.7/1 [folhas 31-32]. Posição partilhada pela ACICC. Cf. *Boletim da ACICC*, 19 de Março de 1935, p.1.

[1624] *Diário de Lisboa*, 31 de Julho de 1935, p.4.

[1625] *Idem*, 30 de Outubro de 1935, p.1.

[1626] *O Estoril*, 17 de Maio de 1936, p.2.

[1627] *Boletim da ACICC*, 1 de Agosto de 1934, p.3.

a outra para banhistas)[1628], bem como a eliminação da verba destinada à limpeza das praias do orçamento para 1936, "por se considerar que esse serviço pertence às autoridades marítimas, pelo que se resolve oficiar nesse sentido ao departamento Marítimo do Centro.[1629]" Mas nem só de lamentos vivia o turista, pois em Fevereiro de 1936 o *Portuguese Times* anunciaria que "there is at least one very honest Taxi Driver in Estoril[1630]", ao noticiar que, perante o engano de um passageiro no valor pago pelo transporte, o taxista que o conduzira procurara por ele e, não o encontrando, deixara a moeda de ouro que lhe entregara, por engano, na pastelaria «*Garrett*».

9.2.2. As agruras diárias da população residente

No triénio em estudo as receitas utilizadas na assistência às populações anfitriãs de Estoris e Cascais continuavam a proceder do fundo da CITC, de iniciativas pontuais dos concessionários turísticos locais[1631] e dos eventos organizados pela CPC, sem descartar a acção da Comissão de Assistência do Concelho de Cascais[1632]. Do Governo central, a Direcção Geral de Assistência contribuiria com um valor anual fixo à Misericórdia local[1633], auxiliando ainda, com verbas distintas, as obras da igreja[1634] e a construção do novo hospital de Cascais[1635]. A 13 de Novembro de 1936 o desespero do Provedor João António Gaspar levá-lo-ia a endereçar pedido de auxílio ao Presidente do Conselho, para que Salazar entendesse a singularidade da "situação da Misericórdia de Cascais"[1636]. Por outro lado, em Março de 1934 *O Estoril* mencionaria a criação de um Dispensário anti-tuberculose em Cascais, para cuja criação se reuniram o Professor Doutor Lopo de Carvalho (membroda Associação Nacional aos Tuberculosos e do Auto

[1628] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 29 de Junho de 1934, p.87.
[1629] Remetendo terceira cópia ao CNT, para aval. Cf. *Idem*, 4 de Novembro de 1935, p.178.
[1630] *Portuguese Times*, 29 de Fevereiro de 1936, p.3.
[1631] No último trimestre de 1934 a SPCS doaria 8.035$65 angariados em duas festas e pelo leilão do autógrafo do Duque de Kent. Cf. *O Estoril*, 10 de Março de 1935, p.2.
[1632] Entidade a quem se deviam casas de acolhimento e cozinhas económicas (em Carcavelos, Monte Estoril e Cascais), graças à generosidades de filantropos como os condes de Monte Real. Cf. *Jornal de Sintra*, 25 de Março de 1934, p.1. No final de 1934 noticiava-se a atribuição da Ordem da Benemerência a António Pereira Coutinho, médico da Misericórdia, pelo trabalho na Creche José Luiz. Cf. *Jornal de Cascaes*, 24 de Dezembro de 1933, p.12; *O Estoril*, 8 de Novembro de 1934, p.8.
[1633] Para o ano económico de 1933-1934 concedeu 25.000$00. Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº27, de 2 de Fevereiro de 1934.
[1634] *Idem*, nº248, de 22 de Outubro de 1934.
[1635] A que seriam destinados 150 contos. Cf. *Ibidem*, nº185, de 9 de Agosto de 1934; *Ibidem*, nº279, de 27 de Novembro de 1936.
[1636] ANTT/AOS/CO/IN-91, cx.304, pt.19.

Club Médico Português), o Dr. Manuel Marques da Mata (Delegado de Saúde de Cascais), Eduardo Maria Rodrigues (vogal do Pelouro de Higiene da CMC) e Joaquim da Conceição Pedada (Presidente da Junta de Freguesia de Cascais)[1637]. No mesmo mês, acta da CMC registava requerimento da direcção do Asilo de Santo António do Estoril a solicitar aval para realizar obras no convento e ser isento de licença, visto tratar-se de instituição de caridade, recebendo anuência a ambos os pedidos[1638]. Na mesma fonte depreende-se o encerramento da cozinha económica que a SAME criara na Cova da Castelhana, pelo ensejo de encerrar o fornecimento de água no edifício[1639]. No combate ao Analfabetismo a SAME seria determinante ao fundar, a 30 de Setembro de 1934, uma escola primária na própria sede, onde a sra. Emília Ferreira ensinaria crianças pobres, por não haver no Monte nenhuma instituição de ensino público[1640].

[1637] *Jornal de* Cascaes, 10 de Março de 1934, p.4; O *Estoril*, 4 de Março de 1934, p.2. A CITC concederia 2.000$00 para a sua criação. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, Livro nº4 da CITC (1933-1935), 13 de Dezembro de 1935, p.193.
[1638] AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 16 de Março de 1934, p.163v..
[1639] *Idem*, 23 de Março de 1934, p.171v.
[1640] José Paulino D'Almeida era então presidente da SAME (que ofereceria vestuário e lanche às crianças) e conseguira que a CMC cedesse subsídio mensal para cobrir o salário da professora (Cf. *O Estoril*, 19 de Outubro de 1934, p.10). No Monte Estoril havia dois colégios privados: o Bairro Escolar (fundado em 1928, reorganizado em 1935 e listado como o centro escolar nº72 da MP) e o Colégio São João de Deus (fundado em Janeiro de 1936, na *Villa* Pomares, por antigos docentes do primeiro).

IV. Crise Turística e Esforços de Superação: 1937- 1939

> "[Estoril,] ce nom a mieux servi le tourisme au Portugal que vingt monuments".[1641]

1. Crise turística e a reformulação promocional do destino

Apesar de Portugal ter assinado o Acordo de Não-Intervenção na Guerra Civil de Espanha, evidências contrárias levariam Londres e Paris a acusar que o país quebrava a palavra dada ao enviar tropas para a contenda. Em Janeiro de 1937 Salazar reagiria com publicação na Imprensa e entrega aos embaixadores devidos de declaração a ilibar o regime, argumentando que a participação seria de poucas dezenas de voluntários, na maioria comunistas, ligados à oposição exilada[1642]. Dias depois atentados bombistas seriam perpetrados (contra ministérios, Casa de Espanha e emissoras), actos condenados na Assembleia Nacional com discursos pró-Estado Novo, como o do Deputado Cancela d'Abreu[1643]. No exterior, a Imprensa divulgaria os acontecimentos, aproveitando-se em Berlim para acusar os comunistas de Valência e de Barcelona, afirmando que "a Espanha serve de base às tentativas de revolução mundial… à espanhola[1644]"; em Paris, *Le Jour* apontava que a *Okaba,*organização búlgara, agira sob ordens do *Komitern* moscovita, e *Le Journal* defendia Salazar por ter cometido "o «crime» de querer barrar o caminho dos sovietes.[1645]" O regime salvava a face junto da comunidade internacional e Salazar emergia como o profeta que cedo avisara da gravidade do poder dos republicanos, em Espanha, para o rumo da Civilização Ocidental; de profeta ascenderia a semi-deus ao escapar ileso a atentado bombista, a 4 de Julho, cuja divulgação causaria ondas de choque e reacções de repúdio em solo nacional[1646]. No eixo Estoril-Cascais, não só a população se dirigiu à Cidadela para transmitir-lhe apoio, como se realizou um *Te-Deum*, promovido pela neta de Carmona, "em acção de graças"[1647] pela imunidade do Chefe de Governo; em Agosto, o Batalhão nº10 da LP e a comissão concelhia da

[1641] Jacques de Lacretelle, *Op. Cit.*, p.79.
[1642] *Diário de Lisboa,* 10 de Janeiro de 1937, p.3.
[1643] *O Século*, 22 de Janeiro de 1937, p.1 e p.4.
[1644] *Idem,* 23 de Janeiro de 1937, p.5.
[1645] *Le Journal* elogiaria Salazar pela segurança financeira e recuperação do país, em plena crise mundial. Cf. *Ibidem*, 24 de Janeiro de 1937, p.2.
[1646] *Diário de Lisboa,* 4 de Julho de 1937, p.1. Para Fernando Rosas, "o atentado contribuiu como nada antes para o seu endeusamento enquanto chefe protegido pela divina providência e para a crispação fascizante do regime." Cf. Fernando Rosas, *Lisboa,* p.100.
[1647] *O Estoril,* 18 de Julho de 1937, p.2; *O Século*, 9 de Julho de 1937, p.1.

União Nacional promoveriam, junto à gare do Estoril, comício anti-comunista que reuniu bombeiros, escuteiros, associações e a população, em geral, em acto de "repulsa por todas as doutrinas que tendem a destruir a unidade de nação."[1648]

Portugal servia de retaguarda a Franco, como indiciavam os Jogos Florais de Maio de 1937[1649], a presença do couraçado alemão «*Admiral Graf Spee*» na Baía de Cascais[1650], a missa em memória de Sanjurjo na igreja dos Mártires[1651], a entrega da medalha de «Sofrimento pela Pátria»[1652] à viúva do defunto ou a estada da "primeira enfermeira da guerra de Espanha"[1653]; Natividad Zaro empenhara-se no campo de batalha, deslocando-se ao Estoril para retemperar forças e redigir peças sobre a estada. Com a capitulação de Madrid a 28 de Março de 1939[1654] abrir-se-ia, por curtos instantes, a janela de celebração em Portugal através da homenagem ibérica aos «Viriatos»[1655] e das peças sobre o Capitão Jorge Botelho Moniz[1656]. No Estoril, duas

[1648] *O Estoril*, 8 de Agosto de 1937, p.2; *O Século*, 9 de Agosto de 1937, p.1.

[1649] Evento espanhol datado do século XIV, nele se declamava poesia e desfilavam aristocratas. Em Lisboa, a Duquesa de Palmela e a Condessa de Monte Real ofereceriam rosas de ouro aos vencedores, escutando-se os hinos Falangista e «A Portuguesa», e revertendo o produto das entradas no Teatro São Luís para a comissão de socorro aos feridos nacionalistas. Cf. *O Século*, 9 de Janeiro de 1937, p.5; 25 de Maio de 1937, p.6.

[1650] A sua missão era render o contingente de tropas alemãs no apoio a Franco, vindo a Lisboa para trocar marinheiros com o paquete nacionalista «Monte Pascoal». Cf. *Diário de Lisboa*, 14 de Abril de 1937, p.5.

[1651] No templo de Santa Isabel Gil Robles assistiria a missa aos militares nacionalistas, na companhia de membros da MP e da LP (Cf. *O Século*, 21 de Julho de 1937, p.2). A devoção ao «mártir» Sanjurjo transformaria as visitas de Falangistas a Lisboa, ao integrar no passeio a Sintra-Estoril um momento de pesar ao campo da Marinha (Cf. *Idem*, 2 de Janeiro de 1938, p.9; 6 de Agosto de 1938, p.7). Se o local fatídico inspirava rasgos de Turismo Espiritual, em Espanha, o Verão de 1938 seria marcado pelo inédito «Circuito de Guerra do Norte», onde se ofereciam quatro itinerários em autocarros de 33 lugares com guia especializado para visitas aos locais afectados pela guerra que lavrava então a Sul: eis a modernidade ao serviço da propaganda anti-comunista, aliandovisitas ao rescaldo do momento histórico, quase em registo de simultaneidade. Cf. *Ibidem*, 7 de Julho de 1938, p.4.

[1652] Cerimónia realizada em sala do Hotel Miramar perante membros da comunidade exilada, em que Maria Prieto Sanjurjo receberia a segunda honra do tipo conferida por Franco (a primeira destinara-se à viúva de Calvo Sotelo). Cf. *Ibidem*, 13 de Setembro de 1937, pp.1-2.

[1653] *O Século Ilustrado*, 16 de Abril de 1938, p.2.

[1654] *Diário de Lisboa*, 28 de Março de 1939, p.1.

[1655] Com homenagem em Salamanca e banquete no Casino do Estoril (Cf. *Diário de* Lisboa, 16 de Junho de 1939, p.6). Em Junho de 1939 Botelho Moniz explicaria que a intervenção de portugueses, sob comando de oficiais espanhóis, diferira da de alemães e italianos por ter sido voluntária e derivada de imperativo moral (Cf. *Idem*, 7 de Junho de 1939, p.5). Igual posição revela César Oliveira (Cf. César Oliveira, *Salazar e a Guerra*, p.259), ao invés de Mircea Eliade que declarara o envio propositado pelo regime, em obra nunca traduzida do romeno durante o Estado Novo (Cf. Mircea Eliade, *Op. Cit.*, pp.238-239). Os «Viriatos» serviram uma «causa maior», cujo propósito era a integridade do secular território (nacional e imperial) português e a preservação do regime salazarista (adverso a desfiles de massas e a audiências), nunca envisando nova expansão (traços comuns a Hitler e Mussolini), por isso Manuel Braga da Cruz afirma que "O Salazarismo nasceu, viveu e morreu pelo Ultramar, pelo sonho de império." Cf. Manuel Braga da Cruz – "Salazar e a Política", *Salazar e o Salazarismo*, A. E. Duarte Silva, António Costa Pinto, César Oliveira *et al*, Lisboa, Publicações D. Quixote, Lda, 1989, p.70.

[1656] Nome benquisto para os nacionalistas, pois combatera aos microfones do RCP e nele cederia espaço a outros ilustres, destacando-se nos campos de Espanha como militar e repórter de guerra (assinando artigos para o *Diário de Lisboa* com a sigla X.Y.Z.). Cf. *Diário de Lisboa*, 6 de Abril de 1939, p.5. Não esquecer

baixas ligadas a entidades turísticas seriam lamentadas: as de Eduardo Bastos Vilar e Egídio Pinho Elias da Silva Oliveira. O primeiro era sobrinho de Armando Vilar (director do Casino, onde a vítima trabalhava) e, em Dezembro de 1936, alistara-se nos *Requettes*, em Badajoz, perecendo o repórter fotográfico na Frente de Córdova e sendo sepultado em Sevilha[1657]; o segundo era filho de António Pinho de Oliveira (membro da SE), pertencia do Batalhão nº10 da LP e partira para Espanha, sem aviso, falecendo ao fim de um ano na Frente do Ebro.[1658]

Finda a contenda, Franco ordenaria a trasladação de Sanjurjo numa encenação protocolar plena de pesar e exaltação simbólica, confirmando a sua ascensão pela lealdade ao «mártir» nacionalista; a acção traria a Lisboa uma comissão que se alojaria no Avenida *Palace*[1659]. O féretro com Sanjurjo passaria pelos templos de Estoril, São Domingos de Rana e São Domingos (de Lisboa), antes de selar-se o compartimento ferroviário que, em Campolide, acolheria ainda urnas de outros dois exilados[1660], antes de o comboio rumar a Espanha. Sanjurjo seria homenageado em Badajoz e Madrid[1661], terminando a marcha em Pamplona, sob cobertura mediática da Imprensa espanhola que acompanhara o cortejo desde o Estoril[1662]. Ao aproximar-se a vitória de Franco, Salazar receou a belicosidade e o pan-iberismo da Falange armada por Hitler[1663], o que explica a assinatura do Tratado de Amizade entre Salazar e Franco, em Março de 1939, e a atribuição, em Junho, do Grande Colar da Ordem de Torre e Espada ao Generalíssimo[1664]. No contexto europeu, o acordo acautelava a posição nacional[1665], pois já em Maio de 1938 se publicaram quadros comparativos sobre "O que se passou em 1914 e o que está a suceder em 1938", num *déjà vu* que alguns líderes criam não passar de miragem[1666], mas que se concretizaria com a Tomada de Danzig[1667], pelos nazis, a 1 de Setembro de 1939. A ofensiva resultaria na declaração de guerra

---

que o RCP organizara comboios humanitários de automóveis cedidos pela Garagem Alvarez de Celso Alvarez, no Monte, mas, no fim da guerra, o excesso de protagonismo de Botelho Moniz incomodaria o regime, receoso de uma insurreição perpetrada por este e pelos «Viriatos». Cf. Maria Filomena Abreu – "As Rádios", p.37.

[1657] *O Estoril*, 30 de Janeiro de 1937, p.1.

[1658] *Idem*, 25 de Dezembro de 1938, p.2.

[1659] *O Século*, 17 de Outubro de 1939, pp.1-2.

[1660] Martin Prats e Berneta, que faleceram no Estoril e foram enterrados nos Prazeres. Cf. *República*, 17 de Outubro de 1939, p.5.

[1661] Franco assistiria à missa na Estação de Atocha. Cf. *Diário de Lisboa*, 20 de Outubro de 1939, p.2.

[1662] *O Século*, 16 de Outubro de 1939, p.2.

[1663] Fernando Rosas, *O Salazarismo*, p.24.

[1664] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº150 de 30 de Junho de 1939.

[1665] "Salazar revelou-se de um maquiavelismo diplomático notável." Cf. Fernando Dacosta, *Op. Cit.*, p.70.

[1666] *Diário de Lisboa*, 25 de Maio de 1938, p.1.

[1667] Prevista antes mesmo do eclodir da guerra em Espanha. Cf. *Idem*, 5 de Junho de 1936, p.1.

apresentada por Inglaterra e França, dois dias depois, e na invasão da Rússia de Estaline, à Polónia, a 17 de Setembro.[1668]

Abordado que está o ambiente político passe-se ao impacto da Guerra Civil de Espanha no Turismo do eixo Estoril-Cascais. Em Junho de 1940 Armando Marques Guedes recordaria, em palestra difundida pelo RCP, que a reformulação da SEP por apoio estatal em 1934 renovara a empresa, surgindo imprevistos no Verão de 1936 pela beligerância vizinha, pois "[n]a quási geral ignorância da geografia da Península, nem se distinguiam bem Portugal e Espanha"[1669]: cresciam rumores disparatados como o de por cá boiarem cadáveres derivados do Cerco de Madrid. Em Janeiro de 1937 *O Estoril*designava de campanha infame a que por Inglaterra referia estarem os hotéis do Estoril pejados de comunistas, segundo confirmaram duas turistas inglesas[1670]; no mês seguinte, o semanário reflectiria sobre a crise turística instalada no Inverno de 1936-1937 com o cessar da afluência espanhola e a redução da inglesa, "o que já representava a entrada de uma cifra muito interessante"[1671]; um ano depois abordaria a conjuntura e apelaria a Salazar para auxiliar a Costa do Sol, pois o Turismo era "só por si, um seguro condutor de ouro para fomentar a riqueza da Nação.[1672]" Melhor entendimento da suspeição que arrepiava o caminho a turistas europeus resgatava-se na análise da Imprensa internacional, por Joaquim Paço D'Arcos, do MNE[1673]: (1) a 29 de Agosto de 1937o*Reynold's News* acusava Portugal de trocar a aliança pela influência alemã; (2) a 9 de Setembro, o *Daily Express* referia que o país caminhava para tornar-se colónia de Espanha que, por si, já o era de Itália; (3) o *Evening Standard* rebaixava Portugal a "cão"[1674] de Itália e Alemanha; (4) *The Tribune* acusava o país de fascista pelo apoio a Franco; (5) ao invés, a 18 de Setembro a *Saturday Review* defendia Portugal, clamando que nem sempre a Imprensa inglesa fora justa para com a nação aliada, tal como o *G.K.'s Weekly* indicava na edição de dia 16. Em Fevereiro de 1938 alertava-se para a má publicidade de agências de viagem inglesas sobre a Costa do Sol, ao informarem que Janeiro e Fevereiro foram marcados por temporais; felizmente, ingleses e norte-

[1668] Relatos disponíveis em: *Ibidem*, 1 de Setembro de 1939, p.1; 17 de Setembro de 1939, p.1.
[1669]*O Estoril*, 3 de Junho de 1940; *Boletim da ACICC*, Fevereiro de 1937, p.1.
[1670]*O Estoril*, 10 de Janeiro de 1937, p.3.
[1671]*Idem*, 14 de Fevereiro de 1937, p.1.
[1672]*Ibidem*, 30 de Janeiro de 1938, p.1.
[1673] ANTT/AOS/CO/NE-1, cx.392, pt.11. Para Hugh Kay, "It was because of Portugal's sympathy for General Franco's Nationalists in the Spanish Civil War that critics abroad began to attach the Fascist label to the Portuguese regime… Life, however, in the peninsula has never been open to quite such a simplified reading." Cf. Hugh Kay – *Salazar and Modern Portugal*, London, Eyre & Spottiswoode, 1970, p.86.
[1674]*Idem*, [folha 314].

americanos deslocados nesse período podiam comprovar a bonança que fazia sentir-se[1675]. Uma das estratégias para inverter as perdas externas foi a séria aposta no turismo interno, para o qual se pedia o facultar de preços de transporte mais acessíveis, pois o alojamento na Costa do Sol descera para diárias razoáveis[1676]. No entanto, o controlo das receitas turísticas e da imagem de segurança projectada pelo destino escaparão sempre ao controlo governamental em casos de beligerância, independentemente das tipologias de regime. Como sustém a citação:

> An illegitimate or authoritarian government does not by itself mean that international tourism will not be encouraged… authoritarian regimes do not of themselves deter tourists; instead… it is political instability which drives off tourists and foreign investment in the tourism industry.[1677]

1.1. Entidades promocionais e estratégias de superação

Uma revolução administrativa varreria o país com a publicação, no ocaso de 1936, do decreto-lei nº27:424 que definia o novo Código Administrativo, e que, segundo texto oficial posterior, restituía ao município a tradição secular de elemento basilar administrativo[1678]. No capítulo VII dedicado às zonas de turismo definia-se: (1) a criação destas a pedido das edilidades (Secção I, artigo 101º, 1º); (2) a sua subjugação administrativa à autarquia, quando a sede das zonas de turismo coincidisse com a sede de concelho (artigo 102º); (3) a submissão ao CNT, pelas autarquias e juntas de turismo, do plano anual de actividades (artigo 103º); (4) a composição das juntas, que teriam presidente, comerciante e proprietário indicados pelo edil, médico municipal, hoteleiro eleito pelos proprietários locais, e o capitão de porto ou delegado marítimo (Secção III, artigo 109º). Face ao retrocesso na liberdade de acção da extinta CITC, começamos por aflorar o estado da arte na CMC. A 2 de Março de 1937 publicar-se-ia a composição dos conselhos municipais[1679] e, em Cascais, o Tenente António Rodrigues Cardoso manteria a presidência, coadjuvado pelos vogais Joaquim da Conceição Pedada, António Gonçalves Pratas, Alexandre Marques Pereira, João Cota Falcão Aranha, Henrique Cardoso de Meneses, Joaquim Nunes Ereira e Joaquim Gonçalves. Desfiando-se os

[1675] *O Estoril*, 13 de Fevereiro de 1938, p.1.
[1676] *Idem*, 4 de Abril de 1938, p.1.
[1677] Colin Michael Hall, *Op. Cit.*, pp.83-84.
[1678] SPN (ed.) – *A Revolução Nacional, 14 Anos de Grandes Realizações*, Lisboa, 1940, p.12.
[1679] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº50 de 2 de Março de 1937.

meses e a arrumação futura dos destinos autárquicos[1680], em Dezembro de 1937 reunir-se-iam os elementos administrativos de Cascais, conforme ditava o artigo 67º do Código, para preparar eleições municipais[1681]. Dias depois, o TenenteCardoso apresentaria a demissão, ao que os munícipes reagiriam, na noite de Domingo, dia 12, com uma manifestação em defesa da sua obra, rogando a Carmona que intercedesse junto do ministro do Interior para recusar a saída[1682]. O Tenente exercia funçõesna gestão concelhia desde 1928, "constituindo um «récord» digno da maior admiração"[1683], mas definia como irrevogável a sua postura. Em Janeiro de 1938 o Governador-Civil de Lisboa empossaria o Coronel Carlos Augusto Passos Pereira de Castro como autarca (e os respectivos vereadores[1684]), mas logo a 10 de Março de 1939[1685] Pereira de Castro resignaria, cedendo lugar ao Capitão José Roberto Raposo Pessoa.

A 18 de Maio de 1937, o decreto-lei nº27:704 emitido pela secretaria dos serviços de Turismo do MI alteraria o perímetro da Zona de Turismo cascalense (porque a existente abrangia lugares sem interesse) e, respeitando o artigo 101º do Código Administrativo (após os pareceres do CNT e da CMC), definia que: (1) a Junta de Turismo de Cascais (JTC) seria fixada no Monte Estoril[1686]; (2) a delimitação cobriria o litoral entre os fortes do Guincho e São Julião da Barra e uma linha que tocava pontos como Amoreira, Picoto, Murtal e São Domingos de Rana (excluindo Areias, Torre, Alvide e Livramento). Em relação à extinta CITC, em documento oficial de 1936 Ávila Madruga notava que o decreto se limitava a fixar a sede promocional no Monte e a resgatar São Domingos de Rana do esquecimento face ao "traçado da futura auto-estrada"[1687]. A demora na nomeação da primeira equipa da JTC deveu-se a três factores: (1) dúvidas legais levantadas pela CITC junto à CMC, ao CNT e ao MI quanto ao estatuto da nova entidade, por considerar a sua situação especial[1688]; (2) atraso na resposta por parte das autoridades centrais; e (3) quezílias entre a última equipa da

[1680] Através de eleições de membros das juntas de freguesia, entre outras entidades administrativas.
[1681] *Diário de Lisboa*, 3 de Dezembro de 1937, p.2.
[1682] *Diário da Manhã*, 13 de Dezembro de 1937, p.4; *Diário de Notícias*, 14 de Dezembro de 1937, p.3.
[1683] *O Estoril*, 19 de Dezembro de 1937, p.1.
[1684] *Idem*, 7 de Janeiro de 1938, p.1.
[1685] António Ricardo Camelo Morgado – *Cascais no Estado Novo (1936-1939)*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado, 2010, p.60; *O Estoril*, 9 de Abril de 1939, p.6.
[1686] A sede fora ali estabelecida a 13 de Dezembro de 1927. Cf. CITC,*Relatório*, p.28.
[1687] Comissão de Iniciativa e Turismo do Concelho e Cascais (ed.) – *Suplemento ao Relatório do Ano de 1936 e 1º Semestre de 1937*, Monte Estoril, 1937, p.3.
[1688] *O Estoril*, 25 de Abril de 1937, p.1; *Jornal de Sintra*, 21 de Fevereiro de 1937, p.1.

CITC e a SEP sobre taxas de turismo[1689]. Em Julho de 1937, o edil António Cardoso autorizaria o processo de eleição do delegado dos hoteleiros à JTC, elegendo-se, quase por unanimidade, a SEP (que detinha ainda a presidência da UHP, na pessoa de Guilherme Cardim)[1690]; três meses depois, Cardoso empossaria, na *Villa* das Palmeiras, a equipa[1691] constituída por: (1) Capitão Manuel José de Ávila Madruga (presidente); (2) engenheiro Raul Ressano Garcia (representante dos proprietários); (3) António Maria Cardoso (representante dos comerciantes); (4) Armando Marques Guedes (da SEP e representante dos hoteleiros); (5) Dr. Manuel Marques Mata (Delegado de Saúde municipal); (6) Tenente Borges Carvalho (Delegado Marítimo).

Nove meses volvidos o autarca Pereira de Castro daria posse a Ruy Canas, António J. Lopes e João C. Lopes, em substituição de Ávila Madruga, Ressano Garcia e António M. Cardoso. Repetindo a volubilidade de 1933, Canas não aqueceria o lugar, cedendo-o em Novembro ao edil Pereira de Castro; ao resignar às funções municipais, este último seria substituído na gestão da JTC pelo Capitão Raposo Pessoa. No final de 1939 o edil, pleno de afazeres administrativos, nomearia, de acordo com o artigo 109º do Código Administrativo, o engenheiro Augusto Jaime Telles d'Abreu Nunes para o seu posto na JTC. Atente-se, pois, ao quadro abaixo:

[1689] CITC, *Suplemento ao Relatório*, pp.5-15. Em finais de 1937, o tribunal de justiça confirmaria a sentença do juiz da 6ª vara cível, declarando ilegais as taxas lançadas à (extinta) SAI, entre 1 de Janeiro e 1 de Maio de 1933. Cf. *O Estoril*, 28 de Novembro de 1937, p.1.
[1690] *Idem*, 18 de Julho de 1937, p.5.
[1691] AHMC/AACD/JTCE – Termos de Posse (1919-1974), Livro de Posse, auto de posse de 6 de Outubro de 1937, p.12.

	Outubro de 1937	Julho de 1938	Novembro de 1938	Março de 1939	Outubro de 1939
Edil de Cascais	António Rodrigues Cardoso	Carlos Pereira de Castro	*Idem*	José Raposo Pessoa	*Idem*
Presidente da JTC	Ávila Madruga	Ruy Canas	Carlos P. de Castro	José R. Pessoa	Augusto Abreu Nunes
Representante dos Proprietários	Ressano Garcia	António Jesus Lopes			
Representante dos Comerciantes	António Maria Cardoso	João Costa Lopes			
Representante dos Hoteleiros	Marques Guedes				
Delegado de Saúde	Marques Mata				
Delegado Marítimo	Borges de Carvalho			1º Tenente José Silva da Costa	

Quadro 27– Equipas da JTC (1937-1939).

(Fonte: autora inspirada em AHMC/AACD/JTCE – Termos de Posse (1919-1974), pp.12-15)

Devido ao Código Administrativo de 1936, iniciar-se-ia a subordinação da orgânica turística ao regime pela subjugação das entidades locais às autarquias, prosseguindo em 1939 com a integração do CNT na alçada do SPN[1692], o qual estava sob controlo directo de Salazar desde a fundação, em 1933. No último relatório da CITC Ávila Madruga advogava que a luta em Espanha, a desvalorização do franco, a Exposição Internacional (Paris) e as Festas da Coroação (Londres) "afastaram do nosso país a maioria dos visitantes, pelo que esta estância tão frequentada no inverno, esteve quási deserta.[1693]" No âmbito de iniciativas e estratégias executadas para promover Portugal e o eixo turístico Estoril-Cascais face à crise derivada da insegurança em Espanha, resgatem-se exemplos de suplantação de obstáculos. Começando com o SPN, a si se deveu, no Hotel Palácio, a homenagem a Raymond Reconly, director da *Revue de*

[1692] Através do decreto-lei nº30:251 de 30 de Dezembro de 1939 o Turismo passaria para a alçada do SPN e, ao ser este dependente de Salazar, o ditador português seguia os passos que Mussolini dera em 1931, "passando a orientar directamente aquele tão progressivo quanto vulnerável ramo de actividade." Cf. Paulo Pina, *Op. Cit.*, p.79.
[1693] CITC, *Relatório*, p.12.

France, então elogiado por António Ferro pela amizade revelada por Portugal, num momento em que conterrâneos não o faziam. Reconly agradeceria a honra enaltecendo o progresso da nação e a sua posição perante a situação vizinha, deslocando-se para recolher dados para artigos sobre o «Portugal de Hoje»[1694]. Por terras gaulesas 1937 foi o ano da Exposição Internacional de Paris, cujo Pavilhão de Portugal abriria a 10 de Junho[1695]: este fundia modernidade estrutural com decoração tradicional, num enlevo ao «Espírito» português, realçando-se que o ressurgimento nacional não abandonara as raízes ancestrais[1696]. Além de cartazes, o país seria promovido pelo Comité Central de Propaganda, ao conceder aos visitantes a *Carte de Legitimation*, através da qual obteriam reduções de preços nas entradas dos equipamentos culturais em Portugal[1697].Dois anos depois, em Fevereiro de 1939, o SPN e o embaixador Armindo Monteiro organizariam em Londres a «Quinzena de Portugal»[1698] e, na Primavera, António Ferro traria a Lisboa Egon Salzer, jornalista do *Sunday Times*, do *Evening Standard* e do *Star* de Londres e do *National Zeitung* de Basileia[1699]. O ano ligou-se ainda à fundação da Casa de Portugal em Nova Iorque[1700] e à respectiva Exposição Universal em que a representação nacional esteve a cargo do SPN, sob orientação do MNE[1701]: nela seriam distribuídas brochuras com divulgação do destino[1702]. Impressionado com a «experiência americana», Jorge Segurado publicaria relato de viagem, enaltecendo hotéis, automóveis e o vigor do turismo interno norte-americano, reflectindo ainda sobre a importância do conceito «Exposição Universal», que definia

[1694]*Diário de Lisboa,* 17 de Fevereiro de 1937, p.3; *O Estoril*, 21 de Fevereiro de 1937, p.1.
[1695]*O Século,* 10 de Junho de 1937, p.1.Da autoria de Keil do Amaral, o pavilhão teve como arquitecto-chefe Jorge Segurado(Cf. *O Século,* 11 de Setembro de 1937, p.2.) e, na sua decoração, laboraram nomes como Carlos Botelho e Fred Kradolfer(Cf. *Diário de Lisboa*, 6 de Maio de 1937, p.8), artistas associados à contemporaneidade construtiva no eixo turístico e aos «*Salons*» de Pintura no Estoril. A oitava sala temática era dedicada ao Turismo. Cf. *Portugal 1937: Publication Mensuelle éditée par le Secretariat de la Propagande Nationale du Portugal, Organe de la Section Portuguaise de l'Exposition Paris 1937*, Lisbonne, SPN, nº1, 25 Juin 1937, s/p.
[1696] Aproximando texto teórico sobre a imagem propagandeada pelo regime de Franco, note-se o paralelo na citação: "O Nacionalismo… reside nos detalhes… [e, nas feiras mundiais, o] pavilhão nacional é uma oportunidade sem paralelo… para as elites nacionais representarem a sua nação como gostariam que ela fosse, ou como gostariam que os outros a vissem." Cf. Adrian Shubert – "O Franquismo vai à Feira – O Regime Franquista, as Feiras Mundiais e as Imagens da Nação", *Penélope*, Lisboa, nº21, 1999, p.131.
[1697]*O Estoril*, 10 de Janeiro de 1937, p.1.
[1698]*Diário de Lisboa,* 22 de Fevereiro de 1939, p.6.
[1699]O inglês admitia que o evento de Fevereiro e as palavras de Stefan Zweig o convenceram a vir conhecer Portugal. Cf. *Idem,* 18 de Abril de 1939, p.5.
[1700]Cf. Decreto-lei nº29:662 de 6 de Junho de 1939.
[1701]Cf. Decreto-lei nº28:707 de 26 de Maio de 1938.
[1702] Marques da Costa (org.) – *The Official Book of the Portuguese Representation in the International Exhibition of New York 1939*, Lisbon, SPN, 1939; *Portugal – the Country of Eternal Spring*, Lisbon, SPN, 1939.

como "índice de civilização.[1703]" À semelhança de Ferro na década de 1920, Segurado rendia-se à vertigem do «Novo Mundo».

Por seu turno, ciente das dificuldades vividas pela SEP, a SPCS reforçaria a publicidade a hotéis, termas, Tamariz, Casino, praia, clima e modalidades de Lazer em anúncios de dimensão generosa em periódicos nacionais[1704] e brochuras diversas[1705]. A SPCS promoveria também, durante os festejos do Carnaval de 1939, o inovador I Concurso de Fotografia e Cinema a Cores, expondo os prémios em lojas do centro de Lisboa[1706]; após deliberação do júri, os trabalhos a concurso integrariam a Exposição de Material Fotográfico e de Cinema, antigo e moderno, na sala de projecção do Casino[1707]. A animação e policromia do Carnaval no Estoril facultavam, assim, imagens de hedonismo e segurança passíveis de cativar estrangeiros que desejassem olvidar a situação crítica europeia, complementando a edição de Fevereiro da revista *Turismo* largamente dedicada ao eixo costeiro Estoril-Cascais e em que o Estoril era descrito como "refugio saludable[1708]", lendo-se ainda que "En esta terrible y conturbada época, la humanidad se abraza en un unico deseo: huir, huir, huir! mas huir para donde?... se busca, así, la tranquilidad del espiritu y la salud del cuerpo"[1709], o Estoril eraa resposta.

Com base nos exemplares do *Anuário Comercial de Portugal* publicados entre 1937-1939, elaborámos o quadroseguinte, onde se nota a introdução da 2ª geração de Figueiredos e Cardins na gestão da SPCS. Repare-se:

[1703] Jorge Segurado – *Sinfonia do Degrau – Impressões da América,* Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia, 1940, p.114.
[1704] Consultem-se: *Diário de Lisboa*, 21 de Junho de 1937, p.12*; República,* 4 de Outubro de 1937, p.11; *O Volante*, 15 de Julho de 1938, p.4.
[1705] Exemplo: Casa de Portugal d'Anvers (ed.) – *Portugal, Pays de Merveilles*, Anvers, 1939, pp.62-63.
[1706] *O Século*, 4 de Fevereiro de 1939, p.2.
[1707] *Diário de Lisboa*, 11 de Maio de 1939, p.6.
[1708] *Turismo*, Fevereiro de 1939, p.2.
[1709] *Idem*, p.2.

	1937 e 1938	1939
Presidente de Honra	Fausto de Figueiredo	*Idem*
Direcção	Presidente – Guilherme Cardim Tesoureiro – Armando Vilar Secretário-geral – Virgílio Soares Vogais – António do Amaral Figueiredo, João Aranha Gonçalves, Virgílio Figueiredo	Presidente – Guilherme Cardim Tesoureiro – Armando Vilar Secretário-geral – Virgílio Soares Vogais – João Aranha Gonçalves
Assembleia-Geral	Presidente – Armando Marques Guedes Vice-presidente – António Centeno Secretários – Artur Campos Figueira, João Bastos	Presidente – António Júdice Bustorff Silva Secretários – Artur Vilar, João Bastos
Conselho Fiscal	Presidente – Joaquim Nunes Ereira Vogais – António Pegado, Élio M. Rego	Presidente – Joaquim Nunes Ereira Vogais – Élio M. Rego, Joaquim C. Cardim

Quadro 28 - Equipas da SPCS (1937-1939).

(Fonte: *Anuário Comercial de Portugal*, 1937-1939)

«A Bem de Cascais», a CPC publicaria um número único de boletim informativo[1710], nele elogiando individualidades e entidades turísticas municipais, e revelando acções de divulgação junto da Imprensa estrangeira estabelecida em Portugal, com visitas em Abril de 1937[1711], e da Imprensa regional, em Maio de 1938[1712]. No segundo semestre do ano a CPC enfrentaria problemas orgânicos[1713] sendo renovada, a 24 de Janeiro de 1939, sob a designação de Sociedade de Propaganda de Cascais (SPC), entidade privada encarregue da promoção da área de inserção[1714]. Em Dezembro, a sua sede transferir-se-ia para a Rua do Regimento de Infantaria 19, para espaço

[1710] Onde se indicavam os seus membros: General Boaventura Ferraz (presidente), Sérgio Bruno Rizzati (vice-presidente, jornalista e representante de jornais estrangeiros em Portugal), e os vogais José Florindo d'Oliveira, D. N. Bareta, António Lima (o artista que criara o escudo da entidade), Fausto Rodrigues Pinto, Ada Ryder e a senhora Rosenthal (escritora atrás apresentada). Cf. Comissão de Propaganda de Cascais (ed.) – *Boletim da Comissão de Propaganda de Cascais*, Cascais, Novembro de 1937, p.1.

[1711] *O Estoril*, 4 de Abril de 1937, p.2; *Boletim da ACICC*, Março de 1937, p.2.

[1712] Em conjunto com Virgílio Soares (SPCS) e António Muchaxo, o presidente da CPC guiaria os convidados aos Estoris e à Marinha, oferecendo-se jantar na «Casa da Laura» e divulgando-se o programa de festas para o ano em curso. Cf. *Diário de Lisboa*, 27 de Maio de 1938, p.4.

[1713] *Jornal de Cascaes* apud António Camelo, *Op. Cit.*, p.28. As edições do *Anuário Comercial de Portugal* revelam que, da vasta equipa de 1936, apenas o secretário Oliveira e o tesoureiro Gaspar manteriam funções em 1937; nos dois anos seguintes, a equipa seria renovada com a atribuição da presidência a Fernando Castello-Branco. Cf. *Anuário Comercial de Portugal*, 1937-1939.

[1714] Associação Cultural de Cascais (ed.) – *Um Olhar sobre Cascais através do seu Património*, Volume I – Património e Mundo Rural, Cascais, 1989, p.98.

condignoque incluía gabinetes de leitura, de Imprensa e de divulgação histórica municipal (no espírito das celebrações de 1940), além de salas baptizadas de «Estoril», «Comércio» e «Amigos de Cascais», podendo admirar-se retratos de ilustres que contribuíram para o progresso da autarquia: Fausto de Figueiredo e Duarte Pacheco.[1715]

A inexistência de actas relativas ao lapso de Janeiro de 1937 a Outubro 1939 impede-nos de percepcionar o esforço de promoção da Costa do Sol por CITC e JTC, apenas se retomando a informação a 23 de Outubro de 1939. No ocaso da década a JTC investiria na colocação de quadros informativos (para eventos) em gares da linha[1716], divulgação do destino por um poliglota, a bordo do *Sud-Express,* a partir do Entroncamento[1717], em estação sonora com altifalantes em quatro pontos (sede, Largo Carlos Anjos, e praias do Tamariz e da Conceição)[1718], em folheto de Gastão de Melo Matos sobre os fortes e regimentos municipais[1719], não esquecendo a remessa de material promocional para o recente Posto de Propaganda de Vilar Formoso[1720], o concurso para a criação de capa do novo folheto[1721] e a elaboração/projecção de filme sobre a Costa do Sol[1722]. Após dois anos a respeitar a missiva do Código Administrativo em vigor, JTC decidiria elevar a taxa de turismo a cobrar de 3% para 4%[1723]. A década de 1940 iniciar-se-ia com a mudança de sede da *Villa* das Palmeiras, no Monte Estoril, para o pavilhão da Ala Poente das Arcadas do Parque.[1724]

Abordadas as entidades e algumas iniciativas promocionais, destaquem-se: (1) o novo veículo de divulgação junto de britânicos; (2) a crescente aposta no mercado

[1715] *O Século*, 25 de Outubro de 1939, p.3; 24 de Novembro de 1939, p.6; *O Estoril*, 2 de Fevereiro de 1940, p.6.
[1716] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, 23 de Outubro de 1939, pp.1-2.
[1717] Marques Mata indicava que a SEP apoiaria a iniciativa, faltando consultar outros hoteleiros. Cf. *Idem*, 6 de Novembro de 1939, p.2.
[1718] A aparelhagem sonora levá-la-ia a aumentar o seguro do recheio da sede, começando as transmissões experimentais em Dezembro. Cf. *Ibidem*, 21 de Dezembro de 1939, p.1.
[1719] A publicar em 1940, marcando a participação da JTC nas comemorações dos Centenários. Cf. *Ibidem*.
[1720] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, 20 de Novembro de 1939, p.2. O intento implicaria aval do SPN, que abrira o estabelecimento a 19 de Novembro por entender, segundo discurso inaugural de António Ferro, que, na Europa coeva plena de movimento transfronteiriço e rostos graves, o sorriso era a «arma» portuguesa contra o «arame farpado mental» europeu. Cf. António Ferro,*Turismo Fonte,* pp.25-28.
[1721] *Diário de Lisboa,* 23 de Dezembro de 1939, p.2.
[1722] A exibir no Casino e, esperava-se, em algumas salas de cinema de Lisboa. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, 21 de Dezembro de 1939, p.1.
[1723] *Idem*, 6 de Novembro de 1939, p.3.
[1724] Sugestão de António Ferro aquando visita à *Villa* das Palmeiras, tendo a JTC dialogado com a SEP, anuindo Figueiredo e Cardim em arrendamento mensal, não por 3.000$00, mas por 500$00. Cf. *Ibidem*, 23 de Março de 1940, p.1. A edilidade concordaria com a mudança e o novo espaço seria mobilado e decorado com frescos de Georges Nordman. Cf. *Ibidem,* 8 de Maio de 1940, p.2.

interno, que salvaria parte das contas dos concessionários e enalteceria o regime face à grandeza da sua obra pelo país; (3) a produção fílmica do triénio final. Em Fevereiro de 1937 surgiria o *The Anglo-Portuguese News* que se apresentava como "the only English newspaper published in Portugal[1725]". Era seu director-proprietário o major Charles E. Wakeham, e seu editor Luís Marques[1726], visando-se a promoção de Portugal em Inglaterra[1727], o que explica ter o CNT decidido adquirir milhares de exemplares para distribuição em Londres[1728] logo na Primavera. Quanto à aposta no turismo interno, recordem-se o elogio que, em Abril de 1937, *O Estoril* fez à CP pela iniciativa do *Foguete*[1729], e a intensa campanha de divulgação (pela SEP) dos predicados do Estoril para famílias em edições d'*O Século*[1730](defendendo-o como "uma estância de portugueses e para portugueses"[1731]) e d'*O Século Ilustrado*[1732](destaque para a contracapa de 16 de Setembro de 1939[1733]). Outras estratégias de sedução eram a divulgação de *packs*, aliando os serviços da SE e da SEP[1734], as promoções que o Hotel Palácio facultava[1735], além do acordo entre a SE, a SEP/Hotel Palácio e o Hotel d'Itália[1736]. Estas acções derivariam de reunião convocada pela SEP aos hoteleiros locais, de modo a aferir-se a propaganda para o Inverno de 1937-1938, em especial em

[1725]*The Anglo-Portuguese News*, 20 de Fevereiro de 1937, p.1.
[1726] Luís Artur de Oliveira Marques foi um jornalista que residiu no Reino Unido, servindo de cicerone a Frederik Lowndes e à filha Susan durante as férias, em Agosto de 1938. Em Dezembro, Marques e Susan casariam, dedicando-se à gestão do periódico. Cf. Ann Bridge e Susan Lowndes – *Duas Inglesas em Portugal – Uma Viagem pelo País nos Anos 40,* trad. Jorge Almeida e Pinho, Matosinhos/Lisboa, Quidnovi, 2008, p.14.
[1727] Wakeham era representante do *The Times* em Portugal e o Director dos Serviços de Censura do regime era o primeiro a admitir que a publicação "ajudará a diminuir a grave crise turística que Portugal e principalmente o Estoril estão atravessando… [por tratar-se de um] órgão interessantíssimo de propaganda portuguesa entre os visitantes ingleses" e outros. Cf. ANTT/SNI/Censura, cx.607. Certo é que, um ano após a fundação, o Estoril seria visitado por Geoffrey Dawson, editor do *The Times*. Cf. *The Anglo-Portuguese News*, 30 de Abril de 1938, p.3.
[1728]*O Estoril*, 25 de Abril de 1937, p.2.
[1729]*Idem*, 18 de Abril de 1937, p.1.
[1730]*O Século*, 5 de Setembro de 1937, p.11; 12 de Junho de 1938, p.2.
[1731] Sobretudo com o aproximar da Exposição do Mundo Português, Cf. *Idem*, 21 de Junho de 1939, p.7.
[1732]*O Século Ilustrado*, 20 de Agosto de 1938, pp.12-13.
[1733] Trata-se de uma das imagens mais difundidas, revelando uma banhista sentada num corrimão, tendo a Praia do Tamariz como enquadramento cénico. Cf. *Idem*, 16 de Setembro de 1939, p.32.
[1734] Caso da viagem de ida e volta em 2ª classe no comboio que incluía ainda transporte da gare do Estoril ao Casino, entrada no equipamento e vale de 2$50 para consumo no bar. Cfr. *Diário de Lisboa*, 5 de Março de 1937, p.11; 8 de Abril de 1937, p.3; 2 de Abril de 1938, p.2.
[1735] Como o pacote de quatro dias para a Páscoa de 1937 a custar 230$00, em regime de pensão completa (Cf. *Idem*, 22 de Março de 1937, p.7) ou o de cinco dias, entre 27 de Maio e 1 de Junho, a cifrar-se em 300$00 (Cf. *Ibidem*, 24 de Maio de 1937, p.9.).
[1736] Anunciando preços vários entre 1 de Junho e 31 de Outubro de 1938 para deslocação ferroviária e estada nas unidades, entrada livre no Casino e desconto de 20% sobre as tarifas da piscina e dos *courts* de ténis (Cf. *Ibidem*, 30 de Julho de 1938, p.10). Eis a prova de que a época estival se ressentia da ausência de espanhóis que tanto renderam ao destino em 1934 e 1935.

Inglaterra[1737], mas acabariam por contemplar alternativas de mercados. Se no início da década a SPCS apostara na publicidade para divulgar os equipamentos recentes, no seu termo, estes «Pacotes Desespero» buscavam minimizar os prejuízos, seduzindo o cliente interno através de descontos consideráveis[1738]. A adesão da SE a iniciativas da CP como o «Comboio Turístico Porto/Lisboa»[1739], a aprovação estatal para nova modalidade de serviço combinado SE-SEP[1740] e a publicação de folheto, em meados de 1938 (listando horários, excursões e tarifas[1741]), eram estratégias para combater a crise coeva[1742]. A edição de estreia da revista*Turismo*de Julho de 1938 colocaria nas páginas iniciais um mapa de Portugal com localidades e atractivos turísticos, sob a questão "Por que não conhece Portugal?[1743]", e, para lá de outras manobras, a SEP inseriria anúncios nos números únicos de *O Anunciante,* impressos em Évora pelas feiras de São João e de São Pedro[1744], entre 1939 e 1945, sustendo o argumento de que era preciso "atrair o turista português: chamar ao Estoril o provinciano rico"[1745]. Atente-se ao anúncio de Setembro de 1939 (publicado em edições anteriores) d'*O Século*, pois o complemento iconográfico merece descrição (visual e de intenção): recém-saídos de composição eléctrica, um casal sorridente e seus dois filhos (trajando uniformes da MP) e a criada chegavam ao Estoril, estância dupla de termas e praia, onde havia "tudo para todos."[1746]

O Cinema promocional do destino e da política central pautaria as filmagens de 18 de Abril de 1937, no salão do restaurante do Casino, transformando-o em estúdio de gravação de planos a incluir por Leitão de Barros em *Maria Papoila,* comédia popular protagonizada por Mirita Casimiro[1747]; isto explica a ante-estreia à qual assistiria

[1737]*O Estoril*, 26 de Outubro de 1937, p.1.
[1738]Se a *Wagonlit* estendera os serviços à classe média, o mesmo fariam os concessionários do Estoril.
[1739] Que em Outubro de 1937 e 1938 incluiu viagens a Sintra e ao Estoril. Cfr. *O Século*, 25 de Setembro de 1937, p.3; *Diário de Lisboa*, 1 de Outubro de 1937, p.3; *O Século*, 23 de Setembro de 1938, p.4.
[1740] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº274, de 23 de Novembro de 1937. Esta compreendia viagem de ida e volta e jantar ou ceia no Casino, por 16$00, apenas para os dias semana, a partir de 3 de Dezembro de 1937, como indica anúncio em: *Diário de Lisboa*, 2 de Dezembro de 1937, p.11.
[1741] Folheto gratuito disponível nos escritórios da SE intitulado: Sociedade Estoril (ed.) – *Horário: Assinaturas – Passeios – Excursões – Tarifas – Diversas Regalias*, Lisboa, 1938. Anúncios encontrados em: *Diário de Lisboa,* 2 de Junho de 1938, p.11; *O Século*, 4 de Junho de 1938, p.15; *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 16 de Junho de 1938, p.297. Nele se desfiavam as vantagens de residir na Linha de Cascais durante o ano ou uma época isolada. Cf. *Diário de Lisboa*, 22 de Junho de 1938, p.4.
[1742] Em Abril de 1940, Fausto de Figueiredo endereçaria carta a Salazar a solicitar a mesma concessão das isenções fiscais anuídas à CP, de modo a reduzir consideravelmente o passivo e os encargos anuais da SE. Cf. ANTT/AOS/CO/FI-5, pt.18 [folhas 563-566].
[1743]*Viagem*, Julho de 1938, p.3.
[1744]*O Anunciante*, Junho de 1939, p.1.
[1745]*Diário de Lisboa*, 30 de Julho de 1939, p.5.
[1746]*O Século*, 9 de Setembro de 1939, p.2.
[1747]*Idem*, 17 de Abril de 1937, p.2.

Carmona, a 14 de Agosto[1748]. O Verão de 1938 levaria à Linha de Cascais a secção de cinema e desporto do Clube *Odéon*, com o amador Eduardo Marcelo Santos a realizar a película *Detective Amador* inspirada na realidade dos *gangsters* norte-americanos[1749]. Recentemente, a CMC assinou protocolo com a Cinemateca Portuguesa para conservação de breve documentário promocional realizado por Erico Braga, em 1938, intitulado *Sorte Grande*, onde brilharam os Costinha e Elvira Velez[1750]. Termine-se este bloco com menção a António Passaporte, filho do fotógrafo de D. Carlos I, José Carlos Passaporte. O artista iniciara carreira em Espanha, em 1926, e servira como fotógrafo de guerra até ao termo do conflito, regressando a Portugal para fundar a «Casa Passaporte *Loty*». A firma destacar-se-ia pela produção de postais ilustrados versando a promoção patrimonial, bem como pela qualidade ímpar de imagens coevas, a preto e branco.[1751]

2. Principais produtos turísticos do eixo Estoril-Cascais

2.1. Atractivos naturais: clima, termas e paisagem

O valor climático do eixo de estudo continuaria a ser elogiado, procurando-se plasmá-lo em áreas vizinhas, como se entende na sugestão do *Jornal de Sintra* de parceria promocional entre os Estoris (estância de Inverno) e Sintra (fresca estância estival)[1752]. O lente açoriano Armando Narciso prosseguia a apologia das características ímpares do clima português através de palestras na Emissora Nacional[1753] e de publicações várias[1754]. No âmbito municipal, Marques Mata continuava a «Cruzada» em defesa do microclima cascalense, como se depreende pela conferência *A Costa do Sol*,

[1748] *Ibidem*, 15 de Agosto de 1937, p.6.
[1749] Poucos anos antes John Dillinger, o «Inimigo Público nº1» da América fora morto pelo *Federal Bureau of Investigation*(FBI), mas outros criminosos dariam azo a películas romantizadas da criminalidade de cidades como Chicago. Cf.*Cinéfilo*, ?Julho de 1938, p.9 (exemplar danificado).
[1750] Câmara Municipal de Cascais (ed.) – *Cascais – Agenda Cultural*, nº49, Março/Abril de 2011, p.74.
[1751] A CMC guarda um espólio que abarca imagens registadas entre os Anos 40 e 60. Cf. Paulino Gomes (coord.) – *Cascais, Percursos e Memórias*, Vermoin-Maia: Ferrez & Azevedo, 2003, p.174.
[1752] *Jornal de Sintra*, 31 de Janeiro de 1937, p.1. Desde D. João I, e por preferência da esposa, a inglesa Philippa of Lancaster, Sintra acolheria a família real no período estival até finais da Monarquia.
[1753] *Diário de Lisboa*, 28 de Agosto de 1937, p.10.
[1754] Caso da comunicação apresentada ao Congresso de Climatologia, em 1930 (Cf. Armando Narciso – *Climat de la Côte du Soleil*, Separata da revista *Clínica, Higiene e Hidrologia*, Lisboa, nº8, Agosto de 1938, pp.287-306), ou da reflexão *Clima de Portugal Continental*, onde se ressalvava a disparidade entre os traços mediterrânicos da Costa do Sol e os atlânticos de Sintra, os quais, devidamente promovidos, tornariam o segundo local ponto de referência estival a nível internacional (Cf. Armando Narciso – *Clima de Portugal Continental*, Lisboa, Editora Médica, 1938). O autor recordava estabelecimentos da Costa do Sol como os sanatórios anti-Tuberculose, o Solário em Parede e o Preventório em construção. Junte-se-lhes o Sanatório dos Sargentos no Pisão (entregue ao governador-civil de Lisboa em Abril de 1938 e que, em Julho, acolheria crianças pobres enquanto colónia de férias). Cf. *O Século*, 14 de Julho de 1938, p.3.

*seu valor Climático, Terapeutico, Higienico e Mundano,*realizada aos microfones do RCP, no Verão de 1937[1755]. Nesse período, o Auto *Club* Médico Português»realizaria um passeio por Estoris e Praia das Maçãs (com lanche na Casa das Hortênsias), deslocando-se a caravana de cerca de 40 viaturas e 100 clínicos sob a égide do professor doutor Salazar de Sousa, seu presidente. No seu discurso, este

> lembrou que, há bastantes anos, fora convidado pelo sr. Fausto de Figueiredo, para conjuntamente com o sr. dr. Ravara e outros médicos o ouvirem sobre um seu projecto àcerca do Estoril, circunscrito, neste caso, à Quinta do Vianinha… [e todos] ficaram com a impressão de que aquilo era uma utopia, ou melhor uma doidice.[1756]

Sobre o estabelecimento termal do Estoril constatam-se o plano de captação e o projecto de *buvette* autorizados pela Direcção Geral das Minas e Serviços Geológicos, em Novembro de 1936[1757], implicando profunda renovação[1758] de tubagens, caldeira e instalações do balneário, sob supervisão da Inspecção das Águas. Em termos numéricos, o *Anuário Estatístico de Portugal* apresenta dados relativos a 1937, omitindo-os nos anos seguintes; compare-se, então 1937 com o período anterior. Assim:

	1936	**1937**
Número de empregados	13	10
Número de aquistas	198	157
Número de tratamentos	2.729	7.690
Litros de água expedidos	210	410

Quadro 29 – Movimento no estabelecimento termal do Estoril (1936-1937).

(Fonte:*Anuário Estatístico de Portugal, 1936-1937*)

No confronto dos dois anos observa-se a diminuição do número de empregados e de aquistas, e o aumento do número de tratamentos e de litros de água utilizados no equipamento. A par da adesão à prática da natação justificar que 1937 tenha sido, na década, o ano em que mais água se consumiu (comparem-se os 255 litros de 1930 com

[1755] *O Estoril*, 1 de Agosto de 1937, p.1.
[1756] Presidente do Auto *Club* Médico Português. Cf. *O Estoril*, 18 de Julho de 1937, p.4.
[1757] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº30, 5 de Fevereiro de 1937; Cf. A. de Mello Nogueira (coord.) – *Boletim de Minas – Ano de 1937*, Lisboa, Ministério do Comércio e Indústria/Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1939, p.552.
[1758] As obras justificariam o título de brochura posterior plena de imagens das instalações e equipamentos renovados: *Novo Estabelecimento Termal do Estoril*, Cascais, Tipografia Cardim, 1941.

os 210 de 1936 e os surpreendentes 410 de 1937), cremos que, ao ser estância de repouso dos Falangistas intervenientes nos campos de batalha vizinhos (conforme indicara Ralph Fox), se entenda esta forte variação. Dos eventos realizados na piscina destacamos o festival de natação de Outubro de 1937, onde se disputou a taça «José Torok» com provas para senhoras, homens e crianças[1759], e o que, dois anos depois, os Bombeiros Voluntários do Estoril organizariam para os clubes da Linha de Cascais e que incluiria demonstração de saltos artísticos pelo campeão nacional, Guedes Gonçalves e Gutierrez, do Algés e Dafundo[1760]. No campo promocional, em 1939 promoviam-se as nascentes locais como similares às de Baden-Baden[1761] (Alemanha), Montecatini (Itália), Châtel Guyon e Bourbon l'Archambault (as últimas em França)[1762], publicando-se edição *facsimilada* de obra científica de 1839, em cujo preâmbulo os directores João Raposo de Magalhães e Francisco de Matos Taquenho descreviam as propriedades clínicas como semelhantes às de Bad-Nanheim (Alemanha) e de Royat (França)[1763]. O edifício que albergava o Hotel e o estabelecimento termal do Parque seria demolido entre 1960-1961.[1764]

Quanto à paisagem do eixo Estoril-Cascais recorde-se o temporal que, a 27 de Janeiro de 1937, varreu Lisboa. Para lá dos efeitos materiais devastadores, *O Século* noticiaria que "centenas de pessoas, em automóveis, dirigiram-se para a Boca do Inferno para admirarem ali os efeitos do temporal.[1765]" O espectáculo natural era tão cativante que inspiraria o título de uma revista popular, *A Boca do Inferno,* que inaugurou a temporada no Apolo[1766], e o reforço da divulgação enquanto atracção turística pela CPC, pelo RCP[1767] e em textos no âmbito da Literatura de Viagens. Resgate-se o elogio de Oliveira Cabral que colocou as belezas naturais de Cascais ao

[1759] Nele participaram clubes como o Nacional, o Belenenses, e o vencedor, o Algés e Dafundo. Cf. *Diário de Notícias*, 4 de Outubro de 1937, p.6; *Diário de Lisboa*, 6 de Outubro de 1937, p.13.
[1760] *O Século*, 15 de Outubro de 1939, p.6.
[1761] *Idem*, 19 de Maio de 1939, p.6.
[1762] *Turismo*, Fevereiro de 1939, p.17.
[1763] Sociedade Estoril-Plage (ed.) – *Memória sobre a Utilidade, e uso Medicinal dos Banhos do Estoril*, 1839, s/l, 1939, p.6.
[1764] *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 1 de Outubro de 1960, p.265. Apesar de então se anunciar um renovado Hotel do Parque após a demolição do primitivo, apenas em Setembro de 2009 se inauguraria o moderno complexo termal do Estoril, a poucos metros do sítio do primevo. Cf. "Estoril Reabre Termas", *O Correio da Linha*, nº247, 26 de Outubro de 2009, p.3.
[1765] O sentimento de *finisterra* sobrepunha-se à segurança pessoal. *O Século*, 28 de Janeiro de 1937, p.6.
[1766] *Idem*, 11 de Março de 1937, p.7.
[1767] Anunciando-se, em jornais e ao microfone da rádio, o aproximar da melhor época de contemplação, a partir de Novembro. Cf. *O Estoril*, 31 de Outubro de 1937, p.4.

nível das atracções cosmopolitas do Estoril[1768], e o detalhe poético de José Agostinho de que, na Boca do Inferno, "o sol ostenta ali uma limpidez e majestade que raras vezes se encontram no magnífico céu de Portugal.[1769]" No mesmo espírito, a Boca do Inferno seria listada em obras sobre paisagem e monumentos nacionais publicados pelo SPN e a Comissão dos Centenários[1770], elevando-a à categoria mental de «Património». Este intento sugere-nos a citação de Ema Cláudia Pires quanto à "pitoresca ruralidade arcadiana… [e valorização da paisagem] enquanto recurso turístico nacional"[1771], qual símbolo da nação à luz da «Política do Espírito».

2.2. Os britânicos e o apelo do Golfe

A 16 de Maio de 1937 inaugurou-se o novo percurso, agora de 18 buracos, para o qual se projectara novo pavilhão[1772] com cabines para os praticantes, salas de estar e de jantar. Aos espaços sociais acrescentar-se-ia uma sala de aula onde se ministraria ensino básico aos "cinquenta a nove rapazes que ali prestam serviço.[1773]" A componente educacional do equipamento justificaria a presença[1774] do ministro da tutela, Carneiro Pacheco, na celebração, sendo-lhe conferida a honra da tacada inaugural, com recurso a bola oferecida pelo campeão nacional da modalidade, Nuno Brito e Cunha. O momento seria marcado pelo início da disputa da «Taça Inauguração» entre 52 concorrentes, terminando-se o festejo com chá e discursos de elevação à voluntariedade da SEP, face à conjuntura europeia. Quase uma década volvida desde a inauguração do campo, o Golfe era já praticado por homens e senhoras nacionais e estrangeiros, e, embora mantendo o porte aristocrático, este era "um dos melhores elementos de atracção para o turista internacional.[1775]" Aos olhos do visitante britânico a paisagem do perímetro

[1768] Oliveira Cabral – *Guia do Excursionista (Do Minho ao Algarve)*, Porto, Livraria Simões Lopes, 1937, p.105.
[1769] José Agostinho – *À Roda de Portugal*, 2º Volume, 2ª ed., Porto, Editora Educação Nacional, 1938, p.219.
[1770] Exemplo: Luís Reis dos Santos e Carlos Queiróz – *Paisagem e Monumentos de Portugal*, Lisboa, SPN e Comissão Nacional dos Centenários, 1940, p.26.
[1771] Ema Cláudia Pires, *Op. Cit.*, p.17.
[1772] Decorado pela Casa Nascimento, do Porto. Cf. *O Estoril*, 17 de Fevereiro de 1937, p.1.
[1773] *O Século*, 17 de Maio de 1937, p.2.
[1774] Ao evento compareceram ainda o Embaixador de Inglaterra, *Sir* Charles Wingfield, que, em Outubro, retornaria a Londres por ter atingido o limite de idade para a carreira diplomática (Cf. *Diário da Manhã*, 3 de Outubro de 1937, p.1), cedendo o posto a *Sir* Walford Shelby, que chegaria a Lisboa em Dezembro. Cf. *Diário de Lisboa*, 14 de Dezembro de 1937, p.4.
[1775] *O Estoril*, 27 de Junho de 1937, p.3. A comprová-lo estava o convite da SEP a oficiais da esquadra inglesa que sulcou o Tejo em Fevereiro de 1939 para dar umas tacadas e almoçar no Palácio. Cf. *Diário*

seduzia pelos vislumbres de Sintra e do Tejo e pela variedade floral descrita em *The Anglo-Portuguese News*, cuja poesia indicava a policromia de centáureas, anémonas, alfazema e afins[1776]. A título competitivo refira-se o Campeonato para Amadores, em Fevereiro de 1938, disputado entre o *Oporto Golf Club*, o *Lisbon Sports Club* e a equipa da casa, arrematando os troféus a Srª. Shervington e o Sr. T. Irving.[1777]

No campo da espiritualidade a igreja anglicana do Estoril continuava a receber atenções da colónia, realizando-se torneios de *Bridge*, concertos e até mercado de Natal no Hotel d'Itália para angariação de fundos em prol da sua conclusão[1778]. No termo da década o Bispo de Gibraltar deslocar-se-ia para a cerimónia de confirmação do templo, presidindo à reunião anual dos crentes no Hotel Paris[1779]. A piedade britânica para com a população anfitriã mantinha-se no produto de festas e nas visitas a instituições de caridade, como as da Embaixatriz Shelby, em Fevereiro e Março de 1939[1780]. No terreno da diplomacia, se Lisboa enviou representante à coroação de Jorge VI[1781], o Estoril centrou no restaurante do Casino a transmissão da cerimónia aos membros da *Eastern Telegraph Company*, adquirindo, para o efeito, um rádio «*Ecko*», "recente modelo «Coronation». Satisfazendo o desejo manifestado por vários ingleses da colónia da Costa do Sol"[1782], o aparelho animaria a tarde das hostes antes do banquete e baile de gala nocturnos. Nova fase nas relações Lisboa-Londres começaria em 1938 com a

---

de Lisboa, 6 de Fevereiro de 1939, p.5. A preferência de insignes como o (outrora) Príncipe de Gales, o Duque de Connaught e Lloyd George pelo Estoril seria mencionada em artigo em língua inglesa inserido em: *Turismo*, Fevereiro de 1937, p.10.

[1776] *The Anglo-Portuguese News*, 22 de Janeiro de 1938, p.2.

[1777] *O Estoril*, 13 de Fevereiro de 1938, p.5.

[1778] O concerto de 8 de Março de 1938 fora mencionado pelo capelão J. P. Coleman, em artigo (Cf. *O Estoril*, 17 de Março de 1938, p.3), ao passo que o mercado seria mencionado em periódico britânico publicado no Monte Estoril. Cf. *The Anglo-Portuguese News*, 3 de Dezembro de 1938, p.3.

[1779] *Idem*, 23 de Dezembro de 1939, p.14.

[1780] *Ibidem*, 11 de Fevereiro de 1939, p.2; 11 de Março de 1939, p.3.

[1781] O General Domingos A. Alves da Costa. Cf. *Diário do Governo*, IIª Série, nº83, 10 de Abril de 1937.

[1782] Exemplo da aliança entre Lazer e Política (Cf. *O Século*, 12 de Maio de 1937, p.2). A demonstração da amizade anglo-lusa marcaria a atribuição da Grã-Cruz da Ordem do Banho por Jorge VI ao Presidente Carmona (Cf. *Diário de Lisboa*, 24 de Dezembro de 1938, p.1.) e da Banda da Grã-Cruz das Três Ordens ao monarca insular (Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº101, 2 de Maio de 1939). A 23 de Novembro de 1938 criar-se-ia, em Lisboa, o *British Institute*, em cerimónia presenciada pelo ministro da Educação, Carneiro Pacheco, e pelo director do instituto, S. George West (Cf. *The Anglo-Portuguese News*, 3 de Dezembro de 1938, p.1). Para lá de salamaleques estendia-se como pano de fundo o contexto europeu, pois no conflito armado em Espanha media-se o pulso ao fulgurante domínio alemão e italiano no «Velho Continente». O apoio de Salazar ao governo rebelde de Burgos nublara as relações entre Londres e Lisboa (pois Portugal aderira ao «Acordo de Não-Intervenção»), mas a conjuntura da guerra favorável ao líder português, no início de 1938, levaria a Grã-Bretanha a re-aproximar-se, visando "contrabalançar a força do eixo italo-germânico em Espanha." Cf. António Paulo Duarte, *Op. Cit.*, p.126.

chegada da Missão Militar Inglesa[1783]; nos pontos da agenda de trabalhos cifravam-se a inexistência de base naval em Lisboa e o ensejo dos militares portugueses em garantir a protecção da fronteira terrestre, mas o desinteresse inglês no célere rearmamento do Exército aliado conduziria ao fracasso das negociações[1784]. Quando em 1939 eclodiu a Segunda Guerra Mundial Lisboa hasteou de novo a bandeira da neutralidade (por falta de meios de defesa) e Londres aceitou a posição[1785]. A estada da Missão Inglesa teve como instantes de lazer o passeio a Sintra-Cascais, seguido de almoço no Palácio[1786], torneio de ténise banquete oferecido pelo Ministro de Marinha, na estância.[1787]

2.3. Lazeres desportivos e culturais

No lapso cronológico em estudo nota-se maior distinção entre os desportos praticados por visitantes e elites (como o hipismo, o ténis, o automobilismo e a vela), e os acarinhados pelas classes populares locais (como o futebol, o atletismo e o ciclismo). Comece-se pelos Jogos Desportivos Nacionais realizados no campo do Estoril[1788], «Olímpicos à escala liliputiana», que incluíram 12 modalidades, desfile de 30 equipas e de cerca de 300 participantes[1789]. Decorridos entre 29 de Agosto e de Setembro de 1937, os Jogos culminariam com a entrega de prémios no Casino e a presença do Chefe de Estado no início e no termo competição. O certame seria enaltecido e o Estoril elogiado como a «Meca» "do desporto nacional"[1790] pela organização técnica das provas, pioneirismo interno da iniciativa e entusiasmo de praticantes e promotores na divulgação da actividade física nos terrenos, piscina e praia da estância. No rescaldo dos Jogos Olímpicos de Berlim (no Verão transacto), na senda da preocupação estatal no

[1783] Saudada no cais e aos microfones da Emissora Nacional. Cf. Capitão Alexandre de Morais – *Portugal e a Missão Militar Inglêsa*, Lisboa, Editorial Império, 1938.
[1784] António Paulo Duarte, *Op. Cit.*, pp.132-144.
[1785] Paulo Lowndes Marques – "A Aliança no Século XX", *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2001, p.673.
[1786] *O Século*, 13 de Março de 1938, p.2.
[1787] *O Estoril*, 17 de Março de 1938, p.1; *O Século*, 24 de Março de 1938, p.2. Pouco depois, Armando Marques Guedes, economista, professor e director da SEP, publicaria *A Aliança Inglêsa – Notas de História Diplomática*. Cf. *Idem*, 4 de Junho de 1938, p.1.
[1788] Sob alçada de *Os Sports*, SE e PCS. Cf. *O Século*, 30 de Agosto de 1937, p.4. Os lucros revertiam para as "federações dos desportos pobres": nunca um jornal fora tão explícito à distinção por nós efectuada entre desportos de elite e populares. Cf. *O Estoril*, 22 de Agosto de 1937, p.4.
[1789] Disputaram-se competições ao nível do Atletismo, do Ciclismo, da Natação ou do *Basketball*, por clubes como o *Sport* Lisboa e Benfica, o *Sporting* Clube de Portugal, o *Club* de Futebol «Os Belenenses», o *Sport* Algés e Dafundo e o Casa Pia Atlético *Club*. Cf. *O Estoril*, 29 de Agosto de 1937, p.6.
[1790] *Idem*, 5 de Setembro de 1937, p.4.

controlo dos tempos livres da massa anónima nacional e na apologia da preparação física dos portugueses para resistir a ofensivas externas[1791], o espectáculo dos Jogos Nacionais denunciava a fascização do Estoril e do país, cativando turistas e excursionistas para assistência às provas. Quanto às comunidades anfitriãs regionais, no triénio 1937-1939 os clubes da Grande Lisboa participaram em eventos desportivos subordinados a práticas específicas, como:

1) o campeonato anual de *Volleyball*, a cargo de Estêvão Torok e do *Dolphins Club*, no Tamariz, em que participaram equipas como o Parque Estoril, o Tamariz, o Campolide e o Ericeira[1792];
2) a estafeta «Cascais-Lisboa» organizada pela Associação de Atletismo de Lisboa, num percurso de 24km até à Avenida da Índia[1793];
3) o campeonato de Futebol do Estoril que, no Verão de 1937, se limitava a disputa de uma «Volta» por equipas de praias como o Estoril, Cascais ou a Praia das Maçãs[1794], em competição organizada por Estêvão Torok e pela SPCS, mas que no fecho da década conduzindo a Associação de Futebol de Lisboa a projectar o «Campeonato do Núcleo Oeiras-Cascais», em duas «Voltas» a disputar entre Janeiro e Abril de 1939[1795];
4) o «Grande Circuito General Carmona», em ciclismo, a cargo da Misericórdia e do GDSC, pedalando-se 35Km ao longo da estrada da Boca do Inferno.[1796]

O mais notável clube surgido da efusividade das práticas físicas no perímetro do Estoril[1797] foi o Grupo Desportivo Estoril-*Plage* (GDEP), fundado a 17 de Maio de 1939 como "Associação de desporto e recreio"[1798] e composto, sobretudo, por funcionários da SEP. Envergando as tonalidades do brasão da freguesia do Estoril na "camisola amarela de ouro e calção azul claro"[1799], o clube tinha como sede provisória o

[1791]A ideia do Desporto ao serviço da pátria, na ânsia de refinar a «Raça» era uma forma de modelar cada cidadão aos ideais do regime, pois "o indivíduo deveria ser no desporto aquilo que se pretendia na sociedade salazarista: correcto, disciplinado, em consonância com a lei, com controlo das suas emoções, consciente do seu papel social, obediente, racional, etc." Cf. Ricardo Serrado, *Op. Cit.*, p.69.
[1792]*O Século*, 2 de Setembro de 1938, p.5.
[1793]*Diário de Lisboa*, 28 de Fevereiro de 1937, p.5. Prova que, em 1939, seria ganha pelo Belenenses. Cf. *Idem*, 26 de Março de 1939, p.5.
[1794]*Ibidem*, 21 de Agosto de 1937, p.9.
[1795]*O Século*, 15 de Janeiro de 1939, p.7.
[1796]*O Estoril*, 12 de Setembro de 1937, p.4.
[1797] Recorde-se a prova ciclista entre pessoal dos hotéis Palácio e do Parque, a 4 de Setembro de 1937. Cf. *O Estoril*, 12 de Setembro de 1937, p.2.
[1798]*Estatutos do Grupo Desportivo Estoril-Plage*, Lisboa, Severo Freitas, Mega & C.ª, 1941, p.7.
[1799]*Idem*, p.20.

antigo pavilhão de Golfe defronte do campo de jogos; eram presidentes de honra Figueiredo, Cardim e Nunes Ereira[1800]. A veneração pelo Desporto teria como ponto alto nacional a celebração das «Bodas de Ouro» do Futebol em Portugal, de 25 a 30 de Outubro de 1938, através da organização do I Congresso Nacional de Futebol e a I Exposição Histórica do Futebol Português. Iniciativas d'*O Século*, os eventos celebrariam a partida disputada em 1888 pelos irmãos Pinto Basto e amigos no campo da Parada, em Cascais[1801]. Dos oito pioneiros ainda vivos Guilherme Pinto Basto seria o convidado de honra nessa homenagem à prática desportiva que aliava a teoria científica do congresso à parafernália histórica de troféus, equipamentos, fotografias e afins.[1802]

No âmbito do Turismo internacional/de elite o Estoril continuava a divulgar novidades como o *Push-ball*[1803] (semelhante ao *Volleyball*), o ténis[1804] e a equitação[1805], além do tiro e dos desportos de velocidade e náuticos. Em Cascais, o ténis mantinha-se circunscrito aos *courts* do SCC[1806], enquanto que as provas hípicas se deslocaram da Marinha à Gandarinha[1807] e as regatas animavam a Baía. Quanto ao Tiro, a abertura do *Stand* no pinhal do Estoril não era inocente face à estada de falangistas e à contenda vizinha, tal como não seriam inconscientes a organização de provas como o «Torneio de Tiro à Carabina» (em Agosto de 1937)[1808], a criação de campo de tiro em São Pedro do Estoril[1809] ou as reportagens de *O Século* sobre a prática da Caça (em Agosto e Setembro de 1938)[1810]. Em Cascais, o SCC organizaria em Julho de 1937 um torneio de

[1800] *O Estoril*, 17 de Junho de 1939, p.2. Note-se que os «canarinhos» do Estoril hoje sediados na Amoreira regressaram ao escalão maior do Futebol português nesta década de 2012/2013.
[1801] *O Século*, 26 de Outubro de 1938, p.2.
[1802] *Idem*, 30 de Outubro de 1938, p.8. A curto prazo, a tríade «Fado-Fátima-Futebol» ocuparia de corpo e Alma um povo nada interessado em política. Cf. Tom Gallagher – *Portugal, A Twentieth Century Interpretation*, Manchester, Manchester University Press, 1983, p.94.
[1803] *O Século*, 23 de Fevereiro de 1938, p.4.
[1804] Com a disputa de campeonatos de Inverno, Verão, Infantis, Principiantes e até provas pontuais como o torneio queopôs militares das missões inglesa e portuguesa. Cf. *Ibidem*, 14 de Março de 1938, p.7.
[1805] O novo picadeiro na Estrada de Bicesse era equipamento a reter. Cf. *Idem*, 3 de Janeiro de 1937, p.2.
[1806] Envisando cativar mais sócios pela organização de campeonatos internacionais, como o de Outubro de 1937, para o qual fora convidado Charles Neyert, campeão da Bélgica, como grande atracção do evento. Cf. *Diário de Notícias*, 5 de Outubro de 1937, p.7.
[1807] Cedido pelo Visconde dos Olivais à CPC, o Parque da Gandarinha acolheria iniciativas organizadas pela SHP e a CPC, algumas com intentos beneficentes, caso das provas de Agosto de 1939 a favor da Casa dos Pescadores. Cf. *O Século*, 28 de Agosto de 1939, p.5; Cf. CPC, *Boletim*, p.4.
[1808] Dividido nas categorias de senhoras, homens e crianças. Cf. *O Século*, 9 de Agosto de 1937, p.2.
[1809] Obra da Associação Humanitária «Amadeu Duarte», de Parede. Cf. *Idem*, 27 de Junho de 1938, p.7.
[1810] *Ibidem*, 15 de Setembro de 1938, p.1.

Tiro aos Pratos no *Stand* em Santa Marta[1811], destinado a principiantes residentes na Costa do Sol, não maquilhando intentos bélicos de cariz defensivo territorial.[1812]

No domínio automóvel, o calendário de 1937 começaria com uma «montra» de modelos, pelo desfile de 4 de Abril onde pontuaram os mais recentes exemplares de marcas como a *Austin*, a *Chrysler*, a *Lancia*, a *Buick* e a *Oldsmobile*, cujas novidades deram duas voltas ao Parque Estoril[1813]. Entre as provas destaquem-se o Circuito Internacional de 1937, a crescente adesão de senhoras a provas de velocidade e a «*Ginkana*» na Parada (1938). O Circuito Internacional do Estoril decorreu a 15 de Agosto de 1937 pela colaboração das Forças Motorizadas da LP e do ACP, revertendo as receitas para o fundo geral da primeira[1814]. Centrando-se no perímetro fechado do Parque a prova contabilizaria 84km (30 voltas), nela competindo o brasileiro Benedito Lopes, o inglês E. K. Rayson e os lusos Vasco Sameiro[1815], Jorge Monte Real e Manuel de Oliveira. Presenciada por Carmona, autoridades centrais e locais, e milhares de adeptos, a competição glorificaria Manuel de Oliveira ao volante de um *Ford*[1816]. "Embora lentamente, a cultura física e os jogos desportivos estão conquistando a mulher portuguesa"[1817]: era assim que uma reportagem fotográfica se dirigia ao comentar o «I *Rallye* Feminino» organizado pelo «*Club* dos 100 à Hora» e pela revista *Modas & Bordados*, a 31 de Julho de 1938, cuja vitória sorriu a Deolinda Nunes dos Santos[1818]. A 30 de Outubro, os terrenos da Parada acolheriam a «*Ginkana*» disputada por duas dezenas de concorrentes e ganha pela dupla Jorge Monte Real-Teresa Castro Pereira[1819]. O Motociclismo não se desenvolvera como o Automobilismo, tentando-se novo impulso pela realização da prova de motos antes da competição de automóveis, aquando do I Circuito Internacional do Estoril. Contudo, o Moto *Club* de Portugal limitar-se-ia a

[1811] *O Estoril*, 27 de Junho de 1937, p.5.
[1812] Outra modalidade que podia servir esforços de comunicação em temos de guerra era a Columbofilia, e o *Club* Columbófilo da Costa do Sol nasceria a 12 de Junho de 1937, em pavilhão nos terrenos da família Sommer, junto à gare do Monte (Cf. *O Estoril*, 13 de Junho de 1937, p.4). Em Março de 1938, este divulgaria o calendário de provas, pleno de taças a entregar. Cf. *O Século*, 17 de Março de 1938, p.4.
[1813] *Diário de Lisboa*, 5 de Abril de 1937, p.11.
[1814] A prova recebera aval do presidente da Junta Central da LP, Costa Leite Lumbrales, que era também Sub-secretário de Estado das Finanças, num momento em que o ACP era liderado pelo Conde de Monte Real. Cf. *Idem*, 17 de Junho de 1937, p.5.
[1815] Recente vencedor do Circuito de Vila Real. Cf. *O Século*, 7 de Agosto de 1937, p.1.
[1816] *ACP*, Julho de 1937, pp.11-14.
[1817] *O Século Ilustrado*, 6 de Agosto de 1938, p.9.
[1818] *Modas & Bordados*, 10 de Agosto de 1938, pp.4-5; *O Volante*, 15 de Agosto de 1938, p.5.
[1819] Outras duplas participantes incluíam nomes sonantes como Ricardo&Maria Carlota Pinto Basto, António Champalimaud & Srª. Roquette, entre outros. Cf. *ACP*, Outubro de 1938, p.30.

organizar uma prova para principiantes e, dos oito rapazes inscritos, o troféu seria arrebatado por António Pinto.[1820]

Focando-nos no desporto náutico, em 1937 a CPC publicaria boletim onde anunciava o desejo de criar a Secção Náutica Afonso Sanches, de forma a formar rapazes, entre os 6 e os 18 anos, voluntariando-se Custódio Nunes Borges de Carvalho (Delegado Marítimo de Cascais)[1821] para o efeito e aderindo o CNL à ideia pela mão do engenheiro Abreu Nunes[1822]. Nessa fase nasceria o modelo «Lusito» graças à união de esforços entre a ANL e a MP, criando-se "um monótipo, pequeno e muito veloz"[1823] que entraria em cena em competições como as Regatas Internacionais da MP e o festival do *Club* Náutico Afonso Sanches[1824], do Verão de 1938. Nesse Agosto, as Regatas Internacionais apenas contariam com a presença das juventudes portuguesa e alemã, apesar dos convites endereçados às congéneres de Inglaterra, Itália, Espanha, Dinamarca e França[1825]. A *Hitlerjugend* aterraria em Sintra em voo da *Lufthansa*, seguindo de autocarro para o Colégio da Bafureira, em Parede, onde ficariam alojadas as duas equipas de seis rapazes cada (de 12 a 15 anos) liderados por um instrutor adulto[1826]. As provas limitar-se-iam aos dias 27 e 28 de Agosto, nelas participando filiados da MP oriundos de Lisboa e do Porto e a estas assistindo outros elementos que, a 28, deslocar-se-iam para acampar na Quinta da Marinha, terminando aí o curso de graduação[1827]. O troféu seria arrebatado pela formação visitante, disputando-se apenas três provas, pois as condições do mar forçariam a quarta a resumir-se a mera exibição de perícia. A SE aderiria ao evento no momento da entrega de prémios e na oferta de lanche aos convidados da MP[1828]. Dias depois o *Club* Náutico Afonso Sanches[1829] e a CPC organizariam um festival na Baía com provas de natação e de remo[1830]; a 18 de

[1820] Filho do motociclista profissional Inocêncio Pinto, que circularia no Estoril a uma média de 81km/h. Cf. *ACP*, Julho de 1937, p.15.
[1821] Posto (estabilizado) registado no *Anuário Comercial de Portugal* a partir de 1935.
[1822] CPC, *Boletim*, p.6.
[1823] António Carvalho, *Da Primeira Regata*,p.132.
[1824] Que a 10 de Julho lançara à água o «Bahia de Cascais», que tivera como madrinha Maria Cristina de Abreu, filha de Abreu Nunes, presidente da CPC. Cf. *O Estoril*, 10 de Julho de 1938, p.7.
[1825] *O Século*, 18 de Agosto de 1938, p.2.
[1826] *Idem*, 25 de Agosto de 1938, p.1.
[1827] *Ibidem*, 27 de Agosto de 1938, p.2.
[1828] *Diário de Lisboa*, 28 de Agosto de 1938, p.2.
[1829] Que a 8 de Julho de 1939 estava sediado na Rua Afonso Sanches, nº16, surgindo o Posto Náutico, na Praia dos Pescadores, uma semana depois. Cf. António Carvalho, *Da Primeira Regata*,p.139.
[1830] A corrida de «charutos» foi ganha por António Manuel Carmona, neto do Presidente da República. Cf. *O Século*, 5 de Setembro de 1938, p.8.

Setembro filiados da MP de Lisboa competiriam pelo prémio «*Walter Brasch*»[1831] e a 2 de Outubro o CNL organizaria festas no âmbito da inauguração da Casa dos Pescadores de Cascais. O ano terminaria com a publicação do decreto-lei nº29:207 de 5 de Setembro, que forçava a inscrição de barcos de recreio nos núcleos navais da LP ou da MP, agora "as únicas a conceder cartas de patrão de vela e de patrão de costa"[1832], em detrimento das autoridades marítimas nacionais. Os velejadores eram compelidos a pertencer a uma das duas entidades e a clubes locais, respeitando o calendário de competições: o Estado Novo apertava o cerco a uma modalidade até então apenas inserida no perfil do lazer. A excelência física dos filiados na MP conduziria, no termo da década, à inauguração do Centro de Medicina Desportiva da MP, no Liceu Camões, a 11 de Agosto de 1939.[1833]

No campo dos lazeres culturais o MCCG[1834] e a Cidadela[1835] imperavam, mas novidades[1836] surgiriam no último triénio da década. Na Museologia surgiria, em 1938, um acervo científico denominado de Museu Tiflológico (a cargo do Instituto de Cegos Branco Rodrigues), pelo que atente-se aos dados do *Anuário Estatístico de Portugal*:

[1831] Iniciando-se o evento no posto de Vela que a entidade detinha em Cascais. Cf. *Diário de Lisboa*, 19 de Setembro de 1938, p.4.
[1832] António Carvalho, *Da Primeira Regata*,p.140.
[1833]*O Século*, 12 de Agosto de 1939, p.1. O centro inspirar-se-ia no nacional-socialismo alemão (pela via higienista e eugenística, apesar da mestiçagem da «Raça» portuguesa). Cf. Orlando Grossegesse – "«Raça, Força e Coragem». A Questão da Educação Física nas Relações Luso-Alemãs", *Zonas de Contacto Estado Novo/III Reich (1933-1945)*, Mário Matos e Orlando Grossegesse (org.), Perafita, TDP Limitada – Edições, 2011, p.56.
[1834] Sob alçada de João de Lacerda, delegado da comissão administrativa. Cf. *Anuário Comercial de Portugal*, 1937-1939.
[1835] À qual afluía a população a cada retorno de Carmona das viagens aos territórios portugueses em África. Cf. *O Século*, 11 de Julho de 1938, p.2; 12 de Setembro de 1939, p.2. No termo da década a Cidadela era sede do agora designado Regimento de Artilharia Contra Aeronaves, liderado pelo Tenente-Coronel José C. S. Dias. Cf. *Anuário Comercial de Portugal*, 1939, p.2407.
[1836]Prosseguia a reformulação do Palácio dos Condes da Guarda, como se nota pelo crédito facultado à CMC,para reparação e aquisição de mobiliário. Cf. Decreto-lei nº29:009 de 19 de Setembro de 1938.

	1937	1938	1939
Número de visitantes	10.143	5.063	5.725
Receitas de entradas	1.396$00	1.538$00	1.344$00
Número de objectos doados	0	76	1
Número de objectos adquiridos	121	120	0
Total de pessoal ao serviço	9	9	9

Quadro 30 – Museu Condes de Castro Guimarães (1937-1939).

(Fonte:*Anuário Estatístico de Portugal, 1937-1939*)

	1938	1939
Número de visitantes	36	85
Total de pessoal ao serviço	1	1

Quadro 31 – Museu Tiflológico (1938-1939).

(Fonte:*Anuário Estatístico de Portugal, 1938-1939*)

No caso do MCCG o ano de 1937 foi *sui generis* pelo registo de mais de 10.00 visitantes, cifra apenas ultrapassada no ano inaugural de 1931 (com 12.414 entradas), notando-se quebra para metade em 1938 e ligeira subida de valores no ano seguinte (contando-se, então, 5.725 elementos). Contudo, o volume de visitas em 1937 não correspondeu a mais receitas, antes se mantendo a queda iniciada em 1932, pelo que concluímos terem sido facultadas gratuidades para incentivar o público, o qual não correspondeu ao apelo de visita e ao investimento em peças pelos gestores do acervo. À estabilidade de 9 funcionários contrapôs-se a flutuação nas peças adquiridas, pois se em 1937 se agregaram 121 novos objectos (entre doados e adquiridos), face aos dois exemplares do ano anterior, em 1938 somaram-se quase 200 peças novas, face a uma única em 1939. Em relação ao Museu Tiflológico apenas são facultados sobre visitantes e colaboradores, pelo que concluímos tratar-se de uma colecção privada, sem intentos lucrativos, aberta a visitas especializadas (resumindo-se as entradas a menos de uma centena) e acompanhada por um único representante do proprietário.

Na senda do artigo 98º do Código Administrativo, surgiria a comissão municipal de arte e arqueologia e, de facto, a segunda começaria a ser respeitada na autarquia, a partir de 1937, com a descoberta de túmulos pré-históricos (datados de 2.500 A.C.), em Alapraia, perto do Estoril, sendo a sua divulgação científica alvo de publicação no *The Catholic Times*[1837]. Embora só no início de 1940 João de Costa Lopes[1838] inaugurasse a apologia das fortalezas costeiras da autarquia, a Cidadela permanecia o colosso estrutural e simbólico concelhio. Outra das novidades coevas foi a deslocação dos cursos de Verão da FLUL do MCCG para o Casino Internacional do Monte. A brochura promocional de 1937 listava locais e modalidades de inscrição, deslocação ferroviária, hospedagem e formação[1839], e o programa social[1840], num vasto menu organizado pelo agora director da faculdade, Vieira de Almeida[1841], a cuja sessão inaugural a 2 de Agosto de 1937 compareceu o ministro do Comércio e Indústria, Pedro Teotónio Pereira[1842]. Até final dos Anos 30 o Casino Internacional acolheria as edições seguintes, mantendo a filosofia de formação e de oferta paralela.

Falar de práticas culturais sazonais era abordar o Carnaval, os Santos Populares e o *réveillon*, aos quais, a consciência e o temor da violência em Espanha adicionaria a piedade do período pascal, como se verificou na «Semana Santa» de 1938. Nela, entre Quinta-feira e Domingo Cascais foi palco de episódios como missas, cerimónia do «Lava-pés» aos pobres, procissões[1843] e bênção das embarcações na Baía, além da exposição de montras das lojas da vila.Iniciativa de pendor local, ali afluiriam excursionistas, alguns dos quais "automobilistas de Lisboa e de outros pontos do

[1837] *O Estoril*, 27 de Junho de 1937, p.6. No decénio seguinte, Fausto do Amaral Figueiredo e Afonso do Paço divulgariam a riqueza arqueológica concelhia em congressos e publicando textos como: Afonso do Paço e Maxime Vaultier – *Estação Eneolítica do Estoril*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1943. Em 2012 o Centro Cultural de Cascais acolheu o ciclo de conferências *Blick Mira Olha! O Arquivo Fotográfico do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid*, resgatando a «febre» pela Arqueologia cascalense nos Anos 40 a 60. Cf. Câmara Municipal de Cascais (ed.) – *Cascais – Agenda Cultural*, nº54, Janeiro/Fevereiro de 2012, p.54.

[1838] *O Estoril*, 2 de Fevereiro de 1940, p.5.

[1839] Entre níveis de ensino de Língua Portuguesa, Literatura, História, Arte, Geografia e Economia por lentes como Hernâni Cidade, Orlando Ribeiro e Marques Guedes (da SEP).

[1840] Caso da excursão às Berlengas (a bordo do rebocador «Estoril», facultado por Alfredo da Silva), concertos, recital de poesia e teatro vicentino (à noite, na praia). A última iniciativa seria resgatada pelo Batalhão nº10 da LP em Agosto de 1938, ao promover um festival com dois autos representados no adro da igreja de Santo António. Cf. *O Século*, 20 de Agosto de 1938, p.2. Quanto a Alfredo da Silva, o industrial faleceria em 1942, sendo enterrado em mausoléu nas fábricas da CUF, no Barreiro. Cf. Pedro Jorge Castro – *Salazar e os Milionários*, Lisboa, Quetzal Editores, 2009, p.141.

[1841] *Curso de Férias no Estoril da Faculdade de Letras de Lisboa – 1937*, Lisboa, Oficina Fernandes, 1937.

[1842] *Diário de Lisboa*, 2 de Agosto de 1937, p.5.

[1843] Integrando filiados da MP e da LP, alunos do Seminário do Estoril, autoridades municipais e comunidade nativa (rural e piscatória).

País.[1844]" Paradoxalmente, no Casino do Estoril a Páscoa era dedicada às crianças, num cenário de festa dominado por um «ovo-pinhata» de dois metros de altura, espectáculos com exibição de palhaços e de bailarinos «de palmo e meio», oferecendo-se doces e brindes[1845]. Igual contraponto entre a vivência do Carnaval em Cascais e no Estoril revelava a prática popular de exageros puníveis por lei e o Corso organizado pela CPC[1846] na vila, e o elegante «Baile da Pinhata» do mundano Casino[1847], em cujo Parque anexo seria retomada a celebração da Batalha das Flores na Primavera de 1937. Organizada por uma comissão de senhoras e pela SPCS, e revertendo o produto final para casas de caridade da autarquia, a 2 de Maio de 1937 desfilariam 17 carros alegóricos e automóveis particulares no (encerrado) Parque Estoril[1848], além de a assistência incluir os excursionistas que aportaram a Alcântara nesse dia[1849]. Resgatava-se, pois, uma iniciativa de anos idos como parte da fórmula de superação do *desaire* da época natalícia de 1936-1937, a ponto de exaltar-se o Estoril como palco mais luminoso quando comparado com áreas como Monte Carlo, Rio de Janeiro e Viena onde se oferecia momento similar aos visitantes, por neles faltar "o sol português.[1850]" Dois anos depois, a Segunda-feira de Carnaval primaria pela pioneira Batalha de Flores Infantil do Estoril[1851]. Mencionar flores e plantas é relevar a continuidade de exposições a cargo da SEP e da CPC[1852], e abordar exposições é listar a «3ª Exposição Canina Internacional do Estoril», a 3 de Setembro de 1939, ajuizada pelo inglês T. Hamilton Adams, do *Kennel Club* de Londres, no terraço do Casino[1853]. Mencione-se ainda o «IV *Salon* do Estoril», em 1938, que contou com 161 trabalhos nas categorias de pintura a óleo, aguarela, desenho e pastel[1854], terminando a década com a sua 5ª edição.[1855]

[1844] *O Século*, 10 de Abril de 1938, p.11.
[1845] *Idem*, 14 de Abril de 1938, p.2.
[1846] Com a participação de carros alegóricos da CMC, do GDSC e da SMC. Cf. *Ibidem*, 28 de Fevereiro de 1938, pp.5-6.
[1847] *Ibidem*, 6 de Março de 1938, p.2. No Carnaval de 1939 o *Diário de Lisboa* inseriria uma página com caricaturas mascaradas de vultos nacionais, identificando-se Fausto de Figueiredo vestido como guarda de passagem de nível da Linha de Cascais, envergando pitorescos chapéu, lenço, camisa branca, saia e avental. Cf. *Diário de Lisboa*, 20 de Fevereiro de 1939, p.5.
[1848] *O Século*, 1 de Maio de 1937, p.2.
[1849] *Idem*, 27 de Abril de 1937, p.2.
[1850] *O Estoril*, 2 de Maio de 1937, p.1.
[1851] Com triciclos e bicicletas. Cf. *Diário de Lisboa*, 27 de Janeiro de 1939, p.6.
[1852] Em Maio de 1938 os salões do SCC acolheriam a iniciativa da CPC (Cf. *The Anglo-Portuguese News*, 16 de Abril de 1938, p.2); em 1939, essa entidade aliar-se-ia à CMC, para, no Parque da Gandarinha, o edil capitão Raposo Pessoa inaugurar a exposição. Cf. *O Século*, 12 de Maio de 1939, p.2.
[1853] Consigo trouxera uma *English Springer* de trabalho para divulgar fora de concurso. Cf. O *Estoril*, 23 de Setembro de 1939, p.3.
[1854] *O Estoril*, 27 de Abril de 1938, p.2.
[1855] *O Século*, 21 de Maio de 1939, p.2.

3. Transportes, telecomunicações e tecnologia aplicada ao Lazer

Em Fevereiro de 1937 a SE inaugurou cinco novas carruagens produzidas nas oficinas da CP, no Barreiro, momento abrilhantado pela presença do General Carmona: este entregaria comendas da Ordem de Mérito Industrial a quatro dos mais antigos funcionários associados à produção, exaltando-se o primor da indústria nacional numa festa que, no Tamariz, reuniria pessoal da SE e das oficinas da CP[1856]. Construídas pela primeira vez no país, as composições eram iguais às de origem belga em circulação, repetindo-lhes a pintura em esmalte verde e os assentos estofados, destinando-se duas à 3ª classe e três à 2ª[1857], indiciando o alargamento dos públicos-alvo face à concorrência rodoviária. A melhoria no serviço facultado pela SE seria complementada pela introdução de sinalização automática para a circulação de comboios, com recurso ao *Block System* automático, após aprovação das instruções provisórias pelo MOPC[1858], a que se acrescentaria aditamento posterior[1859]. Em termos numéricos, observem-se dados sobre o tráfego de passageiros no último triénio da década:

1937	**1938**	**1939**
5.092.392	5.286.254	5.311.688

Quadro 32 – Tráfego de passageiros na Linha de Cascais (1937-1939).

(Fonte: *Anuário Estatístico de Portugal, 1937-1939*)

De facto, nota-se acréscimo na frequência dos comboios, a que não seriam alheias as modalidades combinadas e as reduções ligadas a eventos realizados pela Costa do Sol. Agora que se termina o estudo do período balizado, indiquem-se valores sobre o rendimento de tráfego, despesas e receitas auferidas nos anos de 1929, 1935 e 1939, para se compreender um pouco o panorama dos 11 anos em causa. A saber:

[1856]Cfr. *Indústria Portuguesa*, Fevereiro de 1937, pp.13-17; *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 16de Março de 1937, p.153. No ano seguinte, dirigentes da SE, como Figueiredo, compareceriam à inauguração das instalações da Fundição de Oeiras. Cf. *O Século*, 11 de Novembro de 1938, p.3.
[1857]*Idem*, 14 de Fevereiro de 1937, p.3.
[1858] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº54, de 6 de Março de 1937.
[1859] Cf. *Idem*, nº116, de 21 de Maio de 1938.

	1929	1935	1939
Rendimento total de tráfego (pessoas e mercadorias)	10.928.013$32	9.826.710$27	9.786.793$00
Despesas de exploração	6.915.871$04	6.399.332$82	6.768.919$00
Receitas/saldo (positivo)	4.012.142$28	3.427.377$45	3.017.874$00

Quadro 33 – Rendimento, despesas e receitas da SE em 1929, 1935 e 1939.

(Fonte: *Anuário Estatístico de Portugal, 1929, 1935 e 1939*)

Comparando os três momentos nota-se uma quebra no rendimento total auferido do tráfego de pessoas e bens, variação nas despesas de exploração (alínea dependente de impostos e renovação de materiais e equipamentos tecnológicos) e decréscimo no saldo positivo da concessionária do ramal de Cascais. Na década seguinte, outros encargos surgiriam, como alterações ao percurso ferroviário devido à construção da Marginal[1860]. Abordando o *Sud-Express* há a apontar a interrupção do serviço aquando do deflagrar das hostilidades em Espanha no Verão de 1936, o restabelecimento esporádico nos três anos seguintes[1861] e a nomeação oficial do engenheiro Rogério Vasco Ramalho[1862] para ali deslocar-se e acertar o retomar da ligação ferroviária Estoril-Lisboa-Madrid-Paris. O *Sud-Express* regularizaria a marcha a 1 de Agosto de 1939 denotando, pouco depois, atrasos na chegada a Vilar Formoso, sendo suprimido devido à Segunda Guerra.[1863]

As Telecomunicações no último triénio da década de 1930 revelaram-se intensas a nível telefónico, como se observa no seguinte quadro:

	1937	1938	1939
Assinantes	370	400	446
Cabines	22	33	93

Quadro 34– Serviço da *Anglo-Portuguese Telephone Company* no Estoril (1937-1939).

(Fonte: *Anuário Estatístico de Portugal, 1937-1939)*

[1860] Como aconteceria no troço Alcântara-Cruz Quebrada. Cf. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 1 de Setembro de 1939, p.415.
[1861] Em Março de 1939 o *Sud* descarrilaria a cerca de 40km de San Sebastian, não por cilada, mas por inesperado nevão. Cf. *O Século Ilustrado*, 8 de Abril de 1939, p.25.
[1862] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº158, de 10 de Julho de 1939.
[1863] *Gazeta dos Caminhos de Ferro*,16 de Agosto de 1939, p.393; *Diário de Lisboa*, 3 de Setembro de 1939, p.3.

	1937	1938	1939
Assinantes	135	139	426
Cabines	16	17	156

Quadro 35 – Serviço da *Anglo-Portuguese Telephone Company* em Cascais (1937-1939).

(Fonte: *idem*)

Os dados resgatados de anuários oficiais revelam valores abismais no curto espaço de três anos. Assim, tanto Cascais como o Estoril verificaram crescendo de assinantes e de cabines públicas. Inesperados são os valores de 1939 demonstrando o «Centro de Comunicações» em que as duas freguesias se transformaram, quer pela neutralidade oficial, quer pela situação geo-estratégicaportuguesa.

No campo da aviação, em Dezembro de 1936 o Embaixador da Alemanha inauguraria a ligação semanal Lisboa-Estugarda[1864] com escalas (propícias ao franquismo, note-se) em Burgos, Marselha e Genebra, podendo o trajecto ser complementado com voos a Berlim e a Londres já em solo alemão. Em Janeiro de 1937 anunciava-se a inauguração, na Quinta da Marinha, de uma escola que se cria vir a tornar base de aviação turística e comercial, a curto prazo[1865], mas da qual não obtivemos mais referências. Por outro lado, em Abril de 1938, *O Século* indicava a gratuidade nas inscrições de legionários do comando distrital de Lisboa que desejassem frequentar o curso de piloto de aviões de Turismo[1866]. Mais elementos sobre aeronáutica dedicada ao Lazer são facultados a partir de Maio de 1939, começando com a notícia de que o engenheiro Moreira de Oliveira desejava construir, em Alverca, aviões de Turismo semelhantes aos modelos ingleses[1867], ao passo que o aeroporto de Cabo Ruivo servia de ensaio a carreiras entre a Europa e os Estados Unidos, profetizando-se que, a curto prazo, "Lisboa será, de facto, a placa giratória das linhas transatlânticas. Desempenhará o papel importantíssimo de cais da Europa.[1868]" Ao mesmo tempo prosseguia na Portela de Sacavém a terraplanagem dos terrenos que, desejava-se, em

[1864]*Bulletin de Renseignements Politiques, Économiques et Littéraires,* Lisbonne, SPN, nº20, 21 Décembre 1936, p.3.
[1865]*O Estoril*, 10 de Janeiro de 1937, p.1.
[1866]*O Século*, 26 de Abril de 1938, p.5.
[1867]*Diário de Lisboa,* 8 de Maio de 1939, p.5.
[1868]*Idem*, 25 de Maio de 1939, p.4. Em breve, o optimismo do artigo transformar-se-ia em agoiro.

1940 acolheria visitantes para a Exposição do Mundo Português[1869]. Assertiva foi a iniciativa da *Pan-American* que, em Junho de 1939, transportou 16 jornalistas entre Baltimore e Lisboa (com escala em Horta) em cerca de 21 horas; a segura e animada viagem do «*Atlantic Clipper*» terminaria em Southampton. Os representantes de *Media*norte-americanos (como a *Associated Press*, a *United Press*, o *Chicago Tribune* ou o *New Herald Tribune*) e funcionários da transportadora aérea seriam acolhidos por representantes da agência (Pedro Pinto Basto) e do SPN[1870]. A 24 de Junho e a convite da SEP, os repórteres almoçariam no Palácio, seguindo-se visita de divulgação às instalações da concessionária que muito agradou aos jornalistas.[1871]

Terminamos focando o Cinema, e recordando que o encerramento temporário da sala de projecção cinematográfica do Casino do Estoril levaria a reabertura em Janeiro de 1937, utilizando-se dois novos aparelhos e retomando-se as sessões de Sexta-feira a Domingo[1872]. As exibições manteriam o cariz tríplice da segunda metade da década ao projectar-se filmes de puro Lazer, documentários de cariz bélico e longas-metragens nacionais promotoras do bucolismo do «Espírito» português. Inseridos no primeiro perfil estiveram o festival infantil dedicado ao 9º aniversário da «menina sensação» Shirley Temple[1873], em Abril de 1938, e a sessão de patinagem no terraço do Casino que, em Julho, se conciliaria com a projecção de filme sobre a modalidade[1874]; do segundo tipo, o Casino exibiu, entre Agosto de 1937 e o 28 de Maio seguinte, o documentário sobre a instrução do Batalhão nº10 da LP (sediado na Cidadela)[1875] e, em Setembro de 1937, acolheu um festival, cujos lucros reverteram para a Misericórdia concelhia, projectando os filmes *A Caminho de Madrid* e *Núcleo de Cavalaria 2 da LP*[1876]. Na última categoria recorde-se a *première* de *Maria Papoila*[1877]. Em Cascais, o triénio seria marcado por sessões no Casino da Praia e no recente Parque Atlântico.[1878]

[1869]*Ibidem*, 2 de Junho de 1939, pp.4-5.
[1870]*O Século*, 19 de Junho de 1939, p.1. Na Primavera de 1937 Salazar e representantes da *Imperial Airways* e da *Pan-american Airways* assinaram um contrato exclusivo de 25 anos para ligação aérea entre Lisboa e a América do Norte, via Açores; às concessionárias estrangeiras deveriam juntar-se duas portuguesas (por criar), sendo a capital o ponto de chegada/partida. Cf. *Bulletin de Renseignements Politiques, Économiques et Littéraires*, Lisbonne, SPN, nº24, 30 Avril 1937, p.6.
[1871]*O Século*, 24 de Junho de 1939, p.2. Eis um dos momentos chave para, em breve, Portugal assumir o título de «cais de esperança do Hemisfério Norte» e dos equipamentos e eventos turísticos do Estoril satisfazerem nova categoria de clientes, não em busca de repouso, mas de refúgio temporário.
[1872]*Ibidem*, 22 de Janeiro de 1937, p.2.
[1873]*Ibidem*, 29 de Abril de 1938, p.2.
[1874]*Ibidem*, 7 de Agosto de 1938, p.2.
[1875]*Ibidem*, 8 de Agosto de 1937, p.2.
[1876]*O Estoril*, 5 de Setembro de 1937, p.1; *Diário de Lisboa*, 9 de Setembro de 1937, p.12.

Da ligação entre os eventos de lazer realizados no Casino e as transmissões do RCP destacamos a exibição, em Agosto de 1937, da Orquestra Aldrabófona, residente na rádio e estreante no Estoril[1879], e a colaboração especial de Derek McCullok (director da «Hora Infantil» da *BBC*) que, aquando estada de repouso no Estoril, acedera falar aos microfones do Casino, discurso que o RCP transmitiria em directo.[1880]

4. Hotelaria, Restauração e espaços de convívio social

4.1. Hotelaria, Restauração e casinos

Em 1937, a obra *Hoteis e Pensões de Portugal* patrocinada pela UHP e pela SPP listava no perímetro de estudo as seguintes unidades: (1) no Estoril, o Palácio, o do Parque, o Inglaterra, o Paris e, um novo, o Europa[1881]; (2) no Monte, o Atlântico[1882], o Miramar, o Itália[1883] e o Grande Hotel[1884]; (3) em Cascais mantinha-se a inexistência de unidades hoteleiras[1885]. Quanto a pensões, entre 1937 e 1939 foram constantes no Estoril a *Joanni*, a Continental e a Casa Mar e Sol[1886]; em 1937 ainda se nomeava a Estoril, ao passo que, em 1938, o até então Hotel Astória surge despromovido, sendo novidades as pensões Beira Mar e Costa[1887]. No Monte havia sete: a Casa *Burlington*, a Boaventura, a Londres, a Monte Estoril, a Panorama, a *Zenith* e a Pensão-restaurante

---

[1877] *Idem*, 1de Agosto de 1937, p.1. Outra produção coeva foi a *Aldeia da Roupa Branca*, de Chianca Garcia, que inspiraria Erico Braga e Marco Marques a criarpara o Casino a revista *Aldeia da Roupa Suja* (Cf. *Diário de Lisboa*, 9 de Setembro de 1939, p.3). A película apostara em Beatriz Costa para dignificar uma aldeia saloia dos arredores de Lisboa, recordando como a capital dependia da produção braçal dos camponeses da periferia, fosse a Malveira das gravações sita em Mafra, a homónima de Cascais ou qualquer ponto do país (Cf. *Cinéfilo*, 11 de Novembro de 1938, p.8). O enlevo da ruralidade reforçara-se com a atribuição do «Galo de Prata» a Monsanto, eleita pelo SPN como a «Aldeia mais Portuguesa de Portugal». Cf. *Diário de Lisboa*, 4 de Outubro de 1938, p.4.

[1878] *Anuário Comercial de Portugal*, 1937-1939.

[1879] Auxílio ao fundo social do Batalhão nº10 da LP. Cf. *Diário de Lisboa*, 3 de Agosto de 1937, p.6.

[1880] *Ibidem*, 11 de Março de 1939, p.6.

[1881] O Hotel Europa era gerido por Inocêncio Rodrigues Gonçalves. Cf. *Hoteis e Pensões de Portugal*, Porto, E. Loubet, 1937, pp.72-74.

[1882] Que, em 1938, teria a bandeira nazi hasteada e, em 1939, seria adquirido por António Maria Lopes, que o submeteria a obras e re-abriria em Agosto de 1940. Cf. José D'Encarnação, *Recantos*, p.270.

[1883] A unidade teria obras de remodelação entre 1943-1945, sendo-lhe acrescentado um andar e renovada a designação para «Monte Estoril Hotel». Cfr. *Viagem*, Agosto de 1945, p.17; *Apontamentos para a História de Cascais e Oeiras*, s/l, s/e, s/d, s/p.

[1884] *Hoteis e Pensões de Portugal*, p.78; *Anuário Comercial de Portugal*, 1937-1939.

[1885] Questão recordada em: *Diário da Manhã*, 29 de Outubro de 1937, p.5; *Anuário Comercial de Portugal*, 1937-1939.

[1886] A última gerida por E. Sarnadas e a penúltima por Margot de Topente. Cf. *Hoteis e Pensões de Portugal*, pp.76-78.

[1887] *Anuário Comercial de Portugal*, 1937-1939.

Stranger's[1888], surgindo a *Royal* em 1939[1889]; Cascais contava apenas duas: a Globo e a Oceano[1890]. Das unidades listadas em edição da Casa de Portugal em Antuérpia apenas se sugeria os hotéis do Estoril e do Monte, além das pensões Continental e *Zenith.*[1891]

Aborde-se o Hotel do Parque, palco de almoço oferecido pela SEP à LP por ocasião do 11º aniversário do 28 de Maio. Desde cedo os cascalenses aderiram ao alistamento voluntário na LP ao que, em Maio de 1937, a SEP revelaria apoio político e intento promocional ao ofertar repasto e visita às instalações concessionadas aos filiados nacionais[1892]. A novidade do momento foi a presença do (esquivo) Chefe de Governo, António de Oliveira Salazar, que, após os atentados bombistas de Janeiro, se exibiria a almoçar com quatro rapazes da MP (de idades e proveniências geográficas distintas) que hospedara em sua casa[1893]. Em 1938 o Hotel Palácio serviria almoços diplomáticos, como os de Fevereiro, pelo ministro da Finlândia, e os de Março, pelos representantes da Dinamarca e da União da África do Sul[1894]. Em Setembro, *O Século Ilustrado* publicaria caricaturas delineadas sob a pena de Baltazar de elementos como o porteiro Manuel, o director António do Carmo[1895], os artistas Aníbal Contreiras e Augusto Pina, além de dirigentes como Cardim[1896] e Nunes Ereira, entre outros. O autor do texto descrevia o Estoril como um Estado, sendo Armando Vilar o diplomata, Ereira o ministro do Interior, Alfredo Martins o da Propaganda, havendo ainda um discreto ministro das Finanças (não nomeado), um chefe da casa militar (General Vieira da Rocha) e outro da casa civil (José Maria Álvarez), representando Eurico Serra a Autoridade, "[e] tanto o Estoril é um Estado independente que o Governo Português ali tem um seu representante – o embaixador Arnaldo Futcher…[1897]" No Monte Estoril, as obras do Hotel Esplêndido começariam com aval do governo para construção de um muro de suporte sobre a linha férrea[1898], apesar da crise turística de 1937.[1899]

[1888]*Hoteis e Pensões de Portugal*, pp.78-80.
[1889]*Anuário Comercial de Portugal*, 1937-1939.
[1890]*Ibidem*, p.50. A Pensão Grande Globo não seria mencionada no *Anuário Comercial* a partir de 1938.
[1891] Casa de Portugal d'Anvers, *Op. Cit.*,pp.54-57.
[1892]*O Estoril*, 30 de Maio de 1937, p.4.
[1893]Cfr. *Diário de Lisboa*, 30 de Maio de 1937, p.5; *O Estoril*, 6 de Junho de 1937, p.1 e p.4;
[1894]Cfr. *O Estoril*,13 de Fevereiro de 1938, p.5; 17 de Março de 1938, p.4.
[1895]O outrora gerente da Pensão Estoril empreenderia voos mais altos no termo da década.
[1896] Cardim era descrito como um verdadeiro «relações públicas»de cravo na lapela, notando-se que Figueiredo (com quase 58 anos) cedera o lugar ao primogénito, António Amaral de Figueiredo.
[1897]*O Século Ilustrado*, 17 de Agosto de 1938, p.19.
[1898]*Idem*, 14 de Fevereiro de 1937, p.1.
[1899] Que conduzira uma representação de hotéis e pensões concelhios junto do ministro das Finanças, para solicitar a revisão das contribuições a pagar ao Estado. Cf. *Boletim da ACICC*, Fevereiro de 1937, p.4.

No termo da década o *Anuário Estatístico* oficial apresentaria, pela primeira vez, no Capítulo XI, a secção «Turismo» no âmbito das Comunicações, publicando dados sobre frequência e permanência, segundo o país de origem, em estâncias nacionais. No caso do Estoril, embora não se listem unidades hoteleiras, eis os pontos mais relevantes:

País de origem	**Total de frequências (hóspedes)**	**Permanência (diária)**
Alemanha	201	2.433
Argentina	108	1.348
Brasil	85	1.344
Espanha	199	3.178
Estados Unidos da América	560	3.999
França	202	2.791
Inglaterra	1.569	19.626
Itália	89	1.826
Venezuela	52	1.109

Quadro 36 – Principais nacionalidades no Estoril (1939).

(Fonte: INE, *Anuário Estatístico – Ano de 1939*, pp.382)

Ano de histeria política europeia 1939 mantinha a hegemonia dos mercados anglo-saxónicos nas categorias de hospedagem e diárias registadas. Os turistas mais frequentes do «Velho Continente» eram os ingleses, os franceses, os alemães e os espanhóis, com cifras a partir dos 199 elementos. Interessantes foram as três nacionalidades sul-americanas (argentina, brasileira e venezuelana), cujos visitantes, embora em menor número, registavam as maiores estadas, aproveitando a proximidade linguística e cultural e a distância entre continentes para prolongar a estada. Também os italianos se quedavam mais tempo, apesar da proximidade da estância.

Na defesa dos proprietários mencione-se a eleição de corpos gerentes da UHP, em Janeiro de 1937, onde Guilherme Cardim assumiria a presidência da direcção (representando a SEP) e Alexandre Almeida a do conselho fiscal[1900]. Os dois temas que

[1900] *Turismo*, Fevereiro de 1937, p.23.

mais ocuparam a UHP no triénio em causa foram a temática da abolição da gorjeta[1901] e a necessidade de concessão de crédito hoteleiro pelo Estado à iniciativa privada, pois "não pode haver turismo sem bons hotéis.[1902]" A Cardim se deveriam artigos e palestras sobre o último tópico[1903], sendo a Hotelaria também alvo de atenções por José Ataíde que, em 1939, publicaria *Noções de Hotelaria em Portugal*, abordando capítulos ligados aos gerentes de hotéis e restaurantes, aos funcionários e aos clientes[1904]. A título corporativo, em Dezembro de 1938 seriam assinados os contratos colectivos de trabalho dos profissionais da Indústria Hoteleira e Similares do Distrito de Lisboa[1905]; um ano antes, o Instituto Nacional do Trabalho dera posse à direcção e ao conselho geral da Caixa Sindical de Previdência dos Empregados da Indústria Hoteleira, nas quais pontuavam representantes de proprietários e sindicatos. Nesse instante de 1937 o presidente da direcção, Joaquim da Fonseca Albuquerque declararia que "somos todos obreiros no mesmo ideal de solidariedade humana e de justiça social"[1906]; contudo, a crise derivada da animosidade política europeia levaria os hoteleiros a pedir ao presidente do Conselho a suspensão da taxa de 4,5% destinada ao fundo de Previdência, instalando-se o mal-estar entre o representante dos profissionais e o dos proprietários[1907]. Ao nível da formação hoteleira, em finais de 1937 anunciava-se que o CNT escolhera o Hotel Aviz[1908] para instalar uma escola; quanto à aprovação de correctores de hotéis e pensões, os exames de 1939 procederam à selecção oficial dos

[1901] A UHP queria-a substituída por uma taxa de 10% sobre o serviço total (Cf. *Diário de Lisboa*, 4 de Novembro de 1937, p.5), aplicável apenas nas cidades litorais e nas zonas de turismo classificadas (Cf. *República*, 8 de Novembro de 1937, p.3), sendo imperativo a manutenção da solicitude no atendimento ao cliente. Cf. *Diário de Notícias*, 29 de Outubro de 1937, p.1.

[1902] Entrevista de Cardim em Agosto de 1936, meses após a assunção da posição no I Congresso Nacional do Turismo (Cf. *Turismo*, Agosto de 1936, p.15). A questão desfiar-se-ia na Imprensa até final da década. Cf. *O Século*, 22 de Setembro de 1939, p.2.

[1903] Posições plasmadas em duas edições de *O Volante*: 20 de Outubro de 1939, p.5; 20 de Novembro de 1939, p.3 e p.11.

[1904] Súmula dos cerca de 30 anos à frente do Turismo nacional, indicando lacunas e possíveis soluções. Cf. *O Século*, 4 de Junho de 1939, p.10.

[1905] Em discurso, Cardim preconizaria a criação de Grémios regionais para defesa do sector. Cf. *O Século*, 31 de Dezembro de 1938, p.7.

[1906] *Diário de Notícias*, 7 de Dezembro de 1937, p.4. Em Fevereiro de 1939 decorreria, em Lisboa, uma manifestação de apoio à organização corporativa e a Salazar em que hoteleiros,guias e casinos ocuparam talhões definidos entre a Avenida António Augusto de Aguiar e a Praça do Marquês de Pombal. Cf. *O Século*, 25 de Fevereiro de 1939, p.1.

[1907] Qual *press release*, uma declaração assinada por Cardim e publicada na Imprensa defendia que a sua classe aguardava apreciação superior ao pedido apresentado e que não comentaria a questão nos *Media.* Cf. *Idem*, 17 de Setembro de 1939, p.3.

[1908] Hotel de luxo e, para os clientes, o melhor da Europa. Cf. *Ibidem*, 12 de Novembro de 1937, p.5. Recorde-se que Calouste Gulbenkian ali viveria durante os anos de estada em Portugal.

melhores[1909]. Na «7ª Arte», se o período balizado de tese se iniciara com a atribuição de Óscar da Academia para a longa-metragem *Grande Hotel*, em finais de 1939 o cinema Eden, na capital, estrearia *Hotel Imperial* protagonizado por Isa Miranda que, para o poeta futurista D'Annunzio era "a mais fascinante das mulheres".[1910]

Falar de novidades na Restauração no eixo Estoril-Cascais é indicar a abertura do pavilhão de chá com restaurante na Quinta da Marinha[1911]e da «*Reserve* de Cascais», além do contínuo sucessodos chás servidos pelo faroleiro do Cabo Raso[1912].O temporal de 27 de Janeiro de 1937 afectou a costa cascalense e destruiuo muro de protecção da esplanada da Praia da Conceição[1913], conduzindo a investimento de 8.291$00 pelo MOPC na sua reparação[1914]. Ano e meio volvido, *O Séculos Ilustrado* apresentava reportagem fotográfica sobre a «*Reserve* de Cascais», casa de diversão social seleccionada com excelentes vistas sobre Cascais e os Estoris, detentora de esplanada, bar e sala de espectáculos. Na última as tardes e noites eram animadas por orquestra privativa, facultando-se ainda serviço de restaurante e matinés infantis[1915]: a «*Reserve*»[1916]fundia a animação do Tamariz com a do Casino (excluindo o Jogo), num ambiente mais aconchegante pela limitação física. Erguido pela JTC, no termo de 1939 divulgar-se-ia concurso para novo arrendamento[1917], vencendo-o o Sr. Strul que, por sucessivo protelar da abertura, veria o contrato rescindido em Maio de 1940.[1918]

Reportando-nos ao Casino do Estoril e a espectáculos de perfil cosmopolita, refiram-se a festa «Flores do Oriente» dedicada às culturas árabe, nipónica e indiana[1919], e a noite com artistas do *Cabaret Folies Bergères* organizado por Erico Braga[1920].

[1909] No CNT, o júri composto pelo Tenente Silva Pais, Cardim e Mendes Leite aprovaria 13 dos 21 candidatos. Cf. *O Século*, 20 de Agosto de 1939, p.3.
[1910]*Idem*, 19 de Outubro de 1939, p.2. No ano anterior os irmãos Marx protagonizaram a comédia *Hotel dos Sarilhos*. Cf. *Cinéfilo*, 4 de Novembro de 1938, p.6.
[1911] Aberto a 18 de Julho de 1937 pela «*Garrett* dos Estoris». Cf. *O Estoril*, 18 de Julho de 1937, p.6.
[1912] «João do Cabo» era a alcunha do faroleiro que, defronte da Crismina, erguera a primeira casa de chá do Guincho, a qual estava sempre plena de clientes. Cf. Pedro Falcão, *Op. Cit.*, pp.109-110.
[1913]*Idem*, 30 de Janeiro de 1937, p.2.
[1914] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº49, 1 de Março de 1937.
[1915]*O Século* lustrado, 27 de Agosto de 1938, p.21. Exploração adjudicada a Tito Martins (filho) no ano anterior. Cf. *O Estoril*, 25 de Abril de 1937, p.4.
[1916] Resultados a análises efectuadas ao *Whisky* servido e declarando-o inócuo para a saúde em: Cf. *Diário do Governo*, II Série nº30 de 7 de Fevereiro de 1938; Cf. *Idem*, nº32 de 9 de Fevereiro de 1938.
[1917] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, 6 de Novembro de 1939, p.3.
[1918]*Idem*, 8 de Maio de 1940, p.1.
[1919] Poucos dias após o início da guerra sino-japonesa. Cf. *Diário de Lisboa*, 21 de Agosto de 1937, p.10; *O Século*, 19 de Agosto de 1937, p.2.
[1920] Nele se estrearam no palco do Casino *performers* como o Trio «Sol de Cuba», composto por artistas negros, além da cantora negra Maiomy, o que poderia dar azo a um estudo sobre Turismo, *Show-bizz*,

Solidificando-se a hegemonia da produção popular nacional entre 1937 e 1939, o mesmo palco acolheria um «Arraial Português»[1921],no Verão de 1937, uma «Noite da gente do Mar»[1922], em Maio seguinte, e um «Concurso de Pregões»[1923], em Setembro de 1939 (a cargo do fundo social da Caixa de Previdência dos Vendedores de Jornais), entre outros. No ano de 1937 re-inaugurar-se-ia junto ao Casino do Estoril o «*Wonder Bar*», nele se exibindo, tanto o cosmopolita baterista *Jazz*, cantor e humorista Tokkie[1924], como a etnográfica «Noite de Portugal» (que fora apresentada na Exposição Internacional de Paris[1925]), além de um festival de Fado orientado pelo «Retiro da Severa» e Aníbal Contreiras (exibindo-se a voz de Ercília Costa, a guitarra do célebre Armandinho e a viola de Santos Moreira[1926]). A «Política do Espírito» estaria ainda na base da «I Feira Regional» inaugurada no Estoril, a 29 de Julho de 1939, pelo ministro da Educação, Carneiro Pacheco, na presença da SEP, do edil Capitão Raposo Pessoa, do (novo) Delegado Marítimo, Capitão-Tenente Silva e Costa, e do presidente da CPC, engenheiro Abreu Nunes. O primeiro ciclo mostraria peças de produção artesanal e artística como rendas, filigranas e porcelanas[1927], em *stands* dos distritos do Norte do país. O ensejo de dedicar segundo ciclo ao Centro e ao Sul seria abortado quando participantes alegaram o "estado actual da situação internacional" para o efeito[1928]. No Casino sucederam-se ainda exibições relativas a «Moda & Cosméticos», como o «Grande Concurso Nacional de Penteados»[1929], a celebração das bodas de prata da revista *Modas & Bordados*[1930], a demonstração de truques, tratamentos e aparelhos de

---

questões raciais e de género entre os Anos 20 e 40 (integrando momentos como a Exposição Colonial do Porto, em 1934). Cf. *O Século*, 5 de Outubro de 1939, p.2.

[1921] O menu português e trajo de passeio enquadravam o evento pleno de corridinhos, viras, marchas, fados, chulas e afins. Cf. *Diário de Lisboa*, 22 de Julho de 1937, p.9.

[1922] Dedicada aos excursionistas do transatlântico sueco «*Kungsholm*» aportado em Alcântara, na sua maioria banqueiros norte-americanos, nela exibir-se-iam pescadores portugueses com trajes e canções próprias. Cf. *Idem*, 6 de Maio de 1938, p.11; *O Século*, 6 de Maio de 1938, p.2.

[1923] *Idem*, 1 de Setembro de 1939, p.3.

[1924] Que Genebra ovacionara. Cf. *Ibidem*, 25 de Fevereiro de 1937, p.2.

[1925] Na qual 10 raparigas cantavam e dançavam folclore de diversas regiões nacionais, envergando trajes populares e sendo acompanhadas em palco por campinos. Cf. *Ibidem*, 30 de Agosto de 1937, p.2.

[1926] *Ibidem*, 13 de Setembro de 1937, p.2. Réplica do festival organizado no Pavilhão de Portugal no certame de Paris, pelo SPN (Cf. *O Estoril*, 12 de Setembro de 1937, p.4). No Casino, o arquitecto E. L. Virat, delegado do Comissário-Geral da Exposição, apresentaria comunicação sobre o evento. Cf. *Diário de Lisboa*, 9 de Setembro de 1937, p.6.

[1927] *Idem*, 30 de Julho de 1939, p.4.

[1928] Cf. *O Século*, 12 de Setembro de 1939, p.2. A Segunda Guerra Mundial começara havia dias.

[1929] Organizado pela SPCS, o Grémio e o Sindicato dos Cabeleireiros, "como demonstração de bom gosto dum trabalho em que o fino de Arte, na Beleza Feminina, mais realça." Cf. *Diário de Lisboa*, 1 de Setembro de 1937, p.2. A iniciativa contou com provas de penteados, fatos-de-banho e pijamas para crianças, e de penteados para senhoras (Cf. *Idem*, 13 de Setembro de 1937, p.2). O vencedor seria o Cabeleireiro Monteiro, da Estrela. Cf. *O Estoril*, 19 de Setembro de 1937, p.4.

[1930] Apesar do temporal que fustigou Lisboa. Cf. *Modas & Bordados*, 18 de Maio de 1938, p.6.

Beleza pelo químico húngaro Martin Arany[1931], a apresentação da novidade parisiense dos cabelos matizados em *Coloral* pela *L'Oréal*[1932], além da «Semana da Mulher e da Criança» (ou «Femina») em Agosto de 1939[1933]. A crescente adesão das elites ao «Espírito Popular» seria alvo de chacota quando *Os Ridículos* publicaram *cartoons* a indagar: se as senhoras começaram a usar lenços de três pontas, passariam então as saloias a envergar chapéus[1934]? Do ambiente social das praias o *flirt* seria ironizado em palestras radiofónicas por Mário Marques, descrevendo os dois géneros como começando o dia, na praia, "em nú quase artístico… [em que] as conversas são frias e banais. Mas, à noite, no Casino, já separados pela goma dos *smokings* e pela dureza dos espartilhos, é que lhes chegam todas as frases apaixonadas.[1935]" Ao nível do Jogo, o decreto-lei nº27:609 de 1 de Abril de 1937 reforçaria sanções aos concessionários que desrespeitassem os prazos definidos pelo diploma de 3 de Dezembro de 1927: mantendo o imperativo moral da regulamentação que reduzira a «mal menor» o Jogo, a ditadura civil entendia-o como interessante fonte de receitas, tal como o fizera a ditadura militar anterior. No Estoril, a concessão manter-se-ia nas mãos da SEP até 1958, ano em que se completaram os 30 anos acordados, procedendo-se a novo concurso e inesperada alteração do *status quo* local.[1936]

4.2. Outros Espaços de Fruição Coevos

No lapso temporal em causa assistiu-se à manutenção de imensa oferta ao consumo comercial[1937] e à renovação do «*Deck Bar*»[1938] (nas Arcadas), na Primavera de

[1931] Arany deslocara-se a Lisboa para inaugurar o Instituto de Beleza «Cinelândia», depois de ter aberto similares em Áustria e na Alemanha (Cf. *O Século*, 2 de Outubro de 1938, p.2). A «Cinelândia» abriria na Rua Rodrigues Sampaio, contando com a presença da esposa e da filha do Chefe de Estado, Maria do Carmo Fragoso Carmona e Cesaltina Costa, respectivamente. Cf. *Idem*, 6 de Novembrode 1938, p.12.
[1932] Penteados executados por Luigi e Malheiros. Cf. *Ibidem*, 5 de Agosto de 1939, p.2.
[1933] Aníbal Contreiras organizaria um programa que incluía projecção cinematográfica, jantares dançantes, práticas de esgrima e de *ballet*, demonstrações de penteados, peças e acessórios de Moda (Cf. *Diário de Lisboa*, 27 de Agosto de 1939, p.7).Em Junho, a apresentação de modelos infantis da Casa Bobone, a cargo da *Modas & Bordados*, fora um sucesso. Cf. *O Século*, 24 de Junho de 1939, p.1.
[1934] *Os Ridículos*, 27 de Agosto de 1938, p.1.
[1935] Mário Marques – *Domingos Alegres – Palestras Radiofónicas*, Lisboa, Livraria Popular, 1937, p.15.
[1936] Seguros de que não teriam rival, os então administradores da empresa (herdeiros de Figueiredo) nem sequer submeteram candidatura, sendo surpreendidos e suplantados pela Estoril-Sol. Companhia fundada pelo *self-made man* Teodoro dos Santos, ainda hoje, mau grado uma filosofia de gestão diferente da que pautou a fundação, a Estoril-Sol continua a deter o monopólio do Jogo no Estoril. Cf. Pedro D'Anunciação – "O Casino Charmoso", *Grande Reportagem*, nº228, 21-27 Maio 2005, pp.52-58.
[1937] *Anuário Comercial de Portugal*, 1937-1939.
[1938] Sob nova gerência. Cf. *Diário de Lisboa*, 16 de Abril de 1938, p.5.

1938, e da «*Garrett*» (perto), em 1939[1939]. A 11 de Setembro de 1938 inaugurar-se-ia no Tamariz o balneário que substituiria barracas de lona: estrutura pioneira no país, repetia construções observáveis em Biarritz e Deauville, integrando duches de água corrente, cacifos e cabines para cada género sexual, além de bar e lojas para venda de tabaco, jornais e artigos regionais[1940]. *O Século* considerava que a estrutura colocava "o Estoril ao nível das melhores estâncias balneares estrangeiras"[1941]. A praia mantinha-se palco de convenções estéticas[1942], de aprumos sociais e de aperfeiçoamento físico de todos os sectores etários que a frequentavam[1943], tudo sob a supervisão de banheiros liderados por Lino, "figura popular e querida do Estoril"[1944]. Curioso tema de debate no final da década foi o acesso à praia e a indumentária autorizada. Em Abril de 1937 um artigo criticava que a prática balnear fosse interdita antes de 1 de Junho[1945], recordando que a celeuma começara contra os *maillots*[1946] e os decotes[1947]; nesse mesmo mês uma capa d'*Os Ridículos* revelaria *cartoon* em que dois cabos de mar mediam o traje de banho de uma roliça espanhola[1948] e, em Agosto, publicaria seis esboços gráficos com a progressão territorial das praias entre Pedrouços-Estoril e a respectiva redução na dimensão do tecido envergado a cobrir o corpo das banhistas, zombando que, a haver "mais praias de moda para lá do Estoril, havia de ser bonito![1949]" Em termos práticos, a época balnear encerrava com eventos como a revista «Areias do Tamariz»[1950], contornando-se as regras ao organizar-se banhos de mar à meia-noite, em Setembro de

[1939] Agora com novas salas, restaurante no piso superior e funcionamento horário ilimitado (sinal deincremento de clientes, satisfazendo-se, assim, as suas necessidades). Cf. *Idem*, 29 de Abril de 1939, p.5.
[1940] *O Estoril*, 15 de Setembro de 1938, p.2.
[1941] *O Século*, 11 de Setembro de 1938, p.3.
[1942] Em Maio e Junho de 1937 a *Modas & Bordados* publicaria artigos sobre as vantagens e os inconvenientes do banho solar.
[1943] Veja-se a reportagem fotográfica sobre jogos e diversões infantis em: *O Século Ilustrado*, 12 de Agosto de 1939, p.29.
[1944] Complemente-se o tópico II.5.4.: Lino nascera em Vagos, a 7 de Fevereiro de 1862, contando 77 anos, 51 dos quais passados na capital. Em Pedrouços conhecera o casal João Martins de Barros e Maria de Barros, que o contratara para dar banhos diários à família, fixando-se, então, no Estoril. Conhecido pelas suas caldeiradas, o banheiro recordava tempos *d'antanho* em que o primeiro banho no Estoril "era para as ovelhas da quinta da Penha Longa, na véspera de São João. E no dia seguinte começava a «temporada»… para as pessoas." Cf. *Diário de Lisboa*, 20 de Março de 1939, p.10.
[1945] Decisão das autoridades portuárias do distrito de Lisboa, limitando os banhos a Junho e Outubro. Cf. *Diário de Lisboa*, 28 de Abril de 1937, p.5.
[1946] Em 1933 o *Diário de Lisboa* opinara sobre um professor de ginástica no Estoril que envergava ajustado fato-de-banho (cremos tratar-se de Estêvão Torok). Cf. *Idem*, 29 de Agosto de 1933, p.2.
[1947] *Ibidem*, 22 de Abril de 1937, p.10.
[1948] *Os Ridículos*, 21 de Abril de 1937, p.1.
[1949] *Idem*, 14 de Agosto de 1937, p.1.
[1950] Erico Braga, Irene Isidro, Maria Cristina e outros artistas levavam ao palco do Casino a despedida da temporada de banhos. Cf. *O Século*, 30 de Setembro de 1938, p.2.

1939[1951], e tolerar-se dimensões dos fatos-de-banho[1952]. A avalanche de refugiados recém-chegados do coração da Europa e as práticas sociais mais ousadas por parte das estrangeiras conduziriam o regime a publicar o (castrante) decreto-lei nº31:247 de 5 de Maio de 1941, onde se definiam medidas e locais para uso do fato-de-banho[1953]. Imposta a lei sobre os cidadãos nacionais, no Estoril as autoridades «fechavam os olhos» devido ao vigor financeiro dos refugiados, face ao avolumar do consumo dos serviços oferecidos pela estância.[1954]

Falar de praia no triénio em causa é recordar a Mocidade Portuguesa Feminina (MPF) e as férias balneares *in situ*. Em Maio de 1936 o Ministro da Educação Carneiro Pacheco anunciariaa criação da «ala feminina»[1955], em almoço oferecido aos instrutores e graduados da MP no Liceu Camões. Entregue à Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN)[1956], a MPF nasceria pelo decreto-lei nº28:262 de 8 de Dezembro de 1937. Ao invés da combatividade viril da MP, a função do ramo feminino era formar as futuras mães de Portugal, instilando-lhes valores morais e hábitos de conduta doméstica para a aparição de uma «Nova Mulher»[1957]. Sediada no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho tinha como Comissária Nacional a directora Maria Guardiola, "acérrima defensora… do Estado Novo e da sua ideologia nacionalista e católica.[1958]" Isto justifica a sua preocupação com a formação das raparigas durante o período lectivo e fora dele, surgindo as colónias de férias, "casas arejadas, floridas… abertas ao vento da serra e do mar… algumas com pequenas capelas onde se celebra missa diária, todas com jardins e relvados onde é agradável costurar e ler.[1959]" No eixo de estudo o Bairro Escolar do

[1951] *O Estoril* classificá-los-ia como a actividade mais original da época, pelos efeitos de luz derivados das iluminações dispostas pela praia. Cf. *O Estoril*, 23 de Setembro de 1939, p.3.
[1952] *Diário de Lisboa*, 30 de Julho de 1939, p.5.
[1953] Cristina Pacheco, *Op. Cit.*, p.33.
[1954] Durante a guerra Salazar transformaria os Estoris em zona de residência temporária de refugiados, sendo Caldas da Rainha, Figueira da Foz, Ericeira e Curia zonas de residência fixa. O devaneio ilusório que imperava sobre a nação neutra e a estância de luxo levariam Saint-Exupéry a imprimir as célebres palavras sobre o ambiente que encontrou: "le Portugal essayait de croire au bonheur, lui laissant son couvert et ses lampions et sa musique. On jouait au bonheur à Lisbonne, afin que Dien voulût bien y croire." Cf. Antoine de Saint-Exupéry, 1944 – *Lettre à un Otage*, Paris, Éditions Gallimard, 2004, p.31. Uma das estadas mais controversas foi a de Peggy Gungenheim que, em passeio por Cascais com Max Ernst, se dedicaria a ousado banho nocturno na Baía, desnudada. Cf. Mary V. Dearborn – *Mistress of Modernism – The Life of Peggy Guggenheim*, Boston/New York, Houghton Mifflin Company, 2004,p.6.
[1955] *Diário de Lisboa*, 30 de Maio de 1937, p.4.
[1956] A qual surgira em Agosto de 1936, mas apenas iniciaria funções no ano seguinte. Cf. F. Matos Gomes (dir.) – *30 Anos de Estado Novo, 1926-1956*, Lisboa, Organizações Império, 1957, p.461.
[1957] Irene Flunser Pimentel – "A Mocidade Portuguesa Feminina nos Primeiros Dez Anos de Vida (1937-1947)", *Penélope*, Lisboa, nº19-20, 1998, p.164.
[1958] *Idem*, p.167.
[1959] *25 Anos de Actividade da Mocidade Portuguesa Feminina, 1938-1963*, Lisboa, Tipografia Neogravura, 1963, p.59.

(Monte) Estoril (ou Centro Escolar nº37 da MP) publicara folheto onde apresentava condições estruturais e de ensino, facultando regimes de "internato, semi-internato e externato para ambos os sexos"[1960], em edifícios separados e, em Agosto de 1938, 27 filiadas de Cascais teriam excursão a Sintra (plena de erudição histórica e com celebração religiosa), organizada pela Condessa de Almoster (delegada regional da MPF) e acompanhada por dirigentes locais[1961]. As colónias de férias permitiam até às raparigas de origem modesta percorrer outras paragens do país, sendo os turnos e as estadas afixadas na sede lisboeta[1962]; no concelho de Cascais, fora em Parede (na Bafureira) que surgira uma das três primeiras colónias, funcionando de Julho a Outubro para as filiadas das províncias do Centro-Sul (da Estremadura ao Algarve), em turnos de 50 jovens[1963]. Acedendo ao boletim mensal publicado a partir de 13 de Maio de 1939 (edição coincidente com o dia da Virgem de Fátima) entende-se a preocupação com a ocupação dos tempos livres das «Portuguesitas» e, em período estival, com a compostura da sua indumentária à beira-mar, criando o Comissariado Nacional um modelo de fato-de-banho "talhado dentro dos moldes da modéstia cristã"[1964]. Procurava-se ainda denegrir a indecência do *maillot* em voga em praias promíscuas como a do Tamariz, desviando-se a atenção das raparigas das «tentações maléficas» da Costa do Sol, louvar-se o banho solar e a recatada prática da natação ao declarar que, na praia, "só o mar nos interessa e cativa."[1965]

Se no início da década o Pavilhão Estoril acolhera a SPCS, no *Anuário Comercial de Portugal* de 1938 o edifício surgia como sede do *International Bridge Club*[1966], para alegria da comunidade britânica da Costa do Sol. Abordando os espaços verdes, em Abril de 1937 anunciava-se que a CMC limpara o Jardim Visconde da Luz, faltando apenas remodelá-lo[1967], desiderato alcançado a 30 de Agosto de 1939 aquando da re-inauguração por Raposo Pessoa (edil e presidente da JTC[1968]). Encerrado durante cinco anos, o espaço era devolvido ao público, com enfoque nas crianças (pelos balouços instalados) e adultos (pelo coreto onde a SMC realizaria o concerto nocturno

[1960] *Bairro Escolar do Estoril*, s/l, s/e, s/a.
[1961] *O Século*, 19 de Agosto de 1938, p.5.
[1962] *Diário de Lisboa*, 19 de Agosto de 1939, p.10.
[1963] *Mocidade Portuguesa Feminina*, Agosto de 1941, pp.10-11.
[1964] *Idem*, Julho de 1939, p.8. Cf. Irene Flunser Pimentel – *Mocidade Portuguesa Feminina – Educada para ser boa Esposa, boa Mãe, Católica e Obediente*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2007, pp.179-180.
[1965] *Mocidade Portuguesa Feminina*, Agosto de 1941, p.11.
[1966] *Anuário Comercial de Portugal*, 1938, p.2543.
[1967] *O Estoril*, 25 de Abril de 1937, p.4.
[1968] *O Século*, 3 de Agosto de 1939, p.2.

inaugural). Contudo, a vila ainda não tinha parque municipal, como apelaria *O Estoril* em inícios de 1940[1969]. No Monte, o Pavilhão Carlos Anjos seria arrendado pela JTC a Francisco Ferreira Júnior, entre 1 de Novembro de 1939 e 31 de Outubro de 1940[1970]; abaixo, no pinhal do Estoril a SEP inauguraria, em Agosto de 1939, parque infantil com balouços e gaiolas de aves.[1971]

Nas franjas com Sintra a vasta Quinta da Marinha era um perímetro cuja arborização cedera, aos poucos, lugar a equipamentos como o campo improvisado para corridas de cavalos (depois convertido em pista de aviação) ou o pavilhão de chá, servindo ainda de couto de caça e sede da empresa de António Muchaxo, nele se hipotetizando a construção de hotel e restaurante a breve trecho[1972]. A propriedade pertencia a Carlos Champalimaud[1973], que faleceria em Maio de 1937[1974], legando-a aos filhos: a ele se devera a autorização para a AEV ali acampar, em 1935, prática que a MP manteria[1975], debatendo a importância de essa prática em congresso[1976], em Maio de 1939. A mata da Marinha acolheria eventos pontuais de confraternização militar como o almoço entre o Regimento de Artilharia 3 (Lisboa) e o de Artilharia Contra Aeronaves local[1977] ou o "exercício de instalação de uma posição defensiva" pelos cadetes milicianos de Metralhadoras 1[1978], ambos em 1937. A adesão ao ar livre em pinhais atingiria a população civil com a inauguração da colónia de férias «Um Lugar ao Sol», pela FNAT, em Costa de Caparica[1979] e reforçava-se uma prática informal (pouco divulgada pela Imprensa), no Alto Estoril: a Festa do Pinheiro Manso. Esta centrava-se na devoção à Senhora da Saúde, unindo famílias que, em pleno pinhal, partilhavam farnéis ao som de bandas locais[1980]. Para Alain Corbin, o imperativo do «Retorno à Natureza» "trazia consigo um desejo de apropriação de um país, de um encontro físico

[1969] *O Estoril*, 2 de Fevereiro de 1940, p.1.
[1970] AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, 23 de Outubro de 1939, p.1.
[1971] *O Século*, 29 de Agosto de 1939, p.2; *O Século Ilustrado*, 2 de Setembro de 1939, p.9.
[1972] *O Estoril*, 28 de Março de 1937, p.6.
[1973] Médico de D. Carlos I, membro do conselho fiscal do Banco Comercial de Lisboa, da Empresa de Cimentos de Leiria e gestor da Sociedade Comercial e Financeira Limitada (detentora da Quinta da Marinha). Cf. *Idem*, 5 de Dezembro de 1937, p.4.
[1974] *Ibidem*, 12 de Maio de 1937, p.2.
[1975] Notícias em: *O Século*, 29 de Agosto de 1938, p2; *Diário de Lisboa*, 10 de Abril de 1939, p.1. Também ali se exercitava a LP. Cf. *Idem*, 22 de Agosto de 1937, p.5; *O Século*, 8 de Maio de 1939, p.6.
[1976] *O Século* dedicaria atenção, tanto ao congresso, como ao fenómeno do Campismo, publicando artigos quanto às zonas mais propícias na Grande Lisboa, questões sobre tendas, traje, *toillette*, entre outros. Cf. *Idem*, 21 de Maio de 1939, p.1; 10 de Junho de 1939, p.2; 8 de Julho de 1939, p.2.
[1977] No qual os herdeiros de Champalimaud (um da LP e dois da MP) entregaram flores ao Presidente Carmona. Cf. *O Estoril*, 8 de Agosto de 1937, p.1.
[1978] *O Século*, 10 de Setembro de 1937, p.3.
[1979] *Idem*, 31 de Julho de 1938, p.1.
[1980] *Diário de Lisboa*, 8 de Maio de 1937, p.6; *O Estoril*, 24 de Novembro de 1942, p.2.

com a nação, em todo o seu espaço"[1981] que marcava a mentalidade coeva de regimes fascistas, nazi e democráticos. No Verão de 1939 o MM nomearia comissão especial encarregue de estudar a delimitação da Quinta da Marinha, para o Estado deliberar sobre a situação de outros terrenos de domínio público, privado e comum: a proprietária da Quinta (a Sociedade Financeira Limitada) recusara-se a indicar representante.[1982]

5. Turismo Científico e a promoção *in loco*

Após o fulgor inicial a década de 1930 terminaria com escassas reuniões, das quais apenas destacamos o I Congresso da História da Expansão Portuguesa[1983], a X Conferência da União Internacional contra a Tuberculose[1984] e o I Congresso Açoreano. O último reuniu-se, em Maio de 1938, na Sociedade de Geografia, por iniciativa do líder do Grémio dos Açores, Armando Narciso; das várias secções, a de Turismo foi liderada por Ávila Madruga, apresentando a sua tese, tal como Narciso, Augusto Arruda e outros o fariam[1985]. No banquete de encerramento, no Casino, a mesa de honra juntou membros da SEP[1986] (Figueiredo, Cardim e Marques Guedes) e da STN (como o presidente Vasco Bensaúde e Augusto Arruda), discursando Fausto de Figueiredo sobre "as condições turísticas dos Açores, sobretudo da ilha de S. Miguel"[1987].

No cômputo das visitas, o triângulo turístico Lisboa-Sintra-Cascais mantinha-se obrigatório para excursionistas aportados em Alcântara[1988]. Outros acolhimentos de

[1981] Alain Corbin, *Op. Cit.*, pp.475-476.
[1982] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº171 de 25 de Julho de 1939.
[1983] Congregou investigadores de universidades portuguesas, brasileiras e alemãs, sob a égide do ministro das Colónias, Francisco Vieira Machado (Cf. *O Século*, 23 de Julho de 1937, p.1). Além das sessões na Escola Superior Colonial e da visita à Exposição Histórica da Ocupação, no Palácio do Parque Eduardo VII, os delegados realizaram ainda passeio "a Cascais a bordo do Aviso «República»." Cf. *Idem*, 28 de Julho de 1937, p.5. Numa Europa em ebulição, Portugal recordava direitos históricos sobre parcelas do globo ante os apetites expansionistas de terceiros e preparava o caminho para a divulgação da Exposição do Mundo Português, em 1940. Em Junho estivera em Lisboa o «Cruzeiro dos Estudantes das Colónias à Metrópole», para lhes ser dado a conhecer "o berço da nacionalidade, a cabeça do Império". Cf. *Ibidem*, 16 de Junho de 1937, p.1. Os Centenários da Fundação e da Restauração visavam, pois, celebrar "oito séculos de nacionalidade". Cf. *Diário de Lisboa*, 27 de Março de 1938, p.1.
[1984] Reunida na Faculdade de Medicina e que culminou com banquete no Casino. Cf. *Idem*, 7 de Setembro de 1937, p.6.
[1985] *O Século*, 13 de Maio de 1938, p.5; *O Estoril*, 26 de Junho de 1938, p.4.
[1986] Guilherme Cardim e Virgílio de Figueiredo eram administradores-delegados da STN. Cf. *Idem*, 26 de Junho de 1938, p.5.
[1987] *O Século*, 16 de Maio de 1938, p.6.
[1988] Caso dos 90 médicos, banqueiros e advogados residentes em Londres e que passaram pela capital no estio de 1937 (Cf. *Idem*, 18 de Julho de 1937, p.3) e dos cerca de 3.000 visitantes que viajavam a bordo de navios italiano, inglês, alemão e brasileiro, no seguinte. Cf. *Ibidem*, 22 de Agosto de 1939, p.9.

peso foram o do jornalista norte-americano Edward Lansing Ray, da *Associated Press* (que elogiou o clima e os hotéis Aviz e Palácio[1989]) ou o do Príncipe egípcio Said Halim (primo do Rei Faruk e que visitaria o Estoril[1990]). Lisboa acolheria ainda nomes como Stephan Zweig, Tyrone Power e Annabella, e Bruno Mussolini. O escritor austríaco repousaria um mês no Monte numa jornada entre Brasil-Londres, declarando-se fascinado pelos Estoris e pela genialidade da actriz Mirita Casimiro[1991]. Em Agosto de 1939 Lisboa admiraria, ao vivo, dois colossos de Hollywood: o casal Tyrone Power e Annabella. Terminando a lua-de-mel iniciada havia três meses, chegariam de óculos escuros temendo o assédio sofrido pela Europa, mas em Portugal não seriam acossados, assinando o «Livro de Ouro» do Hotel Palácio plenos de bonomia[1992]. A actriz francesa retornaria a 8 de Setembro em voo da *Pan-American*, seguindo no *Sud-Express* para resgatar a mãe por sentir-se "aterrorizada com as notícias da guerra.[1993]" Por seu turno, o filho do «*Duce*» faria escala em Lisboa no trajecto Cabo Verde-Roma, recordando visita em Setembro de 1929, quando era «Balila», deslocando-se agora à Cidadela para cumprimentar Carmona.[1994]

A aliança Lazer-Política trouxe ainda a Portugal grupos de monta como representantes da colónia portuguesa no Brasil, Falangistas e cruzeiros da *KdF*. A delegação da Federação das Associações de Portugueses no Brasil deslocara-se para saudar o governo pela posição assumida perante a situação espanhola[1995]. A comitiva era liderada por Vitorino Moreira e incluía José da Costa Magalhães (representante da colónia na Bahia), cujo relato de viagem abordaria a recepção no Estoril, retribuindo a calorosa visita guiada por Figueiredo às instalações da SEP e o banquete oferecido no Palácio ao admitir que "indo-se a Lisbôa, não se póde deixar de ir ao Estoril, e lá de

[1989] Luiz Lupi da SP era o correspondente em Lisboa; Ray ficara alojado na unidade do Estoril. Cf. *Diário de Lisboa*, 18 de Fevereiro de 1938, p.5.
[1990] *Idem*, 24 de Agosto de 1937, p.4.
[1991] Sobre a área de repouso declarou ser "um lugar magnífico para trabalhar. Há uma tranquilidade admirável", que recomendaria a autores amigos (Cf. *Ibidem*, 7 de Fevereiro de 1938, p.4); sobre a actriz do Teatro Variedades,a rústica (e adolescente) Shirley Temple lusitana, elevou-a ao estrelato mundial (Cf. *O Século*, 9 de Fevereiro de 1938, p.2). Foto do descanso no Monte, sentado sob palmeira junto ao mar, pode ver-se em: João Bigotte Chorão – *Nossa Lisboa dos Outros*, Lisboa, CTT Correios de Portugal, 1999, p.28.
[1992] *Cinéfilo*, 1 de Setembro de 1939, p.8. Bem-estar revelado na foto publicada em: *O Século Ilustrado*, 2 de Setembro de 1939, p.9. Já em 1938 Annabella passara por Lisboa, em trânsito entre Cherbourg e Buenos Aires, após o divórcio de Jean Murat. Cf. *Cinéfilo*, 18 de Novembro de 1938, pp.2-3.
[1993] A Segunda Guerra Mundial começara uma semana antes. Cf. *O Século*, 8 de Setembro de 1939, p.4.
[1994] A estada em África visava a fixação de escala na ligação aérea Roma-Rio. *Idem*, 18 de Novembro de 1939, pp.1-2.
[1995] *Ibidem*, 11 de Abril de 1937, p.4; *Indústria Portuguesa*, Maio de 1937, pp.21-35.

quem se ouve mais falar é do grande impulsionador d'aquella maravilha"[1996]. Desde o princípio da beligerância em Espanha que o Estoril era o centro da organização da estratégia e convalescença dos nacionalistas, por isso não se estranha que, em Fevereiro de 1938, o *Jornal de Sintra* abordasse a recepção apoteótica de Falangistas em Sintra e Estoril, referindo-se que, no último local, a caravana fora "recebida com demonstrações de verdadeira amisade e aprêço, como aliás era de esperar.[1997]" Em meados de 1939 entraria no Tejo o «*Ciudad de Alicante*» trazendo mais de 500 «flechas navais» para ali realizar instrução[1998] e, em Agosto, esse vaso de guerra traria filiadas da Falange Espanhola Tradicionalista que, no dia 9, visitariam o Estoril antes de rumar ao RCP[1999]. Quanto à *KdF*, Lisboa continuou a ser porto de escala de milhares de excursionistas envergando trajos bávaros[2000] na Primavera e no Outono de 1937 e 1938, terminando as visitas em Maio de 1939 devido à guerra[2001]. No fim da década Portugal seria porto de escala de exilados ansiando as margens americanas, acolhendo o Estoril muitos que "abandonam a Alemanha e os países limítrofes", em nome da sobrevivência.[2002]

6. Urbanismo e urbanidade

6.1. O Plano de urbanização e as rodovias

No triénio em debate aceleraram-se os trabalhos de execução da Marginal e da auto-estrada graças à publicação de três diplomas que foram «pedra-de-toque»:

[1996] José da Costa Magalhães – *Impressões de uma Viagem a Portugal*, Bahia, Livraria Duas Américas, 1937, p.22. Em Maio de 1938 Portugal acolheria um contingente de brasileiros, visando-se o reforço de laços históricos entre nações e políticos entre «Estados Novos». Cf. *O Século*, 20 de Janeiro de 1938, p.2.
[1997] *Jornal de Sintra*, 6 de Fevereiro de 1938, p.1.
[1998] *O Século*, 30 de Junho de 1939, p.1.
[1999] Saudadas à chegada por dirigentes da Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN) e da MPF (Cf. *Idem*, 8 de Agosto de 1939, p.1), as Falangistas visitariam o Tamariz, a colónia de férias da MPF e o Casino. Cfr. *Ibidem*, 9 de Agosto de 1939, p.2; *Mocidade Portuguesa Feminina*, Outubro de 1939, pp.4-5.
[2000] *O Século Ilustrado*, 7 de Maio de 1938, p.8. Em Junho de 1939 reuniria, em Hamburgo, o V Congresso da *KdF*, no qual estaria uma delegação da FNAT e onde se abordariam as viagens a Itália, Portugal, Espanha, Grécia e Jugoslávia. Cf. *O Século*, 22 de Junho de 1939, p.3.
[2001] As viagens de Abril e Maio de 1939 recorreram apenas a um navio, o colossal «Robert Ley» (Cfr.*Idem*, 30 de Abril de 1939, p.4; *Diário de Lisboa*, 2 de Maio de 1939, p.12). A «invasão pacífica» iniciada em 1935 levaria *Os Ridículos* a apresentar *cartoon* anunciando a presença de 1.800 alemães, em Lisboa, e, no interior de um café, o dono admitia a um conhecido recear a anexação do estabelecimento (Cf. *Os Ridículos*, 28 de Março de 1939, p.1). Na verdade, dias antes, a Alemanha invadira a Áustria, acção designada pelo termo *Anschlüss*.
[2002] Margarida Magalhães Ramalho, *Op. Cit.*, p.78. José Vegar recorda que, a 3 de Agosto de 1939, Helena Vacaresco, delegada romena à Sociedade das Nações, se alojaria no Palácio; a esta seguir-se-iam muitos ilustres e intelectuais europeus em escala. Cf. José Vegar – "Destino Cascais", *Revista Expresso*, nº1196, 29 de Setembro de 1995, p.91.

1) o decreto-lei nº27:601 de 29 de Março de 1937 – proibia as câmaras de Lisboa, Oeiras e Cascais de erguer/alterar construções sem aval preliminar do Gabinete do PUCS;

2) o decreto-lei nº28:797 de 1 de Julho de 1938 – definia o regime de expropriações para melhoramentos públicos inseridos na dinâmica da celebração dos Centenários de 1940[2003];

3) o decreto-lei nº29:043 de 7 de Outubro de 1938 – autorizava o início dos trabalhos, antes da aprovação de projectos, simplificando formalidades.[2004]

Focando-nos na via panorâmica costeira, em Novembro de 1937 o MOPC (liderado por Joaquim José de Andrade e Silva Abranches) concedeu um subsídio de 80.000$00 para a JAE efectuar o projecto definitivo[2005], lançando-se, em Setembro seguinte, o concurso público para arrematação da empreitada do troço Santo Amaro de Oeiras-Cascais[2006] e definindo-se o caderno de encargos[2007]. Em 1939 dar-se-ia atenção à rede de saneamento da Costa do Sol, visando adaptá-la à realidade da tarefa em curso[2008]. Em 1938, o regresso de Duarte Pacheco à liderança do MOPC aceleraria a dinâmica do PUCS, mas com Agache no Brasil foi Etiènne de Gröer quem assumiu a tarefa[2009]. O voluntarioso ministro seria elogiado pelo ACP, cuja revista indicava o esforço de 2.000 homens na criação da Marginal[2010]; na prática, a via fora dividida em duas empreitadas, com o troço Bom Sucesso-Santo Amaro a cargo do construtor Waldemar d'Orey e a ligação Santo Amaro-Cascais entregue à Sociedade Italo-Portuguesa de Construções[2011], com todas as escavações a serem manuais[2012]. Em artigo

[2003] Em 1940 Belém seria palco da Exposição do Mundo Português, remodelando-se a praça fronteira ao Mosteiro dos Jerónimos, re-mistificando-se a orla costeira, renovando-se equipamentos culturais como o Castelo de São Jorge e convertendo-se território rural em espaço urbano, como se observou na Portela de Sacavém com o estabelecimento do aeroporto. Da equipa da lista de expropriações consignadas a «utilidade pública» incluíam-se, na alínea *f)*, a auto-estrada e a Marginal.
[2004] Em Fevereiro de 1939 anunciar-se-ia a entrega de propostas para a auto-estrada, na JAE, e para a Portela, na edilidade lisboeta; em simultâneo, principiavam as demolições de cariz estético para o evento. Cf. *Diário de Lisboa*, 15 de Fevereiro de 1939, p.5.
[2005] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº265 de 12 de Novembro de 1937.
[2006] Cf. *Idem*, nº208 de 7 de Setembro de 1938.
[2007] Cf. *Ibidem*, nº215 de 15 de Setembro de 1938.
[2008] Cf. *Ibidem*, nº118 de 23 de Maio de 1939; Cf. *Ibidem*, nº282 de 5 de Dezembro de 1939.
[2009] Nascido na Rússia, formado em Nice, leccionara no Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris e fixou-se em Portugal, em 1940. Cf. Margarida Souza Lôbo – "O Plano de Urbanização da Costa do Sol face ao Paradigma da Cidade-Jardim", *O Plano de Urbanização da Costa do Sol – Uma Visão Inovadora para o Território*, Margarida Pereira (coord.), Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 2009, p.55.
[2010] *ACP*, Junho de 1939, pp.14-15.
[2011] Contrato assinado com a JAE a 25 de Janeiro de 1939. Cf. *Diário* do Governo, II Série, nº77 de 3 de Abril de 1939.

de 1941, a Marginal seria descrita como estrada larga, com duas faixas em cada sentido, bordejando a linha férrea e as falésias, pontuada de parques de estacionamento que evitam "que os automóveis se quedem na faixa de rolagem"[2013] e com áreas marcadas para estações de serviço. Quanto à titânica auto-estrada, em Janeiro de 1938, o MOPC concedeu 80.000$00 para o Gabinete do PUCS avançar com os estudos, sobretudo, para as questões da ponte sobre o vale de Alcântara[2014] e do arranjo do Arco do Carvalhão[2015]. Esta via não ficaria completa a tempo do certame de 1940, apenas se executando o troço inicial rumo ao Estádio Nacional; a actual A5 seria terminada cerca de 50 anos após o início das obras.

Imbuído de vertigem, corrupio, descontrolo, o século XX foi "o século velocíferico"[2016] que o escritor romântico Goethe previra e atrás referimos em detalhes técnicos e ideológicos no cômputo rodoviário e automobilístico. O esforço de renovação da rede viária local prendeu-se com as ligações Monte Estoril-Cruz da Pôpa[2017] e Monte Estoril-Amoreira-Estrada nº78-2ª[2018], além da extensão entre a Praia do Guincho e a Malveira da Serra[2019], reforçando-se as ligações a Sintra. A deontologia na circulação abrangeria a proibição de estacionamento nocturno na via pública[2020] e a criação de parques ao longo das vias renovadas[2021]. A prosperidade do negócio automóvel justificaria a abertura de outra garagem no Monte, a Garagem Auto-Monte Estoril de José Hipólito da Silva, "estação de serviço oficial «Castrol»" sita no Largo de Ostende,

---

[2012] *Diário de Lisboa*, 8 de Junho de 1939, pp.10-11. Esta implicou a demolição de casas e alargamento das faixas pré-existentes, para maior usufruto da vista de mar, além de desvio da linha férrea em certos troços; o engenheiro António Belo sugeriria até o estabelecimento de carris entre Cruz-Quebrada-São Domingos-Sintra. Cf. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 16 de Dezembro de 1938, p.548.

[2013] Carlos Soromenho – "Estrada Marginal", *Panorama*,Lisboa, nº2, Julho de 1941, p.3.

[2014] O futuro viaduto Duarte Pacheco ligaria o alto dos Sete Moinhos à serra de Monsanto, ao longo de 450 metros de terreno, numa difícil empresa não isenta de riscos, como nos recorda o desabamento e as vítimas do Verão de 1939. Cf. *Diário de Lisboa*, 11 de Julho de 1939.

[2015] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº13 de 17 de Janeiro de 1938. No mesmo exemplar indica-se a exoneração do Tenente Cardoso do Gabinete do PUCS e a cedência do seu lugar ao Coronel Carlos Passos Pereira de Castro, nova autoridade administrativa de Cascais. Em Março de 1939oentão edil José Roberto Raposo Pessoa leria, em reunião camarária, o ofício nº230 do Gabinete, informando sobre o aval do MOPC quanto à sua aceitação como representante no seu seio. Cf. AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 31 de Março de 1939, p.196v.

[2016] *Diário de Lisboa*, 8 de Janeiro de 1937, p.1.

[2017] *O Estoril*, 17 de Janeiro de 1937, p.1.

[2018] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº122 de 28 de Maio de 1938; Cf. *Idem*, nº190 de 16 de Agosto de 1939.

[2019] Cf. *Ibidem*, nº83 de 11 de Abril de 1939.

[2020] Alegando-se a prática de crimes facilitada pela colocação de automóveis ao dispor dos meliantes. Cf. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 16 de Julho de 1937, p.366.

[2021] A JAE definira-os ao longo da Estrada do Guincho "para evitar a interrupção do trânsito". Cf. *ACP*, Outubro de 1937, p.17.

onde se executavam serviços de mecânica e de electricidade, e se vendiam carburantes, peças e acessórios.[2022]

6.2. A realidade dos flagelos municipais

No campo da Salubridade e da Higiene[2023] o final dos Anos 30 assistiu à instalação de sanitários na passagem subterrânea entre a igreja de Santo António e a praia do Estoril[2024], à reparação do colector de esgotos do Monte[2025], ao alargamento da albufeira do Rio da Mula, para fornecimento aos Estoris[2026], e à captação de águas da nascente da Boa Esperança, em Alcabideche, para abastecimento da sede concelhia[2027]. No entanto, as duas acções mais relevantes basearam-se em preceitos turísticos (a «Cruzada» contra as pestes aladas) e urbanísticos (a cobertura de curso fluvial), considerados sob a perspectiva da promoção da Costa do Sol e do PUCS. O Código Administrativo de 1936 criara as comissões municipais de higiene (artigo 95º) e a de Cascais[2028] primaria pela campanha contra moscas e mosquitos (pelas fossas mal construídas, águas estagnadas e estrumeiras a céu aberto), projecto sanitário inédito no país[2029]; planeado para dois anos, nele se dividia a autarquia em três áreas[2030]. Inaugurada na convergência do aniversário da «Revolução Nacional» do 28 de Maio de

[2022] *O Volante,* 20 de Outubro de 1939, p.11.
[2023] Actas da JTC registam contactos entre Marques Mata, o Embaixador da Holanda e o Burgomestre de Amesterdão para partilha de experiências sobre o tipo de veículo de recolha de lixo empregue na urbe centro-europeia. O administrador da cidade holandesa lamentava não ter exemplar novo para oferecer a Cascais, mas enviaria um usado para estudo. Cf. AHMC/AACD/JTCE – Actas da Junta de Turismo de Cascais, 27 de Novembro de 1939, pp.1-2; *Idem*, 11 de Dezembro de 1939, p.1.
[2024] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº244 de 20 de Outubro de 1938.
[2025] Cf. *Idem*, nº42 de 21 de Fevereiro de 1938.
[2026] Após negociações falhadas com o Visconde dos Olivais, a edilidade receberia autorização do governo para expropriar 12.000 metros quadrados de terreno na Penha Longa, sob a bandeira da «utilidade pública» da obra. Cf. *O Estoril*, 17 de Janeiro de 1937, p.2.
[2027] Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº87 de 15 de Abril de 1937.
[2028] Acta camarária indica como membros o vereador do Pelouro da Higiene, coadjuvado por Delegado de Saúde, engenheiro municipal, inspector de Pecuária e membro do conselho municipal. Cf. AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 1 de Abril de 1938, p.37v..
[2029] Luísa Vilarinho, *Op. Cit.*, p.305. A campanha não se trataria de medida tomada após praga súbita, antes resultando de ponderada decisão camarária (Cf. *Diário de Lisboa*, 3 de Junho de 1938) e a iniciativa experimental impunha-se na primeira estância portuguesa (Cf. *O Estoril*, 29 de Setembro de 1939, p.4). O paradoxo entre a imagem veiculada e o quotidiano real vivenciado reflecte-se no alerta que a Comissão de Higiene solicita à CMC para transmitir à SEP: pede-se a limpeza de fossas existentes no lugar de Amoreira e da estrumeira no pinhal do Estoril, de forma a evitar que ali "andem porcas à solta, como se tem verificado". Cf. AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 9 de Junho de 1939, p.231.
[2030] A primeira inseria Cascais e lugares interiores, Monte e o perímetro ocidental da freguesia de Alcabideche (na confluência com Oceano e Sintra); a segunda abarcava o Alto Estoril, estendendo-se a Alcoitão e a São Pedro do Estoril; a terceira referia-se às freguesias de Carcavelos e São Domingos de Rana. Cf. *Ecos de Sintra*, 28 de Maio de 1938, p.1.

1938, a campanha incluiu palestras radiofónicas[2031], a divulgação de cartazes de Stuart Carvalhais, acções de sensibilização das populações escolares e adultas, a publicação de editais camarários específicos, tudo compilado *a posteriori* em compêndio para memória futura[2032]. Uma das modalidades informativas sobre a luta sanitária foi o humor, tanto na forma de *Cartoon* jornalístico[2033], como na de artigo, no qual se zombava que, em Cascais, a mosca era essencial ao Turismo por haver "imensa gente que morria de pasmo se lhe tirassem a única ocupação em que exerce a sua actividade: enxotar as moscas".[2034]

Parte da luta contra pragas (e cheias) dependia da reformulação da Baixa de Cascais, pelo que as obras de prolongamento da cobertura da Ribeira das Vinhas à foz comportaram, entre 1938 e 1939, um investimento estatal de cerca de 150 contos[2035], falando-se também da necessidade de transferir o mercado da Praia dos Pescadores para outro local[2036], e de substituir a rede eléctrica obsoleta que causara constantes apagões em Janeiro de 1939[2037], transtorno admissível para a vila onde residia o chefe de Estado e que fora a primeira do país a conhecer a electricidade. Até meados dos Anos 40 o centro de Cascais sofreria intenso *facelit* urbano ficando irreconhecível, aproximando-se a urbe dos traços que hoje lhe conhecemos.

6.3.1. Turistas e banhistas

Sem recurso ao Livro nº5 de actas da CITC torna-se difícil identificar as queixas dos visitantes entre o «limbo» da extinção da entidade e a génese da JTC[2038]. Contudo, em texto de José de Ataíde intitulado *Turismo e Boa Educação,* o autor aproximava

[2031] A de Armando Narciso na Emissora Nacional notava que o turista civilizado diferia do amante de touradas por apreciar sol sem moscas. Cf. Armando Narciso – "Môscas e Turismo", *Moscas e Mosquitos Campanha da Câmara Municipal de Cascais*, s/l, Junta de Turismo de Cascais (ed.), 1939, p.41.
[2032] Junta de Turismo de Cascais (ed.) – *Moscas e Mosquitos Campanha da Câmara Municipal de Cascais*, s/l, 1939.
[2033]Cfr.*Os Ridículos,* 15 de Junho de 1938, p.1.
[2034] O autor acrescentava que até os golfistas tinham como apelativo esforço adicional o acertar nas moscas (Cf. *Viagem*, Setembro de 1938, p.14). Na Imprensa as referências à campanha eram acompanhadas de anúncios cómicos ao *Gargoyle*, insecticida perfumado da*Vacuum* ao alcance do cidadãocomum. Cf. *Diário de Lisboa*, 9 de Junho de 1939, p.5; *Idem,* 11 de Agosto de 1939, p.6.
[2035] Valores disponíveis em: Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº29 de 5 de Fevereiro de 1938; Cf. *Idem*, nº45 de 24 de Fevereiro de 1938; Cf. *Ibidem*, nº100 de 2 de Maio de 1938; Cf. *Ibidem*, nº101 de 4 de Maio de 1938; Cf. *Ibidem*, nº185 de 10 de Agosto de 1939.
[2036]*O Estoril*, 19 de Setembro de 1937, p.2.
[2037]*O Século*, 11 de Janeiro de 1939, p.5; 13 de Janeiro de 1939, p.2.
[2038] Livro que não consta no acervo da ex-Junta de Turismo da Costa do Estoril, nem do AHMC.

Turismo e Urbanidade como faces da mesma moeda, devendo a cortesia ser apanágio de todos os intervenientes nos serviços prestados, "Desde o director duma poderosa agência de viagens até ao moço de fretes, desde um grande hoteleiro até ao mais modesto dos grooms"[2039], pois os atractivos das áreas de acolhimento de nada valem perante a falta de polimento. Porfiava-se uma nova mentalidade na cultura do serviço turístico nacional, sendo a hospitalidade traço atávico aplaudido pelos visitantes[2040]. No período em análise a maior alteração ao troço costeiro São João-Estoril-Monte foi a construção da esplanada que custou ao MOPC mais de 250 contos entre mão-de-obra, calcetamento, fixação de esporões de defesa[2041] e imprevistos climatéricos[2042]. Se no capítulo II referimos o dinamitar de rochas para alargamento da praia de Monte, neste relevamos a subjugação das falésias ao peso circulatório da «Civilização do Betão».

6.3.2. As agruras diárias da população residente

Em Fevereiro de 1938 *O Século Ilustrado* publicava uma verdade universal:

> Não compete ao Turismo a solução de problemas fundamentais da vida social. Ele pode, porém, ter oportuna intervenção, quando essas questões exteriorizam em factos e acontecimentos que contrariam bastante a acção que tem por objectivo conseguir um aspecto geral do país digno de provocar a mais agradável impressão nos… que nos visitam.[2043]

Eis a razão da inserção nesta tese deste sub-capítulo que faculta a reacção do visitante e dos visitados às falhas do destino, em acepção que hoje designamos de «qualidade de vida». Comecemos pelas questões da Mendicidade e da Assistência. No primeiro caso, o *Diário de Lisboa* chegou a publicar entrevista a António Miguel, cidadão que abandonara Teixoso, na Covilhã, com a família, "atraído pelo Eldorado do Estoril"[2044], que não encontrou. Lutando pela supressão da Mendicidade, autoridades, beneméritos e estrangeiros residentes mantinham subsídios à Casa de Trabalho de

[2039] *O Estoril*, 17 de Março de 1938, p.4.
[2040] Ao longo da vida Ataíde manteria a «Cruzada» de excelência do Turismo em Portugal e, ao redigir este texto, entende-se que a reacção dos clientes ainda apontava esta falha nacional.
[2041] Somem-se valores inscritos em: Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº22 de 27 de Janeiro de 1937; Cf. *Idem*, nº33 de 10 de Fevereiro de 1937; Cf. *Ibidem*, nº35 de 12 de Fevereiro de 1938; Cf. *Ibidem*, nº52 de 4 de Março de 1939; Cf. *Ibidem*, nº191 de 17 de Agosto de 1939; Cf. *Ibidem*, nº205 de 2 de Setembro de 1939.
[2042] Cf. *Ibidem*, nº103 de 5 de Maio de 1937.
[2043] *O Século Ilustrado*, 19 de Fevereiro de 1938, p.10.
[2044] *Diário de Lisboa*, 12 de Agosto de 1937, p.4. Tal seria a imagem edénica que a estância projectava nas zonas mais pobres do país.

Cascais[2045], festas a favor do Asilo de Santo António[2046], sopa dos pobres[2047] e combate à Tuberculose[2048]. A caridade cristã começava na Primeira-Dama, Maria do Carmo Fragoso Carmona, sendo-lhe entregue, a 26 de Setembro de 1937 a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo pela "nobre solicitude no socorro aos humildes"[2049]; mantinham-se sob sua protecção os munícipes desvalidos, desamparados após a resignação da Comissão de Assistência de Cascais[2050]. À luz do regime, a Srª. Carmona e outras ilustres associadas à OMEN fundariam o Posto de Puericultura de Cascais[2051] dirigido pelo Dr. Mário Quina, devendo-se aos condes de Monte Real a criação da Casa dos Pobres de Cascais, em 1937, gerida pelo Dr. António Pereira Coutinho[2052]. Das instituições de caridade a Misericórdia mantinha-se a mais procurada e o seu estrangulamento financeiro era adjectivado na Imprensa como situação "dificílima"[2053]; a CPC sairia em seu auxílio ao organizar concurso hípico no Parque da Gandarinha[2054], tal como o Casino o faria ao exibir sessão de cinema[2055]. O Estado, para lá dos subsídios regulares, atribuiria verbas adicionais destinadas à construção do novo hospital[2056]. Em Abril de 1938 *O Século* divulgaria o projecto arquitectónico, revelando a doação de terrenos por Henrique Marques Leal Pancada, e o financiamento da mão-de-obra pelo Estado e de materiais pelo legado do falecido Conde de Castro Guimarães[2057]. No entanto, perto da conclusão a obra pararia por falta de verbas, lástima recordada em Janeiro de 1939,

[2045] Valores disponíveis em: Cf. *Diário do Governo*, II Série, nº210 de 8 de Setembro de 1937; Cf. *Idem*, nº149 de 30 de Junho de 1938, Cf. *Ibidem*, nº245 de 20 de Outubro de 1939.
[2046] A de Agosto de 1937 incluíra quermesse, venda de bolos, chá e sorteio, em prol da sucursal concelhia das Oficinas de São José (de Lisboa). Cf. *O Estoril*, 29 de Agosto de 1937, p.6.
[2047] Em Novembro de 1937 a esposa do cônsul da Argentina entregara 1.450$00 ao Administrador do Concelho, para o efeito. Cf. *Idem*, 25 de Dezembro de 1937, p.5.
[2048] O cinema do Casino organizaria sessões com receitas destinadas à «Semana da Tuberculose». Cf. *Ibidem*, 27 de Abril de 1938, p.5.
[2049] *O Século*, 26 de Setembro de 1937, p.1. Em Novembro, ela tornaria a ser notícia pela distribuição de roupas aos pobres de Cascais. Cf. *Diário de Notícias*, 12 de Novembro de 1937, p.1. Nos Natais seguintes repetir-se-ia a entrega de roupas, brinquedos e bolos a crianças e a adultos.
[2050] *Diário de Lisboa*, 25 de Agosto de 1937, p.5.
[2051] O nº8 da Junta da Província da Estremadura. A Primeira-Dama e a Condessa de Monte Real integravam, respectivamente, a comissão de honra e ajunta central da OMEN, sendo saudadas pela iniciativa que serviria "Deus, a Pátria e a Família." Cf. *O Século*, 10 de Outubro de 1938, p.3.
[2052] *Idem*, 10 de Dezembro de 1938, p.1.
[2053] *Diário de Lisboa*, 21de Agosto de 1938, p.11.
[2054] *O Século*, 6 de Setembro de 1937, p.7.
[2055] Projecção do terceiro filme do ciclo *As Férias da Família Hardy*, protagonizado por Mickey Rooney. Cf. *Diário de Lisboa*, 25 de Setembro de 1939, p.6.
[2056] Cfr. *Diário do Governo*, II Série, nº32 de 8 de Fevereiro de 1937; *Idem*, nº41 de 18 de Fevereiro de 1939; *Ibidem*, 289 de 13 de Dezembro de 1939 (verba destinada à abertura de acesso ao hospital).
[2057] *O Século*, 15 de Abril de 1938, p.7.

aquando da visita do governador-civil de Lisboa ao concelho[2058]; o Hospital Condes de Castro Guimarães abriria em finais de 1941.[2059]

Preocupações com sobrevivência económica, subjugação social da comunidade piscatória e manipulação política da imagem dela projectada sobre os restantes cidadãos conduziria à inauguração da Casas dos Pescadoresde Cascais[2060], a 2 de Outubro de 1938. O programa do «Dia do Pescador» incluíra a distribuição de bodo a 200 marinhos inscritos na Casa, provas físicas de natação e regatas na Baía e festival musical de fados e canções populares junto à Cidadela[2061]. No Verão seguinte os pescadores seriam surpreendidos pela visita não anunciada do Comandante Henrique Tenreiro[2062], vogal da Junta Central das Casas dos Pescadores que passou pelos quatro «arraiais» das companhas locais (na Guia, na Pombeira, em Alpendurada e em Oitavos) para acercar-se das condições de vida dos «lobos-do-mar», visando melhorias[2063]. A nível teórico, Álvaro Garrido recorda a promoção coeva da identidade portuguesa como resultante do binómio Império-Ruralidade, apostando-se na difusão ritualística do retorno ao Mar, pois a etnografia ancestral fundia-se com "a estética das massas do fascismo"[2064]; exemplos disso foram a Bênção dos Bacalhoeiros, em Belém, e a inauguração de casas e bairros de pescadores. No caso concreto, além da sede fundada em 1938 decorreriam eventos para reunião de fundos a favor da caixa de previdência, aliando episódios como baile popular, regatas, simulacro de salvamento a náufragos (por bombeiros e rapazes

[2058] Um dos anfitriões seria o Provedor da Misericórdia. Cf. *Idem*, 30 de Janeiro de 1939, pp.1-2.
[2059] *O Estoril*, 6 de Julho de 1941, p.4; Pedro Falcão, *Op. Cit.*, p.240.
[2060] Instituídas pelo decreto-lei nº27:978 de 20 de Agosto de 1937, as Casas dos Pescadores agregavam marinhos e armadores, inserindo-se no espírito corporativista e prestando-se a cimentar acções de previdência social junto de famílias pobres, crianças órfãs e pescadores idosos; uma das fontes de receitas para a abertura da cascalense derivara de chá dançante organizado pelo Casino (Cf. *Diário de Lisboa*, 24 de Setembro de 1938. P.6). Contudo, desde Março de 1930 que a comunidade piscatória local fundara o pioneiro Club Marítimo de Cascais, um "*Club* quási privativo" com pendor na assistência social e no fortalecimento da unidade identitária, algo que a acção da ditadura centralizou e politizou sob sua alçada. Cf. *Jornal de Cascaes*, 10 de Abril de 1934, p.2.
[2061] *O Século*, 1 de Outubro de 1938, p.8. Em acta camarária registou-se a atribuição de 1.000$00 ao CNL, "para solenisar a inauguração da Casa dos Pescadores". Cf. AHMC/AADL/CMC/A-1/B-A/001, 23 de Setembro de 1933, p.114v.
[2062] Oficial que se destacaria na organização corporativa das Pescas, em especial, no sector do bacalhau. Sobre isso leia-se: Álvaro Garrido – *O Estado Novo e a Campanha do Bacalhau*. Rio Tinto: Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2010.
[2063] *Diário de Lisboa*, 13 de Julho de 1939, p.4.
[2064] Álvaro Garrido – "O Estado Novo e a Recriação Historicista de uma Tradição Marítima Nacional: Discursos sobre a "Grande Pesca"", *Revista de História das Ideias*, Coimbra, Volume 28, 2007, p.332. Em simultâneo, recordava-se como Hollywood elogiara o espírito marítimo português personificando-o na representação oscarizada de Spencer Tracy, o Manuel da longa-metragem *Captain Courageous*(Cf. *O Século Ilustrado*, 1 de Janeiro de 1938, p.12). O filme de 1937 inspirara-se em obra de 1897 de Kipling.

do *Club* Náutico Afonso Sanches) e jantar «à pescador»[2065]; em Julho de 1939 o SPN publicaria boletim em língua francesa, revelando que casas como a de Matosinhos e a cascalense tinham já escolas para os filhos dos associados[2066]. A Casa dos Pescadores de Cascais (que tinha uma secção na Ericeira[2067]) e o Estado Novo actuariam ainda sobre a vida espiritual da comunidade pela conclusão da igreja dos Navegantes, em 1942, e pela promoção da procissão à Senhora dos Navegantes[2068], contrapondo-se a rusticidade genuína de Cascais à modernidade fútil dos Estoris[2069]. No campo artístico, se o pintor Carlos Bonvalot animara telas com paisagens humanas e costeiras da vila, a poetisa Fernanda de Castro pintaria aguarelas sensoriais na descrição das mesmas ao escrever: "Cascais… viveiros de lagostas, peixe vindo da lota. Barcos ao sol, rede na praia, sardinhas a assar em fogareiros de barros."[2070]

[2065] *O Século*, 14 de Agosto de 1939, p.5.
[2066] *Bulletin de Renseignements Politiques, Économiques et Littéraires*, Lisbonne, SPN, nº47, 31 Juillet 1939, pp.4-5.
[2067] Note-se que a vigilância costeira abarcava território transconcelhio; o Bairro dos Pescadores de Cascais nasceria em 1949. Cf. Joana Marques Macedo e Manuel Lorigo – *O Regime Alimentar dos Pescadores de Cascais*, Lisboa, Edições Colibri e Câmara Municipal de Cascais, 2008, pp.49-50.
[2068] *Idem*, pp.54-55. Nos Anos 40 a SPC, sob a presidência de Armando Vilar, organizaria, em conjunto com Nunes Ereira e Cardim, membros da Irmandade do Espírito Santo, as Festas do Espírito Santo, em 1941. Cf. *O Estoril*, 6 de Julho de 1941, p.4.
[2069] Similar opinião em: Paula Lopes, *Op. Cit.*, p.74.
[2070] PT/FAQ/AFC/Cx. 14B, Crónicas de *Lisboa-Sintra-Cascais-Lisboa*, s/d, Fernanda de Castro.

REFLEXÕES FINAIS

> "… Jamais deixarei de ser o que sempre fui: um português que ama enternecidamente a sua Pátria, que trabalha pelo seu engrandecimento, pela sua prosperidade, e que deseja apaixonadamente vê-la erguer-se cada vez mais a maior altura no conceito do mundo."[2071]

Numa deslocação a Lisboa para investigação doutoral, uma frase impressa na decoração da estação do Metropolitano no Saldanha impressionou-nos pela pertinência. De autor anónimo, lê-se: "Uma época não é apenas uma questão de tempo mas essencialmente um sentido do novo no eterno.[2072]" Abordar o Turismo nos Anos 30 revelou-se apresentar o fenómeno civilizacional nascido da Revolução Industrial num dos seus períodos em Portugal e, sobretudo, no eixo Estoril-Monte Estoril-Cascais. Com génese fixada na sede concelhia, na década de 1870, seguida de urbanização de pinhal altaneiro onde unidades hoteleiras e microclima cativariam ingleses, as décadas deslizariam sobre carris ao longo da «Linha» até, em 1928, a então «Riviera Portuguesa» acolher delegação da SPP e passar a auto-designar-se «Costa do Sol»[2073]. Ao celebrar-se o Centenário do Turismo em Portugal, o congresso de Maio de 2011 congregou teses que oscilaram entre três blocos existenciais (Ontem, Hoje e Amanhã). Em boa hora no nosso painel de oradores se apresentaria uma comunicação[2074] sobre as comissões de iniciativa, que resgatou das areias do Tempo essas entidades públicas primevas e o esforço titânico empreendido no desbravar de atavismos e na busca de atenções externas: fora esse o propósito que nos guiara a recorrer aos livros de actas[2075] da CITC, de modo a apresentar a perspectiva institucional local do sector. Admirável foi constatar que, pese embora as elites usufruíssem da orla costeira cascalense desde o reinado de D. Luís I, a CITC enfrentaria problemas de implantação, aceitação e

[2071] Fausto Figueiredo apud Herculano Nunes – "Fausto de Figueiredo", *Cascais e Seus Lugares*, Junta de Turismo de Cascais, nº4, 6 de Abril de 1951, p.10.

[2072] Inscrição mural junto às plataformas do Metro no Saldanha. Num paralelo entre a atmosfera política dos Anos 30 europeus e a actualidade Rob Riemen nota que a crise espiritual, moral e cultural actual manifesta os mesmos traços de intolerância, ignorância e ressentimento explorados então por líderes (sem programas políticos de fundo) como Hitler e Mussolini. Já em 1947, perante a ausência de valores universais e integridade moral os pensadores Albert Camus e Thomas Mann "declararam que o fascismo é um fenómeno político que não desapareceu com o fim da guerra." Cf. Rob Riemen, *Op. Cit.*, p.45.

[2073] Epíteto promocional em confronto com a «*Côte d'Azur*» da Riviera original.

[2074] Luís da Silva Fernandes (Universidade Católica) e Carlos Costa (Universidade de Aveiro) – *Organizações Locais de Turismo na 1ª República e inícios do Estado Novo: as Comissões de Iniciativa e Turismo*, tese apresentada a 13 de Maio de 2011, na Sala Portugal da Sociedade de Geografia.

[2075] Durante décadas estiveram empilhadas na cave da Junta de Turismo (de Cascais e, depois, da Costa do Estoril), tendo-nos sido facultadas por colaboradora da entidade, antes da sua entrega ao AHMC.

(des)ordem interna similares às congéneres nacionais, face à resistência dos proprietários hoteleiros e de restauração em pagar a taxa de Turismo que as subsidiava.[2076]

Numa súmula dos principais feitos e intervenientes em cena tentámos apresentar as perspectivas do cliente e dos promotores dos trunfos turísticos dos Estoris internacionais e de Cascais, delegando para outro investigador a percepção quanto à evolução socio-económica concelhia nos anos em causa. Dividindo os onze anos decorridos entre 1929 e 1939 abordámos três fases distintas[2077] em tão breve lapso, com base nas transmutações impostas ao fenómeno «Turismo». De facto:

1) entre 1929 e 1933 concluiu-se o *resort* Estoril pejado de predicados (e tentações) modernos[2078], únicos no país pela grandeza e cosmopolitanismo – esta foi para nós a fase da «perene internacionalidade», num instante de triunfo das iniciativas privadas (concessionadas e residenciais) com financiamento e ilustração artística de foro estrangeiro, num momento de transição do caos da ditadura militar para a possessividade da salazarista;
2) entre 1934 e 1936 verificou-se a inexorabilidade da renovação de equipamentos como sorvedouro de fundos[2079], pelo que o Estado Novo daria alento ao Estoril após constatar o retorno em receitas[2080], não deixando de impor a sua (omni)presença num vale que, em poucos anos, se assemelhava a um Estado independente às portas de Lisboa – por seu turno, o Monte preservava-se inalterado, contrastando com o sopro de renovação que apoiantes ao regime insuflavam na projecção dos trunfos naturais e etnográficos de Cascais, cuja «revalorização de identidade nacional» se estenderia ao palco do Casino, ao ar livre e às águas da Baía;
3) entre 1937 e 1939 observou-se como a dualidade política afectou a imagem da «Costa do Sol», pois apesar da neutralidade oficial assumida, os Estoris

[2076] Cujos membros não auferiam ordenado pela laboração.
[2077] A realizar-se película sobre este lapso, na primeira parte escutar-se-ia apenas *Jazz*, na segunda Folclore e, na terceira, uma fusão entre o ecoar distante das metralhadoras, as gargalhadas dos assistentes às revistas populares exibidas no Casino e o trino das guitarras portuguesas.
[2078] Golfe, Hotel Palácio, novo terminal do *Sud Express*, Casino e uma miríade de diversões usufruíveis por abastada clientela sibarita.
[2079] Investidos pelos concessionários, além dos impostos por eles pagos às autoridades públicas locais e nacionais.
[2080] Tanto que a SEP envolver-se-ia no desenvolvimento do sector em São Miguel, nos Açores, após aval do governo à sua colaboração com a STN dos Bensaúde.

acolheram e mimaram uma das facções beligerantes de Espanha[2081] – apelidamos de «fase combativa» este período, visto ter o triângulo turístico servido de rectaguarda às forças hispano-germânicas do conflito vizinho, obrigando à industriosa reformulação estratégica da imagem do destino por promotores públicos e privados, visando não arredar receitas de visitantes estrangeiros e seduzir as de públicos internos.

Catalogando os produtos *in situ* cumpre-nos respeitar a diacronia dos factos, colocando o Clima no topo da lista, seguindo-se itens como o Termalismo, o Lazer (destaque para o desportivo), o Jogo, os Eventos (diversificados) e o Património cultural (tangível e intangível). Resumindo as tipologias de Turismo vigentes na década de 1930 segundo a percepção actual, note-se que Cascais se distinguia pelo Turismo cultural (edificado e etnográfico) e o Monte pelo Turismo de Saúde (de pendor climatológico) e pelo Balnear (pelas enseadas apreciadas). O Estoril revelava-se como estância plural, pois ao Turismo de Saúde (pelas termas) e ao Balnear acrescentava-se o Científico (emergente através de congressos, reuniões e visitas), o de Lazer (nele congregamos desportos e eventos), o Náutico (pelas regatas internacionais) e, claro, o Jogo concessionado. Destrinçando os mercados que se deslocavam ao eixo Estoril-Cascais nos onze anos abordados repara-se na sazonalidade repartida entre britânicos no Inverno e espanhóis no Verão, e a periodicidade das deslocações de lisboetas durante o fim-de-semana[2082]. O conflito conceptual sobre o cliente dos serviços oferecidos abarcava duas categorias de viajantes internacionais, segundo definição da OMT facultada na Introdução; a reputada entidade distingue «turista» e «excursionista» (consoante a duração da estada), de «refugiado». Em termos concretos, entre 1931 e Julho de 1936 o eixo em análise acolheu refugiados espanhóis, os quais eram visitados por relações próximas em pleno estio, esses sim qualificáveis de «turistas», tal como o eram outras nacionalidades visitantes; excepção deve aplicar-se a excursionistas (com presença inferior a 24 horas), como classificamos os alemães da *KdF* aportados em Alcântara.

Respondendo às três questões lançadas na Introdução, recorra-se ao pragmatismo. Assim, a nível territorial a actividade turística alterou irreversivelmente a paisagem entre Estoril-Monte Estoril-Cascais:

[2081] Recorde-se que a Falange se insinuava pelos hotéis, esplanadas e áreas sociais afins, sem pejo de revelar a sua identidade.
[2082] Com os programas de Sábado destinados ao público adulto e os de Domingo às famílias com crianças (para quem o Tamariz era o «Sétimo Céu» da diversão).

1) pela quase aniquilação do ancestral pinhal do vale de Santo António face à urbanização do *resort* com os hotéis, pensões, edifício termal, arcadas comerciais, Casino e *stands* de tiro;
2) pela obliteração de troços rochosos costeiros ao dinamitarem-se formações naturais para poder estender-se a praia do Monte;
3) pela subjugação ao peso da civilização de limiares terrestres através do passeio marítimo estendido entre São João do Estoril e Cascais, sobre o qual se ergueriam (os betumizados) balneário no Tamariz e «*Reserve*» na Praia da Conceição;
4) pela projecção de uma auto-estrada e de uma via panorâmica entre Lisboa e Cascais (concretizando-se a última a curto prazo), e uma pista de aviação na Quinta da Marinha;
5) pela abertura de ligações a nível inter e intra-local, seguida de betumização e aproveitamento para provas díspares de velocidade;
6) pela produção legislativa, por vezes pioneira, mas sempre constante.

A nível social, as populações anfitriãs reagiram de modo distinto às mudanças implantadas. Assim:

1) em Cascais, a elite residente manteve-se fiel à «redoma social» do *Club* da Parada, não se misturando com «Outros», excepto para frequentar os eventos mais selectos do Casino;
2) proprietários de estabelecimentos comerciais distintos rejubilavam com as oportunidades de negócio nos perímetros considerados, vendessem produtos básicos como mercearias ou tecnologicamente manipulados como gasolina e peças automóveis;
3) a maioria da população analfabeta, esfomeada e alheada de caprichos sociais ignorava os preceitos estéticos inerentes à imagem de destinos internacionais, clamando dos visitantes alguma generosidade para silenciar o estômago faminto (de nutrientes ou de álcool);
4) os pequenos proprietários rurais, a classe médica e os membros eclesiásticos que assistiam à realidade mísera e virulenta da massa anónima residente

(sobretudo no interior) eram quem se insurgia contra a bipolaridade social e estrutural, exigindo melhorias na qualidade de vida dos locais.[2083]

A nível da perspectiva do cliente tentámos humanizar a pesquisa com recurso a obras de Literatura de Viagem (diários e relatos personalizados, sobretudo de britânicos e de franceses) e a entrevistas facultadas por visitantes (intelectuais, jornalistas, artistas e turistas no geral[2084]), não negligenciando as críticas às falhas estruturais do destino «Costa do Sol». Assim, à hipnotizante Boca do Inferno, à pitoresca comunidade piscatória cascalense, à odorífera e polícroma flora dos Estoris e às benesses do sol português, contrapunham-se os incómodos de horripilantes criancinhas pedintes, despojos acumulados em vias públicas, fedores e insectos delatores de más práticas de saneamento e higiene, além de falhas relativas a bancos de jardim, placas de sinalização ou caixas para correio a expedir nos hotéis. Se no cômputo geral o estado evolutivo do país e o luxo inicial exibido nos *resorts* impressionavam forasteiros, pecadilhos insidiosos e atávicos surgiam com o prolongamento das estadas. Contudo, não devem ser ignorados os preconceitos de viajantes habituados a destinos exclusivos[2085] por vezes se sobreporem à humanidade[2086] que, supostamente, esses mesmos clientes detinham quando em confronto com o seu semelhante menos bafejado.

Das personalidades[2087] indicadas destacam-se as parcerias Figueiredo-Carreira de Sousa (basilar à fundação do *resort* Estoril), Cardim-Ereira-Vilar-Aranha (fundamental à exploração do mesmo) e Ávila Madruga-Rodrigues Cardoso/Raposo Pessoa (no apoio entre entidades públicas na melhoria das condições de acolhimento às populações flutuantes e de assistência às nativas do eixo). Das entidades promocionais abordadas, depois dos Anos 20 assistirem à fixação da CITC (pelo Estado) e da SPCS

[2083] Dilemas e alterações por nós aflorados no tópico da Urbanidade.
[2084] Resgata-se o episódio do alemão hospitalizado na Misericórdia de Cascais e a sua gratidão pelo tratamento pleno de humanidade recebido do corpo médico da instituição de caridade local.
[2085] Ajustando as palavras de Hall insinuamos como a competitividade marcavajá a escolha do destino a visitar na época estudada, pois então a banalização/democratização gradual de uns arredava elites para áreas novas e distantes (como aconteceu da Riviera francesa para a portuguesa). Segundo Hall, "Tourism and leisure are… something to be "consumed", selected from an array of offerings produced and distributed [and promoted] by a highly competitive and enterprising tourism industry." Cf. Colin Michael Hall, *Op. Cit.*, p.193. Ontem, como hoje, o discurso mantém-se.
[2086] Qualidade mais notória no seio das colónias estrangeiras residentes (e seus diplomatas), pelos eventos organizados e os donativos oferecidos para melhoria das condições dos nacionais municipais.
[2087] Apreciados, renegados ou em conflito directo (caso de Fausto Figueiredo e Armando Vilar), a verdade é que das sinergias destas relações (cooperação e competição) se desenvolveram as três localidades turísticas, independentemente de interesses pessoais, simpatias políticas ou resoluções situacionais. Mas como admitiria António Ferro, "A memória dos homens é fraca e constitui, quase sempre, um tribunal onde raramente aparece um advogado de defesa e apenas se costuma dar a palavra ao delegado da acusação". Cf. António Ferro,*Turismo Fonte*, p.9.

(pela SPP) nos Estoris, o decénio seguinte pautar-se-ia pela inspiração que o SPN (e a Sociedade Histórica da Independência) ofereceria para a fundação da CPC na vila de Cascais. A volatilidade de elementos na CITC seria suprida com a nomeação, em 1933, de equipa liderada por Ávila Madruga, pouco transpirando os *Media* sobre a gestão privada da SPCS, embora desvendando a instabilidade da CPC (que em finais da década mudaria de designação).

Terminamos com a posição de Chris Rojek na apologia de que a acção do *Homo Ludens* tem sido bem mais significativa para a evolução da Humanidade do que a do *Homo Faber*[2088]. Esperamos com esta tese ter contribuído para melhorar o entendimento sobre como equipamentos, eventos e imagem turística oferecidos no eixo Estoril-Monte-Cascais, entre 1929 e 1939, foram fulcrais à estada e ao entretenimento de estrangeiros foragidos à carnificina da Segunda Guerra Mundial[2089] e ao engrandecimento da imagem promocional de Portugal. Lamentamos apenas Agatha Christie não ter imortalizado na memória literária europeia o *glamour* coevo dos Estoris cosmopolitas numa das aventuras do célebre detective *Hercule Poirot*[2090], o qual viajou e solucionou casos a bordo do *Train Bleu* e do *Orient Express*, ficando por contar igual acção livresca no *Sud-Express*, rumo ao Estoril. Na senda da nossa formação de base sugerimos às entidades competentes a concepção de um roteiro de memória alternativo passível de usufruto por nacionais e estrangeiros (residentes e visitantes), cujos tópicos de interesse se encontram ilustrados no Anexo III intitulado *Memórias Pétreas.*

[2088] John Huizinga e Louis Mumford apud Chris Rojek – *Leisure Theory: Principles and Practice*, Hampshire/New York, Palgrave Macmillan, 2005, p.46.
[2089] Tema bastante estudado em obras gerais e publicações patrocinadas pela CMC.
[2090] De nacionalidade belga, tal como a *Société de Bruxelles* que apoiou a SE na electrificação do ramal ferroviário de Cascais e alguns membros da SAI, como o mencionado Cyril de Vere.

FONTES

1. Fontes manuscritas

1.1. Arquivos centrais

Arquivo Nacional – Torre do Tombo

Arquivo Oliveira Salazar/Correspondência

FI-5, pt.8; pt.18

IN-91, cx.304, pt.19

NE-1, cx.392, pt.1; pt.11

OP-10, cx.848, pt.17

OP/AA, cx.477, pt.23

PC-12, cx.657

Ministério do Interior/Direcção Geral Política e Civil

Nt.705, pt.108

Ministério do Interior/Gabinete do Ministro

mç.449, pt.32/9

mç.451, pt.18/51

mç.452, pt. 19/21

mç.455, pt.21/10

mç.458, pt.4/1; pt.31/2

mç.459, pt.21/109

mç.462, pt.18/19; pt.19/8; pt.19/11; pt.19/17; pt.19/18; pt.19/38

mç.466, pt.49/3

mç.470, pt.22/17

mç.478, pt.7/1; pt.7/4

Ministério do Interior/Secretaria Geral

mç.342, lv.11, nº122

mç.355, lv.10, nº7/35

Secretariado Nacional de Informação

cx.494

cx.4373, pt.1

Censura, cx.607

Secretariado Nac. Informação/Direcção Geral dos Serviços de Espectáculos

proc.101

proc.695

proc.982

1.2. Arquivos locais

1.2.1. Arquivo Histórico e Municipal de Cascais

AACD – Arquivos da Administração Central Desconcentrada

JTCE – Junta de Turismo da Costa do Estoril

Actas da Junta de Turismo de Cascais[2091]

Relatórios e Contas de Gerência

Termos de Posse (1919-1974)

[2091]Note-se que os Livros de Actas nºs. 2 a 4 da CITC foram-nos facultados, em 2010, por colaboradora da extinta Junta de Turismo da Costa do Estoril (hoje ao serviço da Associação de Turismo de Lisboa – *Visitors and Convention Bureau*). Em Fevereiro de 2011 foi-nos solicitada a devolução para depósito no AHMC, encontrando-se estes, por ora, em tratamento. Após diálogo com o responsável do arquivo, o Doutor João Miguel Henriques, indicamo-las com as possíveis entradas:AHMC/AACD/JTCE, Actas da Junta de Turismo de Cascais – Livro nº2 da CITC (1927-1931); AHMC/AACD/JTCE, Actas – Livro nº3 da CITC (1931-1933); AHMC/AACD/JTCE, Actas – Livro nº4 da CITC (1933-1935).

AADL – Arquivos da Administração Local

CMC – Câmara Municipal de Cascais

A-1/B-A/001

L-E/001-004/2241

L-E/001-004/2689

L-E/001-004/2703

L-E/001-004/2855

L-E/001-004/2945

L-E/001-004/3626

L-E/001-004/3639

L-E/001-004/3658

L-E/001-004/3751

L-E/001-004/3793

L-E/001-004/3890

L-E/001-004/3947

L-E/001-004/3950

L-E/001-004/3965

L-E/001-004/4221

AASS – Arquivos Associativos

ANL – Associação Naval de Lisboa

CNP/B-A/002/003-Cx.004 pt.004

CNP/C-B/C-1A/B-A/001 Cx.3

SCC – *Sporting Club* de Cascais

C-5/A/B/001-Cx.1 Lv.05

C-5/C/009-C/010-Cx.7 pt.12

AESP – Arquivos Especiais

CJMC – Colecção José de Matos-Cruz

I/2763 Cx.065

1.2.2. Arquivo Histórico de Sintra

Arquivos Associativos

Comissão de Iniciativa de Sintra, Actas nº2 (1934-1937)[2092]

Câmara Municipal de Sintra

Actas nº31 (1933-1935)

Actas nº32 (1935-1936)

Actas nº33 (1936-1937)

1.2.3. Comissão de Iniciativa e Turismo do Concelho de Cascais[2093]

Contrato de Arrendamento do *Chalet* Americano pela Comissão de Iniciativa do Concelho de Cascais, datado de 10 de Maio de 1928.

[2092] Documento ainda não tratado à altura da consulta, embora guardado em pasta em cuja lombada se lê: Arquivo Municipal de Sintra, Arquivos Associativos, Comissão de Iniciativa de Sintra. Nesta se preservam dois livros de actas dos Anos 30 e alguns folhetos de iniciativas culturais organizadas nas décadas de 1930 e 1940.

[2093] Documentos não catalogados e facultados pela antiga Junta de Turismo da Costa do Estoril em 2010.

1.3. Arquivos particulares

1.3.1. Fundação António Quadros

AFC/Cx.1C
AFC/Cx.14C
AFC/001/0031/00014, Correspondência AFC-AF, Caixa 0023
AFC/001/0253/0004, Correspondência AFC-AF, Caixa 0021
AFC/001/0363/000007, Correspondência AFC-AF, Caixa 0028
AFC/001/0363/000012, Correspondência AFC-AF, Caixa 0028

2. Fontes impressas

2.1. Arquivo Documental e Fotográfico da CP – Caminhos de Ferro Portugueses

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses – *Linha de Cascais: Contrato de 7 de Agosto de 1918,* Lisboa, Imprensa Nacional, 1918.

2.2. Arquivo Histórico Parlamentar

Anais da Assemblea Nacional e da Camara Corporativa – 1935, Lisboa, Assemblea Nacional, 1936.

"Parecer da Câmara Corporativa sobre a Proposta de Lei nº15", *Assemblea Nacional e Câmara Corporativa – Índice Geral do «Diário das Sessões», Janeiro a Abril de 1935*,Lisboa, Assemblea Nacional, 1935, p.305.
"Sessão Preparatória da Câmara Corporativa em 10 de Janeiro", *Assemblea Nacional e Câmara Corporativa – Índice Geral do «Diário das Sessões», Janeiro a Abril de 1935*, Lisboa, Assemblea Nacional, 1935, p.5.

2.3. Comissão de Iniciativa e Turismo do Concelho de Cascais[2094]

Carta de 1 de Março de 1928, dirigida pela Sociedade de Propaganda de Portugal à Comissão de Iniciativa e Turismo de Cascais.

[2094] *Idem.*

Contrato de Arrendamento do *Chalet* Americano pela Comissão de Iniciativa do Concelho de Cascais, datado de 10 de Maio de 1928.

Ofício nº1.350-C/95 de 16 de Dezembro de 1927, dirigido pela Sociedade de Propaganda de Portugal à Comissão de Iniciativa e Turismo de Cascais.

2.4. Dicionários e enciclopédias

Anuário Comercial de Portugal, Volume II (Província e Ilhas), Lisboa, Emprêsa do Anuário Comercial, 1929-1939.

Costa, Américo (ed.) – *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular – Hydrographico, Historico, Orographico, Biographico, Archeologico, Heraldico, Etymologico*, Vol. IV – C-Castellinhos, Vila do Conde, 1934.

Enciclopedia Italiana di Scienzie, Lettere ed Arti – "Turismo", XXXIV Topo-Ved, Roma, Instituto della Enciclopedia Italiana, 1937, pp.556-559.

Torres, João Romano (ed.) – *Portugal – Diccionario Historico, Chorographico, Biographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artístico*, Vol. II B-C, Lisboa, 1906.

___ (ed.) – *Portugal – Diccionario Historico, Chorographico, Biographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artístico*, Vol.III D-K, Lisboa, 1907.

Turismo – Separata do Anuário Comercial de Portugal, Lisboa, Emprêsa do Anuário Comercial, 1932.

2.5. Obras de carácter geral

Anselmo, Anselmo – *As Ideias Sociais e Filosóficas do Estado Novo*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1934, pp.39-40

Brasillach, R. e M. Bardèche – *História da Guerra Civil de Espanha*, 1º Volume, trad. Ferreira da Costa, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1939.

Bulletin de Renseignements Politiques, Économiques et Littéraires, Lisbonne, SPN, nº7, 31 Juillet 1935.

Bulletin de Renseignements Politiques, Économiques et Littéraires, Lisbonne, SPN, nº12, 29 Février 1936.

Bulletin de Renseignements Politiques, Économiques et Littéraires, Lisbonne, SPN, nº20, 21 Décembre 1936.

Bulletin de Renseignements Politiques, Économiques et Littéraires, Lisbonne, SPN, nº24, 30 Avril 1937.

Bulletin de Renseignements Politiques, Économiques et Littéraires, Lisbonne, SPN, nº47, 31 Juillet 1939.

Cadernos da Revolução Nacional – Passado, Presente, Futuro, Lisboa, Edições SPN, s/d.

Decálogo do Estado Novo, Lisboa, Edições SPN, 1934.

Galvão, Henrique – *O Velo d'Oiro*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1931.

General Carmona, Lisboa, Edições SPN, 1935.

Marques, Mário – *Domingos Alegres – Palestras Radiofónicas*, Lisboa, Livraria Popular, 1937.

Morais, Capitão Alexandre de – *Portugal e a Missão Militar Inglêsa,* Lisboa, Editorial Império, 1938.

Portugal 1937: Publication Mensuelle éditée par le Secretariat de la Propagande Nationale du Portugal, Organe de la Section Portuguaise de l'Exposition Paris 1937, Lisbonne, SPN, nº1, 25 Juin 1937.

2.6. Desporto, Hotelaria & Jogo

Estatutos do Sindicato Nacional dos Profissionais da Indústria Hoteleira e Similares do Distrito de Lisboa, Lisboa, s/d.

Redondo, Belo – *Guia da Volta a Portugal em Bicicleta – História da «Volta»*, Lisboa, Tipografia da Emprêsa Nacional de Publicidade, 1935.

Regulamento I Grande Prémio do Estoril, Lisboa, ACP e Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, 1932.
Sociedade Hípica Portuguesa – *Estoril, Grande Concurso Hípico Oficial*, Lisboa, Centro Typographico Colonial, 1920.

Teixeira, Norberto (ed.) – *O Projecto de Lei sobre a Regulamentação do Jogo em Portugal: os Perigos do Jogo de Roleta*, Porto, 1909.

2.7. Diários de viagem, Cartas e Guias turísticos

Agostinho, José – *À Roda de Portugal*, 2º Volume, 2ª ed., Porto, Editora Educação Nacional, 1938.

Araújo, Manuel dos Santos e Ascensão (ed.) – *Guia do Turista em Lisboa*, Lisboa, 1929.

Athayde, José – *El Hermoso Portugal*, trad. Gerardo Rafael de Villacian, Lisboa, Ministério do Interior/Repartição de Jogos e Turismo, 1929.

Brito, Nogueira de – *Portugal Turístico – Monumentos*, Lisboa, Conselho Nacional de Turismo e Empresa do Anuário Comercial, 1934.

Cabral, Oliveira – *Guia do Excursionista (Do Minho ao Algarve)*, Porto, Livraria Simões Lopes, 1937.

Cândido, Alfredo (dir.) – *Turismo – Álbum de Portugal*, Tomo I, Lisboa, Oficinas Gráficas, 1929.

Cardoso, Nuno Catharino – *Portugal, A Arte: Os Monumentos: A Paisagem: Os Costumes: As Curiosidades – Costa do Sol, Baía de Cascais*, Lisboa, Agência Geral de Ocogravura, 1935.

Casa de Portugal d'Anvers (ed.) – *Portugal, Pays de Merveilles*, Anvers, 1939.

Comissão de Iniciativa e Turismo do Concelho de Cascais (ed.) – *A Costa do Sol – Estoril-Cascais-Portugal*, Porto, Litografia Nacional, 1935.

Comissão de Propaganda do Turismo de Portugal no Estrangeiro (ed.) – *Portugal*, Lisboa, Agência Geral da Ocogravura L.da, s/d.

Comissariado Geral da Exposição Portuguesa em Sevilha (ed.) – *Guia Oficial da Exposição Portuguesa em Sevilha*, Lisboa, 1929.

Conselho Nacional de Turismo (ed.) – *Como se Visita Portugal*, Lisboa, 1932.

Costa, Marques da (org.) – *The Official Book of the Portuguese Representation in the International Exhibition of New York 1939*, Lisbon, SPN, 1939.

Costa, Sousa – *Mapa Falado de Portugal*, Lisboa, Conselho Nacional de Turismo, 1936.

Crockett, William Day e Sarah Gates Crockett – *A Satchel Guide to Spain and Portugal*, London, George Allen & Unwin, Ltd, 1930.

D'Almeida, Guilherme – *O Meu Portugal*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933.

D'Oliveira, Lopes – *Por Terras de Portugal – Paisagens-Arte-Costumes-Roteiros*, Lisboa, Casa Portuguesa, 1929.

Elston, Roy – *Cook's Traveller's Handbook to Spain & Portugal*, London, Simpkin Marshall, Ltd, 1930.

Franco, Chagas – *Les Gloires et les Beautés du Portugal*, Rennes, Société de Propagande du Portugal, 1923.

Freire, João Paulo – *Lisboa-Sevilha, Guia para Portuguêses e Brasileiros*, Lisboa, Livraria Editora Guimarães & C.ª, 1928.

Gard, Maurice Martin du – *Lettres Portugaises*, s/l, Ernest Flammarion Éditeur, 1934.

Gibbons, John – *Afoot in Portugal*, London, George Newnes Limited, 1931.

___ – *Playtime in Portugal: An Unconventional Guide to the Algarves*, London, Methuen & Co. Ltd, 1936.

Hargrove, Ethel C. – *Progressive Portugal*, London, T. Werner Laurie, Ltd, 1914.

Inchbold, A.C. – *Lisbon & Cintra with some Account of other cities and Historical sites in Portugal*, London, Chatto & Windus, 1907.

Introduction à la Connaissance de Lisbonne: Histoire – Description – Monuments et Institutions de la Ville par un Lisbonin, Lisbonne, Betrand (Irmãos), Ltd.ª, 1933.

Lacretele, Jacques de – *Quinze Jours au Portugal*, Paris, Librairie Gallimard, 1939.

Leite, J. J. – *Portugal Gráfico – Centros de Turismo, Mónumentos, Castélos, Paisagens, Praias, Termas, Costumes, etc*, Lisboa, Edições ARS, 1936.

Lopes, Bernardino Alves – *Guia do Viajante Automobilista*, Lisboa, Livraria Editora Guimarães & C.ª, s/d.

Lowther, Lady Alice – *Moments in Portugal or Land of the Laurel*, London, Luzac & Co., 1939.

Magalhães, José da Costa – *Impressões de uma Viagem a Portugal*, Bahia, Livraria Duas Américas, 1937.

Maurício, Virgílio – *13 Mezes em Portugal*, Rio de Janeiro, Calvino Filho, Editor, 1934.

Monmarché, Michel (dir.) – *Les Guides Bleus: Portugal-Madère-Iles Açores*, Paris, Librairie Hachette, 1931.

Michelin, Juan (ed.) – *Guía Michelin España-Portugal*, Edición X, Madrid, Servicios de Turismo, 1931.

O Império Português na Primeira Exposição Colonial Portuguêsa realizada no Palacio de Cristal do Pôrto de Junho a Setembro do ano de 1934 – album-catálogo oficial, Porto, 1934.

Papy, Louis e M. TH. Gadala – *Le Portugal*, Paris/Grenoble, B. Arthaud, 1935.

Pimentel, Alberto – *Manhãs de Cascaes*, Lisboa, Livraria Férin, 1893.

Poncins, Léonce de – *Le Portugal Renait*, Paris, Gabriel Beauchesne et ses Fils, 1936.

Portugal – the Country of Eternal Spring, Lisbon, SPN, 1939.

Quintella, Santos – *Guia do Excursionista em Portugal: Cidades Principaes, Praias-Thermas*, Porto, Publicações de J. Ferreira dos Santos, 1929.

Ramalho, M. Costa (ed.) – *Costa do Sol – 3ª Monografia de Propaganda do Guia de Portugal Artístico*, Lisboa, 1934.
Ramalho, Rosália de Sousa Lobo – *Guia de Portugal Artístico – Lisboa*, Volume 1º, Lisboa, M. Costa Ramalho, 1993.

Réval, Gabrielle – *L'Enchantement du Portugal*, Paris, Fasquelle Éditeurs, 1934.

Ribeiro, Iveta – *Portugal Visto por Mim*, Rio, Oficina Grafica Mundo Medico BORSOI & C., 1932.

Rodrigues, J. (ed.) – *New Pocket Guide of Lisbon and Estoril*, Lisboa, 1936.
Rosenthal, E. – *Peeps at Portugal, A Pocket Guide to the "Sun Coast"*, Lisbon, The National Council of Tourism, 1935.

Royal Automobile Club Guide and Handbook 1938-1939, London, J. Burrow & Co, 1938.

Smithes, M.F. – *Things Seen in Portugal*, London, Seely Service & Co. Limited, 1931.

Soares**,** Fernando – *Guia de Hotéis e Turismo em Portugal* 1934-1935, Lisboa, Livraria J. Rodrigues & C.a, s/d.

Sociedade de Propaganda da Costa do Sol – *Guia-Álbum daCosta do Sol: Os Estoris – Cascais – Estancias de Turismo, Belezas Naturais*, Lisboa, Casa Ventura Abrantes, s/d.

Sociedade de Propaganda de Portugal (ed.) – *Portugal*, Lisboa, 1929.

___ (ed.) – *Guia Turístico de Portugal*, Lisboa, 1936.

Wagner, O. R. – *Europa Touring – Guide Automobile d'Europe/Automobilführer von Europa/Motoring Guide of Europe*, Berne, Le Touring Club – Suisse/The Swiss Touring Club/Herausgegeben Von Touring-Club der Schweiz, 1935.

2.8. Município de Cascais

Bairro Escolar do Estoril, s/l, s/e, s/d.

Barruncho, Pedro Borges – *Apontamentos para a História da Villa e do Concelho de Cascaes*, Lisboa, Typographia Universal, 1873.

Bravo, João Maria – *Nona Epístola ou Carta Aberta ao Povo do Concelho de Cascais*, Lisboa, Imprensa Beleza, 1931.

Cascais – Relatório do Delegado do Governo da Dictadura Militar Tenente António Cardoso das Obras e Melhoramentos realisados pela Camara Municipal desde a data da sua nomeação para Vogal da mesma até 31 de Dezembro de 1932, Cascais, 1933.

"Concelho de Cascais: As suas 5 Freguesias, o seu Comércio, a sua Indústria e os seus Proprietários e Agricultores mais Importantes", Cascais, *A Hora*, 1934.

Curso de Férias no Estoril da Faculdade de Letras de Lisboa – 1937, Lisboa, Oficina Fernandes, 1937.

Estoril – Estação Maritima, Climaterica, Thermal e Sportiva, Lisboa, Typografia A Editora Limitada, 1914.

Faculdade de Letras de Lisboa – *Curso de Férias de Cascais da Faculdade de Letras de Lisboa – 1937*, Lisboa, Oficinas Fernandes, 1937.

Granja, Carlos (ed.) – *Minuta de Agravo de Injusta Pronúncia em que é Agravante o Dr. João Avelar Lopes*, Lisboa, 1939.

Matta, José Nunes da. *O Futuro do Concelho de Cascais e do Porto de Lisboa*, Lisboa, Tipografia da Livraria Férin, 1916.

___ – *Arborisação do Concelho de Cascais e sua influência no Futuro deste Concelho*, Lisboa, Serviços Gráficos do Exército, 1926.

Mattos, Elysio de (ed.) – *Contra-minuta de Agravo a Citação Postal do Snr. Fausto de Figueiredo e esposaem processo de posse judicial avulsa requerida por D. Ana Maria Penazzi y Lanzoni*, s/l, 1932.

Ribeiro, Mário de Sampayo – *Do Justo Valor da Canção Popular: Conferência do Curso de Férias realizada no Claustro do Museu de Castro Guimarãis, em Cascais, na tarde de 29 de Agosto de 1934*, Lisboa, Universidade de Lisboa e Imprensa Nacional, 1935.

2.9. Saúde (climatologia, higiene e termalismo)

Acciaiuoli, Luís – *Águas de Portugal – Relatório Referente à Exploração das Nascentes de Águas Termais e de Mesa durante o ano de 1939*, Lisboa, Ministério da Economia/Subsecretariado de Estado de Comércio e Indústria/ Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos/Inspecção de Águas, 1941.

Boletim de Minas – Ano de 1929, II Mapas, Lisboa, Ministério do Comércio e Comunicações/Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1932.

Boletim de Minas – Ano de 1932, II Mapas, Lisboa, Ministério do Comércio e Comunicações/Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1936.

Canas, Ruy – *Cascaes Antigo e Cascaes Moderno*, Lisboa, Escola Tipográfica Oficinas de S. José, 1931.

Dalgado, Daniel Gelasio – *The Thermal Springs and the Climate of Estoril in Chronic Rheumatism and Gout during Winter*, Paris, Henri Jouve, 1910.

Direction Génerale des Mines et Services Geologiques/Institut D'Hydrologie et de Climatologie de Lisbonne (ed.) – *Le Portugal Hydrologique et Climatique*, I Volume, Lisbonne, 1930-1931.

___ – *Le Portugal Hydrologique et Climatique*, II Volume, Lisbonne, 1934-1935.

Furtado, Carlos D'Arruda – "A Higiene da Capital – Conferência realisada na Câmara Municipal de Lisboa em 24 de Novembro de 1934", Separata da Revista *Clínica, Higiene e Hidrologia*, Lisboa, 1935.

Junta de Turismo de Cascais (ed.) – *Moscas e Mosquitos Campanha da Câmara Municipal de Cascais*, s/l, 1939.

Narciso, Armando e Marques da Mata – *The Climate of Costa do Sol (Sun Coast), s/l, Sociedade de Propaganda da Costa do Sol*, 1930.

Narciso, Armando – "Stations Climatiques des Côtes de Portugal", Separata da revista *«Clínica, Higiene e Hidrologia»*, s/n, Lisboa, 1936.

___ – *Climat de la Côte du Soleil*, Separata da revista *Clínica, Higiene e Hidrologia*, Lisboa, nº8, Agosto de 1938.

___ – *Clima de Portugal Continental*, Lisboa, Editora Médica, 1938.

___ – "Môscas e Turismo", *Moscas e Mosquitos Campanha da Câmara Municipal de Cascais*, s/l, Junta de Turismo de Cascais (ed.), 1939, pp.39-43.

Nogueira, A. de Mello (coord.) – *Boletim de Minas – Ano de 1937*, Lisboa, Ministério do Comércio e Industria/Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1939.

Renseignements sur les Eaux Minérales Portugaises, Paris, Exposition Universelle de 1867/Imprimerie Administrative de Paul Dupont, 1867.

Sociedade Estoril-Plage – *Memória sobre a Utilidade, e uso Medicinal dos Banhos do Estoril*, 1839, s/l, 1939.

2.10. Tecnologia & Transportes

Costa, Mendes da – "As Estações da Sociedade Estoril", *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, nº1048, 16 de Agosto de 1931.

Rádio Clube Português, s/l, s/e, s/d.

Rádio Clube Português – Estatutos aprovados por Alvará de 21 de Abril de 1931 ratificados por Unanimidade na Assembléa Geral de 22 de Novembro de 1931, Lisboa, Tipografia Matheus, 1932.

Relatório da Direcção da Associação Industrial Portuguesa: 1929, Lisboa, AIP, 1930.

Sociedade Estoril (ed.) – *Horário: Assinaturas – Passeios – Excursões – Tarifas – Diversas Regalias*, Lisboa, 1938.

The Anglo-Portuguese Telephone C.º Ltd – *Lista nº57 dos Assinantes das redes Telefónicas públicas de Lisboa e seus Arredores*, Lisboa, 1934.

___ (ed.) – *História Breve da Companhia dos Telefones*, Lisboa, 1937.

2.11. Turismo

Ataíde[2095], José – "Algumas Notas sobre Turismo em Portugal", *Turismo – Separata do Anuário Comercial de Portugal,* Lisboa, Emprêsa do Anuário Comercial, 1932, p.307.

Comissão de Iniciativa e Turismo do Concelho de Cascais (ed.) – *Relatório do Ano de 1936 e 1º Semestre de 1937. Conta de Gerência do Ano de 1936.* Monte Estoril, 1937.

___ – *Suplemento ao Relatório do Ano de 1936 e 1º Semestre de 1937,* Monte Estoril, 1937.

Comissão de Propaganda de Cascais (ed.) – *Boletim da Comissão de Propaganda de Cascais*, Cascais, Novembro de 1937.

Sociedade de Propaganda de Portugal (ed.) – *Boletim da Sociedade de Propaganda de Portugal*, Lisboa, nº12, 31 de Dezembro de 1913.

I Congresso Nacional de Turismo realizado em Lisboa de 12 a 16 de Janeiro de 1936 – Relatório, Lisboa, 1936.

2.12. Publicações periódicas

Açoriano Oriental, 1934-1935

Arquitectura Portugueza (*A*), 1915-1925

ABC, 1928-1931

ACP, 1931-1939

Anglo-Portuguese News (The), 1938-1939

Anunciante (*O*), 1939-1945

Boletim da Associação Comercial e Industrial do Concelho de Cascais, 1934-1937

Boletim do RCP, 1932-1933

Boletim Oficial do ACP, 1929-1931

[2095] A doutoranda respeitou as grafias díspares coevas encontradas para o sobrenome do mesmo autor.

Casino, 1928

Cinéfilo, 1929-1939

Civilização, 1930

Comercio e Industria, 1933

Construção Moderna (*A*), 1916

Costa do Sol, 1929

Dever (*O*), 1933

Diário da Manhã, 1933-37

Diário de Lisboa, 1929-1950

Diário de Notícias, 1934-1971

Diário de Sports, 1935

Ecos de Sintra, 1935-1938

Estoril (*O*), 1930-1942

Gazeta dos Caminhos de Ferro, 1903-1960

Guiauto, 1932-1933

Ilustração, 1929-1936

Illustração Portuguesa, 1906-1914

Indústria Portuguesa, 1928-1938

Jornal de Cascaes, 1929-1935

Jornal de Sintra, 1934-1938

Lisboa-Estoril, 1932

Mensageiro do Estoril (*O*), 1933

Mocidade Portuguesa Feminina, 1939-1941

Modas & Bordados, 1934-1938

Notícias da Costa do Sol, 1930

Notícias Ilustrado (*O*), 1929-1930

Oeirense (*O*), 1923

Portuguese Times, 1935

República, 1937-1939

Revista Desportiva – Tennis e *Golf*, 1936

Revista Oficial do Sindicato Nacional dos Arquitectos, 1938

Revista Portuguesa de Importação, Exportação e Turismo, 1931-1938

Ridículos (*Os*), 1931-1939

Século (*O*), 1915-1958

Século Ilustrado (*O*), 1938-1939

Sports (*Os*), 1929-1936

Touring Português (*O*), 1936-1937

Turismo – Revista de Hoteis, Viagens e Actualidades, 1936-1939

Viagem – Revista de Turismo, Divulgação e Cultura, 1938-1946

Volante (*O*), 1931-1939

Voz (*A*), 1929-1934

3. Fontes iconográficas

3.1. Biblioteca Nacional de Portugal (BNP)

«Batalha de Flores na Costa do Sol», 1941 (BN: CT. 7634 A.)

«Casino Estoril: Bar, Dancing, Jogos, Café Vienense… Aberto todo o Ano», c.1930 (BN: CT. 4545 V)

«Casino Estoril: Restaurante, Bar Americano… Jogos Autorisados pelo Governo», c.1930 (BN: CT. 4546 V.)

«Estoril Côte du Soleil, Portugal», c.1930 (BN: CT. 4575 V.)

«Feira de Amostras da Indústria Nacional», 1929 (BN: CT. 83 G. PL.)

«O Clima mais Temperado da Europa», c.1930 (BN: CT. 39 G. Cx.)

«Visite Estoril-Cascais», 1930 (BN: CT. 7634 A.)

4. Fontes fotográficas

4.1.Arquivo Histórico e Municipal de Cascais

AFTG – Arquivos Fotográficos

CAM – Colecção Antiga do Município

A/00503

A/00615

4.2. Arquivo Municipal de Lisboa

Arquivo Fotográfico

BEK – Colecção Holstein Beck

05/001769

EFC – Colecção Sojornal

001574

MBM – Colecção Manuel Barros Marques

000024

5. Fontes estatísticas

Direcção Geral de Estatística – *Anuário Estatístico de Portugal – Ano de 1929*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1930.

___ – *Anuário Estatístico de Portugal – Ano de 1930*, Lisboa, Imprensa Nacional/Direcção Geral de Estatística, 1931.

___ – *Anuário Estatístico de Portugal – Ano de 1931*, Lisboa, Imprensa Nacional/Direcção Geral de Estatística, 1932.

___ – *Anuário Estatístico de Portugal – Ano de 1932*, Lisboa, Imprensa Nacional/Direcção Geral de Estatística, 1933.

___ – *Anuário Estatístico de Portugal – Ano de 1933*, Lisboa, Imprensa Nacional/Direcção Geral de Estatística, 1935.

___ – *Anuário Estatístico de Portugal – Ano de 1934*, Lisboa, Imprensa Nacional/Direcção Geral de Estatística, 1935.

___ – *Anuário Estatístico de Portugal – Ano de 1935*, Lisboa, Imprensa Nacional/Direcção Geral de Estatística, 1936.

___ – *Anuário Estatístico de Portugal – Ano de 1936*, Lisboa, Imprensa Nacional/Direcção Geral de Estatística, 1937.

___ – *Anuário Estatístico de Portugal – Ano de 1937*, Lisboa, Imprensa Nacional/Direcção Geral de Estatística, 1939.

___ – *Censo da População de Portugal no 1º de Dezembro de 1920(6º Recenseamento Geral da População)*, Volume I – Fogos. População de Residência Habitual e População de Facto, distinguindo Sexo, Nacionalidade, Naturalidade, Estado Civil e Instrução, Lisboa, Imprensa Nacional, 1923.

___ – *Censo da População de Portugal no 1º de Dezembro de 1930(7º Recenseamento Geral da População)*, Volume I – Fogos. População de Residência Habitual e População de Facto, distinguindo Sexo, Nacionalidade, Naturalidade, Estado Civil e Instrução, Lisboa, Imprensa Nacional, 1933.

6. Fontes legislativas

Diário do Governo, I Série – 1914-1977

Diário do Governo, II Série – 1914-1939

BIBLIOGRAFIA

1. Dicionários e enciclopédias

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira – "Turismo", Vol. XXXIII Trit-Vale, Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Limitada, 1945, p.248.

Machado, José Pedro (coord.) – "Turismo", *Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa*, Quinto Volume Q-Z, 3ª ed., Lisboa: Livros Horizonte, 1977, p.353.

Moreira, António e Alcino Pedrosa, 1993 – *As Grandes Datas da História de Portugal*, 2ª ed., Cruz Quebrada, Editorial Notícias, 2004.

Pedreirinho, José Manuel – *Dicionário dos Arquitectos Activos em Portugal do Século I à Actualidade*, Porto, Edições Afrontamento, 1994.

Rosas, Fernando e J.M. Brandão de Brito (dir.) – *Dicionário do Estado Novo*, Vol. I A-L, Venda Nova, Bertrand Editora, 1996.

___ – *Dicionário do Estado Novo*, Vol.II M-Z, Venda Nova, Bertrand Editora, 1996.

Torres, Eduardo Cintra e Luís Marinho – *O Século do Povo Português, 1926-1945*, Amadora, Ediclube, 2001.

2. Obras de carácter geral

Almeida, Pedro Ramos de – *Salazar. Biografia da Ditadura*, Lisboa, Edições Avante, 1999.

Ameal, João (dir.) – *Anais da Revolução Nacional*, Volume IV 1936-1939, Porto, Empresa Editora Majesta Lda, 1956.

Baron, Heinrich – *Portugalsob o Govêrno de Salazar*, Lisboa, Imprensa Barreiro, 1942.

Black, Jeremy – *The Making of Modern Britain: The Age of Empire to the New Millennium*, 2ª ed., Chalford/Gloucestershire, The History Press, 2008.

Cadernos da Revolução Nacional – Passado, Presente, Futuro, Lisboa, Edições SPN, s/d.

Castro, Pedro Jorge – *Salazar e os Milionários,* Lisboa, Quetzal Editores, 2009.

Cruz, Manuel Braga da – *Monárquicos e Republicanos no Estado Novo,* Lisboa, Publicações D. Quixote, 1986.

___ – "Salazar e a Política", *Salazar e o Salazarismo,* A. E. Duarte Silva, António Costa Pinto, César Oliveira *et al*, Lisboa, Publicações D. Quixote, Lda, 1989, pp.59-70.

Dacosta, Fernando, 1997 – *Máscaras de Salazar,* 25ª ed., Alfragide, Casa das Letras, 2009.

Dias, Fátima Sequeira – "Os Empresários Micaelenses no Século XIX: O Exemplo de Sucesso de Elias Bensaúde (1807-1868)", *Análise Social,* Vol. XXXI, Lisboa, nºs 136 e 137, 1996, pp.437-464.

Domingos, Nuno e Victor Pereira (dir.) – *O Estado Novo em Questão,* Lisboa, Edições 70, 2010.

Duarte, António Paulo – *A Política de Defesa Nacional 1919-1958,* Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2010.

Eliade, Mircea, 1942 – *Salazar e a Revolução em Portugal,* trad. Anca Milu-Vaidesegan, Lisboa, Esfera do Caos Editores, 2011.

Fox, Ralph, 1936 – *Portugal Now,* trad. Rui Lopes, Lisboa, Tinta da China, 2006.

Gallagher, Tom – *Portugal, A Twentieth Century Interpretation,* Manchester, Manchester University Press, 1983.

Garrido, Álvaro – "O Estado Novo e a Recriação Historicista de uma Tradição Marítima Nacional: Discursos sobre a "Grande Pesca" ", *Revista de História das Ideias,* Coimbra, Volume 28, 2007, pp.327-355.

Gomes, F. Matos (dir.) – *30 Anos de Estado Novo, 1926-1956,* Lisboa, Organizações Império, 1957.

Kay, Hugh – *Salazar and Modern Portugal,* London, Eyre & Spottiswoode, 1970.

Leal, Ernesto Castro – *Nação e Nacionalismos: A Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira e as Origens do Estado Novo (1918-1938),* Lisboa, Edições Cosmos, 1999.

Léonard, Yves – *Salazarismo e Fascismo*, 1996. trad. Catarina Horta Salgueiro, Mem Martins, Editorial Inquérito, 1998.

Maltez, José Adelino – *Tradição e Revolução – Uma Biografia do Portugal Político do Século XIX ao XX*, Volume II (1910-2005), Lisboa, Tribuna da História, 2004.

Marques,Paulo Lowndes – "A Aliança no Século XX", *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Anglo-Portugueses*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2001, pp.671-676.

Matos, Sérgio Campos e Luís Aguiar Santos – "A Marinha e a Cultura Histórica em Portugal: entre Tradição e Modernidade (Séculos XIX e XX)", *Revista de História das Ideias*, vol.29, Coimbra, 2008, pp.431-468.

Mattoso, José (dir.) – *História de Portugal*, Vol. 7 – O Estado Novo (1926-1974), Lisboa, Editorial Estampa, 1998

Medina, João (coord.) – *História de Portugal dos Tempos Pré-históricos aos Nossos Dias*, Volume XII – O «Estado Novo», Amadora, Clube Internacional do Livro, 1995.

___ – *Salazar, Hitler e Franco – Estudos sobre Salazar e a Ditadura*, Lisboa, Livros Horizonte, 2000.

Morais, Correia de (ed.) – *Crónicas da Costa do Sol*, s/l, 1969.

Oliveira, Barradas de – "O Príncipe Encarcerado – Apontamentos para um Perfil Psicológico de Salazar", *Salazar sem Máscaras*, Amândio César *et al*, 2ª ed., Lisboa, Nova Arrancada 1998, pp.51-117.

Oliveira Marques, A.H. de – *História de Portugal*, Vol. III – Das Revoluções Liberais aos Nossos Dias, 13ª ed., Lisboa, Editorial Presença, 1998.

O Estado Novo – Princípios e Realizações, Lisboa, Edições SPN, 1940.

Payne, Stanley – "Salazarism: «Fascism» or «Bureaucratic Authoritarism»?", *Estudos de História de Portugal*, Volume II – Séculos XVI-XX, Lisboa, Editorial Estampa, 1983, pp.523-531.

Pearce, Robert – *Britain in the 1930s*, Oxford, Shire Publications, 2010.

Pereira, Paulo (dir.) – *História da Arte Portuguesa*, Vol. III – Do Barroco à Contemporaneidade, Lisboa, Círculo de Leitores, 1997.

Pinto, Alfredo – *Cartas de Cascais,* Lisboa, Livraria Férin, 1943.

Pinto, António Costa – "O Império do Professor: Salazar e a elite ministerial do Estado Novo (1933-1945", *Análise Social*, Vol. XXXV, Lisboa, nº157, 2001, pp.1055-1076.

___ e Francisco C. P. Martinho (org.) – *O Corporativismo Português: Estado, Política e Sociedade no Salazarismo e no Varguismo*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2008.

Reis, António (dir.) – *Portugal Contemporâneo*, Volume IV, Lisboa, Publicações Alfa, 1990.

Riemen, Rob, 2010 – *O Eterno Retorno do Fascismo,* trad. Maria Carvalho, Lisboa, Editorial Bizâncio, 2012.

Rosas, Fernando – *O Salazarismo e a Aliança Luso-britânica (Estudos sobre a Política Externa do Estado Novo nos Anos 30 e 40),* Lisboa, Editorial Fragmentos, Lda, 1988.

___ – *O Estado Novo nos Anos Trinta: 1928-1938,* 2ª ed., Lisboa, Editorial Estampa, 1996.

___ – "O Salazarismo e o Homem Novo: Ensaio sobre o Estado Novo e a Questão do Totalitarismo", *Análise Social*, Vol. XXXV, Lisboa, nº157, 2001, pp.1031-1054.

___ – *Lisboa Revolucionária1908-1975*, Lisboa, Tinta da China, 2010.

Rosmaninho, Nuno – "António Ferro e a Propaganda Nacional Anti-moderna", *Estados Autoritários e Totalitários e suas Representações,* Luís Reis Torgal e Heloísa Paulo (coord.), Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, pp.289-299.

Saint-Exupéry, Antoine de, 1944 – *Lettre à un Otage*, Paris, Éditions Gallimard, 2004.

Saramago, José, 1984 – *O Ano da Morte de Ricardo Reis,* 20ª ed., Alfragide, Editorial Caminho SA, 2011.

Sardica, José Miguel – *O Século XX Português,* Alfragide, Texto Editores, Lda., 2011.

Serrão, Joel e A. H. de Oliveira Marques (dir.) – *Nova História de Portugal,* Vol. XII – Portugal e o Estado Novo (1930-1960), Lisboa, Editorial Presença, 1990.

SPN (ed.) – *A Revolução Nacional, 14 Anos de Grandes Realizações*, Lisboa, 1940.

Torgal, Luis Reis – *Estados Novos, Estado Novo – Ensaios de História Política e Cultural*, Volume 1, 2ª ed., Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

Touchard, Jean (dir.), 1959 – *História das Ideias Políticas*, Vol. IV – Do Liberalismo aos nossos Dias, trad. Mário Braga, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1991.

Wheeler, Douglas – *História Política de Portugal 1910-1926*, trad. J. O. M. e Cristina Correia, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1978.

___ – *A Ditadura Militar Portuguesa, 1926-1933*, trad. António Simões do Paço, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1986.

25 Anos de Actividade da Mocidade Portuguesa Feminina, 1938-1963, Lisboa, Tipografia Neogravura, 1963.

3. Cultura, Património & Território

Chaves, Luiz – *Artes e Indústrias Populares de Portugal*, Lisboa, Edições SPN, 1940.

Chorão, João Bigotte – *Nossa Lisboa dos Outros*, Lisboa, CTT Correios de Portugal, 1999.

D'Abreu, Alexandre Cancela, Teresa P. Correia e Rosário Oliveira, coords. – *Contributo para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental*, Lisboa, Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, 2004.

Ferro, António – *Dez Anos de Política do Espírito 1933-1943*, Lisboa, Edições SPN, 1943.

França, José- Augusto – *Os Anos Vinte em Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 1992.

___ – *História da Arte em Portugal – O Modernismo*, nº6, Lisboa, Editorial Presença, 2004.

___ – *O Ano X, Lisboa 1936*, Lisboa, Editorial Presença, 2010.

Gallop, Rodney – *Portugal: A Book of Folk-Ways*, London, Cambridge University Press, 1940.

Gruffudd, Prys – "Heritage as National Identity: Histories and Prospects of the National Pasts", *Heritage, Tourism and Society*, David T. Herbert (ed.), London, Printer, 1997, pp.49-67.

Henriques**,** Raquel Pereira – *António Ferro – Estudo e Antologia*, Lisboa, Publicações Alfa, S.A., 1990.

Ó, Jorge Ramos do – *Os Anos de Ferro: O Dispositivo Cultural durante a «Política do Espírito» 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999.

Pimentel, Irene Flunser – "A Mocidade Portuguesa Feminina nos Primeiros Dez Anos de Vida (1937-1947)", *Penélope*, Lisboa, nº19-20, 1998, pp.161-187.

___ – *Mocidade Portuguesa Feminina – Educada para ser boa Esposa, boa Mãe, Católica e Obediente*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2007.

Pinto, Rui Pedro – *Prémios do Espírito – Um Estudo sobre Prémios Literários do Secretariado de Propaganda Nacional do Estado Novo*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2008.

Ribeiro, Orlando, Hermann Lautensach e Suzanne Daveau – *Geografia de Portugal*, Volume I – A Posição Geográfica e o Território, Lisboa, Edições José Sá da Costa, 1987.

Segurado, Jorge – *Sinfonia do Degrau – Impressões da América*, Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia, 1940.

Wölfflin, Heinrich, 1915 – *Principles of Art History*, trans. M.D. Hottinger, Mineola/New York, Dover Publications, Inc., 1950.

4. Desporto, Hotelaria e Jogo

Borsay, Peter – *A History of Leisure – The British Experience Since 1500*, Hampshire/New York, Palgrave Macmillan, 2006.

Carvalho, António (coord.) – *A História da Vela/The History of Sailing*, trad. David Alan Prescott, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2007.

___ – *A História da Vela em Cascais: Da Primeira Regata à Internacionalização*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais e Media Livros, 2007.

Corbin, Alain – *História dos Tempos Livres – O Advento do Lazer*, trad. Telma Costa, Lisboa, Editorial Teorema Lda, 2001.

Dias, Marina Tavares *et al* – *Cascais – Aqui nasceu o Futebol em Portugal, 1888/1928*, Lisboa, Quimera Editores e Câmara Municipal de Cascais, 2004.

DK Guias Essenciais – *Golfe*, trad. Rita Olazabal, Porto, Civilização Editores Lda, 2006.

D'Anunciação, Pedro – "O Casino Charmoso", *Grande Reportagem*, nº228, 21-27 Maio 2005, pp.52-58.

Estatutos do Grupo Desportivo Estoril-Plage, Lisboa, Severo Freitas, Mega & C.ª, 1941.

Estoril-Sol (ed.) – *Uma História, 50 Anos Estoril-Sol: 1958-2008*, Estoril, 2007.

Ferreira, Ana Maria – *A Arquitectura Hoteleira de Lisboa (1892-1959)*, Volume I – Texto, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, policopiado, 1994.

Grossegesse, Orlando – "«Raça, Força e Coragem». A Questão da Educação Física nas Relações Luso-Alemãs", *Zonas de Contacto Estado Novo/III Reich (1933-1945)*, Mário Matos e Orlando Grossegesse (org.), Perafita, TDP Limitada – Edições, 2011, pp.51-62.

Guimarães, Manuel e António Valdemar – *Grandes Hotéis de Portugal*, Lisboa, Edições Inapa e Instituto de Apoio e Financiamento ao Turismo, 2001.

Hill, Jeffrey – *Sports, Leisure & Culture in Twentieth-Century Britain*, Hampshire/New York, Palgrave Macmillan, 2002.

Martins, Helder Bruno de Jesus Redes – *Jazz em Portugal (1920-1950), Anúncio-Emergência-Afirmação*, Coimbra, Edições Almedina, 2006.

Nunes, Américo – *Diálogos com a História Sindical: Hotelaria, de Criados Domésticos a Trabalhadores Assalariados*, Lisboa, Edições Avante, 2007.

Pedro, Fernando Nunes – *O Golfe em Portugal/Golf in Portugal*, Porto, Texto Editora, 1993.

Rojek, Chris – *Leisure Theory: Principles and Practice,* Hampshire/New York, Palgrave Macmillan, 2005.

Serrado, Ricardo – *O Jogo de Salazar: A Política e o Futebol no Estado Novo,* Alfragide, Casa das Letras, 2009.

Towner, John – *An Historical Geography of Recreation and Tourism in the Western World: 1540-1940,* Chichester, John Wiley & Sons, Ltd., 1996.

Valente, José Carlos – *Estado Novo e Alegria no Trabalho – Uma História da FNAT (1935-1958),* Lisboa, Edições Colibri e INATEL, 1999.

5. Guerra civil de Espanha

Abreu, Filomena – "A Rádio Portuguesa e a Guerra Civil de Espanha", *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Fernando Rosas (coord.), Lisboa, Edições Colibri e Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1998, pp.123-151.

Abreu, Maria Filomena – "As Rádios Portuguesas e a Causa Franquista – A 'Guerra do 'Eter'", *História,* Lisboa, nº20, Maio de 1996, pp.30-39.

Artiles, Jenaro – *They had to Die – New Light on the Deaths of Calvo Sotelo, Sanjurjo and Mola in the Spanish Civil War*, Mexico, B. Costa-Amic, Editor, 1970.

Brasillach, R. e M. Bardèche – *História da Guerra Civil de Espanha,* 2º Volume, trad. Ferreira da Costa, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1940.

Câmara Municipal de Lisboa (ed.) – *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, 1996.

Oliveira, César, 1987 – *Salazar e a Guerra Civil de Espanha,* 2ª ed., Lisboa, Edições O Jornal, 1998.

Pena, Alberto – *O que Parece é – Salazar, Franco e a Propaganda contra a Espanha Democrática*, trad. José Fallorca, Lisboa, Tinta da China, 2009.
Thomas, Hugh, 1961 – *A Guerra Civil de Espanha*, Volume I, 2ª ed., trad. Daniel Gonçalves, Lisboa, Pensamento Editores Livreiros, Lda, 1987.

Vicente, António Pedro – *Espanha e Portugal: Um Olhar sobre as Relações Peninsulares no Século XX*, Lisboa, Tribuna da História, 2003.

6. Guias turísticos & Diários privados

Antunes, Alexandra de Carvalho – *O Veraneio da Família Anjos: Diário de Maria Leonor Anjos (1885-1887)*, s/l, Câmara Municipal de Oeiras, 2007.

Bridge, Ann e Susan Lowndes – *Duas Inglesas em Portugal – Uma Viagem pelo País nos Anos 40*, Trad. Jorge Almeida e Pinho, Matosinhos/Lisboa, Quidnovi, 2008.

Colaço, Branca Gonta e Maria Archer, 1943 – *Memórias da Linha de Cascais*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Cascais e Câmara Municipal de Oeiras, 1999.

Costa, Leonildo Mendonça e – *Manual do Viajante em Portugal*, 7ª ed., Lisboa, Gazeta dos Caminhos de Ferro, 1940.

Hampton, John D. – *Cascais, do Passado ao Presente (Uma breve Resenha Histórica)*, s/l, s/e, s/d.

Henriques, João Aníbal – *Turismo no Estoril – Apontamentos para uma visita ao Estoril*, Monte Estoril, Academia de Letras e Artes, 2011.
Junta de Turismo de Cascais (ed.) – *Estoril, La Côte du Soleil*, Estoril, 1951.

Proença, Raul, 1924 – *Guia de Portugal – Lisboa e Arredores*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.

Santos, Luís Reis dos e Carlos Queiróz – *Paisagem e Monumentos de Portugal*, Lisboa, SPN e Comissão Nacional dos Centenários, 1940.

T'Serstevens, A. – *L'Itinéraire Portugais*, Paris, Éditions Bernard Grasset, 1940.

7. Município de Cascais

Amaral, Diogo Freitas de – *O Caso do Tamariz – Estudo de Jurisprudência Crítica*, Coimbra, Coimbra Editora, Limitada, 1965.

Andrade, Ferreira de – *Monografia de Cascais*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1969.

Antunes, Ana Brites, Carlos Ferreira e Francisco Matta Pereira – *Parede, As Pedras e o Mar*, Parede, Junta de Freguesia da Parede, 1997.

___ – *De Cae Água a S. Pedro do Estoril*, Lisboa, Edições Colibri e Câmara Municipal de Cascais, 2005.

Apontamentos para a História de Cascais e Oeiras, s/l, s/e, s/d.

Associação Cultural de Cascais (ed.) – *Um Olhar sobre Cascais através do seu Património*, Volume I – Património e Mundo Rural, Cascais, 1989.

Baraone, Joaquim (coord.) – *Personalidades da Costa do Estoril*, I Volume, Cascais, Supereco Propaganda, Lda, 1995.

Boletim nº2 – Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1971.

Bucknall, Marguerite e Dorothy du Boulay, *History of the Anglican Church on the Costa do Sol, Portugal: 1872-1960*, Lisbon, Centro Tipografia Colonial, 1961.

Camacho, João – *As Cegadas no Concelho de Cascais*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1997.

Câmara Municipal de Cascais (ed.) – *Cascais – Agenda Cultural*, nº49, Março/Abril de 2011

___ – *Cascais – Agenda Cultural*, nº54, Janeiro/Fevereiro de 2012.

Cardoso, Guilherme – *Estoril Passado a Preto e Branco/Estoril in Black and White*, trad. Jeanette Nolen, Cascais, Associação Cultural de Cascais, 1996.

___ – *Cascais Passado a Preto e Branco*, Cascais, Associação Cultural de Cascais, s/d.

Carvalho, António (coord.) – *A Vinha e o Vinho em Carcavelos*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais e Turismo de Portugal, 2007.

___ – *Conservatório de Música de Cascais – Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras: Roteiro/Guide-book*, trad. Miguel de Castro Henriques, s/l, CMC, 2008.

___ e Carla Varela Fernandes (coord.) – *Cascais de Carlos Bonvalot*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais e Turismo de Portugal, 2009.

___ e Conceição Santos (coord.) – *A Casa dos Azulejos de Cascais – de Palácio dos Condes da Guarda a Paços do Concelho*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2009.

___, Helena Xavier e João Miguel Henriques (coord.) - *Cascais, o Passado nunca Passa, Catálogo da Colecção José Santos Fernandes*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2010.

Cavaco, Carminda – *A Costa do Estoril – Esboço Geográfico*, Lisboa, Editorial Progresso Social e Democracia SARL, 1983.

D'Encarnação, José, 1972 – *História e Geografia de Cascais*, 3ªed., Cascais, Publigráfica, 1979.

___ – *Cascais e os Seus Cantinhos*, Lisboa, Edições Colibri e Câmara Municipal de Cascais, 2002.

___ – *Recantos de Cascais*, Lisboa, Edições Colibri e Câmara Municipal de Cascais, 2007.

"Estoril – Uma Realização Pessoal", *Dirhotel*, nº29, Julho/Agosto 2001, pp.20-25.

Falcão, Pedro, 1970 – *Cascais Menino*, 2ª ed., Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2005.

Farinha, Nuno e Fernando Correia – *Mar de Cascais, Ilustrações da Vida Marinha*, Lisboa, Publicações Europa-América e Câmara Municipal de Cascais, 2005.

"Ficha do Património Imóvel - Palacete Alexandre Nunes Sequeira, Hotel Inglaterra", *Cascais Agenda Cultural*, nº51, Julho/Agosto de 2011, Câmara Municipal de Cascais (ed.), p.79.

Figueiredo, Maria Isabel – *Cascais Passado e Presente*, Lisboa, Trabalho final de curso apresentado ao Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1991.
Gomes, Paulino (coord.) – *Cascais, Percursos e Memórias*, Vermoin-Maia: Ferrez & Azevedo, 2003.

Henriques, João Aníbal – *O Estoril e a Paróquia de Santo António – Notas para a sua História*, Estoril, Fundação Cascais, 1999.
Henriques, João Miguel – *Cascais: Do Final da Monarquia ao Alvorecer da República (1908-1914)*, Lisboa, Edições Colibri e Câmara Municipal de Cascais, 2001.

Junta de Turismo de Cascais (ed.) – *In Memoriam do Dr. Passos Vella, 1840-1931*, Cascais, 1942.

Lopes, Teresa Rita – *Fernando Pessoa, a Biblioteca Impossível*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2001.

Lourenço, Dália (coord.) – *Guia das Áreas Protegidas Próximas de Lisboa*, Lisboa, Ministério do Ambiente e Instituto de Conservação da Natureza, 1998.

Macedo, Joana Marques e Manuel Lorigo – *O Regime Alimentar dos Pescadores de Cascais*, Lisboa, Edições Colibri e Câmara Municipal de Cascais, 2008.

Miranda, Jorge, Guilherme Cardoso e Carlos Teixeira – *Registo Fotográfico de Carcavelos e Alguns Apontamentos Histórico-Administrativos*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1988.

Monteiro, Carlos Branquinho – *Ribeiras dos Concelhos de Oeiras e de Cascais*, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 1989.

Morgado, António Ricardo Camelo – *Cascais no Estado Novo (1936-1939)*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado, 2010.

Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarãis (ed.) – *Homenagem aos Condes de Castro Guimarãis*, Cascais, 1940.

Prudêncio, Isabel – "Carcavelos: O Destino de uma Freguesia Duplamente Periférica", *Arquivo de Cascais: Boletim Cultural do Município*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, nº7, 1988, pp.247-265.

___ – *Carcavelos, Uma Abordagem Antropológica do Espaço Vivido,* Cascais, Câmara Municipal de Cascais e Junta de Freguesia de Carcavelos, 1992.

Reymão, Mário Malheiro – *O Caso do Tamariz,* Lisboa, s/e, 1962.

Santos, Maria Lurdes, Maria João Lima e José Soares – *Cartografia Cultural do Concelho de Cascais*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2005.

Sequeira, Maria Margarida – *Um Mecenas em Cascais no Século XX: Manuel de Castro Guimarães,* Lisboa, Trabalho final de curso apresentado à Escola Superior de Artes Decorativas/Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, 1998.

Silva, Manuel Eugénio Fernandes da – *Sociedade Musical de Cascais, 92 anos ao Serviço da Arte e da Cultura Popular,* Cascais, Sociedade Musical de Cascais, 2006.

___ e José Ricardo C. Fialho – *Grupo Dramático e Sportivo de Cascais, 92 Anos de Arte, Sport e Bem*, Cascais, Grupo Dramático e *Sportivo* de Cascais, 2008.

___ e ___ – *Os nossos Arruamentos: Toponímia na Freguesia de Cascais*, Cascais, Junta de Freguesia de Cascais, 2009.

___ e ___ – *Toponímia da Freguesia do Estoril – Os Nossos Arruamentos*, Estoril, Junta de Freguesia do Estoril, 2010.

Silva, Raquel Henriques da – *Cascais*, Cidades e Vilas de Portugal, Lisboa, Editorial Presença, 1988.

___ – "*Estoril, Estação Marítima, Climatica, Thermal e Sportiva* – As Etapas de um Projecto: 1914-1932", *Arquivo de Cascais: Boletim Cultural do Município*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, nº10, 1991, pp.41-60.

8. Referências estatísticas

Cascais em Números, Cascais, Centro de Informação e Documentação Técnica da Câmara Municipal de Cascais, 1993.

Direcção Geral de Estatística – *Anuário Estatístico de Portugal – Ano de 1938*, Lisboa, Imprensa Nacional/Direcção Geral de Estatística, 1940.

Instituto Nacional de Estatística – *Anuário Estatístico – Ano de 1939*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1941.

___ – *VIII Recenseamento Geral da População no Continente e Ilhas Adjacentes em 12 de Dezembro de 1940*, Volume XII – Distrito de Lisboa, Sociedade Tipográfica, Limitada, 1945.

___ – *X Recenseamento Geral da População no Continente e Ilhas Adjacentes (Às 0 horas de 15 de Dezembro de 1960)*, Tomo I, Volume 1º Prédios e Fogos; População – Dados Retrospectivos (Distritos, Concelhos e Freguesias), Lisboa, INE, 1964.

Rodrigues, Teresa – "Cascais no Último Século – Um Caso de franca Expansão Populacional na Área Metropolitana de Lisboa", *Arquivo de Cascais: Boletim Cultural do Município*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, nº12, 1996, pp.147-170.

9. Saúde (climatologia, higiene e termalismo)

Acciaiuoli, Luís – *Águas de Portugal Minerais e de Mesa – História e Bibliografia*, II Volume, Lisboa, Ministério da Economia/Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1944.

Cardoso, Guilherme e José D'Encarnação – *Para uma História da Água no Concelho de Cascais*, Cascais, SMAS de Cascais, 1995.

"Estoril Reabre Termas", *O Correio da Linha*, nº247, 26 de Outubro de 2009.

Ferreira, Carlos – *Os Sanatórios Marítimos: Construção Social da Vila de Parede como Estância Sanatorial*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, policopiado, 1996.

Ferreira, H. Amorim – *Elementos para o Conhecimento do Clima do Estoril*, Cascais, Junta de Turismo de Cascais, 1941.

Mata, Marques da – "A Costa do Sol Hidrológica e Climática", Separata de *«O Médico»* nº460, Porto, Tipografia Sequeira, Lda., 1960.

Novo Estabelecimento Termal do Estoril, Cascais, Tipografia Cardim, 1941.

Padesca, António – "As Doenças Ganglionares e a Estância Hidroclimática do Estoril", *Cascais e Seus Lugares – Boletim da Junta de Turismo de Cascais*, Cascais, Junta de Turismo de Cascais, nº12, Setembro 1957, pp.27-37.

Pinto, Helena Gonçalves, Jorge Mangorrinhae Maria do Carmo Seréu – *Álbum das Termas na Colecção do Centro Português de Fotografia/The Spas Photo Album*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2003.

___, ___– *O Desenho das Termas, História da Arquitectura Termal Portuguesa*, Lisboa, Ministério da Economia e da Inovação/Direcção Geral de Energia e Geologia, 2009.

Vilarinho, Luísa – *De Lisboa a Cascais – Rostos, Liberdade e Medicina*, Lisboa, Dislivro, 2008.

10. Tecnologia & Transportes

Andrade, Maria (coord.)– *120 Anos da Linha Cascais – O Sud-Express na Linha de Cascais*, Lisboa, CP – Caminhos de Ferro Portugueses, 2009.

___ *–120 Anos da Linha Cascais – A Linha de Cascais na Gazeta dos Caminhos-de-Ferro*, Lisboa, CP – Caminhos de Ferro Portugueses, s/d.

Costa, José Alves da – *Gás de Lisboa: da Iluminação Pública a Gás na Lisboa Romântica ao Gás Natural*, Lisboa, Lello Editores, 1996.

Figueiredo, António Amaral de – *50 Anos da Sociedade Estoril*, Lisboa, Litografia António Coelho Dias, Lda, 1971.

Levy, Maurício – "Inauguração do Sud-Express", *História*, Lisboa, nº59/60, Set/Out 1983, pp.60-67.

Madeira, Nuno Luís – "O Estado Novo, o Patronato e a Indústria Portuguesa (1922-1957)", *Análise Social*, Vol. XXXIII, Lisboa, nº148, 1998, pp.777-822.

Os Caminhos-de-ferro Portugueses, 1856-2006, Lisboa, CP – Comboios de Portugal e Público, 2004.

Silva, Álvaro, Ana Matos e Bruno Cordeiro – "Ciência, Tecnologia e Indústria nos Primórdios da Electricidade em Portugal", *Momentos de Inovação e Engenharia em Portugal no Século XX*, Volume II. Manuel Heitor, José Brandão de Brito e Maria Fernanda Rollo (coord.), Lisboa, Publicações D. Quixote, 2004, pp.47-75.

Tostões, Ana – "Construção Moderna: As grandes Mudanças do Século XX", *Momentos de Inovação e Engenharia em Portugal no Século XX*, Volume II, Manuel Heitor, José Brandão de Brito e Maria Fernanda Rollo (coords.), Lisboa, Publicações D. Quixote, 2004, pp.131-153.

Salvador, Regina – *A AIP e o Desenvolvimento de Portugal – Ao Serviço das Empresas desde 1827, Os Últimos 60 Anos*, Vol. II, Lisboa, AIP/Confederação Empresarial, 2008.

Viegas, João da Cruz – *As Comunicações de Cascais para Lisboa: Terrestres, Ferroviárias, Marítima, Postal, Telegráficas e Telefónica*, Cascais, Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães, 1940.

11. Turismo

Aguiar, Filipa – *Turismo e Propaganda Política – O Estado Novo e as Ditaduras Contemporâneas* 1930-1950, Dissertação de Mestrado apresentada à faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, policopiado, 2008.

Aurindo, Maria José – *Portugal em Cartaz: A (Re)contrução pelo Estado de uma Imagética do Destino Turístico (1911-1986)*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, policopiado, 2004.

Baptista, Mário – *Turismo – Gestão Estratégica*, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 2003, p.98.

Boyer, Marc – "Tourism in the French Mediterranean: History and Transformation", Yorgos Apostolopoulos, Philippos Loukissas e Lila Leontidon (eds.) *Mediterranean Tourism – Facets of Socioeconomic Development and Cultural Change*, London /New York, Routledge, 2001, pp.39-51.

___ – *Les Villegiatures du XVIe au XXIe Siècle – Panorama du Tourisme Sédentaire*, Paris, Éditions EMS, 2008.

Brito, Sérgio Palma – "Turismo: Os Últimos 90 Anos dos Primeiros Milénios", *Com os Olhos no Futuro – Reflexões sobre o Turismo em Portugal*, Flávio Lopes e Teresa Gamboa (coord.), Lisboa, Ministério da Economia e ICEP, 2002, pp.121-129.

___ – *Notas sobre a Evolução do Viajar e a Formação do Turismo*, Volume II, Lisboa, Medialivros, 2003.

Carvalho, António e João Miguel Henriques (coord.) – *O Estoril e as Origens do Turismo em Portugal/Estoril and the Origins of Tourism in Portugal*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2011.

Cascais e Seus Lugares – Boletim da Junta de Turismo de Cascais, 7 de Junho de 1945.

Castro, Augusto de – *Fausto de Figueiredo – Discurso Pronunciado em 16 de Setembro de 1951, por Ocasião da Trasladação do seu Corpo para o Cemitério do Estoril*, Lisboa, Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade, s/d.

Cunha, Licínio – *Economia e Política do Turismo*, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 2006.

___ – "A República e a Afirmação do Turismo", *Viajar – Viajantes e Turistas à Descoberta de Portugal no Tempo da I República*, Lisboa, Centenário da República 1910-2010 e Turismo de Portugal, 2010, pp.129-138.

Deharbe, Karine e Stéphanie Maccagnan – "La Culture, Vecteur d'Expression Politique dans les Alpes-Maritimes: l'Example du Carnaval de Nice", *Cahiers de la Méditerranée*, Vol.77, 2008, pp.151-170.

D'Encarnação, José – "Para Uma História do Turismo no Estoril", Comunicação ao *III Congresso Nacional de Turismo*, Póvoa do Varzim, Dezembro de 1986 (não publicada).

___ – "Para Uma História do Turismo no Estoril – IV: Quando o "Sud-Express" tinha o "Terminus" no Estoril", *A Zona*, Cascais/Mafra/Oeiras/Sintra, 24 de Dezembro de 1991, pp.10-11.

Feifer, Maxine – *Tourism in History: From Imperial Rome to the Present*, New York, Stein and Dey, 1986.

Ferreira, Carlos Cardoso e José Manuel Simões – "Portugal Turístico ao Tempo da I República: Espaços, Lugares e Projectos", *Viajar – Viajantes e Turistas à Descoberta de Portugal no Tempo da I República,* Lisboa, Centenário da República 1910-2010 e Turismo de Portugal, 2010, pp.77-98.

Ferro, António – *Turismo Fonte de Riqueza e de Poesia,* Lisboa, Edições SNI, 1949.

Hale, Julian – *The French Riviera: A Cultural History*, Oxford, Signal Books, 2009.

Hall, Colin Michael – *Tourism and Politics: Policy, Power and Place,* Chichester, John Wiley & Sons, 1999.

Henriques, Eduardo Brito – *Lisboa Turística, entre o Imaginário e a Cidade: A Construção de um Lugar Turístico Urbano,* Lisboa, Edições Colibri, 1996.

Henriques, João Miguel – "Turismo e Nacionalismo: o Projecto da Sociedade de Propaganda de Portugal e o Exemplo de Cascais (1906-1913)", *Boca do Inferno,* Cascais, Câmara Municipal de Cascais, nº10, 2005, pp.107-125.

___ – *Da Riviera Portuguesa à Costa do Sol: Fundação, Desenvolvimento e Afirmação de uma Estância Turística (Cascais, 1850-1930),* Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado, 2008.

Kanigel, Robert – *High Season in Nice: How one French Riviera Town has Seduced Travellers for two Thousand Years*, London, Abacus, 2003.

Leitão, Nicola Andresen – *Exposições Universais: Londres 1851*, Lisboa, Expo 98, 1994.

Löfgren, Orvar – *On Holiday: A History of Vacationing,* Berkeley, University of California Press, Ltd, 2002.

Lopes, Paula – *Da Tradição ao Turismo: Os Pescadores como Argumento na Vila de Cascais,* Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, policopiado, 2004.

Lübbren, Nina – "North to South: Paradigm Shifts in European Arts and Tourism", *Visual Culture and Tourism*, David Crouch and Nina Lübbren (ed.), Oxford/New York, Berg, 2003, pp.125-146.

Matos, Helena (coord.) – *Costa do Estoril: Um Século de Turismo/A Century of Tourism*, Barcelos, Junta de Turismo da Costa do Estoril, 2000.

Matos, Mário Manuel Lima de – *As Viagens Marítimas da Organização Nazi Kraft durch Freude a Portugal (1935-1939): Turismo, Literatura e Propaganda*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, policopiado, 1996.

___ – "Turismo e Propaganda: os «Cruzeiros Atlânticos» da Organização nazi «Força pela Alegria»", *Zonas de Contacto Estado Novo/III Reich (1933-1945),* Mário Matos e Orlando Grossegesse (org.), Parafita, TDP Lda – Edições, 2011, pp.21-49.

McKercher, Bob and Hilary du Cros – *Cultural Tourism, The Partnership between Tourism and Cultural Heritage Management,* New York/London, Routlegde, 2002.

Nash, Dennison – "The Rise and Fall of an Aristocratic Tourist Culture, Nice: 1763-1936", *Annals of Tourism Research*, Jan/Mar 1979, pp.61-75.

Nunes, Herculano – "Fausto de Figueiredo", *Cascais e Seus Lugares*, Junta de Turismo de Cascais, nº4, 6 de Abril de 1951, pp.5-10.

Organização Mundial do Turismo – *Introdução ao Turismo,* trad. Dolores Martin Rodriguez Corner, São Paulo, Editora Roca Ltda, 2001.

Pacheco, Cristina – *Memórias de Verão – A Costa do Sol e o Estoril nos Anos 30,* Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2007.

Pina, Paulo – *Portugal: O Turismo no Século XX*, Lisboa, Lucidus Publicações Ltd. e Paulo Pina, 1988.

Pires, Ema Cláudia – *O Bailado do Turismo – Turismo e Propaganda no Estado Novo,* Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2003.

Quadros, António – "O Impacto do Turismo na Sociedade Portuguesa", Comunicação ao *III Congresso Nacional de Turismo*, Póvoa do Varzim, Dezembro de 1986 (não publicada)[2096].

Ramalho, Margarida de Magalhães – *Uma Corte à Beira-mar*, Lisboa, Quetzal Editores e Bertrand Editora Lda, 2003.

___ – *Estoril, a Vanguarda do Turismo/Tourism Avantgarde*, trad. Miguel Castro Henriques**,** Lisboa, By the Book, 2010.

Riley, Roger, Dwayne Bajer e Carlton S. Van Doren – "Movie Induced Tourism", *Annals of Tourism Research*, Vol.25, nº4, 1998, pp.919-935.

Ring, Jim – *Riviera: The Rise and Rise of the Côte D'Azur*, London, John Murray Publishers, 2004.

Shubert, Adrian – "O Franquismo vai à Feira – O Regime Franquista, as Feiras Mundiais e as Imagens da Nação", *Penélope*, Lisboa, nº21, 1999, pp.131-156.

Silver, Kenneth – *Making Paradise: Art, Modernity and The Myth of the French Riviera*, Cambridge, MA, The MI Press/AXA Gallery, 2001.

Sirgado, José Rafael – *Turismo e Desenvolvimento Local e Regional: O Caso do Concelho de Lagos na Região do Algarve e no País*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado, 1990.

Tribe, John – "Who is a Tourist? Conceptual and Theoretical Developments", *Philosophical Issues in Tourism*, John Tribe (ed.), Bristol, Channel View Publications, 2009, pp.25-42.

Vegar, José – "Destino Cascais", *Revista Expresso*, nº1196, 29 de Setembro de 1995, pp.91-95.

[2096]Comunicações consultadas no Centro de Documentação do Turismo de Portugal, entidade que guarda em simples *dossiers* arquivadores fotocópias dos textos originais dactilografados pelos oradores.

12. Urbanismo & artes

Briz, Maria da Graça – "A Arquitectura Modernista do Estoril: 1930-1940", *Arquivo de Cascais: Boletim Cultural do Município*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, nº10, 1991, pp.61-72.

___ – *Roteiros do Património de Cascais – Arquitectura Modernista*, nº5, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2010.

Caldas, João Vieira – *Arquitecto Porfírio Pardal Monteiro*, Lisboa, Associação de Arquitectos Portugueses – Secção Regional do Sul, 1997.

Comissão Executiva de Exposições de Obras Públicas (ed.) – *15 Anos de Obras Públicas: 1932-1937*, I Volume, Lisboa, 1948.

___ – *Quinze Anos de Obras Públicas: 1932-1937*, II Volume, Lisboa, 1949.

Dearborn, Mary V. – *Mistress of Modernism – The Life of Peggy Guggenheim*, Boston/New York, Houghton Mifflin Company, 2004.

Farracho, Eduardo Silvestre – *História e Evolução Urbanística do Monte Estoril*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa, policopiado, 2008.

Fernandes, José Manuel – *A Arquitectura Modernista em Portugal (1890-1940*, Lisboa, Gradiva, 1993.

França, José-Augusto – *A Arte em Portugal no Século XX, 1911-1961*, 3ª ed., Venda Nova, Bertrand Editora, 1991.

Gray, Fred – *Designing the Seaside: Architecture, Society and Nature*, London, Reaktion Books, 2006.

Lôbo, Margarida Souza – "O Plano de Urbanização da Costa do Sol face ao Paradigma da Cidade-Jardim", *O Plano de Urbanização da Costa do Sol – Uma Visão Inovadora para o Território*, Margarida Pereira (coord.), Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 2009, pp.42-63.

Pereira, Margarida – "O Plano da Urbanização da Costa do Sol: dos Objectivos às Concretizações", *I Ciclo de Estudos Oeirenses: Oeiras – A Terra e os Homens*, Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras e Celta Editora, 1998.

___ (coord.) – *O Plano de Urbanização da Costa do Sol – Uma Visão Inovadora para o Território* Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 2009.

Pinto, Paulo Tormenta – *Cassiano Branco – Arquitectura e Artifício, 1897-1970*, Casal de Cambra. Caleidoscópio, 2007.

Ralph, Edward – *A Paisagem Urbana Moderna*, trad. Ana McDonald de Carvalho, Lisboa, Edições 70, 1987.

Raposo, Fernando Miguel – "Teatro Mirita Casimiro, Monte Estoril, Cascais, de Picadeiro a Teatro Municipal", *Trienal de Arquitectura – O Espaço Teatral*, Évora, Centro Dramático de Évora/Teatro Garcia Resende, 1991, p.35.

Santa-Rita, António José de – *Doutrina e História das Estradas de Portugal, 1927-1947*, Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto, policopiado, 2004.

___ – *As Estradas em Portugal da Monarquia ao Estado Novo (1900-1947)*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2006.

Soromenho, Carlos – "Estrada Marginal", *Panorama*, Lisboa, nº2, Julho de 1941,pp.1-3.

OUTRAS REFERÊNCIAS

1. Inscrição mural

Retirada da estação do Metropolitano no Saldanha.

2. Postais antigos & fotografias contemporâneas

Colecção privada da autora.[2097]

3. Recursos *online*:

Bibliothèque Nationale de France

http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb310792658/PUBLIC (*site* acedido a 6 de Novembro de 2010).

RHS Chelsea Flower Show
http://www.rhs.org.uk/Shows-Events/RHS-Chelsea-Flower-Show/2012/All-Coverage/Articles/About-the-show/About-the-show (*site* acedido a 1 de Abril de 2012).

Quinta do Villar
http://quintadovillar.com/a-quinta/armando-villar (*site* acedido a 21 de Março de 2012).

[2097] Cf. Anexos I, II e III.